

© **Iriarte Sanromán, Á.** (2001) *A Unidade Lexicográfica. Palavras, Colocações, Frasemas, Pragmatemas.* Braga: Centro de Estudos Humanísticos-Universidade do Minho.

NOTA: A paginação deste documento é diferente da versão em papel (que corresponde à do índice). Para facilitar a pesquisa, preferimos juntar todos os capítulos num único documento PDF, o que provocou algumas pequenas desformatações.

Álvaro Iriarte Sanromán

A UNIDADE LEXICOGRÁFICA

Palavras, Colocações, Frasemas, Pragmatemas

Dissertação de Doutoramento
em Ciências da Linguagem - Linguística Aplicada
apresentada à Universidade do Minho

Braga, 2000

«Si el diccionario se limitara —como ocurrió con muchos diccionarios en el pasado— a ser un simple catálogo de palabras sueltas y la gramática, por su parte, diera esencialmente un catálogo de reglas combinatorias, quedaría una dilatada tierra de nadie entre gramática y diccionario, ...»

(Haensch, 1985: 237).

À Ção, ao João Paulo e à Ana
Aos meus pais

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	15
RESUMO	17
ABSTRACT	19
1. INTRODUÇÃO	21
1.1. A metalexigrafia como problema	21
1.2. Reflexões preliminares	25
1.2.1. Co-ocorrência lexical restrita	25
1.2.2. Lematização	29
1.2.3. Dicionários de uso e dicionários codificadores.....	32
1.3. Objectivos pretendidos na investigação	35
1.4. Organização do estudo	38
1.5. Símbolos, convenções e notações gráficas	39
1.6. Diagnóstico dos dicionários de espanhol/português	42
2. A METALEXICOGRAFIA	51
2.1. A técnica lexicográfica	54
2.1.1. Léxico vs. gramática.....	55
2.1.2. A palavra como unidade léxico-gramatical.....	65
2.1.3. Ausência de investigação metalexigráfica	77
2.1.4. O dicionário como produto final do trabalho do lexicógrafo.....	84
2.1.5. A questão da cientificidade da linguística no século XX.....	86
2.2. A lexicologia como base teórica para a elaboração de dicionários?	90
2.3. Lexicografia e Linguística Aplicada	96
2.4. Lexicografia, teoria da <i>Gestalt</i> e linguística não-discreta	104
2.5. Lexicografia computacional e linguística de <i>corpus</i>	108
3. A UNIDADE LEXICAL COMO UNIDADE LEXICOGRÁFICA	115
3.1. O monema como unidade lexicográfica	116
3.2. A palavra como unidade lexicográfica	129
3.3. Unidades superiores à palavra	138
4. O TRATAMENTO LEXICOGRÁFICO DA CO-OCORRÊNCIA LEXICAL ...	151

4.1. Expressões fixas, expressões idiomáticas e sentidos figurados	155
4.2. Combinação lexical frequente vs. combinação lexical restrita	161
4.3. O carácter não discreto das combinações lexicais restritas	164
4.4. A co-ocorrência lexical restrita no DEC	169
4.4.1 Frasesmas completos (expressões idiomáticas).....	174
4.4.2. Semi-frasesmas (colocações).....	175
4.4.3. Quase-frasesmas	181
4.5. O tratamento da co-ocorrência lexical não livre nos dicionários codificadores	183
4.5.1. As funções linguísticas do DEC como descritores de um <i>thesaurus</i>	199
5. CONTEXTO E INFORMAÇÃO ENCICLOPÉDICA NO DICIONÁRIO..	205
5.1. A modelização do mundo: o referente.....	208
5.2. Léxico comum vs. léxico terminológico	223
5.2.1. Lexicografia vs. terminologia	223
5.2.2. Léxico comum vs. léxico terminológico?	231
5.3. Enciclopédia vs. dicionário de língua?	237
5.4. O tratamento lexicográfico da informação pragmático-contextual	251
5.4.1. Os pragmatemas	253
5.4.2. As funções comunicativas como descritores de um <i>thesaurus</i>	260
5.4.2.1. Lista alfabética de descritores (amostra de funções comunicativas).....	265
6. A UNIDADE DE ANÁLISE E DESCRIÇÃO LEXICOGRÁFICAS.....	273
7. A UNIDADE DE TRATAMENTO LEXICOGRÁFICO.....	293
7.1. O lema	300
7.2. Transcrição(-ções) fonética(-s)	300
7.3. Unidades lexicográficas	301
7.4. Etiquetagem enciclopédico-cognitiva	303
7.5. Definições	311
7.6. Etiquetagem gramatical	314
7.7. Etiquetagem pragmático-contextual e retórica.....	320
7.8. Equivalentes.....	326
7.9. Exemplos	327
8. CONCLUSÕES	331
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	337
9.1. Dicionários	337

9.2. Bibliografia geral.....	338
ANEXO 1	357
ANEXO 2	387
ANEXO 3	393

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Doutor Mário Vilela, pela orientação recebida e pelos conselhos e observações, manifesto o meu reconhecimento e a minha gratidão.

Ao Prof. Doutor Vítor M. Aguiar e Silva pelo seu apoio e pelo “empurrão” definitivo para o mundo da lexicografia.

Ao saudoso Prof. Doutor José de Azevedo Ferreira.

Aos meus colegas de Linguística da Universidade do Minho, a quem recorri para resolver dificuldades e dúvidas, Prof. Doutor Brian Head, Doutora Pilar Barbosa, Drs. José Teixeira, Aldina Marques, Anabela Barros, Maria Emília Pereira, Henrique Barroso, José Moreira da Silva, Aida Sampaio e Marina Vigário.

Gracias a Margarita Alonso Ramos, por ler atentamente “el tocho de páginas de la tesis” e por responder às minhas perguntas sobre “mel'chukerías” pelo telefone e pelo correio electrónico.

O meu agradecimento à colega e amiga Eunice Ribeiro, pelo apoio e pela revisão do texto.

Um agradecimento especial ao Carlos Mendes de Sousa, pela revisão do texto, pelas muitas conversas sobre Clarice, sobre dicionários, sobre... e pela amizade.

À Zira, à Ção e a todos os que massacrei com perguntas do tipo: “Como é que se diz...?” e à Ana Gabriela também pela ajuda com o *abstract*.

Obrigado também à Adelina Gomes, do CEHUM.

Braga, Janeiro de 2000

RESUMO

A Unidade Lexicográfica: Palavras, Colocações, Frasesmas, Pragmatemas

(Dissertação de Doutoramento em Ciências da Linguagem - Linguística Aplicada orientada pelo Professor Doutor Mário Vilela).

O objectivo principal deste trabalho é definir e delimitar o conceito de unidade lexicográfica, demonstrando a adequação de determinadas estruturas sintagmáticas como unidades de análise e descrição lexicográficas.

Concebemos as unidades lexicográficas como entidades que se caracterizam por: 1) ter um carácter variável; 2) não ser necessariamente composicionais; 3) não possuir um carácter discreto, mas gradual e contínuo; 4) não ser independentes do co-texto e do contexto em que ocorrem; 5) não poder ser descritas completamente pelas regras gerais da gramática.

Ignorar o facto de que as relações sintagmáticas estabelecidas entre as palavras dentro de uma determinada estrutura fazem parte do significado das mesmas conduzirá a uma concepção do enunciado como uma combinação de elementos discretos (as palavras, os monemas) e, conseqüentemente, a erros na análise lexicográfica como a atribuição a uma palavra de um sentido que, em rigor, vem dado pela combinação dessa palavra com outras.

A obra lexicográfica deverá basear-se num sistema referencial que seja capaz de relacionar estruturas lexicais com estruturas de conhecimento, o que inviabiliza na prática a possibilidade de separar o material que deve ser inventariado num dicionário do que deve ser recolhido numa enciclopédia ou num dicionário terminológico (outra coisa será a forma como esse material inventariado é definido).

O trabalho tem também uma componente contrastiva português/espanhol, línguas com um vocabulário muito semelhante e até com regras gramaticais muito próximas, pelo que, especialmente no processo de codificação, é muito maior a possibilidade de se produzirem interferências e de se fossilizarem estruturas do sistema interlinguístico construído no processo de aquisição da língua-alvo. O dicionário bilingue de espanhol/português deverá, de maneira especial, ter em atenção estes aspectos relativos à combinatória lexical e ao uso pragmático-contextual que se faz de um vocabulário “quase” comum.

ABSTRACT

*The Lexicographic Unit:
Words, Collocations, Phrasemes, Pragmatemes*

(A Doctoral Thesis on the Sciences of Language and Applied Linguistics supervised by Professor Mário Vilela)

The main goal of this work is the definition and delimitation of the concept of lexicographic unit, demonstrating the adequacy of certain syntagmatic structures as unities of analysis and lexicographic description.

We understand by lexicographic unities those categories that are defined by: 1) a variable character; 2) not being necessarily compositional; 3) not having a discrete but a gradual and continuous character; 4) not being independent from the co-text as well as from the context where they belong; 5) not being entirely described by the general rules of grammar.

To ignore the fact that the syntagmatic relations established amongst words within a certain structure are part of their signification would lead to an understanding of the enunciate as a combination of discrete elements (words, monemes) and, consequently, to errors at the level of lexicographic analysis, such as the attribution of a fixed meaning to a word, which, in reality, is gained from the combination of that word with others.

The lexicographic work should be based on a referential system capable of relating lexical structures to structures of knowledge, which, in practice, make it impossible to separate the material that should be registered in a dictionary from the one that belongs to an encyclopaedia or a terminological dictionary (the method that is used to define that material is, however, a different concern).

This work also comprehends a Portuguese/Spanish contrastive component. These languages have a very approximate vocabulary, as well as very similar grammatical rules, which allows for interferences and fossilized structures, particularly in the process of codification, to appear in the interlinguistic system built during the process of acquisition of the target language. Thus, the bilingual Spanish/Portuguese dictionary should devote a special attention to issues concerning the lexical combinatory and the pragmatic-contextual usage which is made of an “almost” common vocabulary.

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

«... en el habla espontánea nos servimos en gran medida, como en las construcciones modernas, de armazones y de piezas “prefabricadas”.»

(Casares, 1992: 225)

«O nosso pensamento não se faz tanto por palavras como por frases; e como o homem tende a economizar o seu esforço, acha vantagem em que as palavras lhe ocorram por grupos, para as suas necessidades de expressão.»

(Lapa, 1984: 76)

1.1. A metalexigrafia como problema

A falta de estudos metalexigráficos é notória, na Europa ocidental, até aos anos 60, década em que, como indicam Béjoint e Thoiron (1996: 5), se procura romper esta tendência com a publicação de *Problems in Lexicography*¹, actas do congresso realizado em Bloomington em 1960, e com a aparição, em 1968, da tese de Bernard Quemada: *Les dictionnaires du français moderne, 1539-1863. Etude sur leur histoire, leurs types et leurs méthodes*.

Nas últimas duas décadas, o desenvolvimento dos estudos lexicográficos foi tal, nomeadamente nas línguas inglesa, francesa e alemã, que se passou a falar numa nova disciplina, a metalexigrafia² ou lexicografia teórica, uma especialidade da linguística aplicada que ultrapassa a mera extrapolação dos princípios teóricos das diferentes áreas da linguística para o estudo dos dicionários³.

1 HOUSEHOLDER, F. W. & S. SAPORTA (ed.) (1975): *Problems in Lexicography*, Bloomington: Indiana University [1ª ed. em 1962; 2ª edição em 1967].

2 Para a delimitação da metalexigrafia ou lexicografia teórica como teoria geral da lexicografia, *vd.* Hausmann (1988) e Wiegand (1984).

3 *Vd. infra* capítulo 4.

Há, contudo, dois tipos de dicionários que ainda hoje continuam a não receber a necessária atenção dos linguistas e outros investigadores do campo da lexicografia: os dicionários de especialidade e os dicionários bilingues (*ib.*). Com efeito, estes dois tipos de obras lexicográficas, especialmente os dicionários bilingues eram, e são, objecto das mais acerbas críticas por parte de todo o tipo de recenseadores (linguistas e não linguistas) e de alguns utilizadores mais exigentes. Mas, surpreendentemente, isto não parecia despertar o interesse dos investigadores sobre tal produto lexicográfico e, nomeadamente, sobre as razões da pouca qualidade dos mesmos:

«Tout se passe —se passait— comme si ces ouvrages étaient vus comme des outils, indispensables certes, mais pas plus dignes d’une réflexion méthodologique qu’un tournevis ou un tire-bouchon.» (Béjoint & Thoiron, 1996: 5).

Mesmo aceitando as críticas mais corrosivas sobre a qualidade e a utilidade dos dicionários bilingues, mesmo compreendendo uma crítica tão severa como a que, há 30 anos, Weinreich emitia, quando se perguntava se os dicionários funcionavam ou simplesmente se vendiam⁴, é um facto que um grande número de utilizadores continua a achar estes dicionários como uma ferramenta imprescindível nas suas diversas actividades. O dicionário, e o dicionário bilingue em particular, continua a ser um produto procurado —«people use bilingual dictionaries whether language teaching methodologists like it or not», escreve Tomaszczky (1983: 45). Os dicionários vendem-se, e se é verdade que não funcionam e simplesmente só se vendem, esta circunstância por si já justifica uma reflexão teórica sobre tal produto, pelo menos no sentido de quais são as necessidades reais dos usuários⁵, para que os dicionários bilingues “funcionem”, para usar o termo que Weinreich utilizou.

Se, quanto ao tipo de dicionários, o campo mais abandonado dentro da

⁴ «L’indifférence que montre la lexicographie envers sa propre méthodologie est étonnante. Peut-être les lexicographes se contentent-ils du fait que leur produit “marche”. Mais il est légitime de se demander s’il marche vraiment, ou si l’on constate seulement qu’il se vend.» (Weinreich, 1970: 70).

⁵ O dicionário estará sempre, de uma maneira mais ou menos marcada, orientado para um grupo de usuários, o que nos permitirá afirmar que a metalexigrafia também «is concerned, among others, with the way dictionaries describe, arrange, organize and present partial linguistic information for a (more or less clearly definable) group of user.» (Heid, 1992b: 42).

1. Introdução

lexicografia teórica é o dos dicionários bilingues, quanto à língua utilizada, o panorama apresenta-se bem mais desolador no que se refere à metalexicografia portuguesa (trabalhos em português e/ou que tratem dos problemas relativos à análise e descrição lexicográficas da língua portuguesa).

O alvo das nossas reflexões teóricas será principalmente os dicionários bilingues (nomeadamente o dicionário de espanhol/português) e, dentro destes, de uma maneira especial, os chamados dicionários de uso orientados para a codificação (*vd. infra* § 1.2.3).

A experiência que nos proporcionou a actividade docente com alunos de espanhol da Universidade do Minho e, particularmente, a especial sensibilidade que despertou em nós a análise dos erros dos textos em espanhol por eles produzidos, mostrou-nos como em casos de línguas tão afins como são o português e o espanhol, com um vocabulário muito semelhante, e até com regras gramaticais também muito próximas, a possibilidade de existirem interferências é muito maior, nomeadamente no processo de codificação da língua estrangeira:

«Devido à proximidade tipológica entre as línguas existe o mito da facilidade. No entanto, se por um lado a semelhança facilita o entendimento, por outro lado são constantes as evidências de transferência negativa e eventualmente de fossilização» (Ferreira, 1995: 40).

Com efeito, embora possamos considerar que todos os alunos de espanhol falantes de português são de facto falsos principiantes, após uma fase inicial em que estes alunos estão em franca vantagem face a outros cuja língua materna não é o português, ou não têm conhecimentos de português, no decorrer do processo de aprendizagem, os primeiros manifestam mais interferências da sua língua materna e mais dificuldades em aperfeiçoar a língua alvo do que os segundos. Em termos gerais, isto mesmo se aplica aos alunos de português com conhecimentos de espanhol ou cuja língua materna é o espanhol (porém, *cf. infra* nota 6).

A situação mantém-se até com aprendentes de espanhol ou de português imersos em situações comunicativas reais (alunos ou não, que têm de confrontar-se com o dia-a-dia profissional ou académico em espanhol ou em português):

«Tais factores por si só deveriam configurar uma motivação positiva para a

aquisição do Português, e o são com freqüência para os falantes de outras línguas, porém os FE [falantes de espanhol] de perfil típico não conseguem atingir uma produção adequada sem as constantes interferências da sua língua materna e do próprio sistema interlingüístico em construção.» (Ferreira, 1995: 41).

Após vários anos de correcção de textos (orais e escritos) em espanhol produzidos por alunos portugueses, a conclusão a que se chega é que o principal obstáculo para a produção de textos em espanhol por parte de um falante de português reside justamente na capacidade combinatória do léxico e no uso pragmático-contextual que se faz de um vocabulário “quase” comum⁶:

^P apertar o cinto de segurança:	^P abrocharse el cinturón de seguridad;
^P parabéns:	^E felicidades, ^E feliz cumpleaños, ^E enhorabuena, etc.
^P (muitas) felicidades:	^E suerte, ^E buena suerte, ^E que tengas suerte, ^E que seais (muy) felices, ^E felicidades, etc. ⁷

Isto conduziu-nos à necessidade de repensar que tipo de unidades, ou melhor, que tipo de construções lexicais deveria incluir necessariamente o dicionário bilingue de espanhol/português e de português/espanhol especialmente orientado para uma finalidade codificadora.

Na prática lexicográfica, as implicações eram evidentes: neste tipo de dicionários seria indispensável fornecer informação sobre a capacidade combinatória do léxico (nomeadamente quando tal combinação de unidades lexicais não é feita segundo as regras gramaticais da língua), sobre determinados conhecimentos enciclopédicos e ainda sobre os usos pragmático-retóricos que caracterizam a língua alvo ou língua de chegada.

Para a elaboração de um dicionário com estas características será necessária uma reflexão metalexográfica prévia sobre a maneira como deverá ser feita a selecção e a apresentação do material lexical (o problema da sua lematização e da

⁶ Não se poderá dizer o mesmo para os falantes de espanhol que querem aprender português uma vez que as características fonéticas e fonológicas do português são também um sério obstáculo para estes alunos. Para entender as dificuldades de aluno espanhol da língua portuguesa basta uma simples comparação dos quadros com os fonemas vocálicos e consonânticos das línguas.

⁷ Os exemplos (lexemas, frases, orações, etc.) portugueses e espanhóis serão marcados, ao longo de todo o trabalho, com os índices ^P e ^E respectivamente (vd. *infra* § 1.5).

1. Introdução

sua organização na macroestrutura) e como deverá ser seleccionada e apresentada, dentro dos limites do artigo lexicográfico, ou da microestrutura⁸, a informação relativa à capacidade combinatória das palavras e aos conhecimentos enciclopédicos e pragmático-contextuais.

A necessidade e a urgência de um estudo acerca de como devem ser tratados na lexicografia os diferentes tipos de combinações lexicais justifica-se especialmente porque, como escreve Cowie (1983a: 103), «there are few features of dictionary organisation on which editorial policy differs as strikingly from one dictionary — or lexicographical tradition — to another as the treatment of compounds». Esta é a preocupação central deste trabalho: como deve ser inventariada a informação sobre combinatória lexical nos dicionários codificadores, bilingues e unilingues, assim como nas bases lexicais bilingues para utilização electrónica, nomeadamente no caso particular do dicionário de espanhol/português.

1.2. Reflexões preliminares

Antes de apresentar os objectivos da investigação e de entrarmos no nosso objecto de estudo principal, vejamos o que entendemos neste trabalho por: 1) co-ocorrência lexical restrita; 2) lematização; 3) dicionário de uso e dicionário

⁸ Entendemos a *macroestrutura* tal como a concebeu Rey-Debove (1971), isto é, «l'ensemble des entrées ordenées, toujours soumise à une lecture verticale partielle lors du repérage de l'objet du message» (*idem*, 21) e não como a entende Haensch (1982b: 452), que alarga o conceito também à estrutura global do dicionário, incluindo a parte introdutória, anexos e suplementos, para o que reservamos o termo *hiperestrutura* (Fuentes Morán, 1997: 48-52). Por *microestrutura* entendemos, também segundo Rey-Debove (1971: 21), «l'ensemble des informations ordenées de chaque article, réalisant un programme d'information constant pour tous les articles, et Qui se lisent horizontalement à la suite de l'entrée».

Embora seja difícil estabelecer os limites entre macroestrutura e microestrutura, nomeadamente no caso das unidades pluriverbais, que em determinados dicionários poderão ocorrer fazendo parte da microestrutura e noutros fazendo parte da macroestrutura (*vd.* Fuentes Morán, 1997: 54-55), e uma vez que defendemos a pertinência da unidade palavra como *lema*, continuaremos a utilizar os termos tal como foram concebidos por Rey-Debove (1971) e relativamente consolidados na lexicografia teórica.

codificador.

1.2.1. Co-ocorrência lexical restrita

Antes de tudo queremos advertir que este não é um trabalho teórico sobre fraseologia. Dentro das unidades lexicográficas que estudaremos neste trabalho, as unidades pluriverbais tal como são concebidas aqui ultrapassam largamente os limites tradicionais da fraseologia⁹, principalmente no que respeita às colocações (^P*feridos ligeiros*), quase-frasemas (^P*cinturão negro*) e pragmatemas (^P*Consumir de preferência antes do fim de*) (vd. *infra* § 4.4).

Com efeito, as estruturas mais ou menos fixas de uma língua não só correspondem ao que conhecemos tradicionalmente por idiomatismos ou locuções, mas também a certo tipo de sequências memorizadas, estruturas de frase lexicalizadas e padrões lexicais combinatórios (Corpas, 1995: 12).

Como indica Igor Mel'chuk, principal responsável teórico do importante modelo lexicográfico que está por trás da elaboração do *Dictionnaire Explicatif et Combinatoire du Français Contemporain* (DEC)¹⁰, modelo do qual tomamos a classificação das unidades pluriverbais que utilizamos neste trabalho, os *frasemas*¹¹ constituem uma parte muito importante do conjunto de unidades linguísticas que

⁹ Embora a bibliografia sobre esta matéria seja realmente muito abundante, continuamos, no entanto, sem uma terminologia e uma tipologia fixada, e até sem um nome genérico universalmente aceite para o conceito de *frasema* (vd. *infra* § 4.4).

¹⁰ O *Dictionnaire Explicatif et Combinatoire* [daqui para a frente, DEC] está pensado para fornecer toda a informação sobre “como dizer X” mais do que “o que quer dizer X”. É, portanto, um dicionário codificador ou de produção. Preocupa-se com a descrição semântica exaustiva e rigorosa da cada lexema (*explicatif*) assim como com todas as possibilidades combinatórias não livres do lema.

Até hoje, elaboraram-se quatro volumes em francês deste dicionário (com 328 vocábulos): Mel'chuk *et al* (1984), Mel'chuk *et al* (1988), Mel'chuk *et al* (1992) e Mel'chuk *et al* (1999). Existe também um DEC para o russo (250 vocábulos), para além de os seus princípios lexicográficos terem sido verificados em línguas como o polaco, o inglês, o somali ou o alemão (Alonso Ramos, 1993: 52).

Muito do que aprendi sobre o DEC e sobre as funções lexicais, devo-o à leitura e re-leitura da obra de M. Alonso Ramos (1993), onde a autora faz uma completa descrição deste modelo lexicográfico, assim como do Modelo Sentido-Texto que o sustenta.

¹¹ Sobre o conceito de *frasema*, vd. *infra* 4.4. Vd. também *infra* nota 17.

1. Introdução

devem ser estudadas e descritas:

«On half a page — 25 lines — of a linguistic text (Weinreich (1969, 23)) we find 14 phrasemes; [...]. More than one phraseme every two lines! In journalistic texts, their proportion is still higher. But where phrasemes really abound is in the lexicon: In all dictionaries, under one word you find, as a rule, many different expressions with this word. In the lexicon, phrasemes are more numerous than words by a ratio of at least 10 to 1. The phrasemes thus constitute an extremely important fragment of the set of linguistic items to be studied and described.» (Mel'chuk, 1995: 169).

Entendemos por co-ocorrência¹² lexical a capacidade das unidades lexicais para se combinarem em sintagmas de modo a exprimirem um determinado sentido. A co-ocorrência lexical é livre quando a combinação das unidades lexicais é feita segundo as regras gramaticais de uma língua. Entendemos por co-ocorrência lexical restrita qualquer tipo de combinação de duas ou mais palavras, sejam estas da classe que forem, em cuja construção intervém, para além das regras sintácticas e semânticas da língua, qualquer tipo de restrição puramente lexical, isto é, quando duas unidades lexicais não podem combinar-se sem haver qualquer regra gramatical que o impeça, como acontece com ^P**ódio cego* (cf. ^P*ódio mortal*) ou ^P**fazer um passeio* (cf. ^P*dar um passeio*).

Ao falarmos aqui em co-ocorrência ou combinatória lexical, falaremos em combinações do que intuitivamente qualquer falante chamaria palavras. Assim, interessa-nos tanto o problema das colocações (semi-frasemas)¹³:

^P*colocar (pôr) uma questão* : ^E*plantear una cuestión*;

¹² A grafia do termo em português é vacilante. No próprio *Dicionário de Termos Linguísticos* encontramos as entradas **co-ocorrência**, no primeiro volume (Xavier & Mateus (org.): s.d.), e **coocorrência** e **coocorrente**, no segundo volume (Xavier & Mateus (org.): 1992):

«Termo usado para referir as combinações sintagmáticas de unidades permitidas, de acordo com as unidades lexicais e gramaticais de uma língua. [...]» (Xavier & Mateus (org.) (s.d.), s. v. **1210 co-ocorrência** e Xavier & Mateus (1992), s. v. **1210 coocorrência**).

«Presença simultânea, mas não forçosamente contígua, num fragmento de texto (sequência, frase, parágrafo, vizinhança de uma ocorrência, parte de corpus, etc.), das ocorrências de duas formas determinadas.» (Xavier & Mateus (org.) (1992), s. v. **3087 coocorrência**).

¹³ Em § 4.4 serão definidos os conceitos de *colocação* (ou *semi-frasema*), *frasema completo*, *quase-frasema* e *pragmatema*.

^P*apertar o casaco* : ^E*abrocharse la chaqueta*;
^P*ir ao quadro* : ^E*salir al encerado*;
^P*ódio mortal/figadal* : ^E*odio mortal*;
^P*sorriso amarelo* : ^E*risa de conejo*;
^P*cabelo loiro* : ^E*pelo rubio*;

como o da fraseologia, ou expressões idiomáticas, em geral (frasemas completos):

^P*levantar a cabeça* : ^E*levantar la cabeza* ('recuperar-se moral ou financeiramente');
^P*baixar a cabeça* : ^E*agachar la cabeza* ('obedecer');
^P*ver-se e desejar-se [para]* : ^E*vérselas y deseárselas [para]* ('ter muita dificuldade [para]');
^P*[ser] o braço direito* : ^E*[ser] el brazo derecho* ('[ser] o principal auxiliar');
^P*com má intenção* : ^E*com mala leche*;
^P*colete-de-forças* : ^E*camisa de fuerza*;

do mesmo modo que (especialmente nos dicionários bilingues) vários tipos de “combinações pluriverbais lexicalizadas e habitualizadas” (Ettinger, 1982: 249-258)¹⁴ (quase-frasemas e pragmatemas):

^P*condições de pagamento* : ^E*condiciones de pago*;
^P*frase feita* : ^E*frase hecha*;
^P*máximo divisor comum* : ^E*máximo común divisor*;
^P*saco de água quente* : ^E*botella de agua caliente*;
^P*volto já* : ^E*vuelvo en seguida*;
^P*pré-pagamento* : ^E*pase primero por caja*.

Só trataremos aqui fenómenos de combinatória de tipo lexical (em que intervêm exclusivamente nomes, adjetivos, verbos e advérbios) e não de tipo semântico (por meio de restrições baseadas em traços semânticos, por exemplo). As restrições de tipo colocacional (lexical) serão mais económicas, mais fáceis de estabelecer e de recolher num dicionário do que restrições mediante traços semânticos, para falar num modelo com ampla tradição na linguística estruturalista e generativista. Ficam fora dos limites deste trabalho aspectos relativos à co-ocorrência sintáctica, isto é, às regras de combinação livre de palavras, salvo aqueles que se referem aos casos de regime preposicional, que serão também tratados aqui devido à importância que têm na descrição lexicográfica de uma língua, nomeadamente dentro dos dicionários chamados codificadores e dos dicionários bilingues. Referimo-nos a

¹⁴ Tomamos o termo de Ettinger (1982: 249-258), embora o utilizemos aqui para referir um conceito mais alargado. *Vd.* também Corpas (1995: 69).

1. Introdução

estruturas do tipo¹⁵:

^Pà tarde: ^Epor la tarde;
^Pir às compras: ^Eir de compras;
^Pespera por mim: ^Eespérame;
^Pdar ordem para: ^Edar orden de;
^Pdar para o mar: ^Edar al mar;
^Pé parecido com: ^Ese parece a;
^Pna realidade: ^Eem realidad;
^Pum dez a matemática: ^Eun diez en matemáticas;

Como veremos, isto levar-nos-á a conceber a unidade lexicográfica como sendo não só uma aceção bem determinada de uma palavra (*lexema*)¹⁶, como também o que alguns autores chamam unidades lexicais pluriverbais, isto é, uma combinação de palavras tomada numa aceção determinada (*frasema*)¹⁷ (Mel'chuk *et al.*, 1995: 56-57).

Por outro lado, neste trabalho debruçar-nos-emos apenas sobre a questão da fixação e do uso limitado das possibilidades combinatórias de uma língua, e não necessariamente sobre a idiomaticidade das combinações lexicais. Uma expressão ou combinação mais ou menos fixa (como pode ser, por exemplo, uma determinada colocação) não tem de ser necessariamente idiomática. Como veremos, o comportamento sintático das combinações lexicais, no que se refere à sua capacidade para aceitar determinadas transformações só nos fornecerá, obviamente, informação sobre o seu grau de fixação, mas não necessariamente sobre o seu grau de idiomaticidade (*vd. infra* § 5.1).

Um bom dicionário codificador deverá descrever também, para além dos chamados frasemas, as possibilidades colocacionais de um lexema, isto é, «las combinaciones específicas, relevantes, cotidianas que regularmente son empleadas

¹⁵ Estes casos de co-ocorrência sintática, ou de regime, a que nos referimos são registados no *Combinatory Dictionary of English: A Guide to Word Combination*, de M. Benson, E. Benson e R. Ilson (1986a) como sendo “colocações gramaticais” (*vd. Alonso*, 1993: 157; *Corpas*, 1995: 204, nota 7).

¹⁶ Entendemos por *lexema*: «un mot pris dans une seule acception bien déterminée et munie de tous les renseignements qui spécifient totalement son comportement dans un texte.» (Mel'chuk *et al.*, 1995: 56)

¹⁷ Entendemos por *frasema*: «une locution prise dans une seule acception bien déterminée et munie de tous les renseignements qui spécifient totalement son comportement dans un texte.» (*idem*, 57).

para enunciar los acontecimientos típicos alrededor del vocábulo» (Irsula, 1992: 166). Pensamos que a inexistência de bases de dados lexicais contendo este tipo de informações inviabiliza a elaboração de dicionários monolíngues e bilingues (electrónicos, de leitura automática, tradicionais) capazes de permitir não só a descodificação de um texto numa determinada língua natural, como principalmente a sua codificação, bem como qualquer tentativa de tradução automática.

A dificuldade de descrever regras, baseadas em categorias e estruturas gramaticais, sobre as possibilidades combinatórias das palavras é mais uma razão para defender a recolha sistemática desta informação em formato de dicionário. Contudo, a configuração deste tipo de obras terá mais a ver com a de um banco linguístico de exemplos, como os utilizados nos métodos de tradução automática baseados em exemplos (*vd. infra* § 2.5), com entradas lexicais que ultrapassem largamente a unidade palavra, do que com os dicionários tal como hoje os concebemos.

1.2.2. Lematização

Normalmente, o termo *lematizar* usa-se em lexicografia com um sentido mais restrito do que o utilizado aqui. Assim, entende-se por “lematizar” atribuir a mesma *forma de citação* (Lyons, 1980: 20), o *lema* ou *entrada* que encabeça o artigo do dicionário (por exemplo, *ser*), a várias formas de palavra (*sou, é, era, foi, etc.*)¹⁸.

Entendemos aqui por “lematização” e “lematizar” o acto de registar (no sentido de consignar, catalogar ou inventariar), sob a *entrada, lema* ou *vedeta* que

¹⁸ O conceito de *entrada, lema* ou *vedeta* «no se funda en una definición creada por la lingüística moderna, sino en una tradición plurisecular de la lexicografía» (Werner, 1982b: 218). No *Dicionário de Termos Linguísticos* (Xavier & Mateus (org.), 1992) entende-se por lematização:

«Reagrupamento sob uma forma gráfica representativa de todas as formas que pode apresentar uma mesma unidade de significação lexicográfica (tradicionalmente, palavra simples ou complexa). Assim, o infinitivo é geralmente escolhido para representar as formas do paradigma verbal, enquanto o masculino singular representa o paradigma nominal e o paradigma adjectival. ...» (*idem*, s. v. **lematização**).

1. Introdução

encabeça o artigo do dicionário (ou sob uma *sub-entrada* ou *sub-lemma*), diferentes tipos de unidades lexicográficas de uma língua, de preferência extraídas de um *corpus*. Podemos definir, provisoriamente, a unidade lexicográfica (vd. *infra* capítulo 6º) como a lexicalização numa língua de um conceito ou de um objecto extralinguístico (Martin, Al & van Sterkenburg, 1983: 80). Isto implicará que poderão ser unidades lexicográficas tanto unidades lexicais (^P*leite*, ^P*fim-de-semana*) como determinadas combinações de unidades lexicais (^P*leite gordo*, ^P*dar um passeio*, ^P*máximo divisor comum*).

O lema (entrada ou vedeta) poderá ser qualquer palavra, conjunto de palavras, signo, letra, conjunto de letras ou signos que encabeça um artigo de dicionário, enciclopédia, índice, ficha, etc., e que é objecto de definição, explicação, tratamento enciclopédico ou, no caso dos dicionários bilingues, do qual se fornece um equivalente noutra língua (vd. Martínez de Sousa, 1995, s. v. **entrada**).

Isto significa, cingindo-nos à questão da combinatória lexical, que o lema poderá ser, para além de uma palavra, um sintagma dotado de um sentido especial. Contudo, como veremos a seguir, as vantagens da unidade palavra como lema são claras, por isso, em geral¹⁹, defendemos o registo das unidades pluriverbais em forma de *sub-entrada* ou *sub-lemma*²⁰:

divisor s.m. [...]. • **Máximo d~ comum**: Máximo común divisor.

Nos dicionários em formato electrónico, onde, ao contrário dos dicionários tradicionais em papel, os problemas de espaço não se colocam e a pesquisa poderá ser realizada à totalidade ou só a uma parte da expressão pluriverbal, estas poderão ser registadas em forma de *entrada directa*²¹ com a possibilidade de reenvios para os

¹⁹ O tratamento não será o mesmo para os *frasesmas completos*, para os *semi-frasesmas* (ou *colocações*) ou para os *quase-frasesmas* (vd. *infra* § 4.5 e § 5.4).

²⁰ Sub-entrada ou sub-lemma: «Entrada refundida en otra principal de la cual depende. (Sin.: *sublema*).» (Martínez de Sousa, 1995: s. v. **subentrada**).

²¹ Sobre a entrada directa escreve Martínez de Sousa:

«... es muy frecuente convertir en entradas propias los sintagmas dotados de sentido especial que en diccionarios de lengua ocuparían lugar de subentrada.

» Una entrada sintagmática directa es la que se dispone tal cual es su forma, sin

artigos correspondentes às palavras que compõem a expressão, onde poderão ser tratadas como sub-entradas:

máximo divisor comum *vd. divisor.*

ou:

máximo divisor comum [...] *s.m. Máximo común divisor. vd. divisor.*

Em § 3.3, veremos como as expressões idiomáticas (frasemas completos) constituem um bloco cujo significado não é composicional, isto é, não é constituído pela soma dos significados das palavras que o conformam, pelo que, em rigor, não deveríamos falar em co-ocorrência lexical, mas numa única unidade lexical (Alonso Ramos, 1993: 165). Contudo, isto não significa que, na prática lexicográfica, os frasemas completos devam ter uma entrada independente. Nisto discordamos da opinião desta autora e da prática do DEC²², onde o frasma dispõe de uma entrada lexical (*cf.* Alonso Ramos, 1993: 182-189; Mel'chuk *et al*, 1995: 153).

Com efeito, o facto de um frasma ser um lexema ou unidade lexical não quer dizer que deva ser também um lema. Pensamos que as entradas do dicionário devem continuar a ser palavras (no sentido em que um falante corrente entende intuitivamente o termo: conjunto delimitado por dois espaços em branco, espaço e sinal de pontuação ou espaço e hífen) ordenadas segundo um critério alfabético (puro ou misto), pois, como afirmam Baylon & Fabre (1994: 193), embora referindo-se à classificação ideológica, «...para que una obra se pueda consultar, es necesario un orden formal; si no se puede consultar ya no es un diccionario».

O objectivo de não problematizar na prática lexicográfica as fronteiras do lema como unidade, no sentido de que nunca será uma combinação de lexemas, e tão-pouco um monema (*vd. infra* § 3.1), será o de facilitar a consulta ao utilizador (nomeadamente nos dicionários tradicionais, em formato não electrónico),

inversión de sus términos; por ejemplo, sustantivo + adjetivo, o bien sustantivo + prep. + sustantivo.» (*vd.* Martínez de Sousa, 1995: 185, s. v. **entrada**).

²² Evidentemente, no que se refere à sua aplicação a um dicionário de língua. O DEC é um léxico teórico ou dicionário para linguistas, onde critérios como o das expectativas conservadoras dos usuários e os outros argumentos a seguir apresentados por Werner (1982b: 224-229) não se aplicam.

1. Introdução

correspondendo ao que Cowie (1983a: 99) chama “expectativas conservadoras dos usuários comuns dos dicionários”²³. Como veremos nos capítulos 6º e 7º, uma coisa é a entrada ou lema de um dicionário (que deverá ser sempre seleccionada tendo em conta o ponto de vista do utilizador) e outra bem diferente as unidades lexicográficas e as unidades de tratamento lexicográfico com que o lexicógrafo deverá trabalhar aquando da elaboração de dicionários e de bases de dados lexicais em formato electrónico.

Embora não distinga claramente entre lema, unidade lexical e unidade lexicográfica, Werner (1982b) defende também que o lema deverá corresponder à unidade palavra. São vários os argumentos que este autor apresenta (Werner, 1982b: 224-229):

- a maior parte dos dicionários é elaborada para um público amplo, sem formação nem interesses linguísticos;
- “monema”, “morfema” e “lexema” não são unidades operacionais nem sequer entre profissionais da língua, como intérpretes, tradutores, terminólogos, escritores, etc.
- a unidade linguística “palavra” está bem enraizada na consciência de todos os usuários de dicionários, o que não acontece com termos e conceitos como “monema”, “morfema” e “lexema”;
- a unidade linguística “palavra” tem uma grande importância cultural (na arte, na religião, no direito, na publicidade, etc.);
- no processo de aprendizagem da língua materna (pelo menos nas línguas ocidentais com tradição escrita), a unidade palavra consolida-se associada ao conhecimento e à estruturação conceptual da realidade: quando a criança recebe instruções explícitas sobre o conteúdo referencial dos significantes linguísticos (“Isto é um...”, “Como se chama isto...?”, etc.), estas estão associadas a palavras, não a monemas isolados, habituando-se desta forma a considerar as palavras como nomes de classes de elementos da realidade e de conceitos;

²³ A hesitação entre a metodologia linguística e as expectativas convencionais do público (Al-Kasimi, 1983: 3) já foi também referida por A. W. Read:

«There is a constant pulling and hauling between what a lexicographer would like to do on scientific grounds, and what he is compelled to do by the habitual demands of the public.» (Read, 1972: 619).

- no ensino da língua materna e de línguas segundas, a unidade “palavra” continua a desempenhar um papel primordial, apesar dos docentes e dos manuais escolares, ou graças a eles;
- a importância do código escrito nas comunidades linguísticas ocidentais, e particularmente no ensino institucionalizado de línguas.

Em § 5.4, retomaremos a questão de como deverá ser inventariada a combinatória lexical do ponto de vista da macroestrutura, isto é, da totalidade das entradas registadas num dicionário.

1.2.3. Dicionários de uso e dicionários codificadores

Entendemos por “dicionário de uso” um dicionário caracterizado, entre outros, pelos seguintes aspectos:

- entradas compostas pelo vocabulário corrente de uma língua (excluindo especialmente o vocabulário antiquado ou desusado e muitos regionalismos ou localismos);
- carácter descritivo e sincrónico (sem critérios puristas ou normativos);
- informação sintagmática abundante (sobre o uso e combinação das palavras no co-texto), muito frequentemente por meio de exemplos, fornecendo informação sobre construção e regime preposicional, associações sintagmáticas frequentes, colocações, fraseologia, etc.;
- informação paradigmática (sinónimos, antónimos, hipónimos, hiperónimos, genéricos, parónimos);
- informação pragmática e contextual (sobre os contextos de uso);
- informação gramatical (como modelos de conjugação verbal, regras ortográficas, separação silábica para a translineação, etc.), muito frequentemente mediante quadros sinópticos ou apêndices;
- informação onomasiológica (da ideia à palavra);
- uso de ilustrações, fotografias, quadros sinópticos ou apêndices, com informação de tipo enciclopédico; etc.

Um tipo particular de dicionário de uso é o chamado dicionário codificador. Como se depreende do nome, um dicionário codificador ou de produção é uma

1. Introdução

ferramenta ideada para ajudar o utilizador a elaborar textos (escritos ou orais) numa língua, normalmente segunda ou estrangeira, ainda que também se possa conceber um dicionário codificador para a língua materna. A característica mais importante deste tipo de dicionários é que deverá fornecer ao utilizador mais informação morfo-sintáctica, semântica e pragmática do que um dicionário descodificador, uma vez que na actividade descodificadora aplicamos estratégias de tipo textual ou pragmático que nos permitem inferir o significado de determinada palavra ou combinação lexical (*vd. infra* § 4.5), estratégias das quais não dispomos no momento da codificação linguística.

A distinção entre dicionários descodificadores, ou de recepção, e dicionários codificadores, ou de produção, está já consolidada na teoria lexicográfica, embora, na prática lexicográfica, na prática editorial, se continue a não fazer tal distinção, publicando-se dicionários teoricamente bidireccionais²⁴.

Um dicionário codificador, de produção ou activo, pode ser também um dicionário de aprendizagem. Um dicionário de aprendizagem, didáctico ou pedagógico caracteriza-se pelo facto de que

«além de conter o vocabulário de uma língua, contém também informações gramaticais, semânticas e lexicais de modo a facilitar uma aprendizagem correcta da língua em questão» (Vilela, 1991: *Dicionário do Português Básico*, s. v. **dicionário**).

Não identificaremos, todavia, dicionários de produção ou dicionários codificadores com dicionários de aprendizagem, didácticos ou pedagógicos uma vez que estes termos levam-nos imediatamente a pensar em dicionários de orientação escolar.

Em geral, os dicionários de orientação escolar²⁵ caracterizam-se por:

- conter um número mais reduzido de entradas;

²⁴ Sobre dicionários de uso, *vd.* Haensch (1982a: 156-158), Hernández (1992). Sobre dicionários codificadores, *vd.*, entre outros, Al-Kasimi (1983), Benson, M., E. Benson & R. Ilson (1986a; 1986b), Bogaards (1991, 1992), Calderón (1994), Hernández (1989), Ilson (ed.) (1985), Lehmann (1991), Martin (1985), Moulin (1983), Sinclair (1991), Hartmann (ed.) (1984), Schafroth (1998).

²⁵ Sobre os dicionários de orientação escolar, *vd.* Hernández (1989).

- usar definições abreviadas e simples;
- usar um léxico corrente que facilite a aquisição por parte dos alunos de novas palavras e novos conceitos;
- ter uma função polivalente (são ao mesmo tempo dicionários de sinónimos e antónimos, ortográficos, etc.);
- ter certa orientação normativa;
- serem, muito frequentemente, ilustrados.

Também é importante não identificar dicionário codificador com dicionário onomasiológico, analógico ou conceptual, uma vez que no dicionário codificador não se parte da ideia para fornecer a palavra. O dicionário codificador ou de produção fornece informação sobre o co-texto (isto é, sobre a capacidade combinatória, lexical sintáctica ou semântica) e o contexto (informação de tipo pragmático-retórico) de determinadas escolhas lexicais para transmitir determinadas noções ou conceitos. No dicionário codificador (unilingue ou bilingue), o lema será uma palavra ou um sintagma sobre o qual procuramos determinada informação, e não, como nos dicionários analógicos, uma ideia, um conceito, em forma de sinónimo, ou, mais concretamente, de hiperónimo.

Num dicionário analógico (onomasiológico, ideológico), devemos procurar a informação desejada numa espécie de *thesaurus* (vd. *infra* nota 180) ordenado por matérias (os quadros sinópticos) que contém uma série de hiperónimos ou genéricos (categorias, ideias gerais) que permitem, hipoteticamente, chegar à palavra procurada. Assim, para encontrar uma expressão portuguesa que signifique ‘translúcido, sem brilho’ aplicado a lâmpadas deveremos procurar, por exemplo no *Dicionário analógico da Língua Portuguesa*, de Azevedo²⁶, sob a entrada **^Popacidade**, onde encontraremos, entre vários substantivos, verbos e adjectivos, a palavra ^P*fosco*, mas sem nenhuma informação relativa ao facto de que se aplica ao substantivo ^P*lâmpada*. Mais difícil será encontrar qual o adjectivo que acompanha a palavra ^P*café* para significar que é ‘intenso’ uma vez que ^P*forte* nesta acepção está

²⁶ AZEVEDO, F. FERREIRA DOS SANTOS (1983): *Dicionário Analógico da Língua Portuguesa (idéias afins)*. Brasília: Coordenada/Thesaurus.

1. Introdução

sob a entrada ^P**picante**, e também ficamos sem saber a que substantivos pode ser aplicado este adjectivo nesta acepção. O mesmo acontece com o *Diccionario ideológico de la lengua española*, de Casares²⁷, onde encontramos ^E*mate* sob a entrada ^E**deslustre** e ^E*fuerte* sob a entrada ^E**intensidad**, embora neste dicionário já possamos confirmar, na parte alfabética, o valor ou o tipo de substantivo a que se aplicam estas palavras.

Num dicionário de produção ou codificador, o utilizador deverá procurar o lexema que exprime a ideia de ‘translúcido, sem brilho’, aplicado à palavra ^P*lâmpada*, sob a entrada ^P**lâmpada** assim como a palavra que exprime o sentido ‘intenso’ aplicado a ^P*café* sob esta entrada:

lâmpada [...] *s.f.* 1. Ampola eléctrica ... 2. ... • ... **L~ clara** (lâmpada transparente). **L~ fosca** (lâmpada translúcida). ...
café [...] *s.m.* 1. Semente ... 2. Bebida ... 4. Estabelecimento ... • **C~ forte** (café carregado).

Nos dicionários de produção, portanto, conserva-se a ordenação alfabética tradicional assim como a unidade palavra como lema, correspondendo assim às expectativas dos utilizadores comuns dos dicionários de que já falámos (*vd. supra* § 1.2.3).

A característica mais importante destes dicionários será a de ultrapassar a principal limitação dos chamados dicionários paradigmáticos (dicionários analógicos, ideológicos ou conceptuais, os dicionários por matérias, os dicionários de sinónimos, antónimos e parónimos, etc.), que

«...en gran parte, son poco satisfactorios, ya que se limitan a dar una simple enumeración de sinónimos, sin indicaciones exactas sobre denotación, connotación, situaciones de uso, etc., y, sobre todo, sin ejemplos.» (Haensch, 1982a: 178).

1.3. Objectivos pretendidos na investigação

Embora seja verdade que não existe uma grande tradição teórica dentro da

²⁷ CASARES, J. (1992): *Diccionario ideológico de la lengua española*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

lexicografia (nomeadamente no âmbito das línguas e culturas portuguesa e espanhola), hoje em dia já começam a aparecer trabalhos no campo da metalexigrafia, assim como especialistas em lexicografia e terminologia em universidades e centros de investigação (Bergenholtz & Tarp, 1995: 14). A lexicografia, e especialmente a lexicografia computacional (ou, se se quer, a lexicografia assistida por computador) e a lexicografia baseada em *corpora*, tem necessidade de uma metalexigrafia que estabeleça critérios teóricos, que estude as relações entre as unidades, que problematize a questão da unidade lexicográfica, etc., para que, a pouco e pouco, os dicionários deixem de ser produtos feitos segundo a intuição para passarem a ser elaborados segundo princípios teóricos previamente estabelecidos.

A lexicografia deve procurar um marco teórico em que se apoie, um tipo diferente de análise e descrição linguísticas, que permita aos autores de dicionários abandonarem e ultrapassarem os métodos pré-científicos, as categorizações mais ou menos impressionistas, desprovidos de qualquer teorização. Contudo, não será a linguística teórica, ou a gramática, a que deva teorizar, normalmente sob a forma de extrapolação, sobre a lexicografia. Esta disciplina deverá construir a sua própria teoria, determinando o seu objecto de estudo, estabelecendo os seus próprios objectivos e construindo a sua própria metodologia e terminologia. Por isso, um primeiro objectivo deste trabalho, de carácter mais geral, será:

1. Contribuir para a consolidação de uma disciplina teórica, a metalexigrafia, que possa proporcionar teorias adequadas para solucionar os problemas que se colocam na elaboração de dicionários.

Poder-se-ia pensar que uma obra lexicográfica ideal (bilingue ou unilingue) corresponderia a um dicionário cujas entradas seriam exclusivamente morfemas lexicais e gramaticais (monemas, na terminologia de Martinet), “unidades mínimas com significado”, que o utilizador deveria combinar, usando as regras produtivas da língua, para formar palavras, sintagmas, etc. (por ex.: *bom + dade; a + just + a + vel*). Mas, basta pensar em exemplos como ^P*considerável* (em, por exemplo: ^P*uma soma considerável de dinheiro*); ^P*bondade* (^P*um vinho bom* -> ^{P*}*a bondade do vinho*;

1. Introdução

^P*um bom gestor* -> ^P*a bondade de um gestor*); ^P*lâmpada mate* (^E*bombilla mate*); ^P*leite desnatado* (^E*leche desnatada*); ^P*sacar uma conclusão* (^E*sacar una conclusión*); etc. para constatar o carácter não composicional destas unidades e combinações lexicais e as limitações deste suposto dicionário.

Perante este facto, e dado que não existe uma fronteira clara entre o que em gramática conhecemos por termos compostos, combinações livres de palavras e combinações restritas de palavras, o nosso objectivo principal será:

- 2. Definir e delimitar o conceito de unidade lexicográfica, demonstrando a adequação de determinadas estruturas sintagmáticas como unidades de análise e descrição lexicográficas.

Para isso deveremos:

- 2.1. Fornecer algumas bases teóricas que permitam uma melhor descrição lexicográfica da combinatória lexical do espanhol e do português.
- 2.2. Fornecer bases teóricas que permitam a melhor inventariação lexicográfica possível dos contextos ou usos pragmáticos que delimitam os sentidos das unidades lexicais e/ou de determinadas combinações destas unidades lexicais.

O objectivo será não tanto fornecer uma classificação das combinações lexicais (frasesmas, colocações, etc.) e dos contextos de uso (funções comunicativas, por exemplo) nestas duas línguas, mas fazer a melhor inventariação lexicográfica possível dos mesmos.

Se, como dissemos em § 1.1, o principal obstáculo para a produção de textos em espanhol por parte de um falante português (e vice-versa, para a produção de textos em português por parte de um falante espanhol) reside na combinatória lexical restrita e no uso pragmático-contextual que se faz de um vocabulário “quase” comum, a descrição lexicográfica destas duas línguas deverá concentrar-se de maneira especial nestes dois aspectos.

Para tal formulámos as seguintes hipóteses de partida:

- A) As relações sintagmáticas que se estabelecem entre as palavras fornecem frequentemente informação suficiente para resolver certos problemas de polissemia, isto é, as diferentes acepções de uma palavra podem ser interpretadas como os sentidos que esta adquire em combinação com outras palavras; assim sendo, podemos ultrapassar os limites da palavra, e sugerir como unidade de análise e descrição lexicográficas tais combinações de palavras.
- B) Dado o carácter holístico destas unidades lexicográficas, a proposta de solução para o problema da delimitação das unidades lexicográficas passa por retomar a ideia defendida pela Psicologia da *Gestalt* de que a totalidade é mais do que a mera soma das partes e que a análise das partes não é suficiente para entender a totalidade.
- C) Não se pode estabelecer uma fronteira clara entre os diferentes tipos de combinações lexicais (livres e restritas), uma vez que não possuem carácter discreto, mas gradual e contínuo.
- D) Não se pode estabelecer uma fronteira clara entre factos linguísticos e factos enciclopédicos, ou conhecimento lexical e conhecimento conceptual, isto é, entre dicionário de língua e enciclopédia.

Para terminar, queremos advertir que, embora sigamos um modelo lexicográfico concreto para a classificação das unidades pluriverbais que utilizamos neste trabalho, o nosso objectivo não será apresentar qualquer modelo lexicográfico ou qualquer modelo lexicológico ou semântico aplicável ao campo da prática lexicográfica. Por esta razão, poder-se-á acusar este trabalho de certo eclectismo²⁸, que assumimos se a palavra não for sinónima de sincretismo; um eclectismo presidido pelo bom senso, que, embora não estivesse presente (o eclectismo, não o bom senso) na fase inicial do nosso trabalho, acabámos por assumir após um maior

²⁸ Pensamos também que este eclectismo, entendido como flexibilidade, ou capacidade de adaptação e assimilação, deverá caracterizar qualquer teoria linguística com aspirações de continuidade. Assim o entende Gutiérrez Ordóñez (1992: 699) ao apresentar uma visão prospectiva do Funcionalismo:

«Este es el *eclecticismo* del que habla con frecuencia Alarcos: tomar lo bueno, venga de donde venga, y engarzarlo coherentemente en la teoría. No pudo en el pasado ni podrá ser en el futuro de otra forma. Si no se quiere embalsamar una teoría hay que abrirla a la polinización de los nuevos vientos.» (*ib.*).

1. Introdução

aprofundamento nas nossas reflexões metalexigráficas e alguns anos de experiência na prática lexicográfica. Neste sentido, fazemos nossas as palavras de Haensch e Wolf na introdução de *Lexicografía. De la lingüística teórica a la lexicografía práctica* (Haensch *et al.*, 1982):

«Nuestro enfoque está determinado, además, por el empirismo de la práctica lexicográfica, por lo cual la relación cuantitativa y cualitativa entre elementos lingüísticos teóricos y lexicográficos prácticos no será forzosamente equilibrada, sino que estará determinada, en cada caso particular, por el estado actual de la investigación lingüística y de la experiencia lexicográfica.» (Haensch y Wolf, 1982: 18).

1.4. Organização do estudo

Vamos dar de modo sucinto o faseamento e organização do nosso trabalho.

A seguir, no capítulo 2º, apresentaremos o marco teórico em que nos situamos. Em primeiro lugar, trataremos a velha questão epistemológica da lexicografia como ciência ou como técnica, onde serão apresentadas algumas das razões que explicam a subvalorização do dicionário como produto e como instrumento da investigação científica. Depois, faremos uma apresentação da lexicografia teórica ou metalexigrafia, como disciplina da linguística aplicada, delimitando o seu âmbito de estudo face a outras disciplinas, nomeadamente a lexicologia e a semântica.

O capítulo 3º será dedicado ao “estado da questão” do nosso objecto de estudo, nomeadamente, os aspectos relativos à problemática da delimitação das unidades lexicais passíveis de serem utilizadas na análise e descrição lexicográficas.

O 4º, o 5º, e o 6º serão os capítulos centrais deste trabalho, onde será feito o tratamento dos problemas apresentados até a esta fase do nosso estudo.

No 4º capítulo serão tratadas questões relativas ao tratamento lexicográfico da combinatória lexical e da informação fornecida pelo co-texto. Faremos também uma pequena apresentação da classificação que o modelo lexicográfico de Mel'chuk (DEC) faz da co-ocorrência lexical restrita e das razões pelas quais pensamos que

esta tipologia pode ser útil não só na lexicografia para especialistas (como pode ser o DEC), mas também em produtos lexicográficos destinados ao público em geral.

No capítulo 5º trataremos da questão da informação enciclopédica e terminológica nos dicionários de língua assim como do tratamento lexicográfico da informação pragmático-contextual e retórica no dicionário.

No capítulo 6º retomaremos a questão das unidades lexicográficas que tínhamos iniciado no capítulo 3º. Focaremos agora de maneira especial a questão da análise e descrição lexicográficas das combinações lexicais.

No capítulo 7º trataremos da organização, em forma de unidades de tratamento lexicográfico, de todo o material lexicográfico que os dicionários codificadores deverão recolher.

Por último, reunimos as conclusões gerais deste trabalho bem como as referências bibliográficas utilizadas.

1.5. Símbolos, convenções e notações gráficas

A exceção de casos muito concretos de termos menos conhecidos, usados de maneira específica neste trabalho, pensamos que não será necessário delimitar previamente o uso que fazemos da maior parte da terminologia lexicográfica empregue. Já fizemos, nesta introdução, uma rápida apresentação do uso que faremos aqui de termos e conceitos como “co-ocorrência lexical restrita”, “lematização”, “dicionário de uso” e “dicionário codificador”. Como já indicámos em nota de rodapé (vd. notas 9 e 13), em § 4.4 serão apresentados e definidos os termos e os conceitos de *colocação* (ou *semi-frasema*), *frasema completo*, *quase-frasema* e *pragmatema*.

Muito frequentemente encontramos na literatura consultada diferentes termos para se referir ao mesmo conceito (às vezes na mesma obra, por questões de variação estilística). Um trabalho académico como é uma dissertação de doutoramento não permite a utilização deste tipo de mecanismos encobridores da recorrência. O uso de determinada terminologia poderia provocar ambiguidades ou criar uma série de expectativas quanto ao marco teórico-metodológico que depois não seriam satisfeitas.

A maior parte dos termos e conceitos utilizados aqui é conhecida por todos aqueles que de uma maneira ou de outra estão em contacto com a nomenclatura lexicográfica. Consideramos como sendo sinónimos os seguintes termos:

lema = entrada, vedeta, forma de citação;
lexicografia teórica = metalexiconografia;
semântica referencial = semântica extensional;
dicionário codificador = dicionário produtor;
lexema = unidade lexical;
unidade lexicográfica = lexia (Pottier);
colocação = semi-frasema;
frasema = expressão idiomática (frasema completo);
descriptor (num *thesaurus*) = palavra-chave;
base (numa colocação) = palavra-chave (numa função lexical)²⁹;
colocativo (numa colocação) = valor (numa função lexical)³⁰.

²⁹ As palavras *ódio*, *ira*, *passeio* e *crime* nas colocações *ódio mortal*, *ira cega*, *dar um passeio* e *cometer um crime*, por exemplo.

Quanto aos símbolos, convenções gráficas e notações utilizados (excluindo os que representam as funções lexicais, que serão apresentados em anexo) são os seguintes:

- * = agramatical, não aceitável;
 - ? = duvidoso (gramatical ou pragmaticamente);
 - # = impropriedade pragmática;
 - s.v. = *sub voce* (sob a entrada);
 - ^Pleite = lema (do português);
 - ^Eleche = lema (do espanhol);
 - ^Pleite = um lexema dado (português);
 - ^Eleche = um lexema dado (espanhol);
 - ^Pleite gordo = uma unidade lexicográfica dada (português);
 - ^Eleche entera = uma unidade lexicográfica dada (espanhol);
 - ‘intenso’ = sentido³¹ de um lexema dado (por defeito, sempre em português);
 - ‘principal auxiliar’ = sentido de uma unidade lexicográfica dada (por defeito, sempre em português);
 - <o cão> = palavra ou sintagma em função de sujeito de um verbo;
 - [algo] = palavra ou sintagma em função de complemento (directo, indirecto, etc.) de um verbo;
 - L1 = língua de partida;
 - L2 = língua de chegada ou língua-alvo.
- Aurélio* = FERREIRA, A. Buarque de Holanda (1986): *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2ª edição, revista e aumentada, 20ª impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Caldas Aulete* = AULETE, F. J. Caldas (1987): *Dicionário da Língua Portuguesa Caldas Aulete*. 5ª edição brasileira, revista, actualizada e aumentada por Hamílcar de Garcia e Antenor Nascentes. Rio de Janeiro: Editora Delta.
- Cândido* = FIGUEIREDO, C. de (1982): *Dicionário da Língua Portuguesa*. 16ª Edição. Lisboa: Livraria Bertrand.
- Porto Editora* = ALMEIDA COSTA J. e A. SAMPAIO E MELO (1994): *Dicionário da Língua Portuguesa da Porto Editora*. 7ª edição, revista e ampliada. Porto: Porto Editora.
- E-P Editora* = MARTÍNEZ ALMOYNA, J. (1990): *Dicionário de espanhol / português*. Porto: Porto Editora.
- P-E Editora* = MARTÍNEZ ALMOYNA, J. (1990): *Dicionário de português / espanhol*. Porto: Porto Editora.
- Sopena E-P* = ORTEGA CAVERO, D. (1990): *Diccionario espanhol-português*. Barcelona: Ramón Sopena [revista e actualizada por J. da C. Fernandes].

³⁰ As palavras *mortal*, *cega*, *passeio* e *crime* nessas mesmas colocações *ódio mortal*, *ira cega*, *dar um passeio* e *cometer um crime*, por exemplo.

³¹ Entendemos por “sentido” o «significado de una palabra/lexema en un contexto especial, en una situación concreta del discurso» (Lewandowski, 1986: 312, s.v. **sentido**).

1. Introdução

Sopena P-E = ORTEGA CAVERO, D. (1990): *Diccionario português-espanhol*. Barcelona: Ramón Sopena [revista e actualizada por J. da C. Fernandes].
Vilela = VILELA, M. (1991): *Dicionário do Português Básico*. Porto: Edições Asa.

1.6. Diagnóstico dos dicionários de espanhol/português da Porto Editora e da Editorial Sopena

Não queremos encerrar esta introdução sem fazer referência ao *corpus* utilizado. Originariamente pensámos limitar-nos ao dicionário bilingue de espanhol/português, mas com o desenvolver do trabalho pensamos que também seria útil alargar as nossas reflexões aos dicionários monolingues portugueses, centrando-nos exclusivamente nos principais dicionários existentes no mercado português (independentemente do seu local de publicação)³².

Para além do estado de desenvolvimento da lexicografia em geral (bilingue e unilingue) em Portugal, como indica Elmar Schafroth (1998), o caso dos dicionários de produção em particular é especialmente preocupante (nomeadamente com o início da corrida, das principais línguas de cultura, nas chamadas “indústrias da língua”) uma vez que só existe um dicionário deste tipo: VILELA, M. (1991): *Dicionário do Português Básico*. Porto: Edições Asa [de aqui para a frente: *Vilela*]³³.

Quanto aos dicionários bilingues (a principal fonte de matéria para a nossa reflexão metalexográfica), restringimo-nos aos dicionários bilingues de espanhol/português da *Porto Editora*³⁴ e da *Editorial Sopena*³⁵. Fizemo-lo por três razões, duas de tipo prático e uma outra mais de tipo teórico, que será uma das nossas teses de partida.

³² Em alguma ocasião utilizamos também algumas obras literárias portuguesas e espanholas e a sua correspondente tradução (vd., por exemplo, § 6.1).

³³ Sobre o *Vilela* como dicionário codificador, vd. Shafroth (1998).

³⁴ MARTÍNEZ ALMOYNA, J. (1990): *Dicionário de Espanhol / Português* Porto: Porto Editora [daqui para a frente: *E-P Editora*].

³⁵ ORTEGA CAVERO, D. (1990): *Diccionario espanhol-português*. Barcelona: Ramón Sopena (revista e actualizada por J. da C. Fernandes) [daqui para a frente: *Sopena E-P*].

A primeira é de um forte pragmatismo, e não há razões para ocultá-lo: porque há vários anos que estamos a trabalhar na elaboração de uma obra dessas características, actividade lexicográfica que nos levanta numerosos problemas e questões e que nos proporciona algumas respostas e abundantíssimos exemplos.

A segunda, na mesma linha que a primeira, pela experiência que nos proporcionou a actividade de docência com alunos de espanhol da Universidade do Minho, e nomeadamente a especial sensibilidade que despertou em nós a análise dos erros nos textos dos nossos alunos.

A terceira, já em forma de reflexão teórica, que advém em parte das duas primeiras, porque é evidente que, como dissemos no início deste capítulo, em casos de línguas tão afins como são o português e o espanhol, a possibilidade de existirem interferências é muito maior (*cf.* Murillo & Díaz, 1994: 229). Com um vocabulário e regras sintácticas muito semelhantes, tínhamos a convicção de que a diferença entre ambas estava justamente na capacidade de combinatória lexical e no uso pragmático-contextual que se faz deste vocabulário quase comum. Uma descrição contrastiva destas duas línguas tão próximas deverá ultrapassar as margens estreitas da gramática (no sentido de tratado gramatical) e do dicionário, pelo menos nos moldes em que conhecemos estes dois produtos da investigação linguística.

Após uma consulta atenta e crítica de algumas entradas, tentamos sistematizar em alguns pontos a impressão negativa que, como utilizadores, tínhamos destas obras e em geral de todos os dicionários bilingues espanhol/português e português/espanhol que conhecemos³⁶.

³⁶ Poucos são os dicionários bilingues de espanhol-português ou português-espanhol. Para além dos dois mencionados, tivemos oportunidade de consultar:

VALDEZ, M. DO CANTO E CASTRO MASCARENHAS (1864): *Diccionario Español-Portugués*. Lisboa: Imprensa Nacional [sic].

BECKER, I. (1983): *Grande dicionário latino-americano português-espanhol*. São Paulo: Nobel.

BECKER, I. (1992): *Dicionário espanhol-português*. São Paulo: Nobel. 12ª Edição revista e ampliada. (com um pequeno vocabulário português-espanhol).

FERNANDES, J. da C. (1985): *Diccionario português-español, español-portugués*. Barcelona: HYMSA. 6ª edição. (CUYÁS).

COELHO, F. Duarte (1911): *Nuevo diccionario português y español*. Lisboa: Typ do Anuario

1. Introdução

A seguir apresentaremos alguns desses pontos. No Anexo 1 exemplificamos cada um destes pontos com algumas entradas do *E-P Editora* e do *Sopena E-P* e, paralelamente, as de uma nova edição que se está a preparar, também para a *Porto Editora*.

Todos eles, de maneira mais ou menos directa, nos serviram de ponto de partida para as diferentes reflexões teóricas que apresentamos nos capítulos seguintes.

Como se poderá comprovar ao comparar as entradas de ambos os dicionários (*vd. infra* Anexo 1), ou estamos perante a mesma obra com pequenas alterações, ou o plágio é evidente.

Se, como veremos no capítulo seguinte, é de lamentar que os dicionários sejam produtos feitos segundo a intuição do lexicógrafo e não segundo princípios teóricos e metodológicos previamente estabelecidos, mais de lamentar é ainda a concepção da lexicografia como “arte do plágio”.

O fenómeno do plágio como prática lexicográfica é sobejamente conhecido. Contudo, a questão deve ser relativizada porque tal prática era assumida noutros tempos de maneira natural, às vezes explicitamente, pelos lexicógrafos-filólogos não como prática fraudulenta, antes como reconhecimento de autoridade ou simplesmente considerando os dicionários precedentes como formando parte de um *corpus*:

«En revanche les exemples (comme d'ailleurs les définitions) créés
par les lexicographes, une fois qu'ils étaient produits et publiés, devenaient

Commercial.

E os pequenos vocabulários:

ROSA, U. (coord.) (1990): *Dicionário espanhol-português*. São Paulo: Rideel.

-- (1994): *Diccionario portugués-español, Dicionário espanhol-português*. León: Everest.

BARROSO Y MACEDO, C. (1870): *Lexicón portuguez-castelhano e castelhano-portuguez das palavras mais usadas na conversação*. Na folha de rosto: *Léxico Castellano-portugués de las voces mas usadas en la conversación familiar*. Lisboa: Typographia de F. X. de Souza & Filho. 1869.

MESQUITA, R. (s.d.): *Novo vocabulario contendo as palavras mais usuaes com a pronuncia figurada. portuguez-hespanhol*. Rio de Janeiro/Paris: Livraria Garnier.

pour nous des textes philologiquement situables dans l'espace, la société et le temps: la tradition lexicographique devenait pour nous une source d'autorités qu'il suffisait d'interpréter philologiquement pour saisir la portée de leur témoignage.» (Prólogo do *Trésor de la langue française du 19e et du 20e siècle*, 1971, XLI, *apud* Blanco, 1995: 181).

Veja-se também, por exemplo, o que se escreve na folha de rosto do *Diccionario Español-Portugués* de M. do Canto e Castro Mascarenhas Valdez (1864): “Compuesto sobre los mejores diccionarios de las dos naciones”. Neste sentido, segundo Alvar Ezquerro (1993b: 81), «Gili Gaya justificaba la tradición en lexicografía porque sería pueril empeñarse en inventar lo que ya está inventado».

Contudo, esta concepção é, como tudo, filha do seu tempo. Hoje não se pode continuar a trabalhar em lexicografia tomando como obras de referência exclusivamente outros dicionários ou vocabulários existentes (Calderón, 1994: 11), por muito que estes possam ser verdadeiras autoridades na matéria, e muito menos ainda entender a lexicografia como arte do plágio.

Por último, e independentemente das críticas que, com ânimo construtivo, possamos dirigir a aspectos concretos das obras lexicográficas que mencionamos neste trabalho, merece-nos o maior respeito o labor de todos os lexicógrafos que nelas participaram, que por vezes tiveram e têm que suportar as críticas fáceis de quem desconhece o que é, na prática, fazer um dicionário.

Eis, portanto, sintetizado em 15 pontos, o nosso diagnóstico dos dicionários de espanhol/português da *Porto Editora* e da *Editorial Sopena*:

1) Equivalentes errados (*vd.* Anexo 1, § 10.1):

^E <i>novela</i> : ^P <i>novela</i>	por	^P <i>romance</i>
^E <i>flotador</i> : ^P <i>flutuador</i>	por	^P <i>bóia</i>
^E <i>ladrón</i> : ^P <i>gatuno</i> ; etc.	por	^P <i>ladrão</i> .

2) Falta o(s) equivalente(s) principal(is) (*vd.* Anexo 1, § 10.2 e § 10.8):

^E <i>hilo</i> : ^P <i>fio</i>	mas também:	^P <i>linha</i> , ^P <i>cabó</i> .
--	-------------	--

3) É necessária uma actualização das acepções da língua de partida e os equivalentes

1. Introdução

correspondentes na língua de chegada, por antiquados ou incompletos (vd. Anexo 1, § 10.3 e § 10.8):

^E*invernadero*: ^P*invernadouro* por: 1. ^P*estufa*. 2. ^P*invernadouro*
^E*lavadora*: ^P*lavadora* por: ^P*máquina de lavar roupa, máquina [de lavar roupa], lava-roupa, lavadeira.*

4) Falta o equivalente na língua alvo. São muito frequentes, especialmente no *E-P Editora*, as entradas com definição ou explicação das diferentes acepções das palavras espanholas, mas sem fornecer um equivalente em português (vd. Anexo 1, § 10.4 e § 10.8):

^E*lejanía*: ^Pparte remota ou distante dum lugar. por 1. ^P*Distância, afastamento*; 2. ^P*Longes*; 3. ^P*Lonjura*;

^E*cumpleaños*: ^Paniversário do nascimento dum pessoa. por ^P*Dia de anos, aniversário.*

5) Falta, de modo geral, uma separação clara das diferentes acepções, do ponto de vista gráfico e também léxico-semântico (vd. Anexo 1, § 10.5 e § 10.8):

^E*juego*: ^P*jogo, Pjoguete.* por ^E*juego*: 1. ^P*brincadeira*; 2. ^P*jogo* (passatempo sujeito a regras); 3. ^P*jogo* (passatempo em que fazem apostas); 4. ^P*jogo* (conjunto de peças que formam um todo); 5. ^P*jogo* (combinação de elementos para produzir um efeito estético); 6. ^P*jogo* (articulação de dois elementos que permita o movimento); 7. ^P*jogo* (movimento desses elementos); 8. ^P*folga* (movimento desses elementos); 9. ^P*jogo* (plano, maquinação); 10. ^P*jogo* (divisão da partida); 11. ^P*jogo* (conjunto de cartas de um jogador); ...

^E*lista*: ^P*lista, Plistra; P*risca; ^P*catálogo, P*relação, ^P*rol; P*arrolamento, ^P*rol; P*index, ^P*índice; P*minuta; ^P*elenco.*

^E*lista* 1. ^P*lista* (relação, enumeração); 2. ^P*listagem* (conjunto de listas); 3. ^P*tabela* (índice); 4. ^P*lista, P*listra (linha de cor diferente); 5. ^P*lista* (tira comprida e estreita de pano ou papel); • ^E*A listas*: ^P*Às listas; E*Lista de boda: ^P*Lista de casamento; E*Lista de la compra: ^P*Lista das compras. E*Lista de precios: ^P*Tabela de preços; E*Lista negra: ^P*Lista negra;*

^E*Pasar lista*: ^P*Fazer a chamada...*

- 6) Faltam exemplos que ajudem a delimitar as diferentes acepções e a restringir o uso no contexto (vd. Anexo 1, § 10.6 e § 10.8):

^Elejano: ^Pdistante, ^Pafastado, ^Premoto,
^Plongínquo, ^Pdesviado,
^Papartado; ^Pdesconvizinho;
^Parredado.

^Elejano: **1.** ^PLongínquo; *Había estado siempre trabajando en pueblos lejanos*: Tinha estado a trabalhar sempre em aldeias longínquas. Viajou por países distantes e exóticos. **2.** ^PLongínquo; *Había sido su compañero en aquellos lejanos tiempos de la Facultad*: Tinha sido companheiro dele nos dias longínquos da Faculdade. **3.** ^PLongínquo; *Por muy dura que fuese la labor, les bastaba pensar en ese día lejano para que el cansancio se les evaporase*: Por mais duro que fosse o serviço, bastava a ideia desse dia longínquo para o cansaço se evaporar. **4.** ^PDistante; *La tormenta estaba ya lejana y sin fuerza*: A trovoadá estava já distante e sem força. **5.** ^PDistante; *Cuando recuerdo esos días lejanos...*: Quando recordo esses dias distantes... **6.** ^PAo fundo; *Una formaviva, familiar, apareció en la vecería lejana, abandonada*: Uma massa viva, familiar, apareceu na vezeira ao fundo, abandonada. **7.** ^PLongo; *Miro la casa negra, suspensa del augurio de lejanas eras*: Olho a casa negra, suspensa do augúrio de longas eras. **8.** ^PAfastado, arredado; *Sólo somos primos lejanos*: Só somos primos afastados.

- 7) É necessário acrescentar novas entradas, com neologismos, coloquialismos, siglas, etc.) (vd. Anexo 1, § 10.7):

^Emaillot **1.** ^Pcamisola [de ciclista]; **2.** ^Pmaillot;

^Ehinchas: ^Pclaque;

^EDNI: ^PBI (Bilhete de Identidade) [em espanhol, *Documento Nacional de Identidad*];

- 8) Apresentar equivalentes de tradução no contexto linguístico e/ou situacional, em que se produzem, ultrapassando se necessário a unidade palavra (vd. Anexo 1, § 10.9):

^Eladrillazo: ^Pladrilhada.

^Eladrillazo: ^Ptijolada, ^Pgolpe de tijolo. •
^ELlevar un ladrillazo: ^EApanhar com un

1. Introdução

tijolo; *Al pasar por debajo de los andamios, casi llevo un ladrillazo*: Ao

^Efelicidad: ^Pfelicidade.
^Eenhorabuena: ^Pfelicitação, parabéns.
^Esuerte: ^Psorte.

passar por debaixo dos andaimes, quase apanho com um tijolo.

^Efelicidades ... **1.** ^Pparabéns; ¡Felicidades, mamá!: Parabéns mamã! *vd.* **feliz cumpleaños.** **2.** ^Pfelicidades; ¡Deseamos muchas felicidades a los novios!: Desejamos muitas felicidades ao noivos!. **3.** ^Pbom Natal, ^Pfeliz Natal; *vd.* **Feliz Navidad.**

^Eenhorabuena ... **1.** ^Pparabéns; ¡Enhorabuena por tu ascenso!: Parabéns pela tua promoção! ...

^Esuerte ... **1.** ... ^Pfelicidades; ¡Mucha suerte para los novios!: Muitas felicidades ao noivos! ...

^Einfrecuente: ^Pinfrequente.

^Einfrecuente ... **2.** ^Pinvulgar; *El caso es grave, aunque no infrecuente*: O caso é grave, embora não invulgar.

9) Falta informação sobre “falsos amigos”, importantíssima dada a proximidade das duas línguas. Neste caso, muitos dos equivalentes fornecidos pelos dois dicionários são errados (*vd.* Anexo 1, § 10.10):

^Eespantoso: ^Pespantoso, ^Pespantável;
^Pmaravilhoso,
^Passombroso, ^Ppasmoso;
^Pestupendo; ^Pinaudito;
^Pestranho; ^Pformidável.

^Eespantoso: **1.** ^Pterrível; **2.** ^Phorrível **3.** ^Penorme *cf.* ^E**estupendo**, ^E**maravilloso**.
^P**asombroso**.

^Eoficina: ^Poficina; ^Prepartição pública;
^Pescritório; ^Plaboratório de farmácia;

^Eoficina: ^Pescritório *cf.* ^E**taller**.

10) Falta informação sobre possíveis restrições nas possibilidades de combinação lexical (colocações, quase-frasemas, etc.) (*vd.* Anexo 1, § 10.11):

^Ecumpleaños: ^Paniversário do nascimento duma pessoa,
^Pdia de anos.

^Ecumpleaños: ... ^EEstar de cumpleaños: ^PFazer anos; *vd.* ^Ehacer años. ^EFeliz cumpleaños: ^PParabens; ^EFiesta de cumpleaños: ^PFesta de aniversário. ^ERegalo de cumpleaños: ^PPrenda de anos, ^Pprenda de aniversário;

11) Informação sobre restrições de uso pragmático-contextual (vd. Anexo 1, § 10.12):

^E*judía*: ^P*feijão*

^E*judía* ... • *Obs.*: Em espanhol é mais comum o uso em plural: *Comimos judías verdes en la cena*: Comemos feijão verde ao jantar.

^E*felicidad*: ^P*felicidade*.

^E*enhorabuena*: ^P*felicitação, parabéns*.

^E*suerte*: ^P*sorte*.

^E*felicidades* ... **1.** ^P*parabéns*; *Felicidades, por el premio*: Parabéns pelo prémio. [felicitação referida a um acontecimento feliz ocorrido no presente ou num passado mais ou menos próximo]. **2.** ^P*felicidades*; *¡Deseamos muchas felicidades a los novios!*: Desejamos muitas felicidades ao noivos! [fórmula de felicitação projectada para o futuro]. **3.** ^P*bom Natal, feliz Natal*; vd. **feliz Navidad**.

^E*enhorabuena* ... **1.** ^P*parabéns*; *¡Enhorabuena por tu ascenso!*: Parabéns pela tua promoção! [felicitação referida a um acontecimento feliz ocorrido no presente ou num passado mais ou menos próximo] ...

^E*suerte* ... **1.** ... ^P*felicidades*; *¡Mucha suerte para los novios!*: Muitas felicidades ao noivos! [fórmula de felicitação projectada para o futuro]. ...

^E*¡Jesús!*: ^P*Jesús!* (interj.) exprime admiração, dor, susto ou lástima.

^E*Jesús!*: ... ^P*Jesús!* *excl.* ... **2.** Santinho! [usa-se depois de alguém espirrar]; *¡Achís!* – *¡Jesús!*: –Atchim! –Santinho!

12) Falta informação gramatical (morfológica, ortográfica) (vd. Anexo 1, § 10.13):

^E*ladrón, na*: ^P*ladrão*

^E*ladrón, na*: ^P*ladrão* ... • *Obs.*: f. ladra, ladroa, ladrona.

^E*maní*: ^P*amendoim*.

^E*maní*: ^P*amendoim*. ... • *Obs.*: pl. do espanhol maní, manises.

13) Falta informação gramatical (sintáctica) (vd. Anexo 1, § 10.14):

^E*parecer*: ^P*parecer*, ...

^E*parecer*: ^P*parecer*, ... ^E*Parecer digno de* [+ infinitivo]: ^P*Parecer digno de*, ^P*parecer de* [+ infinitivo];... ^E*¿Qué te parece si* [+ pres. ind.]?: ^E*O que achas de* [+ infinitivo]?;...

1. Introdução

^Elunes: ^Psegunda-feira.

^Elunes: ^Psegunda-feira [...] • *Obs.*: Normalmente, os nomes dos dias da semana em espanhol vão sempre acompanhados do artigo definido; *Gracias a Dios, en el accidente del lunes no ha muerto nadie*: Graças a Deus, no desastre de segunda-feira não morreu

ninguém.

^Ehaber: ^Phaver...

^Ehaber: ^Phaver... **I.** v. *auxiliar* **1.** Ter [+participio] [o *pret. perf.* composto exprime repetição ou continuidade até o presente e que se fala]; **2.** Ø [no *pret. perf.* espanhol]; *Hoy he comido bacalao*: Hoje comi bacalhau. **II.** v. *unipessoal*. Haver [...] **H~estado** [+ gerúndio]: Ter vindo a [+infinitivo]; ... • *Obs.*: Em espanhol, usa-se o pretérito perfeito (*he comido*) quando o falante ainda está situado dentro do espaço de tempo a que o verbo envia: *Hoy he comido bacalao*; usa-se o pretérito indefinido (*comí*) quando o falante já está fora do espaço de tempo indicado: *La semana pasada comí bacalao dos veces*. Se o espaço temporal não estiver expresso, usa-se o primeiro quando o falante sentir que o tempo a que o verbo envia está próximo do presente: *Mi abuelo ha muerto* (cf. *Mi abuelo murió cuando yo era muy pequeño*).

- 14) A informação gramatical nos artigos correspondentes a palavras gramaticais pode ser melhorada (vd. Anexo 1, § 10.9, § 10.4):

^Ela (gram.) antepõe-se aos nomes apelativos do mesmo género; acusativo do pronome feminino *ella*; pode usar-se antes ou depois do verbo; ^Pa.

^Ela [...] **2.** ^PLa [a seguir a uma forma verbal acabada em r ou s]; ... • **A l~:** ^PÀ. **De l~:** **1.** ^PDa. **2.** ^PDe a, d'A [+ título de uma obra, jornal, etc.]; **3.** ^PDe a [...]; **Me gusta l~:** Gosto de Ø; **En l~:** **1.** ^PNa; ... **2.** ^PEm a, ^Pn'A [+ título de uma obra, jornal, etc.]; **3.** ^PEm a [...]; **Por l~:** **1.** Pela; ... **2.** ^PPel'A [+ título de uma obra, jornal, etc.]; . . .; **3.** ^PPor a [...]; ... **2.** A [+CI]; *Entrégasela al director*: Entregaa ao director. vd. **el.** cf. **lo.**

- 15) Falta muita informação de tipo enciclopédico, especialmente quando diferir em espanhol e em português (vd. Anexo 1, § 10.16):

las Personas Físicas].

^E*flaco*: ^E*magro* [...] • **El gordo y el flaco**: O bucha e o estica (Oliver Hardy e Stan Laurel). [...].

^E*Amberes*: ^P*Antuérpia* [cidade e província da Bélgica].

^E*Agustín*: ^P*Agostinho* ... • **San Agustín**: Santo Agostinho.

^E*I.R.P.F.*: ^P*I.R.S.* (Imposto sobre o Rendimento das Pessoas Singulares) [em espanhol, *Impuesto sobre la Renta de*

^E*enseñanza*: ^P*ensino* [...] • *Obs.*: No sistema de ensino espanhol, a *enseñanza primaria* vai do 1º ao 8º anos (*EGB, Enseñanza General Básica*) e a *enseñanza secundaria* ou *media*, do 9º ao 12º anos, em espanhol: 1º, 2º, 3º de BUP (*Bachillerato Unificado Polivalente*) e um ano de COU (*Curso de Orientación Universitaria*). Paralelamente ao BUP, ha também cursos de formação profissional (FP).

CAPÍTULO 2

A METALEXICOGRAFIA

«L'indifférence que montre la lexicographie envers sa propre méthodologie est étonnante»

(Weinreich, 1970: 70)

2.0. Neste capítulo focaremos alguns aspectos que conformarão o marco teórico deste trabalho, o da lexicografia teórica ou metalexicografia.

Embora a metalexicografia ou lexicografia teórica seja uma disciplina recente, a acompanhar a elaboração dos dicionários, existiu sempre uma certa tradição teórica, mas mais em forma de análise ou apreciação crítica de um produto determinado do que propriamente em forma de princípios teórico-metodológicos sistematizados sobre a elaboração dos mesmos³⁷.

Dentro da metalexicografia, nas últimas décadas consolidaram-se algumas linhas de investigação, centradas em aspectos tais como:

- A tipologia dos dicionários, que podemos exemplificar com obras como Quemada (1968), Rey (1970: 48-68; 1977: 54-80), Fernández-Sevilla (1974: 44-68), Al-kasimi (1983: 12-31), Haensch (1982a; 1997), Alvar Ezquerro (1993a, *passim*), Hausmann (1994).

- A história da lexicografia e dos dicionários, com obras como, por exemplo, Hartmann (ed.) (1983), Alvar Ezquerro (1983; 1989; 1992), Verdelho (1988).

- A crítica dos dicionários, artigos e resenhas com análises e avaliações

³⁷ Quemada (1987) denominou *dicionarística* a este tipo de estudos. Segundo o *Dicionários de Termos Linguísticos* (XAVIER, M. F. & MATEUS, M. H. (org.) (1992), s. v. **dicionarística**), este é um

«Conceito que tem por âmbito o domínio complexo do dicionário, constituído por todos os tipos de dicionários e por tudo o que lhes diz respeito, recobrando simultaneamente o campo do “dicionário-realização” e do “dicionário-objecto de estudo”. O neologismo “dicionarística” veio colmatar, em determinada ocasião, uma carência nomenclativa e denominativa, isto é, no momento em que a lexicografia deixou de implicar a realização do dicionário.»

normalmente referidas a dicionários concretos.

- A investigação sobre os usos dos diferentes tipos de dicionários bem como sobre as necessidades dos utentes, com trabalhos do género de Hartmann (ed.) (1979), Cowie (ed.) (1981), Ard (1982), a segunda parte de Hartmann (ed.) (1984), Galisson (ed.) (1983), Stein (1986), Crystal (1986), Bogaards (1988), etc.³⁸

Entenderemos aqui por metalexigrafia a disciplina que estuda não só os princípios teóricos e metodológicos sobre a elaboração de dicionários, mas também as características que regulam a estrutura e o comportamento linguísticos na medida em que orientam e condicionam o trabalho do lexicógrafo.

Nesta apresentação do marco teórico em que nos situamos, trataremos em primeiro lugar da velha e importante questão epistemológica da lexicografia como ciência ou como técnica, onde focaremos algumas das possíveis causas que explicam a tradicional subvalorização do dicionário como produto e como instrumento da investigação científica.

A seguir, apresentaremos alguns dos traços que caracterizam a lexicografia teórica, ou metalexigrafia, como disciplina da linguística aplicada, delimitando o seu âmbito de estudo face a outras disciplinas, nomeadamente a lexicologia e a semântica.

Veremos como, até agora, a lexicografia tentava aplicar nas suas tarefas, em geral infrutuosamente, as teorias elaboradas no âmbito da linguística geral, nomeadamente da lexicologia e da semântica, disciplinas que frequentemente se situavam, como veremos em § 2.1, à margem dos problemas concretos da elaboração de dicionários.

Dentro da linguística aplicada, a metalexigrafia deverá assumir a sua

³⁸ *Vd.* outros tópicos no repertório bibliográfico anotado de Zgusta (1988). Importa referir para os estudos metalexigráficos modernos os três volumes da Enciclopédia Internacional de Lexicografia (Hausmann, F.J., O. Reichmann, H. E. Wiegand & L. Zgusta (eds.), 1989-1991) assim como também as revistas *Cahiers de Lexicologie. Revue Internationale de Lexicologie et Lexicographie*, *Dictionaries. Journal of the Dictionary Society of North America*, *International Journal of Lexicography* e a revista *Lexicographica*, com os importantes suplementos monográficos *Lexicographica. Series Maior*, publicada em Tubinga pela Max Niemeyer Verlag. *Vd.* também Alvar Ezquerro (1982b).

2. A metalexicografia

dimensão teórica, no sentido de construir a sua própria teoria, determinando o seu objecto de estudo, estabelecendo os seus próprios objectivos e construindo a sua própria metodologia e terminologia, visto que não será a gramática teórica (isto é, a linguística centrada na sintaxe, ou nos princípios genéricos imanentes à linguagem humana) a que deva construir as teorias que regem a elaboração de dicionários (ou a descrição lexicográfica de uma língua).

Veremos também como as fontes teóricas da metalexicografia são extraordinariamente pluridisciplinares, o que implicará um esforço para combinar coerentemente diferentes marcos teóricos e metodológicos, tais como a linguística aplicada, a semântica (não só intensional, mas também extensional ou referencial), a linguística do texto, a linguística cognitiva, a linguística computacional, a terminologia, a documentação, etc.

Já dentro dos limites deste trabalho, e dado que estamos convencidos de que o dicionário só poderá ser uma ferramenta útil para a codificação e descodificação linguística se fornecer a informação necessária sobre o co-texto (contexto sintagmático) e o contexto (contexto situacional) em que as unidades lexicais se usam, para uma correcta descrição lexicográfica destes aspectos, a metalexicografia não poderá deixar de considerar de maneira particular duas áreas de estudo, uma de tipo que poderemos chamar léxico-semântico³⁹ e outra de tipo pragmático-retórico.

³⁹ Para Alonso Ramos (1993: 639):

«No hay disciplina lingüística independiente que se ocupe de las relaciones léxicas, semejante a la semántica, la sintaxis o la morfología, que trata cada una un componente particular de la lengua. El estudio de las relaciones léxicas tiene que ocuparse casi de todo: habrá que empezar por la semántica pero es necesario también tratar cuestiones sintácticas, morfológicas y cuestiones como la coocurrencia léxica restringida que no encaja en ninguna disciplina tradicional.»

Por outro lado, não existe uma fronteira claramente delimitada entre os aspectos sintagmáticos de carácter léxico-semântico e os aspectos pragmático-retóricos, como Saussure (1992: 210) assinala no *Curso de linguística geral*:

«Mas é preciso reconhecer que, no domínio do sintagma, não há limite definido entre o facto da língua, resultado do uso colectivo, e o facto da fala, que depende da liberdade individual. Numa multidão de casos, é difícil classificarmos uma combinação de unidades, porque um factor e outro concorreram para a sua produção e em proporções que não é possível determinar.»

2.1. A técnica lexicográfica

«On remarquera que cette étude [do dicionário] n'a guère prospéré tant que les professeurs et les théoriciens linguistes s'en sont pris avec condescendance à "l'objet dictionnaire", comme à un sous-produit impur et archaïque de leur discipline. [...] C'est lorsque des lexicographes se sont fait linguistes et sémioticiens, et que des linguistes ont mis la main à la pâte lexicographique, que l'on a pu réunir et organiser quelques connaissances dépassant l'anecdote de la critique traditionnelle ou les quiproquos de la théorie.»

(Rey, 1982: 17-18).

Durante quase todo o século XX, a gramática tradicional e a linguística teórica concebem a lexicografia como a “arte ou técnica” de compor dicionários, isto é, como uma actividade que não chega a atingir a categoria de ciência, e cujos objectivos não são teóricos, mas práticos (Al-Kasimi, 1983: 1). A palavra técnica, portanto, não é entendida aqui como ciência aplicada, mas como conhecimento prático⁴⁰. Ao sublinhar-se este carácter exclusivamente prático da lexicografia, muitas vezes está-se a querer dizer com isto que a prática lexicográfica não é concebida com o mesmo rigor científico que outras obras de linguística.

Esta mesma concepção da lexicografia como disciplina não científica encontramos-la também nos primeiros textos de carácter teórico sobre dicionários que aparecem a partir da década de 70. Rey-Debove começa deste modo o volume 19 da revista *Langages*, dedicada à lexicografia:

«Il paraît impossible, de prime abord, de plaider pour l'intérêt scientifique de la *lexicographie*. L'activité lexicographique se trouve dans une situation doublement défavorable: d'une part on ne sait pas en quoi elle consiste réellement, d'autre part elle n'offre pas l'intérêt de la nouveauté. Les activités métalinguistiques sont traditionnelles, et depuis les origines du langage, on parle du langage tant sous l'aspect grammatical que lexical. Cependant la grammaire s'est intégrée progressivement à l'ensemble des sciences en donnant naissance à la linguistique, alors que la description du lexique es restée une praxis et un “bricolage”.» (Rey-Debove, 1970: 3).

⁴⁰ Como veremos em § 2.3, é frequente identificar o conceito de “ciência aplicada” com “técnica” ou até com práticas ou utilidades concretas.

2. A metalexicografia

Esta subvalorização do dicionário como produto e como instrumento da investigação científica, e, conseqüentemente, a desvalorização da própria investigação lexicográfica, pode fundamentar-se em aspectos tais como: a) a tradicional separação na linguística moderna entre léxico e gramática; b) o problema da palavra como unidade léxico-gramatical; c) a falta de investigação metalexicográfica; d) o facto de o dicionário ser um objecto de consumo que se compra e se vende, assim como o seu carácter didáctico e sócio-cultural como texto ou como obra de consulta; e) a necessidade que a linguística teórica nascida no século XIX teve em se afirmar como ciência dentro do paradigma empiricista-positivista.

Vejam os cada um destes pontos separadamente.

2.1.1. Léxico vs. gramática

Tanto a moderna linguística teórica, preocupada com a busca dos princípios genéricos imanentes à linguagem humana, e centrada de maneira especial na sintaxe —tanto no sentido mais restrito do termo como no sentido morrisiano do mesmo, mais lato (*vd. infra* nota 79)—, como a pouca lexicografia teórica que, sob a forma de extrapolação, se produziu à sombra desta gramática descritiva diferenciam claramente entre os níveis gramatical e lexical de uma língua.

A tradição linguístico-gramatical distinguia claramente entre gramática, ou sintaxe, que trata das regras produtivas da linguagem, e dicionário, que recolhe usos arbitrários e fixados (Pawley & Syder, 1983: 192). Mas mais do que uma diferenciação de níveis de análise tratava-se, de facto, de uma exclusão, uma vez que a distinção era feita em termos negativos para o léxico, que não fazia parte da gramática principalmente porque, ao ser concebido como um “inventário aberto”, não era passível de sistematização e, portanto, de estudo rigorosamente científico (Rey-Debove, 1970).

Assim, num dos primeiros textos da lexicografia teórica moderna, Josette Rey-Debove (1970) nega ao léxico o estatuto de objecto passível de estudo científico

dentro da gramática e contesta a existência de uma competência lexical análoga à competência gramatical. Para esta autora, todos os usuários e qualquer usuário de uma língua dominam o sistema gramatical da mesma (Rey-Debove, 1973: 96-97), enquanto nenhum deles individualmente domina o léxico da sua própria língua, que é uma realidade pertencente à comunidade linguística em geral, quer dizer, a todos os usuários e a nenhum em particular:

«... si pour la grammaire, la compétence abstraite et la compétence de quelqu'un coïncident grosso modo, pour le lexique il y a un abîme entre la première et la seconde» (Rey-Debove, 1970: 6-7).

Contudo, dentro do paradigma estruturalista, há autores que contestam esta concepção do léxico como inventários ou paradigmas abertos, ou não limitados, face aos paradigmas gramaticais, que seriam fechados, ou limitados.

Assim, por exemplo, para Coseriu (1977: 211-212), o léxico forma um inventário aberto se o considerarmos do ponto de vista das suas funções gramaticais, mas os paradigmas lexicais não estão menos claramente delimitados que os paradigmas gramaticais se se considerar o léxico sob o ponto de vista das funções lexicais:

«Así, es cierto que los lexemas que se pueden “seleccionar” (elegir) en el eje paradigmático para funciones tales como “sujeto” o “complemento directo” constituyen series no limitadas. Pero, en este caso, se trata de una selección realizada en el léxico *para funciones gramaticales*, no para funciones léxicas. Por el contrario, la selección propiamente léxica se realiza [...] dentro de paradigmas limitados y delimitables, como los de la gramática. Así, si se tiene que calificar una determinada temperatura por medio de un adjetivo, se elige, por ejemplo, en francés entre *froid*, “frío” - *frais*, “fresco” - *tiède*, “tibio” - *chaud*, “caliente”, [...], del mismo modo como, por ejemplo, para el número gramatical, se elige entre singular y plural.» (*ib.*).

Esta concepção do léxico como algo caótico deve-se, segundo a semântica estruturalista, à confusão entre *léxico* e *dicionário*. O léxico é algo estruturado, e o caos fica relegado para o dicionário, que é apresentado como um suplemento da gramática em forma de listagem de irregularidades essenciais (Vilela, 1979: 33)⁴¹.

⁴¹ Nem sempre é claro o posicionamento da linguística teórica face a esta questão da distinção entre léxico e gramática. Lyons (1981: 55), por exemplo, considera que «lo que es realmente básico es la distinción entre la gramática de una lengua y su léxico». Porém, alguma linhas mais abaixo afirma:

2. A metalexicografia

Para Gleason, o léxico como nível de análise ou sector da estrutura linguística, nunca teve um tratamento adequado e foi sempre posto de lado nas investigações linguísticas. Estava-se a arrastar, segundo este autor, a herança da tradição bloomfieldiana, que considerava o léxico como um apêndice da gramática, em forma de listagens de irregularidades, —«Indeed ‘irregular’ is almost a tabooed word for many of us» escreve Gleason (1975: 86-87)— enquanto a linguística descritiva estava interessada quase exclusivamente nas regularidades (ou na “estrutura”, para utilizar o “sinónimo elegante” de que fala o autor):

«To a very real extent, we have made the dictionary exactly what Bloomfield suggest — a list of irregularities, the refuse of grammatical description, the repository of things put aside because they did not give a clear and incisive picture of an all — pervading ‘structure’ (for some of us, nothing more than a fancy synonym for ‘regularity’) which the descriptive linguist finds aesthetically pleasing» (Gleason, 1975: 87).

Gleason (1975: 85) distingue entre níveis de análise linguística e instrumentos ou produtos da investigação linguística. Assim, diferenciaríamos, por um lado, entre **léxico** e **gramática** (sintaxe), considerando-os como dois níveis de análise ou dois sectores da estrutura da língua, e, por outro lado, entre **dicionário** e **gramática** (tratado gramatical), considerando-os agora como dois instrumentos ou produtos da investigação linguística:

«I shall use the terms as I just have: “grammar” and “lexicon” will be sectors of language structure, “grammatical statement” and “dictionary” will be descriptive instruments or products of linguistic research» (*ib.*).

«Uno no sabe, especialmente, si existe una distinción psicológica precisa que haya de ser establecida entre la gramática y el léxico» (*ib.*). Significativamente, na nova versão desta obra (Lyons, 1995), a questão é totalmente reformulada. *Cf.*, por exemplo:

«Just where the distinction is drawn will depend upon the model or theory of grammar with the linguist is operating. But at whatever point the distinction is drawn between the grammar of a language and its vocabulary (or lexicon), there will always be borderline cases of expressions which can be classified, with equal justification, as lexically simple or lexically composite.» (*idem*, 52).

Quanto à Gramática Generativa, Vilela (1983: 140) escreve: «A corrente linguística hoje mais em moda também se pronunciou nesse sentido, pela voz de um dos seus mestres: o que não é gramática, é dicionário, e o que for dicionário não pode ser gramática».

A situação parece, no entanto, estar a mudar, devendo substituir agora, fazendo uma actualização talvez abusiva das palavras de Vilela (1983), “dicionário” por “enciclopédia”.

Numa tentativa de procurar mais as semelhanças do que as diferenças entre a competência lexical e a competência sintáctica, Danielle Corbin entende que a relação do léxico com o mundo não é mais imediata que a da sintaxe (Corbin, 1980: 54):

«il y avait place dans la linguistique pour une lexicologie “pure”, c’est à-dire, cohérente, qui traite les mots comme des objets linguistiques susceptibles d’explications linguistiques, tout autant que les phrases. Rien ne justifie, à mon sens, de réserver au lexique ce statut particulier qui en fait une enclave du réel dans la théorie linguistique» (*idem*, 64).

Ao considerar-se o léxico (face à gramática) como um amontoado de irregularidades, para Corbin (1980), está a produzir-se uma dissimetria entre o discurso relativo à sintaxe, apresentada como um sistema de regras, e o discurso relativo ao léxico, apresentado como uma listagem de palavras, isto é, está-se a confundir o nível das regras com o nível das unidades, está-se a opor listagens de palavras a regras sintagmáticas, quando se deveria contrastar regras de formação de palavras com regras de formação de orações:

«Ne concevoir le lexique que comme une liste de mots, c’est faire fi de l’existence des règles de formation des mots, [...]; ne concevoir la syntaxe que comme un système de règles, c’est ignorer le fait —[...]— que les règles syntaxiques ne s’appliquent pas indifféremment à tous les mots du lexique, mais qu’elles ont des distributions variables» (Corbin, 1980: 57).

Danielle Corbin contesta o lugar-comum na linguística de que o léxico é a irregularidade por antonomásia, tentando demonstrar que a nível lexical há graus de regularidade e de irregularidade, e que se há palavras que são irregulares, podem-se predizer em maior ou menor grau tais irregularidades, existindo também uma tendência nos falantes para regularizar o irregular. Quer dizer, que o falante na sua competência tem a capacidade, perante determinadas irregularidade lexicais, de intuir a direcção que estas podem tomar. Os falantes são conhecedores de determinadas regras, por meio das quais se poderão deduzir tais irregularidades ou, pelo menos, aproximar-se delas. Isto é, segundo a autora, a formação das irregularidades não é anárquica, pode-se predizer, já que se pode explicar, total ou parcialmente, a sua formação, para além de que não se pode esquecer que também dentro da regularidade, ao nível da actuação, existem graus de previsibilidade

(Corbin, 1980: 94-107)⁴².

Como veremos, estamos perante uma tentativa, dentro dos paradigmas dominantes da linguística teórica, de incorporação do léxico nos modelos descritivos de tipo sintáctico (simbólico-formalistas) típicos dos estruturalismos europeu e norte-americano, incluindo-o nos seus sistemas de explicação e generalização, ou criando novos sistemas de regras de predição de estruturas gramaticais (e, alguns, preocupando-se mais com a coerência interna do modelo do que com a razão primeira da existência de uma língua: comunicar). Mas, do ponto de vista lexicográfico, qual será a utilidade, para a codificação linguística (o que não significa que não a tenha para o linguista), de determinadas generalizações sobre o léxico? Não estaremos novamente a tentar esconjurar o fantasma do “irregular”?⁴³

Como veremos (*vd. infra* § 4.4. e § 4.5), pouco interesse pode ter para um utilizador corrente (não linguista) do dicionário, um sistema de regras ou generalizações (uma gramática) sobre, por exemplo, o comportamento sintáctico e semântico dos verbos ^P*dar* ou ^P*fazer* como verbos transitivos ou como verbos *operadores*⁴⁴, enquanto poderá ser verdadeiramente útil do ponto de vista

⁴² Duvidamos da existência desta consciência gramatical e lexical explícita no falante. Será que este não tem mais em que pensar? A questão das regularidades ou irregularidades a nível lexical é mais um assunto de tipo morfológico do que semântico, que poderá ter algum sentido do ponto de vista da descrição diacrónica de uma língua, pois como veremos, o sentido de uma palavra, perfeitamente regular quanto à sua forma, poderá não ser igual à soma dos sentidos dos monemas que a constituem. O falante está preocupado mas é com a “felicidade” do seu acto comunicativo. Como sabemos, cumpre não identificar análise e descrição gramatical —conhecimento reflexivo das regularidades de uma língua (Besse & Porquier, 1984: 10) com a gramática realmente interiorizada: «il n’y a aucune raison de penser qu’il existe un isomorphisme ou une relation quelconque entre grammaire intériorisée et grammaire décrite ou simulée» (*idem*, 66).

⁴³ Essa preocupação em procurar regras ou generalizações (em forma de oposições, nominalizações, variantes) que subjazem à estrutura das expressões fixas encontramos-la, por exemplo, em obras como a de Zuluaga (1980).

⁴⁴ Os *verbos operadores*, *verbos-suporte*, ou *verbos funcionais* na gramática de valências, são um tipo de verbos auxiliares (com significação gramaticalizada), como *fazer*, *ter*, *pôr* ou *dar*, que perdem total ou parcialmente o seu significado lexical (Vilela & Busse, 1986: 81):

«Na tradição alemã da gramática de valências, designa-se por *verbos funcionais* os verbos que fazem parte de uma forma ampliada com um substantivo deverbal equivalente de modo mais ou menos aproximado ao de um verbo simples. Noutras

lexicográfico informar que é com algum destes verbos que determinadas palavras se combinam para exprimir um determinado sentido. Assim, para um utilizador do dicionário cuja língua materna seja o francês ou o inglês, será fundamental informar que a palavra ^P*passaio*, utiliza a forma ^P*dar* como verbo operativo (^P*dar um passeio*), enquanto nas outras duas línguas utilizam-se verbos diferentes (*take a walk, faire une promenade*). Trata-se de um fenómeno lexical, que devemos assumir como claramente irregular, e o lugar para tratá-lo é o dicionário. Não podemos prever, por meio de regras de tipo sintáctico e semântico, quais as palavras que se combinam com ^P*dar* como verbo operador. É por isso que esta informação deverá ser consignada sob o lema ^P**passaio** (isto é, a palavra correspondente à *base da colocação* ou *palavra-chave*, como veremos) e não na entrada correspondente ao verbo ^P*dar* (ou num suposto capítulo da gramática dedicado aos verbos operativos) que é a forma que virtualmente poderá desconhecer o utilizador.

Se o nível de análise lexical fica excluído dos principais modelos científicos que irão dominar a cena linguística durante quase todo o século XX, muito mais excluída estará a lexicografia, uma vez que, tal como era entendido por Bloomfield (Gleason, 1975: 86-87; Geeraerts, 1987: 2), os dicionários deverão limitar-se a recolher ou acumular da melhor maneira possível a amálgama de “factos vagos e irregulares” (Geeraerts, 1987: 2) que constituem o léxico. Assim, o caos fica, como dissemos, relegado ao dicionário, um suplemento da gramática em forma de listagem de irregularidades essenciais (Vilela, 1979: 33).

Será por este motivo que a gramática e a lexicografia tradicionais normalmente criticam como sendo inútil a presença de informação gramatical nos dicionários⁴⁵. A exclusão da informação morfo-sintáctica e sobre o uso das palavras

correntes linguísticas encontramos o termo *verbos operadores* (Harris, Gross).» (*ib.*).

Sobre os *verbos-suporte*, vd. Alonso Ramos (1993: 561-638; 1998) e, também, *infra* notas 160 e 161 e as funções lexicais **Oper**, **Func** e **Labor** em § 4.5.1 e em Anexo 2.

⁴⁵ Principalmente devido ao facto de se conceber o dicionário de língua para uma função exclusivamente descodificadora. Como veremos, a presença nos dicionários de informação gramatical (morfo-sintáctica) assim como de aspectos pragmáticos, retórico-discursivos, e enciclopédicos será indispensável se concebermos um dicionário cuja finalidade seja tanto codificadora como descodificadora.

2. A metalexicografia

no contexto linguístico (co-texto) e no contexto situacional (contexto)⁴⁶ é muito frequentemente produto de uma espécie de acto de abstracção, propositado ou não, por parte dos lexicógrafos, que consideram tal informação desnecessária, especialmente nas obras lexicográficas unilingues, concebidas só para uma finalidade descodificadora. O dicionário é, assim, idealmente concebido como um repertório de unidades atómicas⁴⁷ que poderão ser combinadas segundo as regras gramaticais.

Há, contudo, certo tipo de informação gramatical nas obras lexicográficas a que os dicionários existentes nos têm habituados e que a maior parte dos autores considera imprescindível. Tal informação está presente não só na microestrutura ou no corpo do artigo, como também na macroestrutura. Assim, os critérios utilizados para a selecção do tipo de material lexicográfico quanto à categoria morfológica, e nomeadamente a forma que adquire para figurar na mesma (lema), pressupõem certos conhecimentos gramaticais por parte do usuário do dicionário, que deverá saber que não poderá procurar no dicionário formas de palavra como ^P*cumprimentos*, ^P*sou*, ^P*é*, ^P*era*, ^P*foi*, etc, «lo cual obliga al lector a un procedimiento de reducción morfológica desde que ve en un texto una palabra que desconoce hasta que halla en el diccionario la entrada del artículo correspondiente» (Alvar Ezquerro, 1982a: 165). A procura de uma palavra no dicionário requer do falante uma razoável consciência gramatical (lembremo-nos dos nossos primeiros passos na consulta de qualquer dicionário bilingue, nomeadamente na direcção língua estrangeira/língua materna, como por exemplo, o dicionário de latim/português). Desta maneira, para a descrição lexicográfica de uma língua, o autor do dicionário conta, como ponto de partida, com a competência do usuário, não sendo necessário portanto explicitar todas as informações gramaticais e semânticas relativas às palavras, visto que o leitor, mal ou bem, conhece a língua descrita (Seco, 1987: 45; Dubois & Dubois, 1971: 90):

«Las informaciones gramaticales son inútiles porque los diccionarios monolingües, por lo general, tienen una finalidad descodificadora, y cuando un usuario ha buscado en la macroestructura del diccionario, y, después, en la microestructura del

⁴⁶ Sobre o uso dos termos e dos conceitos *co-texto* e *contexto*, *vd. infra* capítulo 6.

⁴⁷ Em § 2.4 e em § 3.3 falaremos sobre a não-composicionalidade das unidades lexicográficas e do carácter *gestáltico* ou holístico das mesmas.

artículo, ha dado pruebas suficientes de sus conocimientos gramaticales» (Alvar Ezquerro, 1982a: 175).

Outro tipo de informação gramatical subjacente nos dicionários tradicionais é a diferença entre palavras lexicais, que exigem uma definição em metalíngua de conteúdo: informação conceptual, que nos diz o que significa o definido, e palavras gramaticais, que exigem uma definição em metalíngua de signo: informação funcional, que nos diz o que o definido é, como é e para que se emprega do ponto de vista gramatical (Alvar Ezquerro, 1982a: 155-160). Consequentemente com a divisão que estabelece entre gramática e dicionário (ou léxico), a linguística teórica não deveria considerar as palavras gramaticais como sendo próprias dos dicionários, mas exclusivamente da gramática, reservando as palavras lexicais, os lexemas, definidos em metalíngua de conteúdo, para o dicionário⁴⁸.

Tradicionalmente é incluída nos dicionários a informação sobre a categoria ou subcategoria gramatical do lema. Mas esta não será a informação mais útil que o utilizador pode vir a encontrar no dicionário para a codificação ou descodificação numa determinada língua. A informação sobre a categoria gramatical do lema, que, para a lexicografia tradicional, será imprescindível nomeadamente para a aplicação na definição do chamado princípio lexicográfico de substituição (*vd. infra* § 2.1.2), muitas vezes não passa de um fim em si mesmo e torna-se pouco ou nada útil para o consulente que não domina a terminologia gramatical.

48 Contudo, Alvar Ezquerro considera que os elementos de relação têm nos dicionários uma dupla definição, em metalíngua de signo e em metalíngua de conteúdo:

«Em el DRAE *desde* queda definido en su primera acepción como ‘prep. [metalengua de signo] que denota [metalengua de contenido] el punto en el tiempo o lugar, de que procede, se origina o ha de empezar a contarse una cosa, un hecho o una distancia’» (Alvar Ezquerro, 1982a: 157).

Por outro lado, Porto Dapena considera que é frequente encontrar definições híbridas tanto nas palavras gramaticais como nas palavras lexicais, que podem estar definidas em metalíngua de signo e em metalíngua de conteúdo:

« Considérese, por ejemplo,

DIABLO = nombre general de los ángeles arrojados al abismo, y de cada uno de ellos,

donde una definición funcional, introducida por la expresión *nombre general de*, sirve de marco a otro tipo de definición conceptual: *los ángeles arrojados*» (Porto Dapena, 1980: 310).

2. A metalexicografia

Do ponto de vista lexicográfico, como veremos (*vd. infra* capítulo 7º), existem outras maneiras de fornecer informação gramatical útil para o utilizador. Assim, por exemplo, ao informar sobre as colocações típicas de um verbo ou, em geral, sobre a sua capacidade combinatória (para nos adentrarmos numa das questões centrais do nosso trabalho), ao mesmo tempo também se estará a informar a quem possa interessar (aos linguistas, por exemplo) sobre a transitividade do mesmo:

^P*Levantar* [um processo] = ‘interpor, entrar em juízo com’.

^P*Levantar* [ferro] = ‘zarpar’.

^P*Levantar* [calúnias] = ‘difamar’.

^P*Levantar* [o moral] = ‘animar, encorajar’.

^P*Levantar-se* <o vento, a brisa> = ‘desencadear-se, começar’.

^P*Levantar* <as nuvens, o nevoeiro> = ‘aclarar’.

A catalogação do léxico segundo a sua morfologia pode ser útil para uma classificação paradigmática, mas pouco proveitoso no estudo das relações sintagmáticas. Assim o entende também Aguilar-Amat (1993: 145-146) que, referindo-se às várias tentativas de classificação dos adjectivos, escreve:

«Por ejemplo, el hecho de saber que el nombre que nos ocupa es un nombre predicativo como pueda serlo “respiración” (la respiración de Pepe —> Pepe respira) y que el adjetivo que le acompaña es, pertinentemente, del tipo A3, no ayuda a efectuar la selección de “entrecortada” de entre los adjetivos *discontinuo, entrecortado, desacompañado*, o, en caso de que se generara en inglés, no ayuda a escoger entre los vocábulos “laboured” que se aplica a *respiración* y “faltering”, “hesitant” o “confused” que se aplican a *habla*.» (*idem*, 150-151).

Contudo, é evidente que a lexicografia deverá aproveitar qualquer esforço de sistematização teórico-metodológico que possa estar por trás de uma classificação em categorias gramaticais, sempre que esta classificação tenha qualquer utilidade na descrição lexicográfica, assim como também qualquer esforço de descrição semântica ou lexical.

Dois exemplos de descrições linguísticas úteis em lexicografia podem ser o trabalho sobre primitivos semânticos de Wierzbicka (*vd.*, por exemplo, Wierzbicka (1985) *Lexicography and Conceptual Analysis*) ou o trabalho de descrição léxico-semântico e gramatical como o do DEC, de Mel’chuk (Mel’chuk *et al.*, 1984, 1988, 1992, 1995 e 1999). Mas, é evidente que este esforço descritivo,

com todo o seu aparato formal no segundo caso, ou as exaustivas definições no primeiro, por exemplo, não poderá ser trasladado directamente para o produto lexicográfico (embora possa ser aproveitado na prática lexicográfica) onde, para além dos aspectos teórico-linguísticos, jogam também um papel importante outros critérios teórico-metodológicos de tipo linguístico e também não linguístico.

Independentemente do tipo de usuário (linguista ou profano na matéria) que possa vir a utilizá-lo, um dicionário de produção (bilingue ou monolingue) deveria conter informação sobre a ortografia; género, número e formação do plural e do feminino; a pronúncia; paradigmas regulares e irregulares da inflexão verbal; combinações típicas de palavras; para além de informação sobre o uso pragmático e informação de tipo enciclopédico, etc. (*vd.* Bergenholtz & Tarp, 1995: 23-24).

Somos conscientes, porém, de que muita da informação que o utilizador necessita para a codificação numa determinada língua será difícil inventariar num formato de dicionário. A lematização e a ordenação alfabética da informação gramatical nem sempre será possível, não só por questões de acessibilidade aos dados como também de representação (no sentido de generalização) desses próprios dados, visto que as relações de tipo sintáctico, semântico e pragmático que se estabelecem entre os *itens* lexicais nem sempre são lineares e imediatas (para não falar já da informação de tipo enciclopédico).

Onde se deverá incluir, por exemplo, uma informação de tipo gramatical (sintáctico) tão importante no dicionário de espanhol/português como a da inversão sujeito-verbo, especialmente em espanhol? Parece evidente que o dicionário teria de renunciar a informar sobre estas questões se não ultrapassasse o nível da palavra como unidade de análise e descrição lexicográficas:

^E¿No te acuerdas cuando estabas tú en la universidad?:

^PNão te lembras quando tu estavas na universidade?

^EEsto es una prueba para ver si funciona el correo electrónico:

^PIsto é um teste para ver se o correio electrónico funciona.

^ESe han intoxicado con las caricaturas que frecuentemente hace la prensa de los objetores de conciencia:

^PIntoxicaram-se com as caricaturas que frequentemente a imprensa faz dos objectores de consciência.

2. A metalexicografia

^E ¿Cómo reconforta el sol!:

^P Como o sol reconforta!

^E La comida que hizo tu hermano estaba demasiado picante:

^P A comida que o teu irmão fez estava demasiado picante.

^E Tienes que esperar hasta que llegue mamá:

^P Tens de esperar até a mãe chegar.

^E Los coyotes no forman manadas, con jerarquías rígidas, como hacen los lobos:

^P Os coiotes não formam alcateias, com hierarquias rígidas, como os lobos fazem.

Tradicionalmente o lexicógrafo só tinha duas possibilidades: apresentar a informação em anexo e/ou limitar-se a informar indirecta ou implicitamente o utilizador através dos exemplos ilustrativos⁴⁹. Mas, como veremos (*vd. infra* capítulo 7º), embora os exemplos possam ser muito ricos em informação de tipo gramatical, enciclopédico, combinatório ou pragmático, e possam ser muito úteis, como complemento do sistema de etiquetagem, também podem transformar-se perigosamente numa espécie de “*cajón de sastre*” ou “*termo-umbela*” para onde vai parar tudo aquilo que não sabemos como tratar lexicograficamente⁵⁰. Neste sentido, deve usar-se com reservas. Para evitar o perigo do exemplo lexicográfico como panaceia, seria importante estabelecer uma teoria do exemplo lexicográfico (Blanco, 1995: 3), delimitando (no caso do lexicógrafo) e explicando (ao utilizador) o seu uso e funções principalmente perante os outros elementos da microestrutura.

⁴⁹ Para Al-Kasimi (1983: 88-96), a função principal dos exemplos ilustrativos, embora não seja a única, será reforçar a descrição semântica e gramatical da palavra:

«the primary function of the illustrative examples in dictionaries in general and bilingual ones in particular is to contribute to the user's interest by showing the word in a live context, and to enhance his understanding of the grammatical and semantic rules governing the usage of the word by showing these rules in action.» (*idem*, 96).

⁵⁰ Contudo, como Umberto Eco (1983) assinala, os “*termos-umbela*”, ou “*conceitos-umbela*”, podem ser úteis em certas etapas da investigação para chamar a atenção sobre certas “*semelhanças de família*” a ter em conta:

“Embora critiquemos os *conceitos-umbela* quando já é possível resolvê-los numa rede mais analítica de categorias correlacionadas, não negamos a sua utilidade naquelas etapas da investigação em que servem ainda para designar determinadas “*semelhanças de família*” que requerem uma análise ulterior.” (Eco, 1983: 88).

Contudo, há informação gramatical mais fácil de incluir no dicionário porque se associa a uma palavra-lemma, como por exemplo o uso dos tempos compostos em espanhol, sob a entrada ^E*haber* ou o uso sintáctico do verbo ^E*gustar*:

haber v. auxiliar, unipessoal e s.m. **I.** v. auxiliar **1.** Ter [+ participio] [o pret. perf. composto exprime repetição ou continuidade até o presente e que se fala]; *El juego ha arruinado a mucha gente*: O jogo tem arruinado muita gente. **2.** Ø [no pret. perf. espanhol]; *Hoy he comido bacalao*: Hoje comi bacalhau. **II.** v. unipessoal. [...] • **H~ a montones**: **1.** Haver aos montes [...] **H~ estado** [+ gerúndio]: Ter vindo a [+ infinitivo]; *Una verdadera mafia ha estado aterrorizando la población del barrio*: Uma verdadeira mafia tem vindo a aterrorizar a população do bairro. [...] • **Obs.**: Em espanhol, usa-se o pretérito perfeito (*he comido*) quando o falante ainda está situado dentro do espaço de tempo a que o verbo envia: *Hoy he comido bacalao*; usa-se o pretérito indefinido (*comí*) quando o falante já está fora do espaço de tempo indicado: *La semana pasada comí bacalao dos veces*. Se o espaço temporal não estiver expresso, usa-se o primeiro quando o falante sentir que o tempo a que o verbo envia está próximo do presente: *Mi abuelo ha muerto* (cf. *Mi abuelo murió cuando yo era muy pequeño*).

gustar v.intr. e tr. **I.** v.intr. **1.** Gostar [...] • **Me [te, etc.] gusta el**: Gosto de; *Me gusta el pan untado con mantequilla*: Gosto de pão barrado com manteiga. **Lo que me [te, etc.] gusta de él [ti, etc.]**: O que gosto [gostas, etc.] nele [em ti, etc.]; *Era eso lo que más me gustaba de él*: Era isso que eu mais gostava nele. [...] • **Obs.**: A construção normal em espanhol é “pronome + *gustar* + sujeito”: *Me gusta el queso*. Pode aparecer, embora raramente, a construção “*gustar de*”: *Gustaba de pasear al aire libre*. É comum a construção pleonástica “complemento de pessoa + pronome + *gustar* + sujeito”: *A mi madre no le gusta el queso*. Com o complemento em terceira pessoa de plural, pode aparecer o sujeito antes do verbo e não haver repetição pleonástica do pronome: *Su forma de ser gusta a los que lo conocen*.

Outros tipos de informação sintáctica estão a meio caminho entre uns e outros, como, por exemplo, informar sobre a repetição do CI em espanhol, que poderia aparecer sob os lemas ^E*le*, ^E*me*, ^E*te*, ^E*se*, ^E*nos* e ^E*os*:

se pron. **1.** Se . . . **II.** Lhe; *Daselo*: Dá-lho. **4.** Ø [+ CD + CI]; *Entrégaselo al director*: Entrega-o ao director. **5.** Ser [+ verbo] [valor passivo]; *El movimiento se compone de personas de todas las edades y clases sociales*: O movimento é composto por pessoas de todas as idades e classes sociais. • **S~ la**: **1.** Lha (lhe+a); *No se la des*: Não lha des. **2.** A [+CI]; *Entrégasela al director*: Entrega-a ao director. **S~ lo**: **1.** Lho (lhe+o); *No se lo des*: Não lho des. **2.** A [+CI]; *Entrégaselo al director*: Entrega-o ao director.

le pron. pess. **1.** Lhe [forma da terceira pessoa que exerce função de complemento indirecto sem preposição]; *Dijo que no le des el documento*: Disse para não lhe dares o documento; vd. **se**. **2.** Ø [+ CD + CI]; *Le compré un sombrero a María de regalo de cumpleaños*: Comprei um chapéu a Maria de prenda de anos. **3.** O [de complemento directo]; *Tenemos el gusto de invitarle a la boda de nuestra*

2. A metalexicografia

hija: Temos o prazer de o convidar para o casamento da nossa filha. *Espero que este libro le divierta*: Espero que este livro o divirta. **3.** Si [com preposição, em tratamentos de respeito]; *Su mamá nunca le quiso*: A sua mamã nunca gostou de si; *vd. usted*.

Como veremos, e cingindo-nos aos limites do presente trabalho, é urgente trabalhar em produtos lexicográficos que permitam ou facilitem o trabalho de codificação, fornecendo informações precisas e concretas relativas à eleição e emprego correcto das palavras e locuções num contexto dado (linguístico e situacional), envolvendo nesse trabalho as achegas trazidas pelas diferentes correntes e áreas da linguística. Isto conduzir-nos-á inevitavelmente a ultrapassar a tradicional divisão entre gramática e dicionário assim como a contestar a existência de uma fronteira claramente definida entre as relações paradigmáticas e as relações sintagmáticas:

«El descubrimiento de que los signos no sólo poseen un *valor* (dimensión paradigmática) sino una *valencia* que recoge sus posibilidades combinatorias demostró el carácter inconsistente de la vieja y tajante división, ya en crisis, entre Gramática y Diccionario.» (Gutiérrez, 1992: 707).

2.1.2. A palavra como unidade léxico-gramatical

Uma parte muito importante do problema do tratamento lexicográfico da informação gramatical fica resolvido, como veremos, ao ultrapassar-se os limites da palavra como unidade lexicográfica (*vd. infra* capítulos 3º e 6º).

Neste sentido, é ilustrativo constatar que, nas primeiras manifestações lexicográficas peninsulares, o lema não coincide com a unidade palavra. Assim, como tive oportunidade de verificar num trabalho realizado para o professor Azevedo Ferreira⁵¹ no âmbito do mestrado em Ensino da Língua e Literatura Portuguesas, tanto na obra lexicográfica de Nebrija (1516) como na de Cardoso

⁵¹ Permita-se-me, novamente, uma sincera homenagem e agradecimento ao professor Azevedo Ferreira.

(1565), ultrapassa--se a palavra como unidade lexicográfica de maneira generalizada e consciente.

Com efeito, tanto no *Dictionarium ex lusitanico latinum sermonem*, de Jerónimo Cardoso (ca. 1562) como no *Vocabulario de romance en latin*, de Antonio de Nebrija (ca. 1494), as entradas⁵² nem sempre coincidem com a unidade palavra, registando-se como lemas não só diferentes acepções das mesmas, mas também, e mais importante ainda, diferentes acepções provenientes da combinação do lexema de entrada com outros lexemas («Cantar el tordo o zorzal⁵³: trutilo.as.avi.»), nomeadamente para permitir o registo das diferentes acepções ou correspondências latinas⁵⁴: Trata-se, como Marelló (1996: 32) assinala, de interpretações ou paráfrases contextuais da palavra latina dada como equivalente, o que não significa, e nisto não concordamos com o autor, que não estejamos perante verdadeiras entradas ou lemas:

«Il ne s'agit pas toujours de mots-vedettes, ou de sous-vedettes, mais souvent de syntagmes qui sont des interprétations, des paraphrases contextuelles, du mot latin donné comme équivalent.» (Marelló, 1996: 32).

Vejamos alguns exemplos de ambos os dicionários:

Calentura por calor. calor.oris.	Cabelo. Capillus, i, crinis, is.
Calentura con fiebre. febris.is.	Cabelo curado. Coma affectata.
Calentura fiebre pequeña. febricula.e.	Cabelo louro. Capillus rutilus.
Calentura cuando crece. accessio.onis.	Cabelo branco. Capillus canus.
Calentura cuando afloxa. remissio.onis.	...
Calentura rezia. causode.es;	Cada dia. Quotidie, indies.
<i>etc.</i>	cada dia mais. Indies magis.
	cada hora. In horas.
Cantar el tordo o zorzal. trutilo.as.avi.	cadanno. Quotannis.
Cantar el estornino. pisito.as.avi.	ada somana. Singulis hebdomadibus.
Cantar la perdiz. cacabo.as.avi.	cada mes. Singulis mensibus.
Cantar la tórtola o paloma. grino.is.	cada hum. Singuli, ae, a.
Cantar la paloma torcaz. plausito.as.	cada dous. Secundus quisque.

⁵² No trabalho referido só se estudaram as entradas correspondentes à letra “C” dos dois dicionários.

⁵³ Sobre o termo e o conceito de *contorno* na teoria e na prática lexicográficas, *vd. infra* este mesmo sub-capítulo 2.2.

⁵⁴ *Cf.*, neste sentido, o critério defendido *infra* (*vd.* capítulos 7º e 8º) de que cada unidade lexicográfica diferente deverá implicar forçosamente qualquer variação em algum ou alguns dos elementos que conformam a unidade de tratamento lexicográfico: equivalente, restrições lexicais, contextos de uso diferentes, etc.

2. A metalexicografia

etc.
(et passim).

Nebrija (ca. 1494): *Vocabulario de romance en latin*

cada tres. Terrius quisque.

....

Costa arriba. Aclius, i.
Costa baixo. Declius, e.
Costa. Ciuus, i.
(et passim).

Cardoso (ca. 1562): *Dictionarium ex lusitanico latinum sermonem*

Será por este motivo (o facto de que muitas das entradas destes dicionários não são unidades lexicais, mas paráfrases correspondentes a palavras latinas dadas como equivalentes), e também pelo facto de estes dicionários bilingues (língua moderna/latim), surgidos no século XVI, serem utilizados como dicionários unilingues, que Quemada (1967: 52) os considera dicionários semi-bilingues.

Pensamos, todavia, que estamos perante autênticos dicionários bilingues em que os autores não sentem a necessidade de constringer a unidade lexicográfica dentro dos estreitos limites da palavra. O mesmo problema ainda se coloca hoje na lexicografia bilingue quando nos encontramos na língua de chegada com uma palavra cujo equivalente na língua de partida não está lexicalizado em forma de palavra, como por exemplo:

^E <i>compañía de seguros =></i>	^P <i>seguradora;</i>
^E <i>tienda de comestibles =></i>	^P <i>mercearia;</i>
^E <i>escalera de mano =></i>	^P <i>escadote;</i>
^E <i>feliz cumpleaños =></i>	^P <i>parabéns;</i>
^P <i>caixote do lixo =></i>	^E <i>papelera;</i>
^P <i>lentes de contacto =></i>	^E <i>lentillas;</i>
^P <i>máquina de lavar roupa =></i>	^E <i>lavadora;</i>
^P <i>guia de remessa =></i>	^E <i>albarán;</i>
<i>etc.</i>	

Acontece que o dicionário não pode ser concebido como um repertório de unidade atómicas (as palavras, os lexemas) passíveis de serem combinadas segundo as regras gramaticais. Superar esta visão ingénua do dicionário suporá entre outras coisas, como veremos nos capítulos 3º e 6º, ultrapassar os limites da palavra como unidade lexicográfica.

Independentemente da solução que se possa adoptar num dicionário para

recolher as unidades lexicográficas, o problema principal que se coloca na hora de seleccionar tais unidades é o facto de as diversas estruturas sintagmáticas que podemos encontrar numa língua formarem um *continuum*⁵⁵ que vai do termo composto às combinações livres de palavras, passando pelas combinações restritas de palavras (Cowie, 1981: 133). Como indica Rey-Debove (1970: 13), a delimitação das unidades sintagmáticas que se estabelecem no discurso (*bon marché*), as unidades paradigmáticas (*va/allons*) e os problemas da homonímia e da polissemia dificultarão a determinação da palavra como unidade de língua: «La notion de unité de lexique se perd dans le non-mot, dans un continuum qui aboutit aux unités de discours» (*ib.*).

A prática gramatical que acompanha a linguística estruturalista continua a trabalhar com um conceito estreito de *construção* (e de *constituintes*) que parece esquecer um princípio fundamental que é comum a todas as correntes estruturalistas: que não existem unidades linguísticas que funcionem como fenómenos isolados, mas numa relação de interdependência dentro de um todo chamado estrutura:

«A noção de **construção** (Escola de Praga) postula que as unidades do plano inferior tenham por função “construir” as unidades do plano superior, e que as unidades do plano superior sejam compostas de unidades do plano inferior, podendo assim as unidades do plano inferior ser classificadas de acordo com a sua função nas unidades do plano superior.» (Vilela, 1999: 18).

Dentro do marco da semântica estruturalista, a lexicologia estuda as unidades lexicais dentro dos limites da língua (*langue*), isto é, unidades pertencentes «essencialmente ao plano paradigmático e ao sistema virtual» (Carvalho, 1979: 493). O estudo das relações sintagmáticas, das «entidades pertencentes essencialmente ao plano sintagmático e à fala actual» (*ib.*), ultrapassa os limites do sistema, uma vez que está irremediavelmente associado aos aspectos pragmático-contextuais, ou seja, ao discurso ou à fala (*parole*).

Abandonado pela semântica e pela lexicologia, o estudo das relações sintagmáticas fica relegado para o campo da lexicografia, que indirectamente as

⁵⁵ Sobre o carácter não-discreto das unidades fraseológicas, *vd.* Ruiz Gurillo (1998). Sobre a alternativa não-discreta na linguística, *vd.* Moure (1996) e *infra* § 2.4.

2. A metalexicografia

recolhe sob a forma de “sentidos” que as palavras adquirem em determinados contextos já produzidos⁵⁶. Os dicionários serão, por conseguinte, dicionários de *parole*, não de *langue*⁵⁷, mostruários de significados de discurso ou significados da fala (Coseriu, 1979a: 18-20; 1987: 211-215), repositórios de variantes consolidadas pelo uso ou, em termos lexicográficos, acepções:

«Hemos dicho que la palabra aislada, que es como se presenta al lexicógrafo, es un núcleo de posibilidades significantes, poco menos que ilimitadas; pero hay algunas que se realizan con frecuencia y se repiten con igual valor en frases o combinaciones diversas, hasta el punto de individualizarse. [...]»
«Cada uno de estos sentidos especiales o generales es lo que en lexicografía se llama acepción.» (Casares, 1992: 57-58).

Um exemplo, no campo concreto da lexicografia, de que dentro do paradigma estruturalista chega a esquecer-se que o sentido de qualquer lexema inclui tanto as relações sintagmáticas como as paradigmáticas é o conhecido e frequentemente mal interpretado “princípio, ou prova, de substituição”, utilizado em lexicografia para comprovar que o definido é substituível pela definição (lei de sinonímia). Segundo este princípio lexicográfico, para que uma definição seja aceitável do ponto de vista lexicográfico, deverá ser possível substituir o *definiendum* pelo *definiens* sem se alterar o sentido:

«**La ley de la sinonimia.** Según el principio o ley de la sinonimia, el definido ha

⁵⁶ «Le sens des mots n'est ni transcendental ni produit par le contexte...il est la résultante des contextes déjà produits», escreve Rey-Debove (1973: 100-101).

⁵⁷ Embora não partilhemos a noção de semântica do professor Ramón Trujillo, uma semântica imanente, limitada exclusivamente às relações que se estabelecem entre os signos (*cf.* o dogmatismo ou “fundamentalismo” das palavras com que Trujillo (1993: 185) desqualifica «más del 90 por 100 de todas las baratijas pseudocientíficas que salen todos los días al mercado con el nombre de “semántica”»), coincidimos com o autor quando escreve:

«Pero el gran problema teórico del diccionario consiste en averiguar qué representa: si el saber lingüístico de una comunidad o sólo el conjunto de usos verificados de cada palabra. Si tiene la pretensión de constituir la formulación explícita de la competencia léxica, está claro que el diccionario que conocemos está muy lejos de haber alcanzado ese fin. En otras palabras: ¿debe el diccionario contener el significado de los signos o sólo ciertos usos de esos significados? Porque existe algo que los lexicógrafos no parecen tener todavía muy claro: una cosa es el significado o los significados, en su caso, de cada palabra, y otra eso que bajo la forma de acepciones o de usos figurados aparece en los diccionarios como los “significados” de las palabras.» (Trujillo, 1994: 73).

de ser substituíble por la definición. Para comprobarla se somete el artículo lexicográfico a la *prueba de la sustituibilidad*, según la cual para que una definición sea lexicográficamente aceptable, en una situación normal de lengua el significado debe poder sustituir al término definido sin que el sentido se altere.» (Martínez de Sousa, 1995: s.v. **definición lingüística**).

Não é difícil passar da exigência de “equivalência de sentido” entre o termo definido e a definição para a “equivalência gramatical”. Assim, segundo esta nova interpretação, este princípio lexicográfico vai exigir que a categoria gramatical do definido coincida necessariamente com a da sua definição, no sentido de que, por exemplo, se a palavra a definir for um substantivo, devemos utilizar na sua definição, outro substantivo ou uma construção substantivada, e não um verbo, por exemplo, de tal maneira que se possa substituir um pelo outro. São muitas as amostras que podíamos fornecer desta interpretação do princípio de substituição. Vejamos só uma, relativamente recente e de um texto de lexicografia teórica:

«Recordemos, por otra parte, que la vinculación arriba apuntada entre categoría gramatical del lema y definición resulta indispensable según el principio de sustitución, que exige que la definición sea susceptible de reemplazar al lema en un contexto dado, lo cual implica que debe respetarse el principio de identidad categorial entre ambas categorías de información lexicográfica.» (Blanco, 1995: 391) (o sublinhado é nosso).

Neste caso não só estamos perante a exigência de equivalência de categoria gramatical, mas também de equivalência sintagmática, e até contextual, como a que encontramos em Teixeira (1996: 230):

«Para ver se a coisa funcionava, ou seja, para ver se o dicionário apresenta mesmo as equivalências de sentido das palavras, imaginei alguém a tentar comprar ovos, mas em vez de utilizar esta palavra, ovo, utilizar as respectivas equivalências dicionarizadas.

Se se procurasse o actualíssimo, de 1994, 7ª edição, dicionário da Porto Editora, o pedido teria que ser assim: “*Faz favor: queria meia dúzia de ‘células que resultam da fecundação dos gâmetas’*”».

É evidente que o *definiente* deverá ser sinónimo —que tem a mesma (ou quase igual) significação (*Porto Editora*, s.v. **sinónimo**)— do *definiendum*. O facto de que este pode ser substituído por aquele será uma prova (como o próprio nome do princípio lexicográfico indica) de que ambos são sinónimos, mas não a causa. Como Alonso Ramos (1993: 70-71) indica, o princípio de substituição poderá ser um teste,

2. A metalexicografia

um instrumento para o linguista, por meio do qual se poderá confirmar a correção da definição, mas nunca será determinante no sentido de que toda a definição que não superar tal prova deverá ser considerada como incorrecta. Este teste poderá acarretar, como assinala a autora (Alonso Ramos, 1993: 138) a violação de algumas normas estilísticas ou até gramaticais, não devendo confundir-se «la sustituibilidad con la equivalencia sintagmática»:

«Por supuesto, la sustitución puede llevar consigo la violación de normas estilísticas e incluso gramaticales. No se trata de un simple concatenación de cadenas de palabras. [...] La condición que debe cumplir la sustitución es la preservación absoluta del sentido desde el punto de vista de la equivalencia lógica. La sustituibilidad es un instrumento de trabajo que asegura la equivalencia del sentido del *definiens* y del *definiendum*, no la equivalencia de expresiones lingüísticas: es obvio que un lexema y toda una oración que sirve de definición no tienen las mismas propiedades sintagmáticas.» (Alonso Ramos, 1993: 70-71).

Também para Porto Dapena (Porto, 1988: 133-137) não se deve confundir “equivalência sintáctica” e “equivalência semântica” ou “relação sinonímica”:

«la identidad de contenido no supone identidad de comportamiento sintáctico y, aun en el caso de que se dé esta última, pueden existir restricciones contextuales, de manera que la sustitución sea posible en ciertos contextos, pero no en otros» (Porto, 1988: 137).

O que nos traz, novamente, à questão principal que nos ocupa, a das relações léxico-semânticas sintagmáticas.

Dentro do paradigma estruturalista, são raros os estudos lexicais que se ocuparam deste tipo de relações léxico-semânticas, chegando a esquecer-se, até, que o sentido de qualquer lexema inclui tanto as relações sintagmáticas como as paradigmáticas. Dois exemplos disto, enquadrados na tradição metalexigráfica francesa e espanhola dos anos setenta, em pleno apogeu dos modelos estruturalista e generativista, são Josette Rey-Debove (1971) e, baseando-se nesta autora, Manuel Seco (1987) que, a partir do que consideramos uma interpretação errada do “princípio de substituição”, distinguem respectivamente entre “*définition*” ou “*contenido de la definición*” (que contém os elementos constitutivos do significado) e “*entourage*” ou “*contorno*” (que contém os elementos habituais do contexto)⁵⁸,

⁵⁸ Para uma crítica brilhante ao conceito de “contorno” na definição lexicográfica, *vd.* Alonso Ramos

atribuindo as mesmas propriedades sintagmáticas tanto ao lexema que se está a definir como ao conjunto de sinónimos, frases ou orações que servem para defini-lo.

Assim, por exemplo, Manuel Seco (1987) escreve:

«En las definiciones de GALOPAR, LATIR, DECAMPAR, LEGAR, los sujetos potenciales (“el caballo”, “una persona”, “el perro”, “el corazón, las arterias y a veces los capilares y algunas venas”, “un ejército”, “una persona”) *no forman parte del contenido* de los respectivos verbos, y por tanto no es adecuada su presencia indiferenciada, como un elemento más, en las correspondientes perífrasis definitorias» (Seco, 1987: 42-43).

Como podemos comprovar por alguns exemplos seleccionados entre as primeiras entradas do *Dicionário da Porto Editora* que a seguir apresentamos, o conceito de contorno está presente também na prática lexicográfica portuguesa. Encontramo-lo explicitamente marcado com parênteses:

- abatatado**, *adj.* em forma de batata; grosso e redondo (nariz); ...
- abelidar-se**, *v. refl.* criar belida ou névoa (os olhos). ...
- abichar**, *v. tr.* formar em bicha; pôr a isca em (anzol);...
- abretanhado**, *adj.* que dá ideia de bretanha (tecido). ...
- abrupto**, *adj.* quase a pique; escarpado; repentino; solto (estilo). ...
- acalentar**, *v. tr.* aconchegar ao peito; adormecer; aplacar; consolar; aquecer; trazer na mente (uma ideia) com desejo de a ver realizada
- acarneirado**, *adj.* semelhante a carneiro; manso; submisso; torto das patas dianteiras (cavalo); ...
- acme**, *s. f.* auge (de uma vida, de um desejo, de uma doença, de uma instituição, de uma doutrina);
- açular**, *v. tr.* incitar (um cão) a morder; ...
- acurvilhar**, *v. intr.* ajoelhar (a cavalgada). ...
- afarar-se**, *v. refl.* adquirir faro (o cão).
- afitar**, *v. tr.* ... **2.** *v. tr.* fitar; olhar fixamente; arrebitar (as orelhas); dirigir ao fito. ...
- afogado**, *adj.* asfixiado por submersão; (fig.) não decotado (vestido);
- afitar**, *v. tr.* ... **2.** *v. tr.* tornar forro (o escravo); libertar; ...
- et passim.*

Mas também marcados na definição por meio de expressões como “diz-se de”, “designativo de” ou “aplica-se a” (embora não pareça ser o caso desta última no

Porto Editora):

acarneirado, *adj.* semelhante a carneiro; manso; submisso; torto das patas dianteiras (cavalo); diz-se do mar quando salpicado de espuma; (geol.) designativo das rochas polidas por glaciares. ...

abafado, *adj.* tapado; sufocado; apertado; oprimido; oculto; diz-se do vinho que se não deixou fermentar. ...

abatido, *adj.* abaixado; derrubado; fraco; magro; morto; deprimido; desalentado; humilhado; subjugado; (arq.) diz-se da abóbada ou do arco cuja flecha é menos de metade da sua abertura. ...

abertiço, *adj.* fácil de abrir; que não adere; diz-se de uma espécie de linho rijo e comprido....

aborregado, *adj.* semelhante a borrego; diz-se do estado do céu quando apresenta nuvens semelhantes a velos de lã; (geol.) diz-se das rochas polidas e modeladas pela erosão glaciária; ...

acavaletado, *adj.* diz-se do nariz aquilino ou em forma de cavalete. ...

adamado, *adj.* com jeitos de dama; efeminado; diz-se do vinho com pequena graduação alcoólica e do vinho adocicado. ...

abafadiço, *adj.* designativo do lugar onde falta o ar; ...

acapno, *adj.* que não produz fumo; designativo do melhor mel que se extrai da colmeia, sem afugentar as abelhas com fumo; ...

áfrico, *adj.* vento ou designativo do vento do sudoeste, ...

agnelino, *adj.* designativo da primeira lã dos cordeiros. ...

et passim.

Não o conceito, evidentemente, mas sim a prática, encontramos-la também nas primeiras amostras lexicográficas peninsulares⁵⁹ acima apresentadas. Assim, tanto no *Dictionarium ex lusitanico latinum sermonem*, de Jerónimo Cardoso (edição de 1562) como no *Vocabulario de romance en latin*, de Antonio de Nebrija (edição de 1516), para além de se registar, como lema, diferentes acepções do lexema provenientes da combinação com outros lexemas para, desta maneira, dar cabimento às diferentes acepções ou correspondências latinas (*vd. supra*), indica-se, com o

⁵⁹ A perda de importância das relações sintagmáticas na análise e descrição linguística é um processo que começa já a produzir-se, segundo Telmo Verdelho, nos glossários medievais:

«O que sobretudo no [sic] interessa de momento, na consideração destes glossários, é o seu valor verdadeiramente genético, em relação à ciência lexicográfica. É o início de uma actividade metalinguística em que o significante se desprende completamente da relação e dos vínculos sintagmáticos, abandona as suas funções textuais e se integra em paradigmas artificiais para ser reinvestido em toda uma estratégia de alargamento da competência linguística do indivíduo e da comunidade.» (Verdelho, 1988: 228-229).

mesmo intuito, o complemento directo ou o sujeito de alguns verbos, como por exemplo, no *Nebrija*: ^E*cantar el tordo*, ^E*cabestrar bestia*.

Os dois autores diferenciam formalmente nas entradas a forma em função de sujeito da forma em função de complemento. Assim, *Nebrija* faz acompanhar o sujeito do artigo definido, enquanto apresenta o complemento sem este determinante:

sujeito	complemento directo
Cantar <u>el tordo o zorzal</u> . trutilo.as.avi.	Cabestrar <u>bestia</u> . capistro.as.
Cantar <u>el estornino</u> . pisito.as.avi.	Caçar <u>aves</u> . aucupor.aris.
Cantar <u>la perdiz</u> . cacabo.as.avi.	Caçar <u>fieras</u> o montear. venor.aris
Cantar <u>la tórtola o paloma</u> . grino.is.	Capitanear <u>gente</u> . duco exercitum
Cantar <u>la paloma torcaz</u> . plausito.as.	(<i>et passim</i>).
(<i>et passim</i>)	

Do ponto de vista sintagmático é interessante a diferenciação formal que encontramos no *Dicionário* de Cardoso entre o sintagma nominal em função de sujeito e o sintagma nominal em função de complemento: as formas do artigo que acompanham os nomes em função de complemento directo vêm-se afectadas por um fenómeno de fonética sintáctica, produzindo-se a assimilação entre a terminação do infinitivo verbal e a forma do artigo característica dos textos medievais galego-portugueses, assimilação marcada no português escrito até ao século XVIII e ainda presente em alguns falares regionais de Portugal (Vázquez Cuesta & Mendes da Luz, 1983: 365). Porém, as formas do artigo que acompanham o sujeito não se vêm afectadas por esta assimilação de tipo fonotático, mesmo quando este último aparece posposto por uma questão convencional de maior clareza lexicográfica:

sujeito	complemento directo
Cas <u>ar</u> o homem. Vxorem ducere.	cas <u>ala</u> mulher.s.darlhe marido. Elo loco, as, donuptum
cas <u>ar</u> a mulher. Nubo, is, nupsi.	cas <u>alo</u> homem.s.darlhe mulher. Vxoremdo.
(<i>et passim</i>).	(<i>et passim</i>).

Como talvez já soubessem os autores destes primeiros dicionários bilingues, as possibilidades colocacionais (de combinação lexical) e combinatórias em geral (usos sintáctico-semânticos) assim como os usos pragmáticos das potenciais unidades lexicográficas são três tipos de informação de que não pode prescindir

2. A metalexicografia

qualquer dicionário que pretenda ser uma ferramenta útil para a codificação linguística:

«Debe insistirse en que tal tipo de información sólo resulta esencial si queremos que entre las funciones del diccionario figure el uso efectivo del léxico y no sólo su reconocimiento. En efecto, para reconocer, identificar o, sencillamente, entender el significado de una unidad léxica es necesaria una cantidad de información mucho menor que la que se precisa para usar con propiedad dicha unidad.» (Bosque, 1982: 118).

Assim, como podemos constatar nos exemplos que a seguir apresentaremos, o dicionário bilingue de espanhol/português não poderá limitar-se a proporcionar apenas uma simples listagem das palavras existentes numa língua e o seu equivalente, também em forma de palavras, na outra. Deverá também informar sobre as capacidades colocacionais das mesmas e, em geral, sobre os contextos (linguísticos e situacionais) de uso das mesmas. Se não for assim, e como de facto se pode concluir após uma consulta aos dicionários bilingues de espanhol/português existentes hoje no mercado, alguém que não conheça suficientemente bem as duas línguas poderá concluir que as diferenças entre uma e outra são apenas de tipo gráfico ou pouco mais.

E não nos estamos a referir exclusivamente a questões puramente idiomáticas, como é o caso de exemplos do tipo:

^E*lirón* = ^P*arganaz*, mas cf.: ^E*Dormir como un lirón* : ^P*Dormir como uma pedra*
^E*tapia* = ^P*taipa*, mas cf.: ^E*Sordo como una tapia*: ^P*Surdo como uma porta*.

A questão ultrapassa o puramente idiomático para entrar em aspectos não só de tipo morfológico, sintáctico ou semântico, como por exemplo:

^E*roto* = ^P*roto*, mas cf.: ^E*Los zapatos se habían roto*: ^P*Os sapatos tinham-se rompido*;
^E*constipado* = ^P*constipado*, mas cf.: ^E*Un buen constipado*: ^P*Uma boa constipação*;
^E*cansado* = ^P*cansado*, mas cf.: ^E*Trabajo cansado* : ^P*Trabalho cansativo*;
^E*presidir* = ^P*presidir*, mas cf.: ^E*Presidir una reunión* : ^P*Presidir a uma reunião*;
^E*recurrir* = ^P*recorrer*, mas cf.: ^E*Recurrir la decisión* : ^P*Recorrer da decisão*;
^E*tierno* = ^P*terno*, mas cf.: ^E*Legumbres tiernas* : ^P*Legumes tenros*;
^E*tierno* = ^P*terno*, mas cf.: ^E*Canciones tiernas* : ^P*Canções ternas*;
^E*estar* = ^P*estar*, mas cf.: ^E*Estar prohibido* : ^P*Ser proibido*;
^E*ser* = ^P*ser*, mas cf.: ^E*Ser inocente* : ^P*Estar inocente*;
^E*estar* = ^P*estar*, mas cf.: ^E*Estar obligado a* : ^P*Ser obrigado a*;
^E*Estar bien equipado* : ^P*Ser bem equipado*;
^E*arrancar* = ^P*arrancar*, mas cf.: ^E*El motor no arranca* : ^P*O motor não pega*;

^Earrojadizo = ^Parrojadizo, mas cf.: ^EArma arrojadiza : ^PArma de arremesso;
^Eaislante = ^Pisolante, mas cf.: ^ECinta aislante : ^PFita isoladora;
^Ede = ^Pde, mas cf.: ^ECaza de brujas : ^PCaça às bruxas;
^Ede = ^Pde, mas cf.: ^EEstar de más : ^PEstar a mais;
^Eadormecido = ^Padormecido, mas cf.: ^EPie adormecido : ^PPé dormente;
^Equitar = ^Ptirar, mas cf.: ^EQuitarse las gafas : ^PTirar os óculos;
^Erecurrir = ^Precorrer, mas cf.: ^ERecurrir la decisión : ^PRecorrer da decisão;
^Emusculoso = ^Pmusculoso, mas cf.: ^EBrazos musculosos : ^PBraços musculados;

como também em aspectos de tipo puramente lexical que as regras da gramática não conseguem descrever:

^Eazucarero = ^Paçucareiro, mas cf.: ^ERemolacha azucarera : ^PBeterraba sacarina;
^Een = ^Pa, mas cf.: ^ETelevisión en color : ^PTelevisão a cores;
^Eentero = ^Pinteiro, mas cf.: ^ELeche entera : ^PLeite gordo;
^Eforzoso = ^Pforçoso, mas cf.: ^EAterrizaje forzoso : ^PAterragem forçada;
^Ehacer = ^Pfazer, mas cf.: ^EHacer una fotocopia : ^PTirar uma fotocópia;
^Ehacer = ^Pfazer, mas cf.: ^EHacer una sugerencia : ^PDar uma sugestão;
^Ehacer = ^Pfazer, mas cf.: ^EHoy hace frío : ^PHoje está frio;
^Eir = ^Pir, mas cf.: ^EIrse la luz : ^PFalhar a luz;
^Elatido = ^Platido, mas cf.: ^ELatidos del corazón : ^PBatidas do coração.
^Eleve = ^Pleve, mas cf.: ^EHeridos leves : ^PFeridos ligeiros;
^Ellevar = ^Plevar, mas cf.: ^ELlevarse bien : ^PDar-se bem;
^Emontar = ^Pmontar, mas cf.: ^EMontar la nata : ^PBater as natas;
^Eprovecho = ^Pproveito, mas cf.: ^EBuen provecho : ^PBom apetite;
^Erellenar = ^Preencher, mas cf.: ^ERellenar un impreso : ^PPreencher um impresso;
^Esacar = ^Psacar, mas cf.: ^ESacar una conclusión : ^PTirar uma conclusão;
^Eseguir = ^Pseguir, mas cf.: ^ESeguir una película en inglés : ^PAcompanhar um filme em inglês;
^Etener = ^Pter, mas cf.: ^ETener sentido : ^PFazer sentido;
^Everde = ^Pverde, mas cf.: ^EChiste verde : ^PPiada picante (porca);

O dicionário deverá informar, portanto, sobre o funcionamento dos equivalentes em contextos (linguísticos e situacionais) reais, sem que a categoria morfo-sintáctica de uma unidade lexical da língua de partida tenha de coincidir necessariamente com a categoria da unidade lexical equivalente na língua de chegada, uma vez que o mesmo conceito poderá ser intensionalizado, verbalizado, nas duas línguas de forma diferente (através de palavras, frases, sintagmas, etc.), ora lexicalmente, ora gramaticalmente. Desta forma, um lexema na língua de partida poderá ter como equivalente na língua de chegada uma combinação de lexemas, e vice-versa, uma combinação de lexemas na língua de partida poderá ter como equivalente na língua de chegada um único lexema.

2. A metalexicografia

Esta questão tão evidente de que os equivalentes num dicionário bilingue não têm que coincidir quanto à categoria gramatical é muito frequentemente esquecida ao constranger a unidade lexicográfica dentro dos limites da palavra. Repare-se em alguns dos exemplos anteriores:

^E*caer* = ^P*cair*, mas *cf.*: ^E*Caerse*: ^P*Dar uma queda*;
^E*quitar* = ^P*tirar*, mas *cf.*: ^E*Quitarse las gafas*: ^P*Tirar os óculos*;
^E*recurrir* = ^P*recorrer*, mas *cf.*: ^E*Recurrir la decisión*: ^P*Recorrer da decisão*;
^E*presidir* = ^P*presidir*, mas *cf.*: ^E*Presidir la reunión*: ^P*Presidir à reunião*.

Será novamente a má interpretação do chamado princípio lexicográfico de substituição de que falámos que leva ainda muitos autores de dicionários bilingues a afirmar a conveniência de que os equivalentes pertençam à mesma categoria gramatical que o lema, contrariamente ao que se pode constatar na prática da tradução⁶⁰:

^E*Trasnochar así acaba conmigo*: ^P*Estas noitadas dão cabo de mim*;
^E*La fruta está llena de magulladuras*: ^P*A fruta está toda pisada*;
^E*Lleno* (adjectivo): ^P*Ateste* (verbo) [o depósito, numa bomba de gasolina].

Este é, como veremos no capítulo 7º, um dos maiores problemas com que se enfrenta o lexicógrafo se optar por construir exemplos *ad hoc*: o facto de ficar excessivamente preso à estrutura da frase na língua de partida, construindo equivalentes errados, pouco usados ou pragmaticamente inaceitáveis, como, por exemplo:

^E*La fruta está llena de magulladuras*: ^{P#}*A fruta está cheia de pisaduras*, ou
^E*Lleno* (adjectivo): ^{P#}*Cheio* (verbo) [o depósito, numa bomba de gasolina].

Repare-se por exemplo nos casos da palavra espanhola ^E*ladrillazo*, cujo equivalente em português poderia ser ^P*tijolada*, mas que raramente funcionará num contexto real (^E*casi llevo un ladrillazo*: ^{P*}*quase levo uma tijolada*), ou o adjectivo ^E*lácteo*, cujo equivalente português será também ^P*lácteo*, salvo nas colocações

⁶⁰ Assim, por exemplo, Blanco (1995) afirma:

«Dicho principio [de substituição] debe contemplarse igualmente en el caso de los diccionarios bilingües, que, por defecto, deben ofrecer equivalentes de traducción pertenecientes a la misma categoría gramatical que el lema.» (Blanco, 1995: 391).

^P#*Productos lácteos*, ^{P*}*Indústrias lácteas*, em que não se usa:

ladrillazo *s.m.* Tijolada, golpe de tijolo. • **Llevar un l~:** Apanhar com um tijolo;
Al pasar por debajo de los andamios, casi llevo un ladrillazo: Ao passar por
debaixo dos andaimes, quase apanho com um tijolo.

lácteo, a *adj.* Lácteo (relativo ao leite ou a qualquer produto da indústria do
leite); *Una dieta láctea:* Uma dieta láctea. *vd. lechero. 2.* Lácteo (que tem cor
ou aparência de leite); *Aspecto lácteo:* Aspecto lácteo; *vd. lechoso. •*
Productos ~s: Lacticínios. **Industrias lácteas:** Indústrias de lacticínios.

No capítulo 6º tentaremos estabelecer qual deverá ser a unidade de análise e descrição lexicográficas. Veremos como, dado o carácter não composicional da unidade lexicográfica, esta nunca poderá ser uma unidade inferior à palavra (monemas), restando, deste modo, como única solução, um tipo de unidade lexicográfica igual ou superior à palavra, que estará muito próximo do conceito de *lexia*.

Contudo, as relações sintagmáticas que se estabelecem entre os elementos que conformam as unidades lexicográficas assim concebidas situam estas estruturas a meio caminho entre a lexicalização e a gramaticalização, por um lado, e a *langue* e a *parole*, por outro. Assim, ao ultrapassar os limites da palavra como unidade lexicográfica depararemos com novos problemas, nomeadamente no que se refere à questão do estabelecimento dos limites superiores das mesmas. Rey-Debove (1973: 92) oferece o exemplo de «“maillot de bain féminin d’une seule pièce dégageant les côtes, le bas du dos et les hanches”, modèle actuel sans nom»: Que combinações lexicais devem ser incluídas como unidades lexicográficas? Como devem ser lematizadas tais combinações lexicais? O que devemos entender por *locuções*⁶¹?, etc.

Contudo, não temos dúvidas quanto ao benefício que esta maneira de encarar as estruturas pluriverbais como objecto de análise e como categorias

⁶¹ Para utilizar um dos muitos termos usados para referir-se a vários tipos de unidades pluriverbiais, pois tanto na prática lexicográfica como na bibliografia teórica sobre o assunto, há uma grande confusão na hora de classificar este tipo de fenómenos assim como uma multiplicidade terminológica que acentua ainda mais o problema. O que é que distingue entre si termos como *frasema*, *colocação*, *solidariedade lexical*, *modismo*, *locução*, *frase feita*, *expressão idiomática*, *idiomatismo*, *expressão fixa*, *lexia complexa*, *unidade fraseológica*, *fraseologismo*, *sintagma*, *construção fossilizada*? (*vd. Vilela, 1995: 99, nota 6*).

2. A metalexigrafia

lexicográficas pode trazer para o estudo e a descrição do léxico de uma língua (tanto do ponto de vista lexicográfico como lexicológico), porque supõe «un avance en la concreción de temas largamente intuitidos pero poco meditados» (Aguilar-Amat, 1993: 219), ultrapassando tanto os métodos pré-científicos e as categorizações impressionistas tradicionalmente utilizadas na lexicografia como também categorizações da gramática tradicional ou da linguística estruturalista que pouca ou nenhuma utilidade têm na análise e descrição lexicográficas de uma língua.

Retomaremos, pois, esta questão nos capítulos 3º e 6º.

2.1.3. Ausência de investigação metalexigráfica

Relacionado com as duas questões anteriores, a separação na linguística moderna entre léxico e gramática e o problema da palavra como unidade lexical, está o terceiro ponto que referimos em § 2.1: a ausência de investigação metalexigráfica.

Com efeito, até agora, era patente o desconhecimento mútuo em que viviam a investigação linguística e a prática lexicográfica:

«Pese a muchos resultados positivos, la lexicografía, tal como se nos presenta hasta nuestros días, no satisface plenamente, debido a que sólo puede cumplir eficazmente su misión —la elaboración de diccionarios— en estrecho contacto con la lingüística, y este contacto, en gran parte, ha dejado bastante que desear.» (Haensch & Wolf, 1982: 17).

A linguística teórica (e a semântica em particular) não tem demonstrado interesse suficiente pelos problemas relativos à lexicografia e ao dicionário assim como pelos dados linguísticos que a prática lexicográfica e o dicionário podem revelar à linguística teórica e que esta ignora por considerar irrelevantes do ponto de vista teórico (Geeraerts, 1987: 1). Por outro lado, também é verdade que muitos lexicógrafos não deram a devida atenção aos avanços das teorias linguísticas modernas, esforçando-se por aplicá-las aos seus dicionários (Al-kasimi, 1983: 3). Tal situação não deverá melhorar, escreve este autor (*id.*, 4), até os lexicógrafos não aprenderem qualquer coisa sobre o que os teóricos dizem e até os teóricos não se familiarizarem mais com os dados pertinentes e reais relativos à língua e às necessidades dos utilizadores de dicionários.

É neste contexto que, até há pouco mais do que duas décadas, se desenvolveu a moderna lexicografia, que, como indica Wierzbicka, ficou reduzida exclusivamente a uma prática, actuando num total vazio teórico, enquanto a semântica se movia num total vazio empírico:

«And indeed, in the past 'lexicography' meant practice, whereas 'semantics' meant theory. This being so, lexicography usually proceeded largely in a theoretical vacuum, whereas semantics proceeded largely in an empirical vacuum. Semantic theories flourished, often propped up on a single 'example', such as the notorious bachelor, while lexicographers described thousands of words regardless of any semantic theories whatsoever.» (Wierzbicka, 1985: 5).

Esta falta de interesse da linguística moderna pelos problemas relativos à lexicografia talvez tenha sido motivado, como indica Rey-Debove (1970: 8), porque a própria linguística teórica “n’est pas pour l’instant en mesure de produire un dictionnaire”. Efectivamente, tanto a linguística estruturalista europeia como a Gramática Generativa, não só tenderam a expulsar a lexicografia do âmbito da linguística teórica, como não conseguiram elaborar dentro dos seus modelos uma teoria lexicográfica adequada:

«Et il n’est pas étonnant de voir que linguistes comme Katz et Fodor qui construisent une théorie du lexique sur les énoncés lexicographiques aboutissent à une impasse; il leur est impossible de résoudre par ce discours les problèmes scientifiques que pose la place du lexique dans une théorie linguistique. (Dubois, 1970: 47).

2. A metalexigrafia

Embora as palavras de Rey-Debove e de Dubois sejam de 1970, a situação, ou melhor, as atitudes no âmbito dos paradigmas dominantes da linguística teórica pouco mudaram nos últimos trinta anos, o que quiçá não tenha acontecido no âmbito da lexicografia e, em geral, da linguística aplicada, entre outras coisas porque, como veremos (*vd. infra* § 2.3), neste campo, as teorias devem ser interpretadas também do ponto de vista da sua viabilidade (Al-Kasimi, 1983: 4).

Um exemplo de como a moderna linguística teórica não conseguiu elaborar uma teoria lexicográfica adequada pode ser o facto de que o aspecto mais importante dos primeiros dicionários para estudantes de inglês como língua estrangeira, elaborados na década de quarenta, assim como da teoria em que se baseavam, era que «they were the achievements of experienced teachers, with an acute sense of the study needs of overseas students» (Cowie, 1983a: 135).

Como escreve Haensch (1997: 16), a lexicografia desenvolveu-se num âmbito pré-científico, improvisando os seus métodos e as suas técnicas, que repete rotineiramente, assumindo-se, como dissemos, como uma disciplina meramente prática, «an art which cannot abide by the objective methodology of modern linguistics» (Al-Kasimi, 1983: 3). Neste contexto, o autor de dicionários está desobrigado, em certa medida, de não produzir qualquer reflexão teórica lexicográfica, relegando esta actividade para a linguística geral ou teórica. A linguística geral assume desta maneira a dimensão teórica correspondente à lexicografia, cujas actividades ficarão reduzidas a meras técnicas ou aplicações (*vd. infra* § 2.3). Não deixamos de reconhecer que de facto estamos perante um círculo vicioso: a lexicografia é concebida como técnica ou prática, não atingindo a categoria de ciência, porque não há investigação teórica no campo da lexicografia e não há investigação metalexicográfica porque não se concebe a lexicografia como ciência, mas só como mera prática.

Como vimos (*vd. supra* § 2.1.1), uma vez que se assume que não é necessário explicitar no dicionário toda a informação gramatical, também não se exige ao labor do lexicógrafo o mesmo rigor científico que o que presumivelmente se exige ao linguista na descrição gramatical. Como dissemos, o dicionário é concebido

como um instrumento, um objecto prático, cuja finalidade não será a análise e descrição exaustiva da língua, labor que corresponde mais ao gramático ou ao semanticista:

«...existe una diferencia importante entre la utilidad que persigue el diccionario (un objeto práctico que se maneja como instrumento) y la finalidad teórica que persigue el semantista en sus investigaciones, cuyo destinatario es el lingüista y no el hablante ordinario» (Bosque, 1982: 116).

Neste sentido, um lexicógrafo como Hartmann (1983b) também defende que, contra o que possa parecer, a finalidade principal para que é concebido o dicionário não é a pura descrição de usos. O dicionário é fundamentalmente uma obra de consulta, um instrumento didáctico e até um objecto sócio-cultural de consumo:

«Codifying usage is an important, but not the chief objective of dictionaries. Most lexicographers derive at least some satisfaction from the knowledge that the product of their labours can help ordinary language users in situations of communicative conflict or deficit.» (*idem*, 6).

Contudo, se se trata de um objecto assim tão prático e sem finalidades descritivas, é paradoxal o facto de se incluírem nele «des définitions de mots si communs que personne n’aurait l’idée de les y chercher» (Weinreich, 1970: 70). Este parece ser justamente um indício de que o objectivo do dicionário é, também, fazer um descrição da língua, ou melhor, uma descrição lexicográfica da língua, aproximando-se da competência de um usuário ideal⁶².

⁶² Para Rey-Debove (1970), o projecto lexicográfico não é científico, é um projecto ingénuo, “naïf”, uma vez que pretende construir a competência e não descrevê-la, como faz a linguística:

«Le project naïf du dictionnaire est justement de s’approcher dans sa description de cette compétence de “l’usager idéal qui saurait parfaitement sa langue”. Le dictionnaire construit pour chacun LA compétence: il apprend à tout lecteur des items nouveaux. [...] Il n’y a guère de famille qui n’ait un dictionnaire, alors que les grammaires y sont rares: il s’agit bien d’avoir sous la main des informations destinées à construire la compétence non pas à la décrire (c’est-à-dire à l’expliciter et à l’améliorer)» (Rey-Debove, 1970: 7).

D. Corbin (1980: 61-64) critica esta autora afirmando que há aqui uma confusão entre o nível da competência e o nível da actuação, ou, em todo o caso, entre o nível da competência pragmática e o da competência linguística em sentido restrito: quando Rey-Debove fala de que nenhuma pessoa conhece todas as palavras do léxico de uma língua, está a falar em actuação (*performance*) e não do falante ideal que seria propriamente o da competência lexical.

2. A metalexicografia

Por outro lado, será importante lembrar, como faremos ao falar da necessidade de que a linguística aplicada elabore a sua própria teoria (*vd. infra* § 2.2 e § 2.3), que aspectos que podem ser o fulcro de determinadas teorias lexicológicas ou semânticas podem ter pouco ou nenhum interesse na elaboração de dicionários. Assim, por exemplo, uma boa descrição lexicográfica deverá utilizar uma metalinguagem adequada, o que não significa que tenha de ser formalmente muito elaborada, com «esoteric terminology and esoteric analytical devices» (Wierzbicka, 1985: 7). Uma definição lexicográfica é uma perífrase, não uma análise componencial, o que não lhe restará nenhum rigor científico à mesma:

«El lexicógrafo no puede ir tan lejos como el semántico en la abstracción metalingüística; deberá procurar que el lector encuentre mediante el diccionario la información que busca sin necesidad de ser un erudito. Una perífrasis no es un análisis componencial: ¿qué importancia puede tener para el lexicógrafo que *silla* se clasifique como “no comestible”!» (Baylon & Fabre, 1994: 197).

Como escreve Umberto Eco (1990: 156), a função dos hiperónimos num dicionário não é mais do que «meros artificios *estenográficos* que los diccionarios utilizan para no tener que proporcionar otras informaciones ‘sobrentendidas’ y no complicar demasiado las definiciones».

Contudo, como veremos (*vd.* § 5.1 e § 5.3), serão muitos os lexicógrafos que, ao distinguir o dicionário da enciclopédia, assumirão, por exemplo, o ponto de vista da semântica estruturalista, e entenderão o significado das palavras exclusivamente do ponto de vista intensional, quer dizer como a «correspondence between two linguistics expressions» (Leech, 1974, *apud* Haiman, 1980: 332). E vice-versa, para a maior parte dos teóricos da lexicológica e da semântica em geral, como veremos no capítulo 5, «la semántica — o la lingüística — no podrá ocuparse de las definiciones de las cosas, que quedarán para la lexicografía, disciplina híbrida que debe apoyarse en conocimientos externos al lenguaje.» (Trujillo, 1993: 209):

«Las partes de que se compone una silla, la composición química del agua, o el concepto físico del sonido, serán saberes imprescindibles para el lexicógrafo, pero de nada servirían al lingüista, cuyo punto de vista es el del funcionamiento del mecanismo gramatical, plano donde las propiedades de las cosas en tanto que tales no intervienen para nada. La información semántico-gramatical se reduce a los rasgos distintivos de las categorías y de los morfemas y sintagmas, ...» (*ib.*).

Duma perspectiva lexicográfica, podemos até concordar com estas afirmações. Falar em lexicografia é falar em dicionários e na maneira como este tipo de obras trata o significado das palavras. Neste sentido, se não para o linguista, sim para o lexicógrafo, o conhecimento enciclopédico será fundamental no momento de definir uma cadeira.

Mas isso não significa de modo nenhum que a lexicografia deva prescindir de uma reflexão teórica (prévia, mas também paralela à actividade prática de elaborar dicionários) sobre como se deverá fazer a análise lexicográfica duma língua. Esta reflexão metalexiconográfica, centrada de maneira especial na análise lexical, semântica e pragmática, o que também inclui aspectos de conhecimento enciclopédico, cobra mais importância e urgência se, como parece depreender-se das palavras de Trujillo, a linguística teórica rejeita tal actividade como própria. Como já dissemos (*vd. supra* § 1.3), é necessário que os dicionários deixem de ser produtos feitos segundo a intuição do lexicógrafo para passarem a ser elaborados segundo princípios teóricos e metodológicos previamente estabelecidos. Evidentemente que muitas dessas intuições, das rotinas e das estratégias utilizadas durante séculos de prática lexicográfica, constituirão, após uma análise apurada sobre a sua pertinência, uma parte importante destes princípios teóricos e metodológicos que, dentro ou fora do marco teórico da linguística geral, deverão reger a elaboração de dicionários:

«Defining the meaning of words has been for at least twenty-five centuries a characteristic ingredient of European culture. With the advent of modern dictionaries this activity has become institutionalized and its place in Western civilization has become even more important. Yet the methodology of lexico-semantic analysis has not progressed very far, at least in the sense that no consensus has emerged among scholars as to what its basic principles should be. Certainly, the continuous lexicographic practice of the last two centuries has developed certain routines, certain habitual devices. But the theoretical assumptions implicit in these routines have seldom been the subject of serious analysis.» (Wierzbicka, 1985: 11).

É evidente que um maior contacto entre a lexicografia e a linguística geral, o que não aconteceu até agora (Haensch & Wolf, 1982: 17), só enriquecerá ambas as disciplinas. Mas também é claro que a prática lexicográfica necessita de uma disciplina teórica específica: a metalexiconografia, que deverá ocupar-se, para além de aspectos extralinguísticos, como, por exemplo, criar novas necessidades nos

2. A metalexicografia

usuários, isto é, formar os usuários, etc., de aspectos importantes para a descrição lexicográfica de uma língua que a linguística teórica tem desatendidos, como por exemplo, as relações sintagmáticas que se estabelecem entre as palavras para poder dar uma informação válida e completa sobre o uso contextual e co-textual das mesmas.

Como veremos (*vd. infra* § 2.2), pensamos que há uma diferença entre a lexicologia e a lexicografia como actividade teórica. Adaptando as palavras de J. Sager (1993: 22) aplicadas à terminologia, entendemos que a lexicografia deverá construir as suas próprias teorias sobre o léxico e uma metodologia particular fundada nessas teorias. As unidades lexicais deverão ser descritas no âmbito da lexicografia teórica de maneira diferente, abrangendo todos os aspectos linguísticos e enciclopédicos que forem pertinentes para uma completa definição lexicográfica das mesmas, sem necessidade de reduzir o significado a abstracções de laboratório, independentes do contexto, à boa maneira cartesiana, como é o caso das análises componenciais em conjuntos (ou até pares) de traços mínimos opositivos da tradição estruturalista (Geeraerts, 1990: 196) ou generativista. No futuro, a linguística geral herdeira destes modelos poderá ter muitas coisas a dizer sobre a prática e a teoria lexicográfica, mas para isso pensamos que, ou abandona o caminho percorrido durante este século XX, ou as «lexicographical metatheories had better abandon all hope of building an adequate theory of lexicography on a linguistic basis that does not conform with their own experience.» (Geeraerts, 1990: 206).

Uma amostra da investigação metalexicográfica de que estamos a falar pode ser um trabalho como o de Wierzbicka (1985), *Lexicography and Conceptual Analysis*. As definições apresentadas pela autora não se preocupam nem com o tamanho⁶³, nem com a elegância⁶⁴, nem com qualquer tipo de roupagem

⁶³ Na teoria e na prática lexicográfica dos últimos anos, está muito divulgado o princípio de que o ideal é uma definição pequena e com um vocabulário simples e delimitado, tal vez por interferência ou má aplicação à lexicografia do conceito de *thesaurus* (*vd. infra* § 4.5). Em muitos casos, duvidamos da economia e da utilidade prática desse tipo de definições. Assim o entende também Moulin (1983: 149-150): « The idea of using a limited defining vocabulary is very appealing, but I can think of several cases where the concern for simplicity became an obstacle rather than a help».

formalista⁶⁵.

É evidente que este tipo de definição poderá não ser totalmente viável na prática lexicográfica, tal como a entendemos actualmente, onde, como dissemos, para além destes aspectos teórico-linguísticos intervêm outros critérios teórico-metodológicos de tipo prático, para além de aspectos puramente comerciais, o que nos conduz ao ponto seguinte: o facto de o dicionário e a enciclopédia, como textos ou obras de consulta, terem um carácter didáctico e sócio-cultural e serem objectos de consumo que se compram e se vendem.

⁶⁴ Neste sentido já se manifestava, em 1970, Uriel Weinreich:

«... les descriptions sémantiques devraient être aussi complètes et cohérentes que possible; elles devraient peut-être aussi être simples et élégantes, bien que les critères de simplicité — comme dans d'autres domaines — soient obscurs, et il faudrait se garder de sacrifier la cohérence à l'élégance, sacrifice qui est le fléau de beaucoup de dictionnaires existants.» (Weinreich, 1970: 70).

⁶⁵ Neste mesmo sentido também se manifesta o professor Mário Vilela, quando escreve que em lexicografia «As explicações das unidades léxicas feitas por meio de definições muito refinadas, ou por meio de um mecanismo formal muito complicado, são de utilidade duvidosa para o leitor médio» (Vilela, 1983: 142).

Como indica Umberto Eco, ao defender uma análise componencial em forma de enciclopédia, face à análise em forma de dicionário defendida no modelo de Katz e Fodor (1963):

«...a teoria da competência ideal de um falante ideal, que Katz se preocupa em defender contra o ataque da interação histórica e social, pode dar origem a uma elegante construção formal, arriscando-se porém a não ter a mínima utilidade, mesmo para um editor de dicionários...

«Naturalmente, ao se elaborar uma teoria semântica mais semelhante ao modelo de enciclopédia do que ao de dicionário, não se pode fugir a certas conseqüências, como a perda de certa perfeição formal na descrição...» (Eco, 1980: 89).

Como veremos no capítulo 5º, uma definição mais formal ou mais rigorosa do ponto de vista científico pode não ser pertinente na definição lexicográfica de uma acepção tomada em sentido corrente. É o caso, por exemplo, da palavra ^Pdia no *Porto Editora*, onde encontramos uma definição mais rigorosa, do ponto de vista científico, do que no *Diccionario de la Real Academia Española* (daqui para a frente DRAE), mas pouco útil, do ponto de vista lexicográfico e linguístico, para definir a acepção 'período de 24 horas' desta palavra.

2.1.4. O dicionário como produto final do trabalho do lexicógrafo

Falar em lexicografia é, portanto, falar em dicionários, em arquivos⁶⁶ de unidades lexicais. De facto, muitos dos problemas com que se debate um lexicógrafo são os mesmos que se colocam aos documentalistas ou aos arquivistas, nomeadamente os relativos ao armazenamento e à recuperação de informação.

A existência deste produto final talvez seja a diferença mais importante que podemos assinalar entre lexicografia e lexicologia (e a linguística teórica em geral), o que equivale a dizer, como acabamos de referir, que a lexicografia é eminentemente uma ciência aplicada (*vd. infra* § 2.3).

A distinção que Gleason (1975) faz entre produtos e níveis da investigação linguística (*vd. supra* § 2.1.1) também nos pode servir para diferenciar entre lexicologia e lexicografia: a gramática, entendida como sintaxe (isto é, como nível de análise) e a gramática, entendida como manual ou tratado gramatical (isto é, como produto), por um lado, e o léxico (como nível de análise) e o dicionário (como produto) por outro. A lexicografia trataria, portanto, de um *produto* da investigação linguística chamado dicionário, enquanto a lexicologia situar-se-ia num *nível* de análise da investigação linguística, o do léxico.

É evidente que no produto final que conforma o dicionário não só se reflectem princípios pertencentes ao nível de análise lexical, uma vez que entram em jogo aspectos de tipo pragmático e enciclopédico, aspectos que a linguística teórica moderna ainda é reticente em aceitar como objecto de estudo: «the influence of pragmatic principles precludes a characterization of lexicography as a linguistic discipline pure and simple.» (Geeraerts, 1989: 293), assim como também outros parâmetros para além dos linguísticos, agora no sentido lato do termo: «...lexicography is a purposeful human activity for which the principles of language

⁶⁶ O que não quer dizer que o dicionário seja um arquivo morto. Neste sentido, não concordamos com J. Dubois (1970: 46), quando afirma que o discurso do dicionário não é um discurso científico, na medida em que, por um lado, o autor acaba por se esquecer no anonimato, e por outro, o que é mais importante, apresenta a língua como um facto não discutível, fechado, não como um tema de tese com possibilidades de verificação ou de *falsação*.

are merely one among a number of parameters that determine the actual shape dictionaries take» (Geeraerts, 1989: 287). Assim, são também aspectos a tomar em consideração na elaboração de dicionários, por exemplo, critérios de tipo comercial (como o problema do tamanho do dicionário, o tempo de elaboração, o orçamento disponível, etc.); critérios de tipo sócio-cultural⁶⁷ e sócio-linguístico: o dicionário pode ser uma ferramenta fundamental nas políticas linguísticas⁶⁸ e atingir até a categoria de símbolo⁶⁹ (com lugares-comuns como “em todas as casas deveria haver um dicionário”); critérios de tipo didático (que responda a determinadas necessidades escolares ou de utilizadores de línguas maternas diferentes), ou até estéticos. Alguns destes critérios acabaram por manifestar-se como sendo incompatíveis entre si, o que converte o dicionário, segundo Haensch & Wolf (1982: 11), no «resultado de una serie de soluciones de compromiso entre el máximo deseado y el óptimum realizable».

Como veremos (*vd. infra* capítulo 6º), o dicionário está longe de apresentar a língua como uma abstracção. O lexicógrafo compila apenas um repositório de usos consolidados pela norma ou normas culturalmente favorecidas:

«Ce faisant, le lexicographe élabore lui aussi une image, partiellement artificielle, subjective et probablement trompeuse quant à une réalité objective qui nous reste inconnue. D’où les critiques des linguistes à l’adresse des dictionnaires, qui viennent du fait que la linguistique est en mesure de produire des modèles plus scientifiques, mais qui ne concernent qu’un objet élaboré, beaucoup plus abstrait et sans rapport direct avec le fonctionnement empirique du dictionnaire, en prise sur

⁶⁷ Como escreve G. Haensch (1997: 16):

«Hay que señalar también que la lexicografía ha estado mucho tiempo sometida a una serie de influencias extralingüísticas: corrientes ideológicas, censura política y eclesiástica, orientaciones de la filología, cánones socioculturales de cada época, como lo fueron el puritanismo o el purismo lingüístico, e incluso a gustos y modas, de modo que los diccionarios no han reflejado siempre fielmente la realidad de la lengua.»

⁶⁸ Um dicionário de português não terá o mesmo valor normativo em Portugal do que em Moçambique, em Timor ou na Galiza, por exemplo, onde, devido às peculiares situações sócio-linguísticas, não se pode pensar em dicionários puramente descritivos entendidos como meros registos do uso real da língua.

⁶⁹ E também símbolos nacionais. Como indica Al-Kasimi (1983: 2), o aparecimento dos dicionários norte-americanos foi devido ao zelo nacionalista: os dicionários Webster surgiram como reacção contra a ausência de informação relativa às instituições estado-unidenses nos dicionários britânicos contemporâneos.

2. A metalexicografia

l'usage social» (Rey, 1982: 30).

Mas, o facto de o objecto do dicionário não ser uma abstracção, isto é, não descrever a *langue*, não deverá implicar uma subvalorização do dicionário como produto, no que diz respeito à prática da lexicografia, nem, quanto aos aspectos teóricos, que não se possa construir, dentro do marco da linguística aplicada, uma teoria que oriente a descrição lexicográfica de uma língua e que caminhe no aperfeiçoamento do dicionário como instrumento de investigação científica.

Por outro lado, como veremos seguidamente, o mito da objectividade e da universalidade afasta-se cada vez mais nas descrições científicas contemporâneas, que longe de reflectir o mundo como um espelho, constroem as suas imagens «comme le cartographe fait sa carte, toujours incomplète, plus ou moins lisible, toujours arbitraire, mais selon un arbitraire contrôlé et cohérent (un code), ...» (*idem*, 29).

2.1.5. A questão da cientificidade da linguística no século XX

Por último, pensamos que uma das razões mais importantes que conduziu a esta subvalorização do dicionário como produto e como instrumento da investigação científica e, conseqüentemente, à subvalorização da própria investigação lexicográfica, foi a necessidade que a linguística teórica nascida no século XIX teve de se afirmar como ciência. Assim, neste afã epistemológico, «de la part de ceux qui s'imaginaient respirer l'”éther” —air très pur ou stupéfiant puissant?— de la science» (Rey, 1982: 17), verificou-se a rejeição de actividades (tais como a elaboração de dicionários) que se consideravam menores ou pouco científicas dentro do paradigma estruturalista e que poderiam pôr em dúvida a legitimidade da integração da linguística no grupo de tais “ciências”.

Uma vez que o lexicógrafo, para definir os significados das palavras, não pode fugir totalmente ao que a linguística teórica chama realidade extralinguística, a “técnica lexicográfica” fica reduzida a um “modèle naïf” (Rey-Debove, 1970: 7) que recolhe resignadamente os restos deixados atrás pela linguística teórica na sua

corrida em busca do carácter científico.

Neste contexto, como veremos (*vd. infra* § 5.1 e § 5.3), serão muitos os lexicógrafos que, ao distinguir o dicionário de língua da enciclopédia, assumem o ponto de vista da semântica estruturalista moderna, e entendem o significado das palavras exclusivamente do ponto de vista intensional:

«One of keynotes of a modern linguistic approach to meaning is that there is no escape from language ... [A definition] is a correspondence between two linguistic expressions» (Leech, 1974, *apud* Haiman, 1980: 332).

Directamente relacionado com esta questão da cientificidade da linguística está o primeiro ponto que consideramos para explicar a desvalorização do dicionário e da investigação lexicográfica, a tradicional separação na linguística moderna entre léxico e gramática (*vd. supra* § 2.1.1). A partir do momento em que o estruturalismo metodológico se transforma no que Eco (1981: 397-472) chama estruturalismo ontológico⁷⁰, as próprias regras inerentes à linguagem que conformam a “estrutura” chamada linguagem passam de instrumento explicativo a ser um fim em si mesmas:

«La inversión filosófica se produce cuando el lingüista, o alguien en su lugar, transforma el instrumento explicativo (probablemente provisional y sea como sea, efecto de una abstracción) en concepto filosófico y *convierte el instrumento en causante de aquel fenómeno por causa del cual él había elaborado el instrumento*. El *emic* se convierte en causa del *etic*. Lo fonológico, que explicaba lo fonético, ahora sustenta lo fonético. Esta operación consiste en hacer caminar con la cabeza lo que antes caminaba con los pies.» (*idem*, 443).

O estruturalismo e o generativismo centram-se, na sua descrição linguística, no sistema de regras (sintaxe) que permite a construção, a criação, de determinadas estruturas a partir da combinação de um amontoado (irregular) de signos, o léxico. Este amontoado irregular de signos será o que o lexicógrafo terá de classificar da melhor maneira possível no dicionário, condenado, assim, a não atingir nunca o estatuto de discurso científico (Dubois, 1970: 47).

Neste sentido, a linguística cognitiva vai significar uma ruptura em relação aos modelos padrões do estruturalismo e do generativismo pela importância que

⁷⁰ Na passagem do estruturalismo metodológico ao estruturalismo ontológico, escreve Eco (1981: 401) «el razonamiento pasa, de una manera incontrolable, del “como si” al “si” y del “si” al “por lo tanto”».

2. A metalexicografia

atribui à função categorizadora da linguagem, abandonando a sintaxe como centro da análise e descrição linguísticas e deslocando-o para a semântica (num sentido mais lato do termo do que é entendido pelo estruturalismo e pelo generativismo):

«a linguística cognitiva caracteriza-se, [...], pela importância que atribui à semântica na análise linguística e por tentar demonstrar a natureza *enciclopédica* e *perspectivante* (ou *perspectivadora*) da significação linguística. [...] a linguagem, pela sua função categorizadora, não reflecte *objectivamente* a realidade, mas impõe uma estrutura do mundo, interpreta-o e constrói-o; donde a natureza *perspectivante-perspectivadora* da significação linguística» (Silva, 1997b: 65).

Cada vez é mais evidente que a visão científica da realidade não é objectiva no sentido de *una*, universal e invariável (*cf.* Díez Carrera, 1994: 59). Na medida em que se rompe com uma concepção sagrada do saber que organiza o mundo de maneira hierárquica, partindo de um Princípio universal, de Deus, para chegar ao múltiplo (Rey, 1982: 28), o mito da objectividade e da universalidade afasta-se cada vez mais nas descrições científicas contemporâneas, aproximando-se, assim, das descrições enciclopédicas (e também lexicográficas)⁷¹ que se tentaram banir da ciência linguística. Como escreve este autor (*idem*, 29),

«le provincialisme des dictionnaires est un fait universel et l'universalisme, suf peut-être dans les sciences "pures", une étrange illusion.

«En un mot, loin de refléter le monde comme un miroir, selon la métaphore bien connue, l'encyclopédie construit son image comme le cartographe fait sa carte, toujours incomplète, plus ou moins lisible, toujours arbitraire, mais selon un arbitraire contrôlé et cohérent (un code), ...».

Como sabemos, as categorias com as que costumamos fragmentar o todo

⁷¹ Como adverte o próprio Alain Rey (1982: 29-30), poderia pensar-se que o dicionário, ao contrário da enciclopédia, escapa a esta sorte, sendo capaz de reflectir o seu objecto: o léxico de uma ou de várias línguas. Mas, como indica o autor,

«cet objet n'est pas un. Ce n'est pas la "langue" dans son abstraction, malgré les illusions d'un Littré à ce sujet. C'est bien plutôt une configuration complexe et conflictuelle d'"usages" de la langue, entre lesquels le dictionnaire construit, qu'il le veuille ou non, une norme plus ou moins cohérente et stricte. Ce faisant, le lexicographe élabore lui aussi une image, partiellement artificielle, subjective et probablement trompeuse quant à une réalité objective qui nous reste inconnue.» (*ib.*).

Eis a nossa concepção dos dicionários, defendida em vários lugares deste trabalho, como repositórios de algumas amostras de significados (sentidos, acepções), como dicionários de *parole*, não de *langue*.

que chamamos realidade não se correspondem com divisões do mundo real. O pressuposto ontológico positivista de que «há uma realidade simples e “exterior”»⁷² (Lincoln & Guba, 1985: 386) é ultrapassado ao assumir-se que cada modelo⁷³ constrói a sua própria versão da realidade. O conhecimento deixa, desta sorte, de ser encarado como um conceito absoluto, imutável e independente da experiência.

Será sempre a partir de determinadas premissas teóricas que se seleccionarão os produtos das observações científicas, os dados, a partir dos quais se estabelecem categorias e se formulam tais teorias:

«...hay una dialéctica entre datos y teoría, de manera que, hasta cierto punto, se podría decir que no hay datos sin teorías y que, de algún modo, una teoría sería el esquema que nos dice qué es un dato» (Alcaraz, 1990: 20).

Assim, as gramáticas descritivas (para muitos linguistas, o termo “gramática descritiva” é sinónimo de “linguística descritiva”) dependem tanto dos factos e usos linguísticos que pretendem descrever (gramática estrutural) ou simular (gramática generativa) como do modelo metalinguístico ou método utilizado na análise (Blesse & Porquier, 1984: 61-63). Não devemos confundir o sistema de regras elaborado pela linguística teórica para a análise, descrição ou simulação de uma língua com a gramática interiorizada, entendida como «représentation des processus cognitifs qui interviennent dans l’acquisition et dans l’usage d’une langue» (Roulet, *apud* Blesse & Porquier, 1984: 66). E muito menos, confundir o modelo (o objecto conceptual, as formas *a priori* do conhecimento) utilizado na análise e descrição com a realidade

⁷² É este pressuposto que está, por exemplo, por trás de afirmações como a de Coseriu (1977), que diferencia claramente entre “mundo” e “língua” na hora de distinguir as solidariedades lexicais de outras combinações livres frequentes:

«La frecuencia de la combinación del adjetivo *blanche* con el sustantivo *mouette* depende de nuestro conocimiento de las gaviotas, no de la lengua francesa, ya que 'blanc, blanche' no implica el rasgo distintivo 'para las gaviotas': es por tanto, un hecho de gaviotas, no un hecho de lengua» (*idem*, 184).

⁷³ Cada modelo, não cada indivíduo. A alternativa ao objectivismo não será o subjectivismo — com teses como a de que o significado é privado, etc. (Lakoff & Johnson (1991: 269)—, mas o que estes autores (*idem*, 271-273) denominam de “alternativa experiencialista”: «Ser objetivo es siempre relativo a un sistema conceptual y a un conjunto de valores culturales. Una objetividad razonable puede ser imposible cuando existen sistemas conceptuales o valores culturales en conflicto, y es importante ser capaz de admitir esto y reconocerlo cuando ocurre.» (*idem*, 272).

2. A metalexicografia

que se pretende descrever (o objecto referencial, a matéria) (vd. Martí Sanchez, 1998: 138):

As palavras que correspondem a estas categorias apenas possuem significado dentro de um contexto histórico (localizado no tempo e dentro de uma cultura), que poderá ser o de um determinado modelo teórico. Os termos estão carregados de conotações que fazem com que a objectividade seja apenas um *constructo*. Neste contexto, o carácter imanente do objecto de análise e descrição, as fronteiras entre as ciências, as unidades claramente delimitadas, as generalizações de carácter universal (muitas vezes redutoras e isoladas do mundo real) e a formalização do discurso deixam de ser a marca de cientificidade.

Mesmo que não seja assim para todas as ciências, no caso concreto da linguística, uma excessiva formalização, assim como a tendência para a formulação ou simbolização, poderá conduzir-nos, como veremos a seguir, a um empobrecimento intelectual nos estudos linguísticos⁷⁴, criando um estatuto independente para as notações lógico-simbólicas e refreando de facto o avanço da investigação, no sentido de criação de conhecimentos (Alcaraz, 1990: 21-23, 28).

Em último caso, na área da linguística que nos ocupa, a definição lexicográfica, a diferença da definição lógica, não tenta explicar a realidade, mas a visão que temos dela através da língua (Hernández, 1989: 55).

2.2. A lexicologia como base teórica para a elaboração de dicionários?

Pondo de lado, aqui, os aspectos não linguísticos, mas não por isso menos

⁷⁴ E muito mais ainda, evidentemente, no estudos literários. Assim, duvidamos da *economia* de aplicações a textos literários de formulações como a do modelo "TeSWeST", de János S. Petöfi (vd. *infra* nota 221). Cf. , por exemplo, a «Aplicación analítica de la teoría de la estructura del texto y de la estructura del mundo a un texto de Jorge Guillén», de Tomás Albaladejo (1978: 67-307). Neste sentido, N. E. Enkvist escreve (embora não se refira ao trabalho de T. Albaladejo):

«Establecer correlaciones entre evaluaciones intuitivas y rasgos lingüísticos concretos de un texto exige una gran sofisticación, y algunas experiencias recientes muestran que el estudio de la composición se ha resistido a la aplicación simplista de la lingüística del texto y el discurso.» (Enkvist, 1987: 148).

importantes para a elaboração dos dicionários, como podem ser os critérios comerciais, sócio-culturais, sócio-linguísticos ou didáticos, do ponto de vista puramente linguístico, entendemos a metalexigrafia não só como a disciplina que estuda os princípios teóricos e os métodos que regem a elaboração dos dicionários, mas também que estuda algumas das características que regulam a estrutura e o comportamento linguísticos, embora apenas na medida em que são aspectos que, em última instância, condicionam ou guiam o trabalho do lexicógrafo, assim como os seus resultados, o produto final, que é o dicionário.

Como sabemos, concebe-se a lexicografia como sendo uma “arte ou técnica” com a finalidade prática de elaborar dicionários e vocabulários, face à lexicologia, entendida como ciência que estuda o léxico de uma língua. Contudo, os limites entre uma e outra disciplina foram ficando cada vez mais diluídos⁷⁵, especialmente a partir do momento em que, por um lado, a lexicologia tenta dar resposta a muitas questões da esfera da fala ou do discurso, ultrapassando portanto os limites da língua como sistema, e, por outro, a partir do momento em que se entende a lexicografia não só como prática lexicográfica, mas também como teoria ou ciência lexicográfica (metalexigrafia), que se ocupará, como vimos na introdução este capítulo, não só da história da lexicografia, da investigação sobre o uso que os utentes fazem dos dicionários ou da crítica aos dicionários, mas também da elaboração de uma teoria geral da lexicografia (Wiegand, 1984: 15), que deverá incluir, para além dos necessários aspectos práticos, questões teórico-metodológicas de tipo linguístico. É este último aspecto da metalexigrafia que focaremos neste trabalho, o que não significa que consideremos os primeiros como sendo secundários para a linguística em geral e menos ainda para a prática lexicográfica em particular

⁷⁵ De facto, é cada vez mais difícil estabelecer os limites entre uma e outra ciência. Veja-se, senão, a definição que apresenta o *Dicionário de Termos Linguísticos* (Xavier & Mateus, 1982) do termo “lexicografia”:

«Ramo da lexicologia que se ocupa da realização de dicionários e léxicos. O termo pode ser também utilizado para designar o estudo teórico e a análise dos dicionários, da sua elaboração (metodologia) e da sua estrutura (lexicografia teórica). A lexicografia pode não implicar a realização de um dicionário mas apenas o recenseamento e a análise das formas e das significações das unidades lexicais observados do ponto de vista das suas combinatórias de funções» (Xavier & Mateus, 1992: s.v. **lexicografia**).

2. A metalexigrafia

(cf. Opitz, 1983: 53).

A linguística teórica assume que a lexicologia estuda as unidades lexicais dentro dos limites da língua (*langue*), enquanto a lexicografia ultrapassa os limites do sistema para tratar também de fenómenos da fala (*parole*), isto é, das “acepções”, “variantes”, “significados de discurso” ou “significados da fala” (Coseriu, 1979a: 18-20; 1987: 211-215). O que quer dizer que os chamados correntemente dicionários de língua, do ponto de vista linguístico, não são propriamente dicionários da *langue*, mas de *parole*, isto é, não apresentam análises exaustivas da estrutura semântica das unidades lexicais. Um dicionário deste género seria uma espécie de “dicionário para linguistas”, um verdadeiro léxico teórico⁷⁶ cuja construção poderá ser um objectivo a atingir dentro da gramática ou da linguística teórica. Mas as obras lexicográficas, tal como as conhecemos actualmente, não são mais do que compilações de formas linguísticas consolidadas pelas diferentes comunidades de falantes (incluídas aqui, para além dos utilizadores da língua para fins gerais, as comunidades linguísticas especializadas, como as técnico-científicas, literárias, etc.). São, os dicionários, como vimos em § 2.1.2, repositórios de “amostras” de significados, isto é, de alguns dos *sentidos* (acepções) que as palavras adquirem em determinados contextos, face a outras potenciais formas, perfeitamente possíveis no sistema do ponto de vista das regras gramaticais, mas não consolidadas na norma ou normas culturalmente favorecidas.

Será principalmente esta a ideia de que partiremos para, por um lado, contestar a tradicional separação entre unidades lexicográficas (palavras) e unidades terminológicas (termos). Se aceitarmos a concepção de um dicionário terminológico como “repositório de termos”, e o dicionário como um “repositório de sentidos”, poderemos identificar o trabalho lexicográfico com o trabalho terminológico (ou terminográfico). Como veremos (*vd. infra* § 5.2) ambas, lexicografia e terminologia, deverão basear-se num sistema referencial que seja capaz de relacionar estruturas

⁷⁶ Mel'chuk (1984: 4) toma de R. Lakoff a oposição *léxico teórico vs. dicionário corrente*, que seria paralela, no campo da gramática, ao par *gramática teórica vs. gramática pedagógica* (cf. também *supra* § 2.1.1, a distinção estabelecida por Gleason entre *léxico vs. gramática* duplamente entendidos como níveis de análise e produtos da investigação científica).

lexicais (formas consolidadas por uma determinada comunidade linguística, científica ou não) com estruturas de conhecimento (Sager, 1993: 36).

Por outra parte, o mesmo argumento, entre outros, permitir-nos-á defender a ideia de que não se pode continuar a manter a distinção (teórica, porque na prática lexicográfica não se mantém) entre dicionários e enciclopédias, entendido o primeiro como um dicionário de *langue*, onde se definem os *significados* potenciais das palavras, e as segundas como um dicionário onde se recolhe o conhecimento extralinguístico de uma determinada comunidade linguística ou cultural, isto é, onde se apresentam e caracterizam *coisas*⁷⁷.

Os dicionários são dicionários da “fala” na medida em que apresentam “amostras” de significado (sentidos) inseridas num determinado contexto. Um dicionário de língua não poderia ser um dicionário dos “sentidos” de uma palavra uma vez que é impossível delimitar o número de sentidos compatíveis com um significado:

«Traditional dictionaries often tried to enumerate all the different possibilities covered by a concept instead of capturing the invariant. Not surprisingly, they failed, and if the editors were conscientious they felt obliged to add at the end of the list an 'etc.', thus admitting their failure.» (Wierzbicka, 1985: 83).

Talvez o objectivo da lexicologia deveria ser trabalhar num léxico teórico que tivesse por objecto a descrição da competência lexical e não teorizar sobre um instrumento ou ferramenta que deverá assumir-se como banco de dados dos sentidos (acepções) que as palavras adquirem em determinados contextos. Um dicionário de

⁷⁷ Embora seja mais utilizado, em filosofia, linguística ou matemática, o termo *objecto*, neste trabalho preferimos utilizar a palavra *coisa* devido ao valor extraordinariamente genérico que esta possui no seu uso corrente em português (cf. “*coisada*”, “*coisar*”, “*coisíssima*” e “*coiso*”). Assim, quando a palavra *coisa* aparecer em *itálico*, será usada neste sentido lato: «...(coisa, na acepção mais extensa desta palavra "coisa"): acções, processos, qualidades, estados, relações, abstracções, possibilidades, irrealidades.» (Lopes, 1972: 49).

Sobre este conceito (embora utilize o termo *objecto*) escreve Helmut Seiffert (*apud* Aguiar e Silva, 1988: 24, nota 63):

«Um objecto pode ser tudo aquilo para que tenho uma palavra, isto é, não só uma pedra, ou uma árvore, ou um cavalo, mas também uma casa, uma sinfonia, uma molécula de albumina, uma teoria ou uma religião».

2. A metalexicografia

língua, ou quiçá seria melhor chamar-lhe “dicionário linguístico” ou “léxico teórico” (vd. *supra* nota 76), deveria ser, em rigor, ele sim, não um dicionário de sentidos, mas um dicionário de significados, entendendo por significado o hipotético conjunto das invariantes comuns aos diferentes sentidos, se é que realmente é possível, pois, da mesma maneira que não se pode apresentar, como afirma Wierzbicka (1985: 83), uma ilustração prototípica de uma chávena, dado que são muitas as formas compatíveis com o conceito ‘chávena’ (vd. *infra* § 3.2), dificilmente se poderá estabelecer em última instância “o significado” de uma unidade lexical⁷⁸.

Será a linguística aplicada, e dentro dela a metalexicografia em particular — e não a gramática teórico-descritiva e, dentro dela, a lexicologia— a que deva construir teorias mais realistas e úteis para a elaboração dos dicionários, teorias que trabalhem mais do que sobre abstracções da linguagem (Aguilar-Amat, 1993: 2), sobre a linguagem real, como instrumento normal de comunicação, o que implicará necessariamente que os dados sejam fornecidos por *corpora* linguísticos.

Para isso, a linguística aplicada deverá afastar-se da linguística teórica, nomeadamente do caminho enveredado pelos estruturalismos europeus e norte-americanos, que pouco ou nada têm a dizer sobre a prática e a teoria lexicográfica dado que estão centrados de maneira especial na gramática, entendida como sintaxe (isto é, nas regras, inerentes ou imanentes à linguagem, que a conformam como estrutura). Com efeito, a apresentação do modelo semiótico linguístico como uma

⁷⁸ Já em 1958, E. Nida contestava a concepção do significado de uma palavra como o denominador comum a todas as situações em que o termo é empregue:

«Note that we specifically reject meaning as ‘a common denominator’ or ‘what is common to all situations in which a term is employed.’ If, for example, we analyze the use of *charge* in the following contexts, we will find that a common denominator would be precious little indeed. It would be only a small part of the total meaning signalled by *charge* in the various contexts: [...]. The only way to ‘define’ the meaning of *charge* is to describe (usually by illustrative phrases or sentences) the distribution of the word.» (Nida, 1958: 282).

Em § 5.1 pode-se ver uma amostra da impossibilidade de delimitar o significado de palavras como *cobrir*, *tapar*, *agasalhar*, *abrigar*, etc. a partir dos seus sentidos e apenas com o recurso a uma análise exaustiva da estrutura linguística, sem recorrer à informação de tipo pragmático e enciclopédico, o que nos levará a entender a significação não como um fenómeno discreto, mas flexível e processual, construído em e para um contexto determinado.

estrutura homogénea, passível de formalização, levou os diversos estruturalismos linguísticos do século XX a análises redutoras das diversas manifestações linguísticas (artísticas e não artísticas), centradas de maneira exclusiva no âmbito da sintaxe, entendida aqui do ponto de vista da semiótica⁷⁹.

Embora os paradigmas dominantes da linguística teórica, que, em geral, estiveram de costas viradas para o léxico, estejam nos últimos tempos a descobri-lo, esta incorporação do léxico nos seus sistemas descritivos, serviu para reformular ou inventar novos modelos⁸⁰ simbólico-formalistas, de explicação e generalização, conduzindo novamente estas correntes teóricas a preocupar-se com a coerência interna do mesmo, olvidando outra vez a razão de ser e de existir da língua.

Só esquecendo o facto de que o léxico, ao contrário da gramática, está profundamente ligado ao conhecimento do mundo, será possível o seu estudo de uma perspectiva exclusivamente imanentista ou linguística no sentido restrito do termo (isto é sintáctica, no sentido morrisiano). Enquanto no domínio sintáctico as

⁷⁹ Para Ch. W. Morris (1985: 31-32; 43-54), a *sintaxe* semiótica ocupa-se da identificação, ou, melhor dizendo, da criação das unidades formais (os signos), assim como das regras que se estabelecem entre elas ao integrarem unidades superiores. Na semiótica linguística, a *sintaxe* ocupa-se do estudo dos textos do ponto de vista fonético-fonológico, morfo-sintáctico e semântico-intensional (isto é, das relações dos signos com os seus *designata*). A *semântica* ocupa-se, no modelo morrisiano, das relações semântico-extensionais do texto, ou seja, das relações dos signos com os seus *denotata* (*idem*: 55-66). Trata-se, portanto, duma semântica referencial. Por último, a *pragmática* estuda as relações existentes entre o texto, o seu emissor e o(s) seu(s) receptor(es), isto é, os seus *intérpretes* (*idem*: 67-85), e o contexto de comunicação, ou circunstâncias de uso real -*situação sócio*- (*vd.*, também, Albaladejo, 1986: 15-21; Bobes Naves, 1989: 77-112).

Haiman (1980: 355-356) chamou a atenção para o perigo de interpretar como princípio teórico necessário a tripartição da semiótica em sintaxe, semântica e pragmática:

« [...] The separation of dictionaries and encyclopedias is only one of the visible consequences of this principle.

»Phonemics without grammatical prerequisites turned out to be not only mistaken, but sterile. It survived as long as it did because few investigators, like Bloch, had the austerity to adhere to it in practice. Semantics without pragmatic prerequisites is no less sterile. Its deficiencies become maddeningly apparent only when practiced by structuralists who take its canons seriously and pursue them to their ultimately ridiculous conclusions» (*ib.*).

⁸⁰ Sobre os termos e os conceitos de *modelo*, *abstracção* e *generalização* na linguística estruturalista, *vd.* Lepschy (1971: 6-8).

2. A metalexicografia

estruturas linguísticas são imanentes, a descrição do léxico precisa da intervenção de outras disciplinas, configurando-se a lexicologia, e em geral o estudo das estruturas linguísticas do significado, como estudos pluridisciplinares, híbridos, onde cabem desde a psicologia até a etnologia, a história, a poética, etc. (Corbin, 1980: 55 e 118, nota 6).

Os âmbitos semântico (semântico-extensional, ou semântico referencial)⁸¹ e pragmático, pertencentes ao nível do discurso, foram expulsos da descrição e análise linguística, tendo-se excluído desta maneira aspectos fundamentais ao funcionamento do discurso, ou do texto, como as relações que se estabelecem entre este e o referente, os participantes na comunicação e o contexto em que esta última tem lugar. Será justamente por isto, por ficar-se só pelas relações entre os signos (a sintaxe morrisiana), esquecendo que uma das tarefas da linguística também será estudar as relações entre os nomes e as coisas, que a lexicologia estruturalista nunca esteve em condições de produzir um dicionário (*cf.* Rey-Debove, 1970: 8), uma vez que ao excluir do seu âmbito de estudo fenómenos pertencentes à esfera da fala ou do discurso está a excluir os *sentidos* que as palavras adquirem no uso.

As diferentes tentativas, na linguística moderna, de reduzir a língua a uma abstracção (o sistema gramatical), criando sistemas de regras gramaticais, com maior ou menor grau de formalismo, trouxe como consequência a incapacidade de ultrapassar determinados limites (os limites do modelo sintáctico) na descrição do funcionamento da língua, esquecendo muito frequentemente o que originariamente era o seu objecto de estudo: a língua como ferramenta de comunicação⁸². A língua, entendida por estes modelos como sistema gramatical (sistema de unidades e de

⁸¹ *Semântica* no sentido morrisiano (*cf. supra* nota 79). «A semântica [escreve o Professor Óscar Lopes (1972: 40)] é que institui o estudo das relações existentes entre a linguagem e a realidade (a realidade do senso comum ou a realidade das ciências actualizadas)». Para os conceitos de *intensão* e *extensão*, *vd. infra* capítulo 5.

⁸² Neste sentido, os tipos de manifestações linguísticas que estudaremos aqui, as diferentes classes de combinações lexicais não livres são «un claro ejemplo de la lengua como instrumento de comunicación en vez de un puro sistema lógico» (Murillo & Díaz, 1994: 228).

regras para combinar estas unidades) passa a ser um fim em si mesma⁸³. Esquece-se que a língua é essencialmente pragmática, cuja finalidade é fazer, não ser (Pérez Basanta, 1995: 301), isto é, que não é mais do que um instrumento para as pessoas se comunicarem, para denominar as *coisas* do mundo e predicar sobre elas.

O objectivo principal da linguística passará a ser, em primeiro lugar, o processamento por meio de regras, a criação de modelos simbolistas, que se tornarão excessivamente abrangentes e, como consequência, simplistas⁸⁴ e redutores, produzindo-se, em segundo lugar, aquilo que Eco (1981: 397-472) chama, como já vimos (*vd. supra* nota 70), passagem do estruturalismo metodológico ao estruturalismo ontológico, em que a sua preocupação essencial já só será que o modelo linguístico construído “funcione” bem (*vd. Lakoff, 1977: 238*), a coerência interna do modelo simbólico-formal, o constante aperfeiçoamento da máquina, do sistema de regras e generalizações em que o léxico, por irregular⁸⁵, não cabe.

O linguista centra, assim, o seu objecto de estudo no sistema de regras que, hipoteticamente, permite a construção de determinadas estruturas a partir da combinação de um amontoado (leia-se irregular) de signos (o léxico), que estarão arrumados pelo lexicógrafo da melhor maneira possível no dicionário.

Mas falar não é um acto puramente, ou exclusivamente, criativo⁸⁶ (para

⁸³ Há quase trinta anos já escrevia F. Rodríguez Adrados (1971: 335): «La semántica estructural está necesitada de más atención a los hechos y menos apriorismo generalizante»

⁸⁴ Assim o entende Lerat (1995: 25-28), que concebe as línguas como plurissistemas, em que «La scientificité ne saurait donc se confondre, en la matière, avec la simplicité d'un modèle même séduisant, contrairement à la utopie chomskyenne de “la théorie de la syntaxe”» (*idem*, 26).

⁸⁵ «Indeed ‘irregular’ is almost a tabooed word for many of us», escreve H. A. Gleason (1975: 87).

⁸⁶ Lázaro Carreter, ao referir-se ao que ele chama “linguagem literal”, afirma que com a gramática generativa, ao centrarem-se os estudos linguísticos na criatividade linguística, minimizou-se em excesso este tipo de estruturas combinadas de uma maneira não totalmente livre:

«Pero parece claro que nuestro saber idiomático no está constituido sólo por signos y por reglas para su combinación, sino también por signos ya combinados, y que acuden al acto de hablar como un bloque compacto e inalterable. La lingüística, como reclamaba Wallace L. Chafe [1968], tiene que dar cuenta de esos hechos, que él, en sus observaciones y en sus propuestas limitaba a los idiomatismos. Pero los problemas del lenguaje literal desbordan la de esa subespecie, pues se refieren a todas las fórmulas destinadas a ser fijadas en la mente o a ser preservadas de cualquier alteración» (Lázaro Carreter, 1980: 187-188).

empregar o termo generativista) no sentido de que cada vez que utilizamos a linguagem combinamos livremente (utilizando as regras do sistema) os signos de que dispomos. Utilizamos de uma maneira muito mais frequente do que possa parecer estruturas lexicais pré-fabricadas (Casares, 1992: 225), conjuntos de palavras já combinadas⁸⁷.

2.3. *Lexicografia e Linguística Aplicada*

«... los datos que ha de manejar la lingüística [...], no pueden descontextualizarse a riesgo de falsear desde buen principio el material de estudio. No descontextualizar estos datos significa aceptar su naturaleza multidisciplinaria, su carácter complejo, alejado de la simple “muestra” lingüística tradicional que a menudo suministra el propio lingüista.»

(Payrató, 1998: 34)

Afirmávamos em § 2.1.3 que a elaboração de dicionários carece de fundamentos científicos em que se apoiar e que os seus produtos devem deixar de ser fruto quase exclusivo da intuição do lexicógrafo para passarem a ser elaborados segundo princípios teóricos previamente estabelecidos. Antes de entrar na questão de qual poderá ser a disciplina linguística que deva fornecer tais princípios teóricos e metodológicos necessários à elaboração de dicionários, pensamos, todavia, que devemos relativizar aquela afirmação.

Em primeiro lugar, chamando a atenção para o facto de que a intuição está presente noutras áreas da linguística aplicada, tanto na sua vertente teórica como prática: a metodologia do ensino das línguas maternas e segundas, a retórica e a

⁸⁷ Cf. os conceitos de “linguagem não literal” e “linguagem literal” de Lázaro Carreter (1980) com os conceitos de “expressões sintagmáticas lexicalmente compostas” e “expressões sintagmáticas lexicalmente simples”, de Lyons (1995: 50-52) (vd. § 3.3), os conceitos de “técnica de discurso” e “discurso repetido” de Coseriu (1977: 113) (vd. § 4.1) ou “the open choice principle” e “the idiom principle” de Sinclair (1991: 109-115) (vd. § 4.1).

estilística, a planificação e a política linguística, a tradução, etc. Em segundo lugar, o facto de a informação recolhida nos mais diversos produtos lexicográficos de qualidade partir mais da intuição do próprio lexicógrafo do que de qualquer classificação linguística produto de uma sistematização rigorosa dos termos recolhidos e dos conceitos definidos, pode chegar a ser um valor acrescentado do produto lexicográfico. Neste sentido, sobre o uso da intuição nos estudos semânticos, escreve Wierzbicka (1985: 43): «Chasing the phantom of objectivity through supposedly scientific methods one loses the only firm ground there is in semantics: the terra firma of one's own deep intuitions». ⁸⁸

De qualquer maneira, não podemos deixar de lamentar que, hoje em dia, o dicionário (a elaboração de dicionários) não tenha um marco teórico em que se apoiar, quer dizer, que não seja uma actividade produto (também) de uma teoria linguística:

«It has often been said that lexicographers are people who work hard but who can never escape having a guilty conscience, because lexicography has no theoretical foundations, and even the best lexicographers, when pressed, can never explain what they are doing or why.» (Wierzbicka, 1985: 5).

A lexicografia como disciplina prática necessita de um tipo diferente de análise e descrição linguísticas, que permita aos autores de dicionários ultrapassar os seus métodos pré-científicos e as suas categorizações mais ou menos impressionistas, desprovidos de qualquer teorização e, o que pode ser mais grave, dificilmente partilháveis devido ao seu carácter intuitivo, métodos que marcavam o trabalho lexicográfico como sendo um labor essencialmente individual, condicionado pelo talento e a audácia ou pela incompetência ou o desconhecimento

⁸⁸ Fica este pequeno excursus introdutório como sincera homenagem a todos os lexicógrafos, nomeadamente das línguas portuguesa e espanhola, cujo labor nos merece o maior dos respetos (independentemente das críticas que, com ânimo construtivo, possamos dirigir a aspectos concretos de obras lexicográficas concretas), e que por vezes tiveram e têm que suportar as críticas fáceis de quem não sabe o que, na prática, é elaborar um dicionário, pois, como esta mesma autora escreve:

« try to state the meaning of one such 'simple' word; and try to do it exhaustively, precisely, and critically. You will soon discover that the task is infinitely more difficult and more challenging than you had expected. You might even come to the same conclusion that Aristotle reached twenty-four centuries ago: 'it is the easiest of all things to demolish a definition, while to establish one is the hardest'.» (Wierzbicka, 1985: 1).

2. A metalexigrafia

do lexicógrafo, e que dificilmente poderia ultrapassar a sua memória, as suas vivências e o seu contexto individual.

Mas a investigação na área da linguística tem-se caracterizado por ser quase exclusivamente uma “investigação pura”, centrada em si própria, procurando um alto grau de formalização no modelo e nas ferramentas utilizadas na análise e descrição linguísticas —muitas vezes apenas uma “roupagem formalista”, a falácia simbolista das teorias semânticas, de que fala Werner (*vd. Garrido Medina, 1988: 179-182*), produto de um certo complexo de inferioridade perante outras ciências. Modelos e ferramentas que deviam permitir sobretudo estabelecer regras e generalizações coerentes (isto é, “conhecimento”, “teoria”), por vezes em detrimento excessivo da abrangência da análise e excluindo aspectos da “actuação”, ou da “fala”, fundamentais para uma completa descrição de uma língua (*vd. supra § 1.3*) e, principalmente, para a solução de problemas materiais concretos que se levantam no uso das línguas concretas.

Os estudos linguísticos têm-se caracterizado, pois, pelo esquecimento dos aspectos aplicados. Sirva como exemplo o tradicional afastamento da linguística dos problemas da lexicografia e da terminologia, da tradução e da interpretação, da planificação linguística e das políticas linguísticas, dos transtornos linguísticos e das patologias da fala, das indústrias da língua, etc.

«Hoy casi al umbral del siglo XXI y después de cincuenta años de investigación base en lingüística teórica, matemática, algebraica, estructural y generativista, los resultados de la investigación realizada en las universidades europeas, en los grandes centros de investigación MTI, CMU o Berkeley no han generado los cimientos de una tecnología madura para apoyar la difusión de productos basados en la lengua. [...].

«Los miles de trabajos sobre estadística de la estructura grafemática de la lengua, sobre la estructura fonética y también sobre la morfología han quedado a lo largo de veinte años separados de su función final, y relegadas a la investigación *per se*, ...» (Meza, 1992: 367-368).

Por outro lado, o carácter individual que apresentávamos na página anterior como particularidade do trabalho lexicográfico é também uma característica dos estudos linguísticos em geral. A maior parte dos projectos que até agora se vinham realizando nunca se viram confrontados com a necessidade de dar contas dos seus resultados mais além do que nas provas académicas, cujo objectivo é avaliar mais o

investigador do que o projecto (eis novamente o carácter individual das investigações linguísticas). Talvez isso possa ser devido, por um lado, a determinados factores não inerentes à própria investigação científica que afectam o desenvolvimento da mesma, como o facto de a crítica, ou a avaliação de um determinado projecto sobrevir de outros investigadores que trabalham em projectos coexistentes, de interesses académicos ou financeiros, etc. (Rieser, 1978: 21). Por outro lado, um factor importante pode ser também o facto de que até há relativamente pouco tempo, a investigação científica na área da linguística praticamente só se fazia dentro das Universidades, nomeadamente das Faculdades de Letras, as mesmas Faculdades, Departamentos e Centros de Investigação onde se leva a cabo tal investigação linguística são, maioritariamente, os mesmos onde se faz investigação literária, na qual é mais difícil avaliar os resultados em termos práticos (sem querer entrar agora na questão da utilidade ou inutilidade da literatura ou dos estudos literários).

A situação muda, quando muito no âmbito da linguística aplicada, com a entrada em cena de profissionais de outras áreas científicas como a informática ou a psicologia mas também de outros domínios como podem ser os meios de comunicação de massas e empresas de telecomunicações (cujas actividades produtivas necessitam de bancos de dados terminológicos e documentais), de determinadas práticas clínicas (como o tratamento médico e psicológico dos transtornos da linguagem, do autismo, etc.), das necessidades de novos países e novas administrações (com políticas de normalização e/ou substituição linguística), aspectos relacionados com o domínio jurídico, etc. Nestes domínios, obviamente, existe uma maior preocupação pelos aspectos da linguagem e da linguística mais práticos e aplicados do que puramente teóricos, avaliando-se a investigação dos diferentes projectos, não só pela maior ou menor coerência interna de determinado modelo, mas também pela qualidade dos produtos finais, a sua possibilidade de utilização ou reutilização noutros projectos de investigação, assim como a sua aplicabilidade em produtos passíveis de utilização, não só pelos linguistas, mas

2. A metalexicografia

também por todo o tipo de público, especialista noutras áreas e não especialistas⁸⁹.

É evidente que com isto não queremos afirmar que a linguística teórica, e a semântica em particular, não deva produzir modelos de análise e descrição linguísticas que permitam estabelecer regras e generalizações coerentes, especialmente úteis na elaboração de dicionários linguísticos ou léxicos teóricos. Poderá também ter muitas coisas a dizer sobre a prática e a teoria lexicográfica em geral, mas para isso pensamos que deverá abandonar, como já dissemos (*vd. supra* § 2.1.3) o caminho iniciado pelos estruturalismos europeus e especialmente norte-americanos e fornecer aos lexicógrafos ferramentas e bases teóricas em que se apoiar nas suas análises e descrições lexicográficas:

«In my view, semantics has an obligation to provide theoretical foundations for lexicography. But it will never be able to do so if it doesn't come down from its speculative heights and engage in the humble task of actually trying to define something.» (Wierzbicka, 1985: 6).

Como já nos lembrava Lepschy (1971: 6-8), em 1966, a linguística teórica, como a matemática ou a física teórica, através da abstracção poderá construir os seus modelos⁹⁰ de estudo das línguas naturais, fornecendo regras gerais de validade mais

⁸⁹ Um exemplo disto será, como assinala Sánchez (1995: 17), a colaboração que supôs o projecto *Cobuild* entre investigadores universitários (a equipa de J. Sinclair, da Universidade de Birmingham) e uma empresa editorial (Collins):

«Sin lugar a duda, fue este hecho el que propició una notable popularización de los corpus. Hasta entonces estos instrumentos habían servido para el estudio de sólo unos pocos y su divulgación ni siquiera era significativa entre los mismos lingüistas. Con el proyecto *Cobuild* se añade una dimensión nueva: la recopilación no solamente ha de servir para estudios científicos, sino que debe dar origen a aplicaciones prácticas y útiles, es decir, debe servir de base a publicaciones que puedan llegar a todo tipo de públicos, no solamente a especialista en lingüística. Por parte de la editorial se intentan recuperar las inversiones realizadas. Para los autores del proyecto este hecho implica analizar los materiales lingüísticos de manera que los resultados sean accesibles al público no especializado.»

⁹⁰ No *Diccionario de Lingüística*, Th. Lewandowski (1986: 229, s. v. **modelo**) apresenta, entre outras, a seguinte definição do conceito de *modelo* :

«Representación idealizante, esquemática y simplificada de un objeto complejo o un conjunto de objetos, especialmente en cuanto a sus propiedades estructurales y funcionales, así como su comportamiento; [...] Es más abstracto que la realidad empírica, esquematiza e idealiza, para poder llegar a un conocimiento profundo de aquélla.

"Como análogo de los objetos substraídos a la observación, el modelo es una

ou menos universal, mas, como o engenheiro, o lexicógrafo, o terminólogo, o tradutor, o gabinete de planificação linguística, o terapeuta da fala, o professor de línguas, etc. não poderão deixar de encarar os seus objectos de estudo de maneira individualizadora:

«Mas não é de todo inútil recordar como, diferentemente do matemático ou do físico teórico, um cientista ao qual se atribui, freqüentemente, o comportamento técnico por excelência, o engenheiro, se encontra sempre na necessidade de estudar seus problemas de maneira individualizante; de projectar e construir, por exemplo, uma casa, uma ponte ou um dique, levando em conta condições específicas (inclinação do terreno, sua qualidade, as condições climáticas naquele lugar particular, etc.) que tornam sua obra um objecto particular, diferente de qualquer outro, e não um exemplo de leis gerais» (Lepschy, 1971: 8)

A linguística teórica não poderá abranger todos os possíveis campos e objectos de estudo relacionados com as línguas naturais, nomeadamente no sentido de que não poderá fornecer, em forma de extrapolação, os princípios teóricos e metodológicos necessários à linguística aplicada, como se depreende da definição de linguística aplicada que encontramos, por exemplo, no *Dicionário de Termos Linguísticos*: «Aplicação, em áreas particulares, dos princípios teóricos, métodos e resultados da investigação linguística» (Xavier & Mateus, 1992, s.v. **linguística aplicada**). O objectivo da linguística teórica não poderá ser, por um lado, descrever, explicar e estabelecer generalizações sobre fenómenos puramente teóricos e, ao mesmo tempo, fornecer bases teóricas para resolver aspectos práticos de, por exemplo, fonética, pragmática ou lexicografia, situando-se, assim, ora dentro da área das ciências teóricas básicas, ora dentro da área das ciências experimentais, ora dentro da área das ciências aplicadas e tecnológicas. Tal como a engenharia e a informática se alimentam de disciplinas teóricas, pensamos que a linguística geral deverá assumir-se também como uma disciplina teórica, como a física ou a matemática, de que beberão outras de carácter mais prático e aplicado, mas que nem por isso deixarão de ter a sua dimensão teórica, como veremos seguidamente.

Como indicam Mel'chuk, Clas e Polguère (1995: 26-27), da mesma maneira que a física é constituída por duas partes indissociáveis: a física teórica e a física

2. A metalexicografia

experimental, também a engenharia se divide em engenharia teórica e engenharia prática. Assim, enquanto a realidade da física teórica são as equações e os cálculos, a realidade da física prática baseia-se mais nos aparelhos (como os aceleradores de partículas, por exemplo) e, de modo paralelo, as práticas industriais da engenharia como o fabrico de aviões ou a construção de pontes têm a sua realidade teórica, completamente abstracta:

«On observe donc l'intersection de deux oppositions: "science ~ application" et "théorique ~ pratique". Les sciences, ainsi que leurs applications ont un côté théorique et un côté pratique, avec une rétroaction permanente de l'un sur l'autre.»
(*idem*, 27).

Do mesmo modo, como dizíamos, a linguística geral ou linguística teórica não pode proporcionar as teorias adequadas para solucionar os problemas que são colocados a todas as áreas sobre que se debruça a linguística aplicada (Payrató, 1998: 21-24). Esta última deverá construir, portanto, a sua própria teoria, estabelecendo o seu objecto de estudo, os seus próprios objectivos, a sua própria metodologia e a sua terminologia própria. Não será a linguística teórica, nomeadamente quando entendida como gramática teórica (isto é, centrada nos princípios genéricos imanentes à linguagem humana e de maneira especial na sintaxe) a que deva teorizar, normalmente sob a forma de extrapolações, sobre a lexicografia, por exemplo (ou sobre qualquer outra área da linguística aplicada). Esta actividade da linguística aplicada tem a sua dimensão prática, a lexicografia, e a sua dimensão teórica, a metalexicografia. Ao contrário do que no *Dicionário de Termos Linguísticos* (Xavier & Mateus, 1992, s.v. **linguística aplicada**), esta dimensão teórica da linguística aplicada aparece recolhida no *Dicionário de linguística* de Lewandowski (1986):

«El término "lingüística aplicada" sirve para designar determinados campos estrechamente ligados al uso lingüístico que muchas veces parten, también teóricamente, de premisas propias y tematizan el lenguaje a su modo.»
(Lewandowski, 1986, s. v. **lingüística aplicada**).

Como Payrató (1998: 23) indica, «*teoría y práctica* son conceptos propios de cualquier ciencia, pero no se sitúan en el mismo ámbito que el concepto *aplicado*». Contudo, é frequente a identificação da linguística aplicada com prática

isenta de reflexão teórica. Veja-se, como amostra, a seguinte citação enquadrada no nosso âmbito de estudo:

«Las combinaciones fijas de palabras —*set expressions* en su terminología [a dos estudios anglo-americanos sobre fraseología]— se han tratado como un problema de lingüística aplicada. Desde esta perspectiva práctica y pedagógica se han dejado a un lado los problemas de índole teórico en el estudio que dichas unidades pudieran plantear.» (Corpas, 1995: 22).

Será, portanto, a identificação imediata dos objetivos aplicados com actividades ou utilidades práticas concretas (Fernández Pérez, 1996b: 7) a que leva a entender a linguística aplicada como a actividade consistente em «aplicar teorías lingüísticas a un dominio práctico» (*idem*, 18) e, conseqüentemente, como uma disciplina sem uma dimensão teórica, cujas actividades não serão mais do que meras técnicas, «aplicaciones en el sentido convencional de la palabra» (*idem*, 23):

«reconocer un ámbito de investigación *pura, básica o teórica* en el marco de la Lingüística ha supuesto admitir, paralelamente, un quehacer *mixto, no-puro o aplicado* en dicho marco, de manera que la Lingüística *aplicada* se delinea como lo contrapuesto a la Lingüística *teórica*, o lo que es lo mismo, como aquella derivación en la que no hay “teoría” sino sólo “aplicación” y “puesta en práctica”» (Fernández Pérez, 1996a: 12).

Fazer generalizações teóricas sobre o léxico dentro da linguística geral, conduziu, como vimos em § 2.1, ora à expulsão do léxico do âmbito da linguística ora à exclusão de determinados fenómenos de irregularidade que eram a essência, por exemplo, de determinadas unidades pluriverbais. Assim, por exemplo, do ponto de vista metalexiconográfico, perguntamo-nos qual será a utilidade para a codificação linguística de determinadas generalizações sobre o léxico (o que não quer dizer que não tenha interesse para o linguista), como a seguinte amostra, onde o autor, ao comparar as expressões espanholas *sembrar árboles*, *sembrar papas* ou *sembrar cereales*, com os respectivos equivalentes alemães *Baum pflanzen*, *Kartoffeln legen*, *Getreide aussäen*, chega à seguinte conclusão, pouco ou nada útil no momento de codificar numa ou na outra língua:

«Por lo visto la lengua alemana posee más colocadores “expresivos” [verbos com un número reducido de argumentos, específicos de un grupo limitado de sustantivos], mientras que en español existe una mayor cantidad de colocadores “racionales” [verbos com un amplio radio colocacional, comunes a un gran número de sustantivos].» (Irsula, 1992: 165).

2. A metalexicografia

O problema coloca-se de maneira especial no âmbito que estamos a estudar, o das colocações e o dos frasemas em geral. Estas unidades não são construídas combinando as palavras segundo as regras gerais da língua. Elas são armazenadas e usadas como um todo (Mel'chuk, 1998: 2). Porém, a linguística teórica estaria, talvez, mais preocupada em saber, por exemplo, como e com que palavras se combinam verbos operadores como ^P*dar* ou ^P*fazer*, por exemplo, ou quais as características morfológicas ou o comportamento sintático dos chamados nomes colectivos (^P*cardume*, ^P*matilha*, ^P*manada*, etc.), etc. Mas, estas são questões que nenhum usuário se colocaria em condições normais de produção ou de decodificação de um texto. Antes seria uma pergunta do tipo como é que posso exprimir a ideia de 'realizar ou fazer um passeio' (^P*dar um passeio*, ^P*dar un paseo*, ^I*take a walk*, ^F*faire une promenade*) ou como se diz 'conjunto de peixes' ou 'conjunto de cães'.

Com efeito, pensamos que pouca utilidade pode ter, não só na prática lexicográfica mas também na codificação e decodificação linguística, um sistema de regras (uma gramática) dos verbos ^P*dar* ou ^P*fazer* como verbos operativos, isto é, um conjunto de generalizações sobre como se combinam estes verbos com determinados substantivos ou que características gerais ou comuns têm estes substantivos. E, conseqüentemente, pouco interesse pode ter para estes mesmos utilizadores do dicionário uma entrada do verbo ^P*dar* com todas as possíveis colocações em que possa entrar (*vd. infra* § 4.5 e nota 172):

dar *v.tr.* ... • **Dar** o sol: ... **Dar** a benção: ... **Dar** a opinião: ... **Dar** a palavra: ... **Dar** asco: ... **Dar** autorização: ... **Dar** carta branca: ... **Dar** corda: ... **Dar** forças: ... **Dar** ganas: ... **Dar** instruções: ... **Dar** licença: ... **Dar** medo: ... **Dar** os parabéns: ... **Dar** patadas: ... **Dar** pena: ... **Dar** permissão: ... **Dar** pontapés: ... **Dar** preguiça: ... **Dar** um abraço: ... **Dar** um beijo: ... **Dar** um conselho: ... **Dar** um grito: ... **Dar** um passeio: ... **Dar** um passo: ... **Dar** um salto: ... **Dar** um suspiro: ... **Dar** uma bofetada: ... **Dar** uma conferência: ... **Dar** uma ordem: ... **Dar** uma sugestão: ... **Dar** vergonha: ... **Dar** vontade: ...
etc.

Com efeito, nenhum lexicógrafo se coloca a questão de definir todos os valores, ou "acepções", do verbo ^P*dar* acima apresentadas que, em rigor, é seleccionado por outras unidades lexicais para construir, juntamente com elas, um

determinado sentido. Da mesma maneira, e do ponto de vista contrastivo, um dicionário bilingue nunca apresentaria como equivalentes do verbo ^Pdar formas como as a seguir apresentadas:

^Pdar = ^Eechar (ex. ^Pdar uma mão: ^Eechar una mano);

^Pdar = ^Ehacer (ex. ^Pdar um nó: ^Ehacer un nudo);

^Pdar = ^Ehacer (ex. ^Pdar um som: ^Ehacer un sonido);

^Pdar = ^Etener (ex. ^Pdar ares de: ^Etener aires de);

^Pdar = ^Eponer (ex. ^Pdar uma injeção: ^Eponer una inyección);

O estabelecimento de regras e generalizações pode alcançar um alto grau de abstracção na linguística, chegando a formulações verdadeiramente complicadas. Mas muito frequentemente são regras e generalizações (isto é, conhecimentos ou teorias) só para uso dos linguistas, com pouca ou nenhuma aplicabilidade real, com pouco valor prático, por exemplo, para o processamento automático da linguagem natural, para a tradução automática ou para o utilizador de um dicionário, no caso concreto da lexicografia.

Contudo, não queremos passar para o outro extremo e negar a evidente finalidade prática que também tem a linguística aplicada, assim como a sua orientação claramente pragmática e interdisciplinar:

«los datos que ha de manejar la lingüística aplicada son de índole *lingüística*, pero se trata de datos sobre usos lingüísticos, los cuales, debido a los objetivos prácticos de la disciplina, no pueden descontextualizarse a riesgo de falsear desde buen principio el material de estudio. No descontextualizar estos datos significa aceptar su naturaleza multidisciplinaria, su carácter complejo, alejado de la simple “muestra” lingüística tradicional que a menudo suministra el propio lingüista.» (Payrató, 1998: 34).

A linguística aplicada, e nomeadamente a lexicografia, deve dar atenção também a factores que ultrapassam a pura descrição linguística, ou que até nada tem a ver com ela, visto que o seu objectivo fundamental é a construção de um produto final, o dicionário, que para além de ser um produto da investigação linguística é também uma obra didáctica, um objecto sócio-cultural e, não podemos esquecer, um produto comercial e de consumo (*vd. supra* § 2.1.4).

Evidentemente, para acabar, isto não significa que toda a investigação, mesmo a relativa ao campo da lexicografia, deva ser aplicada, e muito menos que

2. A metalexigrafia

deva ter uma utilidade prática, desenvolvendo só aqueles aspectos da ciência mais práticos e até utilitaristas ditados pelas necessidades do mercado.

2.4. Lexicografia, teoria da Gestalt e linguística não-discreta

«La multiplicidad de raíces diferentes para nombrar los objetos (sustantivos) y sus accidentes (adjetivos), para significar los múltiples procesos, estados, acciones y cambios (verbos) y sus evaluaciones (adverbios) en cualquier lengua, debe hacernos meditar sobre un orden nuevo: el de que frente a la “simplicidad” de la gramática estructural se halla la “multiplicidad” de la gramática cognitiva, el de que frente a la “singularidad” de las categorías intragramaticales contrasta la “pluralidad” de las extragramaticales, pareja a la multiplicidad y pluralidad del medio que nos rodea y que nuestra mente computeriza con la aparente facilidad de la lógica.» (Calvo, 1994: 55).

Da mesma maneira que não usamos uma pipeta para medir a água necessária para cozer o arroz da refeição, ou uma régua para medir a área de uma quinta, também ao estabelecer as unidades em linguística devemos saber em primeiro lugar o que é que queremos medir com essas unidades. Em linguística, como em qualquer outra disciplina, não se podem estabelecer unidades em termos absolutos. A operação de estabelecer os limites superiores ou inferiores das unidades com que fragmentamos o *continuum* linguístico não será mais do que uma convenção, que dependerá do marco teórico em que o investigador se situe⁹¹, dos recursos com que conta ou dos propósitos para que tal investigação é realizada, pelo que será possível

⁹¹ Alcaraz Varó (1990) recolhe a experiência de W. Chafe, quem

«en los años sesenta, cuando llevaba a cabo la descripción estructuralista de una lengua amerindia, hizo acopio de muchos datos que luego guardó, porque pensó que eran muy valiosos; como más tarde cambiaron sus teorías lingüísticas básicas, se encontró con que aquel material no le servía porque estaba recogido según una concepción teórica en la que ya no creía o que era totalmente irrelevante para su investigación.» (Alcaraz, 1990: 19).

fazer-se análises com graus diferentes de detalhe e até mais do que uma análise correcta (Lakoff, 1977: 246-247).

Em termos absolutos será sempre impossível estabelecer os limites de uma unidade. Como nos lembra Teixeira (1999: 19-21), a Teoria do Caos mostra que não pode haver uma medição objectiva da realidade, pois o resultado de qualquer medição vai depender da escala em que for feita. Seguindo Gleick (1989: 132-134), Teixeira exemplifica esta afirmação com o caso da linha costeira representada num mapa, em que as reentrâncias e saliências de que se compõe se multiplicam até ao infinito conforme se aumente o tamanho do mapa, isto é, conforme se diminua a escala:

«... à medida que a escala de medição diminui, o valor médio do comprimento da linha de costa aumenta sem limite, as baías e as penínsulas a revelarem sub-baías e sub-penínsulas cada vez mais pequenas...» (Gleick, 1989: 134).

Mais importante ainda é o facto de que a maior parte das vezes, as estruturas linguísticas parecem manifestar um carácter holístico ou não composicional, em que a totalidade não é, ou não é só, a soma das partes que a compõe e que a análise das partes não é suficiente para entender a totalidade, tal como nos ensina a teoria da *Gestalt*.

Reduzir as unidades lexicais e lexicográficas à palavra, ou até, como veremos, a unidades inferiores como o monema, obedece a uma concepção atomística da linguagem (uma palavra, um significado) dominante em todas as áreas da linguística moderna, e nomeadamente na semântica e na lexicografia, que entendem o significado como estando permanentemente ligado a uma palavra, independentemente dos contextos situacionais e dos co-textos linguísticos ou estruturas em que ocorrem as palavras, esquecendo, paradoxalmente até dentro do paradigma estruturalista, que o sentido de qualquer lexema inclui tanto as relações sintagmáticas como as paradigmáticas (Lyons, 1995: 125). Assim é entendido, no *Diccionario de Lingüística* de Lewandowski (1986) o conceito de *significado lexicológico*:

«Todos los significados válidos en un tiempo determinado, el contenido conceptual que tiene una palabra (cfr. —> lexema) fuera de las relaciones dentro

2. A metalexicografia

de una determinada frase, su significado potencial, frente al real en el contexto sintáctico.» (Lewandowski, 1986: s. v. **significado lexicológico**).

Mas, como nos lembra o próprio Lewandowski (*ib.*), já dentro do paradigma estruturalista, Hjelmslev lembrava que não se pode atribuir um significado lexicológico a uma unidade lexical tomada independentemente:

«Les significations dites lexicales de certains signes ne sont jamais que des significations contextuelles artificiellement isolées ou praphrasées. Pris isolément, aucun signe n'a de signification. Toute signification de signe naît d'un contexte, que nous entendions par là un contexte de situation ou un contexte explicite, ce qui revient au même; en effet, dans un texte illimité ou productif (une langue vivante, par exemple), un contexte situationnel peut toujours être rendu explicite.» (Hjelmslev, 1976: 62).

Com efeito, ignorar o facto de que as relações sintagmáticas estabelecidas no contexto linguístico entre as palavras fazem parte do significado das mesmas conduzirá a análise lexicológica estruturalista a entender um enunciado como uma combinação de elementos discretos (as palavras, os monemas) e, conseqüentemente, a erros — com importantes conseqüências lexicográficas (*vd. infra* capítulo 6º) — como a divisão do significado numa determinada colocação em sememas que posteriormente serão atribuídos às palavras individuais (Corpas, 1995: 140-141).

Assim, como veremos no capítulo 6º, ao procurarmos num dicionário de português o significado da palavra ^P*desculpas* nas colocações ^P*dar desculpas* e ^P*pedir desculpas*, encontramos os sentidos, ‘perdão’ e ‘escusa’, sob a entrada **^Pdesculpa:**

desculpa [...] **1.** Ação ou efeito de desculpar(-se). **2.** Perdão, indulgência, absolvição. **3.** Escusa, justificação: *Apresentou desculpas por não poder ir ao banquete.* **4.** Pretexto, evasiva: *A doença que alegou para entrar em férias é pura desculpa: nunca o vi tão bem.* (Aurélio).

Mas, mais do que afirmar que os sentidos ‘perdão’ e ‘escusa’ da palavra só se actualizarão em combinação com os verbos ^P*dar* e ^P*pedir* respectivamente, pensamos que, em rigor, não podemos atribuir estes sentidos à palavra ^P*desculpa* tomada isoladamente, mas às colocações ^P*dar desculpas* e ^P*pedir desculpas* e as suas possíveis variantes.

Afortunadamente, nos estudos semânticos e lexicológicos, está-se a abandonar tal concepção do significado léxico para voltar a uma visão mais

“sistemática” ou “estrutural”:

«Recent approaches have tended to abandon the more ‘atomistic’ view of word meaning and instead attempt to be ‘systematic’ or ‘structural’, studying lexical items in their mutual relation. However, this theoretical reorientation has not lead to a drastic change in lexicographical practice.» (Martin, Al & van Sterkenburg, 1983: 82).

E queremos sublinhar aqui o uso do adjectivo “estrutural”, que usamos no sentido de *gestáltico* ou holístico. Como sabemos, *sistema* ou *estrutura* são conceitos basilares, juntamente com o de *valor*, para a nova ciência linguística que nasce com o *Curso de linguística geral* de Saussure, onde o conceito de *sistema* é entendido num sentido claramente *gestáltico*:

«Uma unidade como *caloroso* decompõe-se em duas subunidades (*calor-oso*), mas não se trata de duas partes independentes encostadas simplesmente uma à outra (*calor + oso*). É um produto, uma combinação de dois elementos solidários, cujo valor provém da sua acção recíproca numa unidade superior (*calor × oso*)» (Saussure, 1992: 214-215).

«... o valor do termo total nunca é igual à soma dos valores das partes: *per × eira* não é igual a *per + eira* » (*idem*, 221).

Com efeito, as unidades lexicográficas não podem ser concebidas exclusivamente como sendo unidades atómicas ou indivisíveis que conformam níveis superiores, mas sim entidades que se caracterizam por:

- 1) terem um carácter variável;
- 2) não serem necessariamente composicionais;
- 3) não possuírem um carácter discreto mas gradual e contínuo;
- 4) não serem independentes do contexto em que ocorrem;
- 5) não poderem ser descritas completamente pelas regras gerais da gramática⁹².

⁹² Podemos considerar as unidades lexicográficas como sendo o que Lakoff (1977: 246-247) denominou *Gestalts*, ou *estruturas gestálticas*. Destacamos algumas das propriedades destas estruturas enumeradas pelo autor (*ib.*):

- são ao mesmo tempo holísticas e analisáveis: são constituídas por partes, mas a totalidade não é redutível às partes;
- podem ser analisáveis em partes, mas podem fazer-se análises com graus diferentes de pormenor e até mais do que uma análise correcta, dependendo do ponto de vista, dos recursos, dos propósitos, etc.;
- as diferentes partes que as integram podem estabelecer relações internas de diferentes tipos;
- as *Gestalts*, ou alguma das suas partes, podem estabelecer diferentes tipos de relações externas ou associações com outras *Gestalts* ou com partes de outras *Gestalts*;

2.5. Lexicografia computacional e linguística de corpus

«La buena armonía [na prática da linguística computacional] entre la gramática y el diccionario es primordial para obtener un resultado satisfactorio (calidad y rapidez), de tal manera que el reparto de funciones no pueda ser excluyente. Uno de los mayores errores de los implementadores, a nuestro juicio, ha sido relegar el trabajo lexicográfico a un servilismo totalmente injustificado».

(Aguilar-Amat, 1993: 188-189)

Segundo os cálculos de INFOTERM (vd. Marcos & Sánchez, 1988: 125), existem no mundo mais de trinta milhões de objectos (objectos físicos ou conceitos), «lo cual supone multiplicar por cien el mayor de los diccionarios de cualquier lengua natural» (*ib.*). É fácil de imaginar a impossibilidade de uma pessoa conhecer a totalidade das palavras correspondentes a estes objectos ou conceitos e o que isto pode supor para os tradutores, os lexicógrafos ou os terminólogos se o seu trabalho não fosse assistido por computadores com acesso a grandes bases de dados. Actualmente é quase impossível pensar em realizar qualquer actividade no âmbito da lexicografia ou da terminologia sem recorrer à informática⁹³.

Fruto das investigações em linguística no âmbito da informática, em geral conhecidas como Processamento de Linguagem Natural (PLN), surgem as chamadas “indústrias da língua” (Cassen, 1985), cuja matéria prima são algumas línguas

-
- determinadas propriedades das *Gestalts* podem ser destacadas como propriedades de fundo;
 - uma *Gestalt* pode ser definida pelo facto de ser o contrário de outra *Gestalt*; *Gestalts* contrárias ou opostas compartilharão as mesmas propriedades.

⁹³ O mundo da tecnologia invadiu não só estas actividades eminentemente práticas, mas também o mundo da ciência e da cultura, de tal maneira que, hoje, ciência e cultura são também tecnologia. Como indica Amat em *El libro mudo*, hoje já não se pode falar em cientistas ou humanistas puros, em todo o cientista há um tecnólogo (Amat, 1994: 37):

«La cultura tecnológica no implica una separación de la cultura científica ni tampoco de la humanística. Por el contrario, lo tecnológico aglutina todas las formas culturales. La tecnología ha ido más allá de lo meramente técnico. Hasta es posible que este fenómeno cultural ayude a terminar con el dogmatismo científico y acabe también con el ostracismo, la retórica y la erudición que el discurso humanístico ha acumulado a lo largo del tiempo.» (Amat, 1994: 37-38)

naturais e cujos produtos são as diferentes ferramentas, programas ou utilitários comercializados ou incorporados no *software* existente no mercado. São eles, entre outros (existentes ou que poderão vir a existir): processadores de texto, correctores ortográficos, dicionários electrónicos, dicionários de vários tipos em suporte informático, tradutores automáticos, geradores de voz, sistemas de indexação para diversos tipos de serviços de documentação, etc.

Por outro lado, a própria entrada destas novas tecnologias como simples ferramentas ou como metodologias para o processamento de línguas naturais irá trazer consigo novas exigências na descrição das línguas naturais. Com efeito, com o desenvolvimento da inteligência artificial e da linguística informática, e após algumas décadas de protagonismo dos modelos simbólico-formais utilizados na linguística teórica, chega-se, na década de noventa, à crise do processamento por meio de regras mais ou menos estritas.

Neste sentido, é muito esclarecedora e merecedora de uma séria reflexão por parte de todos aqueles que se dedicam à investigação linguística, uma das conclusões a que se chegou no *Relatório Danzin*, em 1990, produto da avaliação de resultados na investigação em tradução automática, encomendada pela Comissão Europeia, e cuja consequência mais importante foi o cancelamento do *Projecto Eurotra* dois anos mais tarde: tinha-se chegado a um esgotamento dos métodos simbolistas, isto é, do processamento por meio de regras (Abaitua, 1995: 15-16) e, como consequência directa disto, a constatação de que era hora de começar a trabalhar, na engenharia linguística e na linguística informática, também, numa linha menos pura, no sentido de formalista ou simbolista, e iniciar «un retorno a postulados más simples, más rudimentarios, pero que son también más realistas y prácticos» (*idem*, 15).

Com efeito, na década de noventa, uma parte importante da comunidade científica abandona os modelos que dominaram a cena linguística desde a década de setenta e no campo do processamento da linguagem natural e da tradução automática volta a dirigir-se a atenção para métodos — como a memória de tradução, a tradução por exemplos, o cálculo de probabilidades — «más simples y que fueron

arrinconados por la “élite” hace treinta años» (*ib.*).

É neste contexto que surgem, na área do processamento das linguagens naturais, os chamados “conexionismo” e “computação natural”, que não se servem exclusivamente de mecanismos de reescrita como procedimento generativo, isto é, processamentos lógico-sintáticos. Nestes novos modelos, impõem-se a memória e as relações associativas e contextuais (informações que consideramos imprescindível no modelo de dicionário codificador que defendemos):

«Según el conexionismo, las actividades cognitivas del hombre se derivan de operaciones que no son del dominio exclusivo de la lógica simbólica ni de las capacidades estrictamente calculatorias. Se antepone la memoria y la asociación al encadenamiento lógico. Otro elemento que puede servir para diferenciar ambas tendencias es su diferente actitud ante el composicionalismo, mucho más admisible desde los presupuestos logicistas que desde los conexionistas. Entre otras razones por el rechazo de los primeros a contar con el contexto» (Martí Sanchez, 1998: 108).

O mesmo defende Wierzbicka, já em 1985, no campo da lexicologia, ultrapassando os estreitos limites impostos pela “semântica linguística” ao conceito de significado (linguístico, isto é, *denotacional*) assim como as roupagens («esoteric terminology and esoteric analytical devices» (Wierzbicka, 1985: 7) excessivamente formalistas⁹⁴ (e simplistas, porque simplificadoras⁹⁵, e com poucas utilidades práticas) que, como mínimo, pecam por pouco económicas, quando não servem para ocultar escassez de conhecimentos e de resultados empíricos (*ib.*):

«It is also my objective to show that the meaning of everyday words can not only be explicated in a theoretically justifiable way (without a guilty conscience) but also that it can be stated in simple and clear words, without any technical jargon or esoteric descriptive devices, so that the proposed definitions can be perfectly intelligible to the general reader.» (*ib.*).

A preocupação agora, portanto, não será a de chegar a novas ou diferentes

⁹⁴ R. J. Di Pietro (1986: 181) escreve: «El intento de Katz y Fodor (1963) de formular la semántica de la palabra *bachelor* del inglés y esbozar las directrices de una teoría semántica factible, sirvió para destacar la gran dificultad que existe en aplicar procedimientos formales a la estructura del léxico.»

Já dentro do campo concreto da lexicografia, sobre a questão do tamanho, da elegância e do formalismo das descrições lexicográficas, *vd. supra* § 2.1.3.

⁹⁵ «Os quadros da ciência clássica revelariam os seus limites reconhecendo-se por vezes mecanicistas, reducionistas e votados à linearidade», escreve Guitta Pessis-Pasternak (1993: 11), recolhendo as ideias de Ilya Prigogine.

generalizações como de aproveitar as ferramentas informáticas com enormes capacidades de armazenamento, recuperação e tratamento exaustivo de grandes quantidades de informação para fazer uma linguística empírica nunca realizada até hoje —a linguística de *corpus*— que dê conta dos usos reais de uma língua.

A informática permite hoje uma grande capacidade de armazenamento, recuperação e tratamento exaustivo de grandes quantidades de informação em bases de dados ou *corpora* informatizados. Isto deverá conduzir, tanto os informáticos preocupados com o processamento de línguas naturais como os linguistas, a uma profunda reestruturação metodológica e até à elaboração de novos princípios teóricos, que por sua vez ajudarão a criar novos princípios teóricos e metodológicos que governem a automatização, tratamento e recuperação dos dados linguísticos (Boulanger, 1993: 17).

O desenvolvimento dos sistemas automáticos exige uma nova orientação, diferente das que representam as investigações tradicionais, que se caracterizará por uma maior exactidão em detrimento da generalização. O principal problema que se coloca agora é o de fornecer ferramentas para a criação de novas classificações e ordenações, uma nova taxinomia que permita uma recolha sistemática de dados e sua rigorosa classificação ou ordenação. Eis um exemplo:

«Pero el desarrollo de los sistemas automáticos exige un grado de refinamiento a veces superior al de las investigaciones tradicionales. Quizá la tipología más completa de los verbos españoles, desde el punto de vista morfológico, sea hoy la de Mícronet (una de las contadas empresas españolas con investigación propia en las industrias de la lengua). La gramática reconocía normalmente tres conjugaciones y varios conjuntos de verbos irregulares. Pero si se quiere que un programa relacione cada forma verbal que pueda encontrar con su correspondiente infinitivo, es necesario dividir los verbos en casi 80 clases.» (Millán, 1992: 5).

Para o processamento de linguagem natural é fundamental uma descrição encarada de maneira diferente, principalmente no que se refere à inventariação do significado linguístico e do conhecimento enciclopédico (ou extralinguístico) e para tal o dicionário revela-se como um elemento básico neste processo (Díez Carrera, 1994: 35):

«... su aplicación en todos los desarrollos de las industrias de la lengua le han llevado a ampliar sus facultades y a constituirse en uno de los elementos básicos de estas investigaciones. Como resultado el empleo de los diccionarios se ha

2. A metalexicografia

multiplicado y son considerados fuentes suministradoras de información para diferentes usos. Son necesarios: en los sistemas de tratamiento de textos, en los de traducción asistida por ordenador, en los sistemas de indización, en los sistemas inteligentes basados en el conocimiento, en los diversos analizadores, generadores y correctores... » (*idem*, 67).

No caso concreto que nos ocupa, uma obra de carácter contrastivo bilingue, com suficiente informação sobre as relações lexicais sintagmáticas e sobre o uso pragmático-contextual das unidades que apresenta, só será viável em formato dicionário e em suporte informático; o formato dicionário, tal como o concebemos até agora, assim como os dicionários electrónicos, com o hipertexto como uma potente ferramenta de navegação que facilita o reenvio⁹⁶ a grandes quantidades de informação, e, principalmente, as chamadas bases de conhecimento lexical e os bancos de conhecimento bilingue (BKB), de especial interesse para a lexicografia bilingue.

Os bancos de conhecimento bilingue são *corpora* bilingues estruturados, utilizados como ferramenta no método de tradução automática baseada em exemplos⁹⁷, método que resulta particularmente indicado para resolver os problemas de tradução de sintagmas nominais complexos (Hutchins & Somers, 1995: 185) e em geral para tratar os problemas de tradução das combinações lexicais não livres. O banco de conhecimento bilingue é constituído por “bi-textos” alinhados (*idem*, 423) que possibilitam «el acceso a la propia experiencia acumulada en traducción o a la de otros traductores» (*idem*, 423) podendo fornecer tanto informação de tipo puramente linguístico como de tipo enciclopédico (*idem*, 425).

Um sistema de tradução automática baseado em exemplos que utiliza um BKB é o projecto DLT (Distributed Language Translation) da empresa holandesa de *software* “Buro voor Systemontwikkeling” (BSO)⁹⁸. Neste projecto, o banco de

⁹⁶ Sobre a importância dos reenvios nos dicionários, A. Rey (1982: 11) escreve: «Si un dictionnaire sans exemple est un squelette (Voltaire), un dictionnaire ou une encyclopédie sans renvois internes est un ossuaire, fait de *membra disjecta*.».

⁹⁷ Sobre a tradução baseada em exemplos, *vd.* Hutchins & Somers (1995: 185-187; 422-426 *et passim*).

⁹⁸ Sobre o projecto DLT, *vd.* Hutchins & Somers (1995: 397-415; 422-426), e Sadler (1989). Numa

conhecimento bilingue:

«Consta de un corpus de textos equivalentes en las dos lenguas que han sido analizados estructuralmente (mediante un mismo tipo de analizador o parser), dispuestos en “unidades de traducción” conforme el análisis y alineados entre sí. Las unidades de traducción son fragmentos de textos en las dos lenguas, que un traductor consideraría equivalentes e intercambiables entre sí, y, en la medida de lo posible, estructuralmente autónomos.» (Hutchins & Somers, 1995: 423)

Uma das grandes revoluções provocadas pela aplicação das novas tecnologias ao trabalho do lexicógrafo é a possibilidade de utilizar grandes *corpora* como fonte de informação empírica para a análise e descrição linguística, ultrapassando assim a prática de estabelecer regras a partir da própria intuição do linguista ou de dados parciais (Sarmiento, 1995: 108).

Independentemente do tipo de dicionário, seja ele unilingue ou bilingue, histórico ou “de uso”, etc., os lexicógrafos não podem continuar a trabalhar sem tomar como ponto de referência um *corpus*, o mais extenso e variado possível, que lhes permita fazer generalizações em relação a usos e capacidade de combinação lexical, assim como ter uma base real para afirmar quais as acepções que são mais importantes e quais as mais secundárias ou até marginais. Só a partir de exemplos extraídos de um *corpus* é que se poderá ter a certeza de que as diferentes acepções e usos de uma unidade lexicográfica contemplados num dicionário são de facto reais (independentemente até de tais acepções estarem vivas na língua ou não; isto é, trata-se de eliminar os usos ou acepções que nunca existiram, não os que já não existem).

Como já dissemos (*vd. supra* § 1.3), não se pode continuar a trabalhar em lexicografia tomando como obras de referência outros dicionários ou vocabulários existentes (Calderón, 1994: 11), ou pelo menos exclusivamente, por muito que estes possam ser verdadeiras autoridades na matéria.

O mesmo se aplica aos dicionários bilingues, e em especial aos dicionários de espanhol/português (*vd. supra* alguns exemplos em § 1.6 e Anexo 1), onde se propagam os falsos equivalentes, ou palavras raras ou pouco usadas como equivalentes de palavras e acepções muito usadas na outra língua. A única maneira

primeira etapa, o DLT era um projecto de tradução automática tradicional, baseado em regras (*vd. Hutchins & Somers (1995: 397-415).*)

2. A metalexicografia

de evitar estes falsos equivalentes, que se propagam de dicionário para dicionário, é extrair sempre os equivalentes a partir de um exemplo concreto, e não inferi-los a partir das diferentes definições das acepções tomadas de um ou de vários dicionários.

O importante será, portanto, seleccionar os equivalentes a partir dos exemplos, e não elaborar os exemplos a partir dos equivalentes seleccionados. Calderón (1994: 69-70) oferece-nos verdadeiros “exemplos-pérola” tomados de diferentes dicionários espanhóis⁹⁹, todos eles excelentes obras lexicográficas, cuja único erro foi não tomar os exemplos de *corpora* reais (como, aliás, era prática corrente até agora). Um destes exemplos é “*vive en la molicie*”:

«[...] el redactor habrá encontrado en otro diccionario (el DRAE, el DUE) el término molicie con el sentido de 'excesiva comodidad y refinamiento en la manera de vivir', y por alguna razón ha decidido incorporarlo al suyo. Como le han pedido que dé ejemplos, se ha inventado uno que se deduzca miméticamente de la definición previa, de nuevo operando en sentido inverso al deseado: en lugar de ir de los ejemplos a la definición, los lexicógrafos con frecuencia parten de la definición para elaborar los ejemplos.» (Calderón, 1994: 70).

Como a linguística de *corpus* defende, se o linguista quiser fazer uso da sua competência linguística para construir regras gramaticais por meio da introspecção, só o poderá fazer depois de corroborar as suas intuições num *corpus* de exemplos suficientemente representativo: «This seems to be the most favourable point for the operation of introspection — in evaluating evidence rather than creating it.» (Sinclair, 1991: 39).

Estamos convencidos de que algumas das hipóteses ou das crenças construídas a partir dos métodos dedutivos baseados na introspecção do falante nativo (*ib.*) não conseguiriam ser validadas num *corpus* representativo. E no campo que nos ocupa, o da lexicografia, é evidente que a informação contida nos dicionários mudaria substancialmente se estes fossem elaborados a partir de dados e generalizações fornecidos por um *corpus* de textos, ou melhor ainda, da informação

⁹⁹ Eis alguns (Calderón, 1984: 70):

Ana se ha indignado con nosotros (s.v. **indignar**); *Enterarse por un conducto indirecto* (s.v. **indirecto**); *Le infirió una paliza de antología* (s.v. **inferir**); *Es de los que se influyen con facilidad* (s.v. **influir**); *Estoy muy caliente porque me has engañado* (s.v. **caliente**); *Yo le regalé un anillo y ella me regaló, en cambio, un reloj* (s.v. **cambio**; com o sentido de ‘em troca de’); *Se puso al sol y quedó muy morena* (s.v. **poner**); etc.

A Unidade Lexicográfica

(morfo-sintática, semântica, pragmática, etc.) fornecida por bases de dados lexicais elaboradas a partir de *corpora*.

CAPÍTULO 3

A UNIDADE LEXICAL COMO UNIDADE LEXICOGRÁFICA

«Les lexicographes, pas plus que les linguistes, n'ont pu résoudre les difficultés de catégorisation, et leurs attitudes très diverses ont des conséquences importantes pour la détermination des entrées dans un dictionnaire.»

(Dubois & Dubois-Charlier, 1990: 5)

3.0. Neste 3º capítulo apresentaremos brevemente alguns aspectos relativos à conveniência ou não de utilizar para a análise e descrição lexicográficas unidades como o monema, a palavra ou a lexia. Não aprofundaremos, contudo, na questão da definição e delimitação destas unidades, já descritas minuciosamente pela linguística teórica.

Se consideramos que os monemas (ou morfemas) são unidades mínimas com significado¹⁰⁰, poderíamos pensar num dicionário de língua cujas entradas seriam só morfemas lexicais e morfemas gramaticais que o utilizador deveria combinar, usando as regras produtivas da língua, para formar palavras.

Perante os problemas que surgem ao conceber um dicionário com monemas como unidades de análise e descrição lexicográficas, limitações relacionadas com a carência da informação proporcionada pelo contexto e pelo co-texto, assim como com o carácter não composicional que parece patentear a unidade lexicográfica, resta-nos a possibilidade de considerar a oportunidade de utilizar como unidades lexicográficas segmentos iguais ou superiores à palavra.

¹⁰⁰ No *Dicionário de Termos Linguísticos* define-se morfema como segue:

«Unidade mínima com valor morfológico distintivo. Um morfema pode ser definido como a menor unidade gramatical de uma língua ou como a menor unidade portadora de significado. De facto, o morfema comporta estes dois aspectos, e representa, frequentemente, uma correlação entre a forma e o significado num nível inferior ao da palavra....» (Xavier & Mateus (org.), 1992: s.v. **morfema**).

Neste trabalho não abordaremos o tema da palavra, ou, em rigor, do lexema, como unidade lexicográfica, questão relativamente pacífica dentro da lexicografia. Centrar-nos-emos no problema de saber se determinadas combinações destes lexemas deverão ou não ser consideradas como unidades lexicográficas. Contudo, a questão só será tratada nos capítulos seguintes, limitando-nos aqui a enquadrar brevemente a questão do que deve ser uma unidade lexicográfica e fazer algumas considerações sobre o que a linguística considera como sendo unidades lexicais, reflexões de que depois nos serviremos numa fase mais adiantada do trabalho.

3.1. O monema como unidade lexicográfica

Na tradição lexicográfica, a inclusão ou não de determinadas palavras na macroestrutura dos dicionários está baseada na distinção que a gramática tradicional fazia entre flexão e derivação¹⁰¹. Assim, como Lyons (1974: 196) assinala, embora se pudesse considerar, do ponto de vista da sua formação, ^P*bebendo* e ^P*bebedor*, por exemplo, como formas compostas da mesma raiz ^P*bebe(r)* mais os sufixos ^P*-ndo* e ^P*-dor*, respectivamente —adaptamos os exemplos de Lyons (1974: 196): *singing*, *singer* e *sing*—, a gramática e a lexicografia tradicionais consideram a primeira, ^P*bebendo*, como uma forma da palavra ^P*beber*, enquanto a segunda, ^P*bebedor*, como uma palavra distinta. Como consequência, só são inventariadas nos dicionários as palavras construídas por derivação (^P*bebedeira*, ^P*bebedor*, ^P*bebedouro*, etc.), ficando excluídas, porque são consideradas como variantes da mesma palavra, as formas regulares de flexão (^P*bebendo*, ^P*bebido*, ^P*bebemos*, etc.).

A linguística estrutural, e em geral a linguística teórica do século XX, defende, do ponto de vista teórico, a exclusão da macroestrutura do dicionário de qualquer palavra construída mediante processos gramaticais regulares, como palavras derivadas do tipo ^P*bebedor*, ^P*bondade*, ^P*ajustável*, etc.

¹⁰¹ A flexão (ou “acidência”) e a derivação (ou “formação de palavras”) da gramática tradicional conformarão o que, a partir do século XIX, passará a chamar-se “morfologia” (Lyons, 1974: 195-196).

3. A unidade lexical como unidade lexicográfica

Com efeito, seguindo o Estruturalismo e a Gramática Gerativa Transformacional, que considera os monemas (ou morfemas) como unidades básicas (gramaticais e de significado), a gramática e a lexicografia modernas idealizam um dicionário de língua cujas entradas seriam morfemas (lexicais e gramaticais) que o utilizador deveria combinar, usando as regras produtivas da língua, para formar palavras (por ex.: ^P*bom* + ^P*dade*; ^P*a* + ^P*just* + ^P*a* + ^P*vel*). Mas, ao pensarmos em exemplos como os seguintes:

^P*amável* = ‘que se pode amar’?;

^P*adorável* = ‘que se pode adorar’?;

^P*considerável* = ‘que se pode considerar’?;

^P*telenovela* = ^P*tele* + ^P*novela*, como em ^P*tele* + ^P*visão* ?;

^P*bom* -> ^P*bondade* (mas: *a bondade do vinho, de um gestor, de um negócio, etc.);

e, em geral, na extraordinária polissemia que caracteriza a maior parte dos monemas que conformam as palavras¹⁰², ficam patentes as limitações de um tal dicionário, assim como também, como vimos em § 2.1.2, que não existe uma gramática “estruturalista”, uma vez que se continua a trabalhar com um conceito estreito de *construção* (e de *constituintes*) que parece esquecer o princípio estruturalista de que não existem unidades linguísticas que funcionem como fenómenos isolados, mas numa relação de interdependência dentro de um todo chamado estrutura.

Em geral, o tratamento dos derivados nominais, com a clássica definição “acção e/ou efeito de”, é claramente deficitário na prática lexicográfica tradicional, como indica Lázaro Carreter (1980: 73-81), uma vez que a norma não permite a nominalização de todas as acepções da palavra primitiva ou utiliza vocábulos diferentes para a nominalização das diferentes acepções (*idem*, 76-77). O autor apresenta exemplos como ^E*bautizar* ou ^E*casar*, em que nem todas as acepções destes verbos têm o correspondente derivado nominal:

¹⁰² Ciente deste problema, Rey-Debove (1973) distinguia entre unidades do código e produção real do código, uma vez que «La solution qui consiste à définir le lexique comme ensemble des morphèmes suscite une autre difficulté, à savoir qu’une phrase n’est jamais construite à partir de morphèmes, mais à partir des unités codées les plus hautes, chaque fois que le choix se présente, économie bien compréhensible.» (*idem*, 87).

^E*bautizar*1 [administrar el sacramento del bautismo e imponer nombre a un ser humano] =>
^E*el bautizo de un niño*; mas
^E*bautizar*2 [imponer nombre a un animal o cosa] => ^{E*}*el bautizo de un barco*;
^E*bautizar*3 [imponer apodo a una persona, animal o cosa] => ^{E*}*el bautizo de un amigo*;
^E*bautizar*4 [verter líquido sobre alguien o algo] => ^{E*}*el bautizo de un paseante*;
^E*bautizar*5 [adulterar algo echándole agua] => ^{E*}*el bautizo del vino*.
(*idem*, 75-76).

ou exemplos como os verbos ^E*romper* ou ^E*aclarar*, que utilizam diferentes vocábulos, geralmente da mesma família etimológica, nas nominalizações das diferentes aceções:

^E*romper un cristal* => ^E*la rotura de un cristal*;
^E*romper un brazo* => ^E*la rotura de un brazo*;
^E*romper unas negociaciones* => ^E*la ruptura de las negociaciones*;
^E*romper un compromiso* => ^E*la ruptura del compromiso*;
^E*aclarar una idea* => ^E*la aclaración de una idea*;
^E*aclarar la ropa* => ^E*el aclarado de la ropa*;
(*idem*, 77).

As restrições que operam na escolha de um determinado afixo podem ser de diversos tipos. Uma prática lexicográfica baseada de maneira especial nas descrições linguísticas científicas (como as teorias morfológicas estruturalistas) pode traduzir-se num insucesso comercial do dicionário, como aconteceu com o *Dictionnaire du français contemporain* de Dubois *et al.* (1971) (Lerat, 1995: 167), cujo principal inconveniente, deste ponto de vista, é que não segue o critério de ordenação alfabética a que qualquer utilizador está habituado¹⁰³:

«Uno de los los inconvenientes del *DFC* es que ordena las palabras derivadas bajo la primitiva, y no las repite en el lugar que les correspondería según el orden alfabético. Una ordenación más práctica exigiría, desde luego, que se remitiera también a la palabra básica o ‘cabeza de familia’. Tampoco es muy consecuente en cuanto a la ordenación de las palabras formadas mediante prefijos.» (Haensch, 1982: 156, nota 99).

Com efeito, a prática de indicar qual a aceção (lexema) com a que um

¹⁰³ Ao contrário do que acontece, por exemplo, com o *Diccionario de uso del español*, de María Moliner, que também agrupa as palavras por famílias da mesma raiz, mas que não destrói a ordem alfabética tradicional, utilizando um sistema de ordenação alfabética e reagrupação por famílias (*vd.* Moliner, 1990: xxviii).

3. A unidade lexical como unidade lexicográfica

determinado derivado está directamente relacionado poderá parecer uma solução rigorosa do ponto de vista científico para este problema. Contudo, na prática lexicográfica, a solução coloca algumas reservas.

Veja-se, por exemplo, no *Vilela*, os artigos **aberto** e **bom**. A partir de uma entrada como **aberto** podemos constatar que a divisão em paradigmas derivacionais não é tão regular como os linguistas desejariam. A separação entre acepções (lexemas) nunca é tão categórica que permita determinar uma acepção concreta de um determinado primitivo como sendo a procedência exclusiva de um determinado derivado:

aberto [abértu] adj.

I. (diz-se de coisa concreta): (1) — *Desculpe, como a porta estava aberta, entrei. ...*

II. (diz-se de flor): (1) — *As rosas são bonitas quando estão todas abertas!...*

III. (diz-se de coisa abstracta): ... (3) — *O meu pai como tem um escritório aberto, nunca pode gozar férias. ...*

[...]

S. 3. No sentido III, *aberto*, quando se fala de coisa abstracta, tem por sins.: INICIADO, COMEÇADO, ENCETADO (ling. cuidada) (frases 1, 2), EM ACTIVIDADE, EM FUNCIONAMENTO (frase 3), ...

VOC. Abertura (n. f.) (sentido III, frase 3): O estabelecimento tem a porta aberta desde o mês passado. —> *A abertura do estabelecimento deu-se o mês passado.*

Assim, são várias as acepções (lexemas) de ^P*abertura* que não são derivadas da acepção ‘em actividade, em funcionamento’ de ^P*aberto*, tal como nos indica o *Dicionário do Português Básico*, (sentido III, frase 3) como podemos constatar sob a entrada ^P**abertura** do *Aurélio*¹⁰⁴, por exemplo:

abertura. [Do lat. *apertura*.] *S. f.* **1.** Ato ou efeito de abrir, abrimto. **2.** Orifício, fenda, aberta: "Chego-me a uma das portas exíguas, baixinhas, fechadas, meto os olhos por uma abertura, na esperança de enxergar as painéis e as retortas que ainda se conservam lá dentro." (Graciliano Ramos, *Viagem*, p. 24.) **3.** Parte superior de certas peças de vestuário, por onde se abrem e se abotoam; decote: "todo o seu traje e adornos se reduziam a uma espécie de loba negra, que lhe descia até aos pés, abotoada na pequena abertura do peitilho com três botões" (Alexandre Herculano, *O Monge de Cister*, II, pp. 11-12). **4.** Começo, início: *abertura das aulas*. **5.** Solenidade inaugural; inauguração: *Assisti à*

¹⁰⁴ FERREIRA, A. Buarque de Holanda (1986): *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2ª edição, revista e aumentada, 20ª impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. [daqui para a frente: *Aurélio*].

abertura do simpósio. **6.** Afastamento das pontas do compasso, dos pontos extremos de uma baía, golfo, enseada, etc., das vertentes de um vale, etc. **7.** Qualidade de aberto (21); acessibilidade. **8.** *Cin. e Telev.* Efeito em que a imagem surge do preto, definindo-se pouco a pouco. **9.** *Fon.* Timbre de uma vogal resultante do distanciamento entre a língua e o céu da boca. **10.** *Fon.* Afastamento das mandíbulas durante a articulação de um fonema. **11.** *Mús.* Introdução ou prelúdio instrumental a qualquer obra de grande desenvolvimento, como, p. ex., ópera, opereta, oratório, cantata. [Sin. (fr.), nesta acepç.: *ouverture*. Cf., nesta acepç.: *protofonia*.] **12.** *Ópt.* Diafragma que limita a entrada de luz num sistema óptico. **13.** *Ópt.* Diâmetro da pupila de entrada dum sistema óptico. **14.** *Ópt.* O diâmetro de uma lente. **15.** *Ópt.* Numa objetiva, o quociente entre a sua distância focal e o diâmetro da sua pupila de entrada. **16.** *Eng. Ind.* Distância entre dois fios consecutivos de uma peneira. **17.** *Bras. Pol.* Processo político iniciado em 1978 pelo governo, com apoio das forças armadas e com vista à reimplantação do sistema democrático. [A abertura foi precedida pela chamada *distensão*, que eliminou os aspectos repressivos da revolução de 1964, e a ela deveria suceder-se uma Assembléia Constituinte, para atingir o seu objetivo final.] **18.** *Arquit. V. vão* (10). ... (*Aurélio*, s. v. **abertura**).

Poderia afirmar-se que o *Vilela* apresenta um número muito reduzido de acepções, comparado com o *Aurélio*, mas é que o próprio *Dicionário do Português Básico* apresenta exemplos de ^P*abertura* com valores diferentes do apresentado sob o lema **aberto**:

A abertura das barragens facilitou as cheias dos rios. (*Vilela*, s.v. **facilitar**);

A abertura da auto-estrada na floresta do Amazonas é um projecto colossal. (*Vilela*, s.v. **floresta**);

Penetrámos na gruta por uma abertura estreita (*Vilela*, s.v. **penetrar**).

Repare-se agora, no caso de ^P*bom*, como se apresenta o deadjectival ^P*bondade* como sendo um substantivo derivado da acepção I de ^P*bom*, o que também não é verdade:

bom [bõ] adj., bordão

I. [adj.] (diz-se de pessoa, coisa): (1) *O Miguel tem um bom coração.* • (2) *Este senhor é muito boa pessoa.* • (3) — *A senhora foi muito boa para mim! Nunca me esquecerei de si!* • (4) *Este vinho é muito bom!* • (5) *A sobremesa está muito boa.* • (6) *Este trabalhador é um bom artista.* • (7) *Este gestor é mesmo bom!* • (8) *Este cão é bom: guarda muito bem a casa.* • (9) *O seu coração está bom! Pode praticar desporto!* • (10) *Este negócio é bom!* • (11) *Este é um bom resultado!*

II. [adj.] (diz-se de coisa): ...

III. [bordão]: ...

[...]

S. 1. No sentido I, diz-se *bom* das pessoas, dos animais e das coisas que

3. A unidade lexical como unidade lexicográfica

possuem as qualidades morais ou materiais que delas se esperam, tendo, assim, por sins.: BENÉBOLO, BONDOSO e GENEROSO (frases 1,2 ,3); gostoso E SABOROSO (frases 4, 5); COMPETENTE, EFICIENTE, HÁBIL (frases 6, 7); EFICAZ (frase 8); FAVORÁVEL (frase 11); LUCRATIVO (frase 10). Diz-se que um coração está *bom* (frase 9) quando ESTÁ SAUDÁVEL e FUNCIONA BEM. O cont. de *bom* é MAU.

[...]

VOC. Bondade (n. f.) (sentido I): Este homem é muito bom. —> *Este homem tem muita bondade.*

O fenómeno agora é inverso: nem todas as acepções de ^P*bom* I poderão produzir como derivado o substantivo ^P*bondade*, como se indica no dicionário («**VOC. Bondade** (n. f.) (sentido I): Este homem é muito bom. —> *Este homem tem muita bondade.*»). Assim:

- (1) *O Miguel tem um bom coração* —> *?A bondade do coração do Miguel;
- (2) *Este senhor é muito boa pessoa* —> A bondade dessa pessoa;
- (3) — *A senhora foi muito boa para mim! Nunca me esquecerei de si!* —> A bondade da senhora;
- (4) *Este vinho é muito bom!* —> *A bondade do vinho (a qualidade, a excelência);
- (5) *A sobremesa está muito boa* —> *A bondade de sobremesa (a qualidade, o requinte?);
- (6) *Este trabalhador é um bom artista* —> *A bondade do artista (a habilidade, a competência, a eficiência);
- (7) *Este gestor é mesmo bom!* —> *A bondade do gestor (a competência, a eficiência);
- (8) *Este cão é bom: guarda muito bem a casa* —> *A bondade do cão (a eficácia);
- (9) *O seu coração está bom! Pode praticar desporto!* —> *A bondade do coração (a saúde);
- (10) *Este negócio é bom!* —> *A bondade do negócio (o rendimento, a prosperidade);
- (11) *Este é um bom resultado!* —> *A bondade do resultado (a conveniência, a vantagem).

Qual é, em última instância, o fundamento das divisões em acepções de uma entrada lexicográfica? A definição e delimitação dos lexemas (acepções) correspondentes a uma palavra por meio de restrições de tipo sintáctico-semântico¹⁰⁵ pensamos que se revela difícil de manter, nomeadamente ao alargá-la para todo o paradigma derivacional, como acabamos de ver no caso de ^P*bondade*.

Será que se poderá explicar, nos exemplos seguintes, a formação de cada um dos derivados por meio da aplicação de regras produtivas aos distintos lexemas

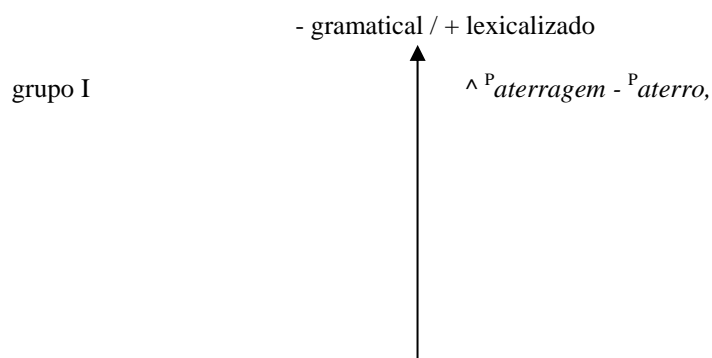
¹⁰⁵ No *Vilela*, por exemplo, a través de expressões como “diz-se de coisa concreta”, “diz-se de coisa abstracta”, “diz-se de flor”, “diz-se de pessoa”, etc., para além da informação contida nas explicações gramaticais (G) e nas explicações semânticas (S).

separadamente?:

^P abster 1 => ^P abstenção	^P aderir 1 => ^P aderência
^P abster 2 => ^P abstinência	^P aderir 2 => ^P adesão
^P afluir 1 => ^P afluência	^P aguar 1 => ^P aguagem
^P afluir 2 => ^P afluxo	^P aguar 2 => ^P aguamento
^P amuar 1 => ^P amuiação	^P atender 1 => ^P atenção
^P amuar 2 => ^P amuamento	^P atender 2 => ^P atendimento
^P aterrar 1 => ^P aterragem	^P beneficiar 1 => ^P beneficência
^P aterrar 2 => ^P aterro	^P beneficiar 2 => ^P beneficiação
^P calcar 1 => ^P calçada	^P confrontar 1 => ^P confrontação
^P calcar 2 => ^P calcadela	^P confrontar 2 => ^P confronto
^P calcar 3 => ^P calcadura	^P consumir 1 => ^P consumição
^P calcar 4 => ^P calcagem	^P consumir 2 => ^P consumo
^P conversar 1 => ^P conversaão	^P cozer 1 => ^P cozedura
^P conversar 2 => ^P conversa	^P cozer 2 => ^P cozimento
	^P cozer 3 => ^P cocção.

Como Lerat (1995: 167) indica, referindo-se à possibilidade de descrever sincronicamente ^Paderência e ^Padesão (*adhésion* e *adhérence*, em francês) como derivados de duas acepções distintas do verbo ^Paderir: ^Paderir 1 [sujeito nome de coisa] => ^Paderência [coisas]; ^Paderir 2 [sujeito nome de pessoa] => ^Padesão [pessoas], a resposta só pode ser negativa uma vez que a formação de ambos os substantivos parece ter-se produzido já no próprio latim sem essa especialização de sentidos (ADHAERENTIA- ‘aderência’, ‘adesão’ > ^Paderência; ADHAESIONE- ‘aderência’, ‘adesão’ > ^Padesão), mantendo-se «en français de jadis *adhésion* et *adhérence* [...] en cocurrence synonymique avant de se voir assigner des valeurs tranchées.» (*ib.*).

Pensamos que, nestes casos, estamos, antes, perante um processo normal de lexicalização, onde os diferentes derivados da mesma palavra poderão especializar-se com significações distintas, conservar o mesmo significado, mas ter usos particulares diferenciados ou poderão, por último, ser derivados totalmente sinónimos. Estaremos, assim, perante um processo de consolidação de usos pela norma, de carácter marcadamente não discreto:



3. A unidade lexical como unidade lexicográfica

(derivados especializados com significados distintos):

^Paderência - ^Padesão
^Pbeneficência - ^Pbeneficiação
^Pconsumição - ^Pconsumo

grupo II
(derivados que conservam ainda um mesmo significado, mas especializados em diferentes usos):

^Pcozedura - ^Pcozimento - ^Pcocção
^Patenção - ^Patendimento
^Pabstenção - ^Pabstinência
^Pafluência - ^Pafluxo
^Pconversaço - ^Pconversa

grupo III
(derivados sinónimos):

^Paguagem - ^Paguamento
^Pcalcada - ^Pcalcadura - ^Pcalcagem
^Pconfrontação - ^Pconfronto
^Pamuiação - ^Pamuamento

+ gramatical / - lexicalizado

Como no caso dos paradigmas derivacionais de *adhérer*₁ => *adhérence* e *adhérer*₂ => *adhésion*, apresentados por Lerat (1995: 167), do ponto de vista diacrónico, muitos destes conjuntos de derivados da mesma palavra poderiam ser concorrentes sinónimos antes de se especializarem com valores distintos.

Em última instância, pensamos que a separação em paradigmas derivacionais ao nível sincrónico (*aderir*₁ => *aderência*, *aderir*₂ => *adesão*; *aterrar*₁ => *aterro*, *aterrar*₂ => *aterragem*, etc.) é uma questão mais léxica do que gramatical, tendo mais a ver com aspectos do conhecimento léxico e enciclopédico (incluídos evidentemente os conhecimentos linguísticos e, de maneira especial, os relativos à norma linguística) do que com apenas aspectos sintáctico-semânticos. Quer dizer, o fundamento da divisão em paradigmas derivacionais é mais de tipo enciclopédico (ou extralinguístico, para os modelos estruturalistas):

«le fondement extrinsèque de ces divisions [no *Dictionnaire du français contemporain* (Larousse, 1971)] n'est pas fourni, parce qu'il ferait appel à des connaissances extralinguistiques (ce qui va contre le programme d'un dictionnaire de langue).» (Lerat, 1995: 167).

Consequentemente, do ponto de vista lexicográfico, podemos concluir que, por estas e outras razões que a seguir apresentaremos, não é uma boa prática lexicográfica a solução de não incorporar derivados morfológicamente regulares como entradas independentes no dicionário (muitas vezes não só por questões de

economia, mas por opção teórico-metodológica dos lexicógrafos ou dos linguistas). Assim, por exemplo, na lexicografia teórica justifica-se a não lematização de derivados morfológicamente regulares como os advérbios deadjetivais acabados em *-mente*, os adjectivos deverbais em *-vel*, os substantivos deverbais em *-dor*, *-ção* ou *-mento*, participios regulares, etc., pelo facto de se incluírem como lemas os afixos e os lexemas simples que entram na sua formação¹⁰⁶.

Como veremos nos capítulos 6º e 7º, este carácter não discreto das diferentes acepções de uma palavra também não vai permitir classificar as unidades pluriverbais (frasemas, etc.) sob cada uma destas acepções, embora existam algumas tentativas na prática lexicográfica moderna, com o que implicitamente se reconhece que os diferentes sentidos que as palavras adquirem em combinação com outras são ao mesmo tempo sentidos (acepções) do lexema tomado isoladamente.

Do ponto de vista da produção textual, as informações que nos proporciona um dicionário de língua sobre os derivados nominais, por exemplo, «nos servirán sólo si las empleamos para descifrar mensajes ya emitidos, pero no si deseamos utilizarlas para generar secuencias aceptables» (Lázaro Carreter, 1980: 76). Por isso, um dicionário bilingue ou unilingue orientado para a codificação deverá registar todas as formas derivadas e compostas consolidadas pelo uso, face a outras potenciais formas regulares, isto é, perfeitamente possíveis na língua do ponto de vista das regras gramaticais, mas não consolidadas na norma ou normas culturalmente favorecidas.

Todos temos experiências nesse sentido à hora de elaborarmos um texto (e não só numa língua estrangeira) e hesitar na escolha de um afixo na altura de formar um determinado derivado. De pouca utilidade será, nesse momento, consultar, nos dicionários de que dispomos, os artigos de entradas como, por exemplo, ^P*influyente*, ^P*influidor*; ^P*melhoria*, ^P*melhoramento* e ^P*melhora*; ^P*fritada*, ^P*fritura*, ^P*frita* e ^P*frito*;

¹⁰⁶ Esta é a solução adoptada, por exemplo, por um dicionário da língua espanhola de excelente qualidade como é o *Diccionario Anaya de la lengua*:

«...entradas de prefijos y sufijos que tienen un alto rendimiento en el idioma [...] para evitar dar entrada a palabras cuyo significado es fácilmente deducible y que resultan, con frecuencia, repetitivas y monótonas, puesto que figuran en su correspondiente familia...» (Villanueva, 1991:11).

3. A unidade lexical como unidade lexicográfica

^P*histerismo*, ^P*histericismo*, ^P*histeria*; ^P*territorializador*, ^P*territorializante*; e muito menos ainda nas entradas correspondentes aos elementos que conformam tais derivados.

Assim, uma simples consulta no dicionário nas possíveis entradas primitivas dos pares de derivados que a seguir apresentamos não nos permitirá saber qual é a palavra correcta em português ou, no caso de ambas serem correctas, qual o sentido procurado:

^P <i>afanosamente</i> ou ^{P*} <i>afanadamente</i> ?	^P <i>inflacionista</i> ou ^P <i>inflacionário</i> ?
^P <i>anexar</i> ou ^{P*} <i>anexionar</i> ?	^P <i>lubrificante</i> ou ^{P*} <i>lubricante</i> ?
^P <i>ansiosamente</i> ou ^P <i>ansiadamente</i> ?	^P <i>provido</i> ou ^{P*} <i>provisto</i> ?
^P <i>exacerbação</i> ou ^{P*} <i>exacerbamento</i> ?	^P <i>reciclagem</i> ou ^{P*} <i>reciclamento</i> ?
^P <i>restrito</i> ou ^P <i>restringido</i> ? (vd. <i>infra</i>)	^P <i>proporcionalmente</i> ou
^P <i>grandiloquo</i> ou ^P <i>grandiloquente</i> ?	^{P*} <i>proporcionadamente</i> ?
^P <i>indubitavelmente</i> ou ^{P*} <i>individavelmente</i> ?	

O mesmo acontecerá, especialmente para um utilizador estrangeiro, com as palavras a seguir apresentadas (todas registadas no *Dicionário da Língua Portuguesa da Porto Editora*)¹⁰⁷. Como poderá saber em que medida são sinónimos? Como poderá saber se se comportam sintacticamente da mesma maneira? E, se não se tratar de sinónimos, como poderá saber, a partir das palavras primitivas que os originam, o que os diferencia semanticamente?:

^P <i>agravamento</i> , ^P <i>agravação</i> ;	^P <i>distracção</i> , ^P <i>distrainimento</i> ;
^P <i>armazenagem</i> , ^P <i>armazenamento</i> ;	^P <i>dissuasivo</i> , ^P <i>dissuasório</i> ;
^P <i>altissonante</i> , ^P <i>altíssimo</i> ;	^P <i>diversão</i> , ^P <i>divertimento</i> ;
^P <i>anticoncepcional</i> , ^P <i>anticonceptivo</i> ;	^P <i>educativo</i> , ^P <i>educacional</i> ;
^P <i>autenticar</i> , ^P <i>autenticificar</i> ;	^P <i>enervação</i> , ^P <i>enervamento</i> ;
^P <i>convencimento</i> ; ^P <i>convicção</i> ;	^P <i>exagerado</i> , ^P <i>exagerativo</i> ;
^P <i>derrame</i> , ^P <i>derramamento</i> ;	^P <i>fraternal</i> , ^P <i>fraterno</i> ;
^P <i>descaminhar</i> ; ^P <i>desencaminhar</i> ;	^P <i>lubricar</i> , ^P <i>lubrificar</i> ;
^P <i>desesperação</i> , ^P <i>desespero</i> ;	^P <i>polivalente</i> , ^P <i>plurivalente</i> ;
^P <i>desnudo</i> , ^P <i>nu</i> ;	^P <i>produtível</i> , ^P <i>produzível</i> ;
^P <i>digestível</i> , ^P <i>digerível</i> ;	^P <i>sudorífero</i> , ^P <i>sudorífico</i> ;

O caso dos participios passados duplos é também um exemplo muito

¹⁰⁷ ALMEIDA COSTA J. e A. SAMPAIO E MELO (1994): *Dicionário da Língua Portuguesa da Porto Editora*. 7ª edição, revista e ampliada. Porto: Porto Editora. [daqui para a frente: Porto Editora].

ilustrativo dos problemas que pode levantar a não incorporação dos derivados regulares no dicionário bilingue de espanhol/português (ou num dicionário português usado para fins codificadores por um espanhol). Ao registar unicamente as formas irregulares dos participípios passados (como se faz, por exemplo, no *Porto Editora*) o utilizador espanhol poderia inferir que essa é a única forma existente, produzindo traduções para o português como:

^E*muerto* => ^P*morto*: ^E*Cuando llegamos ya había muerto*: ^{P*}*Ao chegarmos já tinha morto*.

^E*encendido* => ^P*acendido*: ^E*Espero que la luz esté encendida*: ^{P*}*Espero que a luz esteja acendida*.

^E*aceptado* => ^P*aceitado*: ^E*Nos es grato comunicarle que su pedido ha sido aceptado*: ^{P*}*Temos o prazer de lhe comunicar que o seu pedido foi aceitado*.

^E*entregado* => ^P*entregado*: ^E*La carta me fue entregada en mano*: ^{P*}*A carta foi-me entregada em mão*.

^E*afligido* = ^P*afligido*: ^E*El hombre perseguía afligido al bicho*: ^{P*}*O homem perseguia afligido o bicho*.

Ao inventariar tanto os participípios regulares como os irregulares, o dicionário, poderá informar o utilizador do uso diferenciado dos mesmos em português:

^E*muerto* => ^P*morto* ou ^P*morrido*: ^E*Cuando llegamos ya había muerto*: ^P*Ao chegarmos já tinha morrido* (vs. ^E*Cuando llegamos ya estaba muerto*: ^P*Quando chegamos já estava morto*).

^E*encendido* => ^P*acendido* ou ^P*aceso*: ^E*Espero que la luz estará encendida*: ^P*Espero que a luz esteja acesa* (vs. ^E*Me imagino que has encendido la luz*: ^P*Calculo que tenhas acendido a luz*).

^E*aceptado* => ^P*aceitado* ou ^P*aceite*: ^E*Nos es grato comunicarle que su pedido ha sido aceptado*: ^P*Temos o prazer de lhe comunicar que o seu pedido foi aceite* (vs. ^E*No va a pensar eso por haber aceptado su invitación*: ^P*Não vai pensar isso por ter aceitado o seu convite*).

^E*entregado* => ^P*entregado* ou ^P*entregue*: ^E*La carta me fue entregada en mano*: ^P*A carta foi-me entregue em mão* (vs. ^E*Había entregado todo en el primer día*: ^P*Havia entregado tudo no primeiro dia*).

^E*afligido* = ^P*afligido* ou ^P*aflito*: ^E*El hombre perseguía afligido al bicho*: ^P*O homem perseguia aflito o bicho* (vs. ^E*Afligido por la muerte de su padre*: ^P*Afligido pela morte do seu pai*; ^E*La conciencia abatida conturbó al ladrón*: ^P*A consciência afligida apoquentou o ladrão*).

3. A unidade lexical como unidade lexicográfica

Para acabar, sintetizamos a seguir algumas razões pelas quais pensamos que os derivados regulares deverão ser inventariados como entradas independentes da nomenclatura do dicionário.

Do ponto de vista dos dicionários unilingues:

1. O facto de uma palavra derivada ser morfologicamente regular não implica que seja regular do ponto de vista semântico, isto é, que o seu sentido global seja dedutível da simples soma dos sentidos dos seus constituintes. Comparem-se palavras como *ajustável* ('que se pode ajustar'), *alcançável* ('que pode ser alcançado'), *aplicável* ('que pode ser aplicado') com:

^P*amar* => ^P*amável* ≠ 'que se pode amar', mas sim 'agradável, simpático',
^P*adorar* => ^P*adorável* ≠ 'que se pode adorar', mas sim 'fascinante, encantador',
^P*considerar* => ^P*considerável* ≠ 'que se pode considerar', mas sim 'notável, muito grande, importante'.

2. O facto de um derivado ser morfologicamente regular não acarreta necessariamente que todos os seus sentidos, mesmo sendo derivados da mesma acepção da palavra primitiva, sejam dedutíveis do ponto de vista semântico:

^P*comer* => ^P*comestíveis* 1 (*adj*) = 'que se podem comer';
^P*comer* => ^P*comestíveis* 2 (*s.m.pl*) = 'víveres, géneros alimentícios';
^P*apreciar* => ^P*apreciável* = 'que se pode calcular';
^P*apreciar* => ^P*apreciável* = 'grande, importante, vultoso'.

3. Diferentes acepções da palavra primitiva poderão originar derivados morfológica e/ou semanticamente diferentes que, a falta de uma análise estrutural suficiente, nem sempre são possíveis de predizer:

^P*atender* 1 ('aplicar os sentidos e a mente para perceber') => ^P*atenção*;
^P*atender* 2 ('receber, despachar ou servir alguém') => ^P*atendimento* ¹⁰⁸.
^P*admitir* 1 ('tolerar, consentir, confessar') => ^P*inadmissível* (*adj*);
^P*admitir* 2 ('aceitar, dar entrada a, receber') => ^P*admissão* (*s.m.*).

mas:

^P*cozer* 1 ('cozinhar') => ^P*cozedura*, ^P*cozimento*, ^P*cocção* ?

¹⁰⁸ Cf.: ^E*Es fundamental una buena atención a los clientes: ^PÉ fundamental um bom atendimento aos clientes.*

^Pcozer 1 ('preparar ao fogo ou ao calor') => ^Pcozedura, ^Pcozimento, ^Pcocção ?
^PO tempo de cozedura da massa é de 7 minutos;
^PO tempo de cozimento da massa é de 7 minutos;
^PO tempo de cocção da massa é de 7 minutos ¹⁰⁹.

4. O facto de o derivado ser regular semântica e gramaticalmente não quer dizer que se possa predizer a capacidade léxico-combinatória de todas as suas acepções:

^Patender 1 ('aplicar os sentidos e a mente para perceber'): ^Patenção => ^Pprestar atenção, ^Pdar atenção, ^Pdedicar atenção, *^Pfazer uma boa atenção;
^Patender 2 ('receber, despachar ou servir alguém'): ^Patendimento => ^Pdar atendimento, ^Pfazer um bom atendimento, *^Pprestar atendimento, *^Pdedicar atendimento;
^Eestômago pesado, ^Eojos pesados, ^Ecabeza pesada => ^Epesadez de estômago, mas ^Ecarga pesada ≠> ^E*pesadez de carga;
^Eescalera fija -> ^Ela fijidez de la escalera, mas ^Emirada fija, ^Epuesto fijo, ^Edía fijo, ^Eresidencia fija, ≠> ^E*la fijidez del día.

Do ponto de vista contrastivo ou da lexicografia bilingue é ainda mais fácil justificar a inventariação dos derivados regulares como entradas independentes da nomenclatura do dicionário:

5. Os dois lexemas equivalentes, embora possam ser ambos derivados regulares nas duas línguas, não coincidem:

^Pregar -> ^Pregador; mas ^Eregar -> ^Eregadera;
^Pcalçar -> ^Pcalçadeira; mas ^Ecalzar -> ^Ecalzador;
^Pcafé -> ^Pcafezal, ^Pcafeiral; mas ^Ecafé -> ^Ecafetal;
^Ptecido cartilagíneo; mas ^Etejido cartilaginoso.

6. Nem sempre os lexemas equivalentes são morfologicamente regulares numa das duas línguas, ou nem sempre coincide o tipo de regularidade:

^Pvigiar > ^Pvigilante vs. ^Evigilar > ^Evigilante;
^Pcessação de hostilidades vs. ^Ecese de hostilidades;
^Pabertura ('buraco', 'inauguração') vs. ^Eabertura ('buraco') vs. ^Eapertura ('inauguração') vs. ^Papertura (<^Papertar, 'aperto');
^Protura ('rompimento', 'fractura') vs. ^Erotura ('rompimento', 'fractura');

¹⁰⁹ Cf.: ^EEl tiempo de cocción de la pasta es de 7 minutos.

3. A unidade lexical como unidade lexicográfica

^P*ruptura* (= ^P*rotura*) vs. ^E*ruptura* ('violação de acordo, quebra de uma relação').

7. Não existe uma equivalência semântica total entre os derivados das duas línguas (que poderão ser morfologicamente regulares). Aos valores de um termo numa das línguas podem corresponder dois ou mais termos na outra (ambos perfeitamente regulares):

^P*cozer* => ^P*cozedura* | vs. ^E*cozer* => ^E*cocción*
^P*cozer* => ^P*cocção*

Cf.: ^PO tempo de cozedura da massa é de 7 minutos: ^EEl tiempo de cocción de la pasta es de 7 minutos.

^P*atender* => ^P*atenção* | vs. ^E*atender* => ^E*atención*
^P*atender* => ^P*atendimento*

Cf.: ^EEs fundamental una buena atención a los clientes: ^PÉ fundamental um bom atendimento aos clientes.

^P*convocar* => ^P*convocação* | vs. ^E*convocar* => ^E*convocatoria*
^P*convocar* => ^P*convocatória*

Cf.: ^PA convocação do referendo é feita pelo Presidente da República: ^ELa convocatoria del referendun es hecha por el Presidente de la República.

^P*sugerir* => ^P*sugestão* vs. | ^E*sugerir* => ^E*sugerencia*
^E*sugerir* => ^E*sugestión*

Cf.: ^PLimitei-me só a dar uma sugestão: ^ESólo me limité a hacer una sugerencia.

8. Os lexemas equivalentes, embora semântica e gramaticalmente regulares nas duas línguas, não coincidem quanto à sua capacidade de combinação com outras unidades lexicais:

^P*concluir* => ^P*conclusão* => ^P*tirar uma conclusão*
^E*concluir* => ^E*conclusión* => ^E*sacar una conclusión*.

Cf.: ^PJá tiraste alguma conclusão?: ^E¿Ya has sacado alguna conclusión?

^P*sugerir* => ^P*sugestão* => ^P*dar uma sugestão*
^E*sugerir* => ^E*sugerencia* => ^E*hacer una sugerencia*.

Cf.: ^PLimitei-me só a dar uma sugestão: ^ESólo me limité a hacer una sugerencia.

9. As estruturas equivalentes (lexemas, frasemas, pragmatemas), embora semântica e gramaticalmente regulares nas duas línguas, não coincidem quanto ao seu uso pragmático-contextual:

^Epartir -> ^Epartido; ^Ppartir -> ^Ppartido;

Mas: ^PO brinquedo que me compraste estava partido: ^EEl juguete que me compraste estaba roto;

^EFelicidades (^Pparabéns) vs. ^PFelicidades (^Eque seais muy felices).

^PPré-pagamento (^EPase primero por caja).

3.2. A palavra como unidade lexicográfica

Não entraremos aqui na difícil questão da definição linguística do conceito de palavra¹¹⁰. A questão é amplamente tratada pela linguística teórica, mas sem grande consenso, pois, como Casares (1992: 51) escreve: «bastará recordar que los más insignes gramáticos no acertaron jamás a ponerse de acuerdo acerca de una definición del concepto palabra», e, do ponto de vista metalexigráfico, a questão «hasta ahora ha tenido poca influencia en la sistemática de la lexicografía práctica» (Werner, 1982b: 222)¹¹¹. Como indica Hausmann (*apud* Werner, 1982b: 222), «para

¹¹⁰ Teixeira (1991: 1316-1317) resume muito bem o problema: a palavra não é uma unidade fonética porque as línguas não realizam as suas construções em palavras separadas, mas em conjuntos de palavra que obedecem apenas a um acento principal: [unstrabálham / mazotrusnãw], para além de que duas unidades diferentes podem ser a mesma palavra (*novo/nova*) e duas unidades foneticamente iguais podem representar palavras diferentes [*canto* (verbo) / *canto* (subst.)]. Também não é uma unidade morfo-sintáctica uma vez que a sua função pode ser desempenhada por duas ou mais palavras: assim, em *Penso, logo existo*, a mesma função morfo-sintáctica da palavra *logo* pode ser executada por duas palavras (*Penso, por conseguinte existo*) ou por um sintagma (*Penso, portanto isso é sinal de que existo*). Por último, escreve Teixeira, «as palavras são usualmente portadoras de sentidos diversificados (polissemia) que actualizam conforme os contextos sintácticos e pragmáticos em que se inserem.» (*idem*, 1317), pelo que também não pode ser considerada como uma unidade semântica.

¹¹¹ Para uma defesa da palavra como unidade semântica básica da língua, *vd.* Vilela (1979: 15-23). *Vd.* também alguma bibliografia em Werner (1982: 219-221), assim como, por exemplo, as respostas

3. A unidade lexical como unidade lexicográfica

el lexicógrafo la palabra es ante todo una unidad gráfica en el marco de la convención ortográfica». Quer dizer, identificamos como palavra o conjunto delimitado por dois espaços em branco, aspas, espaço e sinal de pontuação ou espaço e hífen¹¹². Tanto utilizando o conceito de maneira empírica ou intuitiva¹¹³, como qualquer falante faz, usando critérios gráficos para a sua distinção, como utilizando os critérios de identificação e delimitação mais sofisticados que a morfologia pode proporcionar, o seu tratamento lexicográfico não deixa de levantar problemas.

Por outro lado, o facto de muitos lexicógrafos continuarem a utilizar o conceito tradicional de palavra como unidade de descrição e análise lexicográfica não significa que não sejam conscientes dos limites que isto supõe¹¹⁴:

«Por cierto, sería injusto suponer que ninguno de los autores de diccionarios que contienen palabras como lemas tiene conciencia de los problemas que plantea el uso de la unidad ‘palabra’. Si a pesar de todo, en muchas lenguas casi todos los lexicógrafos siguen basándose en esta unidad, debemos preguntarnos qué razones,

à pergunta “Qu’est-ce qu’un mot?” de Greimas, Martinet, Pottier e M. Gross em Ibraim (ed.) (1989). *Vd.* também, nomeadamente para a questão das palavras compostas, Bustos (1986: 31-42), quem afirma:

«Es éste uno de los problemas de más difícil solución de la lingüística, con el agravante de que quizás no sea posible dar nunca una definición válida para un gran número de lenguas de “oración” y/o de “palabra”. Muchos autores han renunciado incluso a intentarlo (*cf.* Coseriu, Gauger, Rohrer, Brekle, etc.) y hablan del conocimiento “intuitivo” que el hablante tiene de las palabras.» (Bustos, 1986: 31).

¹¹² *Cf.* a definição de palavra, um tanto rudimentar, usada nas linguagens de programação em informática, por exemplo:

«Cualquier cosa formada por letras, dígitos y subrayados, rodeada por cualquier cosa que no sea una letra, ni un dígito, ni un subrayado.» (Morgan & McGilton, 1990: 223).

¹¹³ Existe em todos os falantes, linguistas ou leigos, uma ideia empírica da sua existência, o que não merma a sua importância, não só como conceito dentro da linguística, mas também no próprio mecanismo da língua, «porque a palavra, apesar de difícil de definir, é uma unidade que se impõe ao espírito, qualquer coisa de central no mecanismo da língua» (Saussure, 1992: 189). Por outro lado, o problema da delimitação e definição de entidades ou unidades concretas não é só exclusivo da linguística, como assinala Vilela (1979: 15):

«Se a palavra é difícil de definir, a intuição dos falantes apercebe-se dela e assegura que ela existe. Além disso, também nas ciências da natureza, há noções fundamentais que são indefiníveis (como por exemplo, ‘vida’, em biologia).».

¹¹⁴ Contudo, o uso da unidade palavra como lema continua a ser vantajoso, nomeadamente porque corresponde às expectativas conservadoras dos usuários comuns dos dicionários (Cowie, 1983a: 99).

contra todas las objeciones teóricas, hablan en su favor.» (Werner, 1982b: 224).

Assim, um teórico da lexicografia como Hartmann (1983b) considera o conceito de palavra como sendo uma noção pré-científica, uma ferramenta conceptual inadequada para a descrição de todas as complexidades que se manifestam numa língua:

«The pre-scientific notion of the 'word', for instance, is inadequate to capture all the complexities: does it refer to a sequence of sounds (phonological word), of letters (graphic word), is it a formal unit composed of several building blocks (morphological word) or a unit expressing a basic meaning (semantic word)? Are all the inflectional and derivational variants (*high, higher, highest, height, heights, heighten, heightens, heightened, high-class, highly strung*) one unit or several?» (*idem*, 6).

Se, como dissemos, todos os falantes têm a ideia empírica da existência da palavra, muitos também têm a experiência de que não se fala por meio de palavras isoladas, isto é, de que os lexemas não funcionam isoladamente:

«They are made up of smaller elements (phonemes, graphemes, syllables, morphemes), and they are embedded in larger co-texts (phrases, clauses, sentences, paragraphs) which in turn are part of the wider extralinguistic context of speech acts and genres.» (Hartmann, 1983b: 8).

Assim, num enunciado como:

^P*O meu gato de estimação,*

cuja tradução para espanhol será:

^E*Mi gato de compañía,*

não podemos afirmar que ao termo ^P*estimação* corresponde em espanhol o equivalente ^E*estimación*, como também não podemos afirmar que corresponde o termo ^E*compañía*. Podemos afirmar, isso sim, que a combinação lexical ^P*X de estimação* (onde X equivale a ‘animal passível de fazer companhia ou de especial predilecção’) equivale à combinação lexical ^E*X de compañía*. O mesmo acontece com as preposições ^P*por* e ^E*sin*, as únicas palavras em que se diferenciam os enunciados português e espanhol seguintes:

^E*O meu fato novo continua por estrear*

^E*Mi traje nuevo continúa sin estrenar.*

3. A unidade lexical como unidade lexicográfica

Em rigor, não se pode dizer que ^P*por* seja um dos possíveis equivalentes de ^E*sin*. O dicionário bilingue deverá registar antes o grupo ^P*continuar por* e o correspondente equivalente ^E*continuar sin*.

Ao situarmo-nos dentro dos limites da unidade palavra —embora, como veremos, esquecendo o princípio de arbitrariedade do signo linguístico no sentido absoluto que lhe dá Saussure (1992) (vd. Teixeira, 1992), assim como o conceito de *valor (ib.)* —, constatamos, como nos ensinava a linguística estruturalista, que a fragmentação do *continuum* que chamamos realidade difere de uma língua para outra. São muitos os exemplos que se poderiam dar:

português	espanhol
--fatia--	--loncha--
	--rebanada--

português	espanhol
--tribunal--	--tribunal--
--júri--	
--jurado--	--jurado--

português	espanhol	francês	inglês
--hálito--	--aliento--	--haleine--	--breath--
--fôlego--			--courage--
--alento--			

português	espanhol	francês	inglês
--solução--	--sollozo--	--sanglot--	--sob--
	--hipo--	--hoquet--	--hiccup-- ¹¹⁵

Esta ideia de que a mesma realidade conceptual é abrangida de maneiras diferentes pelo vocabulário das diferentes línguas, ou vice-versa, que as diferentes línguas, ou o vocabulário das diferentes línguas, fragmentam a realidade de maneira diferente obedece, como já indicámos em § 2.1.2, a uma concepção discreta e atomista da linguagem (uma palavra ligada a um significado; um monema ligado a um significado) que dominou a linguística moderna, e com ela a semântica e a lexicografia, pela qual se entende o significado como estando permanentemente ligado a um significante, independentemente dos contextos situacionais e dos contextos linguísticos, esquecendo-se, mesmo dentro do paradigma estruturalista, que o sentido de qualquer lexema inclui tanto as relações sintagmáticas como as paradigmáticas.

Isto, como adiantávamos, apesar do princípio de arbitrariedade do signo linguístico estabelecido por Saussure no seu *Curso de Linguística Geral*. Com efeito,

¹¹⁵ Com os hífenes antes e depois de cada termo queremos representar no quadro o esquecimento das relações sintagmáticas.

3. A unidade lexical como unidade lexicográfica

Saussure (1992) entende este carácter arbitrário do signo não só como oposto à motivação onomatopeica, no sentido óbvio de que não há uma relação directa entre o significante e o significado (Saussure, 1992: 126-127), mas também, e muito mais importante, uma concepção de arbitrariedade que leva Saussure a contestar a ideia de língua como uma nomenclatura em que as unidades se justapõem, e a concebê-la antes como uma estrutura em que se estabelecem relações, que poderão ser arbitrárias, de oposição e de associação:

«A primeira coisa que se destaca nesta organização são as *solidariedades sintagmáticas*: quase todas as unidades da língua dependem quer do que as enquadra na cadeia falada, quer das partes sucessivas de que elas se compõem.» (Saussure, 1992: 214).

Assim, a distinção conceptual que poderia existir em espanhol entre ^E*loncha* e ^E*rebanada* face ao único termo português *fatia*, deixa de funcionar ao consideramos os sintagmas ^P*fatia de pão* (^E*rebanada de pan*) e ^P*fatia de presunto* (^E*loncha de jamón*). E o mesmo aconteceria com muitos outros exemplos. Compare-se, por exemplo, alguns equivalentes da palavra ^E*cuello* recolhidas nos dicionários:

^E*Ató el pañuelo al cuello*: ^PAtou o lenço ao pESCOÇO.

^E*Estar con la cuerda al cuello*: ^PEstar com a corda no pESCOÇO.

mas: ^E*Retorcer el pescuezo a*: ^PTorcer o pESCOÇO a.

^E*Jersey de cuello alto*: ^PCamisola de gola alta.

mas: ^E*Gola de la armadura*: ^PGorjal da armadura.

^E*Plancha bien el cuello de la camisa*: ^PPassa bem o colarinho da camisa.

mas: ^E*Gola de la camisa*: ^PGorjeira da camisa.

^E*Algunos curas todavía usan collarín*: ^PAlguns padres ainda usam cabeção.

^E*Se lastimó la cervical y tiene que usar un collarín*: ^PMagoou-se na cervical e tem de usar um colete.

^E*Cuello del útero o cuello uterino*: ^PColo do útero ou colo uterino.

^E*Una vasija de cuello alto*: ^PUn vaso de colo alto.

mas: ^E*Llevar en brazos*: ^PLevar ao colo.

^E*No cojas la botella por el cuello*: ^PNão pegues na garrafa pelo gargalo.

etc.

Apesar de que, de maneira generalizada, toda a linguística do século XX

assume que os recortes (linguísticos) que se fazem da realidade diferem de língua para língua, os dicionários bilingues, ao estabelecerem os paralelismos ao nível paradigmático entre as palavras da língua de partida e as palavras da língua de chegada, excluindo as possibilidades combinatórias das mesmas, estão, implicitamente, a pressupor a existência de um paralelismo na organização léxico-semântica das duas línguas (Lépinette, 1996: 54).

Algo semelhante acontece nos chamados dicionários paradigmáticos (Haensch, 1982a: 177). Com efeito, os dicionários de sinónimos e de antónimos, e também muito frequentemente nos dicionários ideológicos, acabam por dar uma visão redutora dos significados das palavras que tratam ao não tomar em conta, na descrição dos significados das palavras, as relações sintagmáticas que estas estabelecem com outras palavras para actualizar os diferentes sentidos (sobre o exemplo ^P*forte*, vd. *infra* § 4.5 e capítulo 6º):

FUERTE Enérgico. Dinámico. Fortachón. Acérrimo. Forzudo. Nervudo. Robusto. Recio. Entero. Macho. Pujante. Brioso. Ardoroso. Cereño. Fornido. Toroso. Toral. Rebolludo. Membrudo. Costilludo. Roblizo. Adiano. Hercúleo. Macizo. Imponente. Corpulento. Potente. Poderoso. Agudo. Animoso. Valiente. Varonil. Tenaz. Terrible. Esforzado. Estoico. Invencible. Invulnerable. Impetuoso. Rabioso. V. FORTALEZA. (Sainz de Robles, 1989, s.v. **fuerte**).

FORTE *Sin.* Robusto, vigoroso, corpulento, gordo. Substancioso. Consistente, sólido, resistente, rijo. Animoso, destemido, valente, corajoso, valoroso, esforçado: *Os ferros se tornaram menos duros, e os corações mais fortes* (Vieira). Convincente, persuasivo. Intenso, vivo, ativo. Entendido, versado, douto, instruído, perito: *É forte em finanças, em medicina*. Poderoso, possante. Inquebrantável. Difícil, duro, penoso: *É mais forte a guerra, e mais dura a resistência dos entendidos que a dos braços* (Vieira). Estranhável, audacioso, inacreditável: *Essa agora é forte!* (Séguier). Violento, impetuoso, rijo. Fortificado. Irascível, ríspido: *Gênio forte*. Cheio, sonoro, retumbante: *Voz forte*. Ant. — Fraco. (Fernandes & Luft, 1984, s.v. **forte**).

Podemos encontrar, contudo, casos periféricos que não ficam resolvidos com a actualização no discurso, mas os casos que não ficam resolvidos co-textual ou contextualmente são raros. Um exemplo conhecido pelos alunos de espanhol ou de português como línguas estrangeiras é o de ^E*vaso* e ^E*copa* como equivalente de ^P*copo*, e, em geral a conceptualização nestas duas línguas dos recipientes para

3. A unidade lexical como unidade lexicográfica

beber¹¹⁶. Em termos gerais, enquanto o português utiliza, entre outros, a classe de líquido que pode conter um recipiente como critério para distinguir os tipos de vasos para beber (^P*champanha* → ^P*taça*; ^P*licor* → ^P*cálice*, ^P*chá* → ^P*chávena*), o espanhol, normalmente, toma em consideração as formas destes recipientes¹¹⁷:

[Vd. imagens em **Iriarte Sanromán, Á.** (2001) *A Unidade Lexicográfica. Palabras, Colocaciones, Frasemas, Pragmatemas*. Braga: Centro de Estudos Humanísticos-Universidade do Minho.]

Contudo, e apesar desta divergência na conceptualização destes objectos¹¹⁸, os problemas de equivalência, duma maneira geral, ficam resolvidos co-textual ou contextualmente:

^E*vaso/copa de agua* = ^P*copo de água*
^E*vaso/copa de vino* = ^P*copo de vinho*
^E*copa de champán* = ^P*taça de champanhe*
^E*copa/copita de oporto* = ^P*cálice de porto*
^E*taza de leche* = ^P*chávena de leite*
^E*taza/tazita de café* = ^P*chávena/xícara de café*
^E*jarra de cerveza* = ^P*caneca de cerveja*
^E*cuenco de leche con cereales* = ^P*tigela de leite com cereais*.

¹¹⁶ Excluimos aqui os casos de metonímia, em que o referente do nome é o conteúdo do recipiente (continente pelo conteúdo), por exemplo: ^E*Vamos a tomar unas copas [de vino]*: ^P*Vamos tomar uns copos [de vinho]*.

Sobre a importância do conhecimento enciclopédico para a descodificação destes casos de metonímia, *vd.* Lakoff (1977: 240-243), que apresenta exemplos como: *The kettle is boiling* vs. *The ice bucket is melting*, onde não há nenhum tipo de informação linguística que nos permita explicar por que o primeiro permite uma leitura metonímica e não o segundo.

¹¹⁷ Sobre análise conceptual e lexicografia, nomeadamente sobre chávenas, canecas, etc., *vd.* Wierzbicka (1985: 10-103).

¹¹⁸ Uma prova de que a categorização deste tipo de objectos é diferente em espanhol e em português é a dificuldade (ou talvez impossibilidade) de tradução de frases como: ^E*Cuando pongas la mesa, a la niña ponle un vaso mejor que una copa*: ^P*Ao pones a mesa, à menina põe-lhe um copo melhor do que um copo*, ou ^E*Los cristales de la ventana están hechos de vidrio*: ^P*Os vidros da janela estão feitos de vidro* (devido ao valor genérico que a palavra ^E*crystal* tem em espanhol), assim como de fornecer equivalentes lexicais dos termos portugueses ^P*café/bica/cimbalino*, ^P*café curto*, ^P*café comprido*, ^P*pingo/garoto*, ^P*pingo directo*, ^P*pingo normal*, ^P*meia de leite*, ^P*galão*, ^P*café com leite* ou dos espanhóis *café*, *café solo*, *café cortado*, *café con leche*, *café con leche doble* (*vd. infra* capítulo 6°).

ou até por mecanismos puramente lexicais, pois é frequente que as línguas (nomeadamente línguas de cultura muito próximas) cheguem a desenvolver mecanismos lexicais que permitem resolver estas diferenças de conceptualização. Assim, por exemplo, Carter (1997: 49-50) apresenta casos para o francês e o inglês como ^F*chaise*, ^F*fauteuil*, ^F*chauffeuse*, ^F*tabouret*, ^F*banc*, ^F*canapé* e ^I*chair*, ^I*stool*, ^I*bench*, ^I*couch*, ^I*sofa*, em que claramente nos encontramos com conceptualizações que reflectem uma fragmentação diferente da realidade nas duas línguas. Neste caso, o inglês, que só apresenta um único termo (^I*chair*) como equivalente dos termos franceses ^F*chaise*, ^F*fauteuil*, pode desenvolver, em determinados contextos, mecanismos lexicais que permitam distinguir entre as duas categorias do francês (neste caso, o lexema ^I*armchair*)¹¹⁹. Outro caso pode ser o das palavras espanholas ^E*vaso* / ^E*copa*, que o português traduz indistintamente por ^P*copo*. Em determinados contextos, o português pode utilizar a palavra ^P*taça*, como na frase: ^P*Para beber quero uma taça de vinho tinto*, no lugar de ^P*Para beber quero um copo de vinho tinto*, em que os pares ^P*taça* / ^P*copo* corresponderiam aos pares ^E*copa* / ^E*vaso*.

Mesmo que os cortes linguísticos que as diferentes línguas possam fazer do mundo empírico não se possam sobrepor a nível lexical, todas as línguas chegam ou podem chegar à mesma precisão na descrição da realidade, ora por meios léxicos, ora gramaticais, «puisque les langues utilisent leurs “potentialités” morphologiques et syntaxiques pour suppléer aux lacunes lexicales.» (Clas, 1996: 208).

Esquecer que a maior parte destes casos ficam resolvidos na actualização discursiva (co-textual ou contextualmente) é olvidar que a divisão linguística desse *continuum* a que chamamos realidade também não é discreta (Fuchs, 1994).

¹¹⁹ *Vd.*, por exemplo, Carter (1997: 49-50), que apresenta casos para o francês e o inglês como: ^F*chaise*, ^F*fauteuil*, ^F*chauffeuse*, ^F*tabouret*, ^F*banc*, ^F*canapé* e ^I*chair*, ^I*stool*, ^I*bench*, ^I*couch*, ^I*sofa*, em que claramente nos encontramos com conceptualizações que reflectem uma fragmentação diferente da realidade nas duas línguas. Neste caso, o inglês, que só apresenta um único termo (^I*chair*) como equivalente dos termos franceses ^F*chaise*, ^F*fauteuil*, pode desenvolver, em determinados contextos, mecanismos lexicais que permitam distinguir entre as duas categorias do francês (neste caso, o lexema ^I*armchair*).

Sobre o campo lexical “assento”, *vd.* Pottier (1963) e Vilela (1979: 80-83). Em Vilela (1979: 79-152) podemos encontrar algumas outras análises de campos lexicais de vários autores.

3. A unidade lexical como unidade lexicográfica

Assim, retomando os exemplos com que iniciávamos este parágrafo, no caso de ^P*hálito*, ^E*aliento*, ^F*haleine*, etc., não se trata de que a um conceito em espanhol ou em francês correspondam três conceitos em português. Os possíveis sentidos que potencialmente podem representar as três palavras portuguesas ^P*hálito*, ^P*fôlego* e ^P*alento* poderão ser co-textualmente actualizados, por exemplo, como segue:

- (a) ^P*Ter mau hálito*
- (b) ^P*Tomar fôlego*
- (c) ^P*Palavras de alento*

No caso do espanhol, francês e inglês, não podemos dizer que estamos perante um único sentido indiferenciado das palavras ^E*aliento*, ^F*haleine* e ^I*breath*. Os mesmos três sentidos das palavras portuguesas ^P*hálito*, ^P*fôlego* e ^P*alento* serão actualizados nestas três línguas por meio de uma única palavra. Contudo, existem mecanismos na língua que vão permitir resolver estes fenómenos de polissemia, mecanismos de tipo pragmático que se podem construir a partir da informação fornecida pelo contexto situacional, mas também pelo co-texto, que poderá fornecer informação sobre as palavras com que se combinam estes termos para actualizar um sentido concreto:

«...cuando analizamos textos reales comprobamos que, normalmente, una distinción de significados lleva aparejada una diferenciación formal, es decir, que a acepciones distintas de una misma palabra suele corresponderle estructuras formales también diferentes [...]Es decir, las diferentes acepciones de una palabra no radican exclusivamente en dicha palabra, sino en ella más otros elementos de su entorno (una determinada estructura sintáctica, la exigencia de un determinado sujeto o complemento, una particular colocación, etc.» (Calderón, 1994: 54-55).

Assim, no caso dos exemplos espanhóis acima apresentados, estamos perante três acepções diferenciadas da mesma palavra (como se pode constatar pelas três lexicalizações diferentes que encontramos em português) que, frequentemente, trazem consigo algum tipo de variação a nível morfo-sintáctico¹²⁰, isto é, vão

¹²⁰ Deste princípio, de que diferentes construções sintácticas supõem, em geral, diferenciações semânticas, parte a teoria do "léxico-gramática", conjunto de estudos sintácticos baseados nos trabalhos de M. Gross e desenvolvidos nos trabalhos de tipo distribucional do L.A.D.L. (Laboratoire d'Analyse Documentaire et Linguistique) que dirige Gross sobre o "léxico-gramática" do francês. Sobre

atualizar-se, na maior parte dos casos, co-textualmente de maneira diferente, como podemos ver nos exemplos seguintes:

- (a) ^E*Tener mal aliento*
- (b) ^E*Tomar aliento*
- (c) ^E*Palabras de aliento.*

Como veremos no capítulo 7º, do ponto de vista lexicográfico, estas variações no comportamento sintáctico das palavras poderá fornecer informação útil para detectar as unidades lexicográficas.

3.3. Unidades superiores à palavra

Como acabamos de ver, a ocorrência de ^E*aliento* com palavras como ^E*mal* ~, ^E*tomar* ~ e ^E*palabras de* ~ vai permitir-nos resolver em espanhol o problema da polissemia da palavra ^E*aliento* e distinguir as três acepções da mesma que correspondem às palavras portuguesas ^P*hálito*, ^P*fôlego* e ^P*alento*, isto, porque, em palavras de Clas (1996: 209), «le syntagmatique supplée aux défaillances du paradigmatique».

Não queremos afirmar com isto, como teremos ocasião de assinalar no capítulo 4º, que ^P*ter mau hálito* ou ^E*tener mal aliento* sejam casos de expressões fixas ou idiomáticas (frasemas). Em unidades fraseológicas como ^P*esticar a canela*¹ ou ^P*esticar o pernil*¹, não são os lexemas ^P*esticar* e ^P*canela* (ou ^P*pernil*) que se combinam para produzir um determinado sentido¹²¹ (como em ^P*comprar um livro*). Ambas as palavras formam um bloco, que significa, na sua totalidade, 'morrer'¹²².

este modelo, *vd.* Guillet & La Fauzi (eds.) (1984), Gross & Vivès (1986), Danlos (ed.) (1988).

¹²¹ A não composicionalidade semântica é a característica principal deste tipo de unidades fraseológicas, juntamente com a memorização, a não produtividade, a aceitação de algumas regras de derivação, a equivalência a uma palavra (*vd.* Alonso Ramos: 1993: 179). Como veremos no capítulo 5, outro tipo de combinações restritas de palavras, as colocações, caracterizam-se pela sua não composicionalidade semântica parcial.

¹²² Como veremos mais abaixo, na lexicologia estruturalista, a equivalência a uma palavra é uma

3. A unidade lexical como unidade lexicográfica

Neste caso estamos, como veremos (*vd. infra* capítulo 4º), perante unidades lexicais e não perante combinações de unidades lexicais.

O mesmo não acontece com combinações livres de palavras como ^E*tener mal aliento*, ^E*tomar aliento* e ^E*palabras de aliento*, ou com outro tipo de combinações de palavras, mais interessante do ponto de vista lexicográfico, como ^P*leite gordo* (cf. ^P**leite gorduroso*, ^P**leite oleoso*, ^P**leite untuoso*), ^P*mudança radical* (cf. ^P**mudança febril*), ^P*ódio mortal* (cf. ^P**ódio cego*), ^P*correr um risco* (cf. ^P**sofrer um risco*), ^P*dar um passeio* (cf. ^P**fazer um passeio*), ^P*falar inglês* (cf. ^P*falar bem*, ^P*falar devagar*), ^P*dar ouvidos* (cf. ^P**fazer ouvidos*), ^P*dar desculpas*, ^P*pedir desculpas*, etc. Aqui já não estamos perante unidades lexicais, como no caso das expressões idiomáticas. Trata-se agora da ocorrência de duas ou mais unidades lexicais, como se pode constatar pelos seguintes exemplos, em que inserimos outros elementos linguísticos entre as duas unidades lexicais que conformam a combinação:

^P*leite gordo*: O leite é um bom alimento para as crianças, especialmente se for gordo.

^P*mudança radical*: A mudança não foi assim tão radical como ela tinha anunciado.

^P*dar um passeio*: Dar frequentemente um passeio.

É evidente que este tipo de combinações lexicais não são totalmente livres, como fica evidenciado com os casos agramaticais que acompanham cada exemplo (^P**fazer um passeio*, etc.). Estamos perante casos de combinatória lexical restrita (as chamadas colocações), em que, por exemplo, para a estrutura substantivo + adjectivo, diferentes substantivos seleccionam diferentes adjectivos para exprimir a mesma ideia:

‘muito’ interesse -> ^P*vivo interesse*;

‘muita’ mudança -> ^P*mudança radical*;

‘muita’ obediência -> ^P*obediência cega*;

‘muita’ memória -> ^P*memória portentosa*, ^P*memória de elefante*;

‘muito’ desejo -> ^P*desejo ardente*;

‘muita’ vontade -> ^P*vontade louca*;

‘muita’ chuva -> ^P*chuva torrencial*;

condição *sine qua non* para considerar uma combinação de palavras como sendo uma unidade fraseológica e poder ser estudada dentro do léxico e não da gramática (*vd. Coseriu, 1977: 117; Vilela, 1979: 20, 33-34; Nascimento et al., 1984: 29*).

‘muita’ fome -> ^P*fome canina*;
‘muito’ ódio -> ^P*ódio mortal*, ^P*ódio figadal*;
‘muita’ ignorância -> ^P*ignorância supina*;

Acontecendo o mesmo na estrutura verbo + advérbio (ou locução adverbial):

comer ‘muito’ -> ^P*comer como um abade*;
recusar ‘muito’ -> ^P*recusar firmemente*;
proibir ‘muito’ -> ^P*proibir terminantemente*;
acreditar ‘muito’ -> ^P*acreditar piamente*;
chover ‘muito’ -> ^P*chover a cântaros*;
chover ‘muito’ -> ^P*chover torrencialmente*;
dormir ‘muito’ -> ^P*dormir como uma pedra*;
trabalhar ‘muito’ -> ^P*trabalhar como um negro*;
trabalhar ‘muito’ -> ^P*trabalhar como um galego*;

Isto permitir-nos-á formular uma das hipóteses apresentadas no primeiro capítulo do presente trabalho: se as relações sintagmáticas que se estabelecem entre as palavras muito frequentemente fornecem informação suficiente para resolver certos problemas de polissemia, isto é, se as diferentes acepções de uma palavra podem ser interpretadas como os sentidos que esta adquire em combinação com outras palavras, nesse caso devemos ultrapassar os limites da palavra como unidade lexicográfica, e sugerir como unidade de análise e descrição lexicográficas tais combinações de palavras.

Em geral, a linguística teórica reconhece a existência, entre outros, dos factores de fixidez ou de repetição que existem na produção do discurso. Podemos encontrar pares conceptuais correspondentes à distinção entre combinações lexicais livres e combinações não livres, entre outros, em Lyons (1995: 50-52), com os conceitos de expressões sintagmáticas lexicalmente compostas (*lexically composite phrasal expressions*) e expressões sintagmáticas lexicalmente simples (*lexically simple phrasal expressions*); em Lázaro Carreter (1980: 187-188), com os termos “lenguaje literal” e “lenguaje no literal” (*vd. supra* § 2.2); em Sinclair (1991: 109-115), com os termos “open choice principle” e “idiom principle”; em Herculano de Carvalho (1979: 495-496; 504-525), com a distinção entre “sintagma livre” e “sintagma fixo”; o conceito de “lexia”, como unidade lexical da língua face a uma

3. A unidade lexical como unidade lexicográfica

combinação fortuita no discurso, de Pottier (Pottier (ed.), 1973, s. v. **lexie**; Pottier, 1978: 269-270); ou em Coseriu, ao distinguir entre “técnica de discurso” e “discurso repetido”:

«Dentro de la sincronía es preciso distinguir entre la “técnica del discurso” y el “discurso repetido”. Las “lenguas” son ante todo técnicas históricas del discurso (o del “hablar”), pero las tradiciones lingüísticas distan mucho de contener sólo “técnica para hablar”: contienen también “lenguaje ya hablado”, trozos de discurso ya hecho y que se pueden emplear de nuevo, en diferentes niveles de la estructuración concreta del habla. La “técnica del discurso” abarca las unidades léxicas y gramaticales (lexemas, categoremas, morfemas) y las reglas para su modificación y combinación en la oración, es decir, las “palabras” y los instrumentos y procedimientos léxicos y gramaticales. El “discurso repetido” abarca todo lo que tradicionalmente está fijado como “expresión”, “giro”, “modismo”, “frase” o “locución” y cuyos elementos constitutivos no son reemplazables o re-combinables según las reglas actuales de la lengua.» (Coseriu, 1977: 113).

Contudo, também se reconhece que é difícil traçar uma fronteira clara entre o que é e o que não é uma combinação livre de palavras, como já encontramos no *Curso de Linguística Geral*:

«Mas é preciso reconhecer que, no domínio do sintagma, não há limite definido entre o facto da língua, resultado do uso colectivo, e o facto da fala, que depende da liberdade individual. Numa multidão de casos, é difícil classificarmos uma combinação de unidades, porque um factor e outro concorreram para a sua produção e em proporções que não é possível determinar.» (Saussure, 1992: 210-211).

Como indica Lyons (1995: 52), a fronteira entre as expressões lexicalmente compostas (formadas por um processo de gramaticalização) e as expressões lexicalmente simples¹²³ (expressões lexicalizadas) não é tão clara como se possa pensar. Muito frequentemente deparamo-nos com casos de combinações lexicais que tanto podem ser expressões sintagmáticas lexicalmente compostas (isto é, aquelas que são formadas aplicando as regras produtivas da língua), como expressões sintagmáticas lexicalmente simples (isto é, as lexicalizadas, e que, como tais,

¹²³ Como veremos, semanticamente, as “expressões lexicalmente simples” caracterizar-se-ão pelo facto de que o seu significado é diferente do da soma dos significados dos lexemas constituintes:

«... el compuesto se caracteriza, frente al grupo sintáctico, porque la información que nos proporciona es diferente de la deducible de la simple articulación de sus componentes en un grupo sintáctico correspondiente.» (Bustos, 1986: 33).

deveriam aparecer listadas no dicionário, uma vez que não se formam, apenas, pela simples aplicação das regras produtivas da língua). Comparem-se, por exemplo, os seguintes casos:

^P <i>passar bem</i> [por algum lugar];	^P <i>passar bem</i> [cumprimento];
^P <i>Fazer a barba</i> [de um boneco];	^P <i>fazer a barba</i> ('barbear(-se)');
^P <i>Fazer uma cama</i> [um marceneiro];	^P <i>fazer uma cama</i> [com os lençóis, etc.].

Contudo, o conceito “*lexically simple expressions*” (face às “*lexically composite expressions*”) que Lyons utiliza, não será suficiente para abranger todos os fenómenos de combinatória lexical que um bom dicionário codificador deverá recolher, uma vez que, para Lyons (*idem*, 51), só as expressões (de palavra ou sintagmáticas) lexicalmente simples (isto é, os lexemas) é que devem figurar no dicionário, excluindo deste modo as expressões de palavra derivadas, construídas a partir de expressões de palavra lexicalmente simples por meio da aplicação das regras de formação de palavras (sobre esta questão da pertinência da inclusão nos dicionários de língua, como unidades lexicográficas, das palavras derivadas, *vd. supra* § 3.1).

Herculano de Carvalho (1979: 495-496; 504-525) admite, tanto do ponto de vista sincrónico como diacrónico, a existência de uma gradação entre o sintagma e a palavra em que distingue três graus:

- sintagma livre: ^P*ficar de boca aberta*, ^P*a boca do lobo*;
- sintagma fixo: ^P*um ramo de bocas-de-lobo* ¹²⁴

¹²⁴ Evidentemente, a questão nada tem a ver com a tradição ortográfica, que não resolve o problema —*cf.*, por exemplo, *primeiro ministro* (Vilela, *s.v. salário*) *vs.* *primeiro-ministro* (Vilela, *s.v. reunir*); *caminho-de-ferro* (Porto Editora) *vs.* *caminho de ferro* (Cândido) *vs.* *estrada de ferro* (Porto Editora e Aurélio), *co-opositor vs. coocupante* (Aurélio) *vs.* *co-ocupante* (Porto Editora); etc.—, antes pelo contrário, como o próprio Herculano de Carvalho (1979: 506-507, nota 9) ressalta:

«No tratamento das questões aqui postas não devemos deixar-nos levar pela ortografia corrente e oficial, que estabelece distinções gráficas de significantes de natureza essencialmente idêntica e vice-versa: *caminho de ferro*, com os termos inteiramente separados, e *anticomunista*, de elementos totalmente ligados, têm a mesma natureza que *pão-de-ló* e *anti-europeu*, de termos unidos por hífenes; *madressilva* tem o mesmo carácter sintagmático de *madre-pérola*, e *aguardente*, considerado como uma só palavra, em nada se distingue do sintagma que poderia ser representado como *água ardente*. Observe-se porém que as contradições e decisões arbitrárias dessas normas reflectem, sintomaticamente, a natureza mesma do fenómeno.»

3. A unidade lexical como unidade lexicográfica

- palavra composta: ^P*ficar boquiaberto* (*idem*, 506).

Para Herculano de Carvalho, o sintagma fixo, que de facto não é uma verdadeira palavra porque conserva algumas propriedades sintagmáticas (*idem*, 522), pode ser definido como

«uma associação de palavras em sequência fixa, que constitui uma unidade sintáctica perfeita (funcionando como sintagma mono-léxico) e também muitas vezes semântica (significando um conceito simples) e morfológica.» (*ib.*).

Para este autor, os limites entre o sintagma livre e o sintagma fixo são claros. Face ao sintagma livre, um sintagma fixo caracteriza-se, do ponto de vista semântico, pelo facto de que (*idem*, 508-513):

- a) o sintagma fixo significa um conceito simples (^P*guarda-roupa*), do mesmo modo que a palavra, enquanto o sintagma livre significa um conceito complexo (^P*guardar a roupa na gaveta* = *guardar* + *roupa*), e
- b) conseqüentemente, a significação do sintagma fixo não resulta da combinação do significado dos seus termos (^P*guarda-chuva*, ^P*bocas-de-lobo*), como acontece com a do sintagma livre (^P*guardar a roupa*, ^P*boca de lobo*).

Do ponto de vista formal (morfo-sintáctico), para Herculano de Carvalho (1979: 514-522), os sintagmas fixos caracterizam-se, face aos sintagmas livres, por:

- a) a ordem rígida dos seus elementos¹²⁵: *amor-perfeito* vs. **perfeito-amor*;
- b) a impossibilidade de modificação (substituição: *caminho de ferro* —> **caminho de aço*; supressão: *viajar pelo caminho de ferro* —> **viajar pelo caminho* ou expansão: *um caminho de ferro* —> **um caminho novo de ferro*) dos seus elementos;
- c) a possibilidade de pertencer a uma classe gramatical diferente da do núcleo (*bem-me-quer* (substantivo));
- d) a menor capacidade de variação flexional dos seus elementos (*bem-me-quer*);
- e) a possibilidade de apresentar construções sintácticas anómalas (*ganha-perde*);
- f) o funcionamento sintáctico como uma única palavra (sintagma mono-

Sobre o assunto, *vd.* Catach (1981) e Mathieu-Colas (1994).

¹²⁵ *Termos*, na terminologia de Herculano de Carvalho (1979: 494), entendidos como “constituintes imediatos de um sintagma”.

- léxico) (*viajar em caminho de ferro = viaja em avião*)
g) a integração numa estrutura paradigmática lexical, como mais uma palavra.

Porém, para Herculano de Carvalho, já é mais difícil distinguir entre sintagma fixo e palavra composta, que podem diferenciar-se pelo facto de (*idem*, 523)

- a) a palavra composta ter um único acento tónico;
b) a palavra composta é formada por entidades presas, não idênticas a palavras.

Apesar desta dificuldade ou impossibilidade de estabelecer uma fronteira clara entre o que são combinações livres e combinações fixas, a semântica lexical estruturalista exclui do seu âmbito de estudo «os elementos que entram em combinações fixas (tais como expressões fixas, giros, provérbios, etc.) cujo tratamento pertence ao discurso» (Vilela, 1979: 56). Coseriu (1977), por exemplo, considera que o estudo das unidades do discurso repetido não equivalentes a palavras não faz parte da lexicologia¹²⁶. Só o estudo das unidades do discurso repetido que ele chama “perífrases lexicais”, entendidas como «todo sintagma capaz de funcionar em un “campo lexical” como unidad opuesta a palabras simples» (*idem*, 117) é que pertence à lexicologia. O mesmo afirma Vilela (1979: 33-34), para quem

«sempre que o sintagma fixo ou perífrase lexical seja comutável (numa perspectiva funcional) com o lexema, considerar-se-á como fazendo parte do léxico, como por exemplo, *fazer alarde = alardear, deitar à cara = censurar, fazer fincapé = porfiar*, etc.; se for comutável com um sintagma livre, pertence o seu tratamento à sintagmática (sintaxe), como acontece, por exemplo, em *ter voz no capítulo = ter direito a algo, a torto e a direito = de qualquer modo*, etc.» (*idem*, 20).

Este mesmo critério foi utilizado na pesquisa de locuções do português

¹²⁶ Segundo Corpas (1995: 80), esta restrição (combinações de palavras que funcionam como uma palavra ou, noutros termos, como categorias gramaticais concretas) aparece também noutros autores da tradição soviético-europeia. Assim, por exemplo, para Alexandrova e Ter-Minasova:

«...só constituyen unidades fraseológicas aquellas combinaciones que denominan globalmente un único concepto —con la consecuente inseparabilidad formal de sus elementos y la frecuente idiomática semántica — y que funcionan en el discurso de la misma forma que las palabras.» (Corpas, 1995: 21).

3. A unidade lexical como unidade lexicográfica

fundamental:

«Para isolar estes grupos de palavras utilizaram-se os seguintes critérios:

- a) indissociabilidade dos constituintes;
- b) valor monossémico do grupo;
- c) equivalência morfológica e sintáctica com as classes gramaticais correspondentes.» (Nascimento *et al.*, 1984: 29)

Como veremos nos capítulos 4º e 5º, desta maneira ficaria de fora um conjunto importante de combinações lexicais como podem ser as fórmulas de rotina (fórmulas para realizar actos de linguagem ou as fórmulas conversacionais) e o que alguns autores denominam pelo nome genérico de parémias (provérbios, citações literárias, lugares comuns, etc.).

Benveniste (1989: 174-180) tenta também caracterizar do ponto de vista formal estas combinações sintagmáticas que ele denomina *sinapsias*¹²⁷:

«O que caracteriza a sinapsia é um conjunto de traços dos quais os principais são: 1.º a natureza sintáctica (não morfológica) da ligação entre os membros; 2.º o emprego de jutores para esse efeito, principalmente de e à; 3.º a ordem dos membros: determinado + determinante; 4.º a sua forma lexical plena, e a livre escolha de qualquer substantivo ou adjectivo; 5.º a ausência de artigo antes do determinante; 6.º a possibilidade de expansão de um ou outro membro; 7.º o carácter único e constante do significado.» (Benveniste, 1989: 175-176).

Mas acabará por reconhecer que, em última instância, só o recurso a critérios de tipo semântico-referencial e pragmático é que vai permitir identificar determinadas estruturas sintagmáticas como sendo *sinapsias*: «É sempre e somente a natureza do designado que permite decidir se a designação sintagmática é ou não uma sinapsia: *valet de chambre* é uma sinapsia, mas *coin de chambre* não é» (*idem*, 176).

¹²⁷ Benveniste propôs o termo *sinapsia* para se referir a combinações do tipo *pomme de terre*, *robe de chambre*, *clair de lune*, *plat à barbe*, *modulation de fréquence*, *avion à réaction*, *asile de nuit*, especialmente frequente no campo da nomenclatura técnica. As sinapsias correspondem, como veremos, às colocações e aos quase-fracemas. Neste sentido, discordamos de Ruiz Gurillo (1998: 22), que identifica sinapsia com colocação nominal ou verbal, identificando, erradamente, esta última com *construções com verbo-suporte* (vd. *infra* notas 160 e 161) Como veremos, há colocações formadas com verbos que não são semanticamente vazios: ^P*saldar uma dívida*, ^P*estalar uma risada*, ^P*persistir o temor*, ^P*perder o controlo*, ^P*criar confusão*, ^P*rescindir um contrato*, ^P*dominar o ódio*, ^P*raiar o dia*, ^P*talhar-se o leite*, ^P*ladrar o cão*, etc. (vd. *infra* § 4.5.1 e Anexo 2).

O conceito de unidade lexicográfica que aqui utilizamos coincide em parte com o conceito de *lexia* de Bernard Pottier:

«...la lexie est une unité lexicale de langue qui s'oppose à ce qu'il appelle une *réunion fortuite de discours*; par exemple: *cheval, cheval-vapeur, cheval marin, cheval de frise* sont des unités données en langues et n'ont pas à être créées par le locuteur au moment de l'élaboration de son discours.» (Pottier (ed.), 1973, s.v. **lexie**)

Este autor (Pottier, 1978: 269-270; Pottier (ed.), 1973, s. v. **lexie**) distingue três tipos de *lexias*:

- *lexias* simples: ^P*cadeira*, ^P*para*, ^P*comia*, (*cheval, chaise, verre*);
- *lexias* compostas: ^P*saca-rolhas*, ^P*verde-garrafa*, ^P*rés-do-chão*, (*abat-jour, cheval-vapeur*);
- *lexias* complexas: ^P*guerra fria*, ^P*um complexo industrial*, ^P*tomar medidas*, (*cheval de frise, chemin de fer*);

para além das siglas e das *lexias* textuais como hinos, preces, provérbios, etc.

O autor diferencia também entre “*lexia* rígida”, entendida como «uma seqüência memorizada invariável» (Pottier, 1978: 270), dando exemplos como ^P*meter a mão*, ^P*caso de honra*, ^P*água pesada*, ^P*onde vai a corda vai a caçamba*; e “*lexia* variável”, que «se compõe de um quadro estável e de uma zona instável» (*ib.*), com exemplos como ^P*tudo leva a pensar/crer/supor que*.

A seguir, Pottier (1978: 271-272) apresenta quatro critérios para delimitar ou determinar as *lexias*, que são, como o próprio autor reconhece, claramente insuficientes: a não-autonomia de um componente (^P*esbugalhar => os olhos*); impossibilidade de retoma parcial (^P*a estrada de ferro: ^{P*}a estrada*); não-comutabilidade de um componente (^P*ele está passando mal* não se opõe a ^P*ele passa bem*); não-separabilidade de um componente (*é uma mesa redonda / ^{P*}esta mesa é redonda*); particularidades de estrutura interna, como a ausência de determinação (^P*ter medo, ^Pfazer justiça, ^Pmeter medo*).

Os critérios de delimitação das *lexias* são bem mais completos no marco da “*lexicologia* explicativa e combinatória” da escola de Mel’chuk. Não nos deteremos aqui neles uma vez que tais critérios são utilizados principalmente para resolver

3. A unidade lexical como unidade lexicográfica

questões de homonímia, polissemia, ambiguidade e vaguidade¹²⁸ das expressões lexicais como potenciais lexias (vd. Mel'chuk *et al.*, 1995: 57-69), enquanto a preocupação central deste trabalho consiste em resolver a questão de quais deverão ser os limites superiores das lexias, ou, melhor, das unidades lexicográficas.

Neste sentido, embora o nosso conceito de unidade lexicográfica coincida parcialmente com o de lexia de Pottier, preferimos utilizar o termo unidade lexicográfica e não aquele por duas razões: a primeira, por “unidade lexicográfica” ser mais transparente do que “lexia”; a segunda, e mais importante, pelo facto de que no modelo de Mel'chuk, que também utiliza este termo, nem todos os frasemas constituem lexias (só os frasemas completos e os quase-frasemas, ficando de fora os semi-frasemas ou colocações, que são descritos sob a entrada correspondente ao lexema que constitui a palavra-chave ou base da colocação). Por outro lado, no DEC, todas as lexias, sejam lexemas ou frasemas (salvo, como vimos, os semi-frasemas) constituem entradas, *lexie vedette* ou *vedette* (*idem*, 70). Para nós, todos os frasemas (incluídas também as colocações) serão unidades lexicográficas, mas só o lexema, entendido como palavra tomada numa só acepção bem delimitada (*idem*, 56), é que constituirá um lema ou entrada lexicográfica.

Para acabar esta breve exposição de alguns termos e conceitos correspondentes a unidades lexicais utilizados na linguística teórica, passíveis de serem utilizados como unidades de descrição e análise lexicográfica mencionaremos o que Moreno Cabrera (1994: 419) chama *listemas*, que correspondem a cada um dos elementos que se encontram armazenados no "*lexicón*", como por exemplo o lexema verbal ^E*canta*, que é aprendido juntamente com as suas propriedades semânticas, sintácticas, morfológicas e fonológicas associadas. Para o autor, não são listemas, e portanto não fazem parte do "*lexicón*", palavras como ^E*cantamos* ou ^E*cantad*, que são obtidas aplicando as regras de flexão verbal.

Assim, o autor entende por "*lexicón*" «la lista de lexemas, formas de lexemas e incluso sintagmas que el hablante ha de aprender particularmente y almacenar en su memoria» (*ib.*), e por *listema* «cada uno de los elementos que se

¹²⁸ Sobre estes conceitos, vd. Silva (1997: 573-622).

encuentran almacenados en el lexicón» (*ib.*). Estes conceitos podem ser interessantes do ponto de vista lexicográfico, mas o autor não desenvolve a teoria nem dá critérios para identificar e delimitar os *listemas*.

Para concluirmos: o dicionário, nomeadamente os dicionários bilingues e os dicionários codificadores, deverá incorporar, em forma de unidades lexicográficas, não apenas palavras como ^E*leche* ou expressões idiomáticas como ^E*con mala leche* (^P*com má intenção*), ^P*esticar o pernil*, ^P*perder a cabeça*, *etc.*, mas também combinações lexicais restritas (colocações) como ^E*leche entera*: ^P*leite gordo*, ^P*comida forte*, e outras combinações de palavras que muitos poderiam considerar como sendo livres (^P*base de operações*, ^P*máximo comum divisor*, ^P*década de sessenta*, ^P*a favor do vento*, ^P*como é que se diz?*, *etc.*).

Como veremos, com a incorporação no dicionário de "combinações pluriverbais lexicalizadas y habitualizadas" (Ettinger, 1982: 249-258), poderia evitar-se a profusão de excessivas regras cujo objectivo deveria ser a proibição de construções como ^P**leite inteiro* ou ^P**com mau leite*, ou suprir uma análise estrutural deficitária.

Contudo, a unidade lexicográfica não poderá ser qualquer fragmento delimitado aleatoriamente. Deverá ter, na medida do possível, um mínimo de autonomia estrutural que permita distingui-la como unidade lexicográfica. Assim, por exemplo, num enunciado como ^P*ser o braço direito de*: ^E*ser el brazo derecho de* ('ser o principal auxiliar de') a unidade lexicográfica a considerar não deveria ser, contrariamente à prática lexicográfica habitual, a totalidade do sintagma, mas sim ^P*(o) braço direito*, uma vez que ^P*ser* + ^P*o braço direito* + ^P*de* é uma estrutura gramatical perfeitamente regular e transparente, construída segundo as regras da gramática portuguesa.

O maior problema que se nos coloca ao aceitar como unidades lexicográficas determinadas combinações de lexemas é o de estabelecer os seus limites superiores (*vd.* Rey-Debove, 1973: 91-92), que, por vezes, pode chegar inclusive a coincidir com a sua própria descrição ou é difícil distingui-las:

«Estas estructuras sintagmáticas o sintagmas terminológicos se rigen por las mismas reglas combinatorias que los sintagmas libres; aparentemente no se

3. A unidade lexical como unidade lexicográfica

distinguem por ningún rasgo formal específico. Por esta razón es difícil distinguir entre sintagmas terminológicos y sintagmas libres; e igualmente no resulta nada fácil lograr delimitar con exactitud el segmento que corresponde a un sintagma terminológico, ya que la forma de un término sintagmático puede llegar a coincidir incluso con su propia descripción» (Cabré, 1993: 177).

Estamos a referir-nos ao problema de combinações como ^P*reactor nuclear* ou ^P*cópia de segurança* deverem ser consideradas como entradas lexicais independentes ou não. Ou, doutra maneira, quando é que se pode considerar que um termo pluriverbal foi lexicalizado ou habitualizado?

A prática terminográfica foi estabelecendo uma série de testes para ajudar a delimitar o segmento de enunciado que corresponde a um termo (unidade terminológica pluriverbal) face a outras combinações livres de termos. Cabré (1993: 304-305) recolhe os seguintes:

- o facto de um conjunto se organizar lexicalmente à volta de uma base única: ^P*memória de acesso aleatório*, ^P*unidade central de processo*;
- a impossibilidade de inserir outros elementos linguísticos no interior do sintagma terminológico: ^{P*}*doença muito mortal*, ^{P*}*angina grave de peito*;
- o facto de não se poder complementar separadamente nenhuma das partes do conjunto: ^{P*}*ataque de coração doente*;
- o facto de poder substituir o conjunto por um sinónimo: ^P*traçador de gráficos (traçador)*, ^P*enlace matrimonial (casamento, enlace)*;
- o facto de possuir um antónimo na mesma especialidade: ^P*tumor benigno* vs. ^P*tumor maligno*, ^P*línguas vivas* vs. ^P*línguas mortas*;
- a frequência de aparição do mesmo sintagma terminológico em textos de uma determinada especialidade;
- o facto de que noutras línguas o sintagma corresponda a uma única unidade lexical: ^P*memória intermédia* (^L*buffer*), ^P*traçador de gráficos* (^L*plotter*);
- o facto de o significado do conjunto não poder ser deduzido do significado dos elementos que o formam: ^P*carta branca*;
- de modo complementar, a presença de determinadas unidades linguísticas no interior do sintagma revela que muito provavelmente se trata de uma combinação livre: ^P*doença muito perigosa* (vs. ^{P*}*doença muito mortal*).

Contudo, como a própria autora indica (Cabré, 1993: 304), o grau de rendimento de cada um destes testes é variável, sendo especialmente produtiva a sua aplicação conjunta.

Em termos de lexicografia bilingue, as unidades de análise e descrição lexicográficas poderão ser estabelecidas por contraste ou comparação das duas línguas, o que acarretará necessariamente o estabelecimento de uma unidade lexicográfica de carácter variável, oscilando do monema até à frase ou até à oração. De facto, esta prática é seguida nos métodos de tradução automática baseados em exemplos, que utilizam como unidades de tradução o maior sintagma possível da língua de partida que consta da base de dados lexical do programa, um banco de conhecimento bilingue (BKB, Bilingual Knowledge Bank)¹²⁹. Caso não esteja registado, reinicia-se a pesquisa de conjuntos cada vez mais pequenos até chegar à tradução palavra por palavra. Deste modo, no *corpus* paralelo bilingue espanhol/português deverá aparecer registada, por exemplo, a colocação ^E*bombilla mate* com o equivalente português ^P*lâmpada fosca*, o que impedirá a tradução da mesma palavra por palavra: ^P**lâmpada mate*.

Esta metodologia, que aproveita a notável capacidade dos modernos computadores para armazenar e recuperar essa informação em grandes bases de dados, pode ser importante e eficaz especialmente nos casos em que, como já adiantávamos, a análise estrutural das línguas em questão é deficitária, construindo dicionários bilingues com entradas léxicas que ultrapassam largamente os limites da palavra:

«la falta de un análisis estructural suficiente sólo puede suplirse mediante la inclusión *ad hoc* de entradas léxicas con gran número de palabras, dando como resultado un gran diccionario bilingüe con reglas de transferencia estructurales contenidas en reglas de transferencia léxicas.» (Hutchins & Somers, 1995: 164).

Por outro lado, no caso concreto que nos ocupa, este método poderá ser importante na hora de seleccionar que tipo de co-ocorrência lexical devemos incluir no dicionário bilingue espanhol/português. Se utilizarmos como critério de selecção o facto de serem combinações diferentes nas duas línguas (isto é, aparecer por sistema só as combinações diferentes) o utilizador ou a ferramenta electrónica

¹²⁹ Um banco de conhecimento bilingue (BKB) é «a structured parallel corpus of bilingual text. Its purpose is to serve as the primary source of linguistic and extra-linguistic knowledge for all of the modules involved in the machine translation process.» (Sadler, 1989: 109).

3. A unidade lexical como unidade lexicográfica

inferirá que, se não encontrar a combinação, deverá traduzir palavra por palavra.

Como veremos, em terminologia utiliza-se o mesmo critério para distinguir entre um segmento de um enunciado que representa um sintagma terminológico e uma combinação livre de termos: «En caso de duda sobre las fronteras de un término, debe seleccionarse en principio el segmento más extenso, y revisarse posteriormente su pertinencia» (Cabré, 1993: 303, nota 29).

CAPÍTULO 4

O TRATAMENTO LEXICOGRÁFICO DA CO-OCORRÊNCIA LEXICAL

«the linguist's view of native speaker knowledge must be expanded to include memorized sequences and lexicalized sentence stems in addition to the usual apparatus of linguistic description, i.e. productive rules plus lexicon.»

(Richards & Schmidt, 1983: 189)

«... l'esprit de géométrie ne suffit pas pour prédire que *prix d'achat* se dit et que *prix d'acquisition* ne se dit pas, alors que la synonymie d'*achat* et d'*acquéreur* est presque totale.»

(Lerat, 1995: 101)

4.0. Apesar da importância que para a teoria linguística do século XX tiveram os conceitos saussureanos de *valor* e de *sistema*, a prática estruturalista, naquilo que Eco (1981: 397-472) denomina de “passagem do estruturalismo metodológico ao estruturalismo ontológico”¹³⁰, parece esquecer que os chamados significados lexicológicos (*vd. supra* § 2.1.2) não são mais do que, como nos lembrava Hjelmslev (1976: 62), significados contextuais isolados artificialmente¹³¹ e que muitas estruturas linguísticas se caracterizam pelo seu carácter holístico.

Como sabemos, muitos dos problemas de ambiguidade lexical ou de polissemia de que se ocupa a linguística teórica são só potenciais, de facto inexistentes no discurso. Na maior parte dos casos, as possíveis ambiguidades ficam resolvidas pela informação que proporciona a própria estrutura linguística em que

¹³⁰ Sobre a passagem do estruturalismo metodológico ao estruturalismo ontológico, *vd.* Eco (1981: 397-472) e *vd. infra* nota 70.

¹³¹ Assim, para Humboldt (*apud* Lewandowski, 1986: 345), «las palabras son, sin duda, por su función sígnica, “los verdaderos elementos del discurso”; sin embargo, el discurso no se compone de las palabras que le anteceden sino que, a la inversa, las palabras proceden del conjunto del discurso.»

ocorre a unidade lexical (co-texto) ou, se não for o caso, será o contexto situacional o que nos dá a chave para escolher entre as várias possíveis interpretações de uma palavra ou de uma estrutura.

Uma vez ultrapassadas as rígidas fronteiras estabelecidas entre léxico e gramática (*vd. supra* § 2.1.1), o facto de incorporar no dicionário informação sobre o co-texto, entendido, como dissemos, como a estrutura linguística em que ocorre uma unidade lexical, deveria ser uma questão pacífica para a linguística teórica, dado que não é mais do que puro conhecimento linguístico no sentido restrito do termo (intensional, ou sintáctico em termos morrisiano):

«Existen varios tipos de conocimiento lingüístico, siendo su denominador común el uso de información relativa a las palabras y al modo como estas se combinan, frente a la alternativa de recurrir a los acontecimientos de la vida real descritos en las oraciones.

Tal método consiste en proporcionar a los analizadores información acerca de las restricciones de co-aparición, es decir, indicaciones de cómo la presencia de ciertos elementos en una estructura influye en la probabilidad de que aparezcan otros elementos.» (Hutchins & Somers, 1995: 141).

Como indicámos (*vd. supra* § 2.1.1 ou § 2.2), durante a maior parte do século XX, os paradigmas dominantes na linguística (ou gramática) descritiva centram as suas análises de maneira especial na sintaxe e consideram a oração como unidade-chave na descrição linguística. Porém, se, como dissemos no capítulo anterior, a experiência demonstra que não se fala por meio de palavras isoladas, podemos afirmar também que as pessoas não falam por meio de orações. A oração é uma unidade de tipo sintáctico construída pelo gramático. Se existir realmente alguma unidade de uso da língua, essa unidade é de carácter semântico:

«La gente no habla —en el sentido de que no se “comporta lingüísticamente”— en oraciones. La oración es una unidad gramatical y un producto elaborado por el gramático. Los usuarios de la lengua eligen una forma de hacer que implica el significado lingüístico, están “significando” lingüísticamente. La unidad clave, pues, en una descripción funcional y socialmente orientada, debe ser una unidad de significado, una unidad semántica. Hallyday y Hasan (1976) han sugerido la unidad llamada “texto”.» (Gregory & Carroll, 1986: 141).

Contudo, hoje também duvidamos de que tal unidade seja o texto, de que falemos por meio de textos, no sentido que afirmam estes autores. Pensamos, antes, que a unidade usada pelos utilizadores de uma língua é, como se afirma na citação

4. O tratamento lexicográfico da co-ocorrência lexical

anterior, uma unidade semântica, mas semântica no sentido morrisiano, uma unidade de significado referencial¹³². Concebemos essas unidades como sendo estruturas lexicais (palavras ou grupos de palavras) que estão estreitamente relacionadas com estruturas de conhecimento.

Falamos, pois, por conjuntos de palavras, fazendo um uso limitado das possibilidades combinatórias — teoricamente ilimitadas — da língua:

«PEOPLE SPEAK IN SET PHRASES —rather than in separate words; hence the crucial importance of set phrases. At the same time, set phrases, or phrasemes, represent one of the major difficulties in theoretical linguistics as well as in dictionary making.» (Mel'chuk, 1998: 1).

Como já indicámos (*vd. supra* § 2.2), falar não é um acto puramente criativo, no sentido de que cada vez que utilizamos a linguagem combinamos livremente (utilizando as regras do sistema) e de maneira inovadora os signos, as unidades, de que dispomos. Reproduzimos de uma maneira muito mais frequente do que possa parecer estruturas lexicais pré-fabricadas¹³³, como afirmava Casares (1992: 225), ou institucionalizadas, isto é, formalmente fixadas e semanticamente especializadas (Corpas, 1995: 36):

«Precisamente esta institucionalización caracteriza las producciones lingüísticas de los hablantes, los cuales, por lo general, no van creando sus propias combinaciones originales de palabras al hablar, sino que utilizan combinaciones ya creadas y reproducidas repetidamente en el discurso, que han sido sancionadas por el uso. Estas combinaciones repetidas funcionan como unidades del lexicón mental, es decir, se almacenan y se usan como entidades completas en mayor o menor grado.» (Corpas, 1995: 35).

Do ponto de vista lexicográfico, esta concepção pluriverbal da unidade de uso linguístico coloca dois problemas: o da selecção das combinações lexicais que devem aparecer no dicionário e o de sob que entrada ou lema devem ser registadas

¹³² Semântica no sentido de que estuda as relações existentes entre a linguagem e a realidade, tal como a entende Óscar Lopes (1972: 40) (*vd. supra* nota 81).

¹³³ Blanco (1995: 747-748), considera dentro deste tipo alguns compostos com hífen (nomeadamente combinações de tipo esporádico, como o caso da combinação de gentílicos indicando contraste ou oposição e não fusão), combinações lexicais entre aspás, clichés e sequências estereotipadas, parémias: ^Pfranco-italiano, ^Pluso-espanhol, ^P"nuestros hermanos", ^Ppasse-partout, ^Ppré-pagamento, ^Ptabaco só ao balcão, ^Pneste estabelecimento existe um livro de reclamações.

tais combinações se for caso disso.

Como vimos no capítulo anterior, para além das unidades lexicais (lexemas e frasesmas), o dicionário deverá registar fenómenos de co-ocorrência restrita de unidades lexicais, como as colocações, nas quais entram, como mínimo, duas unidades lexicais; mas também (especialmente na lexicografia bilingue) algumas combinações livres (paráfrases) desde que se correspondam com acepções claramente delimitadas (lexemas) ou com combinações lexicais restritas na outra língua, isto é, desde que na outra língua, seja ela língua de chegada (L2) ou língua de partida (L1), exista um termo (*vd. infra* § 5.1) correspondente a um conceito diferenciado, fixado e reconhecido culturalmente.

Não levantam problemas na tradição lexicográfica, porque se consideram como sendo lemas e, portanto, formando entradas separadas, os nomes compostos escritos numa única palavra, como:

^Paguardente, ^Pfisioterapia, ^Ppassatempo, ^Pviandante, ^Pmalcriado, ^Psobremesa, *etc.*;

ou em palavras unidas por hífen, como:

^Págua-de-colónia, ^Pcaminho-de-ferro, ^Psegunda-feira, ^Pfim-de-semana, ^Pbanho-maria, ^Panjo-da-guarda, ^Pamor-próprio, ^Pcaixa-forte, ^Pconta-quilómetros, ^Pfranco-atirador, ^Pguarda-costas, ^Plimpa-pára-brisas, ^Plugar-comum, ^Psaca-rolhas, ^Pazul-escuro, ^Pverde-garrafa, *etc.*

Não acontece o mesmo com determinadas combinações de palavras que sentimos como formando um composto, embora se escrevam separadamente¹³⁴, como:

^Pbraço direito, ^Pfim de século¹³⁵, ^Pfim de mês, ^Ppai de família, ^Pmoço de recados, ^Pbanco central, ^Pbom nome, ^Pbom gosto, ^Pcolher de pau, ^Pterceira idade, ^Pterceiro mundo, ^Pcaixa alta, ^Pconselho de redacção, ^Pdireito de resposta, ^Pfactor humano, ^Pódio mortal, ^Pcinturão negro, ^Pleite gordo, ^Pforças armadas, ^Pfrase feita, ^Pfunção pública, ^Popinião pública, ^Pazul forte, ^Pbaixar a cabeça, ^Pdepois de amanhã, ^Pem

¹³⁴ São os que Cowie chama “nomes compostos abertos”:

«An example quoted [...] is *monkey business*, where neither *actions* nor *conduct* can be substituted for *business*, given the very special sense of *monkey* in this combination.» (Cowie, 1983a: 104).

¹³⁵ Cf. *todavia*, no *Aurélio*, o adjectivo ^Pfim-de-século (‘finissecular, moderno’).

4. O tratamento lexicográfico da co-ocorrência lexical

*cima, P*à parte de, etc.

Na lexicografia bilingue, o caso das combinações livres como equivalentes de acepções lexicalizadas na outra língua, para além de não ser muito frequente, não será tão importante a partir do momento em que o utilizador sempre poderá codificar, por meio de paráfrases, seguindo as regras da gramática da língua em questão, a ideia ou conceito que está lexicalizado na outra língua. O problema já não é o mesmo no caso das combinações lexicais restritas. Retomaremos a questão em § 4.3.

4.1. Expressões fixas, expressões idiomáticas e sentidos figurados

«...se sabe desde hace algún tiempo que los tropos no instituyen pura y simplemente relaciones de equivalencia (ésta es una de las razones por las cuales se habrá de desconfiar de una terminología a base de “propio” y “figurado”...»

(Grupo μ , 1987: 28)

O carácter fixo, no sentido de formal, semântica ou pragmaticamente estável, será a característica comum que defina as combinações pluriverbais como frasemas, ou como unidades fraseológicas. Outros aspectos como o carácter idiomático, o facto de serem combinações pluriverbais que funcionam como palavras (*vd. supra* § 3.3) e a frequência ou a probabilidade estatística elevada de co-aparição de determinadas unidades lexicais (*vd. infra* § 4.2) não são características definidoras de todos os tipos de unidades fraseológicas (no sentido mais lato desta expressão).

Com efeito, nem sempre o carácter fixo de um frasma implica o carácter idiomático do mesmo, pois existe um grande número de locuções que formalmente se caracterizam por um certo grau de fixação mas que não são estritamente expressões idiomáticas porque semanticamente têm um claro carácter composicional. Estamos a falar das colocações ou semi-frasemas.

Se queremos falar em ‘leite ao que se não lhe retirou nata, ou gordura’, deveremos dizer, em português, ^P*leite gordo*; se queremos referir-nos ao ‘cabelo que tem uma cor intermédia entre o dourado e o castanho-claro’, dizemos ^P*cabelo louro*; e se queremos dizer que alguém tem um nariz ‘curvo ou em forma de garra’, dizemos que tem um ^P*nariz adunco*. Como já vimos em vários lugares deste trabalho, estamos perante um tipo de combinações lexicais fixas, uma vez que não temos liberdade para escolher qualquer adjectivo que possa exprimir a mesma ideia para acompanhar estes substantivos (cf. ^P**leite gorduroso*, ^P**leite oleoso*, ^P**leite untuoso*, ^P**leite integral* ou ^P**leite inteiro*, como acontece, neste último caso com o espanhol ^P*leche entera*). Contudo, não estamos perante expressões idiomáticas, uma vez que ^P*leite gordo*, ^P*cabelo louro* ou ^P*nariz adunco* são semanticamente composicionais, isto é, podemos saber o significado da expressão simplesmente pela soma dos significados dos seus componentes.

Como já adiantávamos na introdução deste capítulo, o comportamento sintáctico de uma combinação lexical restrita (frasema, semi-frasema ou quase-frasema) no que se refere à sua capacidade para aceitar determinadas transformações só nos fornecerá, obviamente, informação sobre o grau de fixação de tais combinações, mas não necessariamente sobre o seu grau de idiomaticidade, como parecem confundir alguns autores como Zuluaga (1980: 99), para quem «la fijación es arbitraria desde el punto de vista funcional, es decir, no encontramos ninguna explicación semántica ni sintáctica del tipo de fijación en cada caso concreto»¹³⁶ ou, só parcialmente, Aguilar-Amat (1993: 66-69), para quem «a pesar de que las colocaciones puedan ser más o menos idiomáticas, más o menos transparentes u opacas, [...] el hecho es que la existencia de opacidad o idiomaticidad en una construcción incide en su comportamiento sintáctico» (*idem*, 66).

Muitas vezes, os adjectivos ou verbos que, juntamente com um substantivo, conformam uma colocação são apresentados lexicograficamente como sendo

¹³⁶ Neste mesmo lugar, o autor afirma, a nosso ver erradamente, que, da mesma maneira que a fórmula espanhola *buenas noches* está fixada em plural, a correspondente portuguesa está fixada em singular, *boa noite*, quando também existe a forma plural *boas noites* (Zuluaga, 1980: 99).

4. O tratamento lexicográfico da co-ocorrência lexical

acepções ou sentidos figurados (ou impróprios, ou translaticios). Assim, geralmente são consideradas como variações ou manifestações de um único sentido figurado ou metafórico acepções cujo valor só é actualizado quando combinado com outras palavras. É o caso de numerosas colocações, como o caso já visto do lexema ^P*forte* em:

- ^P*café forte* (carregado, intenso),
- ^P*chá forte* (carregado, intenso),
- ^P*vinho forte* (carregado, intenso),
- ^P*comida forte* ('concentrado, substanciosa, nutritiva');
- ^P*cheiro forte* ('intenso');
- ^P*som forte* ('elevado de volume');
- ^P*vento forte* ('intenso');
- ^P*sol forte* ('intenso');
- ^P*luz forte* ('intenso', 'vivo');
- ^P*cor forte* ('intenso', 'vivo');
- ^P*claridade forte* ('intenso', 'vivo');
- ^P*razão forte* ('importante', 'convicente')¹³⁷.

Neste sentido, é muito fácil contestar o uso da etiqueta "FIG." no dicionário. Contraste-se, por exemplo, as entradas **cabeça** e **berço** do *Porto Editora*, em que aparecem como acepções destas palavras sentidos que, em geral, serão sempre actualizados em combinação com lexemas como em ^P*cabeça de família*, ^P*cabeça do grupo* ou ^P*berço do surrealismo*, ^P*berço do Mondego*, ^P*berço de Eça de Queirós*:

cabeça, s. f. [...] (fig.) autor; chefe; dirigente; capital; metrópole; frente de um cortejo; inteligência; tino; raciocínio; ... (PE);

berço, s. m. leito de criança; terra natal; origem; começo; primeira infância; (PE).

Muito frequentemente, encontramos nos dicionários esta etiqueta para marcar o que de facto são restrições de tipo semântico, mais do que de tipo lexical, como nos exemplos seguintes, onde a acepção marcada com "fig." é marcada pelo

¹³⁷ Assim, por exemplo, Hutchins & Somers (1995: 158), consideram colocações do tipo "pay attention" como sendo "expressões vagamente metafóricas":

«Se ha abusado del empleo de "expresión idiomática" que suele aplicarse para todo: desde expresiones fijas [...], **hasta aquellas vagamente metafóricas como "pay attention"** 'prestar atención'.» (o sublinhado é nosso).

traço [+ humano] ou [+ pessoa]:

abafo, *s. m.* ... (*fig.*) carinho. (PE)

abafo, *s. m.* ... (Fig.) Carinho, cuidado, afeto: Nada chega ao *abafo* materno. (CA)

abalado, *adj.* ... (*fig.*) comovido, impressionado; inclinado a mudar de opinião; (PE)

abalado, *adj.* ... (Fig.) Comovido: Achei-o muito *abalado* com a notícia da morte da rainha; Levado: *Abalado* a mudar de vida. (CA)

abalar, *v. tr.* ... (*fig.*) fazer mudar de propósito; demover; impressionar; assustar; inquietar. (PE)

abalar, *v. tr.* ... (Fig.) Desassocegar [sic], inquietar: Este pregão *abalou* toda a Berberia... || Fazer mudar de opinião, de sentimento: ... Juro-lhe que não conseguirá *abalar* as minhas resoluções. ... || Comover, enternecer: *Abalam* o peito essas palavras lastimosas ... (CA)

abanar, *v. tr.* ... (*fig.*) demover ... (PE)

abanar, *v. tr.* ... Demover: Verão a quem o poder da fortuna não *abana*. ... (CA)

Já na década de sessenta, Julio Casares escrevia que seria útil «precisar en qué casos está bien empleada la abreviatura *fig.*, que tanto se prodiga en los diccionarios un poco a la buena de Dios» (Casares, 1992: 108). Não é razão suficiente para etiquetar como sendo um sentido figurado o facto de que a relação que se estabelece entre este sentido e o suposto sentido primitivo¹³⁸ da palavra seja metafórica. É evidente que muitos dos sentidos originários das palavras latinas que hoje utilizamos nas língua românicas desapareceram, ficando como sentido literal o que originariamente poderia ter sido um sentido figurado. Pensemos no caso de *Pmadeira* (< MATERIAM, ‘matéria’) ou no exemplo de Casares, *Ppessoa* (< PERSONAM, ‘máscara, personagem, papel’). Nestes casos não podemos falar em sentido figurado dado que já desapareceram das línguas neolatinas os “sentidos rectos originais” que possam servir de contraste (Casares, 1992: 109).

Como indica Alonso Ramos (1993: 169), mais interessante do que apresentar variações de um sentido figurado do lexema, será fazê-lo como casos de

¹³⁸ Embora criticável, podemos utilizar aqui a definição de *sentido primitivo* de Martínez de Sousa (1995, s.v. **sentido primitivo**: «Sentido que poseen las palabras antes de experimentar las alteraciones semânticas y cruces a que las somete la lengua a lo largo de la historia.»

combinatória lexical restrita, com valores diferentes segundo o lexema que acompanhar, isto é, apresentá-los como «distintos lexemas del mismo vocábulo, con distintas propiedades semánticas, morfológicas, sintácticas y léxicas» (*ib.*), o que não implica negar a origem metafórica de muitas das combinações lexicais idiossincráticas de cada língua¹³⁹.

Os exemplos de acepções figuradas cujo valor só é actualizado quando combinado com outros lexemas são abundantes. Vejamos uma pequena amostra de acepções registadas no *Porto Editora, Aurélio* ou *Caldas Aulete*¹⁴⁰ como figuradas. Apresentamos a seguir a cada entrada um ou vários exemplos de colocações em que o lexema adquire tal suposto sentido figurado:

cabeça, *s. f.* [...] (*fig.*) autor; chefe; dirigente; capital; metrópole; frente de um cortejo; inteligência; tino; raciocínio; ... (PE): **cabeça de família**;

coração, *s. m.* [...] (*fig.*) sensibilidade moral; consciência; coragem; ânimo; valor; memória; amor; piedade; parte mais central; ... (PE): **coração da cidade, coração do país**;

semente, *s. m.* [...] (*fig.*) gérmen; causa; origem; ... (PE): **semente da discórdia**;

raiz, *s. f.* [...] 7. Fig. Germe, princípio, origem. ... (A): **raiz do mal**;

reinar *s. m.* [...] (*fig.*) dominar; imperar; estar em voga; grassar; folgar; divertir-se; haver; existir; ... (PE): **reinar o silêncio, reinar o descontentamento**;

semear *v. intr.* [...] *v. tr.* (*fig.*) espalhar; disseminar; juncar; fomentar; propalar; ocasionar; fazer propaganda de; dar publicidade a; preparar o aparecimento de; ... (PE): **semear o descontentamento, semear a indignação, semear a inquietação**;

despertar *v. tr.* [...] (*fig.*) estimular; activar; dar origem a; ... (PE): **despertar a curiosidade**;

atiçar, *v. tr.* [...] (*fig.*) incitar; estimular; provocar. ... (PE): **atiçar a**

¹³⁹ Pensamos que detrás das palavras de Di Pietro (1986: 183): «Es muy probable que los tipos de metáforas sean específicos a cada lengua, y que lo que es metafórico en una lengua pueda no serlo en otra» está a constatação de que o valor de muitas acepções figuradas em diferentes línguas só é actualizado quando combinado com outros lexemas em conjuntos muitas vezes idiossincráticos.

¹⁴⁰ AULETE, F. J. Caldas (1987): *Dicionário da Língua Portuguesa Caldas Aulete*. 5ª edição brasileira, revista, actualizada e aumentada por Hamílcar de Garcia e Antenor Nascentes. Rio de Janeiro: Editora Delta. [daqui para a frente: *Caldas Aulete*].

discórdia, atizar o ódio, atizar a intriga;

sufocar v. tr. [...] (*fig.*) reprimir; impedir; ... (PE): **sufocar a rebelião;**

banhar, v. tr. [...] || (Fig.) Meter num ambiente, envolver em qualquer fluido (próp e fig.): Sítios banhados de ar, de luz. ... (CA): **banhar <o sol> os campos;**

brilhar, v. tr. [...] (*fig.*) mostrar-se; notabilizar-se. ... (PE): **brilhar a alegria [em];**

manchar, v. tr. [...] (*fig.*) infamar; deslustrar. ... (PE): **manchar a honra, manchar a reputação;**

desmoronar, v. tr. [...] || Fig. Fazer cair, baquear: *Desmoronar* uma instituição. ... (CA): **desmoronar(-se) uma instituição;**

consumir, v. tr. [...] (*fig.*) mortificar; afligir; ... (PE): **consumir <a inveja> [alguém];**

paralisar, v. tr. || Fig. Suspender, neutralizar enfraquecer: A crise monetária *paralisou* o comércio. Mas este imenso poder, em vez de se transformar...em força viva da civilização, serviu-lhe só para *paralisar* ou mutilar o desenvolvimento intelectual. (CA): **paralisar <o medo> [alguém];**

febril, *adj.* 2 *gén.* [...] (*fig.*) exaltado; violento. ... (PE): **atividade febril;**

vivo, *adj.* [...] (*fig.*) cheio de vivacidade; perspicaz; sagaz; ágil; travesso; buliçoso; engraçado; persistente; intenso; forte; marcado; visível; distinto; esperto; (PE): **vivo interesse;**

ferrenho, *adj.* [...] (*fig.*) inflexível; duro; intransigente; decidido. ... (PE): **vontade ferrenha;**

figadal, *adj.* [...] (*fig.*) profundo; íntimo; intenso. ... (PE): **ódio figadal;**

brilhante, *adj.* 2 *gén* [...] (*fig.*) célebre; excelente; pomposo; ... (PE): **orador brilhante, espírito brilhante, futuro brilhante;**

alto, 1. *adj.* [...] (*fig.*) ilustrado; importante; soberbo; excessivo; caro; difícil; ... (PE): **alto conceito, altas qualidades, altas façanhas;**

seio, *s m.* [...] (*fig.*) ventre, útero, coração, parte recôndita; ambiente; ... (PE): **no seio do partido, no seio do catolicismo;**

fundo, *Adj.* [...] *s m.* [...] 19. Fig. Âmago, íntimo: fundo da alma. (A): **do mais fundo do coração, do mais fundo da alma;**

Noutras ocasiões, contudo, a acepção não é apresentada como sendo figurada:

berço, *s. m.* leito de criança; terra natal; origem; começo; primeira infância; ... (PE): **no berço do surrealismo;**

4. O tratamento lexicográfico da co-ocorrência lexical

abrir, v. tr. tirar o obstáculo (que impede a entrada ou saída) a; dar passagem a; tirar a tampa de; separar; afastar; desatar; dar início a; ... (PE): **abrir fogo**;

ganhar, v. tr. [...] 5. Conseguir, alcançar, lograr: Graças aos seus esforços, ganhou alta fama de ator. ... (A): **ganhar fama**;

assaltar, v. t. d. [...] 4. Lembrar de repente; ocorrer: Assaltou-os a idéia de que já o tinham visto. ... (A): **assaltar uma dúvida, assaltar uma ideia**;

estalar, v. intr. [...] || Produzir-se de súbito, manifestar-se repentinamente, em geral com estalo ou estridor: Por coima do alarido ouviram-se *estalar* risadas. (R. da Silva) D. Maria ... não padecera senão o terror de ouvir *estalar* ao pé do leito gargalhadas dissonantes e arrastar ferros. (Idem) Foi nesse dia que *estalou* a revolta; pela noite alta *estalou* uma trovoada medonha. ... (CA): **estalar a guerra, estalar risadas, estalar gargalhadas, estalar uma trovoada, estalar a revolta**;

guardar, v. t. d. [...] 6. Não revelar; ocultar, calar: guardar segredo. 7. Ter a seu cuidado; defender, proteger, resguardar: Deus o guarde. 8. Continuar a ter; não perder: Guardou a jovialidade até a velhice. 9. Observar, cumprir, praticar: Todos precisam guardar algum preceito ético. 10. Dar mostras de: É bem-educado, sabe guardar respeito (A): **guardar silêncio, guardar respeito, guardar um segredo**;

levantar, v. tr. [...] Propor, aventar, lembrar: *levantar* uma acusação, uma questão uma dúvida ... (CA): **levantar calúnias, levantar uma acusação**;

cego, adj. [...] 3. Que impede a reflexão, o raciocínio; que perturba o julgamento, oblitera a razão: paixão cega; furor cego; "Loucura! ai, cega loucura!" (Almeida Garrett, Folhas Caídas, p. 85). (A): **ira cega, amor cego, paixão cega, loucura cega**;

louco, adj. [...] 8. Fora do comum; incomum, enorme, extraordinário: Seu último livro está fazendo um sucesso louco. (A): **vontade louca, sucesso louco**;

Muitas vezes, os próprios dicionários explicitam a base da colocação com a que co-ocorre o lexema (colocativo) nessa acepção. Normalmente a base da colocação é apresentada pelos dicionários entre parênteses, ou na própria definição, a través de expressões como “diz-se de”, “referido a”, “aplicado a”, etc., como nos exemplos seguintes (no caso de não aparecer entre parênteses, sublinhamos a *palavra-chave* ou *base da colocação* dentro da definição):

abemolado, adj. ... 4. (Fig.) Suave, doce [voz, som]: A voz de Monte Alverne trovejava; a de Sampaio trinava como um gorjeio *abemolado*. ... (CA)

aboborar, v. tr. ... (fig.) pôr de remissa (uma ideia). (PE)

aboborar, v. t. d. . 1. Pôr a amadurecer (um plano uma idéia, etc.) (A)

- afogado**, *adj.* ... (*fig.*) não decotado (vestido) ... (PE)
- afogado** *Adj.* ... 6. Diz-se da blusa ou vestido fechado até o pescoço (por oposição a *decotado*) ... (A)
- agulha**, *s. f.* ... (*fig.*) sabor picante de certos vinhos (PE)
- agulha**, *s. f.* ... 4. (Trás.-M, Minho) O pique ou acidez de certas bebidas (vinho, etc.). 4. ... (CA)
- alcandorado**, *adj.* ... (*fig.*) empolado (estilo). (PE)
- aprofundar**, *v. tr.* (*fig.*) estudar (um assunto) minuciosamente. (PE)
- arranhar**, *v. tr.* ... (*fig.*) tocar mal; conhecer imperfeitamente; ... (PE)
- arranhar**, *v. tr.* ... 4. Tocar mal (um instrumento de música). 4. (*Fig.*) Falar mal (uma língua); saber pouco e superficialmente (uma arte ou ciência). 4. ... (CA)
- atroar**, *v. tr.* (*fig.*) molestar com pancada (os cascos das bestas enquanto as ferram); ... (PE)
- atroar**, *v. tr.* ... 4. (*Veter.*) *Atroar os cascos* de uma besta, molestá-los por efeito de pancada, enquanto se ferram. 4. ... (CA)

Nos casos de combinatória lexical restrita, mais do que pensar em termos de significados transláticos ou extensões dos sentidos literais, antes deveríamos falar, como indica Wierzbicka (1985: 57), em economia, elasticidade e capacidade de adaptação a novas situações e novas conceptualizações da língua natural, como no caso de “*party hats*” ou “*adoptive mothers*”. Assim, combinações livres de lexemas como “*paper flower*” são diferentes de casos de quase-frasemas como “*paper cup*” que não é simplesmente um modelo em papel de uma taça uma vez que tem forma diferente, não tem pega, não se usa com pires. O significado de *paper cup* não pode ser inferido a partir dos significados de *paper* e de *cup* (e prova disso é o facto de não poder ser traduzido palavra por palavra (^P**chávena de papel*), por isso se pode dizer que é uma nova unidade lexical (*idem*, 58).

4.2. Combinação lexical frequente vs. combinação lexical restrita

O carácter usual ou frequente com que co-ocorrem¹⁴¹ os elementos que

¹⁴¹ Referimo-nos apenas à frequência com que co-ocorrem os elementos que compõem uma unidade fraseológica, não à frequência de aparição dos frasemas como unidades face a outras unidades

4. O tratamento lexicográfico da co-ocorrência lexical

conformam determinadas combinações lexicalizadas leva muitos autores a utilizar esta característica, entre outras, para determinar o que é uma unidade fraseológica face a uma combinação livre de lexemas. Para Irsula (1992: 160), por exemplo, as colocações são definidas como:

«"estereotipos" cuya regularidad, vinculación a un fenómeno o acontecimiento de la realidad, así como su frecuencia de uso le han otorgado cierta estabilidad y han hecho que la lengua las privilegie como unidades aislables y reproducibles.» (Irsula, 1992: 160).

Desta maneira, não aprendemos palavras como ^Ptinto, ^Pbranco ou ^Prosado com os nomes de cor, mas a acompanhar o termo ^Pvinho. Como indica este autor (Irsula, 1992: 160), ^Ptocar a viola, ^Pafinar a viola, ^Ppendurar a viola ou ^Pguardar a viola¹⁴² são frases que descrevem os acontecimentos típicos nos que participa o objeto "viola", tipificadas, cunhadas e instituídas pela comunidade de falantes de uma língua.

Muitos são os linguistas que definem a colocação em termos de frequência (foi, e ainda é, o critério utilizado por muitos autores, dentro da linguística computacional, para a extracção automática de colocações num *corpus*)¹⁴³, mas o facto de que dois lexemas co-ocorram frequentemente não é condição suficiente para existir uma colocação. Mel'chuk *et al.* (1995: 51, nota 11) escrevem a este respeito:

lexicais. Como vimos (*vd. supra* § 1.2.1), segundo Mel'chuk (1995: 169), em 25 linhas de um texto linguístico podemos encontrar até 14 frasesmas, sendo maior esta proporção num texto jornalístico, por exemplo. Corpas (1995: 34-36) fornece uma informação sobre a frequência de aparição das expressões fixas, relacionando-a com o processo de institucionalização ou convencionalização que caracteriza este tipo de combinações:

«Barker y Sorhus (1975: 8), en un estudio sobre el inglés canadiense, han señalado la altísima frecuencia de aparición de las expresiones fijas en general: en un corpus de más de 131.536 palabras, se registra una expresión fija por cada cinco palabras emitidas.» (Corpas, 1995: 33).

¹⁴² Como veremos seguidamente, pensamos que estes não são exemplos de colocações, mas de combinações livres de lexemas, embora possam ser combinações usuais e frequentes.

¹⁴³ Começam a aparecer, todavia, ferramentas que permitem a extracção automática de um *corpus* de colocações e expressões idiomáticas, como o programa "Xtract" (*vd. Smadja, 1994*). Contudo, estas ferramentas ainda não estão aperfeiçoadas (o programa "Xtract" tem uma precisão de 80%) e não distinguem entre colocações e expressões idiomáticas (Roberts, 1996: 185).

«Kjellmer 1994 illustre un essai d'extraction automatique de collocations d'un corpus informatisé sans intervention décisionnelle d'un lexicologue; ce dictionnaire est rempli d'expressions comme *Mr. Smith, was a member, the abilities, a bad thing*, etc. qui n'ont rien à voir avec les collocations.»

Para Coseriu, tão-pouco é a frequência de combinação de duas unidades lexicais o que vai fazer dessa combinação uma solidariedade lexical, mas as restrições lexicais que o conteúdo linguístico de um determinado lexema impõe na sua combinação com outros:

«... la probabilidad estadística de las combinaciones no tiene prácticamente nada que ver con las solidariedades y no es prueba de su existencia: *caballo blanco* es, probablemente, más frecuente que *caballo sauro*; pero, en el primer caso, la probabilidad de la combinación depende de la realidad extralingüística; en el segundo, en cambio, está dada lingüísticamente, por el contenido de *sauro*.» (Coseriu, 1977: 160).

Para o autor, a frequência com que aparecem combinados os lexemas em muitas combinações livres não tem a ver com o significado dos lexemas que entram na combinação, mas sim com as características das *coisas* a que se referem. É isso o que acontece no exemplo *mouette blanche*, que Pottier (1974) dá de “virtuema”, entendido como combinação usual e frequente de lexemas e que Coseriu (1977: 159-161 e 183-184) não considera como sendo “factos de língua”¹⁴⁴:

«Así, considera [Pottier] que la combinación *mouette blanche*, “gaviota blanca”, es un “hecho de lengua” (francesa), ya que hay una probabilidad muy grande de que una gaviota sea blanca y, por ejemplo, una probabilidad muy reducida de que lo sea una aceituna. En realidad se trata de un hecho que se relaciona con las cosas y con sus propiedades objetivas, y no con los valores lingüísticos. La frecuencia de la combinación del adjetivo *blanche* con el sustantivo *mouette* depende de nuestro conocimiento de las gaviotas, no de la lengua francesa, ya que 'blanc, blanche' no implica el rasgo distintivo 'para las gaviotas': es por tanto, un hecho de gaviotas, no un hecho de lengua» (Coseriu 1977: 184).

Não devemos confundir combinação lexical restrita (nomeadamente as colocações) com combinação frequente de dois ou mais lexemas. É verdade que uma

¹⁴⁴ Sobre a distinção que faz Coseriu entre “língua” e “mundo” e o pressuposto ontológico positivista de que há uma realidade simples e exterior, *vd. supra* § 2.1.5. Em § 5.3. retomaremos a concepção semântico-extensional que subjaz a esta definição de colocação, entendida como “conectabilidade conceptual” (Pitch, *apud* Lerat, 1995: 110-112). Debruçar-nos-emos agora apenas sobre a questão da colocação entendida como combinação frequente de palavras.

4. O tratamento lexicográfico da co-ocorrência lexical

colocação é, também, uma combinação frequente de lexemas, mas uma combinação frequente de lexemas não tem por que ser necessariamente uma colocação. Como Alonso Ramos (1993: 149) escreve, uma combinação como ^E*mirar un árbol* é usual e até frequente, mas é uma combinação totalmente livre, formada segundo as regras da sintaxe (o verbo ^E*mirar* pode ser combinado com tudo o que seja passível de ser olhado). Sem embargo, em combinações como ^E*esfuerzo ímprobo*, ^E*actividad febril* ou ^E*lucha encarnizada*, não podemos permutar os adjectivos embora signifiquem o mesmo ('intenso'). Nestes casos é natural que a combinação seja frequente dado que a escolha do adjectivo é obrigatória, quer dizer, o facto dos dois lexemas aparecerem combinados frequentemente é uma consequência de os dois formarem uma colocação, mas não a causa:

«la frecuencia no tienen ninguna validez para considerar una determinada combinación como colocación. El hecho de que el lexema *actividad* se combine frecuentemente con *febril* es una consecuencia de que estos dos lexemas forman una colocación, no la causa.» (*idem*, 159).

Contudo, não podemos deixar de reconhecer a importância, do ponto de vista lexicográfico, de certas combinações lexicais frequentes, como *tocar viola*, etc. que, sem chegar a ser colocações, deveriam ter um tratamento especial nos dicionários. Neste sentido, poderá ser útil a distinção que A. P. Cowie faz, no seu *Oxford Dictionary Contemporary Idiomatic English* entre *restricted collocations* ou *semiidioms* e *open collocations* (Corpas Pastor, 1985: 130, nota 9). Se, como vimos em § 3.3, a fronteira entre as expressões sintagmáticas lexicalmente compostas (gramaticalização) e as expressões sintagmáticas lexicalmente simples (lexicalização), para usar os termos e os conceitos de Lyons (1995: 50-52), é difícil de estabelecer, ou melhor ainda, talvez nem fronteira exista, será oportuno, na prática lexicográfica, reconhecer a existência de combinações lexicais mais ou menos livres¹⁴⁵ e dar cabida nos dicionários a certas combinações livres habitualizadas ou frequentes¹⁴⁶.

¹⁴⁵ Sobre o carácter não discreto das unidades fraseológicas, *vd.* Ruiz Gurillo (1998) e *infra* § 4.3.

¹⁴⁶ Tomamos o termo de Ettinger (1982: 249-258), embora o utilizemos aqui para referir um conceito mais alargado. *Vd.* também Corpas (1995: 69).

4.3. O carácter não-discreto¹⁴⁷ das combinações lexicais restritas

Do ponto de vista da prática lexicográfica (especialmente para os dicionários de produção, bilingues ou unilingues), o que interessa, mais do que as classificações que a lexicologia possa fazer de determinadas combinações lexicais¹⁴⁸, é como fazer a inventariação, o tratamento e a recuperação de toda a informação relativa às combinações lexicais que não possam ser traduzidas palavra por palavra, de tal modo que o utilizador saiba como utilizá-las no discurso. Mas a maior parte dos estudos sobre fraseologia debruçam-se mais sobre questões relativas à classificação das mesmas a partir da sua interpretação, das suas origens e das transformações que podem sofrer, quando mais importante seria considerá-las do ponto de vista da sua produção (Mel'chuk, 1995: 168).

Embora as classificações em si mesmas não sirvam para o usuário, poderão, contudo, ter utilidade para o lexicógrafo. Qualquer teoria que possa servir para fazer uma descrição e classificação da co-ocorrência lexical (ou de qualquer outro aspecto relacionado com o léxico) interessa ao lexicógrafo, mas nem a terminologia nem as classificações utilizadas deverão transparecer necessariamente no produto final da prática lexicográfica.

Desta forma, como veremos em § 4.5, do ponto de vista lexicográfico, poderá interessar, por exemplo, a distinção entre frasemas e semi-frasemas (ou colocações), uma vez que o frasema deverá aparecer como tal sob a entrada de cada uma das palavras auto-semânticas (ou lexicais)¹⁴⁹ que o compõem: ^P*ser o braço direito de*, em ^P**braço** e em ^P**direito**; enquanto, como veremos, se tratar de um semi-

¹⁴⁷ Sobre a alternativa não-discreta em linguística, *vd.* Moure (1996).

¹⁴⁸ Assim, por exemplo, uma excelente classificação do fenómeno fraseológico como é a de Corpas Pastor (1994 e 1997) em esfera I (colocações), esfera II (locuções), esfera III (paremias e fórmulas de rotina) não tem uma aplicabilidade directa na prática lexicográfica.

¹⁴⁹ *Vd. infra* § 4.5.

4. O tratamento lexicográfico da co-ocorrência lexical

frasema ou colocação, o registo como unidade lexicográfica será feito sob o lema ou entrada correspondente à base da colocação.

Mas, a verdade é que não é fácil distinguir entre combinações livres, colocações e expressões idiomáticas ou frasemas, especialmente entre as primeiras e as segundas. Já advertimos que não existem compartimentos estanques, e muitas vezes a classificação vai depender da análise semântica que se faça de cada expressão. Não podemos esquecer que o objectivo da lexicografia não é tanto uma classificação como encontrar a melhor maneira de consignar as combinações fraseologizadas no dicionário.

Embora apresentemos uma classificação formal de cada um dos tipos de combinações lexicais (*vd. infra* § 4.4): combinação livre, frasema completo, semi-frasema, quase-frasema (para além dos pragmatemas, que trataremos no capítulo seguinte), o problema do ponto de vista da prática lexicográfica, é que não existe uma fronteira definida entre cada um deles. Alguns casos de combinações lexicais não serão fáceis de classificar uma vez que a decomposição semântica que se faz da expressão poderá variar de pessoa para pessoa. Eis alguns exemplos:

- ^E*allanamiento de morada*: semi-frasema (FL não standard) ou quase-frasema?;
- ^E*campo de concentración*: quase-frasema ou frasema?;
- ^E*fosa común*: quase-frasema, frasema ou semi-frasema (FL não standard)?;
- ^E*muerte cerebral*: quase-frasema ou semi-frasema (FL não standard)?;
- ^E*número atómico*: quase-frasema ou frasema?;
- ^E*puente aéreo*: quase-frasema ou frasema? ¹⁵⁰

Os traços “carácter formal estável” e “especialização semântica”, embora não em termos absolutos, mas numa escala gradual, são os eixos principais dos conceitos que caracterizam este tipo de combinações lexicais e que se correspondem com vários dos termos utilizados na literatura sobre o assunto (sem querermos indicar com isto a equivalência dos termos): lexicalização, estabilização, fixação, petrificação, reprodução, institucionalização, idiomaticidade, frequência¹⁵¹ (Corpas,

¹⁵⁰ Quero agradecer aqui os comentários e a amabilidade e paciência com que atenderam as minhas dúvidas tanto Igor Mel'chuk como Margarita Alonso Ramos.

¹⁵¹ Sobre os dois últimos, frequência e idiomaticidade, *vd. supra* § 4.1 e § 4.2, respectivamente.

1995: 32-53). À volta dessas duas características centrais, carácter formal estável e especialização semântica, gira a maior parte das tentativas de generalização teórica sobre a fraseologia. Mas, do ponto de vista lexicográfico, não é suficiente limitar-se a recolher estruturas deste tipo e indicar que a expressão está lexicalizada ou é fixa. No dicionário de produção terá especial interesse informar o usuário sobre os usos limitados das possibilidades combinatórias do léxico de uma língua assim como fornecer informação relativa ao comportamento sintáctico das combinações lexicais não livres (frasemas, semi-frasemas e quase-frasemas) no que se refere à sua capacidade para aceitar determinadas transformações, o que terá a ver com o grau de fixação, mas não necessariamente com o grau de idiomaticidade, como parecem confundir alguns autores (*vd. supra* § 4.1).

É evidente, por exemplo, que as restrições sintácticas serão maiores para os frasemas completos do que para as colocações. Por exemplo, o frasma ^P*perder a cabeça* (a) apresenta maiores restrições sintácticas do que a colocação ^P*prestar atenção* (b) que já admite algumas transformações¹⁵²:

- (a) ^P*O João perdeu a cabeça*
- (b) ^P*O público prestou atenção*

1. Passivação:

- ^{P*}*A cabeça foi perdida pelo João*
- ^{P*}*A atenção foi prestada ao ministro pelo público*

2. Adjectivação participial:

- ^{P*}*A cabeça perdida ...*
- ^P*O ministro agradeceu a atenção prestada*

3. Relativização:

- ^{P*}*A cabeça que perdeu o João*
- ^P*Supreendeu-nos a atenção que as crianças prestavam*

4. Pronominalização:

- ^{P*}*O João perdeu-a*
- ^{P*}*O público prestou-a*

5. Modificação adjectival:

- ^{P*}*O João perdeu a impaciente cabeça*
- ^P*O público prestou grande atenção*

¹⁵² A maior parte dos exemplos foram adaptados de Aguilar-Amat (1993: 67-68).

4. O tratamento lexicográfico da co-ocorrência lexical

6. Modificação nominal:

^{P*}*O João perdeu a cabeça da serenidade*
^{P*}*O público prestou atenção de grande intensidade*

7. Modificação adverbial:

^{P*}*O João perdeu a cabeça intensamente*
^P*O público prestou atenção ininterruptamente*

8. Determinação:

^{P*}*O João perdeu aquela cabeça*
^{P*}*O público prestou aquela atenção*

9. Quantificação:

^{P*}*O João perdeu muito a cabeça*
^P*O público prestou muita atenção*

10. Indefinição:

^{P*}*O João perdeu uma cabeça*
^{P*}*O público prestou uma atenção*

11 Pluralização:

^{P*}*O João perdeu as cabeças*
^{P*}*O público prestou atenções*

12. Presença/ausência de artigo:

^{P*}*O João perdeu cabeça*
^{P*}*O público prestou a atenção*
(embora: ^P*O público prestou a devida atenção*).

Contudo, será impossível estabelecer regras de comportamento sintático gerais para todos os frasemas ou para todas as colocações, pelo menos do ponto de vista lexicográfico — outra coisa será a possibilidade de tratá-las mediante as regras gerais da gramática. A solução lexicográfica passará, uma vez mais, por «marcar en la entrada lexical del frasema las operaciones lingüísticas, esperables por su sentido, que no admite» (Alonso Ramos, 1993: 175) ou, no caso do dicionário bilingue, aquelas transformações admitidas numa língua e não na outra. Como esta autora indica, serão fenómenos a registar no léxico, e não na gramática, justamente porque não são regulares, independentemente de que o comportamento de uma determinada estrutura idiomática ou fixa seja diferente ou não do das combinações livres (Alonso Ramos, 1993: 168):

« Por ejemplo, no podemos decir que las locuciones verbales, en bloque, admiten o no la nominalización. Algunas la admiten como la *metedura de pata* y otras no

como **el estiramiento de pata*. Algunos fenómenos serán más productivos que otros pero siempre están ligados a una unidad léxica (o a un grupo restringido). Es en su entrada lexicográfica en donde deberán ser consignadas todas esas propiedades, sólo si no son deducibles de su significado.» (*ib.*).

Trata-se, como vimos, de tomar a perspectiva de síntese ou de geração (codificação): Se queremos exprimir o sentido ‘ódio intenso’, não somos livres de escolher qualquer adjetivo que signifique ‘intenso’; o nome ^P*ódio* exige o adjetivo ^P*mortal*. Em última instância, quando se trata de distinguir entre combinações livres e colocações, para além de percepções mais ou menos intuitivas do falante, o recurso a uma língua estrangeira serve para ilustrar que a eleição de um colocativo não é livre (Calderón, 1994: 80; Tomaszczyk, 1983: 45), como se pode observar através dos seguintes exemplos com a palavra ^E*lista*:

- ^E*Escribe una lista de las cosas que necesitas* → ^Plista de coisas;
- ^E*Ya han salido las listas de los admitidos* → ^Plistagens de admitidos;
- ^E*Un album de música portuguesa lidera la lista de ventas esta semana* → ^Ptabela de vendas;
- ^E*Hoy lleva un jersey de listas blancas y azules* → ^Plistas, ou listras, brancas e azuis;
- ^E*Colgaron listas de papel de colores en las lámparas* → ^Plistas de papel colorido;
- ^E*¿Por qué las cebras tienen todo el cuerpo a listas?* → ^Pàs listas;
- ^E*Mi hermana puso una lista de boda en esta tienda de electrodomésticos* → ^Plista de
Casamento;
- ^E*Nunca va al hipermercado sin su lista de la compra* → ^Plista das compras;
- ^E*Los comerciantes están obligados a tener la lista de precios bien visible* → ^Ptabela de
preços, preçário;
- ^E*Después de lo que le hizo, está en su lista negra* → ^Plista negra;
- ^E*Antes de empezar la clase, el profesor pasa lista para ver si falta alguien* → ^Pfaz a
chamada.

Contudo, insistimos novamente em que, mais do que para a lexicografia, a classificação dos fenómenos fraseológicos é um problema para a lexicologia e a linguística teórica em geral, nomeadamente de tipo estruturalista ou generativista, que assume, extrapolando-o de outros modelos científicos, o carácter discreto da linguagem (Bernárdez, 1995: 114, nota 15). O problema para a lexicografia será o da selecção das combinações lexicais que devem aparecer no dicionário, isto é, que tipo de combinações lexicais devem ser consideradas como unidades lexicográficas, bem como o da estruturação desse material lexicográfico no que chamaremos unidade de

4. O tratamento lexicográfico da co-ocorrência lexical

tratamento lexicográfico (*vd. infra* capítulo 7º). Como veremos, se entendemos a unidade lexicográfica como sendo o lexema ou conjunto de lexemas com capacidade para se referir (seleccionar no mundo) a uma coisa ou conceito diferenciado, o problema coloca-se-nos principalmente à hora de estabelecer os limites superiores destas unidades, quer dizer, à hora de distinguir o que é uma lexia do que é um sintagma-perífrase (*vd. Rey-Debove, 1973: 91-92*) mais ou menos livre, chegando em muitas ocasiões a ser muito difícil distinguir entre o termo e a definição, que poderão chegar a coincidir (*vd. Cabré, 1993*).

Do ponto de vista lexicográfico, deverá assumir-se sem reservas que os critérios que nos permitirão considerar se um termo pluriverbal foi lexicalizado não poderão ser de tipo morfo-sintáctico, tendo mais a ver com o consenso e a memória da comunidade linguística que o utiliza:

«Le critère ultime de définition d'une unité lexicale est bien ici, par excellence, le consensus de la communauté linguistique [...], non pas comme en syntaxe ou en morphologie par la reconnaissance d'une bonne formation mais sur la base de la mémorisation.» (Paillard, 1997: 66).

4.4. A co-ocorrência lexical restrita no DEC

«If grammar is the bones of a text, collocations are the nerves, more subtle and multiple and specific in denoting meaning, and lexis is the flesh.»
(Newmark, 1995: 213)

Faremos a seguir uma pequena apresentação da tipologia que o modelo lexicográfico de Mel'chuk (DEC) estabelece da co-ocorrência lexical restrita e das razões pelas que pensamos que esta classificação pode ser útil não só na lexicografia para especialistas (como pode ser o DEC), mas também em produtos lexicográficos destinados ao público em geral (*vd. infra* § 4.5).

Foram várias as classificações do fenómeno fraseológico que estudámos ou de que tivemos notícia indirectamente, umas mais elaboradas do que outras, mas sempre ficámos com a mesma sensação perante quase todas elas: Qual a utilidade de

tais tipologias na prática lexicográfica? A maior parte delas não iam para além disso mesmo, puras classificações, quando do que se trata, pelo menos do ponto de vista lexicográfico, não é tanto de classificar como de achar a melhor maneira de consignar e descrever as combinações fraseologizadas no dicionário de tal modo que o utilizador saiba como utilizá-las no discurso.

Tanto na prática lexicográfica como na bibliografia teórica sobre o assunto, não há acordo na hora de classificar este tipo de fenómenos, o que se reflecte numa multiplicidade terminológica que acentua ainda mais o problema. Assim, em autores e épocas diferentes, deparamos com termos como *frasema*, *colocação*, *solidariedade lexical*, *modismo*, *locução*, *frase feita*, *expressão idiomática*, *idiomatismo*, *expressão fixa*, *lexia complexa*, *unidade fraseológica*, *fraseologismo*, *sintagma*, *expressão* ou *construção fossilizada*, etc., que são utilizados para referir-se ao mesmo conceito ou a conceitos diferentes.

Para Mel'chuk (1995: 170), também é surpreendente como depois de tantos anos de estudo e discussões sobre os mais diversos aspectos da fraseologia, não se tenham elaborado definições formais dos conceitos pertinentes, estabelecido uma tipologia formal dos frasemas, fixado uma terminologia e até que não se tenha chegado a um nome genérico universalmente aceite.

Pareceu-nos que só a tipologia que Igor Mel'chuk estabelece, dentro da “Teoria Sentido-Texto”, para o *Dictionnaire Explicatif et Combinatoire du Français Contemporain* (DEC), por um lado, tem uma correspondência na prática lexicográfica e, por outro, orienta a sua descrição para a produção, mais que para interpretação¹⁵³.

Com efeito, em § 4.3 já indicávamos como os estudos mais importantes sobre fraseologia ou sobre modismos se debruçavam mais sobre questões relativas à

¹⁵³ Contudo, embora tomemos deste modelo a classificação das unidades fraseológicas que utilizamos (frasemas, semi-frasemas, quase-frasemas, pragmatemas) não podemos considerar que este trabalho se insira nesse marco teórico, uma vez que o modelo está mais interessado na elaboração de um léxico teórico, centrado na descrição da competência linguística, altamente formalizado, e cujo público alvo seriam os linguistas, não o público em geral. Com efeito, como veremos, o DEC, está escrito numa metalinguagem altamente formalizada que faz do dicionário «una obra para especialistas, no para el público em general, que siempre preferirá las definiciones en su lengua natural» (Porto, 1980: 299).

4. O tratamento lexicográfico da co-ocorrência lexical

classificação dos mesmos a partir da sua compreensão ou interpretação, das suas origens ou das transformações que podem sofrer, quando este tipo de construções não livres deveriam ser consideradas mais do ponto de vista da sua produção do que da sua interpretação ou descodificação (Mel'chuk, 1995: 168):

«The central question for me is, What should be stated about the given idiom (or phraseme) in its linguistic description for this idiom to be correctly selected and used in speech?» (*ib.*).

Para Mel'chuk, podem dar-se dois tipos de combinações de unidades lexicais: combinações livres e combinações restritas (ou frasemas):

«the syntactic-lexical expressions, or **phrases**, of **L** can be divided into two highly unequal classes: a huge, theoretically unlimited class of **free phrases** and a very large but limited class of **set phrases**, or **phrasemes**.» (Mel'chuk, 1995: 173).

Quer dizer, para exprimir um determinado sentido, os lexemas podem combinar-se, formando sintagmas, de maneira livre ou de maneira restrita. A co-ocorrência lexical livre é uma questão semântica, enquanto a co-ocorrência lexical restrita é uma questão lexical e nem sempre semântica (Alonso Ramos, 1993: 190).

Para Mel'chuk (1995: 173) dada uma Representação Conceptual determinada, as regras da língua produzem centenas e até milhares de Representações Semânticas possíveis, entre as quais o falante poderá escolher aquilo que lhe convier. Por sua vez, seleccionada uma Representação Semântica, as regras da língua poderão produzir milhares ou milhões de Representações Fonéticas. Mas, como veremos, esta liberdade de escolha e este leque enorme de variantes possíveis fica restringida quando deparamos com diferentes tipos de fraseologização:

«It can preliminarily be said that phraseologization boils down to drastically reducing otherwise limitless choices available to the speaker who is in quest for a linguistic expression possible for the ConceptR he started with.» (*ib.*).

Uma combinação livre (ou não restrita) AB é um sintagma composto de dois ou mais lexemas A e B, cujo significado é a soma regular (ou união linguística)¹⁵⁴ dos significados dos lexemas constituintes 'A \oplus B' e cujo significante

¹⁵⁴ Para o autor, a soma regular ou operação de união linguística (\oplus):

«putting together linguistic items according to general rules of **L** while constructing

é a soma regular dos seus significantes /A \oplus B/ (Mel'chuk, 1998: 4). Uma combinação livre é produzida, a partir de uma representação conceptual dada, aplicando, sem restrições qualquer regra geral da língua, sendo 100% composicional e podendo ser substituída por qualquer outra combinação suficientemente sinónima (Mel'chuk, 1995: 175-176). A seguir apresentaremos a definição formal de Mel'chuk do conceito de frase livre. Exemplos de combinações livres são os já apresentados (2):

- (2) (a) ^PUma flor vermelha
(b) ^PO carro do meu vizinho
(c) ^PO miúdo que está em cima da mesa

Uma expressão pluriverbal é *livre* (não restrita) quando os seus componentes são seleccionados de acordo com as regras de selecção da língua (*lexicon*) arbitrariamente escolhidas. Nenhuma das regras escolhidas é preceptiva, no sentido de que o falante pode aplicar quaisquer outras regras da língua para produzir um enunciado equivalente, tem a possibilidade de seleccionar significados e unidades lexicais, a possibilidade de livre escolha entre expressões e significados independentes (quase)equivalentes (Mel'chuk, 1995: 174-175):

«Thus, the signified and the signifier of the phrase *No parking* are not unrestrictedly constructed, because you are not supposed to express —on a sign— any equivalent meaning, for instance, ‘you should not park here’, or the same meaning in a different form —such as *Parking prohibited* or *Do not park*, although lexical (and grammatical) rules of English allow you to do so. On the contrary, the signified and the signifier of the sentence *This dictionary has been compiled by many people* are unrestrictedly constructed, because you can express the same or an equivalent meaning by any other appropriate linguistic means: e.g., *This dictionary is the result of work by many hands*, and so forth.» (*idem*, 174).

E, por outro lado, uma construção é *regular* quando tanto o significante

expressions of higher order. The symbol \oplus is reminiscent of arithmetical summation, but linguistic union is much more complex than simple addition: it presupposes observing ALL general rules of L, and this, in conformity with the nature of items being united (signified are united in a different way from signifiers and syntactics, etc.) Thus, $X \oplus Y$ denotes the regular union of signs X and Y ; ‘X’ \oplus ‘Y’ is the regular union of signifieds ‘X’ and ‘Y’; etc.

Informally, a phraseme is a phrase that cannot be constructed both unrestrictedly and regularly using exclusively the operation \oplus .» (Mel'chuk, 1998: 4).

Sobre a união linguística (\oplus), *vd.* também Mel'chuk (1993: 137-144).

4. O tratamento lexicográfico da co-ocorrência lexical

como o significado são construídos segundo as regras gerais da língua, quer dizer, os seus componentes são combinados exclusivamente segundo as regras gerais de combinação (= gramática) da língua.

Um sintagma não livre (combinação restrita, ou frasema), AB é uma combinação de dois ou mais lexemas A e B, cujo significante e cujo significado não podem ser construídos livremente e regularmente por meio da soma regular ou união linguística dos seus componentes. Estruturas do tipo ^P*perder a cabeça*, ^P*baixar a cabeça*, ^P*andar à nora*, ^P*ser o braço direito*, ^P*dar um passeio*, ^P*ódio mortal*, ^P*mudança radical*, ^P*leite gordo*, etc. são exemplos de combinações não livres, cuja característica principal é que são estruturas holísticas ou não composicionais.

Após a apresentação dos conceitos de construção livre ou não restrita, combinação regular e a operação de união linguística, estamos em condições de apresentar a definição formal de Mel'chuk (1995: 175) de *sintagma livre* (Free Phrase):

«A free phrase **A + B** in language **L** is a phrase composed of two lexemes **A** and **B** and satisfying simultaneously the following two conditions:
«1. Its signified 'X' = 'A + B' is unrestrictedly and regularly constructed on the basis of the given ConceptR (which the speaker wants to verbalize) — out of the signifieds 'A' and 'B' of the lexemes **A** and **B** of **L**. [Thus 'A + B' is a regular sum of 'A' and 'B'; it can be replaced by any other sufficiently close signified 'Y', obtainable as well from the given ConceptR by some general rules of **L**.]
«2. Its signifier /X/ = /A + B/ is unrestrictedly and regularly constructed on the basis of the SemR 'A + B' — out of the signifiers /A/ and /B/ of the lexemes **A** and **B**. [Thus /A + B/ is a regular sum of /A/ and /B/.]»

Na prática lexicográfica devemos preocupar-nos não só com o número de vocábulos recolhidos, mas também com a introdução de abundante informação referente ao "uso" dos mesmos, tanto no que se refere a questões de tipo pragmático, retórico ou cognitivo (o que poderíamos chamar informação contextual) como aos diferentes aspectos de combinação de vocábulos (informação co-textual).

A investigação e descrição linguística relativa à combinatória lexical centra-se principalmente no que poderíamos chamar pelo nome genérico de unidade fraseológica (ou frase idiomática), entendida, como acabamos de ver, como o conjunto ou combinação de palavras (AB) cujo significado não pode ser deduzido do significado dos diferentes elementos lexicais que a compõem (A) + (B): 'AB' ≠ 'A' +

'B' (por exemplo, estruturas do tipo ^P*perder a cabeça*, ^P*baixar a cabeça*). Mas existe outro tipo de combinações de palavras que, numa primeira abordagem, o linguista poderia considerar como sendo expressões livres, mas que, especialmente quando comparadas com outras expressões de sentido equivalente noutras línguas, têm, por assim dizer, uma pequena componente idiomática que frequentemente escapa ao não nativo na hora de produzir um texto: são as colocações¹⁵⁵ ou semi-frasemas.

Mel'chuk (1995) distingue, dentro da combinatória lexical não livre, ou restrita, entre frasesmas pragmáticos ou *pragmatemas* (vd. *infra* § 5.4.1) e frasesmas semânticos, que, por sua vez são divididos em três tipos: *frasesmas completos* (ou expressões idiomáticas), *semi-frasesmas* (ou colocações) e *quase-frasesmas*. Mas antes de definir cada um deles por separado, vejamos como se concebem os frasesmas semânticos neste modelo teórico.

Um *frasesma semântico* AB é uma combinação de dois ou mais lexemas A e B, cujo significante é a soma regular dos significantes dos lexemas constituintes /A ⊕ B/, mas cujo significado, é diferente do da soma dos significados dos lexemas constituintes. A diferença dos frasesmas pragmáticos, num frasesma semântico o significado é escolhido livremente, não é imposto pela situação; mas a expressão para este significado não é escolhida livremente, a sua selecção (a nível lexical) é parcial ou totalmente limitada, restringida, por este significado, enquanto morfológica e sintacticamente (gramaticalmente) pode ser uma expressão regular¹⁵⁶ (Mel'chuk, 1995: 181).

Formalmente, um frasesma de tipo semântico é definido por Mel'chuk (1998: 5-6; 1995: 176) como sendo uma construção que infringe a condição 2 das

¹⁵⁵ No contextualismo britânico entende-se por colocação a possibilidade e a probabilidade de duas ou mais unidades lexicais ocorrerem juntas. Segundo vários autores, foi Firth quem, na década de cinquenta, introduziu o termo técnico de “colocação”. Alonso Ramos (1993: 142) também o considera como sendo o responsável pelo termo, mas em nota de rodapé adverte que, segundo Mitchell (1971: 35), o termo *colocação* no é original de Firth, mas de H. E. Palmer.

¹⁵⁶ Contudo Mel'chuk chama a atenção para o facto de que o aspecto formal dos frasesmas semânticos pode ser, às vezes, uma composição irregular, dando exemplos do inglês como *by and large* ('em termos gerais'), *in short* ('em resumo'), etc. Pense-se em exemplos em português como *Ninguém lhe liga nenhuma, ser [uma coisa] altamente, a saber, às vezes, a olhos vistos, etc.*

4. O tratamento lexicográfico da co-ocorrência lexical

apresentadas acima para definir o sintagma livre (se a construção infringe a condição 1 ou as condições 1 e 2, estaremos perante frasemas de tipo pragmático, que trataremos em § 5.4.1):

«A semantic phraseme **AB** of **L** is a set phrase composed of two lexemes **A** and **B** that satisfies simultaneously the following two conditions:

1. Its signified 'X' is unrestrictedly constructed on the basis of the given ConceptR(SIT) but

either it is not regularly constructed out of the signifieds A and B of the lexemes **A** and **B** of **L** ('X' is not a regular sum of 'A' and 'B', i.e., 'X' ≠ 'A + B');

or one of its constituent signifieds is included in the other [for instance, 'A' > 'B'].

2. Its signifier /A + B/ is not unrestrictedly constructed on the basis of the SemR out of the signifiers /A/ and /B/ of its constituent lexemes **A** and **B** (either these signifiers cannot be selected by rules of **L** on the basis of 'X' or the choice of the one is contingent on the other]; as for the regularity, in most cases, although far from always, the signifier /A + B/ is regularly constructed out of /A/ and /B/. [More often than not, /A + B/ is a regular sum of /A/ and /B/, i.e. /A + B/ = /A/ + /B/.].» (Mel'chuk, 1995: 181).

Tendo em conta o tipo de restrição que opera na selecção (a nível lexical) dos lexemas que compõem o frasema, temos, como já foi dito, três tipos de frasemas semânticos: os frasemas completos, semi-frasemas (ou colocações) e quase-frasemas.

4.4.1. Frasemas completos (expressões idiomáticas)

Uma expressão idiomática, ou frasema completo **AB** (^P[ser o] *braço direito*), é uma combinação de dois ou mais lexemas **A** (^P*braço*) e **B** (^P*direito*), cujo significante é a soma regular dos significantes dos lexemas constituintes /A ⊕ B/ (^P*braço* + ^P*direito*), mas cujo significado não é a esperada união regular de **A** e **B** ('A ⊕ B'), isto é 'braço direito', mas um significado diferente 'C' ('[ser o] 'auxiliar principal' ou 'principal colaborador'), que não inclui nem 'A' nem 'B'. (Mel'chuk, 1998: 6; 1995: 177, 181):

«Nous appelons *phrasème complet* un phrasème **AB** au signifié 'C' tel que ce signifié n'inclut ni le signifié de **A** ni celui de **B**: [...].

Exemple: le signifié de +PONT AUX ÂNES+ 'banalité connue de tous' n'inclut ni celui de PONT, ni celui d'ÂNE; c'est un phrasème complet (angl. *idiom*). (Mel'chuk et al., 1995: 46, nota 7).

Alonso Ramos (1993) destaca algumas características gerais dos frasemas:

«- pertencem ao léxico literal, isto é, devem ser reproduzidos em seus próprios termos;
- são composicionais semanticamente: a soma do sentido de seus constituintes não é igual ao seu sentido global;
- são coesivos: seus elementos constituintes estão exigidos uns pelos outros;
- resistem, com diferentes graus, à variação formal;
- podem ser ambíguos: alguns têm uma contrapartida homófona composicional;
- alguns presuntos frasesmas são, de facto, colocações; devem ser disjuntos em um lexema separado (palavra-chave) e um valor da FL aplicada a esse lexema;
- seu carácter como unidades semânticas e sua conservação de alguns traços do sintagma os convertem em unidades difíceis de tratar em um modelo linguístico.»
(Alonso Ramos, 1993: 182).

São exemplos de expressões idiomáticas estruturas do tipo ^P*levantar a cabeça* ('prosperar'), ^P*baixar a cabeça* ('obedecer'), ^P[andar] *à nora* ('[andar] desorientado')¹⁵⁷, ^P[ser] *o braço direito* ('[ser] o principal auxiliar'), ^P*colete-de-forças* ('peça de roupa empregada para dominar os movimentos dos braços'), ^P*mercado negro* ('comércio ilegal ou clandestino'), ^P*mesa-redonda* ('debate em que os participantes se encontram ao mesmo nível'), ^P*ponte aérea* (comunicação regular entre dois pontos por meio de aviões), ^P*pele-vermelha* ('índio indígena norte-americano'), etc.

4.4.2. Semi-frasesmas (colocações)

Como indica Pierre Lerat (1995), ao falar em línguas especializadas e colocação,

«Les traducteurs partagent avec les enseignants de langue étrangère, les lexicographes et les terminologues une conviction: la maîtrise d'une langue passe par celle des collocations des mots.» (*idem*, 102).

Na literatura consultada encontramos o termo e o conceito "colocação" utilizado com dois sentidos diferentes:

- a) combinações frequentes, prováveis, preferenciais ou usuais de palavras (nomeadamente substantivo + adjetivo e verbo + substantivo); e

¹⁵⁷ Repare-se que a expressão idiomática é só "à nora"; "andar à nora" (andar desorientado) é uma colocação, ou semi-frasesma, formada por um verbo colocativo (andar) e uma expressão idiomática "à nora"

4. O tratamento lexicográfico da co-ocorrência lexical

- b) combinações de palavras aparentemente livres, geradas a partir das regras da língua, mas onde actua qualquer tipo de restrição lexical determinada pela norma.

Não vamos entrar aqui na história do termo e do conceito *colocação*. Para um estado da questão relativo ao conceito de colocação, assim como outros conceitos próximos, como o de *solidariedade lexical*¹⁵⁸, de Coseriu, e o de *contorno*¹⁵⁹, de Rey-Debove (“*entourage*”) e de Seco, *vd.* Alonso Ramos (1993: 141-164) e Corpas (1995: 134-161).

O nosso objectivo será analisar a validade deste conceito na descrição lexicográfica duma língua. Partimos para isso, de uma concepção de colocação que consideramos coerente e completa: a utilizada no modelo lexicográfico de Igor Mel’chuk, descrita e apresentada para o espanhol por Alonso Ramos (1993).

A fronteira entre os frasemas, ou expressões idiomáticas, e as colocações, por um lado, e estas e as combinações livres, por outro, não é clara. Há casos em que é difícil classificar determinadas combinações de palavras como sendo combinações livres ou restritas. Contudo, há uma aspecto que hoje já não se pode pôr em causa: o facto de que as chamadas colocações não são combinações livres de palavras, mas antes um tipo de unidades pluriverbais lexicalizadas e habitualizadas (Ettinger, 1982: 249-258; Corpas, 1995: 69).

Segundo Alonso Ramos (1993), a característica mais importante que diferencia um frasema de uma colocação é o facto de que

«... en un frasema, ninguna de sus propiedades semánticas ni sintácticas son deducibles de los lexemas constituyentes. Sin embargo, en la colocación, al menos algunas propiedades son deducibles de uno de los lexemas. En *actividad febril* o en *dar un paseo*, el nombre guarda las mismas propiedades que tiene fuera de la combinación.» (Alonso Ramos, 1993: 183).

¹⁵⁸ O conceito coseriano de *solidariedade lexical* é mais restrito do que o de *colocação*: as solidariedades lexicais são um tipo de colocação. Sobre as *estructuras sintagmáticas* ou *solidariedades lexicais*, veja-se, entre outros, Coseriu (1977: 143-161; 1979a: 30), Vilela (1979: 75-77 e 153-158; 1994a: 127-163), Salvador (1989/90), Justo Gil (1990: 38-40).

¹⁵⁹ Sobre os conceitos *entourage* e *contorno*, *vd.* Rey-Debove (1971: 207-213) e Seco (1987: 35-45).

No DEC, uma colocação, ou semi-frasema, AB é uma combinação de dois ou mais lexemas A e B, cujo significante é a soma regular dos significantes dos lexemas constituintes $A \oplus B$, e cujo significado 'X' inclui o significado do lexema A mais um significado 'C' ('X' = 'A \oplus C'), de tal maneira que o lexema B que exprime 'C' não é seleccionado livremente. Numa colocação, pensemos por exemplo em ^P*ódio mortal*, um dos seus elementos constituintes, A (^P*ódio*), é seleccionado pelo falante por causa do seu significado, que é conservado intacto; mas o segundo elemento constituinte, B (^P*mortal*), significa 'C' ('intenso'), diferente de 'B' ('que causa ou pode causar a morte'). Fora da colocação AB, B (^P*mortal*) não seria usado para exprimir 'C' ('intenso'):

«Nous appelons *semi-phrasème* un phrasème **AB** au signifié 'AC' ou 'BC' qui inclut le signifié de l'un des constituants, alors que l'autre soit ne garde pas son sens, soit —même s'il garde sons sens— n'est pas sélectionné librement.
Exemple: le signifié de PIQUER UN SOMME 'faire un somme' inclut le sens de SOMME 'sommeil court et léger', mais pas celui de PIQUER 'entamer avec une pointe'; c'est un semi-phrasème ou une collocation (avec le mot-clé [*un*] SOMME.»
(Mel'chuk et al., 1995: 46, nota 7).

Consoante a natureza de 'C', Mel'chuk (1995: 182) distingue quatro tipos de colocações:

- «1) **either** 'C' \neq 'B' i.e. does not have (in the dictionary) the corresponding signified;
and [
 a. 'C' is empty, that is, the lexeme **B** is, so to speak, a semi-auxiliary used to support a syntactic configuration;
 or **b.** 'C' is not empty but the lexeme **B** expresses 'C' only in combination with **A** (or with a few other similar lexemes);
2) **or** 'C' = 'B', i.e. **B** has (in the dictionary) the corresponding signified;
and [
 a. 'B' cannot be expressed by any otherwise possible synonym;
 or **b.** 'B' includes (an important part of) the signified 'A', that is, it is utterly specific].»

No caso **1a** estamos perante colocações formadas por verbo operador¹⁶⁰ ou

¹⁶⁰ Entendemos por *verbo operador*, uma palavra funcional verbal:

«Palabras que, en oposición a las llamadas *palabras llenas*, no tienen un significado léxico (o sólo tienen uno difícil de precisar), sino que cumplen funciones puramente estructurales, en tanto que establecen relaciones sintagmáticas, sintáctivas y textuales. Palabras funcionales son el artículo, pronombre, verbos modales, verbos auxiliares, preposiciones, conjunciones, partículas. [...] Forman un número reducido [...], pero aparecen muy frecuentemente; pertenecen al *vocabulario básico* de la lengua.»
(Lewandowski, 1986: 255; s.v. **palabras funcionales**).

4. O tratamento lexicográfico da co-ocorrência lexical

verbo-suporte¹⁶¹ mais nome (por exemplo, ^P*dar um passeio*). Neste caso, o lexema A, que conserva intacto o seu significado (^P*passeio*) é acompanhado por outro lexema, B (^P*dar*), que se esvazia de significado, funcionando apenas como um verbo operador. São exemplos deste tipo de colocações (sublinhada a base, ou palavra-chave¹⁶² da colocação, isto é, o lexema que conserva o sentido intacto): ^P*dar um conselho*, ^P*infligir uma derrota*, ^P*reinar o silêncio*, ^P*tomar em consideração*, ^P*pôr em dúvida*, etc.

O caso das colocações do tipo **2a** é o do exemplo ^P*ódio mortal* que vimos de apresentar. Neste tipo de colocações, o segundo elemento constituinte, B (^P*mortal*), não está vazio de significado, como no caso anterior, que dizer, B tem no dicionário o correspondente significado ‘C’ mas este sentido (‘intenso, vivo’), só é actualizado em combinação com o lexema A (^P*ódio*) e não pode ser exprimido por qualquer sinónimo de B. Fora da colocação AB, B (^P*mortal*) não seria usado para exprimir ‘C’ (‘intenso’). As colocações formadas com substantivos mais adjectivos intensificadores, ou verbos mais advérbios, são exemplos deste tipo de semi-frasemas: ^P*ódio mortal*, ^P*mudança radical*, ^P*vontade louca*, ^P*confessar abertamente*, ^P*proibir terminantemente*, etc.

Estes dois tipos de colocações correspondem ao que no DEC e no modelo Sentido-Texto se conhece como “funções lexicais standard” (vd. *infra*).

No caso das colocações do tipo **1b** (^P*sorriso amarelo*, por exemplo) o segundo elemento constituinte do semi-frasema, B (^P*amarelo*), não está vazio de

Sobre os verbos funcionais na gramática de valências, vd. *infra* nota 44.

¹⁶¹ O termo e o conceito de *verbo-suporte* é utilizado pela equipa L.A.D.L. que dirige M. Gross, para designar um verbo semanticamente vazio que combinado com um deverbal forma uma estrutura que mantém uma relação de paráfrase com o verbo de que deriva o nome (Gross & Vivès, 1986: 14), como, por exemplo: ^P*dar um passeio* = ^P*passear*; ^P*tirar uma conclusão* = ^P*concluir*; etc. Mas, como indica Alonso Ramos (1993: 582), podem existir nomes combinados com verbos-suporte que não tenham verbos associados morfologicamente:

«...desde la perspectiva del DEC, no es necesaria la relación morfológica entre el nombre "soportado" y un verbo de la misma raíz. Así, por ejemplo, *culto*, *gira*, *torta*, *intención* pueden combinarse con verbos soportes y sin embargo, no tienen un verbo asociado morfológicamente: *rendir culto*, *hacer una gira*, *dar una torta*, *tener intención*».

¹⁶² O termo é de Hausmann (1979) (vd. Liang (1991)).

significado, como no primeiro caso, mas o sentido ‘C’ que exprime (‘forçado, contrafeito’) não aparece no dicionário como acepção do lexema B, senão que só é actualizado em combinação com o lexema A (^P*sorriso*) ou com muito poucos lexemas mais. Quer dizer, ^P*amarelo* não tem no dicionário, entre as suas diferentes acepções, o sentido de ‘forçado, contrafeito’ porque realiza este sentido só com ^P*sorriso* (Mel’chuk, 1995: 182, nota 6). Outros exemplos deste tipo de colocações são: ^P*imprensa amarela* (ou, no Brasil, ^P*imprensa marrom*), ^P*ponte levadiça*, ^P*ponte branca*, ^P*chave mestra*, ^P*parede mestra*, etc.

As colocações do tipo **2b** são o que Coseriu (1977: 143-161) chama solidariedades lexicais. Neste tipo de colocações (^P*nariz aquilino*, por exemplo), o segundo elemento constituinte, B (^P*aquilino*), não está vazio de significado, como no primeiro caso, mas o sentido ‘C’ que exprime (‘curvo como bico de águia’) aparece no dicionário como acepção do lexema B, mas só é actualizado em combinação com o lexema A (^P*nariz*). O lexema ^P*nariz* está incluído como traço semântico¹⁶³ na definição de ^P*aquilino*. Este adjectivo só se diz de ^P*nariz*. Outros exemplos deste tipo de colocações são: ^P*manteiga rançosa*, ^P*cabelo louro*, ^P*vestido afogado*, ^P*cavalo baio*, ^P*cavalo acarneirado*, ^P*cavalo pezenho*, ^P*cavalo zarco*, ^P*vinho abafado*, etc.

O conceito coseriano de *solidariedade lexical* é, portanto, mais restrito do que o de *colocação*. Na verdade, salvo aquelas colocações em que um determinado lexema está incluído como traço semântico na definição do outro, todas as outras combinações lexicais consideradas aqui como sendo colocações seriam consideradas por Coseriu como realizações da norma:

«...o esp. **pan blanco** se opõe ao **pan negro**, que não é negro, e **água** [sic] **salada** a **água** [sic] **dulce**, que é simplesmente não-salgada. Trata-se sempre de oposições na norma, que caracterizam os idiomas a que pertencem; assim, o esp. **vinho tinto** é **vermelho** em italiano (**vinno rosso**) e preto em servo-croata (**crno vino**).» (Coseriu, 1979b: 68).

Por outro lado, e embora a colocação não possa ser definida em termos de

¹⁶³ Cf. Coseriu (1977, 140-141): «La solidaridad es la relación entre dos lexemas (pertenecientes a campos diferentes) de los que el uno está comprendido, en parte o en su totalidad, en el otro, como rasgo distintivo (sema) que limita su combinabilidad.».

4. O tratamento lexicográfico da co-ocorrência lexical

frequência, como acabamos de ver, não podemos deixar de constatar que solidariedades lexicais do tipo ^P*cavalo alazão* são combinações menos usuais ou frequentes do que muitos tipos de colocações (^P*dar um passeio*, ^P*ódio mortal*, etc.).

As funções lexicais¹⁶⁴ utilizadas no DEC servem para descrever relações léxico-semânticas paradigmáticas e sintagmáticas. Estabeleceram-se, neste modelo, à volta de 60 funções lexicais *standard*¹⁶⁵. Uma função lexical *standard* deve poder ser aplicada a um número relativamente extenso de palavras-chave e por sua vez deve ter um número relativamente grande de expressões linguísticas como os seus possíveis valores (Mel'chuk *et al.*, 1995: 126-128).

A seguir apresentamos alguns exemplos representativos de funções lexicais *standard*, que apresentam sempre o esquema **FL(palavra-chave) = valor** ou **FL(base) = colocativo**:

Magn(<i>actividade</i>)	=	<i>febril</i>
Magn(<i>memória</i>)	=	<i>de elefante, prodigiosa</i>
Magn(<i>ódio</i>)	=	<i>feroz, mortal, profundo, figadal</i>
Magn(<i>armado</i>)	=	<i>até aos dentes</i>
Magn(<i>mudança</i>)	=	<i>radical</i>
Magn(<i>vontade</i>)	=	<i>louca</i>
Oper ₁ (<i>passeio</i>)	=	<i>dar</i>
Oper ₁ (<i>crime</i>)	=	<i>cometer</i>
Oper ₁ (<i>conselho</i>)	=	<i>dar</i>
Oper ₃ (<i>conselho</i>)	=	<i>receber</i>
Oper ₁ (<i>derrota</i>)	=	<i>infligir</i>
Oper ₃ (<i>derrota</i>)	=	<i>sofrer</i>
Degrad(<i>leite</i>)	=	<i>cortar-se</i>
Degrad(<i>vinho</i>)	=	<i>avinagrar-se</i>
Mult(<i>cão</i>)	=	<i>matilha</i>
Mult(<i>peixe</i>)	=	<i>cardume</i>

A FL **Magn** funciona como um intensificador, significa aproximadamente 'muito', 'intensamente'. A FL **Oper₁** teria aproximadamente o valor do verbo 'fazer'. Funciona como verbo-suporte ou verbo operativo (semanticamente vazio) do nome que funciona como palavra-chave (os índices numéricos fazem referência aos actantes

¹⁶⁴ Para uma aprofundada reflexão teórica sobre as funções lexicais do DEC *vd.* os capítulos 3º e 4º de Alonso (1993). *Veja-se* também Mel'chuk *et al.* (1995: 125-152).

¹⁶⁵ Alonso Ramos (1993) apresenta e analisa 66 funções lexicais, enquanto Mel'chuk *et al.* (1995) apresentam 56.

sintácticos da base da colocação: o “₁” faz referência a quem “faz” o passeio, o crime ou o conselho; o “₃”, a quem “recebe” o conselho ou a derrota).

Para além destas, o modelo lexicográfico do DEC recolhe o que os autores denominam “funções lexicais não *standard*” (Mel’chuk *et al*, 1995: 150), com ajuda das quais serão descritas muitas outras expressões linguísticas. As funções lexicais não *standard* descreve sentidos que só podem ser aplicados a um número muito restrito de palavras-chave ou têm um número reduzido de expressões linguísticas como possíveis valores. Exemplos de funções lexicais não *standard* são as solidariedades lexicais (Coseriu, 1977: 143-161), como ^P*nariz aquilino*, em que o sentido ‘curvo como bico de águia’ só é actualizado com o lexema *nariz*. Outro exemplo poderia ser ^E*abogado de oficio* em que se acrescenta ao significado do lexema ‘abogado’ a ideia de que ‘não recebe pelos seus serviços, etc., etc.’. Não existe outra possibilidade de exprimir lexicalmente este conjunto de *semas*¹⁶⁶. O falante não tem a possibilidade da livre escolha; deverá dizer “^E*de oficio*”. Outros exemplos de funções lexicais não *standard* são: ^E*café sólo*, ^E*batallón de castigo*, ^E*llave maestra*, ^E*prensa amarilla*, ^E*punte levadizo*, ^E*tinta china*, ^E*tinta simpática*, ^E*vendedor ambulante*, ou, para além dos exemplos portugueses já apresentados acima, ^P*sorriso amarelo*, ^P*imprensa amarela* (ou, no Brasil, ^P*imprensa marrom*), ^P*ponte levadiça*, ^P*ponte branca*, ^P*chave mestra*, ^P*parede mestra*, ^P*tinta da china*, ^P*vendedor ambulante*, ^P*café irlandês*, ^P*chá preto*, etc.

Este tipo de funções lexicais não *standard* são notadamente abundantes nas línguas especializadas:

«Les FL non standard sont surtout typiques pour des mots concrets, qui sont normalement très marqués culturellement ou techniquement: noms de nourriture (fromages, vins, ...), de vêtements, de transactions financières, de procédures médicales, d’activités culturelles, politiques ou religieuses, d’armes, de parties du corps, ... Ces fonctions son extrêmement nombreuses dans le secteur des langues spécialisées (technologie, enseignement, droit, ...). Leur recensement et leur description lexicographique représentent une tâche fort ardue.» (Mel’chuk *et al*,

¹⁶⁶ Usamos o termo *sema* com o sentido que lhe dá a semântica estruturalista de traços distintivos dos *sememas*, ou conteúdo sémico de um lexema.

4. O tratamento lexicográfico da co-ocorrência lexical

1995: 151).

Dado o seu carácter específico e não sistemático, a única maneira de registar as funções lexicais não *standard* é simplesmente inventariá-las nas entradas lexicográficas, registando-as por meio da língua natural (Alonso Ramos, 1993: 197; Mel'chuk *et al.*, 1995: 150).

Contudo, não existe uma fronteira claramente delimitada entre funções lexicais *standard* e funções lexicais não *standard*. A única maneira de identificar estas últimas é que se aplicam a um número extremamente reduzido de palavras-chave e produzem também um número reduzido de expressões (Mel'chuk *et al.*, 1995: 150):

«Por poner un número aproximativo, podríamos decir que una FL es estándar si se puede aplicar al menos a algunas centenas de palabras llave (condición 3)¹⁶⁷ y si produce, al menos, algunas docenas de valores (condición 4).» (Alonso Ramos, 1993: 197).

Em § 4.5.1, apresentaremos uma lista com exemplos em português e em espanhol da maior parte das funções lexicais *standard* de tipo sintagmático (uma vez que são estes os limites do nosso trabalho) utilizadas neste momento no DEC.

4.4.3. Quase-frasemas

Os quase-frasemas são frasemas em que, para além de se conservarem os sentidos dos lexemas que os constituem, acrescenta-se um novo sentido que não é dedutível da simples soma dos sentidos dos lexemas constituintes:

¹⁶⁷ Estas condições 3ª e 4ª que se apresentam como sendo violadas nas funções lexicais não *standard* fazem parte da definição de função lexical *standard*:

«Nous appelons **fonction lexicale standard** [=FL] une fonction **f** qui associe à une lexie L un ensemble de lexies **f(L)** tel que les quatre conditions suivantes soient satisfaites:

1. Pour toute paire de lexies L_1 et L_2 , les lexies $f(L_1)$ et $f(L_2)$ montrent des relations sémantico-syntaxiques (presque) identiques à ces lexies:

$$\frac{f(L_1)}{L_1} \approx \frac{f(L_2)}{L_2}$$

2. En règle générale, $f(L_1)$ et $f(L_2)$ sont différents: $f(L_1) \neq f(L_2)$.
3. La fonction **f** a un nombre élevé d'arguments (=de mots-clés). [En d'autres mots, le sens '**f**' est très abstrait et très général et s'applique à beaucoup d'autres sens.]
4. La fonction **f** a un nombre élevé d'éléments dans sa valeur (= d'expressions).»

«Nous appelons *quasi-phrasème* un phrasème **AB** au signifié ‘ABC’ qui inclut les signifiés des deux constituants et un surplus imprévisible ‘C’.

Exemple: le signifié de CENTRE COMMERCIAL ‘centre commercial formé de nombreux magasins et de lieux de services, ayant un parc de stationnement...’ inclut les sens de CENTRE (lieu où diverses activités sont groupées) et celui de COMMERCIAL ‘relatif au commerce’ plus le composante ‘formé de nombreux magasins et de lieux de services...’; c’est un quasi-phrasème.» (Mel’chuk *et al*, 1995: 46, nota 7).

São exemplos de quase-frasemas, ^P*tecto falso*: ^E*falso techo*, onde, para além dos sentidos ‘tecto’ e ‘falso’ temos também o sentido ‘para isolar acústica e termicamente’ ou ^P*cinturão negro*, onde encontramos o sentido de ‘cinto’ e de ‘negro’ mais um sentido aproximado de ‘grau de conhecimento ou habilidade em artes marciais’. O mesmo acontece com expressões como ^P*centro comercial* (‘lugar onde são agrupadas determinadas actividades’ + ‘relativo ao comercio’ + ‘com muitas lojas, serviços, parques, etc.’) ou ^P*dar o peito* (‘dar’ + ‘peito’+ ‘alimentar’) (Mel’chuk *et al*, 1995: 46; Alonso Ramos, 1993: 187).

Como no caso das expressões idiomáticas, e ao contrário das colocações ou semi-frasemas, a não produtividade dos quase-frasemas leva-nos a considerá-los como unidades lexicais e não como combinação de várias unidades. As palavras que constituem os quase-frasemas formam um bloco lexicalizado, independentemente de que formalmente possam coincidir com combinações lexicais livres (^P*frase feita* - ^P*uma frase bem feita*) (vd. Lyons (1995: 51-52) e supra § 3.3):

^P*centro comercial*: *O centro moderno comercial (cf. um centro comercial moderno ou um moderno centro comercial)

^P*cinturão negro*: *Um cinturão recém conquistado negro (cf. um cinturão negro recém conquistado ou um recém conquistado cinturão negro).

Outros exemplos de quase-frasemas podem ser: ^P*alavanca das velocidades*, ^P*ângulo de tiro*, ^P*caixa de música*, ^P*câmara de gás*, ^P*centro de cálculo*, ^P*centro de comunicações*, ^P*condições de pagamento*, ^P*condições de vida*, ^P*arquitectura civil*, ^P*construção civil*, ^P*débito conjugal*, ^P*direitos humanos*, ^P*estação orbital*, ^P*frase feita*, ^P*instituto de beleza*, ^P*peso atómico*. Perante os exemplos expostos, pensamos que podemos considerar os quase-frasemas como combinações lexicais provenientes de

4. O tratamento lexicográfico da co-ocorrência lexical

determinadas línguas de especialidade dentro da mesma língua.

Retomaremos a questão em § 5.2, ao falarmos do léxico terminológico.

4.5. O tratamento da co-ocorrência lexical não livre nos dicionários codificadores

Como vimos no capítulo 3, não é fácil definir e delimitar as unidades lexicais que devem fazer parte do inventário de um dicionário. Mas, uma vez estabelecido o que deverão ser tais unidades lexicográficas, também não é fácil a sistematização teórica de como deverão ser inventariadas do ponto de vista da macroestrutura, nomeadamente no que respeita às unidades lexicográficas pluriverbais.

Em § 3.3, vimos que em expressões do tipo ^P*esticar a canela* ou ^P*esticar o pernil*, não são os lexemas ^P*esticar* e ^P*canela* (ou ^P*pernil*) que se combinam para produzir um determinado sentido (como acontece em ^P*comprar um livro*). Ambas as palavras formam um bloco, uma estrutura *gestáltica* (vd. *supra* nota 92) cujo significado ('morrer') não é composto pela soma dos significados das palavras que o conformam. Nestes casos de frasemas completos, em rigor, não podemos falar em co-ocorrência lexical uma vez que estamos perante uma única unidade lexical.

Contudo, isto não significa que, na prática lexicográfica, os frasemas completos devam ter uma entrada independente: o facto de um frasema ser um lexema ou unidade lexical não quer dizer que deva ser também um lema. Nisto afastamo-nos, como já advertimos, da prática do DEC, onde um frasema dispõe de uma entrada lexical como qualquer outro lexema (cf. Alonso Ramos, 1993: 182-189; Mel'chuk *et al.*, 1995: 153). Um argumento suficiente para contestar esta prática lexicográfica será a impossibilidade real de estabelecer uma fronteira clara entre os diferentes tipos de combinações lexicais restritas e até entre estas e os sintagmas puramente composicionais ou combinações lexicais livres.

Com efeito, o DEC, no que se refere à zona de inclusão das unidades pluriverbais, distingue uma zona fraseológica para as colocações e uma zona fraseológica para os frasemas completos e os quase-frasemas. Os semi-frasemas ou colocações são descritos pelas funções lexicais e consignadas no artigo do dicionário correspondente à base da colocação (palavra-chave ou argumento da função). Quanto aos frasemas completos e quase-frasemas, estes são descritos no DEC num artigo do dicionário autónomo:

«Les autres phrasèmes — les phrasèmes completes (= locutions idiomatiques de toute sorte), où L ne préserve pas son identité, et les quasi-phrasèmes, où l'on trouve un ajout sémantique imprevisible,— sont décrits chacun par un article de dictionnaire autonome» (Mel'chuk *et al*, 1995: 153).

Contudo, e para facilitar a consulta, inclui-se, na chamada zona fraseológica do artigo, uma lista de frasemas completos e quase-frasemas em cuja formação participa o lexema de entrada, enviando directamente para os artigos autónomos correspondentes. Esta zona fraseológica é delimitada por um losango branco (), quando se trata de frasemas com uma certa proximidade semântica com o lexema de entrada, ou por um losango preto (◆) quando se trata de frasemas em que não há nenhuma proximidade semântica com o lexema de entrada:

«Ainsi, dans l'article de dictionnaire BIBLIOTHÈQUE, le phrasème ⁺RAT DE BIBLIOTHÈQUE⁺ sera listé dans la zone phraséologique sous un losange blanc ; ⁺RAT D'HÔTEL⁺ sera traité de la même façon sous HÔTEL. Par contre, le renvoi au phrasème ⁺RAT DE CAVE⁺ dans la zone phraséologique de RAT sera précédé d'un losange noir ◆. ⁺STEAK TARTARE⁺ sera répertorié sous un losange blanc dans l'article STEAK, mais sous un losange noir dans l'article TARTARE.» (*ib.*)

O importante neste caso, tanto na solução do DEC como na aqui proposta, é que fica ultrapassada a prática lexicográfica tradicional¹⁶⁸ de recolher este tipo de formas sintagmáticas exclusivamente sob a entrada de uma das palavras que as conformam, utilizando para a sua ordenação ou classificação um critério puramente

¹⁶⁸ Prática ultrapassada, todavia, como nos informa Tristán Pérez (1998: 178), na antiga União Soviética, onde se produz um «ordenamiento de los fraseologismos por todas las palabras autosemánticas que lo integran, tendencia que se ha seguido bastante en los últimos diccionarios fraseológicos editados en la antigua Unión Soviética».

4. O tratamento lexicográfico da co-ocorrência lexical

formal e, em maior ou menor medida, arbitrário, tradicionalmente dando preferência primeiro ao substantivo, a seguir ao verbo, adjetivo, pronome e, por último, ao adverbio, utilizando, por sua vez, reenvios (na entrada **nuclear**, *vd.* **reactor nuclear**) e entradas inversas (**nuclear**, **reactor** ou **nuclear (reactor)**).

Quanto às colocações, ou semi-frasemas, temos de ter em conta duas características muito importantes para a sua inventariação lexicográfica: uma, o facto de se tratar de combinações parcialmente composicionais, a meio caminho entre as combinações livres, completamente composicionais, e os frasemas, que são combinações não composicionais; outra, a sua direccionalidade, o facto de serem relações orientadas em sentido único (Coseriu, 1977: 149), isto é, de a implicação não ser recíproca:

« Las colocaciones se caracterizan por tener una una direccionalidad: uno de los lexemas selecciona otro. En estos ejemplos, es el nombre el que selecciona un determinado adjetivo. Tenemos el lexema *conducta* y queremos expresar que es 'buena y no puede ser criticada'. La selección del lexema *intachable* viene dada por el lexema *conducta* ya que si se parte de otro lexema como *honor*, el mismo sentido sería expresado por *inmaculado*». (Alonso Ramos, 1993: 151).

Isto é extremamente importante na hora de decidir onde incorporar as colocações no dicionário. Para esta autora (1993, 152): «Cuando se trata de una colocación, el seleccionador es siempre el nombre, tanto en las construcciones nombre-adjetivo como en verbo-nombre». Se um usuário quer dizer em português que “sente um ódio muito intenso ou grande” não terá outro lugar onde procurar esta informação senão sob a entrada da palavra ^P*ódio* —isto é, a base da colocação, ou, em termos coserianos (1977: 151-152), “lexema determinante”— dado que desconhece que podem ser ^P*mortal* ou ^P*figadal* as palavras que em português exprimem este sentido — isto é, o colocativo, ou, para Coseriu, “lexema determinado”.

Note-se que, contrariamente a isto, nos dicionários que conhecemos não é sob a entrada do nome (^P*ódio*) onde encontraremos referência às colocações ^P*ódio mortal* ou ^P*ódio figadal*. Quando for o caso, encontraremos uma referência ao sentido ‘muito intenso’, ou ‘grande’ só nas entradas ^P*mortal* ou ^P*figadal* (no *Porto Editora*, sob a entrada ^P*figadal* como sentido figurado (*vd. supra* § 4.1):

ódio *s. m.* rancor profundo e reservado que se sente por outrem; execração; inimizade; aversão; antipatia; horror. (*Porto Editora*).

ódio *S. m.* **1.** Paixão que impele a causar ou desejar mal a alguém; execração, rancor, raiva, ira: [...] **2.** Aversão a pessoa, atitude, coisa, etc.; repugnância, antipatia, desprezo, repulsão: ódio aos desonestos; ódio à violência. (*Aurélio*).

mortal *adj.* *2 gén.* sujeito à morte; que produz a morte; mortíço; fatal; perigoso; figadal; transitório; profundo; enfadonho. ... (*Porto Editora*).

figadal *adj.* *2 gén.* referente ao fígado; (*fig.*) profundo; íntimo; intenso. ... (*Porto Editora*).

mortal *Adj.* *2 g.* **1.** Sujeito à morte. **2.** Que produz a morte. *V.* letal (1). **3.** *V.* morredijo. **4.** Molesto ao extremo; insuportável. **5.** Passageiro, transitório, efêmero. **6.** Figadal, encarniçado: ódio mortal; inimigo mortal. ... (*Aurélio*).

figadal *Adj.* *2 g.* **1.** *V.* hepático (1). **2.** *Fig.* Íntimo, profundo, intenso. **3.** Diz-se de sentimento hostil muito entranhado, profundo, ou do objeto deste sentimento: ódio figadal; inimigos figadais. (*Aurélio*).

Como avançávamos em § 2.1.2, o dicionário bilingue de espanhol/português não pode limitar-se a fornecer apenas uma simples listagem das palavras existentes numa língua e o seu equivalente na outra (pois alguém que não conhecesse suficientemente bem as duas línguas poderia concluir que as diferenças entre uma e outra seriam apenas de tipo gráfico ou pouco mais):

(a) ^E Leche	^P Leite	^E Cuestión	^P Questão
^E Entero	^P Inteiro	^E Dar	^P Dar
^E Bombilla	^P Lâmpada	^E Sugerencia	^P Sugestão
^E Mate	^P Mate	^E Echar	^P Deitar
^E Conclusión	^P Conclusão	^E Llorar	^P Chorar
^E Hacer	^P Fazer	^E Herido	^P Ferido
^E Tirar	^P Tirar	^E Leve	^P Leve
^E Fotocopia	^P Fotocópia	^E Ligero	^P Ligeiro
^E Estar	^P Estar	^E Provecho	^P Proveito
^E Prohibido	^P Proibido	^E Apetito	^P Apetite
^E Calor	^P Calor	^E Trago	^P Gole

Quando nos colocamos na direcção de análise ou descodificação, as combinações realizadas com as palavras da lista não levantará demasiados problemas:

(b) ^E Leche entera;	^E Estar prohibido;
^E Leche desnatada;	^E Hoy hace frío;
^E Sacar una conclusión;	^E Plantear una cuestión;
^E Hacer una fotocopia;	^E Hacer una sugerencia;

4. O tratamento lexicográfico da co-ocorrência lexical

^E*Echar a llorar;*

^E*Buen provecho.*

^E*Heridos leves;*

^E*Echar un trago.*

Trata-se de estruturas composicionais¹⁶⁹ — substantivo + adjectivo, verbo + substantivo (CD), etc.—, construídas segundo as regras da gramática e de significado facilmente dedutível na maior parte dos casos, não tanto pelo tipo de informação que comumente encontramos nos dicionários, mas porque são linguisticamente transparentes (Vilela, 1994b: 160) ou porque aplicamos estratégias de tipo textual ou pragmático¹⁷⁰ que nos permitem inferir o significado da combinação lexical (Tomaszczyk, 1983: 42).

Quando não for assim, uma consulta no mesmo dicionário bilingue ou num dicionário monolingue da língua de chegada, das diferentes aceções das palavras que conformam a colocação, por exemplo, deverá resolver os problemas de tipo semântico lexical e/ou sintáctico lexical que nos possa colocar qualquer estrutura colocacional:

«Where the need for new developments is most pressing, though, is in L1 / L2 dictionaries. If an L2 / L1 dictionary is found to be inadequate in some respect, one can always turn for help to an L1 or, better still, to an L2 dictionary if available. Besides, in listening and reading comprehension there are the ever-present pragmatic and linguistic clues.» (Tomaszczyk, 1983: 47).

O problema coloca-se quando nos situamos na direcção de síntese, codificação ou produção textual devido a que as possibilidades colocacionais (e, em geral, os usos léxico-sintáctico-semânticos) e os usos pragmáticos variam de uma língua para a outra. Embora se possa deduzir facilmente que o sintagma português ^P*tirar uma conclusão* quer dizer em espanhol, evidentemente, ^E*sacar una conclusión* ou procurar o significado da palavra magro na colocação ^P*leite magro* para descobrir que se trata do equivalente da colocação ^E*leche desnatada*, o que é que acontece quando um utilizador do dicionário espanhol/português quer produzir um texto em

¹⁶⁹ Pois, como vimos, só ao colocarmo-nos na direcção de síntese ou produção é que depararemos com que a composicionalidade destas construções é só parcial.

¹⁷⁰ Assim o exprime Dennis Fry (1978: 97): «Uma conversação é na realidade, e em grande parte, um jogo de adivinhação no qual felizmente conhecemos a maioria das respostas».

português e desconhece estas construções? Evidentemente, deveria consultar a entrada ^P**conclusão** para saber qual é o verbo que se combina com este substantivo mas, tal como estão elaborados os dicionários actuais, só poderá consultar a entrada ^P**tirar** para saber se ^P*conclusão* é um dos possíveis resultados alcançados, inferidos, obtidos, deduzidos, derivados, etc. de ^P*tirar* ou se ^P*fotografia* é um das possíveis acções obtidas ou realizadas por ^P*tirar*.

Com efeito, nos dicionários portugueses consultados, não encontramos nenhuma destas informações nas entradas ^P**conclusão**, ^P**fotografia** ou ^P**passo** enquanto, ao procurarmos em ^P**tirar** e ^P**dar**, sim:

tirar. V. t. d. [...] **15.** Fazer (uma fotografia [2]); bater: Fique aí quieto, vou tirar a fotografia. **16.** Fazer tirar, parar para tirar (uma fotografia [2]): Aprontou-se toda para tirar o retrato. [...] (*Aurélio*).

TIRAR. v. tr. [...] *Tirar* (alguém) o retrato, fazer-se retratar: Fui *tirar o retrato* para a carteira de identidade. || *Tirar o retrato* a alguém, fazer-lhe o retrato: [...] (*Caldas Aulete*).

Tirar, V. t. [...] Derivar: *tirar conclusões*. [...] (*Cândido*)¹⁷¹.

Dar, V. t. [...] Realizar: *dar passos*. [...] (*Cândido*).

De registar, sob as entradas ^P**dar** e ^P**tirar**, colocações como ^P*dar passos*, ^P*tirar uma fotografia* ou ^P*tirar uma conclusão* também deveriam registar-se outras muitas possibilidades colocacionais destes verbos¹⁷².

¹⁷¹ FIGUEIREDO, C. de (1982): *Dicionário da Língua Portuguesa*. 16^a Edição. Lisboa: Livraria Bertrand. [daqui para a frente: *Cândido*].

¹⁷² Como por exemplo, sob a entrada ^P**dar**:

^P*dar a benção*, ^P*dar a opinião*, ^P*dar a palavra*, ^P*dar a volta*, ^P*dar acordo de si*, ^P*dar alma a*, ^P*dar ares de*, ^P*dar asco*, ^P*dar autorização*, ^P*dar boleia*, ^P*dar cabo de*, ^P*dar carta branca*, ^P*dar certo*, ^P*dar como aberta a (conferência)*, ^P*dar conhecimento a*, ^P*dar conta de*, ^P*dar contas de*, ^P*dar corda*, ^P*dar entrada*, ^P*dar entrada em*, ^P*dar erros*, ^P*dar faísca*, ^P*dar faltas*, ^P*dar fé de*, ^P*dar feriado*, ^P*dar forças*, ^P*dar ganas*, ^P*dar instruções*, ^P*dar jeito*, ^P*dar largas a*, ^P*dar licença*, ^P*dar medo*, ^P*dar nas vistas*, ^P*dar o nó*, ^P*dar o sol*, ^P*dar ordem para*, ^P*dar os parabéns*, ^P*dar ouvidos*, ^P*dar patadas*, ^P*dar pena*, ^P*dar permissão*, ^P*dar pontapés*, ^P*dar preguiça*, ^P*dar razão*, ^P*dar saudades*, ^P*dar um abraço*, ^P*dar um beijo*, ^P*dar um conselho*, ^P*dar um golpe de coragem*, ^P*dar um grito*, ^P*dar um nó*, ^P*dar um passeio*, ^P*dar um passo*, ^P*dar um salto*, ^P*dar um salto lá*, ^P*dar um som*, ^P*dar um suspiro*, ^P*dar uma ajuda*, ^P*dar uma bofetada*, ^P*dar uma conferência*, ^P*dar uma corrida*, ^P*dar uma injeção*, ^P*dar uma mão*, ^P*dar uma negativa*, ^P*dar uma ordem*, ^P*dar uma palavrinha*, ^P*dar uma queda*, ^P*dar uma sugestão*, ^P*dar uma vacina*, ^P*dar vontade*, ^P*dar (dois dedos de) conversa*, ^P*dar um filme*, ^P*não dar uma para a caixa*, etc.

Às quais podemos ainda juntar uma parte significativa das perto de 570 expressões iniciadas com a palavra *dar* (mais 46 iniciadas com *não dar*) registadas por Simões (1994) no seu *Dicionário de Expressões Populares Portuguesas* ou uma parte ainda muito mais significativa das 480 estruturas

4. O tratamento lexicográfico da co-ocorrência lexical

Uma exceção é o *Vilela*, para o caso de ^P*tirar uma conclusão*, onde se regista ^P*tirar* como verbo operativo na entrada correspondente e, sob a entrada de **conclusão**, é registada a colocação ^P*tirar conclusões*:

tirar [tirár] v. tr., v. tr. e prep.

I. [...]

VIII [v. tr.] (pessoa) **tirar** + nome: (1) *Podemos tirar várias conclusões do que acabou de dizer.* [...]

S. 8. *Tirar* + nome, sentido VIII, equivale a um verbo simples: CONCLUIR (FRASE 1), [...] (*Vilela*).

conclusão [kõkluzãw] n. f.

[...] // (pessoa) **tirar conclusões**: (5) —*Que conclusões podemos tirar da sua atitude?* • (6) —*Não quero tirar conclusões erradas do caso.* [...]

S. • *Tirar conclusões* (frases 5, 6) tem como sins.: CONCLUIR, TIRAR ILAÇÕES OU DEDUÇÕES ... (*Vilela*).

Também o *Caldas Aulete* regista, sob a entrada ^P**dar**, uma observação sobre a sua função como verbo operativo:

DAR. v. tr. [...] // (Obs.) O verbo *dar* junto com alguns nomes tem um emprego muito geral em substituição dos verbos derivados desses nomes ou de que esses nomes derivam; assim: *Dar a benção*: abençoar; *dar um passeio*, passear; *dar entrega*, entregar; *dar fundo*, fundear; *dar motivo*, motivar; *dar cumprimento*, cumprir; *dar combate*, combater; *dar testemunho*, testemunhar; *dar escândalo*, escandalizar; *dar crédito*, acreditar, *dar saltos*, saltar; *dar encanto*, encantar; *dar feitiço*, enfeitiçar; *dar batalha*, batalhar; etc.; e, por analogia, com outros nomes que não têm verbo cognato, como: *dar un nó*, atar, *dar passos*, andar, etc. // [...] (*Caldas Aulete*).

Assim, se queremos traduzir para o português sintagmas conformados com palavras da lista (a) acima apresentada, como ^E*leche desnatada*, ^E*leche entera*, ^E*bombilla mate*, ^E*echar a llorar* ou ^E*heridos leves*, e desconhecemos os equivalentes correspondentes, os actuais dicionários (bilingues ou unilingues) pouco ou nada ajudarão. Os dicionários bilingues fornecer-nos-ão apenas as palavras equivalentes

apresentadas por Ramalho (1985) no seu *Dicionário Estrutural, Estilístico e Sintáctico da Língua Portuguesa*.

E sobre a entrada ^P**tirar**:

^P*tirar a carta de condução*, ^P*tirar a limpo*, ^P*tirar a mania*, ^P*tirar a prova real*, ^P*tirar a vez*, ^P*tirar apontamentos*, ^P*tirar as medidas*, ^P*tirar boas (más) notas*, ^P*tirar deduções*, ^P*tirar frutos de*, ^P*tirar lucros*, ^P*tirar negativas*, ^P*tirar notas*, ^P*tirar partido*, ^P*tirar positiva*, ^P*tirar proveito*, ^P*tirar um curso*, ^P*tirar uma amostra*, ^P*tirar uma especialidade*, etc.

correspondentes: ^Pleite, ^Pdesnatado, ^Pinteiro, ^Plâmpada, ^Pmate, ^Pdeitar, ^Pa, ^Pchorar, ^Pferidos e ^Pleves o que nos levará a produzir em português os sintagmas ^{P#}leite desnatado, ^{P#}leite inteiro, ^{P#}lâmpada mate, ^{P*}deitar a chorar e ^{P#}/*feridos leves.

E o que é mais grave ainda, em termos de codificação textual, se o tradutor consultar um dicionário monolíngue português, na maior parte dos casos parece haver uma confirmação do significado da palavra nestas combinações mal traduzidas. Vejamos algumas, por exemplo, no *Porto Editora*:

inteiro *adj.* que possui todas as suas partes; completo; inteiro; intacto;

desnatar *v. tr.* tirar a nata (ao leite);

mate ... 3. *adj.* fosco; embaciado; sem brilho; pálido.

deitar *v. tr.* estender horizontalmente; meter na cama; fazer cair; atirar; exalar; vomitar; verter; começar a usar; atribuir; colocar; dar; lançar; arremessar; expelir; cobrir; misturar; adicionar; aplicar; largar; *v. intr.* ter comunicação; pôr-se; começar; importar; não continuar; expelir pus; supurar; ...

leve *adj.* 2 *gén.* que tem pouco peso; ligeiro; brando; simples; aliviado; ténue; que não é grave; insignificante; ágil; de fácil digestão; leviano; ...

Logicamente, o utilizador não poderá procurar nas entradas ^Pgordo, ^Pmagro, ^Pfosco, ^Pdesatar ou ^Pligeiros porque desconhece que são estes os lexemas que em português se combinam com ^Pleite, ^Plâmpada, ^Pchorar e ^Pferido para exprimir os sentidos desejados¹⁷³:

¹⁷³ O mesmo acontecerá para os casos de regime preposicional. Terá pouca utilidade informar o utilizador de um dicionário codificador sobre o uso de determinadas preposições na entrada correspondente a estas mesmas preposições:

a: ^Pà tarde : ^Epor la tarde;
a: ^Pir às compras : ^Eir de compras;
por: ^Pespera por mim : ^Eespérame;
para: ^Pdar ordem para : ^Edar orden de;
com: ^Pé parecido com : ^Ese parece a;
em: ^Pna realidade: ^Eem realidad.

Assim, esta informação será muito mais útil para o utilizador se for registada na entrada do elemento que rege tal preposição:

tarde: ^Pà tarde : ^Epor la tarde;
compra: ^Pir às compras : ^Eir de compras;
esperar: ^Pespera por mim : ^Eespérame;
ordem: ^Pdar ordem para : ^Edar orden de;
parecido: ^Pé parecido com : ^Ese parece a;
realidade: ^Pna realidade: ^Eem realidad.

4. O tratamento lexicográfico da co-ocorrência lexical

«In active language use, however, above all in writing and in translating into the foreign language, an L1 / L2 dictionary may be the only reference book available, and it is the only reference aid when culture-bound vocabulary specific to the source language is involved.» (Tomaszczyk, 1983: 47).

Desta maneira, as combinações resultantes para a lista (a) são as seguintes, onde encontramos equivalentes sintáctica, semântica e/ou pragmaticamente inadequados:

(c) ^E <i>Leche entera</i>	^{P*} <i>Leite inteiro</i>
^E <i>Leche desnatada</i>	^{P*} <i>Leite desnatado</i>
^E <i>Bombilla mate</i>	^{P#} <i>Lâmpada mate</i> ¹⁷⁴
^E <i>Sacar una conclusión</i>	^{P*} <i>Sacar uma conclusão</i>
^E <i>Hacer una fotocopia</i>	^{P#?} <i>Fazer uma fotocópia</i>
^E <i>Estar prohibido</i>	^{P#?} <i>Estar proibido</i>
^E <i>Plantear una cuestión</i>	^{P*} <i>Delinear/traçar uma questão</i>
^E <i>Hacer una sugerencia</i>	^{P*} <i>Fazer uma sugestão</i>
^E <i>Echar a llorar</i>	^{P*} <i>Deitar a chorar</i>
^E <i>Echar un trago</i>	^{P*} <i>Deitar um gole</i>
^E <i>Heridos leves</i>	^{P*} <i>Feridos leves</i>
^E <i>Buen provecho</i>	^{P#} <i>Bom proveito.</i>

Quanto aos equivalentes portugueses apresentados, não há regras na gramática do português que impeçam a construção destes sintagmas. De facto, será difícil estabelecer regras gerais de comportamento sintáctico para todos os frasemas ou para todas as colocações justamente porque estamos perante fenómenos que não são regulares. Para produzir os sintagmas portugueses correctos, o falante deverá dominar, para além das regras gramaticais desta língua, outros conhecimentos lexicais específicos, como, por exemplo, que um substantivo como ^P*questão* selecciona ^P*colocar* como verbo operativo (para exprimir a ideia que podemos parafrasear por ‘realizar uma questão’), enquanto o substantivo ^P*sugestão*, selecciona, para exprimir a ideia de ‘realizar uma sugestão’, o verbo ^P*dar*. Do ponto de vista semântico, nada impediria construir um sintagma como ^P*leite inteiro* ou ^P*lâmpada mate*, mas o uso consagrou de maneira exclusiva as combinações idiossincráticas ^P*leite gordo* e ^P*lâmpada fosca*, em que os lexemas ^P*leite* e ^P*lâmpada*

¹⁷⁴ Como indicámos na introdução, o signo # indicará impropriedade pragmática.

seleccionam sempre os colocativos ^P*gordo* e ^P*fosco*, e não ^P*inteiro* e ^P*mate*.¹⁷⁵

O dicionário deverá fornecer, pois, não só os diferentes equivalentes das unidades lexicais da língua de partida (palavras ou frases), mas também informar sobre os colocadores típicos das palavras e os contextos de uso das mesmas:

«But most importantly, there would have to be exhaustive information about the syntactic properties of the equivalents offered so that the student knew what to do with the words once they had been made available to him.» (Tomaszczyk, 1983: 47).

Com a inclusão no dicionário codificador de unidades lexicográficas em forma de lexemas como ^E*leche*, mas também de colocações como ^E*leche entera* (^P*leite gordo*), ^E*leche cortada* (^P*leite estragado*) ou de frases como ^E*con mala leche* (^P*com má intenção*) poderia evitar-se a profusão de excessivas regras que proibissem construções como ^P**leite inteiro*, ^P**leite cortado*, ^P**com mau leite* ou como as recolhidas em (c).

Desta maneira, no caso da lista anterior, o dicionário bilingue de espanhol/português deverá recolher, para além dos lexemas de (a), entre outras, as seguintes colocações:

(d) ^E <i>Leche entera:</i>	^P <i>Leite gordo</i>
^E <i>Leche desnatada:</i>	^P <i>Leite magro</i>
^E <i>Sacar una conclusión:</i>	^P <i>Tirar uma conclusão</i>
^E <i>Hacer una fotocopia:</i>	^P <i>Tirar uma fotocópia</i>
^E <i>Estar prohibido:</i>	^P <i>Ser proibido</i>
^E <i>Hoy hace frío:</i>	^P <i>Hoje está frio</i>
^E <i>Plantear una cuestión:</i>	^P <i>Colocar (pôr) uma questão</i>
^E <i>Hacer una sugerencia:</i>	^P <i>Dar uma sugestão</i>
^E <i>Echar a llorar:</i>	^P <i>Desatar a chorar</i>
^E <i>Echar un trago:</i>	^P <i>Beber um gole</i>
^E <i>Heridos leves</i>	^P <i>Feridos ligeiros</i>
^E <i>Buen provecho:</i>	^P <i>Bom apetite</i> ¹⁷⁶ .

¹⁷⁵ Neste sentido, o DEC não só se limita a fornecer exemplos, como também exemplos de combinações não usuais ou não recomendadas, o que pode ser extremamente útil no caso dos dicionários codificadores bilingues (falsos amigos estruturais): «Muy pocos diccionarios aportan tantos ejemplos y, lo que es más importante, el DEC incluye ejemplos de combinaciones inadmisibles o no recomendadas» (Alonso Ramos, 1989: 435).

¹⁷⁶ Cf. ^P*bom proveito!*, ^P*que te faça bom proveito!* (em espanhol: *¡Que te aproveche!*), com conotações negativas ou maior subjectividade. Por outro lado, os equivalentes espanhóis ^E*buen*

Contudo, as colocações poderão ter um duplo registo¹⁷⁷ no dicionário. A totalidade da colocação (^P*leite gordo*, ^P*lâmpada fosca*) aparecerá como sub-entrada sob o lema correspondente à base da colocação (^P*leite*, ^P*lâmpada*). Teremos, no que se refere às colocações, nos dicionários unilingues, entradas como, por exemplo:

leite *s.m.* **1.** Leite líquido branco segregado pelas glândulas mamárias das fêmeas dos mamíferos; suco branco segregado por alguns vegetais; [...] • ... **L~ gordo:** (leite que conserva toda a gordura e as substâncias nutritivas): *Como está de dieta, não pode tomar leite gordo.* **L~ magro:** (leite ao qual se retirou a gordura): *O leite magro tem menos calorías que o leite gordo.* **L~ meio-gordo:** (leite ao qual se retirou parcialmente a gordura): ...

lâmpada *s.f.* **1.** Fonte de luz artificial produzida por combustão ou electricamente por incandescência de um filamento, por descarga num gás rarefeito ou por fluorescência: [...] **2.** ... • **L~ clara** (lâmpada transparente): [...] **L~ fosca** (lâmpada translúcida): *Neste candeeiro fica melhor uma lâmpada fosca do que uma clara.* ...

Na entrada correspondente ao colocativo (^P*gordo*, ^P*fosco*) deverá recolher-se a acepção correspondente ao sentido do lexema na colocação ('que conserva a gordura e as substâncias nutritivas', 'translúcido')¹⁷⁸. Eventualmente, a totalidade da colocação (^P*leite gordo*, ^E*lâmpada fosca*) poderá aparecer em forma de exemplo da referida acepção do colocativo (e, quando for o caso, acompanhada de um

provecho ou ^E*que aproveche* da fórmula ^P*bom appetite* só traduzem parcialmente a expressão portuguesa, uma vez que, para além do uso que as expressões espanholas têm, ^P*bom appetite* é utilizado também para, cortesmente, dar autorização às outras pessoas que comem à mesma mesa para começar a comer (*vd. infra* capítulo 7º e Corpas, 1995: 340).

¹⁷⁷ Como indica Blanco (1995: 184-185), ao referir-se aos exemplos, esta «peculiar entropia lexicográfica» não é muito aproveitada nos dicionários em suporte de papel uma vez que os sistemas de recuperação de informação são muito limitados: «ya que, de hecho, un ejemplo determinado puede resultar informativo no sólo en el artículo bajo el cual se encuentra, sino también bajo otros artículos cuyos lemas se hallen representados en la secuencia» (*idem*, 184).

¹⁷⁸ Quanto a esta adaptação conceptual ou "natureza camaleónica do adjectivo" (Aguilar-Amat (1993: 218), esta autora escreve, seguindo Allerton (1983): «...La producción de entradas se realiza en virtud de los nuevos significados que surgen debido a la modificación o adaptación que sufre una palabra por vecindad de otra, especificándose cuál es la palabra así influyente (información colocacional), de tal forma que vemos como semánticamente es el nombre que modifica al adjetivo, aunque gramaticalmente se exprese al revés» (Aguilar-Amat, 1993: 124).

hiperónimo da base da colocação):

gordo, da *adj. e s.m. I. adj. 1.* Que tem gordura; [...]. **3.** Que conserva toda a gordura e as substâncias nutritivas [lacticínios]: *As crianças devem tomar leite gordo. ...*

fosco *adj. 1.* Que não é polido [...] **5.** Translúcido, embaciado: *Uma lâmpada fosca. [...]*

Um tratamento semelhante terão as colocações nos dicionários bilingues. A totalidade da colocação (^E*leche entera*, ^E*bombilla mate*) será uma sub-entrada sob o lema correspondente à base da colocação (^E*leche*, ^E*bombilla*, ^E*nieve*):

leche *s.f. 1.* Leite (*s.m.*) ... • ... **L~ desnatada:** Leite magro (leite ao qual se retirou a gordura); *La leche desnatada tiene menos calorías que la leche entera:* O leite magro tem menos calorias que o leite gordo. **L~ entera:** Leite gordo (leite que conserva a gordura e as substâncias nutritivas); *Como está de dieta, no puede tomar leche entera:* Como está de dieta, não pode tomar leite gordo. **L~ semidesnatada:** Leite meio-gordo (leite ao qual se retirou parcialmente a gordura); ...

bombilla *s.f. 1.* Lâmpada (lâmpada incandescente); *Se ha fundido la bombilla:* A lâmpada fundiu-se. **2.** Bombilha (bomba pequena para extrair líquido). **3.** ... • **B~ clara:** Lâmpada clara. **B~ con bayoneta:** Lâmpada com baioneta. **B~ de flash:** Lâmpada de flash. **B~ mate:** Lâmpada fosca; *En esta lámpara queda mejor una bombilla mate que una clara:* Neste candeeiro fica melhor uma lâmpada fosca do que uma clara

Na entrada do colocativo (^E*entero*, ^E*mate*) deverá recolher-se a acepção correspondente ao sentido do lexema na colocação (‘que conserva a gordura e as substâncias nutritivas’, ‘translúcido’) e, eventualmente, a totalidade da colocação (^E*leche entera*, ^E*bombilla mate*) poderá aparecer em forma de exemplo da referida acepção:

entero, ra I. adj. 1. Inteiro (completo) [...] **3.** Gordo (que conserva a gordura e as substâncias nutritivas) [lacticínios]; *Los niños deben tomar leche entera:* As crianças devem tomar leite gordo. ...

mate *adj. e s.m. I. adj. 1.* Mate (sem brilho, embaciado); *No me gusta el cristal de estas copas, es demasiado mate:* Não gosto do cristal destes copos, é demasiado mate. **2.** Fosco (translúcido, embaciado); *Una bombilla mate: Uma lâmpada fosca.* **II. s.m. 1.** Mate (lance final) [no jogo do xadrez]; ...

Perante a impossibilidade de o utilizador “dominar todo un catálogo de colocaciones posibles en una lengua extranjera” (Irsula, 1992: 165), tanto o

4. O tratamento lexicográfico da co-ocorrência lexical

dicionário bilingue como o dicionário unilingue, quando orientados para a codificação textual, deverão incorporar todas as colocações possíveis sob a entrada da chamada “base da colocação”.

Poder-se-ia pensar na possibilidade de representar por meio dum hiperónimo, sob a entrada correspondente ao colocativo, as diferentes bases da colocação (palavra-chave) com as que se combina este colocativo, por exemplo, do tipo que a seguir apresentamos entre parênteses rectos:

caer *v.intr. e prnl. I. v.intr.* Cair ... • **Caer** [uma data, uma festa] **en (un) I-:** Calhar [uma data, uma festa] numa segunda; ...

invertir *v.tr.* **1.** Inverter (alterar) [a ordem, o sentido]; ... **2.** Investir (aplicar) [dinheiro]; ... **3.** Investir (ocupar em algo) [um período de tempo]; ...

irrespirable *adj.* ... **3.** FIG. Pesado, de cortar à faca (COLOQ.) (tenso) [um ambiente]; ...

hecho, cha *adj. e s. I. adj.* **1.** Feito (realizado); ... • **Bien h-:** **1.** Bem passado [um alimento cozinhado]; ... **Poco h-:** Pouco passado [um alimento cozinhado]; *Quiero el bistec poco hecho:* Quero o bife pouco passado. ...

afinar *v.tr. e prnl. I. v.tr.* **1.** Afinar (pôr no devido tom) [a voz ou um instrumento musical]; ... **3.** Afinar (pôr a funcionar bem) [um motor ou um mecanismo]; ... **4.** Afinar (purificar) [os metais]; ...

cometer *v.tr.* Cometer (realizar, fazer) [delitos, faltas, erros]; *Cometer un crimen:* Cometer um crime. ...

A seguir à definição de ^E**cometer** encontraríamos, portanto, um ou alguns hiperónimos do tipo “delitos, faltas, erros” e não uma lista das possíveis palavras com que ^E*cometer* pode combinar-se para formar colocações [^E*crimen*, ^E*homicidio*, ^E*estupro*, ^E*abuso*, ^E*adulterio*, ^E*falta*, ^E*irregularidad*, ^E*imprudencia*, ^E*error*, ^E*disparate*, etc.]. Esta maneira de apresentar as colocações, uma prática já habitual nos modernos dicionários bilingues, tem a vantagem de se poderem reagrupar várias colocações, aproveitando espaço e fornecendo informações com suposto valor universal para todos os hipónimos.

Contudo, e como Roberts (1996: 191) afirma, o maior inconveniente desta solução é que só se recolhe na íntegra as colocações da língua de partida, o que para um uso codificador do dicionário bilingue seria inadequado. Assim, o utilizador não poderá saber se todos os equivalentes correspondentes a cada colocação na língua-alvo utilizarão o mesmo colocativo. Como é que pode ter a certeza um utilizador

espanhol do dicionário de espanhol/português, por exemplo, que alguns dos equivalentes na língua-alvo das palavras abrangidas pelos hiperónimos “delitos, faltas, erros” (^E*crimen*, ^E*abuso*, ^E*falta*, ^E*error*, etc.) seleccionam como colocativo o mesmo verbo operativo ^P*cometer* e não outro? Este é justamente o caso do exemplo seguinte:

^E*En el dictado has cometido cinco faltas de ortografía:*

^P*No ditado deste cinco erros de ortografia.*

A consulta da entrada ^E**cometer** acima registada induzirá o utilizador espanhol a traduzir a frase espanhola como segue:

^P **No ditado cometeste cinco erros de ortografia.*

Não podemos esquecer que é justamente neste uso codificador que a informação sobre as colocações se torna mais importante já que a maior parte delas são transparentes para a descodificação.

Roberts (*idem*, 192) afirma que este método pode resultar eficaz quando estamos perante uma palavra que entra em combinação com grande número de palavras formando colocações. Pensemos, todavia, nos casos de verbos operativos como os acima apresentados ^P*dar*, ^P*tirar*, ^P*fazer*, ^P*tomar*, ^P*pôr*, ^P*praticar*. Não seria possível encontrar qualquer hiperónimo que abrangesse todas as palavras passíveis de se combinar com ^P*dar* ou ^P*tirar*, por exemplo (*vd. supra* nota 172).

Para além disso, poder-se-ia argumentar que, como acabamos de dizer para o caso dos verbos operadores, nem sempre é possível encontrar um hiperónimo para todas as palavras que se podem combinar com determinado colocativo. Assim, palavras como ^P*preço*, ^P*qualidade*, ^P*conceito*, ^P*voz*, ^P*traição*, ^P*inteligência*, ^P*estilo*, ^P*façanhas*, são combinadas com o adjectivo ^P*alto* para exprimir a ideia de ‘mais, intensidade’ e não podem ser abrangidas por um único hiperónimo:

^P*alto preço*, ^P*alta qualidade*, ^P*alto conceito*, ^P*voz alta*, ^P*alto imperador*, ^P*alta traição*,
^P*alta matemática*, ^P*alta inteligência*, ^P*alto estilo*, ^P*altas façanhas*;

ou o caso de ^P*forte*, acima apresentado, que, para exprimir a mesma ideia de ‘muito, intensidade’, se combina com diferentes substantivos não passíveis de reunir sob o

4. O tratamento lexicográfico da co-ocorrência lexical

mesmo hiperónimo:

^P*forte dor*, ^P*forte componente*, ^P*descida forte*, ^P*cores fortes*, ^P*café forte*, ^P*cozido forte*,
^P*cheiro forte*, ^P*vento forte*, ^P*nevada forte*, ^P*comprimidos fortes*, ^P*luz forte*, ^P*fortes*
críticas, ^P*personalidade forte*, ^P*fortes razões*, ^P*forte impressão*, ^P*palavrão forte*,
^P*prato forte*.

Mais importante ainda é o facto de que o mesmo hiperónimo poderia ser aplicado a diferentes colocativos pelo que, ao não fazer uma recolha sistemática de todas as colocações, a informação fornecida a um utilizador do dicionário com intenções codificadoras seria muito pouca, como por exemplo:

^P*louco* = ‘intenso’ [aplicado a sentimentos] => ^P*vontade louca*, ^P*amor louco*,
^P*aspirações loucas*, etc.(?)

^P*perpetrar* = ‘realizar’ [um acto condenável] => ^P*perpetrar um atentado*,
^P*perpetrar um crime*, ^P*perpetrar uma barbaridade*, etc.(?)

Não poderíamos encerrar ambas listagens com um *etc.*, já que o colocativo não serviria para muitos outros casos, como por exemplo: ^P*ódio feroz*, ^P*ódio mortal*, ^P*ódio profundo*, ^P*dor acerba*, ^P*ira cega* ou ^P*vontade férrea*, todos eles co-hipónimos do hiperónimo “sentimentos”, para o primeiro exemplo, ou, para o segundo caso, ^P*cometer um crime*, ^P*cometer irregularidades*, ^P*cometer adultério*, ^P*cometer traição*, ^P*cometer uma falta*, etc., todos eles também hipónimos de “acto condenável”.

Esta prática, habitual nos modernos dicionários bilingues, presume uma regularidade no fenómeno das colocações que não tem correspondência na realidade. As colocações são fenómenos lexicais, não semânticos, nem sintácticos. Estamos perante fenómenos irregulares pelo que, como dissemos, é impossível estabelecer regras gerais de comportamento sintáctico e semântico para todas as colocações. Por esta razão devem ser tratadas no dicionário e não na gramática, nomeadamente no dicionário codificador, pois é no uso codificador que a informação lexicográfica sobre as colocações se torna mais importante uma vez que a maior parte das colocações são transparentes no processo de descodificação.

Como indica Bosque (1982: 107), esta concepção ideal que o semantista tem da estruturação do léxico resulta impossível de levar à prática em lexicográfica, justamente porque a organização do vocabulário das línguas não apresenta tal

perfeição organizativa:

«El hipotético diccionario que estuviera constituido únicamente por definiciones hiperonímicas con un índice mínimo de circularidad sería probablemente el diccionario perfecto. Sin embargo, no todas las unidades poseen un hiperónimo claro, [...] Resultaría de todo punto imposible que esta concepción ideal que el semantista posee de las jerarquías de inclusión se aplicara sistemáticamente al trabajo lexicográfico, ya que tales jerarquías, fuera de los ejemplos más claros, presupone una perfecta organización del vocabulario de la lengua en unos campos semánticos que distan mucho de estar bien definidos.» (Bosque, 1982: 107).

Contudo, pensamos que não se deve confundir entre perfeição estrutural do vocabulário de uma língua com perfeição organizativa do sistema de definições ou do *thesaurus*¹⁷⁹ onde se enquadram ou estruturam os diferentes *descriptores* usados na análise, descrição e classificação das unidades lexicográficas de uma língua, assim como as relações semânticas que se estabelecem entre estes descritores (vd. *infra* § 5.4.2). Quer dizer, a perfeição organizativa terá a ver com o próprio trabalho lexicográfico e terminológico, isto é, com a elaboração de *linguagens controladas*¹⁸⁰ que servirão para a análise e descrição lexicográficas, neste caso de um *thesaurus* de descritores, e das relações semânticas que se estabelecem no seu interior.

A única condição para que se possa estabelecer qualquer tipo de relação semântica entre descritores (relações hierárquicas, associativas ou de equivalência) é que estes possam ser concebidos dentro de um determinado campo conceptual, independentemente de estarem ou não lexicalizados numa determinada língua (voltando à velha questão de que nada é impossível de exprimir numa determinada língua).

¹⁷⁹ Os termos e os conceitos *thesaurus* e *descriptor* são aqui utilizados tal como se usam em terminologia e nos sistemas de documentação. Não utilizaremos o termo *descriptor* apenas no sentido de “termo genérico” numa definição, como costuma usar-se em lexicografia (vd. *infra* neste mesmo § 4.5).

¹⁸⁰ Entendemos por *linguagens controladas* um tipo de *linguagem documental* construída *a priori*, — entendida esta última como «todo sistema de signos que permita representar el contenido de los documentos con el fin e recuperar los documentos pertinentes en respuesta a consultas que tratan sobre ese contenido» (van Slype, 1991: 21)— em forma de *listagens de autoridades* (listagem de conceitos ordenada alfabeticamente) ou de *thesaurus de descriptores* (listagem estruturada de conceitos) (*idem*: 23).

4. O tratamento lexicográfico da co-ocorrência lexical

Podemos imaginar que o número de conceitos através dos quais apreendemos a realidade é infinito, mas também podemos conceber qualquer tipo de relação semântica entre eles, sinonímica, hiponímica, antonímica, etc. Só que, obviamente, esses conceitos (em princípio, universais) nem sempre serão lexicalizados (representados por palavras) já que poderão ser intensionalizados de maneiras diversas nas diferentes línguas: por meio de palavras, mas também por meio regras produtivas da língua: sintagmas, orações, textos, etc. O que não se pode é afirmar que não podemos conceber uma determinada relação semântica, por exemplo, hiperónimo-hipónimo, só porque ela não existe lexicalizada numa determinada língua. Não há uma correspondência biunívoca entre todos estes conceitos imagináveis e o léxico de uma língua, que evidentemente não é estruturado de maneira regular.

Queremos dizer com isto que, enquanto não podemos presumir uma perfeita organização do vocabulário de uma língua, como Bosque (1982) afirmava, podemos sim conceber uma linguagem de definição sistematicamente organizada, construída com a maior regularidade possível, sem as interferências das irregularidades lexicais das línguas naturais, o que não implicará necessariamente, como veremos, uma linguagem formalizada.

Concebemos esta linguagem de definição para o dicionário bilingue codificador como uma *interlíngua*, tal como se utiliza este conceito em tradução automática¹⁸¹. Entendemos por *interlíngua* num dicionário bilingue uma representação linguística abstracta das duas línguas que se caracteriza por ser (Hutchins & Somers, 1995: *passim*):

¹⁸¹ O recurso a uma interlíngua não é novo. No *Diccionario español-portugués* de Castro Mascarenhas Valdez (1864) encontramos o uso do latim como interlíngua para delimitar cada acepção das palavras. Encontramo-la também em dicionários científicos e na lexicologia contrastiva:

«En su afán de comparar el léxico de L1 y L2, la lexicología confrontativa abogará por una descripción detallada tanto semántica como comunicativa funcional (situativa pragmática) y morfosintáctica de las UL independientemente de cada idioma. Semejante análisis se basaría en una interlíngua común de elementos semánticos y comunicativos para poder demostrar luego en la comparación lo congruente y lo divergente que existe tanto en el plano del contenido como en el de la expresión (donde evidentemente suelen prevalecer las divergencias)» (Wotjak, 1992a: 188).

- a codificação regular de significados (ou melhor, de conceitos, de representações conceptuais não linguísticas);
- comum às duas línguas, que neutraliza as irregularidades lexicais idiossincráticas de cada língua;
- e por incluir, de maneira explícita, toda a informação necessária para a codificação ou geração na língua-alvo.

A interlíngua é uma linguagem controlada (*vd. supra* nota 180) em forma de *lista de autoridades* (lista de conceitos ordenada alfabeticamente) ou de *thesaurus de descritores* (lista estruturada de conceitos), tal como se entende na terminologia e nos sistemas de documentação.

Entendemos por *thesaurus* o conjunto estruturado de conceitos, em forma de *palavras-chave* ou *descritores*, que mantêm entre si determinadas relações semânticas (hierárquicas, associativas ou de equivalência) utilizadas na análise, descrição e classificação das unidades lexicográficas de uma língua:

«Un thesaurus es una *lista estructurada de conceptos*, destinados a representar *de manera unívoca* el contenido de los documentos y de las consultas dentro de un sistema documental determinado, y a ayudar al usuario en la indización de los documentos y de las consultas.» (Van Slype, 1991: 23-24).

Os elementos utilizados para representação linguística abstracta dos conceitos são os *descritores* ou *palavras-chave*. Entendemos por *descritores* o conjunto de palavras ou expressões, recolhidas e estruturadas num *thesaurus*, utilizadas para definir e classificar as unidades lexicográficas.

Nas definições lexicográficas tradicionais em termos de “género próximo e diferença específica” é frequente utilizar o termo *descriptor* como sinónimo de *genérico* ou *termo genérico* (‘assento’, por exemplo, para definir ^P*cadeira*) — face ao *diferenciador* ou *especificador* (‘com costas’) — entendido como a palavra ou sintagma que introduz uma definição e que deve ser a voz genérica mais próxima à palavra que se define (Martínez de Sousa, 1995, *s. v.* **descriptor**). Aqui não utilizaremos o termo neste sentido, mas tal como se entende na terminologia e na documentação, onde não só se contemplam relações hierárquicas entre o descriptor e o definido, mas também relações associativas ou de equivalência:

«Definición de AFNOR: “palabra o grupo de palabras incluídas en un

4. O tratamento lexicográfico da co-ocorrência lexical

thesaurus y recogidas de entre un conjunto de términos equivalentes para representar sin ambigüedad una noción contenida en un documento o en una petición de búsqueda documental” (norma NZ 47-100-diciembre 1981).» (Van Slype, 1991: 40).

Qualquer solução que se venha a propor para o tratamento do problema da co-ocorrência lexical e da informação pragmático-contextual no dicionário bilingue deverá centrar as suas atenções principalmente no problema de armazenamento, recuperação e tratamento exaustivo de grandes quantidades de informação, recolhidas em bases de dados ou *corpora* informatizados, relativas ao léxico realmente existente numa determinada língua (ou em várias línguas), considerando como é que as unidades lexicográficas (lexemas ou combinação de lexemas) poderão ser ordenadas e classificadas por meio da utilização de linguagens controladas, listas de matérias ou descritores em forma de conceitos e incorporados num *thesaurus*, semelhantes (ou idênticas) às utilizadas em terminologia. Imagine-se, por exemplo, as potencialidades de pesquisa automática da ferramenta “procurar nas definições” e “dicionário reverso”, actualmente existentes na versão electrónica do *Porto Editora* e do *Aurélio* respectivamente, se as definições fossem elaboradas utilizando uma linguagem controlada como é um *thesaurus* de descritores.

Estamos convencidos de que na análise contrastiva lexical do espanhol e do português, nomeadamente no que se refere à combinatória lexical e à informação de tipo pragmático-contextual, mais viável do que uma gramática contrastiva¹⁸² será um formato dicionário que utilize uma interlíngua, enriquecida com as funções lexicais (para o nível sintáctico-semântico) do DEC e as funções comunicativas dos métodos nocio-funcionais (para o nível pragmático), entre outras possibilidades.

¹⁸² O formato dicionário pode vir a aumentar o interesse e revitalizar a linguística contrastiva. Há uma certa tendência neste tipo de obras para o puro factualismo, como se ficassem reduzidas à mera taxinomia, ou registos de casos. A maior parte são trabalhos puramente descritivos de aspectos concretos em que não qualquer tipo de generalização que, se adoptassem um formato de dicionário, poderiam transformar-se em ferramentas mais úteis.

4.5.1. As funções linguísticas do DEC como descritores um *thesaurus*

O sistema das funções lexicais utilizadas no DEC pode ser uma ferramenta útil para a descrição das colocações que pode ser aplicada na lexicografia comercial como um sistema de descritores léxico-semântico perfeitamente estruturado. Mas, para isso, dever-se-á prescindir da metalinguagem altamente formalizada que o DEC utiliza e que faz deste dicionário uma obra de impossível consulta para o público em geral e de difícil leitura e manuseamento mesmo para os especialistas, aos quais «se le exige no sólo conocer la teoría lexicográfica subyacente sino además ser un lexicógrafo mel'cukiano» (Alonso Ramos, 1993: 89)¹⁸³.

Como vimos, podemos utilizar um hiperónimo como 'intensidade' ou 'muito' para representar o sentido que exprimem certos adjetivos e advérbios (ou locuções adjectivas e adverbiais) quando seleccionados pelo base da colocação¹⁸⁴.

¹⁸³ Tal como o DEC está elaborado neste momento, poderá ter mais utilidade como dicionário electrónico para sistemas de processamento de linguagens naturais (PLN) do que para utilização humana, pelo que pensamos que os autores deveriam abandonar o suporte em papel, que não se justifica tal como está presentemente elaborado, para passar a um formato electrónico, talvez após uma re-escrita que permita a sua leitura totalmente mecanizada e a sua utilização como ferramenta para o PLN.

De qualquer maneira, esta metalinguagem formalizada latente pode ser traduzida superficialmente, no género de interface, por uma série de descritores utilizados na definição, respeitando assim «the long lexicographical tradition in terms of preparing user-friendly quality products» (Bergenholtz & Tarp, 1995: 11):

«I maintain that any kind of meaning can be expressed in a metalanguage which is derived exclusively from natural language and which is, therefore, intuitively understandable and verifiable. The lexicon of this metalanguage consists of a small set of indefinable expressions (such as, thing, part, want, or say), which corresponds to a postulated set of universal semantic primitives.» (Wierzbicka, 1985, 9)

¹⁸⁴ Veja-se, por exemplo, a listagem apresentada no capítulo 6º: ^P*erro crasso*, ^P*interesse vivo*, ^P*trabalho ímprobo*, ^P*mudança radical*, ^P*preço alto*, ^P*alta inteligência*, ^P*obediência cega*, ^P*memória portentosa*, ^P*memória de elefante*, ^P*desejo ardente*, ^P*sucesso louco*, ^P*vontade louca*, ^P*chuvas torrenciais*, ^P*fome canina*, ^P*ódio mortal*, ^P*ignorância supina*, ^P*comer como um abade*, ^P*recusar firmemente*, ^P*confessar abertamente*, ^P*proibir terminantemente*, ^P*acreditar piamente*, ^P*chover a cântaros*, ^P*chover torrencialmente*, ^P*dormir como uma pedra*, ^P*trabalhar como um negro*, ^P*trabalhar como um galego*, ^P*teimoso como uma mula*, ^P*burro como uma porta*, ^P*surdo como uma porta*, ^P*fumador empedernido*, ^P*ferido grave*, ^P*feio como um bode*, ^P*bêbado como um cacho*, ^P*forte como um*

4. O tratamento lexicográfico da co-ocorrência lexical

Este hiperónimo representaria um sentido geral e abstracto do valor de todos adjectivos que funcionam como colocativos nestas colocações (‘muito’, ‘intensidade’ no caso de **Magn**) que poderá ser exprimido (intensionalizado, lexicalizado) de maneiras diferentes dependendo da base da colocação ^P*cega* para ^P*obediencia*, ^P*mortal* para ^P*ódio*, etc. Chamaremos este valor genérico e abstracto “valor prototípico” da função lexical:

«aunque el sentido de una FL es relativamente vago y general, creemos que sería útil para el usuario disponer de un valor "prototípico" para cada FL. Este valor será un equivalente no idiomático, que recubra el sentido de la FL en cuestión. Así, por ejemplo, el valor prototípico de Magn será *muy/mucho*. A menudo, propondremos varias posibilidades como valores prototípicos. Por ejemplo, Sing tendrá *porción, unidad, un poco de*. Otras veces, no habrá ningún valor prototípico. Esto ocurre especialmente en las FFL paradigmáticas. No hay ningún valor prototípico de Syn. Obviamente, aquí la relación es exclusiva entre cada palabra llave y su valor: es imposible proponer un sinónimo prototípico de cualquier lexema.» (Alonso Ramos, 1993: 234).

No DEC opera-se com uma autêntica gramática das funções lexicais, que são entendidas como o vocabulário de uma linguagem formal (Alonso Ramos, 1993: 232). Esta gramática descreve as funções lexicais a nível sintáctico e semântico assim como a capacidade combinatória das mesmas (algumas funções lexicais podem combinar-se entre si, outras não podem e outras só se usam em combinação com outras funções lexicais) utilizando para isso índices e expoentes alfanuméricos com valores semânticos ou sintácticos¹⁸⁵. Conhecer esta gramática das funções lexicais poderá ser útil para os redactores do DEC em qualquer língua, ou até redactores de outros dicionários “linguísticos”, mas duvidamos, contra o que afirma Alonso Ramos (1993: 233) da sua utilidade para o usuário comum.

Mas, prescindindo de todo o aparato formal das funções lexicais e utilizando apenas paráfrases ou os valores prototípicos das mesmas, entendido, como acabámos de ver, como o sentido geral não idiomático exprimido pela função lexical, os dicionários poderão utilizar proveitosamente estas funções lexicais como listas de descritores para as suas definições lexicográficas.

touro, ^P*rápido como uma flecha*, etc.

¹⁸⁵ Para uma análise e descrição das funções lexicais do DEC, *vd.* Mel’chuk *et al* (1995: 125-152) e Alonso Ramos (1993: 191-558).

A seguir apresentamos exemplos de colocações com os seus correspondentes equivalentes em português e em espanhol encabeçadas pelo nome da função lexical correspondente acompanhada pelo valor prototípico das mesmas que será expresso, em linguagem natural, sob a forma de definição genérica por meio de um lexema ou de uma paráfrase o menos idiomática possível. Este valor prototípico, juntamente com o nome da função lexical conformará a lista de descritores constituída por funções lexicais *standard*, às que se deverão juntar o número que for necessário de funções lexicais não *standard* (vd. *supra* § 4.4.2).

Daremos exemplos exclusivamente das funções lexicais sintagmáticas¹⁸⁶, que são, evidentemente, as mais importantes para o presente trabalho, uma vez que se caracterizam pelo facto de que a base da colocação e o colocativo se combinam em numa relação de co-ocorrência lexical restrita, isto é, que se combinam num sintagma para exprimir um determinado sentido¹⁸⁷.

No Anexo 2 damos mais exemplos das funções lexicais aqui apresentadas apenas em forma de lista de descritores, ordenadas aqui alfabeticamente pelo nome da função lexical:

‘**bom, bem**’ (**Bon**): ^P*alimentação sadia*: ^E*alimentación sana*, etc.

‘**chefe, responsável, dirigente**’ (**Cap**): ^P*presidente da câmara*: ^E*alcalde del ayuntamiento*; etc.

‘**causar, dar lugar a**’ (**Caus**)¹⁸⁸: ^P*semear descontentamento*: ^P*sembrar descontento*; etc.

¹⁸⁶ Para as diferentes classificações das funções lexicais do DEC, vd. Mel’chuk *et al* (1995: 125-152) e Alonso Ramos 1993 (210-233).

¹⁸⁷ Excluimos **Perf** por o aspecto perfectivo se manifestar, em português e em espanhol, apenas por processos gramaticais (vd. Alonso Ramos, 1993: 496-497); **Result** porque, salvo quando acompanha outras funções lexicais, o colocativo em vez de se combinar com a base da colocação, substitui-a (vd. *idem*, 498-500); **Involv**, devido ao seu sentido vago (*idem*, 502-504) e a que não temos claro que sejam funções lexicais (cf. o exemplo apresentado por Alonso Ramos (1993: 504): *el viento infla las velas, el viento sacude los árboles, el viento barre las hojas, el viento levanta el tejado, el viento dispersa el humo*); **Sympt**, por ser a combinação de duas funções lexicais, **Excess** (X) + **Sympt** (Y) (‘a mudança em Y é sintoma da emoção X’) (vd. *idem*, 509-515) e **Pejor, Plus/Minus** porque só se usam em combinação com outras funções lexicais.

¹⁸⁸ **Caus** combina-se com outras funções lexicais verbais: **CausFunc**(*desgraça*) = *semear*, **CausPredMinus**(*dor*) = *aplacar*, etc. (vd. Alonso Ramos, 1993: 477 e seguintes).

4. O tratamento lexicográfico da co-ocorrência lexical

- ‘centro, meio’ (**Centr**): ^Pcaroço da azeitona: ^Ehueso de la aceituna; etc.
- ‘continuar’ (**Cont**)¹⁸⁹: ^Pguardar silêncio: ^Eguardar silencio; etc.
- ‘culminação, apogeu, auge’ (**Culm**): ^Pno pico do êxito: ^Een la cumbre del éxito; etc.
- ‘<palavra-chave>¹⁹⁰ degradar-se, estragar-se, piorar’ (**Degrad**): ^Ptalhar-se o leite:
^Ecortarse la leche; etc.
- ‘epíteto semanticamente vazio’ (**Epit**): ^Popinião pessoal: ^Eopinión personal; etc.
- ‘equipo, conjunto de participantes’ (**Equip**): ^Pquadro de uma empresa: ^Eplantilla de una empresa; etc.
- ‘<palavra-chave> funcionar em excesso’ (**Excess**): ^Pacelerar-se um motor:
^Eacelerarse/embalarse un motor; etc.
- ‘<palavra-chave> realizar-se, cumprir-se, ser levado a cabo’ (**Fact**): ^Ptrabalhar um motor: ^Efuncionar un motor; etc.
- ‘cessar’ (**Fin**)¹⁹¹: ^Pabafar as chamas: ^Esofocar las llamas; etc.
- ‘<palavra-chave> haver, existir, fazer, manifestar-se’ (**Func**): ^Psair uma borbulha:
^Esalir un grano; etc.
- ‘gérmen, origem, causa’ (**Germ**): ^Pberço da civilização: ^Ecuna de la civilización; etc.
- ‘começar, principiar’ (**Incep**)¹⁹²: ^Pdesatar a chorar: ^Eecharse a llorar; etc.
- prep.: ‘a causa de’ + palavra-chave (**Instr**): ^Pperante as circunstâncias: ^Eante las circunstancias; etc.
- prep.: ‘por meio de’ + palavra-chave (**Instr**): ^Pde comboio: ^Een tren; etc.
- ‘fazer que, Ø + [CD] + [palavra-chave] => verbo¹⁹³’ (**Labor**): ^Pcair [algo] no esquecimento: ^Ecaer [algo] en el olvido; etc.
- ‘levar a cabo, cumprir algum requisito + [CD] + [palavra-chave]¹⁹⁴’ (**Labreal**):

¹⁸⁹ **Cont** combina-se com outras funções lexicais: **ContOper**(silêncio) = guardar; **ContFunc**(temor) = persistir, etc. (vd. nota anterior).

¹⁹⁰ Palavra ou sintagma em função de sujeito do verbo (vd. *supra* § 1.5).

¹⁹¹ **Fin** combina-se com outras funções lexicais: **FinOper**(vontade) = perder [a~]; **FinFunc**(chuva) = escampar, etc. (vd. nota 188).

¹⁹² **Incep** combina-se com outras funções lexicais: **IncepOper**(negociações) = entabular; **IncepFunc**(risadas) = estalar; **IncepManif**(doença) = declarar-se; **IncepPred**(doente) = ficar; **IncepPredPlus**(descontentamento) = crescer; etc. (vd. nota 188).

¹⁹³ Como **Oper** (vd. *infra* nota 196) trata-se de um verbo semanticamente vazio. Neste caso, a palavra chave funciona como segundo complemento do verbo, tendo o conjunto como sinónimo ou quase-sinónimo um verbo da mesma família de palavras: ^Psumeter a tortura = ^Ptorturar; ^Ptomar em consideração = ^Pconsiderar. A diferença entre as funções lexicais **Oper**, **Func** e **Labor** é puramente sintáctica (vd. Alonso Ramos, 1993: 447 e seguintes).

¹⁹⁴ Diferencia-se de **Real** (vd. *infra* nota 197) em que a palavra chave funciona como um segundo complemento do verbo. **Real** tem a mesma sintaxe que **Oper** e **Labreal** a mesma que **Labor**.

^Pter [algo] na cabeça: ^Etener [algo] en la cabeza; etc.

‘impedir, causar que algo não tenha lugar’ (**Liqu**)¹⁹⁵: ^PAbafar um grito: ^Ereprimir um grito; etc.

prep.: ‘deslocamento espacial, temporal ou abstracto (a, para, até)’ + palavra-chave (**Loc_{ad}**): ^Pem direcção a Lisboa: ^Ehacia Lisboa; etc.

prep.: ‘deslocamento espacial, temporal ou abstracto (a partir de)’ + palavra-chave (**Loc_{ab}**): ^Pde Lisboa: ^Edesde Lisboa; etc.

prep.: ‘localização espacial, temporal ou abstracta’ + palavra-chave (**Loc_{in}**): ^Pà noite: ^Epor la noche; etc.

‘muito, grande, intenso’ (**Magn**): ^Pódio figadal/mortal: ^Eodio mortal; etc.

‘<palavra-chave> manifestar-se em, revelar-se em’ (**Manif**): ^Passomar a mágoa [à face]: ^Edibujarse la pena [en la cara]; etc.

‘conjunto, grupo, colecção’ (**Mult**): ^Pmatilha de cães: ^Ejauría de perros; etc.

‘<palavra-chave> prejudicar, fazer mal’ (**Nocer**): ^Ppicar uma vespa: ^Epicar una avispa; etc.

‘funcionar com dificuldade’ (**Obstr**): ^Pencravar uma fechadura: ^Eagarrotarse una cerradura; etc.

‘realizar, fazer, Ø + [palavra-chave] => verbo¹⁹⁶’ (**Oper**): ^Pcolocar uma questão: ^Eplantear una cuestión; etc.

‘permitir, não procurar que algo não tenha lugar’ (**Perm**)¹⁹⁷: ^Paturar o barulho: ^Esoportar un ruido; etc.

¹⁹⁵ **Liqu** combina-se com outras funções lexicais verbais: **LiquFunc**(grito) = abafar, etc. (vd. nota 188).

¹⁹⁶ Como em **Func** e em **Labor**, o verbo é semanticamente vazio. A palavra chave funciona como complemento do verbo (vd. *supra* § 1.5), tendo o conjunto como sinónimo ou quase-sinónimo um verbo da mesma família de palavras: ^Pdar um beijo = ^Pbeijar, ^Pdar ajudar = ^Pajudar, ^Pdeitar um cheiro = ^Pcheirar.

¹⁹⁷ **Perm** combina-se com outras funções lexicais verbais: **LiquManif**(imaginação) = dar rédea solta [à]; etc. (vd. nota 188).

4. O tratamento lexicográfico da co-ocorrência lexical

‘o primeiro actante da palavra-chave exprime apreço pelo segundo actante da palavra-chave’ (Pos₂): ^P*crítica favorável*: ^E*crítica favorable*; etc.

‘ser /estar a —palavra-chave—’ (Pred)¹⁹⁸: ^P*ser proibido*: ^E*estar proibido*; etc.

‘preparar para o uso ou funcionamento’ (Prepar): ^P*temperar a salada*: ^E*aliñar/aderezar la ensalada*; etc.

‘estar à beira de, estar prestes a’ (Prox)¹⁹⁹: ^P*às portas da morte*: ^E*al borde de la muerte*; etc.

‘levar a cabo, cumprir algum requisito [palavra-chave]’ (Real): ^P*fechar a tampa*: ^E*cerrar el tapón*²⁰⁰; etc.

‘pedaço, unidade, componente, um pouco de’ (Sing): ^P*floco de neve*: ^E*copo de nieve*; etc.

‘<palavra-chave> emitir som típico’ (Son): ^P*latir o cão*: ^E*ladrar el perro*; etc.

‘certo, justo’ (Ver): ^P*preço justo*: ^E*precio justo*; etc.

¹⁹⁸ Esta função não será utilizada nos casos em que se possa predizer o valor do verbo copulativo mediante uma regra geral da gramática, do tipo:

ser + atributo (propriedade permanente): ^P*ser salgado*;

estar + atributo (propriedade temporária): ^P*estar salgado*;

ficar + atributo (atenção ao processo ou mudança): ^P*ficar salgado*;

andar + atributo (propriedade percebida na sua duração): ^P*andar contente*.

Será utilizada só para os usos em que o valor do atributo não possa ser deduzido mediante as regras da gramática (vd. Alonso Ramos, 1993: 487-492). cf.:

^{E/P}*estar cansado* vs. ^E*ser cansado*... (^P*ser cansativo*...);

^E*estar listo* (^P*estar pronto*) vs. ^E*ser listo* (^P*ser esperto*);

^{E/P}*ser vivo* (‘nteligente’); ^{E/P}*estar vivo* (‘gostar de viver’);

^{E/P}*ser infiel* (valor permanente e temporário) vs. **estar infiel*).

¹⁹⁹ **Prox** combina-se com outras funções lexicais verbais: **ProxOper(ataque)** = *estar à beira [de um ~]*; etc. (vd. nota 188).

²⁰⁰ Cf. ^P*fecha a tampa*: ^E*cierra el tapón* (**Real**) e *supra* ^P*a tampa fecha*...: ^E*el tapón cierra*... (**Fact**).

CAPÍTULO 5

CONTEXTO E INFORMAÇÃO ENCICLOPÉDICA

NO

DICIONÁRIO

«Si tomamos expresiones como “Mira lo lejos que hemos llegado”, o “¿Donde estamos ahora?” no habría manera de decir, de acuerdo con un diccionario estándar o cualquiera de las explicaciones al uso del significado, que estas expresiones son formas normales de hablar sobre la experiencia amorosa en nuestra cultura.»

(Lakoff & Johnson, 1991: 157).

« Naturalmente, ao se elaborar uma teoria semântica mais semelhante ao modelo da enciclopédia do que ao do dicionário, não se pode fugir a certas conseqüências, como a perda de uma certa perfeição formal na descrição...»

(Eco, 1980: 89).

5.0. Ao contrário do que acontece com a informação proporcionada pelo contexto, ou contexto linguístico, a informação fornecida pelo contexto situacional é bem mais difícil de codificar em unidades passíveis de armazenamento e recuperação, uma vez que não existe nenhuma regra que nos permita identificar onde procurar a porção de conhecimento que pode ser útil para a codificação ou decodificação de um determinado enunciado, assim como quanto tempo deveria conservar-se essa informação caso fosse necessário utilizá-la (Hutchins & Somers, 1995: 143).

Contudo, a moderna lexicografia não poderá deixar de recolher a maneira como «las distintas comunidades lingüísticas suelen semantizar, codificar su

conocimiento del mundo, del quehacer diario» (Wotjak, 1992a: 196). É assim que muitos autores interpretam o conceito de colocação: «las combinaciones específicas, relevantes, cotidianas que regularmente son empleadas para enunciar los acontecimientos típicos alrededor del vocábulo base» (Irsula, 1992: 166), embora não seja essa a concepção que aqui damos ao termo (*vd. supra* § 4.4.2).

A linguística teórica defendeu durante muito tempo que não era possível um estudo do léxico sob uma perspectiva exclusivamente linguística, pois, ao contrário da gramática, o léxico está profundamente ligado ao conhecimento do mundo. Enquanto no domínio sintático as estruturas são imanentes, a descrição lexical precisa de outras disciplinas. A lexicologia, e em geral o estudo das estruturas linguísticas do significado, configurava-se assim como estudos pluridisciplinares, híbridos, integrando desde a psicologia até à etnologia, à história, à poética, etc. (*vd. Corbin, 1980, 55 e 118, nota 6*). Neste contexto, tudo o que excede os limites das categorias ou das unidades impostas por determinado modelo linguístico adjectiva-se de extralinguístico, o que, na tradição linguística ocidental, incluindo os modelos padrões do estruturalismo e do generativismo, significa que não há lugar na linguística para tudo o que ultrapasse os limites das unidades tratadas pela morfologia (o monema) e pela sintaxe (a frase).

Ao excluir a informação semântico-referencial do âmbito da linguística, inevitavelmente está a excluir-se também o dicionário, cuja informação semântica é, ou, se se quer, também é, de índole referencial²⁰¹ e, portanto, não linguística, segundo os pressupostos da linguística estrutural.

Dentro deste contexto de exclusão da análise e descrição linguísticas dos elementos pragmático-contextuais e semântico-referenciais da língua, são muitos os teóricos que, longe da prática lexicográfica e dos problemas que realmente levantam

²⁰¹ Assim o entende também Vilela (1994: 142, nota 1):

«A informação semântica, que é, ao fim e ao cabo, a informação mais importante no dicionário, tanto pode ser uma “informação definicional” acerca da estrutura interna do significado da entrada, como uma **“informação referencial” acerca da lexicalização de domínios extralinguísticos**, ou como uma “informação lexemático-estrutural” acerca das relações existentes e possíveis entre cada entrada e as restantes entradas na língua...» [o sublinhado é nosso].

os processos de elaboração de dicionários, se limitam a repetir algumas dicotomias que na prática são difíceis de sustentar: «...many who have written about the process and result of dictionary-making have been content to rely on simplistic dichotomies, e.g. general v. technical, historical v. usage, linguistic v. encyclopaedic.» (Hartmann, 1983a: vii).

Como veremos, pensamos que é essa obcecação em fugir ao carácter pragmático da língua, assim como o facto de excluir o referente como objecto de análise da linguística, que subjaz às tentativas de estabelecer uma linha divisória clara que opõe dicotomias como “léxico geral vs. léxico terminológico”²⁰² e “dicionário de língua vs. enciclopédia” ou, como já vimos (*vd. supra* § 4.1), entre “sentido figurado vs. sentido literal” ou outros pares opositivos tão importantes como “relações sintagmáticas vs. relações paradigmáticas”, lugares comuns que os manuais de linguística assumem e repetem pouco ou nada reflectidamente.

Entendemos por informação pragmático-retórica não só «the various ways in which the external situational context of the communicative act can shape the internal structure of the message» (Hartmann, 1983, 117), pois, como este mesmo autor escreve, o termo *pragmática* pode ser aplicado a outros aspectos da linguagem, como, por exemplo:

«the non-general, non-literary ‘languages for special purposes’, or the practical user orientation in lexicography, or the extralinguistic knowledge that speakers have of the world (without expressing it in words), or finally the encyclopaedic information (which may or may not be supplied in a dictionary) relating to historical characters, geographical places and biological specimens.» (*idem*, 117-118).

Na elaboração de dicionários codificadores, assim como no processamento da linguagem natural ou na tradução automática, e em geral nos estudos linguísticos orientados para a síntese, geração, codificação ou produção textual, é fundamental uma descrição linguística encarada de maneira diferente daquela que está orientada

²⁰² Assim, Sager (1993: 36-44), apoiando-se numa teoria da referência, tenta fundamentar a distinção entre *termos* e *palavras* para, deste modo, distinguir a terminologia da lexicografia, reduzindo a «dimensión específicamente lingüística de la terminología» ao seu aspecto morfológico, isto é, à formação de termos.» (Sager, 1993: 32). *Vd. também* Sager (1993: 89 e segs.).

para a análise, principalmente no que se refere à maneira como o contexto e o conhecimento enciclopédico (isto é, aquilo que os paradigmas dominantes da linguística chamam de “extralinguístico”) influenciam, condicionam, explicam ou até determinam o significado linguístico, pois

«a natureza enciclopédica da significação (no sentido de esta se encontrar intimamente associada ao conhecimento do mundo) é uma consequência da função categorizadora da linguagem: se a linguagem serve para categorizar o mundo, então a significação linguística não pode ser dissociada do conhecimento do mundo, e, conseqüentemente, não se pode postular a existência de um nível de significação que pertença exclusivamente à linguagem, distinto do nível em que a significação das formas linguísticas está ligada ao conhecimento do mundo.» (Silva, 1997b: 65).

5.1. A modelização do mundo: o referente

«Aunque han sido muchas las voces que han criticado la larga tradición que confunde el signo con el objeto, la lexicografía es, probablemente, el campo en el que más trabajo cuesta mantenerla.» (Bosque, 1982: 112-113).

Como veremos em § 5.3, mais do que analisar as significações em abstracto, o dicionário define palavras recorrendo à descrição das propriedades das *coisas* que tais palavras representam, isto é, estabelecendo uma identidade entre coisas ou classes de coisas e não entre signos²⁰³ (Baylon & Fabre, 1994: 196). O estudo da referência e dos mecanismos linguísticos de identificação e selecção utilizados no acto de referir tornam-se, deste modo, fundamentais em lexicografia.

Para seleccionar linguisticamente, ou intensionalizar²⁰⁴, um referente, isto é,

²⁰³ Contudo, é evidente que a informação referencial não será a única informação que deve fornecer o dicionário. A informação de tipo sintáctico (morfo-sintáctico e semântico-intensional) e a informação de tipo pragmático (retórica e contextual) são de capital importância em qualquer dicionário e nomeadamente nos dicionários bilingues e nos dicionários de produção ou codificadores.

²⁰⁴ A oposição entre *intensão* e *extensão* nem sempre é clara, sendo usada, em semântica, lógica ou filosofia da linguagem, de maneiras diferentes pelos autores que a utilizam.

Consideremos as seguintes descrições definidas:

- (1) a. Os professores de Linguística
- b. A flor

5. Contexto e informação enciclopédica no dicionário

para nos referirmos às *coisas do mundo*²⁰⁵ através de uma língua natural utilizamos as palavras dessa língua:

- (a) ^P*Flor*,
- (b) ^P*Carro*,
- (c) ^P*Miúdo*;

ou conjuntos de palavras combinadas segundo mecanismos ou regras dessa mesma língua:

- (a) ^P*Uma flor vermelha*,
- (b) ^P*O carro do meu vizinho*,
- (c) ^P*O miúdo que está em cima da mesa*.

Costuma-se afirmar que, no primeiro caso, estamos perante um processo de lexicalização (unidades lexicais) e, no segundo, perante um processo gramatical (combinação por meio de regras morfo-sintáticas de unidades lexicais). Mas, como vimos, a fronteira entre léxico e gramática é incerta (Crystal, 1987: 107), pois, dentro deste segundo processo, podemos encontrar, para além de combinações livres de palavras, combinações não livres, ou restritas, que chegam a comportar-se como unidades lexicais.

Assim, podemos encontrar na língua o que Lyons (1995: 50-52; 1983: 48)

-
- (2) a. Os professores de Linguística da Universidade do Minho
 - b. A rosa vermelha

Cada um destes sintagmas selecciona ou refere determinadas entidades de um mundo mediante a especificação de determinadas propriedades que são comuns à totalidade das mesmas. As entidades seleccionadas em cada uma das descrições constituem a sua *extensão*. A *intensão* da expressão será entendida aqui como a maneira como são seleccionadas as entidades, os traços ou os critérios considerados na hora de determinar a extensão da expressão (Allwood *et al.*, 1981: 4-5), quer dizer, os *bits* de informação ou componentes de significado utilizados (Lyons, 1974: 453-455). Como se pode comprovar pelos exemplos, quanto maior é a *intensão* de uma expressão linguística, quer dizer, quantos mais traços ou critérios são utilizados no processo de selecção, por exemplo em (2), menor é a sua *extensão*, e, ao contrário, quanto menor seja a *intensão*, por exemplo em (1), maior será a *extensão* do sintagma, isto é, maior será o conjunto de *coisas* (seres, estados, processos) que selecciona ou aos quais se pode referir (*ib.*).

²⁰⁵ As *coisas* para que remete o acto de referência não devem ser concebidas como existentes no mundo real, mas no *universo do discurso*, criado e compartilhado pelos interlocutores, e entendido como *modelo* de um universo exterior ao sistema.

denomina expressões sintagmáticas lexicalmente simples (lexicalizações) e expressões sintagmáticas lexicalmente compostas (formadas por regras produtivas da língua) que formalmente não se diferenciam, como por exemplo:

^PDar uma volta à Galiza / ^PDar uma volta à chave;
^PDeveria ser o primeiro a dar [o] exemplo / ^P...dar o exemplo que me pediste;
^PDar as cartas e começar a jogar / ^PNão devias dar as cartas que te escreveu;
^PDar um salto até Vigo / ^PDar um salto até esta altura.

Como já referimos, a linguística estrutural de meados do século ensinou-nos que, dentro das diversas comunidades linguísticas, as palavras fragmentam de maneiras diferentes o *continuum* a que chamamos realidade. Contudo, ao situarmos-nos dentro dos limites da palavra, as divergências na fragmentação da realidade parecem aumentar, criando a falsa impressão, como exemplificámos em § 3.2, de que as diferenças na conceptualização são maiores de uma língua para outra do que na realidade são. Víamos na altura como, apesar de exemplos como ^P*fatia* vs. ^E*loncha*, ^E*rebanada*; ^E*aliento* vs. ^P*hálito*, ^P*fôlego*, ^P*alento*; etc., a estruturação da realidade é a mesma para línguas de culturas próximas como são as europeias, só que o conceito ou conceitos serão intensionalizados²⁰⁶, e posteriormente verbalizados, nas diferentes línguas de forma diferente: através de lexemas, frasesmas, semi-frasesmas, sintagmas, etc. Isto conduziu-nos, como vimos no capítulo 3º, a ultrapassar os limites da palavra como unidade lexicográfica, entendendo por tal uma acepção claramente delimitada de uma palavra ou de um grupo de palavras correspondentes a determinadas estruturas de conhecimento.

A teoria lexicográfica (especialmente a bilingue) deverá basear-se, como a

²⁰⁶ O Grupo μ (1987: 24-25), nas primeiras páginas da sua *Réthorique générale*, escreve sobre este tema:

«A pesar de una corriente vivaz derivada de la famosa hipótesis Sapir-Worf, amplios sectores de la lingüística, incluso en sus manifestaciones más modernas, viven todavía con la idea -implícita, evidentemente- de que los recortes de la lengua coresponden a los recortes de lo real. Ilusión (o bobada) que afortunadamente no es general: un Lakkof, por ejemplo, al elaborar una “semántica de los mundos posibles”, incluye el estudio pragmático del referente; tales “mundos posibles” no son la realidad ontológica, sino que están constituidos por las imágenes mentales del locutor. ¿Habrá de aclararse que ésta es precisamente la perspectiva del retórico?»

terminologia, num sistema referencial que seja capaz de relacionar estruturas lexicais com estruturas de conhecimento (Sager, 1993: 36). Assim, a lexicografia não só deverá tratar das propriedades formais das estruturas lexicais (morfológicas, sintácticas ou semânticas, quer dizer, sintácticas, no sentido morrisiano), mas também da maneira como as estruturas de conhecimento são representadas no léxico de uma ou mais línguas.

O acto de referência é um acto retórico em que são actualizados não só mecanismos linguísticos, mas também outros de tipo pragmático-contextual, cinésico, etc., onde o contexto de enunciação (contexto de emissão e contexto do recepção), assim como a enciclopédia ou o conhecimento do mundo que é compartilhado no acto de comunicação, proporcionam informações fundamentais. Como referíamos no capítulo 2º, devemos assumir as ferramentas lexicográficas como repositórios de alguns dos *sentidos* que as palavras adquirem em determinados contextos. Por esta razão, todos estes componentes retóricos (contextuais e enciclopédicos) deverão ter uma maior presença nas obras lexicográficas em geral, e nomeadamente no dicionário de produção, que será, assim, concebido como um dicionário-enciclopédia onde poderão ser registados alguns dos *marcos de referência* em que as palavras são utilizadas (com informação sobre as restrições de tipo contextual e co-textual que actuam sobre as elas).

Com efeito, o conhecimento do mundo assumido e compartilhado pelos intervenientes no acto de comunicação é organizado em *marcos de referência* ou *frames* que vão permitir que uma grande parte da informação não seja comunicada de maneira explícita. Os *marcos de referência* serão, como produto da estruturação do conhecimento do mundo compartilhado na interacção comunicativa, unidades básicas de conhecimento (Grishman, 1991: 169), «estructuras de datos que un individuo ha almacenado, que ponen a su disposición una visión de conjunto de las situaciones y que le permiten extraer inferencias» (Schmidt, 1990: 353).

Concebemos o *marco de referência* não como um esquema rígido, estereotipado, e com valor universal tal como é utilizado em inteligência artificial²⁰⁷

²⁰⁷ Neste sentido, Lakoff & Johnson (1991: 206) exemplificam como, não só os marcos de referência,

(esta é uma das razões que nos levou a renunciar à utilização do termo *frame*)²⁰⁸, mas como fragmentos definidos (individualizados) do *universo de referência* constituídos num momento concreto da enunciação.

Assim pois, o *marco de referência* será o conjunto de pressuposições sobre um determinado fragmento de um *modelo de mundo*, estabelecidas e compartilhadas pelos interlocutores num dado momento da enunciação. Isto permitir-nos-á conceber o mundo para o qual remete a operação de referência, o *universo do discurso*, como uma realidade fragmentada, dinâmica, mutável, em que se produzem transformações à medida que decorre a leitura ou o processo comunicativo. Com a mudança do *marco de referência*, muda o nosso horizonte de expectativas, as nossas pressuposições e as nossas implicaturas.

Assim, em última instância, sem recorrer não só à informação relativa ao contexto linguístico em que cada um dos termos ocorre, mas também à informação de tipo enciclopédico sobre o *universo do discurso* para o qual remete a acto de referência, será impossível estabelecer as correctas equivalências para o dicionário bilingue espanhol/português entre os termos que a seguir apresentamos (^P*tapar*, ^P*abrigar*, ^P*cobrir*, ^P*agasalhar*, etc.):

	^P <i>abafar</i> ^P <i>abrigar-se</i> ^P <i>acautelar</i>		^E <i>abrigar</i> ^E <i>abrigarse</i> ^E <i>arropar</i> ^E <i>cerrar</i> ^E <i>cobijar</i> ^E <i>cobijarse</i>	
--	---	--	---	--

mas também «nuestras categorías (por ejemplo, silla) no están rígidamente fijadas en términos de propiedades inherentes en los objetos mismos. Lo que se cuenta como un ejemplo de una categoría depende de nuestro propósito al usar la categoría»:

«Supongamos que alguien nos dice “Tenemos un grupo de discusión esta noche, y necesito cuatro sillas más. ¿Podrías traerlas?” Decimos, “Desde luego”, y aparecemos con una silla de respaldo alto, una mecedora, una tumbona y un cojín. Las dejo en el cuarto de estar, y digo en la cocina “Ya he traído las cuatro sillas que querías”. En esta situación mi afirmación es verdadera, ya que los cuatro objetos que he traído pueden servir como asientos para un grupo de discusión. Si en vez de eso me hubieran pedido cuatro sillas para una cena formal y yo aparezo con los mismos cuatro objetos y hago la misma aserción, la persona que me los hubiera pedido no estaría convenientemente agradecida y tomaría mi afirmación por confusa o falsa, puesto que el cojín, la tumbona y la mecedora no sirven como sillas en una cena formal.» (*ib.*).

²⁰⁸ Sobre *frames*, *scripts* e *plans* em inteligência artificial e em linguística computacional, *vd.*, por exemplo, Grishman (1991: 168-177).

5. Contexto e informação enciclopédica no dicionário

^P agasalhar		^E cubrir
^P aninhar-se		^E cubrirse
^P cobrir	?	^E echarse por
^P cobrir-se	—	^E guarecerse
^P esconder		^E hospedar
^P tapar		^E llenarse
^P tapar-se		^E salpicar
^P ajeitar a roupa		^E tapar
^P tapar a boca		^E taparse
^P tapar o buraco		^E taonar
		^E vestirse
		^E tapar la boca
		^E sacar del apuro

Compare-se, senão, os seguintes exemplos com as correspondentes traduções para o espanhol, onde se poderá constatar, depois de consultar o dicionário, que apenas a análise da estrutura linguística ou, se quisermos, a informação linguística supostamente contida nas definições lexicográficas de cada uma das palavras não é suficiente para fazer uma escolha correcta na tradução do espanhol para o português, e vice-versa, de algumas frases tomadas de um pequeno *corpus* literário do espanhol e do português (utilizamos as respectivas traduções existentes no mercado):

abafar = arropar: ^PEu ficava ali à espera algum tempo, abafado de estofos e silêncio: ^E*Yo me quedaba allí esperando algún tiempo, arropado de tapices y silencio* [Aparição]²⁰⁹.

abrigar-se = abrigarse ^PUma delas tem um alpendre [...]. Aí nos abrigamos: ^E*Una de ellas tiene un porche [...]. Ahí nos abrigamos* [Aparição].

abrigar-se = cobijarse: ^Pabrigara-se duma bâtega mais valente no alpendre da capela: ^E*se había cobijado de un chaparrón en el pequeño pórtico de la capilla* [Contos]²¹⁰.

abrigar-se = guarecerse: ^Pnem um cortelho vedado avezava para se abrigar: ^E*ni una cuadra techada tenía para guarecerse* [Contos].
^PEm caso de necessidade, podia entrar e abrigar-se dentro: ^E*Si llegase a ser necesario podría guarecerse allí dentro* [Contos].

acautelar = cobijar: ^PApenas por essa razão se tirara de cuidados e dera andamento à ideia de o acautelar de qualquer modo: ^E*Y únicamente por este motivo se había decidido a cobijarlo costase lo que costase* [Contos].

²⁰⁹ [Aparição] = Ferreira, Virgílio (1979): *Aparição*. Lisboa: Bertrand Editora; (1984): *Aparición*. Madrid: Cátedra

²¹⁰ [Contos] = Torga, Miguel (1982): *Contos da Montanha*. Coimbra; e (1981) *Novos Contos da Montanha*. Coimbra; (1988): *Cuentos de la montaña*. Madrid: Alfaguara.

agasalhar = abrigar: ^PAgasalhadas na lã, plácidas, as ovelhas pastavam: ^E*Abrigadas en su lana, plácidas, las ovejas pastaban* [Contos].

agasalhar = arropar: ^PA Constança agasalhou no chaile a nudez limpa da pequena vida: ^E*Constanza arropó con su toquilla la desnudez limpia de la pequeña vida* [Contos].

agasalhar = hospedar: ^PO homem dos Robertos, que agasalhara em casa: ^E*aque! titiritero que había hospedado en su casa* [Contos].

aninhar-se = cobijarse: ^PPresumi, absurdamente, que tivesse reventado a corrente, se tivesse aninhado no alpendre: ^E*Supuse, absurdamente, que habiendo roto la cadena, se habria cobijado en el cobertizo* [Aparição].

cobrir = cubrir: ^PUma toalha, toda estalada em brancura, cobre-lhe a boca: ^E*Un mantel, todo reventado en brancura, le cubre la boca* [Aparição].

^PO nevoeiro, que quando a mãe falou cobria apenas o monte de S. Romão: ^E*La niebla, que no cubría más que el monte de S. Romão* [Contos].

^PUma solidão de cemitério cobria tudo: ^E*Una soledad de cementerio lo cubría todo* [Contos].

^PO céu, sem nuvens, varrido, cobria-os como um tecto de cetim: ^E*El cielo, sin nubes, abierto, los cubría como un techo de satén* [Contos].

^Po bafo do rebanho a cobri-la como um cobertor: ^E*el aliento del ganado para cubrirla como una manta* [Contos].

^PUma palidez de cera cobria o rosto da infeliz: ^E*Una palidez de cera cubría el rostro de la infeliz* [Contos].

^Pà sombra de um freixo que cobria a poça: ^E*a la sombra de un fresno que cubría la charca* [Contos].

^PQuase cobrindo as últimas palavras, ouviu-se a voz áspera do altifalante: ^E*Casi cubriendo las últimas palabras, se oyó la voz áspera del altavoz* [Cegueira]²¹¹.

^Ppequenas lombas, já quase rasas, que mal cobriam os mortos: ^E*pequeñas lomas, casi rasadas ya, que mal cubrían a los muertos* [Cegueira].

^Peram só lágrimas o que lhe cobria a visão: ^E*eran sólo lágrimas lo que cubría su vista* [Cegueira].

^Po necessário [roupa] para cobrir com decência sete pessoas: ^E*lo necesario [ropa] para cubrir con decencia a siete personas* [Cegueira].

^Puma asa ainda semiaberta, cobrindo-lhe quase as patas estendidas: ^E*un ala semiabierta aún, cubriéndole casi las patas extendidas* [Aparição].

^Pdeste pó que me vai cobrindo o carro novo: ^E*este polvo que me va cubriendo el coche nuevo* [Aparição].

^PArranja-se já aí um chapeirão que o cobre todo: ^E*Sírvase ahí de un sombrero que lo cubre todo* [Aparição].

cobrir = salpicar: ^Pa água jorrou com força, esparrinhou violentamente e cobriu-a dos pés à cabeça: ^E*el agua salió con fuerza y la salpicó de pies a cabeza* [Cegueira].

cobrir = tapar: ^PMeteu-me na cama, cobriu-me, beijou-me: ^E*Me metió en la cama, me tapó, me besó* [Lulu]²¹².

²¹¹ [Cegueira] = Saramago, José (1995): *Ensaio Sobre a Cegueira*. Lisboa: Caminho; (1996): *Ensayo sobre la ceguera*. Madrid: Alfaguara.

²¹² [Lulu] = Grandes, Almudena (1989): *Las edades de Lulú*. Barcelona: Tusquets; (1990): *As Idades de Lulu*. Mem Martins: Terramar.

5. Contexto e informação enciclopédica no dicionário

cobrir = echarse por: ^Pcobriu os ombros com o xaile: ^E*se echó la toquilla por los hombros* [Contos].

cobrir-se = cubrirse: ^PNão havia outeiro encardido que se não cobrisse de lírios: ^E*No había otero parduzco que no se cubriese de lirios* [Contos].

^Pchegou o inverno, a terra cobriu-se novamente de verdura: ^E*la tierra se cubrió nuevamente de verdor* [Contos].

^Pseria o céu a cobrir-se de nuvens, a atrasar a manhã: ^E*sería el cielo, que por cubrirse de nubes atrasaría la mañana* [Cegueira].

cobrir-se = vestirse: ^Penfim cobriram-se,: ^E*al fin se vistieron* [Cegueira].

cobrir-se = llenarse: ^PMal o pessegueiro da horta do Manuel Rosa se cobriu de flores: ^E*En cuanto el melocotonero del huerto de Manuel el de la Rosa se llenó de flores* [Contos].

^PO semblante do Lomba cobria-se então da ferocidade velha e da raiva: ^E*el semblante del Lomba se llenaba de la ferocidad de antes y de la rabia* [Contos].

esconder = cobijar: ^Penquanto eu continuava ali, escondida e segura: ^E*mientras yo seguía allí, cobijada y segura* [Lulu].

tapar = cerrar: ^Pse o fogo chega lá primeiro e lhes tapa a saída, não escapa ninguém: ^E*si el fuego llega allí primero y les cierra la salida, no escapa nadie* [Cegueira].

tapar = cubrir: ^PAlguém tinha deitado a mão ao último farrapo que mal a tapava da cintura para cima: ^E*Alguien la había agarrado por el último andrajo que apenas la cubría de cintura arriba* [Cegueira].

^Pcom uma venda branca a tapar-lhe os olhos: ^E*con una venda blanca cubriéndole los ojos* [Cegueira].

^PNem mesmo ele [Deus], o céu está tapado, só eu posso ver-vos: ^E*Ni siquiera él [Dios], el cielo está cubierto, sólo yo puedo veros* [Cegueira].

tapar = cubrirse: ^PAlguns tinham tapado a cabeça com a manta: ^E*Algunos se habían cubierto la cabeza con la manta* [Cegueira].

tapar-se = cubrirse: ^P... o peso da manta sobre a ferida, de vez em quando descobria a perna, mas o frio ar da camarata obrigava-o, daí a nada, a tapar-se novamente: ^E*... el peso de la manta sobre la herida, de vez en cuando descubría la pierna, pero el aire frío de la sala lo obligaba a cubrirse de nuevo inmediatamente* [Cegueira].

tapar = tapar: ^PEsvaziou o depósito de pedra, tapou-o, deitou-lhe dentro o líquido: ^E*Vació el depósito de piedra, lo tapó, echó dentro el líquido* [Contos].

^PTapou o auscultador com a mão: ^E*Tapó el auricular con la mano* [Lulu].

^PUma madeixa comprida e descaída, pintada de louro, tapava-lhe completamente um olho: ^E*Un flequillo largo y lacio, teñido de rubio, le tapaba completamente un ojo* [Lulu].

^PO primeiro cego tapou a cabeça com a manta, como se isso servisse para alguma coisa, cego já ele estava: ^E*El primer ciego se tapó la cabeza con la manta, como si eso le sirviese de algo, ciego ya estaba* [Cegueira].

^Psentou-se na borda da cama que tapava a entrada: ^E*se sentó en el borde de la cama que tapaba la entrada* [Cegueira].

^PO fumo tapava-lhe a visão: ^E*El humo le tapaba la visión* [Cegueira].

tapar-se = taparse: ^PTapei-me como pude, com a camisola e com as mãos: ^E*Me tapé como*

pude, con el jersey y con las manos [Lulu].

tapar = taparse: ^PTapei a cabeça com o lençol: ^E*Me tapé la cabeza con la sábana* [Lulu].
^Ptapando os olhos com uma mão entreaberta: ^E*tapándose los ojos con una mano entreabierta* [Lulu].

tapar = taponar: ^PO que eu sentia como uma bola lisa ... tapou-me completamente a boca:
^E*Lo que yo percibía como una bola lisa ... me taponó completamente la boca* [Lulu].

ajeitar a roupa = arropar: ^PEle ajeitou-me a roupa, deitou-se para o mesmo lado que eu, abraçou-me, [...], e deu-me as boas-noites: ^E*El me arropó, se tendió del mismo lado que yo, me abrazó, [...] y me dio las buenas noches* [Lulu].

tapar a boca = tapar la boca: ^Pque ele tapava a boca à Amelia, que faria com que ela não desse à língua: ^E*que él le taparía la boca a Amelia, que no se chivaría por la cuenta que le traía* [Lulu].

tapar o buraco = sacar del apuro: ^PFoi o Ruço, pau para toda a colher, que tapou o buraco. Em três dias, o ladrão aprendeu o papel: ^E*Y fue el Ruço, que para todo lo aplicaban, el que la sacó del apuro. El ladrón de él se aprendió el papel en tres días* [Contos].

Comparem-se agora os sentidos que formas como ^P*tapar*, ^P*abrigar*, ^P*cobrir* e ^P*agasalhar*, por exemplo, têm nos exemplos anteriores com as acepções destas mesmas palavras recolhidas num dicionário da língua portuguesa. Reproduzimos só algumas entradas do *Porto Editora* uma vez que são menos extensas e como que uma espécie de resumo de outras mais ricas (*Aurelio, Caldas Aulete*), que apresentam uma microestrutura muito mais completa, mas cuja consulta continua a não resolver o problema aqui colocado:

tapar v. tr. cobrir com tampa, tapa ou testo; obstruir a entrada de; entupir; pôr tapume em; vedar; cercar; abrigar; abafar; esconder; cerrar; fechar; arrolhar; encobrir; vendar; v. refl. cobrir-se; abafar-se; não poder dar mais faltas, sob pena de perder o ano (estudante); ~ a boca a: fazer calar; ~ os ouvidos: não querer ouvir; ~ um buraco: suprir uma falta; pagar uma dívida. (Do gót. *tappa, «tampa» + -ar).

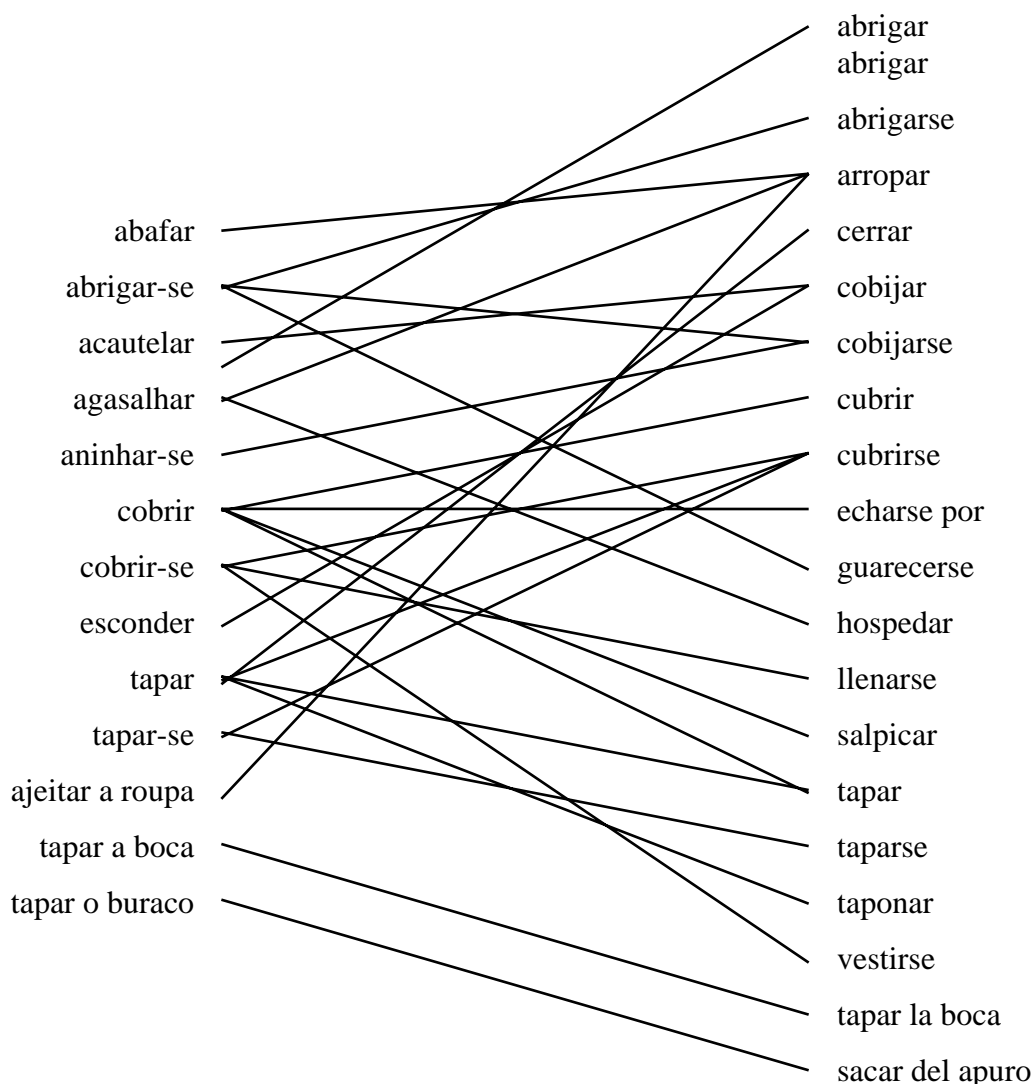
abrigar v. tr. dar abrigo ou protecção a; cobrir; acolher; defender. (Do lat. apricári, «aquecer-se ao sol; abrigar-se do frio»).

cobrir v. tr. pôr cobertura a; tapar; ocultar; adornar; atapetar; abrigar; proteger; abafar; padrear; estar sobre, por cima de; encher; preencher; exceder; v. refl. abafar-se; pôr o chapéu; toldar-se. (Do lat. cooperire, «cobrir completamente»).

agasalhar v. tr. dar agasalho a; proteger; arrecadar; hospedar; v. refl. abrigar-se; abafar-se. (Do lat. *ad-gasaliáre, do gót. gasalja, «companheiro»).

Vejam agora as relações que se estabelecem entre os termos portugueses e

os diferentes equivalentes propostos no pequeno *corpus* referido:

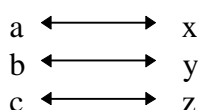


O desenho que se configura no esquema anterior lembra-nos a metáfora dos holofotes de Geeraerts, recolhida por Silva (1997a: 588), segundo a qual a significação deve ser entendida como um fenómeno flexível e processual, não discreto, uma vez que os significados não são como as coisas, entidades separáveis, contáveis:

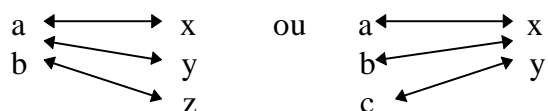
«Metaforicamente falando, as palavras não são *pacotes de informação* (metáfora conceptual depositada na nossa mente e frequentemente verbalizada nos termos que utilizamos para falar das palavras); as palavras são antes, diz Geeraerts [...], *holofotes* que se movem e que, em cada aplicação efectiva, iluminam uma porção particular de todo o seu domínio de aplicação. O número de porções ou subconjuntos que podem ser iluminados não é determinado mas também não é

infinito, e entre esses conjuntos alguns são preferenciais.» (ib.)²¹³.

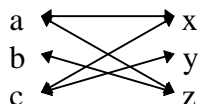
Mas não se pode conceber um dicionário bilingue (e, nomeadamente, um dicionário automático bilingue) em que se estabeleçam relações como as que se representam no esquema anterior entre a língua de partida e a língua de chegada. O lexicógrafo deverá transformar todas as relações existentes entre a língua de partida e a língua de chegada em relações biunívocas, do tipo:



eliminando, na medida do possível, relações unívocas do tipo:



ou multívocas, como era o caso do quadro com os equivalentes de espanhol e português acima representado:



Para tal, as possíveis generalizações feitas só poderão ser levadas até ao ponto que esta regra das relações biunívocas permitir: se qualquer generalização, ou regra, leva ao estabelecimento de relações unívocas ou multívocas entre L1 e L2 dever-se-á prescindir da mesma para passar a descrever o fenómeno por extensão, por meio de listagens.

Neste sentido, assim como «la réduction de la polysémie par l'analyse des emplois, des valeurs et des sens» (vd. Rey, 1979: 52) caracteriza a técnica terminológica, idealmente, também o fenómeno da polissemia deverá ficar reduzido no dicionário a uma “monossemia (provisória) no discurso”, a uma relação mais ou menos extensa, mas finita, de palavras e grupos de palavras que constroem o seu

²¹³ Já em 1958, E. Nida (1958: 282) contestava a concepção do significado de uma palavra como sendo o denominador comum a todas as situações em que o termo é empregue (vd. *supra* nota 78).

significado no discurso:

«Quer isto dizer que os significados não são propriamente dados mas *construídos*: os significados são, fundamentalmente, *interpretações* ligadas a um contexto particular. Mas alguns (os prototípicos) têm mesmo uma função *interpretativa*: através deles, a palavra estende-se a novas aplicações e, graças a eles, podemos interpretar os vários usos de uma palavra» (Silva, 1997a: 588).

O pensamento pós-estruturalista, em geral, deixará de entender o significado permanentemente ligado a um significante, passando os significados das palavras a dependerem, também, dos contextos linguísticos (co-texto) e dos contextos situacionais e, desta maneira, reduzindo-se significativamente os verdadeiros casos de polissemia. A nossa concepção do dicionário, como repositório de amostras de significado que as palavras adquirem em determinados contextos, assume este princípio.

Como vimos no capítulo anterior, e como a linguística de *corpus* mostrou, as diferentes acepções de uma palavra são, também, os sentidos que essa palavra adquire juntamente com outras unidades lexicais com as que ocorre num determinado co-texto (*vd. infra* no capítulo 6º, o caso da identificação de uma das acepções da palavra *ouvido* com a colocação *ter [bom / mau] ouvido*, por exemplo).

Quanto ao contexto, quando a pragmática linguística destaca a importância do papel dos agentes da comunicação nos estudos semânticos, está a afirmar a dependência do significado relativamente à natureza do emissor e do(s) receptor(es), os quais nunca se apresentam em estado de nudez psíquica (Lewandowski, 1986: 68, *s. v. comunicación de masas*).

John R. Searle, em *Speech Acts* (1980: 77), fala de duas condições necessárias para que um falante possa realizar com êxito um acto de referência. São os chamados *axiomas de referência*: o *axioma de existência* e o *axioma de identidade*:

«Necessary conditions of a speaker's performing a fully consummated definite reference in the utterance of an expression are:

1. There must exist one and only one object to which the speaker's utterance of the expression applies (a reformulation of the axiom of existence) *and*
2. The hearer must be given sufficient means to identify the object from the speaker's utterance of the expression (a reformulation of the axiom of identification).» (Searle, 1980: 82).

Akmajian, Demers e Harnish (1987: 333-335) denominam *condição preparatória* a primeira condição (*axioma de existência*) estabelecida por Searle, e *condição essencial* a segunda (*axioma de identificação*). Para Akmajian *et al.* (*idem*: 334), faz parte da *condição preparatória* do acto de referência o facto de os participantes, no acto de comunicação, terem presente *na mente* uma série de dados que permitem identificar o referente. De facto, deveríamos considerar a *empatia*, a capacidade de reconhecer estados mentais de outrem, assim como a sua estrutura e funcionamento na interacção (Frith, 1991: 215), como uma capacidade prévia, ou até como condição *sine qua non*, para que se possa dar o *princípio de cooperação* de Grice (1991). Uma prova de que os intervenientes na interacção comunicativa *cooperam* é a sua contribuição para a identificação dos referentes, especialmente quando o *princípio de identificação*, a segunda condição estabelecida por Searle, não é explícito ou simplesmente não é demasiado claro.

Poderíamos dizer, seguindo as teses de Uta Frith (1991), que este estado de nudez psíquica é o que caracteriza as crianças autistas, incapazes de reconhecer um modelo de mundo diferente do seu próprio, pelo que são incapazes de partilhar *universos de referência* que não fossem estabelecidos prévia e explicitamente. Para Uta Frith será justamente a incapacidade de reconhecer estas assunções prévias nos seus interlocutores, de *empatizar* com outros estados mentais, que explica a incoerência nos discursos da criança autista, assim como as deficiências nos seus actos interactivos, provocando o que se chama a *solidão* autista: «Podemos suponer que éste [a criança autista] no hace ninguna distinción entre el contenido de su propia mente y el de la mente de los demás. Por eso, ni siquiera se plantea el problema de compartir ese contenido» (*idem*: 206).

Na criança autista falharia, como pode acontecer com alguns discursos incoerentes do ponto de vista pragmático-contextual, o que Bakhtin chama *hermenêutica da vida* quotidiana (Bajtin, 1991: 155), ou o que Strawson (*apud* Blecua, 1986: 26) chama *princípio de pressuposição do conhecimento*.

Um elemento muito importante para o funcionamento da referência e, principalmente, da co-referência como dispositivos explicitadores de coerência

5. Contexto e informação enciclopédica no dicionário

textual, são as *pressuposições* estabelecidas a partir da *enciclopédia* ou *conhecimento do mundo* assumido e compartilhado pelos participantes no acto de comunicação, na sua capacidade de estabelecer relações coerentes entre os factos da realidade que comunicam (Bernárdez, 1982: 121). Temos assim uma competência enciclopédica constituída, segundo U. Eco (1981: 31), por *frames* ou quadros de eventos possíveis e prováveis:

«Normalmente (insisto en que “normalmente”: una competencia enciclopédica se basa sobre datos culturales aceptados socialmente debido a su “constancia” estadística) se conocen leones en tres situaciones: en la selva, en el circo y en el zoológico. [...] Selva, zoológico y circo son circunstancias (semiotizadas en la medida en que están registradas por la enciclopedia) en que puede producirse el lexema [león].» (*idem*, 30).

Beneficiando das achegas trazidas pela pragmática e a semântica-extensional, ou referencial, o lexicógrafo deverá incorporar na análise e descrição lexicográfica de uma língua o conjunto de dados enciclopédicos que conformam o conhecimento do mundo compartilhado pelos interlocutores, uma vez que, como acabámos de ver, um texto será coerente se o referente de cada enunciado for relevante não só no que respeita aos enunciados prévios (e seus referentes), informação que não poderá ser, evidentemente, registada nos dicionários, mas também no que respeita à realidade denotada, ao mundo, ou complexos de mundos (reais ou possíveis), a que fazem referência as unidades lexicais que o conformam (e esta informação já pode ser de alguma maneira consignada nos dicionários). Mas isto só será possível se concebemos os referentes de um texto como *modelizações*, como *representações mentais* das *coisas*, e do *mundo*, intensionalizadas nesse texto. As regras que conformam o referente do discurso enunciado são estabelecidas segundo um *modelo*²¹⁴ *de mundo*, o *universo do discurso*, que pode coincidir com o mundo real, mas também com um mundo imaginado, suposto, sonhado, desejado, um mundo parcialmente real e parcialmente imaginário, etc.

Porém, é bastante generalizada a concepção do referente como sendo uma entidade (principalmente um objecto) efectivamente existente no mundo real, à qual se refere uma expressão, enquanto o termo *intensão* é reservado para designar "o

²¹⁴ Sobre o termo e o conceito de *modelo*, *vd. supra* nota 90.

conceito" a que uma expressão se refere²¹⁵. Assim, quando Ch. Morris afirma que, no seu modelo semiótico, todo o *signo* tem um *designatum*, mas nem todo o signo tem um *denotatum*²¹⁶, pensamos que novamente se está a identificar o *denotatum* com "objecto existente no mundo real":

«Esta distinción permite explicar por qué se puede buscar en la nevera una manzana inexistente, o por qué pueden emprenderse preparativos para vivir en una isla que tal vez nunca ha existido o que hace largo tiempo que desapareció bajo el mar.» (Morris, 1985: 30).

Ao conceber os *denotata* (a *extensão*) como realidades extralinguísticas ou objectos do mundo real, ao mesmo tempo está-se a conceber, por defeito, os *designata* (a *intensão*) como realidades linguísticas, identificando com as linguagens naturais a capacidade de pensar, de sentir, de conceptualizar. Pensamos, todavia, que os conceitos, as ideias, os pensamentos, os sentimentos, e tudo «aquilo de que se não pode falar» que nos lembra Wittgenstein no seu *Tratado Lógico-Filosófico* (§ 7) (1987: 142), têm eles também um carácter extralinguístico até ao momento da sua *intensionalização* textual.

²¹⁵ É esta identificação do referente com um objecto real que subjaz a afirmações como: «enquanto o termo "extensão" designa o *conjunto de objectos* que uma expressão denota, o termo "intensão" designa o conceito ou significado dessa expressão» (Mateus *et al.*, 1989: 57, nota de rodapé) (o sublinhado é nosso).

²¹⁶ A concepção triádica do signo é representada de formas diversas na tradição filosófica, semiótica e linguística ocidentais. São sobejamente conhecidas as propostas de C. K. Ogden e I. A. Richards (1984: 36), com os termos e os conceitos de *símbolo*, *pensamento*, ou *referência*, e *referente*. No esquema de Ch. S. Peirce (*apud* Eluerd, 1985: 49), os termos e os conceitos são os de *representamen*, *interpretante* e *objecto*. Ch. Morris (1985: 27-30) diferencia entre *signo* (ou, melhor, *veículo sígnico*), *designatum* e *denotatum*. O *denotatum* seria o referente, as *coisas* realmente existentes representadas pelo *designatum*, que seria aquilo a que o signo se refere segundo as propriedades consideradas pelo intérprete, o *sentido* que o signo adquire, as diferentes maneiras que o intérprete pode utilizar para se referir ao *denotatum*. Um *denotatum* (por exemplo, a pessoa existente no mundo real que responde ao nome de Mário Soares) pode ter várias *designata* (*Mário Soares*, *Presidente da República*, etc.). Já no campo da linguística, a proposta que apresenta J. Lyons (1974: 404) acrescenta o conceito de *referente* à dicotomia saussureana *significante* / *significado*. Este esquema é adaptado por J. S. Petöfi (*apud* Albaladejo, 1986: 42) a uma dimensão textual, ao substituir o termo *palavra* por *expresión lingüística*, que abrange unidades superiores à palavra. Petöfi incorpora os conceitos de *Sinn* e *Bedeutung*, de Frege e de *intensão* e *extensão*, de Carnap. Sobre a genealogia do modelo triádico da significação linguística, *vd.* Rastier (1990).

Será a necessidade de incluir o *referente* na análise e descrição do signo linguístico que levará a introduzir o par opositivo *extensão / intensão*, alargando assim para três partes o esquema estruturalista bipartido do signo linguístico. Neste aspecto seguiremos Roland Eluird (1985: 50)²¹⁷, afastando-nos das propostas que concebem o referente, os elementos semântico-extensionais, como entidades extralinguísticas. Assim, concebemos *o signo* incluindo a totalidade das partes representadas em cada um dos esquemas apresentados, quer dizer, incluindo o *referente / extensão / Bedeutung*. Mas, por sua vez, entendemos este último conceito, o componente semântico-extensional ou referente, num sentido mais alargado, isto é, como uma *modelização*, uma *representação mental* (Frith, 1991: 234) das *coisas* (de um determinado mundo) intensionalizadas num texto, o que nos levará a falar em *referente textual*.

Com a integração da dimensão semântico-extensional na análise e descrição linguísticas (através da sua intensionalização textual, como veremos a seguir), alarga-se o objecto de análise da semiótica linguística ao referente, tradicionalmente considerado como elemento extralinguístico. Isto leva-nos a diferenciar entre *o mundo de que se fala*, o mundo recriado, ou melhor, instituído, nos produtos verbais, e *o mundo em que se fala*, exterior às línguas naturais. O mundo de que se fala não tem correspondência com o mundo empírico, pois, ao falar não se constroem mundos reais, no sentido de extralinguísticos (salvo Deus, no *Génesis*). Não se falam *casas* ou *livros* (não se “deitam” estas *coisas* pela boca fora)²¹⁸. Um determinado produto verbal é sempre o resultado da configuração linguística do mundo a que se faz referência.

Consideramos *estrutura de conjunto referencial* ou *dimensão semântico-*

²¹⁷ Contudo, para Eluird (1985: 5) estes esquemas, salvo no caso do de Ch. S. Peirce, não representam concepções triádicas do signo, mas diádicas disfarçadas: a associação de um símbolo e uma referência.

²¹⁸ Isto lembra-nos determinadas concepções mágicas que algumas culturas têm do acto de referência, onde, por razões de tabu, opta-se por fazer a referência indirectamente, por meio de nomes genéricos e pouco informativos. Os antigos oradores reconheciam também à retórica um valor especial, até mágico (Tovar, 1990: v). O mesmo poderíamos afirmar, quiçá, para determinados discursos persuasivos actuais.

extensional do texto só aquela parte da realidade que é comunicada pelo texto. O estudo da extensão textual deve fazer-se através da sua intensão textual, quer dizer, através do resultado da configuração linguística do conjunto referencial ou extensão, isto é, do resultado da intensionalização da extensão (Albaladejo, 1986: 45-53)²¹⁹. Só assim é que poderemos combater os posicionamentos teóricos que concedem ao estudo da referência um carácter extralinguístico²²⁰. A concepção triádica do signo

²¹⁹ Neste sentido, num clássico dos estudos retóricos modernos, H. Lausberg (1966: § 45 e 255) afirmava que todo o discurso ou toda a obra de arte verbal (*opus*) consta do objecto de que trata (*res*) e da sua formulação por meio da linguagem (*verba*).

²²⁰ Também para I. Mel'chuk, o principal responsável do modelo lexicográfico que escolhemos para a classificação das unidades pluriverbais, só o Modelo Sentido-Texto, identificado como Modelo II, que estuda a correspondência entre as representações semânticas e as representações fonéticas, é o objecto genuíno da linguística (Mel'chuk, 1992: 14). Para este modelo, o estudo das relações entre a realidade e a sua representação semântica não faz parte da linguística: «El Modelo I, o Modelo Realidad-Sentido, es el objeto de una ciencia que no existe como disciplina unificada. Su dominio está distribuido entre la filosofía, la psicología, la ciencia cognitiva, la lógica, la documentación y la inteligencia artificial (Alonso Ramos, 1993: 19).

No modelo de János S. Petöfi (*TeSWeST*) e, embora em menor medida, no modelo de estrutura textual elaborado por T. A. van Dijk, reconhece-se a necessidade de conceber a semântica como uma teoria tanto do significado como da referência, isto é, tanto do significado lexical como das condições de significação geral determinadas pelo conhecimento do mundo dos participantes no acto de comunicação verbal. No primeiro, esta incorporação da semântica extensional ou semântica do mundo adquire um carácter predominante. Para Petöfi, o estudo das estruturas cognoscitivas em geral deve formar parte dos estudos linguísticos, dentro do campo que denomina semântica-extensional. Embora seja difícil explicitar este tipo de conhecimento do mundo, a semântica deve proporcionar-nos uma resposta à questão de como é que usamos este conhecimento na codificação e descodificação textual, formulando as condições que tornam significativos os diferentes enunciados que os compõem (*cf.* van Dijk, 1980b: 33). Sobre a *Teoria de Estrutura do Texto e da Estrutura do Mundo*, conhecida por *TeSWeST* (acrónimo de *Textstruktur-Weltstruktur-Theorie*), *vd.* Bernárdez, 1982: 165-176; Petöfi e García Berrio, 1978: 53-98; Aguiar e Silva, 1988: 294-297; Chico Rico, 1987: 39; Albaladejo, 1986: 50-53; Conte, 1977: 20-22 e 45-48).

Van Dijk (1980b: 33, 91, *et passim*), pelo contrário, considera fora do objecto de estudo da linguística os aspectos de tipo semântico-cognoscitivo e, em particular, o estudo da aquisição, representação e uso do *conhecimento do mundo* por parte dos intervenientes na comunicação linguística. Contudo, na mesma obra, van Dijk (*idem*: 33) reconhece a importância de conceber a semântica como uma teoria com capacidade para explicar a inaceitabilidade dum enunciado como *a mesa está a rir*, devido às possibilidades dos factos do nosso mundo real. O próprio autor reconhece também a importância da ordenação dos conhecimentos enciclopédicos dos participantes na

linguístico só tem sentido se assim for, caso contrário, estaríamos, como afirma R. Eluerd (1985: 50), perante concepções diádicas disfarçadas.

5.2. Léxico comum vs. léxico terminológico

«[...] terminology is a means of representing all the knowledge relating to a particular term, for example, its linguistics and conceptual data.»

(Thomas, 1993: 43)

Embora a Associação Internacional de Terminologia entenda que a *Terminologia* «em primer lugar es una disciplina lingüística, interpretando lingüística en el más amplio sentido, que hace especial hincapié en la semántica (sistema de significados y conceptos) y en la pragmática» (Sager, 1993: 23), é frequente os manuais de linguística assumirem uma clara distinção entre lexicografia e terminologia (ou terminografia) como técnicas diferentes, por um lado, e entre léxico comum e léxico terminológico, por outro. É evidente que existem diferenças entre o tratamento lexicográfico e o tratamento terminológico (ou terminográfico) das unidades linguísticas. Porém, não será assim tão evidente a fronteira entre o chamado léxico comum e o léxico terminológico.

5.2.1. Lexicografia vs. terminologia

Há razões extrínsecas e intrínsecas à natureza das duas disciplinas que explicam a separação e até o receio com que uma olha para a outra:

— o esforço por parte dos paradigmas dominantes da linguística em se tornarem “científicos” (*cf. supra* § 2.1.5), que levou a linguística a fugir do

comunicação quando recorre a conceitos como o de *frame* ao estabelecer as relações de coerência entre os enunciados de um texto. (*idem*: 156-163, 235-238). Qualquer texto contém, como elemento básico para a sua interpretação, um *frame*, ou *marco de referência*, cuja identificação é fundamental para a sua interpretação semântica.

pragmatismo assumido sem complexos pela terminologia e pela lexicografia (esta já com algum complexo);

— o facto de os terminólogos terem antecedentes e âmbitos de trabalho diferentes, quer dizer, o facto de os terminólogos não serem linguistas *strictu senso* e, nomeadamente, não fazerem parte dos departamentos de linguística das universidades e centros de investigação²²¹;

— o facto real de que a informação fornecida pela lexicografia e pela terminologia, assim como os métodos de trabalho, não coincidem totalmente.

Este último ponto é, com efeito, o que pode fazer afastar significativamente, mais do que as duas disciplinas, o produto do trabalho do lexicógrafo (o dicionário) e o produto do trabalho do terminógrafo (o dicionário terminológico ou banco de dados terminológico), uma vez que estes últimos «sont conçues par des documentalistes plus que par des linguistes, en sorte qu’elles conduisent plus à des fragments de textes et à leurs références bibliographiques qu’à des précisions sémantiques et grammaticales» (Lerat, 1995: 97).

Boulanger (1993: 15) afirma que, desde a década de 60 (com a obra de Wüster), parece haver um esforço para demonstrar as componentes extralinguísticas da terminologia. Embora achemos que este esforço de independentização por parte dos terminólogos seja legítimo, e embora seja verdade que pode haver aspectos da terminologia, como pode ser a sua importante componente normalizadora, que ultrapassem as fronteiras da linguística (entendida esta em sentido imanente, como a entende o estruturalismo europeu e o generativismo norte-americano), não podemos deixar de reconhecer que estamos dentro do campo da linguística a partir do momento em que os raciocínios da terminologia «se pueden aplicar casi universalmente a cualquier lengua» (*idem*, 16) e, nomeadamente, porque

²²¹ A questão tem duas vertentes: por um lado o facto de os linguistas não aceitarem os terminólogos como linguistas —talvez mais por uma questão de dependência académica ou «dépendance institutionnelle (esprit de chapelle)» (Lerat, 1995: 16)—; por outro, o facto de a terminologia ter nascido a partir da necessidade de engenheiros e cientistas regularem e prescreverem o “bom uso” da terminologia, entendida como sendo uma linguagem artificial, pelo que, «consecuentemente, se percibió la terminología como una materia que dejaba a un lado todo lo concerniente a lenguaje

5. Contexto e informação enciclopédica no dicionário

«La terminología trata de conceptos y, por tanto, de estructuras del conocimiento sólo en la medida en que están representados en el léxico de la lengua. Una teoría de la terminología se basa, primordialmente, en un sistema referencial que relaciona las estructuras de conocimiento con las estructuras léxicas...» (Sager, 1993: 36).

Afirmar o carácter linguístico da terminologia não significa negar-lhe outras componentes pertencentes a áreas do saber diferentes da linguística. Sager (1993: 19) rejeita este «estado independente de la terminología como una disciplina», mas não para incluí-la exclusivamente dentro do campo da linguística, uma vez que «Los aspectos esenciales de la terminología se dejan explicar más apropiadamente en el contexto de la linguística, de las ciencias de la información y de la linguística informatizada» (*ib.*).

Alguns linguistas e terminólogos utilizam a distinção entre língua geral e língua de especialidade²²² para se referirem, respectivamente, ao objecto de estudo da lexicografia e da terminologia, quanto a nós, erradamente. Em primeiro lugar porque, como indica Rey (1979: 52-54), a terminologia não deve ser confundida com uma lexicografia de domínios especiais:

«les critères de définition, le statut de l'exemple (ou contexte), la réduction de la polysémie par l'analyse des emplois, des valeurs et des sens sont bien différents dans un dictionnaire générale et dans un vocabulire technique (*idem*, 529).

Em segundo lugar, porque a distinção entre língua geral e língua de especialidade está longe de ser consensual (Bergenholtz & Tarp, 1995: 16-20). Para uns autores, as línguas de especialidade são subconjuntos do conjunto “língua geral” uma vez que se trata de mais uma variedade linguística; outros defendem a posição contrária, segundo a qual a língua geral é um subconjunto das línguas de especialidade, uma vez que qualquer língua de especialidade, para além de utilizar os termos da língua geral, usa também os termos que lhe são próprios. Há quem defenda que, do ponto de vista comunicativo, são níveis totalmente diferentes de linguagem, entre os quais não há pontos de contacto; e, finalmente, há quem pense que tal diferença entre língua geral e língua de especialidade não deve ser conservada e que

natural y a la lingüística» (Sager, 1993: 28).

²²² Conceitos às vezes referenciados pelos termos ingleses “language for general purposes” (LGP) e “language for special purposes” (LSP).

cada variedade linguística é uma língua de especialidade no seu contexto, contextos em que serão necessários graus diferentes de “habilidade” linguística (*idem*, 18).

Em terceiro lugar, porque, este argumento parece querer distinguir mais do que entre as técnicas lexicográfica e terminográfica, entre um suposto léxico comum e um léxico terminológico, questão que seguidamente trataremos.

Por último, é muito frequente caracterizar o modelo lexicográfico como sendo de natureza predominantemente semasiológica, enquanto o terminográfico caracterizar-se-ia pela sua orientação onomasiológica (*vd.*, por exemplo, Vilela, 1995: 91). Mas, é evidente que nem toda a lexicografia tem uma orientação semasiológica. Como sabemos, existe uma importante tradição onomasiológica que, para as línguas europeias, culminou com a elaboração de vários dicionários ideológicos ao longo dos séculos XIX e XX (*vd.* Martínez de Sousa, 1995, *s.v.* **dicionario ideológico**). Estreitamente relacionados com a orientação onomasiológica dos dicionários estão os dicionários de sinónimos e os dicionários codificadores ou produtores, muitas vezes identificados erradamente com dicionários onomasiológicos (*vd. supra* § 1.2.3):

«at the functional level, “lexicography has the primary aim of helping readers to interpret texts, whereas terminology aims to help writers produce texts”. He contrasts the two disciplines at the structural level in the following manner: “lexicography follows a semasiological line, from words to their meanings, whereas terminology adopts an onomasiological model, proceeding from concepts (as defined by a text) to the terms that designate them”.» (Thomas, 1993: 44).

Reduzir o trabalho lexicográfico apenas à produção de dicionários de orientação semasiológica especialmente orientados para a descodificação textual significa desconhecer o que de mais importante se está a fazer neste momento na área da lexicografia.

Contudo, é evidente que existem diferenças entre os produtos do trabalho terminológico e do trabalho lexicográfico. Mas, como veremos (*vd. infra* § 5.2.2) a diferença entre um dicionário terminológico e um dicionário de língua não estará tanto no tipo de unidades utilizadas —o que na prática corresponderá à selecção das entradas (nomenclatura ou macroestrutura) do dicionário terminológico e do dicionário de língua— como no tipo de definição utilizada e, principalmente, no tipo

de traços seleccionados para caracterizar e identificar o referente em questão.

Compare-se, por exemplo, as definições a seguir apresentadas, tomadas de um dicionário de língua e de um dicionário terminológico:

anel *s. m.* [...] (zool.) cada uma das partes constituintes do corpo segmentado de alguns animais, também denominada segmento, zoonito e meridiano; ... (*Porto Editora*)

anel [m] [...] (Ana.) Nos anelídeos, cada uma das múltiplas porções delimitadas por estrias circulares que se seguem umas às outras ao longo do eixo ântero-posterior do corpo, que correspondem (excepto nos hirudínídeos) aos segmentos, e que representam a manifestação externa da segmentação do tronco. (Garrido, 1997: s. v. 117 **anel**)²²³

boca *s. f.* cavidade que forma a primeira parte do aparelho digestivo e pela qual se introduzem os alimentos; ... (*Porto Editora*).

boca [...] (Ana.) Região e orifício anterior do aparelho digestivo (situado na cabeça e munida em regra de químio e mecanorreceptores) por onde ingressam os alimentos no corpo e responsável, frequentemente, pela apreensão e mastigação dos mesmos. (Garrido, 1997: s. v. 332 **boca**).

No dicionário terminológico, o termo será definido como um conceito inserido no âmbito restrito de uma teoria científica ou tecnológica:

«...la substancia conocida como cloruro férrico, FeCl₃, se representa mediante un concepto en electrónica, donde se utiliza para las placas de circuito impresas, y por otro concepto en la tecnología textil, donde se utiliza como mordiente» (Sager, 1993: 39).

É, portanto, mais uma questão de representação de conhecimentos do que propriamente linguística. As representações científicas de um determinado fragmento do mundo não coincidem necessariamente com as representações quotidianas ou populares que uma determinada comunidade (definida linguística e culturalmente) faz dessa mesma porção da realidade:

«Science is, or tries to be, universal and to reflect the knowledge accumulated by humanity as a whole (and, more specifically, by the professional experts in different fields of knowledge); languages are not universal, and each of them reflects the experience of a particular part of humanity, united by a common culture and a common existential framework (not the experience of any local experts but that of the 'people-in-the-street').» (Wierzbicka, 1995: 296).

²²³ Garrido, C. (1997): *Dicionário terminológico quadrilíngue de Zoologia dos Invertebrados. Alemán, Inglês, Espanhol, Galego-Português*. Corunha: Associação Galega da Língua.

Já veremos a seguir (*vd. infra* § 5.3 e capítulo 7º) como, numa mesma obra lexicográfica, poderá definir-se o sentido de ^P*ovo* como ‘alimento’, dentro do marco de referência da linguagem quotidiana, ou como ‘célula’, dentro do marco de referência da Biologia. Como veremos no capítulo 7º, qualquer alteração no tipo de registo utilizado (informação enciclopédico-cognitiva) poderá implicar uma mudança no tipo de definição. Não se deverá utilizar uma definição de tipo científico para definir-se uma acepção correspondente a um uso quotidiano de uma palavra e vice-versa, misturando, como escreve Lerat (1995: 151), critérios, ou verdades, científicas com verdades empíricas.

Este autor apresenta um exemplo de como uma definição de tipo terminológico pode não coincidir com uma definição na língua geral, não só pelo tipo de redacção utilizada mas também porque, o que é mais surpreendente, as conceptualizações (as intensionalizações, os traços utilizados para identificar os referentes) não coincidem nos dois níveis: em francês, *corneille* e *corbeau* são considerados como sinónimos ao nível da língua corrente, mas não num dicionário de ornitologia:

«Ainsi, tel dictionnaire, se fondant sur l’ornitologie, oppose la corneille au corbeau parce qu’elle n’est pas un passereau contrairement au corbeau proprement dit [...], tel autre y voit “un oiseau du genre corbeau”, en se fondant sur le sens commun.» (Lerat, 1995: 151).

O mesmo acontece no português. Veja-se por exemplo, a definição de ^P*corvo* e ^P*gralha* no dicionário da *Porto Editora*:

corvo *s. m. (ornit.)* nome vulgar extensivo a uns pássaros da fam. dos Corvídeos, de bico e plumagem pretos, comuns em Portugal, alguns dos quais também conhecidos por gralha e grelha; modilhão; ...

gralha *s. f. (ornit.)* nome vulgar comum a uns pássaros pertencentes à fam. dos Corvídeos, comuns em Portugal, e também conhecidos por corvo, corvelo, choi, grelha; (*ornit.*) o m. q. abelharuco (pássaro); ...

Em rigor, a etiqueta “(*ornit.*)” no *Porto Editora* não marca neste dicionário definições terminológicas das palavras ^P*corvo* e ^P*gralha* face a outras acepções correntes (isto é, da língua geral) uma vez que, como vimos, identifica ^P*corvo* com ^P*gralha*. De facto, como indica Lerat (1995: 164), este tipo de etiquetas no dicionário

de língua não supõem um tratamento terminológico da palavra:

«La marque d'usage MEDECINE est ici une connotation sociale comme une autre, une connotation technique (de "technolecte"). C'est un domaine d'expérience au sens de Bernard Pottier (par opposition à un domaine de connaissance au sens documentaire), qui renvoie donc non seulement à la langue du médecin, mais aussi à celle du patient, ou plutôt de son porte-parole autorisé, l'écrivain (qui peut effectivement être lui-même médecin ou malade). Il faut donc bien voir que la marque d'usage n'induit absolument pas un traitement terminologique.» (*ib.*).

A diferença entre as definições de acepções marcadas com etiquetas correspondentes a domínios de conhecimento (por exemplo, no *Porto Editora: anat., biol., bot., dir., econ., fil., medic., náut., zool., etc.*) e as definições correspondentes a essas mesmas acepções num dicionário terminológico é bem significativa na maior parte dos casos:

casulo *s. m.* invólucro filamentosso construído pela larva do bicho-da-seda e de outros insectos; ... (*Porto Editora*).

casulo [...] (*Eco.; Fis.*) Coberta protectora em que se encerra a derradeira intermuda larvar dos insectos holometabólicos para sofrer a pupaçom (nela permanece a pupa e o adulto antes de emerger), a qual é formada exclusivamente por seda segregada polo animal nalguns Neuroptera e Trichoptera, muitos Lepidoptera e Hymenoptera, e nos Siphonaptera, e por materiais estranhos (lascas de madeira, partículas de terra, pedrinhas, etc.) aglutinados por fios de seda noutros grupos.... (Garrido, 1997: *s.v.* 556 **casulo**).

larva *s. f.* (*biol.*) embrião que se torna livre, abandonando normalmente os invólucros ovulares ou o organismo progenitor. (*Porto Editora*).

larva [...] (*Var.*) **1.** Nos animais que mostram um desenvolvimento indirecto, cada umha das formas sexualmente imaturas, ecológica, morfológica e estruturalmente diferentes do adulto, que se vam sucedendo, com metamorfose, depois do desenvolvimento embrionário até atingir-se o estágio adulto, apto para a reprodução; **2.** Nos Nematoda (animais de desenvolvimento directo com quatro mudas), cada um dos estádios juvenis (indivíduos incapazes de reprodução, mas estruturalmente semelhantes aos adultos), que antecedem ao estágio adulto; **3.** Nos aracnídeos da ordem Araneae (aranhas), que mostram desenvolvimento directo, segunda etapa do desenvolvimento pós-embrionário, surgida da pré-larva, e que originará a ninfa que sai do casulo.

NOTA: Nos insectos, falando-se com rigor, apenas som *larvas* os estádios imaturos das ordens de holometabólicos (em que existe intermuda pupal e as asas se formam internamente: metamorfose completa); os estádios imaturos dos insectos hemimetabólicos (que carecem de intermuda pupal e apresentam asas externas reduzidas: metamorfose incompleta) denominam-se *ninfas* (ou *náiades* aquáticos). (Garrido, 1997: *s.v.* 2102 **larva**).

Isto leva-nos a definir o dicionário terminológico segundo critérios que têm

a ver mais com os seus usuários do que com a língua ou o seu léxico (critérios linguísticos):

«Generally called 'technical' dictionaries, they serve for the most part specific trades or occupations from brewery to road construction, production engineering or computer software, and are intended as an aid to communication between people working in these fields and outsiders, or between specialists in a field speaking one natural language and their counterparts speaking a different language.» (Opitz, 1983: 55).

A divisão da estrutura global do conhecimento em áreas temáticas ou disciplinas convencionais é uma necessidade prática, fruto da impossibilidade de qualquer indivíduo ou grupo de indivíduos dominar a estrutura global de conhecimentos de uma comunidade linguística (Sager, 1993: 39). Mas isto não significa que as fronteiras entre estas áreas temáticas e os termos e conceitos correspondentes estejam claramente delimitadas, daí a impossibilidade de fazer uma distribuição exaustiva dos termos entre as diferentes áreas temáticas —com consequências lexicográficas ao nível do etiquetado (*vd. infra* capítulo 7º)— assim como uma separação entre termos das diferentes linguagens especializadas e palavras correntes:

«Iguual que en las distintas disciplinas se superponen, los espacios temáticos se entrelazan, aunque la dimensionalidad y la configuración relativa de los elementos variará de subespacio a subespacio. Para citar solamente un ejemplo práctico, la substancia conocida como cloruro férrico, FeCl₃, se representa mediante un concepto en electrónica, donde se utiliza para las placas de circuito impresas, y por otro concepto en la tecnología textil, donde se utiliza como mordiente» (*ib.*).

Ao entender a distinção entre dicionário de língua e dicionário terminológico nestes termos, estamos a aproximar-nos da diferença que Umberto Eco (1988) estabelece entre dicionário e enciclopédia. Seguindo parcialmente²²⁴

²²⁴ Parcialmente, porque Eco utiliza também a dicotomia denotativo/conotativo para distinguir entre contexto científico e contexto de fala popular (*cf. infra* § 5.2.1):

«E agora, se encontrarmos “baleia” num contexto contemporâneo, teremos à nossa disposição duas outras seleções contextuais. Se o contexto é de tipo científico, teremos uma **hierarquia de propriedades denotadas** dependentes das notações primárias [...], enquanto se o contexto é o do discurso popular ou comum, teremos uma **série não organizada de conotações esparsas, ...**» (Eco, 1980: 103) [o sublinhado é nosso].

5. Contexto e informação enciclopédica no dicionário

Umberto Eco (1988), podemos entender a definição enciclopédica (e neste caso, também terminológica) como um conjunto de traços organizado hierarquicamente:

«Para un zoólogo, “ballena” es un semema organizado jerárquicamente y unívocamente de modo que las propiedades secundarias dependan de las más generales y caracterizadoras» (*idem*, 185).

enquanto a definição lexicográfica seria caracterizada mais como uma rede de sobreposições desordenadas de traços:

«Para el hombre común de hoy, “ballena” es probablemente un semema algo inconexo en el que coexisten las propiedades de ser pez y mamífero y el espectro semántico aparece como una red de superposiciones desordenadas entre sentidos contradictorios o, en cualquier caso, incompatibles, con selecciones contextuales imprecisas» (*ib.*).

Como veremos (*vd. infra* § 5.3), Haiman (1980: 337) utiliza também esta característica, o tipo de definição utilizada, para distinguir entre dicionário de língua e enciclopédia: «Everyday phenomenological experience suggests one definition (which belongs in the dictionary), while scientific research suggests another (which belongs in the encyclopedia).»

Como já chamou a atenção Moulin (1983), poderá pensar-se que se está confundir dicionário terminológico e enciclopédia:

«...one of the temptations often encountered and not always resisted by the makers of monolingual specialist dictionaries. They tend to produce mini encyclopaedias which provide extensive and detailed information rather than define terms and concepts.» (Moulin, 1983: 147).

Será esta uma confusão frequente, uma tentação, ou talvez uma consequência da impossibilidade de estabelecer fronteiras entre os diferentes tipos de obras lexicográficas (dicionário de língua, enciclopédia e dicionário terminológico)?

Não é fácil distinguir entre o léxico da língua geral e o léxico de línguas de especialidade, se é que realmente é possível fazê-lo, pois: «It is the purpose [...] that is special or specific, not the language» (Moulin, 1983: 144). Como indica Wierzbicka (1985: 153-158), poderá admitir-se sem grandes oposições que palavras como ^P*mamífero*, ^P*réptil*, ^P*quadrúpede* pertencem mais à terminologia científica do que à língua geral. Mas, contra o que se possa supor, esta autora demonstra que

palavras como ^P*planta* ou ^P*animal*, no sentido mais genérico das mesmas, também pertencem à terminologia científica e não à linguagem geral. A prova é que, embora seja correcto cientificamente, na língua corrente a palavra ^P*planta* não se aplica a tudo o que os botânicos entendem por planta, por exemplo a uma árvore (*idem*, 154-155)²²⁵. Um enunciado como ^{P #}*Estás a ver aquela planta ali ao fundo?* nunca se utilizaria para alguém se referir a uma árvore.

Onde é que está pois o limite entre o dicionário de língua e o dicionário terminológico ou a enciclopédia? Comparem-se, por exemplo, as seguintes definições de ^P*árvore*. À luz dos argumentos de Wierzbicka, estamos perante uma definição terminológica, uma definição enciclopédica ou uma definição de um dicionário de língua?:

árvore *s. f.* planta lenhosa, elevada, cuja altura não é menor que cinco metros, e que, em regra, não apresenta ramificações na base; ... (*Porto Editora*);

árvore *S. f. 1.* Vegetal lenhoso cujo caule, chamado tronco, só se ramifica bem acima do nível do solo, ao contrário do arbusto, que exhibe ramos desde junto ao solo. (*Aurélio*);

5.2.2. Léxico comum vs. léxico terminológico?

²²⁵ Sobre as “classificações biológicas populares” e o tratamento que a linguística cognitiva dá a esta questão, *vd.* Kleiber (1995: 76-94).

Para Eco (1980: 101-103), o facto de, ao conceber uma “representação semântica em forma de enciclopédia” que recolha ao mesmo tempo as significações bíblico-medievais, as significações científicas e as significações populares do termo baleia, «a enciclopédia assemelhar-se mais a um *Speculum Mundi* medieval do que à *Enciclopedia Treccani* sugere a ideia de que o universo das linguagens naturais está muito longe do universo das linguagens formalizadas e tem muitos pontos de contacto com um universo “primitivo”.» (*idem*, 102).

Cf. também Rey (1982: 34):

«Quant aux “objets” de connaissances, leur classement est précaire, discuté et discutable; il fait intervenir la perception commune du vocabulaire et signes du lexique dans une organisation sémantique douteuse [...]. Des difficultés évidentes en résultent: la baleine et le dauphin sont clairement des “mammifères” pour la science et le didactisme encyclopédique, mais tout aussi clairement des “animaux marins pisciformes” quasiment identifiés à des “poissons”, pour la connaissance spontanée, les stéréotypes culturels et donc leur étude.»

Como veremos (*vd. infra* § 5.3), a impossibilidade de estabelecer fronteiras entre o que é conhecimento linguístico e o que é conhecimento enciclopédico ou conceptual inviabiliza a possibilidade de separar o material que deve ser inventariado num dicionário do que deve ser recolhido numa enciclopédia ou num dicionário terminológico.

Por outro lado, o facto do material inventariado ser apresentado e definido de maneira diferente pelo lexicógrafo e pelo terminólogo, não significa que se possa afirmar que se trate de material diferente, isto é, afirmar a existência de fronteiras claras entre um suposto léxico terminológico e um presumível léxico comum.

São vários os tópicos que parecem transitar de manual para manual sobre as supostas diferenças entre o léxico comum e o léxico terminológico:

a) A palavra é conotativa e o termo, denotativo.

Costuma afirmar-se que uma das diferenças entre a palavra e o termo é que a primeira é conotativa e o segundo denotativo²²⁶. Mas, como sabemos, é impossível estabelecer uma fronteira bem definida entre a capacidade conotativa e a capacidade denotativa dos termos e das palavras. Assim, por exemplo, não se pode negar a capacidade evocativa de termos como “protótipo”, “campo lexical”, “tagmema”, “c-comando”, cujas conotações despertam no leitor determinadas expectativas. Em segundo lugar, é curioso constatar como se utiliza o argumento da capacidade conotativa da palavra para a diferenciar do termo, mas, ultrapassada a questão, rejeita-se a possibilidade de estudar ao nível da *langue* tais capacidades conotativas da palavra.

Ao ultrapassarmos o nível da palavra como unidade lexical, podemos afirmar que uma acepção bem delimitada de um lexema (ou de um conjunto de

²²⁶ Cf., por exemplo, o seguinte trecho e Díez Carrera (1994: 64):

«La palabra y el término son unidades que pertenecen a lenguajes distintos o diferentes tipos de hablas. El lenguaje general o habla estándar sirve para la comunicación entre todos los miembros de una sociedad, es conotativo, con gran capacidad de evocación y estable, aunque evoluciona con el transcurso del tiempo; el lenguaje científico-técnico sirve para la comunicación entre los expertos de las áreas análogas del conocimiento humano, es denotativo, sin capacidad de evocación, ya que un término debe designar una sólo realidad, y además es inestable» (Díez Carrera, 1994: 64).

lexemas), inserido num contexto real, também só designa uma única realidade, da mesma maneira que o termo. Em § 4.1, vimos como o que muitas vezes é considerado como sendo variações de um sentido figurado do lexema, não são mais do que valores diferentes do lexema que vêm dados pelas unidades lexicais que o acompanham. Vimos, na altura como a unidade lexicográfica (lexema ou combinação de lexemas) será considerada como tal pelo simples facto de se estar a referir (seleccionar no mundo) a uma coisa ou conceito diferenciado, o que a faz coincidir plenamente com o termo. Na medida em que formos mais exigentes na descrição lexicográfica de uma língua, poderemos afirmar que cada uma das acepções concebidas na microestrutura correspondente a uma entrada ou lema, quer dizer, cada unidade lexicográfica (lexema ou conjunto de lexemas retirados de um contexto) será um termo.

Em segundo lugar, não podemos aceitar que o termo identifique ou seleccione uma realidade “objectiva” e a palavra uma realidade “subjectiva”. Como vimos (*vd. supra* § 2.1.5), a visão científica da realidade deixou de ser objectiva no sentido de *una*, universal e invariável (*cf.* Díez Carrera, 1994: 59), uma vez que as categorias com as que costumamos fragmentar o todo que chamamos realidade não correspondem a divisões de uma realidade simples e exterior ao investigador. As palavras que correspondem a estas categorias apenas possuem significado dentro de um contexto situacional e histórico. Os termos estão carregados de conotações que fazem com que a objectividade em terminologia seja também apenas um *constructo*.

b) A estruturação das palavras é interna, a dos termos é externa²²⁷ e

²²⁷ Nos dicionários bilingues, a fronteira entre lexicografia e terminografia (palavra e termo) dilui-se ainda mais, pois, como veremos, por um lado, um termo é uma palavra, uma lexia (uma acepção, um frasema, etc.), da qual se especifica o âmbito de uso; e por outro, o equivalente num dicionário bilingue tem, como o termo, uma motivação externa (a do termo — palavra ou expressão — da língua de partida). O equivalente será um termo que identifica um conceito: o da acepção da palavra, ou expressão, estrangeira que estamos a traduzir:

«Si partimos de la función del diccionario para la encodificación de textos en la lengua extranjera del usuario (lengua de destino del diccionario), hay que suponer que la unidad léxica de la lengua de partida, en su papel de dirección, representa un elemento extralingüístico — concepto, imagen mental, clase de referentes, acto social, etc. (no hace falta que nos atengamos a una teoría semántica determinada y a la correspondiente

ultrapassa os limites de uma determinada comunidade linguística.

Se com estruturação interna da palavra queremos referir-nos ao valor que palavra adquire devido à presença simultânea de outras palavras dentro do sistema (Saussure, 1992: 194), não imaginamos como se pode conceber o valor de um termo sem ter em conta os diferentes tipos de relações (paradigmáticas e sintagmáticas) que este estabelece com outras unidades dentro de um campo do saber. Aliás, no caso dos termos e das linguagens de especialidade, pensamos que o conceito de valor é ainda mais importante. Mas isto não significa que o valor do termo venha dado pelos recortes do real, mas pelo lugar que este ocupa dentro de uma teoria científica ou de uma nomenclatura técnica ou científica (*cf. supra* nota 206). A importância que na terminologia se dá à estruturação dos conceitos (unidades e relação entre unidades) relativos a uma determinada área de conhecimento, quer dizer, à orientação onomasiológica (o que não é sinónimo de “motivação externa”), é ainda maior do que na lexicografia. Quando Sager (1993: 46) afirma: «los conceptos se deben crear y deben existir antes de que se puedan formar los términos para representarlos», está justamente a referir-se ao “valor” (no sentido saussureano) do conceito que um termo simboliza ou representa dentro de um determinado sistema científico assim como na língua de especialidade utilizada. Como este autor afirma, um conceito não é uma “coisa” do mundo exterior, um conceito é uma «unidade de pensamento» (*idem*, 47):

«Los conceptos son construcciones mentales, abstracciones que pueden usarse en la clasificación de los objetos individuales del mundo interno y externo. (Recomendación de la Institución Británica de Normalización para la selección, formación y definición de términos técnicos, BS.3669:1963)» (*ib.*).

Por outro lado, os termos são os mesmos na mesma comunidade cultural (que não coincide com a comunidade linguística). Queiramos ou não, o que se passou a chamar “Aldeia Global” aproxima e uniformiza, cada vez mais, a maneira de dar *forma à substância*. No futuro, as línguas ou compartilham essa mesma

terminología) — para el que se busca la expresión lingüística. El llamado equivalente, en la lengua de destino, ha de considerarse entonces como instrucción acerca de una posibilidad de expresar lo extralingüístico. En este caso, el diccionario bilingüe se utiliza de un modo análogo al de usar un diccionario onomasiológico monolingüe.» (Werner & Chuchuy, 1992: 102-103).

maneira de estruturar a realidade, estandardizada e incorporada num dicionário terminológico interlinguístico pelas indústrias da língua, ou acabarão por desaparecer, reduzidas, numa primeira fase de diglossia, ao estatuto de línguas com uso exclusivo na interacção familiar (o que a sociolinguística chama de “línguas B”).

c) O objecto de estudo da linguística é o estudo das propriedades formais do signo, tendo a terminologia uma dimensão cognoscitiva ou referencial que a linguística (e a lexicografia) não teria.

Muito frequentemente, a distinção que se faz entre lexicografia e terminologia vem dada pelo facto de que se reduz o âmbito linguístico (lexicográfico) ao seu aspecto sintáctico (no sentido morrisiano, isto é, morfo-sintáctico e semântico-intensional), excluindo a dimensão referencial ou semântico-extensional, ficando assim reduzido o seu objecto de estudo às propriedades formais do signo (*cf.*, por exemplo, Sager, 1993: 32). Desta maneira, a terminologia teria uma dimensão cognoscitiva ou referencial que a lexicografia (e a linguística em geral) não teria.

Trata-se do problema da exclusão da referência como objecto de análise linguística, questão que já foi abordada neste capítulo. Embora, hoje a linguística já não negue um lugar dentro da semântica à chamada semântica referencial, ou semântica extensional, encarregada de estabelecer pontes entre o *mundo* e a sua representação semântica, dentro da linguística teórica não era muito comum, até há pouco tempo, estudar as relações que se estabelecem entre a realidade e a codificação ou modelização linguística da mesma, afirmando-se que isso excedia os limites da linguística (*vd. supra* § 5.1).

Neste contexto, para bem e para mal, assumia-se que o lexicógrafo não era um semanticista, não analisava as significações em abstracto, mas definia palavras recorrendo, se fosse necessário, à descrição das propriedades das *coisas* que tais palavras representam (*vd.* Rey-Debove, 1970). Recurso, por outro lado, a que dificilmente poderia escapar a própria semântica: pense-se em palavras de significado léxico concreto como ^P*chocolate* ou ^P*malaquite*, com um claro carácter terminológico e que, da mesma maneira que os elementos de uma nomenclatura, embora possam ser definidos cientificamente, dificilmente poderemos defini-los

linguisticamente (Mel'chuk, 1989: 97).

Veja-se, senão, a definição deste tipo de palavras num dicionário de língua como o da *Porto Editora*:

malaquite s. f. (min.) mineral de cor verde, frequentemente botrioidal ou reniforme (quimicamente carbonato hidratado de cobre), que cristaliza no sistema monoclinico, é minério de cobre e que, depois de polido, se usa como ornamento (Do gr. malakhé, «malva» + -ite). (*Porto Editora*).

chocolate s. m. pasta alimentícia feita de cacau, açúcar e outras substâncias aromáticas; bebida preparada com esta pasta. (Do nauat. chocolatl, «id.», pelo cast. chocolate, «id.») (*Porto Editora*).

árvore s. f. planta lenhosa, elevada, cuja altura não é menor que cinco metros, e que, em regra, não apresenta ramificações na base; ... (*Porto Editora*).

etc.

O lexicógrafo é essencialmente pragmático, tanto no sentido que lhe dá a semiótica como no sentido corrente de “prático”. O lexicógrafo não trabalha com traços semânticos, utiliza, como dissemos em § 2.1.3, «artifícios hiperonímicos» para não complicar demasiado as definições com informações subentendidas (Eco, 1990: 156).

d) O termo serve para designar, mas também para classificar classes de objectos em línguas especiais.

Alguns autores (terminólogos ou linguistas) afirmam que a terminologia não é uma disciplina linguística (*vd.*, por exemplo, Coseriu, 1977: 96; Marcos & Sánchez, 1988: 126), uma vez que o termo serve não apenas para designar (sendo então uma unidade linguística), mas também para ordenar ou catalogar classes de objectos em línguas especiais²²⁸, ultrapassando o uso geral da língua (*idem*, 129-130).

Em primeiro lugar, não devemos restringir o trabalho e o produto da terminologia apenas ao “dicionário terminológico standardizador”. O produto final do trabalho terminológico pode não ser de tipo normalizador, embora não possamos deixar de reconhecer que seja essa a função principal para que são encomendados os

²²⁸ Contudo, como dissemos, a terminologia não deve ser confundida com uma lexicografia de domínios especiais (*vd.* Rey, 1979: 52-54).

produtos terminográficos (*vd.* Moulin, 1983: 146). Contudo, o trabalho do terminólogo já não consiste em classificar termos dentro do marco restrito de uma lista fechada de campos temáticos preestabelecida:

«La práctica habitual de declarar inicialmente una lista de campos temáticos válidos y exigir que todos los términos se asignen posteriormente a un campo temático de esa lista (normalmente a juicio del terminólogo) puede, por lo tanto, reemplazarse por una en la que el terminólogo introduce un concepto y describe su entorno utilizando los enlaces conceptuales» (Sager, 1993: 245).

Em segundo lugar, esta função normativa ou standardizadora também é uma das características do dicionário. Neste sentido, é paradigmático o papel que desempenha o dicionário como instrumento de fixação de uma determinada variedade linguística como norma culta (*vd. supra* § 2.1.4), contribuindo também para a característica comum a qualquer língua de estruturar a realidade a que nos referimos quando a utilizamos. A capacidade de apreender a realidade e estruturá-la, reduzindo-a a conceitos, é tanto uma característica das línguas para fins específicos como da língua para fins gerais. No que respeita à sua capacidade de categorização não existem grandes diferenças entre a unidade lexical e a unidade terminológica (outra coisa diferente serão as possibilidades criativas que a combinação destas unidades no discurso científico e no discurso não científico possam ter). Já vimos (*vd. supra* capítulo 2º) como a concepção de repositório de termos (do uso que determinada comunidade científica faz de determinados termos) que pode envolver um dicionário terminológico é, de facto, igualmente uma característica dos dicionários de língua tal como existem na actualidade: repositórios de algumas amostras de significados que as diferentes comunidades de falantes dão às palavras em determinados contextos.

Como vimos em § 5.2.1, a distinção entre terminologia e lexicografia poderá ser pensada em termos de linguagens de especialidade e linguagens correntes. Mas, quer dentro das linguagens especializadas, quer dentro da linguagem corrente, estaremos sempre perante linguagens que combinam determinadas unidades lexicais segundo determinadas regras gramaticais, portanto, dentro do âmbito linguístico. O termo não é mais do que uma acepção (de uma palavra ou de um frasema) cujo uso é especificado ou restringido por determinadas comunidades de usuários (leia-se

cientistas, técnicos, etc.).

Como dissemos, na medida em que formos mais exigentes na descrição das unidades lexicográficas, e nas relações que se estabelecem entre elas no contexto de uso, chegaremos à conclusão de que cada uma das acepções em que se divide o artigo de uma determinada entrada (retiradas de um *corpus*, isto é, de um contexto) terá as características de um termo, visto que, inserida num contexto, só designa uma única realidade. Assim, tanto a unidade lexicográfica como a unidade terminológica serão entendidas como unidades lexicais ou conjuntos de unidades lexicais com capacidade de conceptualização de um fragmento de conhecimento do mundo (Jiménez, 1995: 254). Um termo, tal como uma unidade lexicográfica, —seja um lexema simples ou um sintagma terminológico— é caracterizado por designar uma única noção, «una única entidad referente» (Llorente, 1986: 5), isto é, pelo simples facto de se estar a referir (seleccionar no mundo) a uma coisa ou conceito diferenciado. A terminologia e a terminografia, portanto, são actividades que entram dentro do campo da linguística, da mesma maneira que a lexicografia, porque é impossível estabelecer uma fronteira entre a unidade linguística e uma suposta unidade terminológica.

5.3. Enciclopédia vs. dicionário?

«**Horse**: an animal called 'horse'. ...

Elephant: an animal of the species 'elephant'...»

(Haiman, 1980: 330).

Embora seja verdade que, como indica Lerat (1995: 168), uma das razões pelas quais consultamos um dicionário possa ser a necessidade de resolver uma questão de tipo gramatical relativa a uma palavra (ortográfica ou morfo-sintáctica, por exemplo), na maior parte das vezes será «l'espoir d'apprendre quelque chose d'autre que du linguistique» (*ib.*). Essa “qualquer coisa mais do que o estritamente linguístico” não é mais do que informação sobre a que classe de coisas pertence a

categoria contida numa palavra. É a necessidade de saber sob que categoria (Kleiber, 1995: 16) é que podemos classificar uma palavra que nos leva a procurar informação sobre a mesma no dicionário. Deve-se entender aqui por categorizar o acto de agrupar *coisas* diferentes (*ib.*) por meio de conceitos classificadores ou ordenadores do conhecimento do mundo partilhado pelos falantes de uma determinada língua. Em termos lexicográficos tradicionais, trata-se de estabelecer a que categoria conceptual pertence o conteúdo de uma palavra ou conjunto de palavras fornecendo, na clássica definição lexicográfica, o “género próximo e a diferença específica”:

abarca *s. f.* espécie de alpercata feita de couro, presa à perna por correias; ...
(*Porto Editora*);

abarga *s. f.* espécie de nassa para pescar sáveis ou lampreias. (*Porto Editora*);

abarregado *adj.* diz-se de uma propriedade onde não reside o dono e que está, por isso, exposta aos ladrões; ... (*Porto Editora*).

A questão que se levanta é a de que tipo de informação é esta que nos proporciona o dicionário. É informação sobre as palavras, como defende a lexicologia, ou é informação sobre as *coisas*, como de facto encontramos em qualquer dicionário unilingue?²²⁹

Vejamos, se não, o exemplo da entrada ^P**televisão** (no que se refere ao carácter enciclopédico desta entrada, todos os dicionários unilingues consultados têm as mesmas características pelo que não reproduzimos aqui todas as entradas):

televisão *s. f.* processo de comunicação à distância de imagens animadas ou fixas, mediante a utilização de efeitos fotoeléctricos ou estroboscópicos na captação de ondas hertzianas, na transmissão, e de meios electrónicos, na reprodução; (*psic.*) prolongamento da vista e da audição à distância. (De *tele-* + *visão*) (*Porto Editora*).

televisão [De *tel(e)*⁻¹ + *visão*.] *S. f.* **1.** *Eletrôn.* Transmissão e recepção de imagens visuais mediante os sinais eletromagnéticos das ondas hertzianas. **2.** Televisor (2): "acendeu a luz e abriu a janela, ligou a televisão." (Ricardo

²²⁹ Como indicávamos na epígrafe que abre o parágrafo 5.1, para Bosque (1982), é na lexicografia onde se torna mais difícil manter a diferença entre signo e objecto:

«...la distinción entre definiciones lexicográficas y enciclopédicas es sumamente compleja y, en el caso particular de algunos sustantivos, prácticamente imposible. Aunque han sido muchas las voces que han criticado la larga tradición que confunde el signo con el objeto, la lexicografía es, probablemente, el campo en el que más trabajo cuesta mantenerla» (Bosque, 1982: 112-113).

5. Contexto e informação enciclopédica no dicionário

Ramos, *Os Inventores Estão Vivos*, p. 29). **3.** Meio de comunicação que utiliza a televisão (1) para difundir informações, espetáculos, etc. **4.** Televisora. [Abrev.: *TV* e *tevé.*] (*Aurélio*).

Toda a informação que podemos obter ao consultar esta entrada nos dicionários unilingues de português é claramente de tipo enciclopédico (salvo a informação de tipo ortográfico e etimológico e a informação sobre a categoria morfológica da palavra). Nenhum dicionário fornece informação linguística, no sentido mais imanente do termo, como as possibilidades colocacionais destas palavras, ou informação sobre termos compostos ou construções sintácticas em que esta palavra entra, informação que poderá parecer supérflua do ponto de vista da descodificação, mas que será valiosíssima para a produção textual (como se pode constatar, por exemplo, nos seguintes exemplos: ^E*televisión en color*: ^P*televisão a cores*; ^E*televisión en blanco y negro*: ^E*televisão a preto e branco*; ^E*echar en televisión*: ^P*passar em televisão*; ^E*hablar en televisión*: ^P*falar na televisão*)²³⁰:

...actuar na televisão;...	...cadeia de televisão;...
...ainda não havia televisão;...	...câmara de televisão;...
...antena de televisão;...	...canal de televisão;...
...anunciar na/pela televisão;...	...circuito fechado de televisão;...
...anúncio/reclamo de/na/pela televisão;...	...comentador de televisão;...
...aparelho de televisão;...	...comprar uma televisão;...
...apresentador de televisão;...	...concurso de/na/pela televisão;...
...audiência de televisão;...	...dar aulas de culinária na televisão;...

²³⁰ *Vd.*, por exemplo, o que escreve Calderón (1994: 89) sobre a entrada ^P**democracia** nos dicionários espanhóis:

«Para un alumno extranjero, el significado de *democracia* no parece que sea excesivamente complicado, pero es esto lo que todos los diccionarios consultados se esfuerzan en definir con más o menos precisión. Ninguno, sin embargo, se preocupa por dar posibles combinaciones léxicas de esta palabra (instaurar una democracia, consolidar una democracia, régimen democrático, instituciones democráticas, etc.). En este caso predomina la información enciclopédica sobre la información lingüística.»

Cf. esta mesma entrada no *Porto Editora*:

democracia *s. f.* sistema político em que a autoridade emana do conjunto dos cidadãos; ~ **cristã**: interpretação do conceito de democracia à luz da doutrina cristã e, principalmente, da doutrina social da Igreja Católica; ~ **directa** situação político-administrativa em que o poder é exercido directamente pelo povo; ~ **representativa** situação político-administrativa em que o povo governa através de representantes seus, periodicamente eleitos (Do gr. *demokratía*, «governo popular», pelo lat. *democratía-*, «*id.*»). (*Porto Editora*).

...ecrã de televisão;...	...reparar/arranjar/consertar/compor a televisão;...
...em cima da televisão;...	...repetidor(a) de televisão;...
...emissões de televisão;...	...reportagem de televisão;...
...emissora de televisão;...	...sala de televisão;...
...entrevista de televisão;...	...sem ver televisão;...
...equipa de televisão;...	...séries de televisão;...
...espectáculo de televisão;...	...taxa da televisão;...
...espot de televisão (<i>Brasil</i>);...	... a televisão fez uma reportagem;...
...esquete de televisão (<i>Brasil</i>);...	...a televisão dá;...
...estação de televisão;...	...televisão a cores;...
...estúdio de televisão;...	...televisão a preto e branco;...
...falar na televisão;...	...a televisão admitiu cinco técnicos;...
...gostar da televisão;...	...a televisão emite;...
...gravação de televisão;...	...a televisão filmou;...
...imagens de televisão;...	...a televisão transmite;...
...ir à televisão falar de...	...a televisão traz à luz;...
...lançar algo na/atraves da televisão;...	...trabalhar para a televisão;...
...ligar a televisão;...	...transmitir por televisão;...
...locutor de televisão;...	...tubo de televisão;...
...monitor de televisão;...	...unidade móvel de televisão;...
...pantalha de televisão;...	...ver a televisão;...
...passar na televisão;...	...ver alguém/algo na televisão;...
...programa de/na televisão;...	...ver televisão;...
...programação de televisão;...	...ver um bocado/um pouco de televisão;...
...receptor de televisão;...	

Com a incorporação de elementos semântico-extensionais na análise e descrição do signo linguístico e o abandono das propostas que concebem a referência como sendo uma operação de carácter extralinguístico, a distinção entre definições lexicográficas e enciclopédicas resulta insustentável.

Contudo, ainda hoje, um grande número de linguistas continua a defender uma clara separação entre conhecimento enciclopédico, ou conhecimento conceptual, e conhecimento linguístico, ou conhecimento lexical, sem sabermos muito bem se a distinção entre dicionário de língua e enciclopédia é causa ou o efeito desta dicotomia.

Mas a distinção entre conhecimento lexical (linguístico) e conhecimento conceptual (enciclopédico) não é assim tão clara como possa parecer (*vd.* Carter, 1997), pois, como Haiman (1980: 338) indica, trata-se mais de uma questão de grau

do que de compartimentos estanques. O fenómeno é conhecido de qualquer lexicógrafo, uma vez que, na prática lexicográfica, é extremamente difícil, senão impossível, separar conhecimento lexicográfico de conhecimento linguístico e, conseqüentemente, dicionário de língua de dicionário enciclopédico:

«[...] a language's vocabulary reflects its speakers' knowledge of the world in which it is used. Any strict separation of linguistic-lexical and extralinguistic-factual information is very difficult, if not impossible. Lexemes like *tree*, *bank*, *height*, and *lexicography* can be described and explained only by reference to the contexts in which they are used. For the same reason, it is not always possible to draw a clear dividing line between the dictionary and the encyclopedia.» (Hartmann, 1983b: 7).

Só determinados modelos teórico-conceituais recentes da semântica linguística, de orientação cognitivista²³¹ ou pragmático-comunicativa, assim como a psicologia ou a neurolinguística, nos seus modelos de processamento lexical, de representação do conhecimento ou de descrição do fenómeno do bilinguismo (Martín, 1986: 23), contestam ou relativizam esta separação entre conhecimento lexical (dicionário) e conhecimento do mundo (enciclopédia):

«...para algunos teóricos, la separación entre la información del 'diccionario' ("wordknowledge") y la de la 'enciclopedia' ("world-knowledge") del lexicon mental de una persona (es decir, el vocabulario con realidad psicológica) sería espúrea, puesto que el conocimiento léxico formaría parte de la memoria verbal, y ésta no parece que esté desconectada de las redes epistemológicas, y de los módulos computacionales que procesan información; ni tampoco de las capacidades mentales de inferir, de tener mundos culturales, mentales, situacionales compartidos, de comunicar cooperativamente, etc. (Clark, 1992). Para algunos teóricos, a su vez, el sistema conceptual y el sistema léxico estarían íntimamente relacionados, bien de forma modular interactiva (cf. la semántica cognitiva de Jackendoff, 1990), bien mediante un anclaje del sistema lingüístico sobre el soporte cognitivo-perceptual-corporal (Lakoff, 1987 y Johnson 1987)» (Martín, 1986: 20-21).

Tradicionalmente, do ponto de vista teórico, a linguística assinala como principal diferença entre o dicionário de língua e a enciclopédia o facto de que o primeiro define palavras e a segunda descreve objectos ou coisas. São muitos os lexicógrafos que, aparentemente, ao distinguir entre o dicionário e a enciclopédia,

²³¹ Contudo, encontramos ainda em autores identificados com este marco teórico uma defesa da distinção entre conhecimento linguístico e conhecimento do mundo: «The standard dictionary also serves the aim of diffusing knowledge, only this time, the knowledge in question is normative knowledge of language, rather than encyclopedic knowledge of the world.» (Geeraerts, 1987: 6).

assumem o ponto de vista da semântica estruturalista moderna, e entendem o significado das palavras exclusivamente do ponto de vista intensional ou, em termos morrisianos, do ponto de vista sintáctico, quer dizer, como uma correspondência entre signos ou entre expressões linguísticas. Contudo, como a própria linguística estrutural reconhece ao assumir que a lexicografia não é semântica, na prática lexicográfica esta distinção deixa de ter valor dado que a definição lexicográfica, de facto, não define significados, mas descreve *coisas*, ou estabelece relações de identidade entre classes de *coisas*:

«Le lexicographe n'a pas les moyens d'affirmer que X signifie Y, pas plus que le sémanticien, dans l'état actuel de la sémantique; il peut seulement dire que X = (est égal à) Y, ce que implique identité de choses signifiées (et non de signes) par inclusion réciproque d'ensembles de choses» (Rey-Debove, 1970: 22).

Ao constatar na sua prática lexicográfica que, para definir os significados das palavras, não pode fugir totalmente ao que a linguística teórica chama realidade extralinguística, ao lexicógrafo-linguista só lhe resta assumir, como vimos em § 2.1, que o seu trabalho não seja mais do que uma “arte” ou “técnica”, de carácter interdisciplinar que aproveita algumas das descobertas da “ciência” linguística, entre outras.

Em 1980, num artigo intitulado «Dictionaries and Encyclopedias», Haiman contesta a distinção teórica entre obras de carácter lexicográfico e obras de carácter enciclopédico. Para o autor, não é possível diferenciar entre o que um dicionário de língua deveria dizer sobre a palavra ^P*cavalo* e o que uma enciclopédia deveria informar sobre a *coisa* “cavalo”. O dicionário não poderia descrever o significado das palavras utilizando exclusivamente conceitos semânticos (como a sinonímia, a antonímia, a hiponímia), uma vez que, como o autor assinala, estas relações de sentido por si próprias são inúteis se as palavras não estiverem ancoradas na realidade²³² (Haiman, 1980: 333):

²³² Isto é, no *denotatum* ou *res semântico-extensional*. Cf. os conceitos de *res semântico-extensional* e *res semântico-intensional* (Albaladejo, 1989) com os conceitos morrisianos de *denotatum* (o referente, os objectos do mundo, real ou possível, assinalados pelo *designatum*) e *designatum* (aquilo que o signo representa, a maneira de representar o *denotatum*). Vd. Morris (1985: *passim*).

5. Contexto e informação enciclopédica no dicionário

«Given the three Ooga Booga words *nooze*, *thung*, and *slimp*, and the information that *nooze* is the converse of *thung*, which, in its turn, is a hyponym of *slimp*, we clearly know nothing about any of them. One of them (it does not matter which) must be named by ostension.» (Haiman, 1980: 333).

Sem recorrer em última instância ao que o autor chama “descrições do mundo extralinguístico”, as definições puramente linguísticas que teoricamente deveriam conter os dicionários de língua não poderiam ser de outro tipo senão: “cavalo: animal chamado cavalo” (Haiman, 1980: 330). Em última análise, seria a isto que ficaria reduzida a análise puramente intensional das estruturas do significado, independentemente do interesse que possa ter o trabalho «of those semanticists who have worked successfully within completely intensional structures of meaning», como Frawley (1981: 54) alega na réplica aos argumentos de Haiman.

Frawley (1981: 54) argumenta também que os trabalhos em inteligência artificial e em representação do conhecimento, nomeadamente no campo da linguística computacional, não são trabalhos de tipo semântico, mas sintáctico (ou semântico-intensional), o que não implica que as linguagens utilizadas pelos computadores não permitam estabelecer algum tipo de relação comunicativa entre diferentes máquinas ou máquinas e humanos: «these intensional structures allow computers to process sentences and texts perfectly well, to reproduce such texts, to abstract them, to answer questions about them, and to make inferences about them.» (Frawley, 1983: 55). Mas este argumento só é válido parcialmente, uma vez que o processamento de linguagens naturais baseado nos métodos simbólico-formalistas não é tão “perfectly well” feito como o autor refere e parece ter atingido o seu máximo (vd. *supra* § 2.5).

No plano teórico, Haiman (1980) examina os argumentos usados para distinguir entre dicionário e enciclopédia (conhecimento linguístico vs. conhecimento enciclopédico, factos subjectivos vs. factos objectivos, essência vs. acidente, semântica vs. pragmática, verdade analítica vs. verdade sintética, nomes comuns vs. nomes próprios) e chega à conclusão não só de que é praticamente impossível distinguir entre dicionários e enciclopédias, mas também que tal distinção é um erro de concepção, afirmando que os dicionários *são* enciclopédias (Haiman,

1980: 331).

Uma diferença que se pode notar a partir do simples conhecimento empírico que nos proporciona a utilização destes produtos lexicográficos é a do tamanho da definição, mas é evidente que se a definição do dicionário é mais pequena é porque foi abreviada arbitrariamente e não fornece toda a informação necessária porque parte do princípio de que há informação considerada supérflua para o utilizador: «Is the dictionary entry brief for practical reasons only, or is there a theoretical basis for deciding exactly what belongs in a dictionary?» (Haiman, 1980: 329). Contudo, há autores que utilizam tal argumento para distinguir entre dicionário de língua e enciclopédia. Assim, por exemplo, para Seco (1987: 32), «la definición lexicográfica no se propone — o no se debe proponer — la imagen “completa” del objeto, sino la imagen “suficiente”». O autor (Seco, 1987: 30-34), fazendo corresponder “abundância de dados” com informação enciclopédica, acha possível distinguir entre «una información científica sobre el objeto “cigüeña”, y [...] una información semántica sobre la palabra *cigüeña*» (Seco, 1987: 33). A partir da definição clássica em termos de “condições necessárias e suficientes”²³³ (conhecida por definição por género próximo e diferença específica, definição hiperonímica, definição inclusiva ou definição aristotélica), o autor distingue a definição lexicográfica:

«la definición lexicográfica no se propone — o no se debe proponer — la imagen “completa” del objeto, sino la imagen “suficiente”, esto es, la que se construye por medio de los especificadores necesarios para que el objeto quede, en la mente del lector medio, caracterizado en sus rasgos relevantes y diferenciado respecto a todos los restantes objetos que forman parte del mundo de ese lector medio» (*idem*, 32).

Só dois comentários a estas considerações de Seco: afinal, a informação semântica é sobre palavras ou sobre objectos? Segundo estas últimas palavras do autor, a definição lexicográfica já não delimita o significado das palavras, mas as coisas. Por outro lado, a distinção entre definição enciclopédica e definição lexicográfica depende então de aspectos puramente “extralinguísticos”, como é a

²³³ Sobre a irrelevância para a distinção entre enciclopédia e dicionário dos conceitos aristotélicos de “essência” e “acidente” (ou os dele derivados “núcleo” e “periferia”) utilizados nas definições lexicográficas clássicas ou lógicas baseadas no género próximo e na diferença específica, assim como a sua relatividade cultural, *vd.* Haiman (1980: 339-342).

“formação” ou “exigência” do que o autor chama “leitor médio”. O que é uma enciclopédia para um “leitor médio” poderá ser um dicionário de língua para um leitor mais culto?. Cf.: «Esta “suficiencia”, claro está, no es la misma para una persona de cultura media que para un especialista o un estudioso de la rama del saber que versa sobre el objeto definido» (*ib.*).

Geeraerts, que, como já foi referido (*vd. supra* nota 231), dentro do marco teórico da linguística cognitiva, defende a distinção entre conhecimento linguístico e conhecimento do mundo, utiliza também este argumento da “abundância de dados” para distinguir entre dados enciclopédicos e dados linguísticos:

«Extensional concepts are encyclopedic senses characterized by their scientific or technical nature ('expert knowledge' in the sense of Putnam), whereas stereotypes represent the minimal amount of semantic knowledge that the language user is supposed to possess if he is to count as mastering the language» (Geeraerts, 1987: 5).

Quanto ao número de entradas, também não será este o critério para diferenciar o dicionário de língua da enciclopédia, para além de que a selecção de um maior ou menor número de entradas tem a ver com a conveniência do usuário ou com critérios de tipo comercial ou económico e não com critérios linguísticos (Opitz, 1983: 54-55): «... we define range as something that marks a dictionary in terms of its users; it is not a mark of the language itself or of its lexicon.» (*idem*, 55).

Em última instância, a diferença entre dicionários e enciclopédias estará, em relação a este ponto, no maior ou menor grau de fragmentação do conhecimento. Como indica A. Rey (1982), enquanto o dicionário distribui toda a informação relativa a um determinado assunto (o da apicultura é o exemplo deste autor) entre todas as palavras necessárias para falar dessa actividade, a enciclopédia reagrupará o seu discurso sob um ou dois lemas (*apicultura*, *abelha* ou *mel*, por exemplo):

«Un exemple simple illustrera l'opposition entre dictionnaire de langue et ouvrage encyclopédique. Le domaine de l'apiculture, dans le premier, sera réparti entre tous les mots nécessaires pour parler de cette activité, les plus fréquents (*abeille*, *miel*, *ruche*, *apiculture*, *essaim*, etc., en français) contenant plus d'information sur le fonctionnement de ces mots que les autres, mais les moins fréquents, selon la structure du dictionnaire, étant aussi l'objet d'une information “adressée”, d'une entrée. Au contraire, l'encyclopédie regroupera son discours apicole sous une ou deux rubriques. La rubrique principale pourra être thématique (*apiculture*) ou fréquentielle, et donc langagière, pour éviter de privilégier un mot moins courant

(on préférera alors *abeille*, ou peut-être *miel* [production du]).» (Rey, 1982: 20)

Como já vimos ao falar da diferença entre dicionário de língua e dicionário terminológico, o tipo de definição utilizada poderia ser também uma marca formal que distinga o dicionário de língua da enciclopédia: as coisas e os eventos encarados sob o ponto de vista da experiência do dia-a-dia (portanto, pertencentes ao dicionário) requerem uma definição mais de tipo empírico do que as coisas e os eventos pertencentes à enciclopédia e ao dicionário terminológico, que requerem uma definição mais de tipo científico (Haiman, 1980: 337; Lerat, 1995: 150-151). Contudo, este não é um argumento para distinguir entre dicionário e enciclopédia, mas talvez para distinguir o que mais abaixo chamaremos campos ou sistemas conceptuais (*vd. infra* capítulo 7º). Uma mesma obra lexicográfica poderá definir o sentido de ^Povo como ‘alimento’, dentro do marco de referência da linguagem quotidiana, ou como ‘célula’, dentro do marco de referência da Biologia:

ovo *s.m.* **1.** Ovo [de galinha]: *Fizemos bonecos com cascas de ovos.* **2.** ALIMENTO Ovo [de galinha, salvo especificação]: *Uma omelete com dois ovos.* **3.** Ovo [de ave, de réptil, de insecto, de peixe, etc.]: *Os insectos não saem do ovo na sua forma definitiva.* **4.** BIOLOGIA Ovo (célula que resulta da fecundação dos gâmetas): *O embrião procede da divisão celular do ovo.* • ...

O mesmo acontecerá no dicionário bilingue:

huevo *s.m. e s.m.pl.* **I. s.m.** **1.** Ovo [de galinha]; *Hicimos muñecos con cascas de huevo:* Fizemos bonecos com cascas de ovos. **2.** ALIMENTO Ovo [de galinha, salvo especificação]; *Una tortilla con dos huevos:* Uma omelete com dois ovos. **3.** Ovo [de ave, de réptil, de insecto, de peixe, etc.]; *Cuando pensamos en huevos, generalmente pensamos en huevos de gallina:* Ao pensarmos em ovos, geralmente pensamos em ovos de galinha. **4.** BIOLOGIA Ovo (célula que resulta da fecundação dos gâmetas); *El embrión procede de la división celular del huevo:* O embrião procede da divisão celular do ovo. **5.** VULG. Tomate (testículo); *A ver si quieres que te pegue una patada en los huevos:* Vê lá se queres que te dê uma patada nos tomates! • ...

Isto não só terá consequências a nível semântico como também a nível da combinatória lexical, porque as diferentes acepções da palavra seleccionarão frequentemente lexemas diferentes nas suas combinações lexicais. Assim, as

5. Contexto e informação enciclopédica no dicionário

combinações que se formem com o lexema correspondente à primeira acepção de ^Povo não coincidirão, ao menos na totalidade, com as que se formem com o lexema correspondente à segunda acepção de ^Povo:

^P ovo 1	^P ovo 2
<i>dúzia de ovos</i>	<i>eclozir do ovo</i>
<i>ovos estrelados</i>	<i>ovo meterolecítico</i>
<i>clara de ovo</i>	<i>núcleo do ovo</i>
<i>bater ovos</i>	<i>esporulação do ovo</i>
<i>massa com ovos</i>	<i>formação do ovo</i>
<i>galadura de ovo</i>	<i>segmentação do ovo</i>
<i>escalfar ovos</i>	<i>germinação do ovo</i>
etc.	

Como veremos (*vd. infra* capítulo 7º), qualquer alteração na etiquetagem relativa à informação enciclopédico-cognitiva (com informação sobre o campo ou sistema conceptual, marco de referência), assim como na etiquetagem sobre restrições e informações pragmático-retórico-contextuais, poderá implicar uma mudança no tipo de definição utilizada. O que não deverá acontecer nunca será, como indicávamos em § 5.2.1, utilizar uma definição de tipo científico para definir uma acepção ou uso quotidiano de uma palavra e vice-versa, misturando critérios, ou verdades científicas com verdades empíricas ou conhecimento popular, pois:

«In studying the structure of everyday concepts (such as cup) we want to see how they are related to other everyday concepts. We will not achieve this by translating these concepts into a scientific language. The everyday concept of purple (color) can be understood if we explicate it in terms of other everyday concepts such as red and blue, not in terms of wave length or in terms of neurophysiological processes.» (Wierzbicka, 1985: 49).

Compare-se, neste sentido, as definições da palavra *dia* (na acepção de período de 24 horas) que encontramos, por exemplo, no *Porto Editora*:

día *s. m.* tempo que decorre entre o nascer e o pôr do Sol (dia natural); (*astr.*) tempo que decorre entre duas passagens superiores consecutivas do Sol no mesmo semimeridiano (dia solar verdadeiro); tempo que decorre entre duas passagens superiores consecutivas do Sol médio no mesmo semimeridiano (dia solar médio); tempo que decorre entre duas passagens inferiores do Sol médio no mesmo meridiano (dia civil, que começa 12 h antes da passagem superior do Sol e termina 12 h depois); período de cada rotação da Terra (dia sideral natural); tempo que decorre entre duas passagens superiores do ponto vernal no mesmo semimeridiano (dia sideral convencional); [...]. (*Porto Editora*).

Para além da definição marcada com a etiqueta “*astr.*”, falta, neste dicionário, uma definição da palavra ^P*dia* (na sua acepção de período de 24 horas) correspondente ao sentido que a palavra tem no seu uso quotidiano (portanto, sem qualquer etiqueta de uso tecnolectal correspondente à área de conhecimento, matéria ou especialidade), que pode não corresponder até com a definição científico-terminológico da mesma, por exemplo, do género à que encontramos no *Vilela*:

día [...] n. m. [...]

S. 1. *Dia*, sentido 1, designa um período de tempo de vinte e quatro horas (das zero à meia-noite)...

Contudo, e como já vimos em § 5.2, este tipo de etiquetas correspondentes a domínios de conhecimento do tipo *anat.*, *biol.*, *bot.*, *dir.*, *econ.*, *fil.*, *medic.*, *náut.*, *zool.*, etc. (juntamente com outro tipo etiquetas relativas a usos tecnolectais, dialectais ou sociolectais, etc.) não supõem um tratamento terminológico ou enciclopédico de uma palavra ou de uma acepção. A sua função será, como veremos no capítulo 7º, informar sobre a mudança do marco de referência (campo ou sistema conceptual).

O facto de qualquer sistema de etiquetagem ser mais ou menos sistemático, mais ou menos ambicioso ou mais ou menos intuitivo será mais um argumento que ajuda a contestar uma clara separação entre dicionário e enciclopédia. Assim por exemplo, etiquetas como AMÉRICA ou BRASIL, que em princípio serão usadas para marcar variantes diatópicas, como pode ser o caso de ^P*carona* (BRASIL) vs. ^P*boleia*, muitas vezes servirão também para dar informação de tipo enciclopédico. Formas como ^P*abará*, ^P*aça*, ^P*amboré*, ^P*brancarão*, ^P*canchear*, ^P*capangueiro*, ^P*capinação*, ^P*caracará*, ^P*dendê*, ^P*duriango*, ^P*ema* etiquetadas no *Porto Editora* com (*Bras.*) informam mais frequentemente sobre a existência de uma determinada *coisa* do que sobre as formas linguísticas utilizadas pelas diferentes variedades diatópicas, como é o caso do exemplo de ^P*carona* (BRASIL) vs. ^P*boleia*.

Ao contestar a distinção que faz o estruturalismo entre dicionário e enciclopédia (verdades subjectivas vs. verdades objectivas), Haiman (1980) afasta-se do positivismo lógico de Bloomfield, que exclui qualquer facto subjectivo do campo

5. Contexto e informação enciclopédica no dicionário

de interesse da ciência, assumindo a posição de Popper de que não há verdades definitivas e últimas (e portanto não é possível o conhecimento objectivo): uma teoria científica substitui outra não por esta última ser verdadeira e a anterior falsa, mas por a segunda explicar melhor e maior número de fenómenos²³⁴ (Haiman, 1980: 339). Desta maneira, a diferença entre uma definição num dicionário e uma definição enciclopédica será só de grau (*vd. supra* § 4.3): «The difference between scientific and phenomenological accounts of the world are differences in degree only, and so, too, are the differences between dictionaries and encyclopedias.» (*idem*, 338)

Na própria prática lexicográfica concreta e nos seus resultados podemos encontrar amostras da impossibilidade de estabelecer fronteiras entre os chamados dicionários de língua e as enciclopédias. Como já tivemos ocasião de comprovar, muitas das definições que encontramos nos dicionários de língua tradicionais são, com efeito, informações de tipo enciclopédico:

furador *s. m.* instrumento para fazer furos ou ilhós. (*Porto Editora*);

biocatalisador *s. m.* (*bioquím.*) substância (enzima ou hormona) existente nos tecidos vivos, de acção catalítica sobre reacções indispensáveis à vida. (*Porto Editora*);

pozolana *S. f.* 1. Produto de origem piroclástica, que se encontra nas imediações de Pozzuoli (Itália), e que, misturado com cal, se usa como cimento hidráulico. (*Aurélio*);

²³⁴ Recordo como, no meu primeiro ano de Faculdade, o professor de filosofia, Felipe Marzoa, nos explicou como é que o sistema copernicano suplantou o sistema ptolemaico não por o primeiro ser verdadeiro e o segundo falso (uma vez que, num conjunto de corpos em movimento, qualquer um deles pode ser considerado como sendo o centro ao redor do qual os outros se movem) mas sim porque a descrição do sistema solar feita pelo sistema copernicano descrevia de maneira mais simples as órbitas dos planetas.

Neste sentido, do ponto de vista lexicográfico, e retomando a questão da definição da palavra ^P*dia* no seu uso científico-terminológico e no seu uso quotidiano, não concordamos com a Martínez de Sousa (1995, *s.v.* **definición lingüística**), que rejeita, por “acientífica”, a definição do DRAE da palavra ^E*dia*, no sentido corrente de período de 24 horas:

día [...] **1. m.** Tiempo que la Tierra emplea en dar una vuelta alrededor de su eje, o que aparentemente emplea el Sol en dar una vuelta alrededor de la Tierra. [...]. (*DRAE*).

Como vimos em § 5.2.1, na altura de descrever um fenómeno ou de definir determinado conceito, os critérios, ou verdades científicas podem não coincidir com as verdades empíricas ou com o conhecimento popular (veja-se, por exemplo, a polémica sobre o início do novo século e do novo milénio com o ano 2000).

restauração *s. f.* acto ou efeito de restaurar, reparar, consertar, renovar; reparação; restabelecimento de forças depois de fadiga ou de doença; conserto; reacquirição de uma coisa perdida; período da história de Portugal que começou com a revolução de 1 de Dezembro de 1640, e terminou com a assinatura da paz com a Espanha em 1668; período da história da França que decorreu desde a deposição definitiva de Napoleão Bonaparte até à proclamação da Segunda República (nas duas últimas acepções grafa-se com inicial maiúscula). (*Porto Editora*);

abrilada *S. f.* **1.** Acontecimento ocorrido em abril. **2.** Revolta portuguesa de abril de 1824. **3.** *Bras.* Revolução restauradora, de abril de 1832, em PE. (*Aurélio*);

conceição *s. f.* acção de conceber; concepção; faculdade de formar ideias; nome de duas moedas portuguesas que circularam no tempo de D. João IV, 1604-1656; **Imaculada Conceição:** festa católica em honra da concepção da Virgem Maria, sem sujeição ao pecado original; **Ordem da Conceição:** antiga ordem honorífica portuguesa (nesta acepção e na anterior, grafa-se com inicial maiúscula). (*Porto Editora*);

kamikaze *s. m.* pal. jap. que designa os aviadores que, na II Guerra Mundial, se lançavam em ataques suicidas às posições inimigas. (*Porto Editora*)²³⁵;

dicionário [disjonárju] *n. m.*

(1) — *Vai ao dicionário ver o sentido das palavras que desconheces.* • (2) — *Se queres saber a origem dessa palavra, consulta um dicionário etimológico.*

S. Um dicionário é UM LIVRO QUE CONTÉM O VOCABULÁRIO DE UMA LÍNGUA ou os termos próprios duma ciência ou arte, dispostos alfabeticamente, e com o respectivo significado. O *dicionário bilingue* é o livro que tem as palavras duma língua e a respectiva tradução noutra língua. Um *dicionário didáctico* é aquele que, além de conter o vocabulário de uma língua, contém também informações gramaticais, semânticas e lexicais de modo a facilitar uma aprendizagem correcta da língua em questão. (*Vilela*);

et passim.

Para além destes exemplos, que serão admitidos sem nenhum tipo de dúvida como casos de definição claramente enciclopédica, no caso da maior parte dos substantivos é extremamente difícil, senão impossível, afirmar se estamos perante definições lexicográficas ou enciclopédicas. Vejamos só um exemplo:

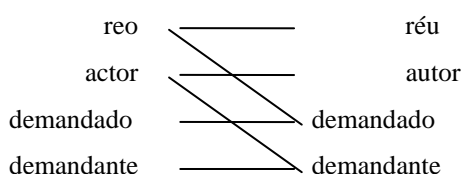
faca *s. f.* **1.** instrumento cortante composto de lâmina e cabo; punhal comprido usado por caçadores; corta-papel; [...] **2.** *s. f. (zool.)* molusco comestível vulgar nas costas portuguesas; cavalo ou égua de tamanho e qualidade medianos, geralmente utilizado para passeio. (*Porto Editora*).

Por outro lado, ao situarmo-nos na direcção de síntese, um bom dicionário codificador, e de modo particular um dicionário codificador bilingue, não poderá

²³⁵ A maior parte (se não a totalidade) das palavras começadas por K e por Y no *Porto Editora* e no *Aurélio* são de tipo enciclopédico.

5. Contexto e informação enciclopédica no dicionário

deixar de contemplar numerosa informação que qualquer linguista consideraria como sendo de tipo enciclopédico mas que será imprescindível no processo de produção textual. Vejamos um exemplo: os termos jurídicos ^Pautor e ^Préu têm um uso mais alargado em português, usados nos processos civis e criminais, do que os correspondentes espanhóis ^Eactor e ^Ereo, usados apenas nos processos criminais, pelo que, muito frequentemente, os termos portugueses deverão ser traduzidos por ^Edemandante e ^Edemandado. Se excluimos outras possíveis acepções destes termos, teremos, portanto, as seguintes possibilidades de tradução:



Para estabelecer estas equivalências valemo-nos de um tipo de informação terminológico-enciclopédica que ultrapassa claramente os limites do puramente linguístico, mas que qualquer tradutor não poderá deixar de considerar.

Outra das características utilizadas normalmente para diferenciar os dicionários de língua das enciclopédias é o facto de as segundas incorporarem nomes próprios. Haiman (1980: 350-354) contesta também este argumento, especialmente no caso dos dicionários bilingues ou de dicionários de produção ou codificadores. Num dicionário orientado para a codificação e principalmente nos dicionários bilingues, os nomes próprios (tradicionalmente considerados pela lexicografia como sendo de tipo enciclopédico) deverão ser considerados também como unidades lexicográficas²³⁶.

²³⁶ Entendemos aqui *nomes próprios* num sentido muito lato, incluindo:

- nomes simples: ^PAna, ^PBraga;
- nomes compostos: ^PJoão Paulo, ^PRepública Checa;
- sintagmas ou nomes perifrásticos: ^PA gata borralheira, ^PCidade invicta, ^Pa Cidade Luz;
- siglas e acrónimos: ^PURSS, ^PIVA, ^PIPO, ^PFRELIMO;
- nomes próprios combinados com outras palavras: ^Plei de Lynch, ^Pteorema de Pitágoras;
- hipocorísticos: ^PZé (cf. ^EPepe), ^PChico (cf. ^EPaco);
- nomes comuns usados como nomes próprios: ^Pa Casa Rosa, ^Po Pentágono, ^Pum Carocha (um Volkswagen), ^Po Santo Padre;

É inegável, para quem deseje comunicar em português, a importância das formas derivadas de nomes próprios de figuras históricas (epónimos), as quais não poderão ser definidas sem a presença na própria macroestrutura do dicionário (ou numa lista de definidores que, em todo o caso, deverá fazer parte da macroestrutura do dicionário)²³⁷ dos antropónimos correspondentes:

^P*acaciano* (do conselheiro Acácio), ^P*sebastianismo* (de D. Sebastião), ^P*bandarrista* (de Bandarra), ^P*cabralismo* (de Costa Cabral), ^P*camiliano* (de Camilo Castelo Branco), ^P*camoniano* (de Camões), ^P*pessoano* (de Pessoa), ^P*picassiano* (de Picasso, cf. ^E*picasiano*), ^P*colombiano* (de Colombo, cf. ^E*colombino*, de Colón), ^P*filipino* (dos Filipes, cf. ^E*felipista*; e as conotações do termo em português), ^P*henriquino* (de D. Henrique, o Navegador; cf. ^E*enriqueño*, de D. Enrique II de Castilla), ^P*jacobeu* (de Jacob, cf. ^E*jacobeo*, do apóstolo Santiago), ^P*manuelino* (de D. Manuel I), ^P*pombalino* (de Pombal), ^P*quixotesco* (de Quixote, cf. ^E*quijotesco*, de don Quijote), ^P*salazarista* (de Salazar), ^P*sancho-pança* (de Sancho Pança, cf. Ø espanhol), ^P*vitoriano* (da rainha Vitória de Inglaterra, cf. ^E*victoriano*).

O mesmo acontecerá com antropónimos, e não só os correspondentes a figuras históricas, mas também os usados sem apontarem a nenhum referente histórico concreto:

^P*Conceição* (cf. ^E*Concepción*, cf. ^P*concepção*), ^P*Helena* (cf. ^E*Elena*), ^P*Santo Agostinho* (cf. ^E*San Agustín*), ^P*São Tomás* ou ^P*Tomé* (cf. ^E*Santo Tomás*), ^P*Santo Inácio de Loiola* (cf. ^E*San Ignacio de Loyola*), ^P*Jesus Cristo* (cf. ^E*Jesucristo*), ^P*João Paulo II* (cf. ^E*Juan Pablo II*), ^P*Abraão* (cf. ^E*Abraham*), ^P*Barba-roxa* (cf. ^E*Barbarroja*), ^P*Frederico* (cf. ^E*Federico*), ^P*Filipe* (cf. ^E*Felipe*), ^P*Guilherme* (cf. ^E*Guillermo*), ^P*Nicolau* (cf. ^E*Nicolás*).

O mesmo acontece com os topónimos:

^P*Antuérpia* (cf. ^E*Amberes*), ^P*Os Açores* (cf. ^E*Las Azores*), ^P*As Caraíbas* (cf. ^E*El Caribe*), ^P*Florença* (cf. ^E*Florença*), ^P*França* (cf. ^E*Francia*), ^P*Galiza* (cf. ^E*Galicia*), ^P*Istambul* (cf. ^E*Estambul*), ^P*Flandres* (cf. ^E*Flandes*), ^P*Gasconha* (cf. ^E*Gascuña*), ^P*Havana* (cf. ^E*Habana*), ^P*Helsínquia* (cf. ^E*Helsinki*), ^P*Iraque* (cf. ^E*Irak*), ^P*Estreito de Magalhães* (cf. ^E*Estrecho de Magallanes*), ^P*Marrocos* (cf. ^E*Marruecos*), ^P*Porto* (cf. ^E*Oporto*), ^P*Nice* (cf. ^E*Niza*), ^P*Munique* (cf. ^E*Munich*), ^P*Moscovo* (cf. ^E*Moscú*), ^P*Monte Carlo* (cf. ^E*Montecarlo*).

- datas significativas: ^P*25 de Abril*, ^P*31 de Janeiro*;

- palavras-marca (marcas lexicalizadas): ^P*fórmica*, ^P*aspirina*, ^P*black&decker*, ^P*jeep*, ^P*gilette*, ^P*cimbalino*, ^P*kispo*); etc.

²³⁷ Assim, sobre a redacção da definição, escreve-se no *Diccionario de Lexicografía práctica*: «La unidad léxica que forma la entrada debe definirse con términos conocidos que figuren en el propio diccionario...» (Sousa, 1995: s.v. **definición lingüística**).

5. Contexto e informação enciclopédica no dicionário

Como no caso dos epónimos, em rigor os topónimos não poderão deixar de constar nos dicionários unilingues, quando menos para possibilitar a definição dos gentílicos correspondentes (^P**marroquino**: ... *de Marrocos*). Por outro lado, no caso dos dicionários codificadores e onomasiológicos, a sua lematização será muito útil quando se desconhece o gentílico correspondente (^P**Marrocos**; *vd.* ^P**marroquino**).

Nos dicionários codificadores e nos dicionários bilingues também será importante registar como lemas as transliterações de nomes estrangeiros:

^P*Kadhafi* (cf. ^E*Gaddafi*), ^P*Bakhtin* (cf. ^E*Bajtin*), ^P*Hiroxima* (cf. ^E*Hiroshima*),
^P*Khomeyni* (cf. ^E*Jomeini*)

assim como outros nomes com marcado carácter enciclopédico como :

^P*Caranguejo* (cf. ^E*Cáncer*, constelação), ^P*Pai Natal* (cf. ^E*Papá Noel*);

ou o caso dos nomes específicos de uma marca ou de um produto usados como nome genérico do mesmo, como de facto já acontece em muitos dicionários modernos:

^P*Black&Decker* ('berbequim'), ^P*Gillette* ('lâmina de barbear'), ^P*Cimbalino* ('bica, café'), ^P*Kispo* ('casaco impermeável'), etc.

5.4. O tratamento lexicográfico da informação pragmático-contextual

Nas últimas décadas, a linguística (ou, se se preferir, a semiótica linguística), partindo das investigações no âmbito da filosofia da linguagem de autores como L. Wittgenstein, J. L. Austin, J. R. Searle ou P. Grice, está a orientar-se para a linguística do texto e a pragmática linguística.

O objectivo principal das novas orientações nos estudos linguísticos será iniciar, ou recuperar, a investigação dos âmbitos semântico-extensional (ou semântico- referencial) e pragmático. Estes novos estudos, ao lado das indiscutíveis conquistas das diferentes correntes estruturalistas europeias e americanas (incluímos sob este rótulo também a GGT), permitir-nos-ão caminhar para uma análise integral do texto, através do estudo da totalidade do conjunto de códigos que conformam qualquer manifestação semiótica linguística, e desta maneira fugir de qualquer

homogeneização redutora desse modelo semiótico²³⁸ (cf. Aguiar e Silva, 1982: 20-22; 1988: 79-80).

Se queremos construir bons dicionários transcodificadores (orientados tanto para a produção como para a descodificação), verdadeiramente úteis e que não provoquem a desconfiança do utilizador — que não só quer conhecer o significado de uma determinada palavra isolada, mas também saber como usá-la adequadamente no contexto sintagmático e no contexto situacional —, temos de incorporar nestes dicionários informações precisas relativas à escolha e ao emprego correcto das palavras e locuções não só num contexto sintagmático determinado (co-texto), como vimos no capítulo 4º, como também sobre o contexto situacional (contexto) em que se utilizam, pois «nonlinguistic context is important not only for determining *appropriateness* (which is pragmatic), but also *meaningfulness* (which is semantic) and even *grammaticality* (which is syntactic)» (Haiman, 1980: 347).

Porém, para a metalexigrafia de inspiração estruturalista, o dicionário deveria limitar-se a analisar os traços formais (morfo-sintaxe), os traços de conteúdo (semântica intensional) das unidades lexicais (normalmente a palavra) e, embora nem sempre (cf. § 2.1.1), fornecer algum tipo de informação sintáctica. Consequentemente, na sua prática lexicográfica, tanto a informação sobre o contexto sintagmático (co-texto) como, e principalmente, a informação sobre o contexto situacional em que se usam as palavras deveria ficar excluída da definição lexicográfica. O tratamento que autores como, por exemplo, Rey-Debove, na lexicografia francesa, e Seco, na espanhola, dão à informação de tipo co-textual e contextual nas definições é coerente com esta teoria (vd. *supra* § 2.1.2, o conceito de

²³⁸ É neste contexto que diversos autores defendem a recuperação e actualização dos conhecimentos retóricos tradicionais para as investigações mais avançadas nos estudos linguísticos (e também literários), nomeadamente no campo da Linguística Textual e da Pragmática:

«"Una teoría de la interpretación de los enunciados debe comportar varias componentes que guardan relaciones complejas: a) una teoría semántica de la interpretación de las frases; b) una teoría de la referència; c) una teoría de los actos de lenguaje; d) una teoría de los efectos del contexto, de discurso y de situación; e) una enciclopédia, que dé cuenta del conocimiento del mundo y de las creencias de los sujetos hablantes [...]". [...] *la retórica parece ser una parte de, o equivalente a, esta teoría de la interpretación de los enunciados.*» (Grupo μ , 1987: 28) (o sublinhado é nosso).

“contorno”).

Afortunadamente, a lexicografia nem sempre se deixou seduzir pelos rigores imanentistas da linguística moderna, abandonando a direcção indicada por uma tradição multissecular. Esta tradição lexicográfica juntamente com algumas achegas trazidas pela pragmática, pela linguística do texto, pela retórica ou pelos estudos cognitivos, permite-nos hoje conceber uma lexicografia «basada fundamentalmente en la comunicación y que parte del valor intrínseco del vocabulario en el proceso de la comunicación, de los modos de uso y de las situaciones de uso de una unidad léxica dentro de una colectividad lingüística» (Haensch & Wolf, 1982: 19).

Se, como indica Haiman (1980: 347), não só a aceitabilidade de um determinado enunciado como também o seu significado e a sua gramaticalidade dependem, em alto grau, da informação fornecida pelo contexto linguístico e pelo contexto situacional em que estão inseridos, o grande desafio desta lexicografia será o modo como incorporar numa obra com as características do dicionário este tipo de informação.

Em § 2.1.1 já abordámos a questão da dificuldade de recolher em formato dicionário muita da informação gramatical que o utilizador necessita para a codificação numa determinada língua. Tratava-se da questão de saber sob que entrada devíamos incorporar os diferentes tipos de relações gramaticais e semânticas que se estabelecem entre as diferentes unidades lexicais ou conjuntos de unidades lexicais.

Em § 4.5, ao falarmos do tratamento da co-ocorrência lexical não livre nos dicionários e, em especial, nos dicionários codificadores, demos uma resposta sobre o modo como incorporar no dicionário alguma informação relativa às relações estabelecidas entre determinadas unidades lexicais, ou conjuntos de unidades lexicais, e o co-texto.

Abordaremos agora duas questões relativas à informação contextual, a da definição e delimitação dos chamados *pragmatemas* assim como o seu tratamento lexicográfico e a da utilidade das chamadas *funções comunicativas* como possíveis decritores de um *thesaurus*.

5.4.1. Os pragmatemas

Como indicávamos em § 4.4, Igor Mel'chuk (1998) distingue, dentro da combinatória restrita, entre frasemas pragmáticos (pragmatemas) e frasemas semânticos. Para Mel'chuk (1998: 5-6; 1995: 176), o pragmatema é uma estrutura cujo significado 'X' não é construído livremente (embora possa ser regular) a partir de uma Representação Conceptual determinada (que o falante quer verbalizar), quer dizer, não pode ser substituído por qualquer outro significado sinónimo 'Y' construído livremente, por meio das regras gerais da língua, a partir dessa Representação Conceptual, para esse mesmo contexto situacional.

Mel'chuk (1995: 179) define formalmente os pragmatemas como segue:

«A pragmateme **A + B** of **L** is a set phrase composed of two lexemes **A** and **B** such that its signified 'A + B' is not unrestrictedly — although regularly — constructed on the basis of the given ConceptR (of an extralinguistic situation SIT that the speaker wants to verbalize) out of the signifieds 'A' and 'B' of the lexemes **A** and **B** of **L**. ['A + B' is a regular sum of 'A' and 'B' but it cannot be replaced by any (fully or partially) equivalent signified 'X', which in principle can be constructed for SIT by rules of **L**; 'A + B' is determined, or bound, by ConceptR (SIT).]»

Antes de continuar, queremos chamar a atenção para o facto de que, embora utilizemos o termo e o conceito de *pragmatema* do modelo lexicográfico de Mel'chuk, neste trabalho afastamo-nos claramente do posicionamento teórico do mesmo em relação ao tratamento lexicográfico dos pragmatemas, por duas razões:

A primeira porque as unidades monoverbais (*cf.*, por exemplo, o caso de ^P*Desisto* acima apresentado) parecem não estar incluídas no conjunto dos pragmatemas. Pensamos que é redutora a exclusão das unidades monoverbais²³⁹ do conjunto dos pragmatemas e acaba por empobrecer a descrição lexicográfica dos mesmos. Se for necessário, poder-se-á considerar os pragmatemas univerbais como conjuntos singulares, quer dizer, como conjuntos constituídos por um único elemento (*cf.* Lopes, 1972: 44-45).

²³⁹ *Cf. infra* nota 243.

A segunda deve-se à própria concepção que este autor tem da pragmática, que considera como sendo uma disciplina que estuda aspectos extralinguísticos que ultrapassam o Modelo Sentido-Texto.

Com efeito, para o autor (Mel'chuk, 1995: 171-173), os aspectos genuinamente linguísticos que descreve o Modelo Sentido-Texto inserem-se num modelo mais completo e complexo do comportamento linguístico (o Modelo Realidade-Som) que inclui a representação formal de aspectos pragmáticos ($\{\text{Concept}_h\} \Leftrightarrow \{\text{SemR}_i\}$), a representação formal de aspectos propriamente linguísticos ($\{\text{SemR}_i\} \Leftrightarrow \{\text{SyntR}_k\} \Leftrightarrow \{\text{MorphR}_l\} \Leftrightarrow \{\text{PhonR}_j\}$) e a representação formal de aspectos fonéticos e gráficos ($\{\text{Phon}_j\} \Leftrightarrow \{\text{Speech}_r / \text{Written text}_r\}$).

A Teoria Sentido-Texto exclui do campo da linguística o chamado Modelo Realidade-Sentido, que Mel'chuk (1995: 172) entende como o processo em que o falante parte de uma representação conceptual (ConceptR) de um fragmento da realidade extralinguística para construir a representação semântica (SemR) que irá verbalizar. Alonso Ramos (1993) apresenta assim a concepção que a Teoria Sentido-Texto tem do Modelo Realidade-Sentido:

«El [...] Modelo Realidad-Sentido, es el objeto de una ciencia que no existe como disciplina unificada. Su dominio está distribuido entre la filosofía, la psicología, la ciencia cognitiva, la lógica, la documentación y la inteligencia artificial. Mel'chuk (1988a: 47) avanza algunas hipótesis de la estructura de este modelo. Debe incluir un componente que produzca una representación cognitiva discreta de la realidad continua observada; otro componente aseguraría la interacción entre la representación cognitiva, el thesaurus interno del hablante, la pragmática de una situación dada y algo más para producir la RSem de un futuro enunciado.» (Alonso Ramos, 1993: 19).

Isto explica também que o tratamento que se dá aos pragmatemas no modelo lexicográfico e metalexiconográfico de Mel'chuk seja praticamente nulo se comparado com as páginas dedicadas aos frasemas semânticos e, nomeadamente, aos semi-frasemas e às funções lexicais.

Mel'chuk (1995: 179) dá como exemplo de pragmatema a indicação que aparece nos recipientes ou embrulhos de determinados alimentos: ^P*Consumir de preferênciã antes do fim de* ou ^P*Consumir até*. Outros exemplos podem ser: ^P*Volto já* (^E*Vuelvo en seguida*), ^P*Pré-pagamento* (^E*Pase primero por caja*), ^P*Desisto* (^E*Me*

rindo), (para indicar que não se quer continuar, admitindo ou aceitando a derrota, num jogo, brincadeira, a tentar adivinhar, etc.), ^P*Parabéns*, ^P*(Muitas) felicidades* (com equivalentes espanhóis para as duas fórmulas como ^E*Felicidades*, ^P*Feliz cumpleaños*, ^E*Enhorabuena*, ^E*(Buena) suerte*, ^E*Que seas (muy) feliz*, etc.).

Detenhamo-nos nos dois últimos exemplos portugueses, ^P*Parabéns*, ^P*(Muitas) felicidades*, dois casos muito interessantes de pragmatemas que nos servirão para ilustrar como o uso pragmático destas construções, mesmo sendo regulares, não é livre.

A fórmula portuguesa ^P*Parabéns* utiliza-se especialmente como felicitação referida a um acontecimento feliz ocorrido no presente ou num passado mais ou menos próximo, enquanto ^P*(Muitas) felicidades* utiliza-se também como fórmula de felicitação mas projectada para o futuro.

Veja-se, porém, a informação fornecida nas correspondentes entradas no dicionários portugueses:

parabéns *s. m. pl.* felicitações; congratulações; emboras; prolfanças. (De *parabém*). (Porto Editora).

felicidade *s. f.* estado de quem é feliz; ventura; boa fortuna; dita; sorte; bom êxito; contentamento. (Do lat. *felicítate-*, «id.»). (Porto Editora).

parabéns [Pl. de *parabém*.] *S. m. pl.* Felicitações, congratulações. [Tb. us. (raramente) no sing. Sin., p. us.: *emboras*, *prolfança(s)* e (bras., gr.) *pára-choques*.] (Aurélio).

felicidades [Pl. de *felicidade*.] *S. f. pl.* Votos de feliz êxito; congratulações. ~ V. *felicidade*. (Aurélio).

PARABÉM, *s. m.* felicitação; congratulação; embora [Mais us. no pl.] || *Dar os parabéns*, felicitar. || F. *Para+bem*. (Caldas Aulete).

FELICIDADE, *s. f.* qualidade do que é feliz; satisfação, contentamento, bem-estar: Via neste enlace...uma promessa de felicidade para ela. (R. da Silva). || Dita, boa fortuna: Por felicidade do leitor e minha. (Camilo) || Bom êxito, sucesso. || *Felicidade eterna*, a bem-aventurança, a salvação, a glória celestial. || F. lat. *Felicitas*. (Caldas Aulete).

A utilidade destas entradas para a orientação de síntese ou codificação textual é, evidentemente, nula (exceptuando talvez as entradas do *Aurélio*, que

5. Contexto e informação enciclopédica no dicionário

registra as formas em plural, nomeadamente no caso de **felicidades**).

Como era de esperar, acontece o mesmo nos dicionários bilingues de espanhol/português e português/espanhol. No caso destes últimos, esta informação, nas entradas correspondentes a estes dois termos, é mesmo inexistente:

felicidade. *f.* felicidad, satisfacción, alegría, júbilo, placer, ventura, dicha, goce, gusto delicia, contento, encanto, complacencia, prosperidad, bienestar, fortuna, suerte, bienaventuranza, prosperidad [*sic*, por segunda vez], auge, contentamiento, buen éxito, beatitud. (*Sopena P-E*).

parabéns. *m.* parabién, enhorabuena, felicitación, pláceme, congratulación: *dar parabéns, dar la enhorabuena.* (*Sopena P-E*).

felicidade, *s. f.* felicidad, estado de quien es feliz; satisfacción; gusto; contento; suerte feliz; dicha; buen éxito. (*P-E Editora*).

parabém *s. m.* o **parabéns** *s. m. pl.* (más usado) felicitación; congratulación; parabién. (*P-E Editora*).

Fornecer informação sobre o uso destas fórmulas de cumprimento portuguesas é especialmente importante no caso do dicionário de espanhol/português, uma vez que a distinção entre estes dois usos é mais clara no português do que no espanhol, onde pode ser neutralizada. Assim acontece com o termo ^E*felicidades*, por exemplo, que poderá ser, segundo o contexto, equivalente de ^P*parabéns*, ^P*felicidades* ou até de ^P*Bom/feliz Natal*, etc. E, ao mesmo tempo, os equivalentes espanhóis de ^P*Parabéns* e de ^P*(Muitas) felicidades* poderão ser, segundo o contexto, entre outros:

^P*parabéns*: ^E*felicidades*, ^E*feliz cumpleaños*, ^E*enhorabuena*, etc.

^P*(muitas) felicidades*: ^E*suerte*, ^E*buena suerte*, ^E*que tengas suerte*, ^E*que seais (mu) felices*, ^E*felicidades*, etc.

Todavía, sob as entradas ^E**felicidades**, ^E**enhorabuena** e ^E**suerte**, por exemplo, nos dois dicionários bilingues espanhol/português analisados encontramos apenas a seguinte informação:

felicidad. *f.* felicidad, estado de ánimo de que é feliz; satisfação;

ventura; bem-estar; bem-andança; bem-aventurança; beatitude; acontecimento próspero; ventura, dita, alegria, contentamento; boa fortuna; bom êxito, sorte. (*Sopena E-P*).

enhorabuena. *f.* felicitação, parabém, congratulação. — *adv.* em boa hora; felizmente; com muito prazer; alvízaras. (*Sopena E-P*).

suerte. *f.* sorte, destino; azar; fortuna; ace(ê)rto; adre(ê)go; sorte, fada, fadário; fado; sorte, (fig.) estre(ê)la, andança; sorte, aquilo que pode acontecer para bem ou para mal; sorte, estado, condição; sorte, bilhete de lotaria; sorte, espécie, laia, condição; sorte, lance no combate de touros; sorte, maneira ou modo de fazer uma coisa; sorte, acaso, risco; ventura; quinhão; sorte sorteio militar; sorte, lote de fazendas; campo, terra de cultura separada [sic] de outras por linhas divisórias; prémio da lotaria: *Dios te dé buena suerte, Deus te fada*; com sorte, afortunado; *por suerte*, por felicidade; *correr detrás de la suerte*, ir à fortuna. (*Sopena E-P*).

felicidad, *s. f.* felicidade, estado do ânimo; satisfação; ventura; bem-estar; felicidade; sorte feliz. (*E-P Editora*).

enhorabuena, *s. f.* felicitação, parabéns: *recibió usted mil enhorabuenas*; V. **felicitación**; *adv. m.* em boa hora; felizmente; com muito prazer; usa-se também para denotar aprovação, conformidade: *enhorabuena que vayas, pero ven pronto*. (*E-P Editora*).

suerte, *s. f.* sorte, aquilo que pode acontecer para bem ou para mal de pessoas ou coisas; sorte [sic, por acaso], sucessão de factos considerada como fortuita; sorte, estado, condição; sorte, bilhete de lotaria; sorte, maneira ou modo de fazer uma coisa. (*E-P Editora*).

Podemos destacar duas características que distinguem dos frasemas este tipo de unidades lexicalizadas e habitualizadas. A primeira, de tipo formal, já foi referida acima: o facto de não serem necessariamente unidades pluriverbais (*cf.* ^P*Desisto*, ^P*Pré-pagamento*, ^P*Parabéns*, ^P*Felicidades*, etc.). A segunda, de tipo funcional, o facto de equivalerem a enunciados completos e constituírem por si próprios actos de linguagem (Corpas Pastor, 1995: 305).

O tipo mais importante de pragmatemas seria o daqueles que representam *fórmulas de rotina* (fórmulas para realizar actos de linguagem ou as fórmulas conversacionais), entendidas como unidades que «constituyen fórmulas de la interacción social habituales y estereotipadas que cumplen funciones específicas en

situaciones predecibles, rutinarias y, hasta cierto punto, ritualizadas.» (*idem*, 331).

Para a autora (*idem*, 354-378) são fórmulas de rotina:

a) Fórmulas discursivas, que, por sua vez divide em:

1. Fórmulas de abertura e fechamento: ^P*Tudo bem?*, ^E*¿Qué hay?* e ^P*Até já*, ^E*Hasta luego*.
2. Fórmulas de transição, que permitem essencialmente a mudança no turno de palavra: ^P*Eu sei*, ^P*já sabes*, ^P*não é?* ^P*Bom* e ^E*Vamos a ver*, ^E*¿O no?*, ^E*a eso voy*, ^E*tu dirás*, etc.

b) Fórmulas psico-sociais, que podem ser do tipo:

1. Fórmulas atitudinais-expressivas: ^P*desculpe*; ^E*lo siento*, ^E*con perdón* (para pedir desculpa); ^P*Pois é*, ^P*é claro*, ^P*com certeza*; ^E*Ya lo creo*, ^E*y que lo diga*, ^E*desde luego* (para concordar); ^P*Nem penses*; ^P*nada disso*; ^E*Qué va*, ^E*ni hablar* (para recusar); ^P*Obrigado*, ^P*obrigadíssimo*, ^P*não era preciso estar a incomodar-se com isso*; ^E*Muchas gracias*, ^E*muy amable* (para agradecer); ^P*Bom Natal*, ^P*Parabéns*, ^P*Bom apetite*, ^P*as melhores*; ^E*Feliz Navidad*, ^E*Feliz cumpleaños*, ^E*Que aproveche*, ^E*Que te mejores* (para desejar boa sorte); ^P*Que azar*; ^E*Qué se le va a hacer* (de solidariedade e compreensão).
2. Fórmulas atitudinais-comissivas: ^P*palavra de honra*, ^P*dou-te a minha palavra*; ^E*palabra de honor*, ^E*te doy mi palabra* (para prometer); ^P*Eu dou-te o arroz*, ^E*Ya ajustaremos cuentas* (para ameaçar).
3. Fórmulas atitudinais-directivas: ^P*Anda daí!*, ^P*fora daqui*; ^E*¿Anda!* ^E*largo de aquí* (para exortar); ^P*Como disse?*, ^P*O que é?*; ^E*Tú dirás*, ^E*¿Cómo dice?*, ^E*¿Qué hay?* (para recadar informação); ^P*Não fiques assim*; ^E*No te pongas así* (para dar ânimo).
4. Fórmulas assertivas: ^P*A sério*; ^E*Te lo digo yo* (asseverativas); ^P*Meu Deus!*; ^P*vai-te foder!*; ^E*¿Dios mío!*, ^E*¿jódete!* (emocionais).
5. Fórmulas rituais: ^P*Bom dia*; ^P*Tudo bem?*, ^E*Buenos días*, ^E*¿Qué hay?* (para cumprimentar); ^P*Até já*, ^E*Hasta luego* (para despedir-se).
6. Miscelânea: ^E*Apaga y vámonos*, ^P*Estamos bem aviados!* ²⁴⁰.

²⁴⁰ Corpas Pastor (1995: 74-95) recolhe também outros termos e conceitos utilizados por diversos autores para se referir às fórmulas de rotina para as línguas inglesa e espanhola:

- as fórmulas de cumprimento do tipo *How do you do?*, ou fórmulas de cortesia (etc.) do tipo *May I...X? Its seems that...*, *How about a drink?*, etc., classificadas por A. Makkai como “sememic idioms”;
- as fórmulas sociais (*May I know who’s speaking*) de Fernando & Flavell;
- as fórmulas de rotina (*Don’t mention it*), de Glässer;
- as *formulae* (e também *functional idioms*, *conversational formulae*, *gambits*) de Cowie, utilizadas para cumprimentar, convidar, etc. do tipo *Good morning*, *How are you?*, *Are you following me?*, etc.;
- os *pragmatic idioms* (*routines*, *social formulas*, *gambits*), do tipo *Pleased to meet you*

Também poderão estar incluídas dentro dos pragmatemas as chamadas *parémias* (provérbios, citações literárias, lugares comuns, etc.), embora este ponto não esteja isento de controvérsia, uma vez que este tipo de fraseologia, por um lado, nem sempre é constituída por combinações lexicais restritas e, por outro, a sua interpretação não depende apenas do contexto situacional. Para Casares, só os provérbios de origem obscura, em clara referência à não composicionalidade da construção, é que devem ser incluídos no dicionário²⁴¹, e

«...no parecerá injustificado sostener que el estudio de los proverbios como tales y no como textos de lengua —conviene insistir en la distinción— debe dejarse para la paremiología, ciencia que guarda más relación con el folklore y con la psicología colectiva o étnica que con las disciplinas lingüísticas.» (Casares, 1992: 203).

Também se poderia dizer o mesmo das fórmulas de rotina, que do ponto de vista da combinação dos elementos que conformam estas unidades (no caso de se tratar de unidades pluriverbais) em geral apresentam um grau de fixação menor do que as parémias e os frasemas (Corpas Pastor, 1995: 346). Há, contudo, um forte argumento para ter em consideração na análise lexicográfica as fórmulas de rotina: a petrificação semântica que apresentam, pois «el significado denotativo de tales unidades queda relegado a un segundo plano, de forma que éstas adquieren un significado especializado en virtud de su uso en contexto.» (*idem*, 348).

Corpas Pastor (*idem*, 310-321) inclui dentro das *parémias*:

(encontros sociais), *Can I help you?* (numa loja), *Black or White?* (num café), de Gramley & Pätzold;

- os *timos* de Casares, fórmulas coloquiais do tipo *Que te crees tú eso* ou *No hay derecho*;
- os enunciados fraseológicos contextualmente marcados de Zuluaga, do tipo *Aquí fue Troya* (ditos ou frases feitas), *Érase una vez* (fórmulas ou clichés) e *Buenos días* (fórmulas de fixação pragmática);
- as fórmulas da vida social (pêsames, cumprimentos, despedidas, etc.) e frases habituais como *¿Qué tal? Le acompaño en el sentimiento, ¡Largo de aquí!*, etc. de Ettinguer (em Haensch *et al.*, 1982).

Como já vimos indicando, neste trabalho estamos mais interessados nas possibilidades de descrição lexicográfica da combinatória lexical do que numa classificação teórica deste tipo de fenómenos.

²⁴¹ Devemos confessar aqui que, tanto do ponto de vista teórico como na nossa prática lexicográfica, continuamos a hesitar sobre a questão de até que ponto as chamadas *parémias* entram dentro do objecto de estudo da lexicografia, pois a distinção que estabelece Casares é difícil de levar à prática.

5. Contexto e informação enciclopédica no dicionário

1. Os “enunciados de valor específico” (do tipo *Las paredes oyen, haber gato encerrado, llover sobre mojado*);
2. As “consignas” ou “slogans” (do tipo *no pasarán, la imaginación al poder*);
3. As citas, enunciados extraídos de textos orais ou escritos conhecidos (do tipo *To err is human, to forgive, divine* (Pope); *El que esté libre de pecado que tire la primera piedra* (S. Juan); *El hombre es un lobo para el hombre* (Plauto);
4. Os “provérbios”²⁴², de origem desconhecida (do tipo *The early bird catches the worm, Out of sight, out of mind, El que no llora, no mama*, etc.).

Contudo, e como já dissemos (*vd. supra* § 4.3. e nota 148), pensamos que este tipo de classificação tem pouco interesse do ponto de vista da descrição lexicográfica das fórmulas de rotina e nenhuma quanto à descrição dos aspectos pragmático-retóricos do resto das unidades lexicográficas (lexemas²⁴³, frasemas, etc.).

Como veremos, pensamos que um repertório mais ou menos vasto das chamadas *funções comunicativas* utilizadas pelos métodos nócio-funcionais podem ter mais utilidade na prática lexicográfica em forma de descritores que conformem um *thesaurus*, cuja função principal será a de classificar os pragmatemas não tanto do ponto de vista formal ou funcional (sintático) como do ponto de vista pragmático, segundo a força ilocutória destas unidades.

Como no caso dos frasemas semânticos, a análise contrastiva será um elemento importantíssimo no momento de identificar e delimitar, do ponto de vista formal, os pragmatemas face a outro tipo de estruturas perfeitamente regulares e livres: ^P*Transporte rodoviário de mercadorias* <=> ^E*Transporte de mercancías por*

²⁴² Este tipo de unidade, parémias por excelência (Corpas Pastor, 1995: 318), recebe múltiplas denominações. A autora regista para o inglês e para espanhol as seguintes:

«-proverb: saying, maxim, adage, saw, aphorism, apothegm o apophthegm, sentence.
- refrán: proverbio, dicho, máxima, adagio, aforismo, apotegma, sentencia.» (*idem*, 319).

²⁴³ Corpas Pastor (1995) também exclui das fórmulas de rotina as unidades monoverbiais. Cf. por exemplo: «No todos los gambitos constituyen fórmulas rutinarias porque: (a) algunos constan de una sola palabra; ...» (*idem*, 359).

carretera, ^E*Rompan filas!* <=> ^P*Destroçar!*, ^E*Firmes!* <=> ^P*Sentido!*

5.4.2. As funções comunicativas como descritores de um *thesaurus*

Os repertórios de funções comunicativas utilizadas pelos métodos nocio-funcionais²⁴⁴ para o ensino de línguas estrangeiras e segundas podem ser úteis na prática lexicográfica como um *thesaurus* de descritores (*vd. supra* § 4.5) que servirá, principalmente, para classificar os pragmatemas (fórmulas de rotina, etc.) segundo a força ilocutória destas unidades, mas também para a etiquetagem de tipo pragmático-retórico de qualquer tipo de unidade lexicográfica, seja um lexema ou uma combinação de lexemas.

Para a descrição detalhada desta dimensão nocional e funcional da língua (Trim, J.L.M., *in* Slagter, 1979: i) o dicionário apresenta-se como o formato ideal, viabilizando também o propósito de economia que subjaz ao projecto “nível limiar” do Conselho da Europa. Em muitos casos, o formato dicionário poderá ajustar-se mais aos propósitos de economia na aprendizagem das línguas estrangeiras do que o manual de gramática. Pensemos, por exemplo, nos capítulos correspondentes aos verbos copulativos, capítulos que normalmente ocupam um grande espaço nos manuais de aprendizagem de português e de espanhol para estrangeiros (nomeadamente o uso dos verbos *ser* e *estar*). O aluno aprenderá a utilizar estes verbos teoricamente segundo uma regra geral da gramática, do tipo:

- *ser* + atributo (propriedade permanente): ^P*ser salgado*;
- *estar* + atributo (propriedade temporária): ^P*estar salgado*;
- *ficar* + atributo (atenção ao processo ou mudança): ^P*ficar salgado*;
- *andar* + atributo (propriedade percebida na sua duração): ^P*andar contente*.

Contudo, haverá casos em que o valor do atributo não possa ser deduzido mediante as regras da gramática (*vd. supra* § 4.5.1). O aluno deverá encontrar no dicionário, sob a entrada correspondente ao atributo, informação sobre estes casos:

²⁴⁴ Cf., para o português, Casteleiro *et alii* (1988) e, para o espanhol, Slagter (1979).

5. Contexto e informação enciclopédica no dicionário

- ^{E/P}*estar cansado* vs. ^E*ser cansado*... (^P*ser cansativo*...);
- ^E*estar listo* (^P*estar pronto*) vs. ^E*ser listo* (^P*ser esperto*);
- ^{E/P}*ser vivo* ('inteligente'); ^{E/P}*estar vivo* ('gostar de viver');
- ^{E/P}*ser infiel* (valor permanente e temporário) vs. **estar infiel*).

Numa gramática, nos capítulos sobre o artigo, os verbos *ser* e *estar* ou os nomes de cor, por exemplo, normalmente o aluno aprende mais do que precisa para comunicar —sendo, nesse sentido, um método antieconómico (Slagter, 1979: 1)—, enquanto no dicionário, o aluno poderia encontrar e aprender um substantivo juntamente com o seu artigo (ou a ausência do mesmo), o uso dos verbos ^P*ser* e ^P*estar* sob diversas entradas correspondentes a substantivos e adjectivos, aprenderia a usar adjectivos como ^P*tinto*, ^P*branco* ou ^P*rosado* não numa hipotética entrada com todos os nomes de cor, mas acompanhando o termo ^P*vinho*, etc.

O dicionário codificador assim concebido conterà um importante inventário de elementos linguísticos que «llenen un catálogo pre-establecido de 'intenciones del hablante' (o siguiendo el término clave del proyecto del Consejo da Europa, 'funciones')» (Slagter, 1979: ix).

Enquanto a lista de descritores em forma de funções lexicais apresentada no capítulo anterior será utilizada para a definição das colocações, a lista de descritores que a seguir apresentamos será utilizada para os reenvios às entradas em que são apresentadas as diferentes realizações linguísticas de determinadas funções comunicativas. Assim, por exemplo, a entrada lexicográfica ^E**despedir** do dicionário codificador bilingue de espanhol/português não só fornecerá os equivalentes portugueses deste termo, mas também enviará para as diferentes formas linguísticas utilizadas para realizar tal acto ou função comunicativa. Será na entrada correspondente a cada uma destas formas linguísticas onde se fornecerão os equivalentes portugueses correspondentes assim como toda a informação gramatical, lexical, semântica e pragmático-retórica pertinente:

despedir *v.tr.* e *prnl.* **1.** *v.tr.* **1.** Despedir (dispensar os serviços de); *Nos han despedido sin indemnización.* **2.** Despedir-se de (*v.prnl.*), despedir (acompanhar alguém que parte); *Fuimos a despedirlo a la estación:* Fomos despedir-nos dele à estação. **3.** Dispensar, mandar embora (afastar de si, mandar sair); *A los cinco*

minutos de recibirme, me despidió de mala manera: Aos cinco minutos depois de me receber, dispensou-me de maus modos. **4.** Despedir (lançar, arremessar); *El volcán despedía lava incandescente*: O vulcão despedia lava incandescente. **5.** Despedir (exalar, difundir); *La lámpara despedía una luz blanca e intensa*: O candeeiro despedia uma luz branca e intensa. **II.** v.tr. e prnl. COLOQ. Dizer adeus [de conservar ou conseguir algo]; *Si no nos pagan los sueldos atrasados, podemos despedirnos del coche nuevo*: Se não nos pagarem os vencimentos atrasados, podemos dizer adeus ao carro novo.

III. despedirse v.pnrl. Despedir-se (separar-se com palavras de afecto ou cortesia); *Prefiero que nos despedamos aquí*: Prefiro que nos despeçamos aqui. • **Despedirse de**: Despedir-se de.

• **DESPEDIRSE** a Dios; a la paz de Dios; a más ver; a pasarlo bien; abur; adiós; agur; ahí os quedáis; ande [usted, etc.] con Dios; buen viaje; feliz viaje; con Dios; espero que volvamos a vernos; espero ver[te, etc.] (muy) pronto; espero volver a verte; hasta ahora (mismo); hasta después; hasta el lunes [etc.]; hasta el valle de Josafat; hasta la noche; hasta la próxima; hasta la vista; hasta luego; hasta mañana; hasta más ver; hasta nunca; hasta otra; hasta otro día; hasta otro rato; hasta otro ratito; hasta pronto; hasta siempre; le ofrece el testimonio de su consideración más distinguida; le ofrece su adhesión incondicional; le saluda atentamente; le saluda con el mayor respeto; le saluda con la mayor consideración; le testimonia por anticipado su agradecimiento; me (las) piro; me retiro (por el foro); muchos besos; nos vemos (pronto); que (usted) lo pase bien; que [te, etc.] vaya bien; queda a su disposición; quede (usted) con Dios; rogándole perdone [esperando sabrá disculpar] el atrevimiento de dirigirme a usted,...; si no hay nada más,...; sin más,...; su atento [seguro, afectísimo] servidor (s. [s. atto., s. affmo.] s. s.); su atento [seguro, afectísimo] (atto., affmo.) servidor que besa [estrecha] su mano [sus pies] (s. s. s. q. b. s. m.[ss. ps.]); suerte; un apretón de manos; un fuerte abrazo; usted [ustedes] lo pase bien; usted [ustedes] siga bien; vale; vaya (usted) con Dios; vaya con Dios; vete [vaya usted, etc.] con Dios.²⁴⁵

A seguir, apresentamos, como exemplo, uma lista alfabética de descritores que conformariam (juntamente com a lista de funções lexicais do capítulo anterior, e outras, como uma lista de noções gerais e de noções específicas²⁴⁶) o *thesaurus* do

²⁴⁵ Moliner (1990, s. v. **despedida, despedirse**), Gelabert *et al.* (1988: 16-17).

²⁴⁶ Na teoria do Nível Limiar entende-se por “noção” qualquer conceito utilizado na comunicação verbal (Slagter, 1979: 28). A questão ultrapassa largamente os limites do presente trabalho, pelo que não podemos apresentar aqui listagens de *noções gerais* —por exemplo, de entidades (eu, tu, este...); de existência (haver, estar, faltar,...); espaciais (ser, ficar, ir, onde, esse, diante de, longe de, chegar, trazer, para baixo, desde, grande, metro, ...) temporais (horas, à tarde, segunda, a quantos..., quando,...); quantitativas (um, primeiro, tudo, um pouco, muito, mais..., -íssimo); qualitativas (forma, cor, material, duro, limpo, falso, molhado, salgado, opaco, ...); relacionais (espaciais, temporais, agente da acção, objecto da acção, dativo da acção, instrumento da acção,...)— e de *noções específicas* —por exemplo, de identificação e caracterização pessoais, alimentação, trabalho, compras, higiene, viagens, vida privada, relações sociais,...—. Podem ver-se exemplos das mesmas

dicionário codificador bilingue espanhol/português, tomados da lista de funções linguísticas utilizadas no marco conceptual do “Nível Limiar”(vd. Casteleiro *et al.* (1988) e Slagter (1979)).

Embora o *thesaurus* deva ser construído como uma lista estruturada de conceitos em forma de *palavras-chave* ou *descritores*, indicando as relações semânticas (hierárquicas, associativas ou de equivalência) estabelecidas entre os conceitos (vd. *supra* § 4.5), e assim acontece no modelo nocio-funcional do “nível limiar” (vd. Casteleiro *et al.* (1988), Slagter (1979)), optamos aqui por apresentar a lista de descritores ordenada alfabeticamente —o que, em rigor, será uma *lista de autoridades* mais do que um *thesaurus de descritores* (vd. *supra* § 4.5)—, sublinhando em **negrito** o termo sob cujo lema será inventariada a lista de funções comunicativas correspondente, uma vez que esta será a sua apresentação final no dicionário. No caso dos descritores compostos, as palavras não sublinhadas serão consideradas como “não-descritores” (salvo as palavras gramaticais).

A utilização de não-descritores será fundamental para o sistema de remissões do dicionário, evitando perdas de informação na altura da pesquisa por parte do utilizador. Entendemos por não-descritores o

«Término (palabra o expresión) incluido dentro de un thesaurus, tomado de una lista de sinónimos, cuasi-sinónimos y de términos emparentados con uno o dos descriptores de ese thesaurus, que está ligado a tal(es) descriptor(es) por una relación de equivalencia semántica susceptible de intervenir en los documentos o en las consultas, pero no utilizable para indizar esos documentos o formular esas consultas.» (Van Slype, 1991: 42) .

Desta maneira, as formas linguísticas correspondentes a uma determinada função comunicativa serão inventariadas sob um único lema, que corresponderá ao do descritor utilizado. Qualquer sinónimo, quase-sinónimo, hiperónimo ou hipónimo passível de ser utilizado como descritor, tanto no acto da pesquisa por parte do utilizador, como no momento da lematização (vd. *supra* § 1.2.2) das funções comunicativas por parte do lexicógrafo, será recolhido no *thesaurus* como não-descritor, o que suporá no produto final, o dicionário, uma remissão do não-descritor

ao descritor:

^P*adeus* vd. ^P**despedir-se**
^P*cumprimento* vd. ^P**cumprimentar**
^P*despedida* vd. ^P**despedir-se**
^P*saudação* vd. ^P**cumprimentar**
^P*saudar* vd. ^P**cumprimentar**
 etc.

Para estas remissões, poderá utilizar-se não apenas um simples *vd.*, mas outras etiquetas que representem as relações semânticas estabelecidas entre os não-descritores e o descritores²⁴⁷. Em terminologia e nos sistemas de documentação, tais relações semânticas são representadas na estrutura do *thesaurus* por símbolos normalizados (vd. Slype, 1991: 36-59; Cabré, 1993: 248-251; Arntz & Picht, 1995: 302-303), que podemos resumir como se segue:

ISO	AFNOR	UNE	AFNOR-ISO*	
USE	EM	USE	—	não-descritor USE DESCRITOR
UF	EP	UP	= = =	DESCRITOR UP não-descritor
BT	TG	TG	<	DESCRITOR TG: termo genérico
NT	TS	TE	>	DESCRITOR TE: termo específico
RT	TA	TR	— — —	DESCRITOR TR: termo relacionado
SN	NA	NA	[]	NA: nota de aplicação, nota aclaratória

* ISO: International Organization for Standardization.
 AFNOR: Association française de normalisation.
 UNE: Normas da ENOR (Asociación Española de Normalización).

²⁴⁷ Estas relações poderão ser de equivalência, hierárquicas e associativas:

«Las relaciones de equivalencia marcan la sinonimia entre varios términos e indican el que ha sido tomado como descriptor. Gráficamente se representan por los símbolos USE y U.p. (usado por): el primero sirve para dirigir, tanto al analista como al usuario, del término no preferente al preferente —generalmente escrito con otra tipografía— o, dicho de otra manera, de un no-descritor a un descriptor (por ejemplo, abonos USE **fertilizantes**); en el segundo ocurre lo contrario (**Fertilizantes** U.p. Abonos).

»- Las relaciones de jerarquía se muestran mediante los símbolos TG (términos genéricos) y TE (términos específicos), los cuales indican relaciones de género/especie, parte/todo, etc. Las primeras se caracterizan porque el concepto que representa el término genérico reúne unas características que se encuentran en todos los conceptos subordinados, representados por los términos específicos (por ejemplo **Organizaciones internacionales** TE ONU). las segundas se identifican con `es una parte de` (por ejemplo **Avión** TE Fuselaje).

»- Las relaciones de asociación se especifican con TR (términos relacionados) y son variadas: de semejanza, causalidad, material con el que está hecho algo, etc.» (Díez Carrera, 1994: 88-90).

5. Contexto e informação enciclopédica no dicionário

No caso concreto do exemplo de ^P*despedir-se*, teríamos no *thesaurus* uma lista de descritores e não-descritores estruturada como a da seguinte amostra:

CUMPRIMENTAR
TS: **DESPEDIR-SE**
UP: SAUDAR
UP: SAUDAÇÃO
TR: **APRESENTAR-SE**
TR: **RECEBER** alguém

CUMPRIMENTO
USE **CUMPRIMENTAR**

SAUDAÇÃO
USE **CUMPRIMENTAR**

SAUDAR
USE **CUMPRIMENTAR**

DESPEDIR-SE
UP: CUMPRIMENTAR
TR: **CUMPRIMENTAR**

DESPEDIDA
USE **DESPEDIR-SE**

etc.

Contudo, o dicionário, como produto final, não necessitará apresentar toda a complexa estrutura de relações estabelecidas entre os descritores e os não-descritores do *thesaurus*, devendo, nas entradas correspondentes aos não-descritores, enviar para a entrada do descritor que lematiza a função comunicativa em questão. A lista alfabética de descritores terá especial utilidade para o lexicógrafo na altura da elaboração do dicionário, embora possa também ser apresentada em forma de anexo no próprio dicionário.

5.4.2.1. Lista alfabética de descritores (amostra de funções comunicativas)

A lista de descritores que a seguir apresentamos será utilizada para, na altura da elaboração do dicionário, recolher sob uma mesma entrada (por exemplo, ^P**despedir**) as diferentes formas linguísticas utilizadas para realizar uma determinada

função comunicativa — neste caso, ‘despedir(-se)’.

Será na entrada em que cada uma destas formas linguísticas é dicionarizada (em forma de lema, sub-lemma ou simples acepção) onde se fornecerá toda a informação gramatical, lexical, semântica e pragmático-retórica pertinente, assim como, no caso dos dicionários bilingues, os equivalentes correspondentes. Ao mesmo tempo, sob cada um destes lemas, sub-lemas ou acepções, aparecerá uma etiqueta com o correspondente descritor, por exemplo “*vd.* ^E**DESPEDIR**”, que reenvia para a entrada onde o utilizador poderá encontrar a listagem das diferentes formas linguísticas utilizadas para realizar a função comunicativa de ‘despedir-se’. No caso do dicionário bilingue, por exemplo:

abrazo *s.m.* Abraço; ... • **Un (fuerte) a~:** FAM. Um abraço [fórmula de despedida]; *vd.* **DESPEDIR**.

¡abur! *interj.* FAM. **1.** Adeus!, até logo; *vd.* **adiós**. **2.** Abur (TRASMONTANO) [usa-se maliciosamente, para designar despedida que não deixa saudades]. *vd.* **DESPEDIR**.

adiós *interj.* e *s.m.* **I. interj. 1.** Adeus (cumprimento de despedida); *Adiós, hasta mañana: Adeus! Até amanhã; ...* *vd.* **DESPEDIR**. **2.** Oh! ...

atentamente *adv.* Atentamente ... • **Le saluda a~:** FORMAL, REGISTO ESCRITO Com os melhores cumprimentos [fórmula de despedida]; *vd.* **DESPEDIR**.

hasta *prep., adv. e conj.* **I. prep. 1.** Até a [+ expressão de lugar] [expressa o limite]; ... • ... **H~ después:** Até depois (até logo); *vd.* **DESPEDIR**. ... **H~ luego: 1.** Até logo (até depois). **2.** Adeus, até logo (até outro día); *vd.* **DESPEDIR**. **H~ nunca:** Até nunca; *vd.* **DESPEDIR**. ... **H~ siempre:** Até sempre; *vd.* **DESPEDIR**. ...

luego *adv. e conj.* **I. adv.** Logo ... • ... **Hasta I~:** FAM. Até logo, até já [fórmula de despedida]; *No me digas “hasta luego”, porque no te deixo ir solo: Não me digas “até logo” porque não te deixo ir sozinho;* *vd.* **DESPEDIR**. ...

suerte *s.f.* **1.** Sorte ... • ... **¡S~!:** FAM. Boa sorte!; *vd.* **DESPEDIR**. ...

etc.

Do ponto de vista pragmático e comunicativo, será muito útil para o utilizador introduzir esta informação no dicionário codificador, uma vez que, por exemplo, ^E*adiós* não tem necessariamente como único equivalente a forma ^P*adeus*. Desta maneira, o utilizador poderá ter uma visão de conjunto das formas linguísticas

utilizadas para realizar uma determinada função comunicativa, que poderão estar etiquetadas segundo registos (por exemplo: *escrito, formal, informal, vulgar, enfático, irónico, regionalismo*, etc.) e ao escolher algumas delas, como dissemos, procurar na entrada correspondente toda a informação gramatical, lexical, semântica e pragmático-retórica necessária, assim como, no caso dos dicionários bilingues, os respectivos equivalentes.

Assim, no caso da amostra do *thesaurus* a seguir apresentada²⁴⁸, encontraremos várias formas linguísticas que reenviam para o descritor **despedir(-se)**:

^Padeus, ^Padeusinho, ^Pas melhoras, ^Paté à noite (etc.), ^Paté à próxima, ^Paté amanhã (etc.), ^Paté breve, ^Paté já, ^Paté logo, ^Paté segunda-feira (etc.), ^Pbeijinhos, ^Pbeijos, ^Pboa viagem, ^P"chauzinho", ^P"ciao", ^Pcumprimentos à família (etc.), ^Pcumprimentos, ^Pdá notícias, ^Pdivirtam-se, ^Pdurmam bem, ^Pfoi bom ver-te, ^Pgostei muito de o ver, ^Pmuito gosto, ^Pmuito prazer, ^Pobrigado, ^Pprazer em verte, ^Prua!, ^Pter uma boa viagem, ^Pvai-te embora, ^Pzurre!, etc.

No dicionário, deveremos encontrar reagrupadas estas mesmas formas linguísticas sob a entrada ^P**despedir** e, por sua vez, sob o lema, sub-lemma ou acepção correspondente a cada uma delas, toda a informação gramatical, lexical, semântica e pragmático-retórica pertinente, incluída a etiqueta “*vd. DESPEDIR*” correspondente a esta função comunicativa.

aborrecido

mal disposto
não estar bem disposto

aborrecido: **chateado**

acabar uma **carta**

acabar uma **conversa**

aceitar: **responder**

aceitar um convite : **convidar**

aceitar um elogio: **elogiar**

aceitar um favor: **favor**

aceitar uma acusação: **acusar**

aceitar uma ajuda: **ajudar**

aceitar uma proposta: **propor**

aceitar uma sugestão: **sugerir**

aconselhar: **conselho**

acordo: **concordar**

acusar

aceitar uma acusação

rejeitar uma acusação

defender-se de uma acusação

adeus: **despedir(-se)**

adeusinho: **despedir(-se)**

admirar-se: **surpresa**

advertir: **cuidado**

advertir: **repreender**

afirmar

negar

agradecer

obrigado

responder a um agradecimento

agradecer um elogio: **elogiar**

agradecer um convite: **convidar**

²⁴⁸ Na elaboração desta amostra do *thesaurus* de funções comunicativas, seguimos de maneira especial cinco publicações: Carreira & Boudoy (1993), Casteleiro *et alii* (1988), Slagter (1979), Gelabert *et al.* (1988) e Chamberlain & Steele (1985).

agradecer um elogio: **elogiar**

agradecer um favor: **favor**

agradecer uma ajuda: **ajudar**

ajudar: aceitar uma ajuda

agradecer uma ajuda

propor ajuda

alegria: **sentir**

alívio: **sentir**

ameaçar: **repreender**

ânimo: **coragem**

antipatia: **sentir**

anunciar

apresentar(-se)

aptidões: **poder**

até à noite (etc.): **despedir(-se)**

até à próxima: **despedir(-se)**

até amanhã (etc.): **despedir(-se)**

até breve: **despedir(-se)**

até já: **despedir(-se)**

até logo: **despedir(-se)**

até segunda-feira (etc.): **despedir(-se)**

atender o telefone: **telefonar**

atender os convidados: **convidar**

autorizar: **deixar**

autorizar: **pedir**

avisar de um perigo: **cuidado**

avisar: **informar**

avisar: **repreender**

beber

brindar

convidar para um copo

encomendar uma bebida

oferecer uma bebida

beijinhos: **despedir(-se)**

beijos: **despedir(-se)**

bem

estar bem

estar mal

estar certo

exprimir optimismo

exprimir pessimismo

bem *vd.* **razão**

bom

foi bom ver-te: **despedir(-se)**

brindar: **beber**

cabeçalho de uma carta: **carta**

calar(-se)

dizer a alguém para falar mais baixo

dizer a alguém para se calar

calar(-se) *vd.* **silêncio**

calma

capacidades: **poder**

carta

acabar uma carta

cabeçalho de uma carta

redigir uma carta

censurar(-se)

certeza

certeza: *vd.* **convencer**

certo: **bem**

certo: **razão**

chamar

chamar a atenção

interpelar

chamar a atenção: **cuidado**

chamar a atenção: **repreender**

chamar-se: **apresentar(-se)**

chateado

estar chateado

estar furioso

chauzinho: **despedir(-se)**

ciao: **despedir(-se)**

comer: **convidar**

comer: **refeição**

compadecer-se de alguém: **pena**

competências: **poder**

comparar

comprar: **pedir**

concordar

discordar

estar de acordo

perguntar se se concorda

conselho

conselho

aconselhar

dar um conselho

querer um conselho

receber conselhos

contente

estar (não) bem disposto

estar (não) contente

indiferença

insatisfação

satisfação

contente: *vd.* **gostar**

contestar: **responder**

convencer *vd.* **certeza**

convencer

estar convicto de

insistir

persuadir alguém

ter a certeza de

convencer *vd.* **razão**

conversa

acabar uma conversa

começar uma conversa

interromper uma conversa

mudar de conversa

5. Contexto e informação enciclopédica no dicionário

pedir a palavra
convidar
aceitar um convite
agradecer um convite
atender os convidados
fazer um convite
rejeitar um convite
convidar para comer
receber os convidados
convidar para um copo: **beber**
convocar: **encontro**
copo: **beber**
coragem
dar ânimo
encorajar
correspondência: **carta**
cuidado
advertir
chamar a atenção
prevenir
cumprimentar
cumprimentar: **despedir-se**
cumprimentos à ...: **despedir(-se)**
cumprimentos: **despedir(-se)**
dá notícias: **despedir(-se)**
dar (não) a razão a alguém: **razão**
dar conselhos: **conselho**
dar desculpas: **escusas**
dar os pêsames: **pêsames**
dar os parabéns: **parabéns**
decepção: decepcionar-se
defender-se contra uma acusação
defender-se de uma acusação: **acusar**
deixar
autorizar
deixar (não) fazer algo
perguntar se se pode fazer algo
proibir
deixar: *vd.* **pedir**
desaconselhar: **conselho**
desaprovar: **censurar(-se)**
desculpas
dar desculpas
pedir desculpas
desculpar-se: **desculpas**
desejar: **querer**
desejar algo a alguém: **querer**
desembaraçar-se de alguém: **rejeitar**
desgosto: **gostar**
desiludir-se: **gostar**
despedida: **despedir(-se)**
despedir(-se)
discordar: **concordar**
divertido: **graça**

divirtam-se: **despedir(-se)**
dizer (que) não: **responder**
dizer (que) sim: **responder**
dizer a alguém para falar mais baixo: **falar**
dizer a alguém para se calar: **calar(-se)**
dizer que o próprio está enganado: **razão**
dizer que (não) se percebe: **perceber**
dizer que outrem está enganado: **razão**
dizer: **significar**
doença: **saúde**
dor: **saúde**
durmam bem: **despedir(-se)**
elogiar
aceitar um elogio
agradecer um elogio
encomendar uma bebida: **beber**
encomendar comida: **pedir**
encomendar comida: **refeição**
encomendar: **pedir**
encontro
marcar um encontro
convocar
encorajar: **coragem**
enganado: **razão**
enganar-se: **razão**
errar: **bem**
errar: **razão**
escrever uma carta: **carta**
escusar-se: **desculpas**
escusar-se: **justificar-se**
esperar
impacientar(-se)
por alguém
esperar: **querer**
esquecer: **lembrar**
estar certo: **bem**
estar certo: **razão**
estar de acordo: **concordar**
estar mal: **bem**
estranhar-se: **surpresa**
exasperar-se: **irritar(-se)**
exprimir certeza: **certeza**
falar
falar mais baixo
favor
aceitar um favor
agradecer um favor
fazer um favor
pedir um favor
rejeitar um favor
fazer um elogio: **elogiar**
fazer uma sugestão: **sugerir**
felicitar: **parabéns**
felicitar pelos anos: **parabéns**

feliz: **contente**

futuro: **intenção**

gostar

dar nojo
desiludir-se
desgosto
detestar
indiferença
insatisfação
interessar
manifestar nojo
não gostar

gostar: *vd.* **contente**

gostar: *vd.* **preferir**

gostar

gostei muito de o ver: **despedir(-se)**

gosto

muito gosto: **despedir(-se)**

graça:

divertido
dizer que algo é divertido
dizer que algo tem graça

hipótese: **supor**

imaginar: **supor**

impacientar-se: **esperar**

incapacidade: **poder**

informações práticas: **informar**

informar

avisar
dar (não) informações práticas
pedir informações práticas
poder (não) dar informações práticas

insistir: **convencer**

insultar

intenção

o que se (não) pode fazer
o que se (não) quer fazer
o que se (não) vai fazer

interpelar: **chamar**

intrrometer-se: **rejeitar**

ir

vai-te embora: **despedir(-se)**

irritar(-se)

jurar: **prometer**

lembrar

lembrar(-se) de algo
esquecer

licença:

dar (não) licença
pedir licença

mal: **bem**

marcar um encontro: **encontro**

medo

preocupado

(não) ter medo

melhor

as melhoras: **despedir(-se)**

mudar de conversa: **conversa**

não: **responder**

necessitar: **pedir**

negar: **afirmar**

nojo: **gostar**

obrigação

estar (não) obrigado a

obrigação: *vd.* **intenção**

obrigado: **agradecer**

obrigado: **despedir(-se)**

oferecer

oferecer uma bebida: **beber**

opinião

opinião:

dar (não) uma opinião

pedir uma opinião

opinião: *vd.* **razão**

optimismo: **bem**

palavra: **conversa**

palavra: **prometer**

parabéns

dar os parabéns

felicitar

felicitar pelos anos

pedir

pedir uma bebida

pedir comida

pedir alguma coisa

comprar

encomendar comida

necessitar

pedir autorização

pedir silêncio

pedir *vd.* **encomendar**

pedir a palavra: **conversa**

pedir desculpas: **desculpas**

pedir informações práticas: **informar**

pedir comida: **refeição**

pedir uma sugestão: **sugerir**

pena: **sentir**

pensar: **opinião**

perceber

não perceber

perceber mal

dizer que não se percebe

dizer que se percebe

perdão: **desculpas**

perguntar

como é?

como está?

onde é?

5. Contexto e informação enciclopédica no dicionário

quando é?
quem é?

perguntar se está doente: **saúde**
perguntar se está mal disposto: **saúde**
perguntar se está mal disposto: **aborrecido**
perguntar se se concorda: **concordar**
perigo: **cuidado**
permissão: **licença**
pêsames
pessimismo: **bem**
poder
poder (não) fazer algo
falar das aptidões de alguém
falar das capacidades de alguém
falar das competências de alguém
ser (não) possível
pôr uma hipótese: **supor**
possível: **poder**
prazer
muito prazer: **despedir(-se)**
prazer em verte: **despedir(-se)**
preferir
preferências
manifestar indiferença
preocupado: **medo**
prevenir: **cuidado**
prometer
jurar
prometer
propor
aceitar uma proposta
propor ajuda
rejeitar uma proposta
propor ajuda: **ajudar**
protestar: **queixar(-se)**
provável: **supor**
queixar(-se)
aceitar uma acusação
denunciar
fazer queixa
lamentar-se
protestar
reclamar
querer
desejar algo a alguém
desejar sorte
tentar fazer
querer um conselho: **conselho**
razão
dar (não) a razão a alguém
dizer que o próprio está enganado
dizer que outrem está enganado
enganar-se
errar

reconhecer que se está enganado
ter (não) razão
razão *vd.* **convencer**
receber conselhos: **conselho**
receber os convidados: **convidar**
reclamar: **queixar(-se)**
reconhecer que se está enganado: **razão**
redigir uma carta: **carta**
refeição
encomendar comida
pedir comida
rejeitar um favor: **favor**
rejeitar uma proposta: **propor**
rejeitar uma sugestão: **sugirir**
rejeitar
desembaraçar-se de alguém
dizer a alguém para não se meter
intrometer-se
rejeitar um convite: **convidar**
rejeitar uma acusação: **acusar**
rejeitar uma proposta: **propor**
rejeitar uma sugestão: **sugirir**
repreender:
advertir
ameaçar
chamar a atenção
responder
aceitar
contestar
responder a agradecimento: **agradecer**
rua!: **despedir(-se)**
saber
exprimir a incompetência
ignorar
saber (não) algo
saber (não) fazer algo
saudar: **cumprimentar**
saúde
doer
estar doente
estar mal disposto
falar da saúde
se (hipótese): **supor**
sentir
alegria
alívio
antipatia
pena
simpatia
sentir: *vd.* **contente**
significar
informação linguística
pedir para repetir
perguntar como se diz

A Unidade Lexicográfica

perguntar como se escreve
perguntar o que significa

silêncio

pedir silêncio

silêncio *vd.* **calar(-se)**

sim: **responder**

simpatia: **sentir**

sorte: **querer**

sugerir

aceitar uma sugestão

fazer uma sugestão

pedir uma sugestão

rejeitar uma sugestão

supor

surpresa

admirar-se

estranhar

surpreender-se

telefonar

atender o telefone

fazer uma chamada

tema: mudar de tema: **conversa**

temer: **medo**

tentar fazer: **querer**

ter (não) razão: **razão**

ter cuidado: **cuidado**

ter pena de alguém: **pena**

tranquilo: **calma**

vai-te embora: **despedir(-se)**

viagem

ter boa viagem: **despedir(-se)**

zangado: **chateado**

zurre!: **despedir(-se)**

CAPÍTULO 6

A UNIDADE DE ANÁLISE E DESCRIÇÃO LEXICOGRÁFICAS

«...desde un punto de vista lexicográfico, lo que habría que explicar es qué significa “ganarse la vida”, pero no la palabra *vida* considerada independientemente.»

(Calderón, 1994: 57).

«The meanings of the parts constrain, but not provide, the interpretation of the whole.»

(Lakoff, 1977: 239)

Como vimos, uma concepção atomística da linguagem (uma palavra, um significado) levou a afirmar que determinadas denominações numa língua poderiam não ter equivalência exacta noutras línguas pelo facto de não se utilizarem as mesmas unidades para fazer tal denominação (*vd.* Werner, 1982a: 29-30). Isto seria como afirmar que, nessa língua, não se pode “dizer” ou “expressar” tal coisa, quando o que acontece é não coincidirem formalmente as unidades utilizadas para realizar tal acto de denominação (de selecção do referente).

Isto é evidente nos casos de vaguidade, não especificação ou indeterminação semântica (Silva, 1997a: 575-576). Um exemplo muito estudado na semântica é o dos nomes que exprimem relações de parentesco: enquanto determinadas línguas, como o latim, distinguem entre ‘irmão do pai’ (*patruus*), ‘irmão da mãe’ (*avunculus*), ‘irmã do pai’ (*matertera*) e ‘irmã da mãe’ (*amita*), outras, como as línguas românicas modernas, só têm dois termos. Isto é, os termos ^P*tio* e ^P*tia* e os seus equivalentes nas línguas românicas são vagos relativamente a estas especificações, utilizando, caso for necessário fornecer tais especificações

neutralizadas (Silva, 1997: 575) nos termos das línguas românicas, as expressões ^P*tio paterno*, ^P*tio materno*, ^P*tia paterna* e ^P*tia materna*.

Embora se possa afirmar que, em princípio, qualquer conceito de qualquer língua é traduzível, lexical ou gramaticalmente, noutra língua, é inegável a dificuldade para traduzir, ou às vezes até parafrasear, alguns exemplos extremos, como a frase espanhola já apresentada em nota de rodapé (vd. *infra* nota 118):

^E*Los cristales de la ventana están hechos de vidrio:*
^{P*}*Os vidros da janela estão feitos de vidro,*

devido ao valor genérico que a palavra ^E*cristal* tem em espanhol; ou aspectos gramaticais característicos de uma determinada língua, como a diferente informação transmitida nas duas frases seguintes pelo uso do tempo composto ou simples em espanhol:

^E*No hemos visto París* / ^E*No vimos París*

em que no primeiro caso se entende que os sujeitos ainda podem ver Paris, dentro de determinados limites temporais, explícitos ou implícitos no contexto, e no segundo caso entende-se que já não têm possibilidade de ver Paris nesta ocasião; ou ainda o uso do verbo ^P*ir* na forma intransitiva (‘dirigir-se’) que, como escrevem Vázquez Cuesta & Mendes da Luz (1983: 521), «não tem o mesmo sentido de resolução violenta e definitiva» que na forma reflexa (‘ir-se embora’, ‘partir’):

^P*António foi para o mato* / ^P*O pai foi-se para o mato e as crianças ficaram abandonadas*
(*ib.*).

Trata-se nestes casos também de fenómenos de vaguidade semântica em quenuma língua não são dadas ou são neutralizadas (Silva, 1997: 575) algumas especificações léxico-semânticas ou gramaticais da outra língua²⁴⁹.

Pode acontecer, como se sabe, que um conceito seja verbalizado

²⁴⁹ Contudo, sempre existe a possibilidade de, perante um equivalente não marcado na L2, marcar a tradução noutra lugar do texto. Mas estas questões de equivalências textuais já são problemas de tradução e da ciência do texto que ultrapassam, em parte, os limites da lexicografia.

6. A unidade de análise e descrição lexicográficas

(intensionalizado ou actualizado linguisticamente) em duas línguas ora lexicalmente (através de unidades lexicais, sejam elas palavras ou combinações de palavras) ora gramaticalmente (através de sintagmas, orações, etc.). Assim, para tomar um exemplo de Whorf (1958: 216), já clássico²⁵⁰ na lexicologia estruturalista, o que para o povo esquimó será intensionalizado, ou, se se quiser, lexicalizado, através de lexemas, em português será intensionalizado por meio de sintagmas que poderão ser, por hipótese, ^P*neve no chão*, ^P*neve a cair* ou ^P*direcção da neve*. Só que estas últimas não serão lexemas uma vez que são combinações lexicais realizadas segundo as regras da gramática, não pertencendo, portanto, ao domínio do dicionário.

Como é óbvio, num dicionário bilingue, a forma da unidade lexicográfica da língua de partida pode não coincidir com a forma da unidade lexicográfica da língua de chegada, pois o mesmo “conceito” poderá ser verbalizado, intensionalizado, nas duas línguas de forma diferente:

leche s.f. [...] **A toda l~:** A toda a velocidade; [...] **Arroz con l~:** Arroz doce; [...] **Café con l~:** 1. Media de leite [em chávena grande, de pequeno almoço]. 2. Pingo [em chávena pequena]; [...] **L~ frita:** Doce de leite e farinha fritos. **L~ merengada:** Batido de leite [...] **¡Me cago en la l~!:** COLOQ., VULG. Porra!, merda!; ...

Contudo, do ponto de vista lexicográfico, e nomeadamente do ponto de vista dos dicionários orientados para a codificação, o problema continua sem se resolver se optarmos por utilizar o lexema (cada uma das acepções bem delimitadas de uma

²⁵⁰ Sobre a aparente abundância de termos para exprimir a ideia de ‘neve’ em esquimó, escrevem Hutchins & Somers (1995: 154): «De hecho, se trata de uno de los grandes mitos de la lingüística; en realidad existen sólo dos palabras que expresan la idea de ‘nieve’ en esquimal (*qanik*, para significar ‘nieve en el aire’, y *aput* para significar ‘nieve en el suelo’)».

Devemos sempre considerar com reserva exemplos que se afastam de forma excessiva dos modelos a que estamos habituados, ou tirados de “línguas exóticas”, muitas vezes deturpados devido a uma transmissão indirecta. Cf., por exemplo, a leitura que alguém desconhecedor da língua portuguesa pode fazer das palavras de Bosque (1982: 109) que a seguir transcrevemos:

«Es interesante recordar que algunas lenguas, como el portugués, no poseen nombres específicos para los días de la semana, y que otras, como el chino, carecen de nombres para los meses del año. En tales idiomas se hace referencia al número que ocupa en la serie la unidad que se desea identificar.»

palavra) como unidade lexicográfica. Pensamos que esta solução não ultrapassa novamente a concepção atomística da linguagem, estabelecendo-se agora a relação: um lexema => um conceito²⁵¹. Poderão ficar resolvidos, talvez, alguns problemas de polissemia e de homonímia, mas não fenómenos que, precisamente pelo seu carácter irregular, só poderão ser estudados no âmbito do dicionário. Por exemplo, poderia alguém construir combinações de unidades lexicais, do tipo ^P**leite desnatado* (por ^P*leite magro*), que seriam correctas tanto do ponto de vista sintáctico e semântico-intensional, dado que não vai contra qualquer restrição de tipo sintáctico ou imposta pelos traços semânticos dos lexemas combinados, como do ponto de vista da semântica extensional, porque as relações que se estabelecem entre os referentes (ou entre os conceitos) são perfeitamente coerentes. Ao longo deste trabalho, já vimos alguns exemplos deste género na tradução do espanhol para o português e vice-versa (vd., por exemplo. § 4.5).

Para dar conta destas combinações irregulares do léxico, em lexicografia será útil distinguir entre unidade lexical e unidade lexicográfica, entendida, esta última, como a aceção claramente delimitada de uma palavra ou grupo de palavras, independentemente de elas serem interpretadas pela lexicologia como sendo combinações restritas (^E*odio mortal*: ^P*ódio mortal*) ou combinações livres, desde que sejam produto de uma estrutura preferente e diferenciada e/ou, no caso dos dicionários codificadores bilingues, desde que na L2 correspondam a lexemas (^E*llevar la contraria*: ^P*contrariar*) ou combinações restritas de lexemas (^E*caja de*

²⁵¹ Este tipo de concepção é a que subjaz, por exemplo, às palavras de Aguilar-Amat —para além da identificação, pelo menos parcial, dos conceitos de fixação e idiomaticidade aplicados às colocações (vd. *infra* § 4.1)— ao conceber um dicionário electrónico de conceitos para o sistema ATLAS de tradução automática:

«La idea [...] es limitar en lo posible el número de unidades léxicas múltiples, de tal manera que, dada una combinación semi-transparente o semi-opaca, el elemento funcional (vacío de significado) o el elemento idiomático (significado conotativo) aparecieran como una subcategorización de la entrada del diccionario, lo que la diferenciaría de la “entrada libre”» (Aguilar-Amat, 1993: 73).

6. A unidade de análise e descrição lexicográficas

cervezas: ^P*grade de cervejas*). Assim, como vimos, serão também unidades lexicográficas diferentes acepções originadas pela combinação de uma palavra com outras, proporcionando-se desta maneira informação importantíssima para a codificação linguística²⁵²:

^P <i>espalhar a desolação</i> :	^E <i>sembrar la desolación</i>
^P <i>espalhar a notícia</i> :	^E <i>esparcir la noticia</i>
^P <i>espalhar as ideias</i> :	^E <i>difundir las ideas</i>
^P <i>espalhar boatos</i> :	^E <i>propagar bulos</i>
^P <i>espalhar dinheiro</i> :	^E <i>repartir dinero</i>
^P <i>espalhar lágrimas</i> :	^E <i>derramar lágrimas</i>
^P <i>espalhar luz</i> :	^E <i>irradiar luz</i>
^P <i>espalhar o bofe</i> :	^E <i>hacer el ganso, esparcirse</i>
^P <i>espalhar-se (o rebanho)</i> :	^E <i>derramarse (el rebaño)</i>
^P <i>espalhar (o temporal)</i> :	^E <i>amainar el temporal</i>
^P <i>espalhar os olhos/a vista</i> :	^E <i>distraer la vista</i>
^P <i>espalhar suspiros</i> :	^E <i>exhalar suspiros</i>
^P <i>espalhar terror</i> :	^E <i>infundir terror</i>
^P <i>espalhar tristezas</i> :	^E <i>distraer las penas</i>
^P <i>espalhar um cheiro</i> :	^E <i>despedir un olor</i>
^P <i>espalharem(-se) as nuvens</i> :	^E <i>dispersarse las nubes</i>
^P <i>espalhar-se (num exame)</i> :	^E <i>pifiar, patinar (en un examen)</i>
^P <i>espalhar-se (o fogo)</i> :	^E <i>propagarse, comunicarse (el fuego)</i>
^P <i>espalhar (os papéis)</i> :	^E <i>esparcir los papeles</i>
^P <i>(rir e) espalhar</i> :	^E <i>esparcir el ánimo</i>
^P <i>espalhar (o grão)</i> :	^E <i>despajar (el grano)</i> .

Como veremos no capítulo 7º, contrariamente à prática lexicográfica moderna, não concordamos com a distribuição das diferentes unidades lexicográficas pluriverbais sob as diferentes acepções do lema (*vd. infra*, no capítulo 7º, o exemplo da entrada ^E*leche*), uma vez que, como se poderá constatar, nem sempre é possível fazer corresponder todas as unidades pluriverbais a cada um dos lexemas, o que, implicitamente, seria reconhecer que os diferentes sentidos que as palavras adquirem em combinação com outras seriam também acepções do lexema tomado

²⁵² Como vimos em § 4.5, do ponto de vista da síntese ou codificação linguística, é importante registar estas combinações lexicais, como unidades lexicográficas, na entrada correspondente à base da colocação (^P*desolação*, ^P*notícia*, etc.). Na entrada correspondente ao colocativo (^P*espalhar*), não ocorrerão como unidades lexicográficas, podendo aparecer eventualmente como exemplos das diferentes acepções da palavra ^P*espalhar*.

isoladamente.

Com efeito, muitas vezes deparamos com o facto de os dicionários não só não registarem significados provenientes de combinações de palavras, mas também com o facto de considerarem como sendo uma acepção de uma palavra o que, em rigor, é o significado dessa palavra juntamente com outros elementos com os quais co-ocorre:

«...las diferentes acepciones de una palabra no radican exclusivamente en dicha palabra, sino en ella más otros elementos de su entorno (una determinada estructura sintáctica, la exigencia de un determinado sujeto o complemento, una particular colocación, etc.» (Calderón, 1994: 54-55).

Já em 1950, J. Casares chamava a atenção para esta questão, alertando sobre o absurdo de inserir no artigo ^E*caballero* a acepção ‘persona de proceder indecoroso’ que esta palavra tem na combinação ^E*caballero de industria* ou a acepção ‘arte de medrar con engaños y fraudes’ sob o lema ^E*industria* para dar conta do sentido que esta palavra tem naquela expressão:

«En la expresión “caballero de industria”, “caballero” toma un sentido irónico, puesto que se aplica a un sujeto de conducta vituperable; e “industria” se usa aquí con un valor peyorativo que designa toda clase de malas artes, sin excluir el engaño ni la estafa. Sería, pues, absurdo insertar en el artículo “caballero” una acepción equivalente a ‘persona de proceder indecoroso’ o adjudicar a “industria” el significado de ‘arte de medrar con engaños y fraudes’, puesto que dichos nombres sólo tienen ese valor a consecuencia de la mutua deformación que se han impuesto al formar un conglomerado.» (Casares, 1992: 199).

Como já adiantávamos em § 2.1.2, dividir o significado duma determinada colocação em sememas que posteriormente são atribuídos às palavras individualmente (Corpas, 1995: 140-141) é um erro comum na análise lexicológica, com consequências na prática lexicográfica, produto do facto de se ignorar que as relações sintagmáticas estabelecidas no contexto linguístico entre as palavras fazem parte do significado das mesmas. Assim, por exemplo, Calderón (1994) chama a atenção para o facto de que em expressões como ^E*le echaron diez años de cárcel* ou ^E*correr un gran riesgo* não são os verbos ^E*echar* e ^E*correr* tomados isoladamente os

6. A unidade de análise e descrição lexicográficas

que significam ‘condenar’ e ‘estar exposto a perigos’, respectivamente, mas será a totalidade dos sintagmas a que actualizará a acepção ‘condenar’ do verbo ^E*echar* e a acepção ‘estar exposto a (perigos)’ do verbo ^E*correr*:

«De manera intuitiva, ningún hablante nativo dirá que echar signifique 'condenar', ni que correr valga por 'estar expuesto a peligros'; otra cosa distinta sería que le preguntásemos qué significa "correr un riesgo", etc., de donde creo que se deduce la inconsistencia de mantener este modelo de definiciones.» (Calderón, 1994: 56).

Assim, nos exemplos que a seguir apresentaremos com a palavra ^P*forte*, o significado não depende exclusivamente desta palavra isolada. Podemos constatar facilmente que a função do adjectivo ^P*forte* é atribuir o sentido de ‘intensidade’ ao nome que acompanha:

Tenho uma **forte dor** de dentes;
O curso tem, nos últimos meses, uma **forte componente** prática;
No final do caminho há uma **descida** muito **forte**;
A bolsa fechou com uma **forte descida**;
Prefiro as **cores fortes**, como o vermelho vivo, às pálidas;
O **café** estava tão **forte** que não consegui dormir
O **cozido** galego é muito **forte** para o estômago?;
Na cozinha havia um **cheiro** muito **forte** a gás;
De repente levantou-se um **forte vento**;
Esta noite caiu um **forte nevão**;
Tem cuidado que estes **comprimidos** são muito **fortes**;
Não abras a persiana que entra uma **luz** muito **forte**;
A oposição fez **fortes críticas** ao governo;
Tem uma **personalidade** muito **forte** e detesta ser contrariado;
Tem **fortes razões** para se demitir;
A notícia causou-me uma **forte impressão**;
É um **palavrão** muito **forte** em português;
E agora vem o **prato forte** do espectáculo.

Contudo, ‘intensidade’ não é tanto o hiperónimo de ^P*forte* para todos estes casos, como do sentido que exprime o adjectivo quando seleccionado pelos nomes das diferentes combinações. Para os substantivos que apresentámos é ^P*forte* o adjectivo seleccionado, mas outros substantivos seleccionam adjectivos diferentes

para exprimir o mesmo sentido de ‘intensidade’, como, por exemplo, em português:

^Pvivo interesse, ^Perro crasso, ^Pmudança radical, ^Pobediência cega, ^Pmemória portentosa, ^Pmemória de elefante, ^Pdesejo ardente, ^Psucesso louco, ^Pvontade louca, ^Pchuvas torrenciais, ^Pfome canina, ^Pódio mortal, ^Pignorância supina, ^Pcomer como um abade, ^Precusar firmemente, ^Pconfessar abertamente, ^Pproibir terminantemente, ^Pacreditar piamente, ^Pchover a cântaros, ^Pchover torrencialmente, ^Pdormir como uma pedra, ^Ptrabalhar como um negro, ^Ptrabalhar como um galego, ^Pteimoso como uma mula, ^Pburro como uma porta, ^Psurdo como uma porta, ^Pfumador empedernido, ^Pferido grave, ^Pfeio como um bode, ^Pbêbado como um cacho, ^Pforte como um touro, ^Prápido como uma flecha.

Ou, em espanhol:

^Eodiar a muerte, ^Ellorar como una Magdalena, ^Evigilar estrechamente, ^Eentregarse en cuerpo y alma, ^Ebeber como un cosaco, ^Ecreer a pies juntilla, ^Edormir como un lirón, ^Edormir como un tronco, ^Edormir a pierna suelta, ^Esordo como una tapia, ^Eloco como una cabra, ^Etonto perdido, ^Etonto de capirote, ^Etonto de remate, ^Egenio de padre y muy señor mío, ^Efeo con ganas, ^Efeo de narices, ^Eborracho como una cuba, ^Efuerte como un roble, ^Erápido como una centella, ^Elímpio como una patena, ^Elímpio como los chorros del oro, ^Emás viejo que Matusalén, ^Emás bueno que el pan, ^Eopuesto diametralmente, ^Ecenar fuerte (cf. ^Pjantar bem), ^Etrabajar fuerte (cf. ^Ptrabalhar duro), ^Ehablar fuerte (cf. ^Pfalar alto).

Se todos estes adjectivos estão a exprimir o sentido ‘intensidade’, poderemos então afirmar que tais adjectivos são sinónimos nestes sentidos seleccionados. É evidente que se poderia contestar o carácter sinonímico de muitos dos valores ou sentidos dos adjectivos seleccionados (= ‘intensidade’), como se pode contestar a existência de qualquer sinónimo ou antónimo, nomeadamente se entendermos que dois termos são sinónimos quando podem ser intercambiados sem produzir nenhuma alteração sintáctico-semântica²⁵³. Não entendemos aqui a sinonímia dessa maneira:

«Definiremos la sinonimia, pues, como la relación entre varias palabras que van asociadas al mismo concepto sin que exista la posibilidad de que sean intercambiables salvo en aquellos casos en que no se produce absolutamente

²⁵³ Sobre a lei de sinonímia e o princípio lexicográfico de substituição, *vd. supra* § 2.1.2.

6. A unidade de análise e descrição lexicográficas

ninguna restricción colocacional o léxica, ...» (Aguilar-Amat, 1993: 35).

Assim, no uso real e quotidiano da língua, podemos considerar que estamos perante sinónimos, ou, se se quiser, quase-sinónimos (novamente estamos perante uma questão de grau), a partir do momento em que duas palavras equivalentes se associam ao mesmo conceito²⁵⁴. Seguindo Mel'chuk, Alonso Ramos (1993) escreve:

« Es cierto que podemos encontrar diferencias semánticas, por ejemplo, entre 'participar' y 'competir', si las buscamos con detalle pero ¿por qué hemos de buscarlas? Los hablantes, en situaciones normales, no hablan estrictamente ni con absoluta precisión. Como señala Mel'chuk (1988a: 88), si nos obstinamos en buscar, no sólo no habrá sentidos idénticos sino tampoco dos pesos, longitudes o velocidades idénticas. No se utiliza la misma precisión al pesar los ingredientes de un medicamento que al pesar una bolsa de patatas. Sería absurdo pesar patatas en una balanza de farmacia. Por lo tanto, en muchas ocasiones, ser demasiado preciso es perjudicial. (Alonso Ramos, 1993: 31).

Contudo, isto não significa que qualquer um destes adjetivos (^P*forte*, ^P*vivo*, ^P*radical*, ^P*mortal*, etc.) tomado isoladamente signifique 'intenso' como encontramos na maior parte dos dicionários. O sentido 'intenso' do adjetivo ^P*vivo*, por exemplo, só é actualizado quando co-ocorre com determinados substantivos, ou melhor, quando é seleccionado por determinados substantivos. Vejamos por exemplo²⁵⁵, no *Porto Editora*, algumas destas acepções sob as entradas correspondentes a alguns dos adjetivos anteriores:

²⁵⁴ Como indica esta mesma Aguilar-Amat (1995: 35), a sinonímia é um fenómeno puramente lexical. Dois conceitos não poderiam ser sinónimos, porque seriam o mesmo conceito, e se não for assim,

«Si los matices expresados colocacionalmente en una lengua para un mismo concepto se consideran cualitativamente o cuantitativamente significativos, entonces deberá enunciarse nuevos conceptos, por ejemplo: “en mal estado cuando se refiere a la mantequilla”, “en mal estado cuando se refiere a la carne”, etc., pero esta delicada decisión no compete a los estudiosos de una lengua particular, sino a lo que podría llamarse “diplomacia” lingüística...» (*idem*, 35-36).

²⁵⁵ Lembramos que o objectivo desta dissertação, embora se situe dentro do âmbito da metalexigrafia, não é o estudo ou a crítica das diferentes obras lexicográficas portuguesas ou espanholas.

vivo, *adj.* que vive; (*fig.*) cheio de vivacidade; perspicaz; sagaz; ágil; travesso; buliçoso; engraçado; persistente; intenso; forte; marcado; visível; distinto; esperto; activo; diligente; apressado; agudo; afiado; ligeiro; ...

radical, *adj.* 2 *gén.* referente à raiz; essencial; fundamental; completo; profundo; decisivo; total; sectário do radicalismo; ...

louco *adj.* que perdeu a razão; doido; alienado; demente; insensato; imprudente; doidivanas; extraordinário; exagerado; ...

torrencial *adj.* 2 *gén.* referente às torrentes; que cai em torrentes; caudaloso; impetuoso; abundantíssimo; ...

mortal *adj.* 2 *gén.* sujeito à morte; que produz a morte; mortífero; fatal; perigoso; figadal; transitório; profundo; ...

supino *adj.* superior; elevado; deitado de costas; que está no estado de supinação; (*fig.*) em alto grau; excessivo; ...

torrencialmente *adv.* em torrentes; caudalosamente; impetuosamente; em grande abundância. ...

grave *adj.* sério; importante; circunspecto; reservado; perigoso; intenso; duro; penoso; ...

Pensemos nas colocações portuguesas ^P*dar desculpas* e ^P*pedir desculpas*. Ao procurarmos num dicionário de português encontramos estes dois sentidos, ‘perdão’ e ‘escusa’, sob a entrada ^P*desculpa*:

desculpa [...] **1.** Ação ou efeito de desculpar(-se). **2.** Perdão, indulgência, absolvição. **3.** Escusa, justificação: *Apresentou desculpas por não poder ir ao banquete*. **4.** Pretexto, evasiva: *A doença que alegou para entrar em férias é pura desculpa: nunca o vi tão bem.* (Aurélio).

Mas, é evidente que os sentidos ‘perdão’ e ‘escusa’ da palavra só se actualizarão em combinação com os verbos ^P*dar* e ^P*pedir* respectivamente. Mais ainda: em rigor, não poderíamos atribuir estes sentidos à palavra ^P*desculpa* tomada isoladamente, mas às colocações ^P*dar desculpas* e ^P*pedir desculpas* e suas possíveis variantes.

Calderón (1994: 58) dá um exemplo ilustrativo com a expressão espanhola ^E*tener buen oído*. O autor regista, em vários dicionários de uso espanhóis, como acepção da palavra ^E*oído* ‘aptidão para captar sons musicais’, o que, em rigor, é o significado da totalidade da expressão ^E*tener buen oído*.

6. A unidade de análise e descrição lexicográficas

O exemplo é válido para o português, por isso, vejamos os diferentes tratamentos que a expressão ^P*ter bom ouvido* e a palavra ^P*ouvido* recebem em alguns dicionários portugueses:

ouvido, *s. m.* audição; aparelho de audição; acto ou efeito de ouvir; facilidade em fixar de memória peças musicais, ou em distinguir faltas de afinação; ... (Porto Editora).

ouvido. [Part. de *ouvir*] *S. m.* **1.** [...] **2.** [...]. **3.** Aptidão para captar com relativa precisão sons musicais ou não, e de reproduzir aqueles sem o auxílio de partitura: *ter bom ouvido*. ... **4.** [...] • [...] **Ter bom ouvido**. Ter fácil percepção de sons, especialmente musicais. (Aurélio).

OUVIDO, *s. m.* um dos cinco sentidos [...]. **4.** [...] *Ter bom ouvido*, ter boa disposição do órgão do ouvido para perceber os sons, e especialmente os musicais. [...]. (Caldas Aulete).

ouvido, *m.* [...] Facilidade de fixar na memória peças musicais: *este aprendiz de música tem bom ouvido*. [...] (Cândido).

No *Porto Editora*, considera-se como sendo uma acepção da palavra *ouvido* o que, num contexto real se exprime pela locução ^P*ter bom ouvido*.

No caso do *Aurélio*, regista-se uma contradição, pois o mesmo significado ('aptidão para captar com relativa precisão sons musicais') é atribuído tanto à palavra *ouvido* como à expressão ^P*ter bom ouvido*, que aparece como locução no fim do artigo.

No é o caso do *Caldas Aulete*, que, como já indicava Rodrigues Lapa (Lapa, 1984)²⁵⁶, continua a ser o melhor dicionário do português quanto ao tratamento da combinatória lexical. Neste dicionário, regista-se este valor unicamente como

²⁵⁶ «É precisamente neste capítulo da fraseologia, muito importante, que os dicionários correntes deixam mais a desejar. O mais celebrado de entre eles e o mais moderno dos grandes dicionários, o de Cândido de Figueiredo, é muito pobre em grupos fraseológicos, o que constitui um grave defeito, porque é nessas locuções que se imprime o chamado génio da língua. Como repositório de fraseologia, nada há que possa substituir entre nós o *Dicionário Contemporâneo* de Caldas Aulete.» (Lapa, 1984: 83).

locução.

Logicamente, o facto de o sentido 'aptidão para captar sons musicais' se realizar com a palavra ^P*ouvido* combinada com ^P*ter (bom)* não impede que, em determinados contextos, a expressão *ter bom ouvido* não possa ocorrer sob formas truncadas ou expandidas, como, aliás, acontece com grande número de unidades lexicais e de colocações:

^P*Onde está o detergente para a máquina [de lavar roupa]?*;

^P*Eu bebo sempre leite magro e as crianças gordo.*²⁵⁷

São muitos os exemplos deste tipo em que o sentido que o dicionário dá a uma acepção determinada de uma palavra é, em rigor, o sentido dessa palavra combinada com outra ou outras. Em § 4.1., já vimos alguns exemplos de acepções figuradas cujo valor só é actualizado quando combinado com outros lexemas. Mas os exemplos não têm de ser necessariamente sentidos etiquetados como sendo figurados:

^P**mão**, *ajuda; socorro; patrocínio; favor (Porto Editora), por Deitar uma/dar a mão a, precisar de uma mão.*

^E**sacar**, *Hacer una fotografía o retrato (DRAE), por Sacar una fotografía.*

^P**petrificado**, *estupefacto; assombrado; estarecido (Porto Editora), por Ficar/estar petrificado.*

^P**hora**, *Momento conveniente, oportuno, adequado, ocasião propícia; oportunidade, ensejo (Aurélio), por Ser/estar em a hora de.*

^E**hincha**, *f. fam. Odio, encono o enemistad (DRAE), por Tener hincha a.*

²⁵⁷ Por isso, embora as colocações devam ser registadas na base da colocação (neste caso, sob a entrada **leite**), poderá ser útil a recolha de algumas colocações como exemplos ilustrativos do valor que o colocativo adquire nessas combinações, uma vez que, em determinados contextos, como o que acabamos de ver, o colocativo (*gordo*, por exemplo) poderá ocorrer sem ser em companhia da base da colocação.

Neste sentido, pode ser útil a distinção que Mckeown & Smadja (*apud* Aguilar-Amat, 1983: 128) fazem entre dois tipos de colocações:

«las que llaman “*compound collocations*” que se caracterizan por ser secuencias fijas de palabras, y las “*predicative collocations*”, más flexibles, que afectan a combinaciones que pueden ir separadas por otras palabras [...] y que pueden aparecer en cualquier orden dentro de la frase.»

6. A unidade de análise e descrição lexicográficas

- ^E**gana**, ódio; desejo de vingança (*Porto Editora*), por *Ter gana a*.
- ^E**vida**, medios necesarios para vivir (*María Moliner*), por *Ganarse la vida*.
- ^P**vida**, o que é necessário para manter a vida; sustento, a subsistência (*Aurélio*), por *Ganhar a vida, Encarecer < a vida >*.
- ^P**aguçado**, capaz de captar as sensações com exatidão e rapidez (*Aurélio*), por *Vista aguçada*.
- ^E**fino**, Dicho de los sentidos, agudo (*DRAE*), por *Oído fino*.
- ^P**falar**, Saber exprimir-se em algum idioma, especialmente estrangeiro (*Aurélio*), por *Falar francês*.
- ^E**hablar**, Poder utilizar cierto idioma para expresarse (*María Moliner*), por *Hablar [el] alemán*
- ^E**correr**, Estar expuesto a ciertas contingencias determinadas o indeterminadas; arrostrarlas, pasar por ellas (*DRAE*), por *Correr peligro*.
- ^E**echar**, Junto con un nombre de pena, condenar a ella (*DRAE*), por *Echar veinte años de cárcel*.
- ^E**dar**, Renunciar a; sacrificar: dar a vida por alguém (*Aurélio*), por *Dar a vida por*.

Retomando o último exemplo, em § 4.5 já falámos do pouco interesse lexicográfico de uma entrada do verbo ^P*dar* com todas as possíveis colocações em que possa entrar (*vd. supra* nota 172):

dar *v.tr.* ... • **D~ o sol:** ... **D~ a benção:** ... **D~ a opinião:** ... **D~ a palavra:** ...
D~ asco: ... **D~ autorização:** ... **D~ carta branca:** ... **D~ corda:** ... **D~**
forças: ... **D~ ganas:** ... **D~ instruções:** ... **D~ licença:** ... **D~ medo:** ... **D~**
os parabéns: ... **D~ patadas:** ... **D~ pena:** ... **D~ permissão:** ... **D~**
pontapés: ... **D~ preguiça:** ... **D~ um abraço:** ... **D~ um beijo:** ... **D~ um**
conselho: ... **D~ um grito:** ... **D~ um passeio:** ... **D~ um passo:** ... **D~ um**
salto: ... **D~ um suspiro:** ... **D~ uma bofetada:** ... **D~ uma conferência:** ...
D~ uma ordem: ... **D~ uma sugestão:** ... **D~ vergonha:** ... **D~ vontade:** ...
etc.

Da mesma maneira que ninguém pensará em definir todas os sentidos acima apresentados como sendo acepções contidas única e exclusivamente no verbo ^P*dar*²⁵⁸, o mesmo acontecerá com outras unidades lexicais que, em rigor, constroem um determinado sentido em combinação com outras unidades lexicais. Por exemplo, não faz sentido atribuir ao verbo ^P*levantar*, exclusivamente, isto é, sozinho, todas as acepções que aparecem no *Aurélio* sob este lema, olvidando que o sentido de cada

²⁵⁸ Na nota de rodapé 291 podem ver-se alguns exemplos de colocações portuguesas cujos equivalentes espanhóis não utilizam como verbo operativo a mesma forma *dar*.

uma delas vem dado (também) pelas relações sintagmáticas que este lexema estabelece com outros lexemas. Permita-se-nos registrar a entrada na sua totalidade, para depois seleccionar alguma das acepções:

levantar. [Do lat. *levantare, part. pres. *levante*, de *levare*, 'erguer'.] *V. t. d.* **1.** Pôr ao alto; alçar, erguer: *Levantou a taça, brindando o convidado.* **2.** Pôr em posição ereta; pôr direito; erguer: *levantar a cabeça.* **3.** Dar mais altura a; tornar mais alto: *Levantou o muro para melhor proteger o seu jardim.* **4.** Dirigir (os olhos, o olhar, a vista) para o alto. **5.** Erigir, edificando ou reedificando: *levantar as paredes de uma construção.* **6.** Arvorar, hastear, içar: *levantar a bandeira.* **7.** Erguer do chão, apanhar (o que estava caído). **8.** Erguer do chão; suspender: *Levantou a criança e ninou-a nos braços.* **9.** Fazer subir ao ar, espalhando: *Na terra batida, o carro levantava poeira.* **10.** Aumentar, fazer crescer (o preço de algo). **11.** Colocar a postos; aparelhar, aprestar: *levantar soldados.* **12.** Aumentar de volume, elevar: *levantar a voz.* **13.** Exaltar, sublimar; enobrecer, engrandecer: *Tais ensinamentos levantam o espírito do homem.* **14.** Provocar, promover, suscitar: "Esta história de confissão, a que o povo não está habituado, ..., levantara uma grande celeuma." (Inglês de Sousa, *O Missionário*, p. 105.) **15.** Conseguir, obter (dinheiro), por empréstimo ou por outro meio: *Teve de levantar num banco 10.000 cruzados; Necessitou levantar com urgência meio milhão, e viu-se forçado a vender a casa.* **16.** Entusiasmar, incitar, excitar: *A bebida levantou-lhe o ânimo.* **17.** Remover, afastar: *Só a custo levantou os obstáculos que se opunham ao seu plano.* **18.** Tornar sem efeito; abolir, revogar: "A verdadeira caridade não consiste só em minorar a pena, mas também em levantar a culpa." (Ramalho Ortigão, *Primeiras Prosas*, p. 282.) **19.** Fazer cessar; encerrar: *Levantou a sessão antes do tempo marcado.* **20.** Sugerir, propor; lembrar, lançar: *levantar uma candidatura.* **21.** Alcançar, obter, conquistar: *Com sua obra de ficcionista já levantou vários prêmios; A égua levantou o Prêmio Brasil.* **22.** Fazer o levantamento topográfico de. **23.** Dar realce, vida, a; realçar, avivar: *O vermelho levanta a fisionomia da Laura.* **24.** Arrolar, inventariar, após um trabalho de pesquisa ou investigação; fazer a estatística de: "Precisamos de levantar a cartografia lingüística das regiões culturais brasileiras" (Celso Cunha, *Língua, Nação, Alienação*, p. 28). **25.** Fazer o levantamento arquitetônico de. **26.** Fazer partir (a caça). **27.** *Tip.* Apanhar (a letra) na caixa para levá-la ao componedor. [Cf. *compor* (11).] **28.** *Bras., RS.* Tirar (o gado) do campo ou de outro lugar onde está. *V. t. d. e i.* **29.** Elevar, erguer, alçar: *Levantou o pensamento a Deus; Levanta os olhos ao céu.* **30.** Erigir em homenagem: *Mandaram levantar-lhe um túmulo. Transobj.* **31.** Eleger por aclamação; aclamar: *Em meio ao clamor popular levantaram-no por seu rei. Int.* **32.** Altear-se, erguer-se; levantar-se: *Enormes ondas começavam a levantar.* **33.** Sair da cama; levantar-se: "Piá continua levantando cedo, todos os dias, para ir à vila levar o leite." (Guido Vilmar Sassi, *Piá*, p. 94.) **34.** Subir de preço. **35.** Tornar-se alto ou mais alto; crescer. **36.** Fazer que algo realce, adquira vida: *É preciso pintar a sala com uma cor que levante.* **37.** *Bras. Chulo.* Ter ereção; ter potência sexual: *Está velhinho, mas ainda levanta.* **38.** Pôr-se de pé; firmar-se nos pés; erguer-se: *Ao ouvirem o Hino Nacional, todos os presentes se levantaram.* **39.** Sair da cama: "Teixeira levantou-se,

6. A unidade de análise e descrição lexicográficas

naquela manhã, ainda mais cedo." (Rui Santos, *Teixeira Moleque*, p. 73.) **40.** Exaltar-se, pronunciar-se, manifestar-se, protestando. **41.** Sublevar-se, rebelar-se. **42.** Desenvolver-se, desencadear-se; surgir: *Grande temporal ameaçava levantar-se.* **43.** Raiar, surgir, aparecer: "Iluminada horizontalmente pelo sol, que se ia apenas levantando, a aldeia parecia acordar" (Conde de Ficalho, *Uma Eleição Perdida*, p. 185). **44.** Reabilitar-se, reerguer-se: *Com este brilhante exame, o candidato levanta-se.* **45.** Recuperar a saúde; convalescer. • S. m. **46.** Ato de levantar(-se); levantada.

Com efeito, pelo menos alguns dos significados de ^P*levantar* registados no *Aurélio* podem ser perfeitamente descritos como *levantar* + lexema:

- 4. e 29. Levantar [os olhos, o olhar, a vista] = 'dirigir para o alto'
- 5. e 30. Levantar [um edifício, um monumento] = 'erigir, edificar'
- 6. Levantar [a bandeira] = 'hastear, içar'
- 10. Levantar [os preços] = 'aumentar'
- 12. Levantar [a voz] = 'aumentar o volume'
- 15. Levantar [dinheiro] = 'obter'
- 16. Levantar [o ânimo] = 'entusiasmar'
- 19. levantar [a sessão] = 'encerrar'
- 20. Levantar [uma candidatura] = 'propor, lançar'
- 21. Levantar [um prémio] = 'conquistar'
- 24 e 25. Levantar [um plano, um mapa] = 'realizar, traçar'
- 26. Levantar [a caça] = 'fazer partir'
- 27. Levantar [a letra] = 'apanhar, compor'
- 28. Levantar [o gado] = 'tirar, levar'
- 29. Levantar [o pensamento] = 'alçar'
- 32. Levantar [alguém] [rei] = 'eleger, aclamar'
- 33. Levantar <as ondas> = 'altear-se, erguer-se'
- 42. Levantar-se <um temporal> = 'desencadear-se'
- 43. Levantar-se <o sol> = 'surgir, aparecer'
- 44. Levantar-se <um candidato> = reabilitar-se'

aos quais podemos ainda acrescentar:

- Levantar [acta] = 'lavrar, redigir uma acta'
- Levantar [um processo] = 'interpor, entrar em juízo com'
- Levantar [ferro] = 'zarpar'
- Levantar [âncora] = 'zarpar'
- Levantar [calúnias] = 'difamar'
- Levantar [falso testemunho] = 'caluniar, difamar'
- Levantar [o cerco] = 'retirar as tropas que cercavam uma praça forte'
- Levantar [cabeça] = 'prosperar'
- Levantar [a mão] (a, contra) = 'ameaçar'
- Levantar [o moral] = 'animar, encorajar'
- Levantar-se <o vento, a brisa> = 'desencadear-se, começar'
- Levantar [armas] = 'sublevar-se'

Levantar [pó, poeira] = ‘produzir, provocar’
Levantar [suspeitas] = ‘provocar desconfiança’
Levantar [voo] = ‘elevar-se, começar a voar’
Levantar [um império] = ‘criar, fundar’
Levantar (alguém) contra = ‘exaltar, sublevar’
Levantar [uma pena, uma proibição] = ‘suprimir’
Levantar [um acampamento] = ‘desmontar algo instalado’
Levantar [o baralho] = ‘Cortar, dividir’
Levantar <as nuvens, o nevoeiro> = ‘aclerar’
Levantar [um exército] = ‘recrutar gente’
Levantar-se [uma montanha] = ‘elevar-se’

Uma estrutura semelhante, que inclua as relações sintagmáticas na conformação dos significados, deveria ser, da facto, o formato ideal de qualquer dicionário de sinónimos, uma vez que não é de todo correcto falar em “significados” das palavras: há muitos sentidos que se concretizam nas relações lexicais sintagmáticas.

Mas, a unidade lexicográfica, ou *lexia*²⁵⁹, virá determinada tanto co-textualmente como pragmática e contextualmente. O sentido de uma acepção de uma palavra ou grupo de palavras poderá ser aclarado ou delimitado pelo universo do discurso ou marco de referência (referencialmente), pelo contexto (pragmaticamente) ou pelas restantes unidades lexicais que, juntamente com esta palavra, conformam o sintagma (morfo-sintacticamente ou co-textualmente), o que equivale a dizer que a unidade lexicográfica (assim como também a unidade lexical²⁶⁰), em grande medida,

²⁵⁹ A característica comum que define as *lexias* como unidades é, surpreendentemente, de tipo semântico-referencial:

«Leurs caractéristiques communes consistent dans le fait qu’ils sont enregistrés dans le lexique, partie intégrante de la conscience linguistique qui embrasse toutes les unités dénominatives, désignant les phénomènes de la réalité objective. Le lexique embrasse donc l’ensemble des mots au moyen desquels les membres d’une communauté linguistique communiquent entre eux» (Klare, 1986: 178).

²⁶⁰ J. A. Martínez (1994: 200-208), na sua *Propuesta de gramática funcional*, tem uma concepção pragmática da palavra como unidade linguística: distingue entre “palavra gráfica” («letra o grupo de letras separadas de otros grupos por blancos», *idem*, 201); “palavra fónica” ou “grupo fónico” («delimitada por las pausas o flexiones en la curva de entonación», *ib.*) e palavra propriamente linguística, a “palavra usada” ou “sintagma”, que «consiste en la unidad más pequeña y simple que

6. A unidade de análise e descrição lexicográficas

será determinada pragmaticamente.

Uma unidade lexicográfica será um *conceito*, reconhecido e fixado culturalmente, ao que linguisticamente corresponde um *termo* (Pawley & Syder, 1983: 191), seja ele uma palavra simples, uma palavra derivada, uma palavra composta, uma sigla, um acrónimo, uma abreviatura, uma forma ou sintagma abreviado ou um nome próprio e também um sintagma, desde que denomine globalmente (holisticamente) um único conceito (*vd. infra*). Poderá ser, portanto, qualquer fragmento do discurso com capacidade para seleccionar um referente, mas com uma restrição para o caso da co-ocorrência lexical: que venha determinada pelo co-texto (contexto sintagmático) ou por contextos situacionais pragmaticamente “marcados”, isto é, que seja um produto das relações que se estabelecem entre as formas, e não exclusivamente das relações que se estabelecem entre os referentes:

«[...] nos parece interesante establecer una diferencia entre las combinaciones que ocurren porque la realidad las dicta y las combinaciones que son producto de una estructura preferente de una determinada lengua. Las primeras tratan de las relaciones entre los “referentes”, mientras que las segundas son relaciones entre formas.» (Aguilar-Amat, 1993: 23).

Estas restrições tratam de resolver o maior problema que se coloca ao

podemos usar — no “mencionar” — al comunicarnos, oralmente o por escrito» (*ib.*).

Para este autor, as unidades átonas (preposições, conjunções, artigos, alguns pronomes,...) não são sintagmas, pois não podem usar-se isoladamente numa mensagem, mas integradas num sintagma verbal, nominal ou «han de apoyarse en verbos, sustantivos, adjetivos o adverbios subsiguientes» (Martínez, 1994: 203). Só quando se faz um uso metalinguístico das mesmas, isto é, quando são mencionadas, é que se empregam como sintagmas, nomeadamente «como substantivos o, más concretamente, como nombres propios» (*ib.*). Ora, não é justamente este o uso que se faz deste tipo de unidades nos dicionários? Rey-Debove (1973: 105) lembra-nos justamente isto quando diz que «toute nomenclature est nominale ou nominalisée»:

«L'article de dictionnaire, [...], doit être lu comme une longue phrase dont le sujet grammatical est l'entrée. Or toute prédication exige un sujet nominal, et l'entrée fonctionne dans tous les cas comme un nom.
[...] Mais lorsque l'entrée n'est pas un nom, une seule lecture est possible, par exemple, pour *dans*: *Dans* signifie “à l'intérieur de”, où *dans* se transforme en nom puisqu'il s'agit du mot *dans*.» (*ib.*).

aceitem-se como unidades lexicográficas determinadas combinações de lexemas: o problema de estabelecer os seus limites superiores. Como vimos em § 3.3, pode não ser fácil distinguir entre uma combinação livre de termos e um termo pluriverbal, um sintagma terminológico, que pode chegar inclusive a coincidir com a sua própria descrição. Estamos a referir-nos ao problema de saber se combinações como ^P*reactor nuclear* ou ^P*cópia de segurança* devem ser consideradas como entradas lexicais independentes ou não. Ou, doutra maneira, quando é que se pode considerar que um termo pluriverbal foi lexicalizado? Para Lyons (1980: 478)

«Se trata de una consecuencia más o menos inevitable del uso normal de la lengua, lo cual crea problemas tanto prácticos como teóricos al lexicógrafo. En efecto, ¿cómo determinar si, en un momento determinado, el proceso de petrificación se ha desarrollado suficientemente para justificar la inclusión de una entrada léxica separada?»

Em § 3.3 e também em § 4.3, foram apresentados exemplos de testes que, em princípio, poderiam ajudar a diferenciar entre unidades lexicais pluriverbais (ou terminológicas) e outras combinações livres de palavras (ou de termos). Contudo, não podemos deixar de duvidar da economia e até da eficácia das tentativas de identificação e classificação dos diferentes tipos de “unidades linguísticas compostas” a partir de possíveis marcas formais. O recurso a critérios de tipo semântico-referencial e pragmáticos parece ser, em última instância, o que vai permitir distinguir, dentro das combinações sintagmáticas, entre um sintagma livre e um sintagma fixo (para além do recurso à análise contrastiva com outras línguas).

No caso dos dicionários bilingues, o problema não se coloca da mesma maneira. Para a lexicografia bilingue, o problema da distinção entre frases, colocações e combinações livres é secundário. A questão sobre que tipo de combinações lexicais devem, ou podem, ser incorporadas no dicionário bilingue como unidades lexicográficas está de alguma maneira resolvida a partir do momento em que a selecção será imposta pelo equivalente da L2.

Vejamos um exemplo do dicionário de espanhol/português:

6. A unidade de análise e descrição lexicográficas

papeleta s.f. **1.** Bilhete, número [para uma rifa]; *¡Ya te he comprado muchas papeletas, así que déjame en paz!*: Já te comprei muitos bilhetes, por isso deixa-me em paz! **2.** Boletim de voto (papel com que se vota); *En la urna había más papeletas que electores*: Na urna havia mais boletins de voto do que eleitores. **3.** Papeleta (papel avulso). **4.** Papeleta (guia, boletim de admissão) [num hospital]. **4.** COLOQ., FIG. Frete (missão ou serviço ingrato ou penoso); *¡Decirle que ha suspendido!* *¡Vaya papeleta!*: Dizer-lhe que chumbou! Que grande frete! • **P~ de empeños**: Segurança de penhor.

Sob a entrada ^E**papeleta**, encontramos três tipos de equivalentes portugueses diferentes: ^P*boletim de voto*, que corresponde a umas das acepções do lexema ^E*papeleta*; ^P*segurança de penhor*, como equivalente da expressão pluriverbal ^E*papeleta de empeño*; e, finalmente, o mais problemático dos diferentes equivalentes fornecidos na entrada, ^P*frete*, como equivalente de uma acepção até certo ponto figurada do lexema ^E*papeleta*.

O primeiro caso não oferece grandes problemas. É mais ou menos consensual a pertinência da incorporação, sob o lema ou lemas que forem mais pertinentes, de equivalentes não lexicalizados correspondentes à L2:

papeleta s.f. **1.** ... **2.** Boletim de voto (papel com que se vota); *En la urna había más papeletas que electores*: Na urna havia mais boletins de voto do que eleitores. **3.** ...

O maior problema do ponto de vista da prática lexicográfica bilingue será o da incorporação, como unidade lexicográfica, de construções não lexicalizadas da L1 correspondentes a lexemas ou expressões lexicalizadas da L2. Seria o caso de, no dicionário de português/espanhol, ^P*boletim de voto* e ^P*segurança de penhor*. Deverão estas duas expressões ser incorporadas no dicionário de português/espanhol como unidades lexicográficas?

Apesar de a resposta da linguística teórica ser a de que uma combinação livre não será uma unidade lexicográfica na L2, nós pensamos que sim. O dicionário bilingue deverá conter sempre um equivalente (seja um lexema ou um sintagma) das formas lexicalizadas de qualquer uma das duas línguas. É por este motivo que, como veremos a seguir, concebemos a unidade de tratamento lexicográfico como uma

unidade bifacial, como um par ordenado de elementos ou conjuntos de elementos, o primeiro correspondente à L1 e o segundo à L2.

Relativamente ao terceiro tipo de equivalente, ^P*frete*, o problema que se coloca é que este lexema só funciona, tanto em português como em espanhol, em contextos sintáticos muito restritos: ^P*Grande frete!*, ^P*Que grande frete!*, ^E_i*Menuda papeleta!*, ^E_i*Qué papeleta!*, ^E_i*Vaya papeleta!*:

papeleta *s.f.* 1. ... 4. COLOQ., FIG. Frete (missão ou serviço ingrato ou penoso); *¡Decirle que ha suspendido! ¡Vaya papeleta!*: Dizer-lhe que chumbou! Que grande frete! ...

Em rigor, e tal como argumentámos para o caso de ^P*ter bom ouvido* e ^E*tener buen oído* (vd. *supra*), esta aceção coloquial e figurada de ^E*papeleta* e de ^P*frete* não seria tal, uma vez que ‘missão ou serviço ingrato ou penoso’ corresponderia ao sentido, não de ^E*papeleta* e de ^P*frete* mas de ^P*Grande frete!*, ^P*Que grande frete!*, ^E_i*Menuda papeleta!*, ^E_i*Qué papeleta!*, ou de ^E_i*Vaya papeleta!*

Contudo, e embora não duvidemos da pertinência de incorporar, como equivalentes de lexias da língua de partida (L1), construções (sintagmas, frases...) não lexicalizadas da língua de chegada (L2) e vice-versa, é evidente que, como indica Tomaszczyk (1983: 51), «a bilingual dictionary cannot be a respository of 'textual equivalents' [...] — in too many cases there would be no end to them — ...». Nestes casos, por uma questão prática, optamos por “construir” um sentido ‘missão ou serviço ingrato ou penoso’ para os lexemas ^E*papeleta* e ^P*frete*.

Outra questão é como resolver não tanto o problema da identificação ou incorporação no dicionário destas construções, mas como tornar conscientes os utilizadores da sua disponibilidade no dicionário?:

«It is clear that to implement this proposal, a number of theoretical and practical questions would have to be answered, the main one being how to identify the items in question, how and where to enter them in the dictionary, and how to make the users aware of their availability in the dictionary» (Tomaszczyk, 1983: 50).

O problema de como deverão ser lematizados estes tipos de combinações

6. A unidade de análise e descrição lexicográficas

lexicais é uma questão tão importante na prática lexicográfica como o da sua identificação e delimitação. Em § 4.5 defendíamos que este tipo de lexemas deverá ser incorporado sempre dentro da entrada dos lexemas constituintes, respondendo às expectativas conservadoras do utilizador, que identificará as palavras que conformam tal unidade, sem problematizar a peculiaridade fonológica, morfológica, sintáctica ou semântica do conjunto (*vd.* Lyons, 1980: 478), uma vez que, na prática (e a lexicografia tradicional sabe disso), é difícil identificar e separar o que são combinações gramaticalmente regulares de combinações petrificadas (*ib.*):

«Los diccionarios convencionales a veces adoptan el recurso de incorporar entradas léxicas para los lexemas compuestos dentro de los lexemas de uno u otro de los lexemas simples componentes, lo que casi equivale a un indicio informal de que existe algún tipo de relación entre el compuesto y sus componentes léxicos. Pero la naturaleza de esta relación no queda explicitada. Los diccionarios convencionales aprovechan en grado sumo — lo que es justificable a la vista de su propósito — el conocimiento intuitivo de los usuarios, no sólo en cuanto a la estructura gramatical de la lengua, sino también acerca de los tipos de cosas que suelen describirse o aludirse con el uso de la lengua.» (*idem*, 479-480).

O facto de não se encontrar explícita a natureza das relações que se estabelecem entre o composto e os seus componentes lexicais, como Lyons (*ib.*) indica, será devido a que o dicionário não se preocupa tanto em averiguar de que tipo são, ou se realmente existem, mas em ordenar a informação lexical da maneira mais coerente possível, tendo em conta a sua posterior recuperação pelo utilizador:

«La clasificación de las unidades pluriverbales plantea no pocos problemas teóricos y los progresos realizados hasta ahora en este campo en la lingüística han influido poco en la práctica lexicográfica. De todas formas, los diccionarios tienen que registrar todas estas macrounidades léxicas de un modo pragmático, siendo de importancia secundaria su clasificación teórico-lingüística. El único problema que plantean en la práctica lexicográfica es el de su lematización y ordenación alfabética, ...» (Haensch, 1985: 240).

Para concluirmos, a unidade lexicográfica, tal como a entendemos aqui, coincidirá com o conceito de *termo*, entendido como denominação mais conceito ou

noção²⁶¹ (vd. *infra* § 5.2). A unidade lexicográfica corresponderá à intensionalização linguística do conceito ou noção, pelo que, em princípio, poderá ser qualquer fragmento do discurso pelo simples facto de globalmente fazer referência a um conceito diferenciado, reconhecido e fixado culturalmente²⁶² (seleccionar um referente, uma *coisa*²⁶³, num *universo do discurso*²⁶⁴).

Este fragmento do discurso poderá ser um lexema, um frasema, uma colocação ou outras combinações sintagmáticas, desde que denominem globalmente um único conceito, assim como, no caso da lexicografia bilingue, algumas combinações lexicais livres, desde que sejam produto de uma estrutura preferente e diferenciada de uma das duas línguas, ou simplesmente, desde que corresponda a um conceito intensionalizado na outra língua em forma de lexia²⁶⁵, como por exemplo: ^P*dia de anos* = ^E*cumpleaños*; ^P*pré-pagamento* = ^E*pase primero por caja*; ^P*faço questão* = ^E*insisto*; ^P*boa sorte!* = ^E*¡suerte!*; ^P*galão* = ^E*café con leche*; ^P*eleições autárquicas* = ^E*elecciones locales*.

A unidade lexicográfica poderá ser uma estrutura holística ou analisável. Assim, podemos encontrar desde estruturas não composicionais como os frasemas, do tipo AB, onde ‘A’+‘B’ = ‘C’, até pares regulares de forma-significando (Pawley & Syder, 1983: 192), de tal modo que AB = ‘A’ + ‘B’²⁶⁶, passando gradualmente por

²⁶¹ Em lexicografia e em terminologia, os termos “noção” e “conceito” são usados como sinónimos, embora se prefira o primeiro (Martínez de Sousa, 1995: 280, s.v. **noción**). Uma noção ou conceito será «Uma unidade de pensamento construída por abstracção a partir das propriedades atribuídas a um objecto ou a uma classe de objectos» (Xavier & Mateus, 1992, s.v. **noção** e **conceito**).

²⁶² Vários dicionários bilingues holandeses estão a ser elaborados segundo este método baseado em conceitos (“concept-based approach”) a partir do holandês como interlíngua (vd. Heid, 1992b: 53). Sobre o assunto, vd. Heid (1992a; 1992b), Al (1988), Van Sterkenburg, Martin & Al (1982).

²⁶³ Sobre o termo *coisa*, vd. *supra* nota 77.

²⁶⁴ Vd. *supra* notas 207 e 208.

²⁶⁵ Outra questão será como lematizar tal combinação livre (vd. *supra* § 4.5).

²⁶⁶ Como exemplo deste carácter não absoluto e não discreto das unidades lexicográficas, podemos retomar o exemplo com que abríamos este capítulo, os termos latinos *patruus*, *avunculus*, *matrterera* e

6. A unidade de análise e descrição lexicográficas

estruturas intermédias, como as colocações, em que $AB = 'A' + 'C'$, ou os quase-frasemas, em que $AB = 'A' + 'B' + 'C'$ (por exemplo, ^Pleite gordo, ^Pódio mortal, ^Pcinturão negro, ^Pdar um passeio, ^Pganhar o pão, ^Pganhar a vida, etc.).

Foi com a experiência adquirida na elaboração do dicionário de espanhol/português que se nos evidenciou o carácter não composicional, ou parcialmente não composicional, de muitas unidades significativas. Isto, juntamente com a concepção contextual do significado e o facto de que, como fizemos referência nos dois capítulos anteriores, «las distinciones (entre unidades, categorías, niveles) no poseen un carácter discreto sino gradual y contínuo» (Martí Sánchez, 1998: 84), levou-nos a uma proposta de solução para o problema da delimitação das unidades lexicográficas que passava, como indicávamos no primeiro capítulo, por retomar a ideia defendida pela psicologia da *Gestalt* de que a totalidade não é, ou não é só, a soma das partes que a compõe e que a análise das partes constitutivas não é suficiente para entender a totalidade.

Podemos concluir com uma definição definitiva do que entendemos aqui por unidade lexicográfica:

Uma unidade lexicográfica é qualquer expressão (mono ou pluriverbal) que, dado o carácter gestáltico da sua estrutura (ora holística ora analisável)²⁶⁷, precisa de uma descrição lexicográfica individual, não podendo ser descrita completamente pelas regras gerais da gramática nem independentemente do contexto.

amita. As expressões equivalentes ^Ptio paterno, ^Ptio materno, ^Ptia paterna e ^Ptia materna, passarão a funcionar como unidades lexicográficas num dicionário bilingue de latim/português.

²⁶⁷ Cf. Lakoff (1977: 246-247) e *infra* nota 92.

CAPÍTULO 7

A UNIDADE DE TRATAMENTO LEXICOGRÁFICO

«Usage cannot be invented, it can only be recorded»

(Sinclair, 1987: XV)

«Le lexicographe est d’abord le “recenseur de l’usage”»

(Clas, 1996: 209).

7.0. Continuaremos a falar neste capítulo acerca do material lexicográfico²⁶⁸ concreto que deve ser inventariado, como unidades lexicográficas em forma de lemas ou sub-lemas, num dicionário unilingue ou bilingue de português ou de espanhol, e de como este material deverá ser organizado no que chamaremos *unidades de tratamento lexicográfico*.

Diferente da unidade lexical (lexema) e da unidade lexicográfica (lexia) será a *unidade de tratamento lexicográfico*²⁶⁹. No caso dos dicionários unilingues, a unidade de tratamento lexicográfico será entendida como o conjunto formado pela unidade lexicográfica juntamente com a definição e qualquer outra explicação ou informação gramatical, semântica²⁷⁰ ou de uso, exemplos, etc. que a possa

²⁶⁸ Entendemos por material lexicográfico o conjunto de elementos da língua que podem fazer parte de uma obra lexicográfica (Martínez de Sousa, 1995: s.v. **material lexicográfico**).

²⁶⁹ Tomamos o termo de Hausmann, F. e H. E. Wiegand (1989) [*apud* Werner, R. y C. Chuchuy (1992: 101)], embora aqui lhe dêmos um uso mais lato.

²⁷⁰ Por informação semântica entendemos tanto informação sobre o signo, como informação referencial ou informação lexemático-estrutural:

«A informação semântica, que é, ao fim e ao cabo, a informação mais importante no dicionário, tanto pode ser uma “informação definicional” acerca da estrutura interna do significado da entrada, como uma “informação referencial” acerca da lexicalização de domínios extralinguísticos, ou como uma “informação lexemático-estrutural” acerca das relações existentes e possíveis entre cada entrada e as restantes entradas na língua, relações feitas em termos de “selecção” (=relações paradigmáticas), ou ainda como “informação colocacional” acerca das relações sintagmáticas duma entrada» (Vilela, 1994: 142, nota 1).

acompanhar. No caso dos dicionários bilingues, paralelamente ao dicionário unilingue, a unidade de tratamento lexicográfico será a unidade lexicográfica da língua de partida (palavra ou conjunto de palavras com uma acepção claramente delimitada) e o equivalente (palavra ou conjunto de palavras) correspondente na língua de chegada, juntamente com qualquer outra explicação ou informação gramatical, semântica, de uso, exemplos, etc. que o possa acompanhar (vd. Werner & Chuchuy, 1992: 101).

Para exemplificar o que entendemos por *unidade de tratamento lexicográfico*, vejamos a entrada ^E**leche** no dicionário de espanhol/português:

leche [...] *s.f.* **1.** Leite (*s.m.*) (líquido segregado pelas glândulas mamárias das fêmeas dos mamíferos); *Los mamíferos recién nacidos sólo se alimentan de leche*: Os mamíferos recém-nascidos só se alimentam de leite. **2.** Leite (*s.m.*) (suco segregado por alguns vegetais); *La leche de la higuera*: O leite da figueira. **3.** Leite (*s.m.*) (líquido cosmético); *Lo que necesitas es una leche hidratante*: Precisas é de um leite hidratante. **4.** COLOQ. Seca, chatice (aborrecimento, incómodo); *Es una leche tener que levantarnos tan temprano*: É uma seca termos de nos levantar tão cedo; vd. **lata, latazo**. • **A toda l~**: A toda a velocidade; *Pasó por el pasillo a toda leche*: Passou pelo corredor a toda a velocidade. **Arroz con l~**: Arroz doce; *El arroz con leche lleva azúcar, leche, cáscara de limón y canela* O arroz-doce leva açúcar, leite, casca de limão e canela. **Café con l~**: **1.** Meia de leite [em chávena grande, de pequeno almoço]. **Café con l~**: **2.** Pingo [em chávena pequena]; vd. **cortado**. **Chocolate con l~**: **1.** Chocolate de leite [pasta alimentícia]. **2.** Leite com chocolate, leite chocolatado [bebida]. **Con mala l~**: Com má intenção; *Has hecho eso con mala leche*: Fizeste isso com má intenção. **De l~**: De leite (que ainda mama) Olha que pequenino é o vitelo de leite. **Dar una l~**: COLOQ. Dar um chapada, um estalo, um chapadão (dar uma bofetada); *¡Si no te callas te dou una leche!*: Se não te calas dou-te um estalo! **Darse una l~**: COLOQ. Dar um encontrão; *Me di una leche contra la puerta y me rompí las gafas*: Dei um encontrão contra a porta e parti os óculos. **Diente de l~**: Dente de leite (dente da primeira dentição). **L~ condensada**: Leite condensado; *El dulce que nos sirvieron lleva leche condensado*: O doce que nos serviram leva leite condensado. **L~ de almendras**: Leite de amêndoas. **L~ de coco**: Leite de coco. **L~ desnatada**: Leite magro (leite ao qual se retirou a gordura); *La leche desnatada tiene menos calorías que la leche entera*: O leite magro tem menos calorías que o leite gordo. **L~ entera**: Leite gordo (leite que conserva a gordura e as substâncias nutritivas); *Como está de dieta, no puede tomar leche entera*: Como está de dieta, não pode tomar leite gordo. **L~ frita**: Doce de leite e farinha fritos. **L~ merengada**: Batido de leite [feito com leite, açúcar, canela e clara de ovo]. **L~ de paloma**: Leite de pomba. **L~ semidesnatada**: Leite meio-gordo; *La leche semidesnatada tiene menos grasas que la leche entera*: O leite meio-gordo tem menos gordura que o leite gordo. **Mala l~**: **1.** Mau humor; *Hoy estoy de mala leche*: Hoje estou de mau humor. **2.** Mau carácter; *Tiene mucha mala leche*: Tem muito mau carácter. **¡Me cago en la l~!**: COLOQ., VULG. Porra!, merda!; *¡Me cago en la leche! Voy a llegar tarde otra vez*: Porra! Vou chegar tarde outra vez. **Ser la l~**: **1.** Ser o cúmulo; *¡Eres la*

7. A unidade de tratamento lexicográfico

leche! ¡Siempre estás a pedir un pitillo!: És o cúmulo! Estás sempre a pedir um cigarro! **2.** Ser um chato; ¡Este tío es la leche! ¡Estoy harto de él!: Este gajo é um chato! Estou farto dele!

O conjunto formado por cada unidade lexicográfica da língua de partida (lexemas, fraseas, colocações e outras formas sintagmáticas) e cada um dos seus equivalentes na língua de chegada, juntamente com qualquer outra informação anexa (restrições, definições, etiquetas, etc.) será uma unidade de tratamento lexicográfico. Neste exemplo temos, pois, as seguintes unidades de tratamento lexicográfico, correspondentes às diferentes acepções da palavra ^E*leche* ou de combinações da palavra com outras:

- 1. leche** Leite (*s.m.*) (líquido segregado pelas glândulas mamárias das fêmeas dos mamíferos); *Los mamíferos recién nacidos sólo se alimentan de leche*: Os mamíferos recém-nascidos só se alimentam de leite.
- 2. leche** Leite (*s.m.*) (suco segregado por alguns vegetais); *La leche de la higuera*: O leite da figueira.
- 3. leche** Leite (*s.m.*) (líquido cosmético); *Lo que necesitas es una leche hidratante*: Precisas é de um leite hidratante.
- 4. leche** COLOQ. Seca, chatice (aborrecimento, incómodo); *Es una leche tener que levantarnos tan temprano*: É uma seca termos de nos levantar tão cedo; *vd. lata, latazo*.
- 5. A toda l~**: A toda a velocidade; *Pasó por el pasillo a toda leche*: Passou pelo corredor a toda a velocidade.
- 6. Arroz con l~**: Arroz doce; *El arroz con leche lleva azúcar, leche, cáscara de limón y canela* O arroz-doce leva açúcar, leite, casca de limão e canela.
- 7. Café con l~**: **1.** Meia de leite [em chávena grande, de pequeno almoço].
- 8. Café con l~**: **2.** Pingo [em chávena pequena]; *vd. cortado*.
- 9. Chocolate con l~**: **1.** Chocolate de leite [pasta alimentícia].
- 10. Chocolate con l~**: **2.** Leite com chocolate, leite chocolatado [bebida].
- 11. Con mala l~**: Com má intenção; *Has hecho eso con mala leche*: Fizes-te isso com má intenção.
- 12. De l~**: De leite (que ainda mama); *Tenera de leche*: Vitela de leite.
- 13. Dar una l~**: COLOQ. Dar um chapada, um estalo, um chapadão (dar uma bofetada); *¡Si no te callas te dou una leche!*: Se não te calas dou-te um estalo!
- 14. Darse una l~**: COLOQ. Dar um encontrão; *Me di una leche contra la puerta y me rompí las gafas*: Dei um encontrão contra a porta e parti os óculos.
- 15. Diente de l~**: Dente de leite (dente da primeira dentição).
- 16. L~ condensada**: Leite condensado; *El dulce que nos sirvieron lleva leche condensado*: O doce que nos serviram leva leite condensado.
- 17. L~ de almendras**: Leite de amêndoas.
- 18. L~ de coco**: Leite de coco.
- 19. L~ desnatada**: Leite magro (leite ao qual se retirou a gordura); *La leche desnatada*

tiene menos calorías que la leche entera: O leite magro tem menos calorías que o leite gordo.

- 20. L~ entera:** Leite gordo (leite que conserva a gordura e as substâncias nutritivas); *Como está de dieta, no puede tomar leche entera:* Como está de dieta, não pode tomar leite gordo.
- 21. L~ frita:** Doce de leite e farinha fritos.
- 22. L~ merengada:** Batido de leite [feito com leite, açúcar, canela e clara de ovo].
- 23. L~ de paloma:** Leite de pomba.
- 24. L~ semidesnatada:** Leite meio-gordo; *La leche semidesnatada tiene menos grasas que la leche entera:* O leite meio-gordo tem menos gordura que o leite gordo.
- 25. Mala l~: 1.** Mau humor; *Hoy estoy de mala leche:* Hoje estou de mau humor.
- 26. Mala l~: 2.** Mau carácter; *Tiene mucha mala leche:* Tem muito mau carácter.
- 27. ¡Me cago en la l-!:** COLOQ., VULG. Porra!, merda!; *¡Me cago en la leche! Voy a llegar tarde otra vez:* Porra! Vou chegar tarde outra vez.
- 28. Ser la l~: 1.** Ser o cúmulo; *¡Eres la leche! ¡Siempre estás a pedir un pitillo!:* És o cúmulo! Estás sempre a pedir um cigarro!
- 29. Ser la l~: 2.** Ser um chato; *¡Este tío es la leche! ¡Estoy harto de él!:* Este gajo é um chato! Estou farto dele!

Distinguimos, portanto, para além do lema (^Eleche), a “unidade lexicográfica”, que, como vimos no capítulo anterior, poderá ser um lexema (^Eleche), mas também uma combinação de unidades lexicais (^Eleche entera) e o que apresentaremos neste capítulo como sendo “unidades de tratamento lexicográfico”.

Conhecer uma unidade lexical de uma língua e, especialmente, de uma L2 num dicionário bilingue significa:

- 1º. Conhecer a sua forma oral e escrita (pronúncia e ortografia).
- 2º. Conhecer as suas variações formais (género, número, etc.) assim como a capacidade para formar novas unidades (derivação, composição, etc.).
- 3º. Conhecer as suas capacidades combinatórias, as relações possíveis com outras unidades no co-texto (combinações livres, combinações restritas, ou colocações, frasemas).
- 4º. Conhecer as possibilidades de uso pragmático-contextual e retórico (contextos de uso, registos, domínios, variantes diacrónicas, geográficas, estilísticas, etc., usos metafóricos, fórmulas de rotina, etc.).

Isto implicará que no dicionário deverá ser consignada e etiquetada convenientemente todo este tipo de informação.

Cada variação detectada não só nos equivalentes, mas também no sistema de etiquetagem (informação gramatical, enciclopédica, estilística, de uso, etc.) anexa

aos mesmos, implicará uma unidade lexicográfica diferente. Isto significa que a unidade lexicográfica virá dada não só pelos diferentes conteúdos semânticos de uma determinada palavra, mas também em função do seu comportamento sintático (Lépinette, 1994: 346), da sua capacidade de combinatória lexical e do seu uso pragmático-contextual.

Cada unidade lexicográfica diferente deverá implicar necessariamente qualquer variação em algum ou alguns dos elementos que conformam a unidade de tratamento lexicográfico e vice-versa, qualquer alteração dos elementos que conformam uma unidade de tratamento lexicográfico implicará uma nova unidade lexicográfica.

A seguir apresentamos uma relação discriminada dos diferentes tipos de informação que deverão conter estas unidades de tratamento lexicográfico num dicionário bilingue. É importante observar que muita desta informação pode pertencer a diversos *itens*: sintáticos e semânticos, enciclopédicos e pragmáticos, etc. Como poderemos observar, muitas vezes será difícil estabelecer os limites entre o que é uma definição e as informações que delimitam o uso co-textual (sintático, combinatório) e contextual (pragmático-enciclopédico) de uma determinada unidade lexicográfica.

Contudo, apesar das críticas de que são alvo as etiquetas utilizadas nos dicionários, pensamos que a definição mais útil que se pode dar de uma determinada unidade lexicográfica, especialmente nos dicionários de produção e nos dicionários bilingues, será a fornecida por um sistema de etiquetagem o mais completo possível²⁷¹, que ultrapasse sem nenhum tipo de receio o imanentismo gramatical a que nos habituou a linguística do século XX.

Repare-se, por exemplo, na insuficiência das definições dos adjectivos

²⁷¹ Neste sentido, não pensamos que um sistema de etiquetagem seja, *a priori*, mais imperfeito ou incompleto do que uma definição, ao contrário do que afirma Haensch (1982b: 481) quando escreve: «El máximo de acotaciones sustituye, hasta cierto punto, pero naturalmente de modo incompleto, un detallado análisis semasiológico formalizado, que es imposible de realizar para cada entrada de un diccionario.» Para além de concebermos a definição como fazendo parte do conjunto de etiquetas, podem existir bons e maus sistemas de etiquetagem e boas e más definições.

^P*esquisito* e ^P*espantoso* nos dicionários portugueses. Vejamos só as entradas correspondentes à primeira palavra. Os dicionários portugueses apresentam acepções da mais variada ordem deste termo, positivas e negativas. Segundo as definições apresentadas, o termo parece chegar a funcionar como antónimo de si próprio (para além de que parecem ter ficado surpreendentemente desactualizadas uma vez que, salvo no caso do Vilela, a maior parte das acepções são definidas em termos positivos):

esquisito [Do lat. *exquisitu*.] Adj. **1.** Não usual; fora do comum; raro: ... **2.** Raro, precioso, fino, invulgar: ... **3.** Excelente, delicioso, requintado: ... **4.** Delicado, apurado, requintado: ... **5.** Excêntrico, estranho, extravagante: ... **6.** *Bras. Fam.* De mau aspecto; feio e/ou malvisto. ... (*Aurélio*).

esquisito *adj.* que tem esquisiteces; delicado; raro; primoroso; elegante; extravagante; impertinente. ... (*Porto Editora*).

esquisito *adj.* excelente, delicioso, raro: Vinhos *esquisitos*. As largas mesas enchem de baixelas... Já trazem manjares *esquisitos* em abundância mais que os de Cleópatra. [...] || Perfeito; bem acabado, primoroso; exímio: Trabalho, labor *esquisito*. || Delicado, apurado, elegante: Sala ornada com *esquisito* gosto. || Não usual: fora do comum, seletos: Têrmos, adornos, pensamentos *esquisitos*. || (Fig. fam.) Singular, extravagante; excêntrico; bisonho, sorumbático, rabujento, impertinente: Tem um génio muito *esquisito*. || (Bras.) Feio, de mau aspecto. || (Bras.) Mal vestido. || –, *s. m.* (Bras.) lugar deserto; ermo. || (Paraná) Caminho difícil e escabroso. || F. lat. *Exquisitus*. (*Caldas Aulete*).

esquisito *adj.* Achado com dificuldade *ou* raramente. Raro; precioso: *jóias esquisitas*. Excelente; primoroso. Elegante. Que não é vulgar. Excêntrico; extrambótico: *carácter esquisito*. Maníaco (Lat. *exquisitus*). (*Cândido*).

esquisito [...] *adj.*

(diz-se de pessoa, coisa): (1) — *Não lhe estragues o livro, que ele é muito esquisito*. • (2) *Parecia, a todos os colegas, um rapaz meio esquisito*. • (3) *Está nesta sala um cheiro esquisito*. • (4) *Essa professora tem um modo esquisito de se vestir*.

G. *Esquisito* é um adjectivo predicativo.

S. *Esquisito*, na frase 1, significa MANÍACO, MUITO EXIGENTE, INFLEXÍVEL. Nas frases 2 e 4, quer dizer ESTRAVAGANTE, EXCÊNTRICO (ling. cuidada). Na frase 3, significa FORA DO VULGAR, RARO, ESTRANHO, DIFERENTE.

... (*Vilela*).

Temos aqui um caso claro em que o valor de cada acepção da palavra só deixará de ser ambíguo com a informação fornecida pelo co-texto (^P*vinho esquisito*) e/ou pelo contexto situacional (^P*Deve haver alguma coisa estragada no frigorífico: há um cheiro esquisito*), o que, em termos lexicográficos, implicará a necessidade de um bom sistema de etiquetagem, com boas definições, naturalmente, mas também

7. A unidade de tratamento lexicográfico

com informações sobre contextos e restrições de uso, etc.

Passaremos seguidamente a abordar algumas questões relativas aos elementos que constituem uma unidade de tratamento lexicográfico num dicionário bilingue²⁷², a saber:

- (1) O lema (entrada, ou vedeta).
- (2) Transcrição(-ções) fonética(-s).
- (3) Unidades lexicográficas (as diferentes acepções do lema ou de combinações do lema com outras unidades lexicais, assim como o equivalente na L2.
- (4) Etiquetagem relativa à informação enciclopédico-cognitiva: campo ou sistema conceptual e marco de referência.
- (5) Pequena definição do equivalente de L2 e/ou da unidade lexicográfica de L1.
- (6) Etiquetagem sobre informações ou restrições ortográficas, morfológicas, sintáticas, semânticas, lexicais relativa a cada lexema ou combinação de lexemas que conformem uma lexia (descrição gramatical).
- (7) Etiquetas sobre restrições e informações pragmático-retórico-contextuais.
- (8) Um equivalente para cada unidade lexicográfica de L1, seja ela um lexema, um frasema, qualquer outra combinação restrita de lexemas (colocações, quase-frasemas) ou, em determinados casos, combinações livres de lexemas.
- (9) Exemplos de cada unidade lexicográfica da L1 e de cada equivalente na L2.

7.1. O lema

Qualquer palavra, signo, letra ou conjunto de palavras, signos ou letras poderá constituir um lema:

hierro [...] *s.m.* 1. Ferro [metal]; ...

²⁷² Os exemplos foram tomados do dicionário bilingue espanhol/português que estamos a elaborar.

DNI [...] *s.m.* BI (Bilhete de Identidade) ...

Contudo, como vimos em § 1.2.2, as vantagens da unidade palavra como lema são claras, nomeadamente nos dicionários tradicionais em formato não electrónico. Salvo nos dicionários em formato electrónico, onde se podem utilizar vários processos de pesquisa e de recuperação de informação (por exemplo, por meio dos operadores lógicos *e* e *ou*) para procurar unidades pluriverbais, nos dicionários em formato tradicional, qualquer tipo de unidade pluriverbal deverá ser registada, em forma de sub-entrada ou sub-lema, sob as várias palavras lexicais que a compõe (*vd. supra* § 1.2.2):

clara *s.f.* ... • **C~ en punto de nieve**: Claras em castelo; *Se baten las claras a punto de nieve*: Batem-se as claras em castelo. ...

nieve *s.f.* ... • **Claras en punto de n~**: Claras em castelo; ...

punto *s.m.* ... • **Claras en p~ de nieve**: Claras em castelo; ...

7.2. Transcrição(-ções) fonética(-s)

A transcrição fonética deverá registar as principais pronúncias existentes, sem grandes pruridos normativizadores:

hierro ['yero/'jero] *s.m.* 1. Ferro [metal]; ...

DNI ['de'ene'i/'dene'i] *s.m.* BI (Bilhete de Identidade) ...

instituto [i(n)sti'tuto] *s.m.* 1. Escola secundária...

Nos dicionários bilingues também poderá aparecer a transcrição fonética do equivalente da L2. Esta poderá ser registada a seguir a cada equivalente ou, por questões de economia para os dicionários em papel, numa listagem final de todos os equivalentes utilizados no dicionário:

hierro ['yero/'jero] *s.m.* 1. Ferro ['fɛru/'fɛRu] [metal]; ...

Evidentemente, nos dicionários em formato electrónico e com recursos multimedia, esta transcrição fonética poderá ser substituída pelo registo em áudio

da pronúncia das palavras dicionarizadas²⁷³.

7.3. Unidades lexicográficas

A questão da definição e delimitação da unidade lexicográfica, juntamente com a da dicionarização da informação enciclopédico-cognitiva (§ 7.4), pragmático-contextual (§ 7.7) e da combinatória lexical restrita (§ 7.6), foram objecto de atenção especial neste trabalho (*vd. supra* capítulos 3º, 4º e 6º).

A unidade lexicográfica será sempre o núcleo de uma unidade de tratamento lexicográfico. Como vimos no capítulo anterior, na entrada correspondente a um determinado lema, por exemplo ^Eleche, podemos encontrar unidades lexicográficas que correspondem não só a cada uma das acepções da unidade lexical ^Eleche mas também a combinações dessa palavra com outras unidades lexicais (frasesmas, semi-frasesmas ou quase-frasesmas), como, por exemplo, ^Eleche entero.

Como já dissemos no início deste capítulo, cada unidade lexicográfica diferente deverá implicar necessariamente qualquer variação em algum ou alguns dos elementos que conformam a unidade de tratamento lexicográfico.

Um lexema conformará muito frequentemente uma unidade lexicográfica como acepção do lema no caso dos dicionários unilingues, ou, no caso dos dicionários bilingues, como acepção do lema da língua de partida (L1) e como equivalente da língua de chegada (L2):

nieve *s.f.* **1.** Neve (vapor de água congelada que cai da atmosfera e pode acumular-se no chão); *Hoy ha caído nieve en el Gerês*: Hoje caiu neve no Gerês. **2.** DROGA Coca (cocaína); *Gasta mucho dinero en nieve*: Gasta muito dinheiro em neve. • ...

Contudo, como dissemos, esta unidade lexicográfica poderá ser constituída também por uma combinação de lexemas como, por exemplo:

a) Colocações:

²⁷³ *Vd.*, por exemplo, a *Diciopédia. Grande Dicionário Enciclopédico Multimédia*, da Porto Editora/Priberam Informática.

nieve *s.f.* ... **Copo de n~**: Floco de neve.

b) Frasesmas:

café *s.m.* ... **Estar de mal c~** FAM.: Estar com os azeites (estar de mau humor). **Tener mal c~** FAM.: **1.** Ter mau carácter. **2.** Trazer água no bico (ter má intenção).

jamón *s.m.* ... • **Estar j~**: COLOQ. Ser uma lasca (ser fisicamente atraente); *¡Tu vecina está jamón!*: Aquela tua vizinha é uma lasca! ... **Y un j~ (con chorreras)**: FAM. É o alho!, Isso é que era bom! [expressão de negação ou recusa].

c) Quase-frasesmas²⁷⁴:

enseñanza *s.f.* e *s.f.pl.* **I. s.f. 1.** ... • **E~ media**: Escola secundária [10º, 11º, 12º anos]; *vd. instituto*. **E~ primaria: 1.** Ensino básico; *vd. escuela*. **2.** Escola primária (estabelecimento onde se lecciona o primeiro ciclo do ensino básico) [do 1º ao 4º anos]. **3. Ciclo** [do 5º ao 9º anos], 2º ciclo [5º e 6º anos], 3º ciclo [7º, 8º e 9º anos]. **E~ secundaria**: Escola secundária [10º, 11º, 12º anos]; *vd. instituto*. **E~ superior**: Ensino superior; *vd. facultad, universidad*. • *Obs.*: ...

nieve *s.f.* ... • **Claras en punto de n~**: Claras em castelo; *Se baten las claras a punto de nieve*: Batem-se as claras em castelo. ...

café *s.m.* ... **C~ con leche: 1.** Meia de leite [em chávena grande, de pequeno almoço] [numa cafetaria, etc.]. **2. Pingo** [em chávena pequena] [numa cafetaria, etc.]; *vd. cortado*. **3. Café com leite** [em casa, num hotel]. ...

judía *s.f.* ... • **~s blancas (s.f.pl.)**: Feijão branco (*s.m.*), feijão-manteiga (*s.m.*). **~s pintas (s.f.pl.)**: Feijão-frade (*s.m.*), feijão-carito (*s.m.*), chícharo (*s.m.*); *vd. chícharo*. **~s verdes (s.f.pl.)**: Feijão verde (*s.m.*). *vd. alubia, fréjol, frijol, frijol, habichela*. • *Obs.*: Em espanhol é mais comum o uso em plural: *Comimos judías verdes en la cena*: Comemos feijão verde ao jantar. *cf. judío*.

jamón *s.m.* ... **J~ (de) York: 1.** Fiambre. **2. Paio de York** [presunto cozido e preparado como fiambre]. **J~ serrano** Presunto serrano [curado e não cozido].

...

d) No caso dos dicionários bilingues, qualquer tipo de construção sintáctica que implique qualquer variação no equivalente na L2:

si *conj.* **1.** Se ... • ... **S~ [+ pres. ind.] [+ inf.]**: Caso [+ pres. conj.] [+ inf.]; *Si desea instalar usted mismo el aparato, deberá observar las instrucciones de*

²⁷⁴ *Vd. infra* também a etiquetagem relativa à informação enciclopédica, nomeadamente a questão dos nomes próprios.

las últimas páginas de este folleto: Caso deseje montar pessoalmente o aparelho, deverá ter em conta as instruções das últimas páginas desta brochura.

7.4. Etiquetagem enciclopédico-cognitiva

Com etiquetagem enciclopédico-cognitiva referimo-nos à informação relativa ao campo ou sistema conceptual e ao marco de referência. Este tipo de informação, juntamente com a informação sobre a co-ocorrência lexical restrita (§ 7.6), a etiquetagem pragmático-contextual e retórica (§ 7.7) e a questão da unidade lexicográfica (§ 7.3), foram objecto de atenção especial neste trabalho (*vd. supra* capítulo 5º).

Nos dicionários actuais, este tipo de informação parte muitas vezes da intuição do próprio lexicógrafo mais do que de uma classificação produto de uma sistematização rigorosa²⁷⁵. Contudo, esta informação, em primeiro lugar, pode ser muito útil para o utilizador estrangeiro (e não só), que poderá ter menor intuição no que se refere a este tipo de informação, e, em segundo lugar, que na prática lexicográfica uma mudança do marco de referência é (consciente ou inconscientemente) explicitada com um sistema de etiquetagem mais ou menos sistemático, mais ou menos ambicioso.

Por outro lado, queremos insistir novamente no facto de que a informação que se fornece com estas etiquetas não se encontra em compartimentos estanques e perfeitamente delimitados. Assim, este tipo de informação, nem sempre é difícil de distinguir da própria definição (linguística ou enciclopédica?) ou do que aqui chamámos etiquetagem de tipo pragmático-contextual (*vd. infra* 7). Por exemplo, a informação que fornecem as etiquetas sobre usos tecnolectais ou dialectais, ou até sobre o uso familiar, popular ou figurado pode ser de tipo pragmático-contextual ou enciclopédico-cognitivo.

Assim, etiquetas como AMÉRICA ou BRASIL, que em princípio serão usadas

²⁷⁵ Neste sentido, escreve González (1996: *s.v.* **reseñas**): «si consultamos el DRAE [Dicionário de la Real Academia Española] por ramas del saber, encontraremos 844 entradas en el campo milicia y sólo 3 en el campo ingeniería [...]».

para marcar variantes diatópicas, como pode ser o caso de ^P*carona* (BRASIL) vs. ^P*boleia*, muitas vezes servirão também para dar informação de tipo enciclopédico, uma vez que informam mais sobre a existência de uma determinada *coisa* do que sobre as formas linguísticas utilizadas pelas diferentes variedades diatópicas como é o caso do exemplo anterior. Abundam os exemplos nos dicionários:

^P*abará*, ^P*aça*, ^P*amboré*, ^P*brancarão*, ^P*cancheiar*, ^P*capangueiro*,
^P*capinação*, ^P*caracará*, ^P*dendê*, ^P*duriango*, ^P*ema* (*et passim*).

Como vemos, é mais um argumento que ajuda a contestar a existência de uma separação clara entre dicionário e enciclopédia.

Corresponde a este tipo de etiquetagem:

a) A informação relativa às áreas de conhecimento, matéria ou especialidade, usos tecnolectais ou, como acabamos de ver, dialectais, com etiquetas como:

ARGENTINA, BIOLOGIA, BÍBLIA, CULINÁRIA, ESCOLAR, FRANCÊS

A mudança da área de conhecimento, por exemplo, não é irrelevante na descrição lexicográfica de uma palavra uma vez que vai implicar sempre uma mudança no tipo de definição utilizada. Como vimos em § 5.3, não será a mesma definição a que se utilizará para o sentido de ^P*ovo* como ‘alimento’, dentro do marco de referência da linguagem quotidiana ou da alimentação, que a definição de ^P*ovo* para o sentido de ‘célula’, dentro do marco de referência da Biologia:

OVO *s.m.* Ovo [de galinha]; Fizemos bonecos com cascas de ovos. **2.** ALIMENTO Ovo [de galinha, salvo especificação]; Uma omelete com dois ovos. **2.** Ovo [de ave, de réptil, de insecto, de peixe, etc.]; Ao pensarmos em ovos, geralmente pensamos em ovos de galinha. **3.** BIOLOGIA Ovo (célula que resulta da fecundação dos gâmetas); O embrião procede da divisão celular do ovo ...

As etiquetas referentes ao que, no capítulo 5º, chamámos *marcos de referência* serão também úteis para a descrição lexicográfica das fórmulas de rotina (*vd. supra* § 5.4.1):

«... los marcos de situación para las fórmulas rutinarias son esquemas cognoscitivos que (a) comprenden la información necesaria para el uso correcto de una fórmula, y (b) motivan el uso de la(s) misma(s) en un momento dado. Dichas estructuras de conocimiento representan la percepción prototípica y convencional de tales

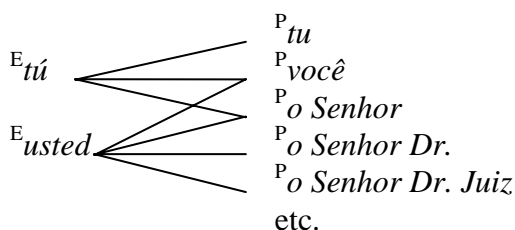
7. A unidade de tratamento lexicográfico

situaciones por parte de los miembros de la comunidad hablante, siendo un fiel reflejo de su cultura.» (Corpas Pastor, 1995: 339).

Devido ao carácter muitas vezes idiossincrásico destas fórmulas de rotina, a etiquetagem dos *marcos de referência* pode ser fundamental no dicionário bilingue, uma vez que nem sempre é possível fornecer um equivalente da fórmula linguística utilizada numa determinada situação (*marco de referência*), situação que pode até não estar tipificada na outra língua (*idem*, 340):

«Por ejemplo, en árabe se dice la fórmula /na eeman/ ('Que Dios te bendiga') a quien acaba de darse un baño o de cortarse el pelo (Al-Sayed, 1990: 9), mientras que esta misma situación no requiere ningún comentario específico ni en inglés ni en español.» (*ib.*).

Casos semelhantes podemos registar em espanhol e em português: a fórmula de cortesia ^P*Com licença*, empregue por exemplo quando o falante vai rasgar um papel à frente do interlocutor (assim como ao desligar o telefone ou abrir um envelope), não tem correspondência em espanhol, uma vez que a situação não está tipificada em espanhol e não requer nenhum tipo de fórmula de cortesia concreta. Outro caso importante é o uso das fórmulas de tratamento, muito mais complexo em português do que em espanhol (*vd. infra* § 7.5):



Há também casos de equivalência parcial, como o que regista Corpas (*ib.*) para o espanhol e o italiano:

«...la fórmula de cortesía *Que aproveche* (y su variante *Buen provecho*) no tiene equivalente en inglés, aunque sí en italiano: *Buon Appetito*. No obstante, la equivalencia es parcial, porque según Lenarduzzi (1991: 196), la fórmula italiana, aunque también admite el uso de la española, se utiliza más bien para dar permiso a los comensales para empezar a comer, mientras que la fórmula española no permite este uso, pues el hecho de que todos estén servidos es suficiente para empezar.»

Este mesmo uso da fórmula italiana *buon appetito* tem também a fórmula portuguesa ^P*bom appetite*, com dois equivalentes possíveis em espanhol ^E*buen*

provecho e ^E*que aproveche*, mas só o primeiro, ^E*buen provecho*, poderá ser utilizado como equivalente de ^P*bom apetite* para, cortesmente, dar autorização às outras pessoas que comem à mesma mesa para começar a comer (embora não seja obrigatório), para além de que, como já indicámos (*vd. supra* nota 176), existem as expressões ^P*bom proveito!* ou ^P*que te faça bom proveito!* (*cf.* ^E*¡que te aproveche!*), com uma conotação negativa.

Corpas Pastor (1995: 341-345) fornece dois exemplos de análise por meio de *frames* de como se codificam social e culturalmente as fórmulas de rotina assim como das situações que as podem provocar: o da expressão inglesa *Hear, hear!* e o da espanhola ^E*¡A la orden!* Recolhemos aqui, a modo de ilustração, o exemplo da fórmula espanhola (*idem*, 342-344)²⁷⁶:

«¡A la orden!

1. Participantes.

género La fórmula puede ser usada independientemente de la *edad* de los interlocutores. En cuanto a la edad, los interlocutores son personas adultas (dado que esta fórmula se restringe al uso profesional).

papel social El emisor es un militar de menor jerarquía que contesta *jerarquía* a otro militar de grado superior — o bien a algún cargo de jerarquía superior, como por ejemplo un magistrado, un gobernador civil, etc. — que tiene autoridad sobre él.

Comentario: cuando esta fórmula se usa entre militares, va seguida de *mi* — más opcionalmente el tratamiento, cuando este es de excelencia o señoría — y el empleo de superior jerárquico: por ejemplo, ¡A la orden (su excelencia) mi general!

familiaridad La fórmula indica no familiaridad entre los hablantes.

2. Escenario.

tiempo No hay restricciones temporales.

lugar No hay restricciones de lugar. No obstante, es requisito imprescindible que ambos interlocutores se hallen a corta distancia el uno del otro, de forma que no haya problemas de audición. También se usa en conversaciones telefónicas.

3. Motivación.

razón El hablante A (inferior jerárquico) desea expresar al hablante B (su superior jerárquico) que el canal de comunicación está abierto, que le reconoce como superior, y que aguarda sus órdenes o la información que le vaya a transmitir. Otra motivación puede ser el deseo de A de saludar a B y de iniciar así la transmisión de información²⁷⁷.

²⁷⁶ Sobre o tamanho desta descrição lexicográfica, que poderá levantar reservas, *vd. supra* notas 63 e 64.

²⁷⁷ Discordo desta última motivação, uma vez que para isso existe em espanhol, neste contexto, a fórmula “*Da su permiso mi -*”.

7. A unidade de tratamento lexicográfico

4. Restricciones Contextuales

secuenciación El hablante A usa esta fórmula inmediatamente después de que el hablante B se haya dirigido a él. Cuando la motivación es el saludo y la posterior transmisión de información, es el hablante A quien se dirige a B. Al despedirse el hablante A utilizará la fórmula “ordena tratamiento) alguna cosa mi (empleo del superior)”.

estilo Esta fórmula está marcada como formal, y restringida al uso de militares.

Obligatoriedad Esta fórmula es obligatoria.

5. Acciones concomitantes

La acción asociada a esta fórmula es la siguiente: el hablante A (de rango inferior), generalmente de uniforme, se queda quieto y erguido, con los pies juntos, al tiempo que pronuncia la fórmula. Si el hablante A lleva prenda de cabeza, éste debe saludar, tocando ligeramente el botón derecho o prenda equivalente con la mano derecha. En conversaciones telefónicas esta acción no se realiza.»

b) Também consideraremos dentro deste tipo de etiquetagem as restrições que delimitam, do ponto de vista semântico-referencial (*cf. infra* § 7.5), a aceção de uma palavra. Em termos lexicográficos, esta informação não será dada por meio de etiquetas, mas dentro da própria definição:

judía *s.f.* **1.** Feijão, feijoeiro [planta...]; *La judía es una planta trepadora de la familia de las leguminosas: O feijão é uma planta trepadeira da família das Leguminosas.* **2.** Feijão [vagem...]; *Comimos judías verdes en la cena: Comemos feijão verde ao jantar.* **3.** Feijão [semente...]; *Pon a remojo las judías para la fabada: Põe de molho os feijões para a feijoada. ...*

c) A informação de tipo enciclopédico-cognitiva também poderá ser consignada juntamente com a definição que acompanha o equivalente (*vd. infra* § 7.5) não só para delimitar o valor da aceção em questão, como acabamos de ver, mas também para fornecer toda a informação precisa relativa ao conhecimento e à estruturação conceptual da realidade nessa língua. Veja-se, neste sentido, a crítica que Martínez de Sousa (1995, *s v.* **definición lingüística**) faz à definição de ^E*carretera* no *Diccionario de la Real Academia Española*:

«Son insuficientes muchas de las definiciones académicas en las que se omiten datos esenciales para la cabal intelección del definido. Por ejemplo, no se puede definir *carretera* diciendo que es “Camino público, ancho y espacioso, pavimentado y dispuesto para el tránsito de vehículos” (DRAE1992), porque esto mismo puede decirse igualmente de la *autovía* y de la *autopista*. Lo que distingue a la *carretera* de la *autovía* y de la *autopista* es que tiene un solo carril en cada una de sus dos direcciones o sentidos de circulación, mientras que aquellas tienen un mínimo de dos

carriles».

No caso dos dicionários bilingues, estes mesmos exemplos espanhóis de ^E*carretera*, ^E*autovía* e ^E*autopista*, servem para ilustrar a necessidade de incorporar informação relativa ao conhecimento e à estruturação conceptual da realidade nas duas línguas para poder fornecer equivalentes correctos e reais (na prática, que permitam a elaboração de uma boa tradução). Uma boa tradução para o português destes três termos deveria ter em conta informações claramente enciclopédicas como são o facto de que a ^E*carretera* (^P*estrada*) tem apenas uma única faixa de rodagem para cada sentido, que a ^E*autovía* e a ^E*autopista* têm como mínimo duas faixas de rodagem para cada sentido (razão pela qual o termo ^P*via rápida* não será um bom equivalente em português) e que, no caso da ^E*autopista* (^P*auto-estrada*), o traçado (declives, curvas, saídas, etc.) é mais seguro sendo, na maior parte delas, obrigatório o pagamento de uma portagem.

Esta informação poderá ser tão comprida quanto for necessário, como se pode ver nos exemplos que a seguir apresentamos. Como já indicámos (*vd. supra* § 2.1.3), duvidamos da economia e da utilidade prática de definições pequenas e elaboradas com um vocabulário mínimo, assim como de preocupações excessivas com a elegância ou o rigor científico das mesmas ou com qualquer tipo de roupagem formal²⁷⁸:

café *s.m.* 1. Café, cafezeiro [arbusto]; *vd.* **cafeto**. 2. Café [semente do cafezeiro]. 3. Café [bebida]. 4. Café [estabelecimento]. • **C~ cargado**: Café carregado. **C~ con leche**: 1. Meia de leite [em chávena grande, de pequeno almoço] [numa cafetaria, etc.]. 2. Pingo [em chávena pequena] [numa cafetaria, etc.]; *vd.* **cortado**. 3. Café com leite [em casa, num hotel]. **C~ cortado**: Pingo; *vd.* **cortado**. **C~ fuerte**: Café forte. ...

jurado, da *adj.* e *s.* ... 2. Júri (comissão de pessoas cuja função é avaliar e qualificar) [num concurso ou competição]; *El jurado decidió por unanimidad atribuir el premio a Torrente Ballester*: O júri decidiu por unanimidade atribuir o prémio a Torrente Basllester; *vd.* **tribunal**. ...

enseñanza *s.f.* e *s.f.pl.*... • **E~ media**: Escola secundária [10º, 11º, 12º anos]; *vd.*

²⁷⁸ Uma definição formal ou rigorosa do ponto de vista científico pode não ser pertinente na definição lexicográfica de uma aceção tomada em sentido corrente (*cf.* os exemplos de ^P*ovo* e ^P*dia* em § 5.3). Neste sentido, compare-se, como já vimos dizendo, o trabalho de Wierzbicka, *Lexicography and Conceptual Analysis*. *Vd.* também *supra* notas 64 e 65.

instituto. E~ primaria: 1. Ensino básico; *vd. escuela*. 2. Escola primária (estabelecimento onde se lecciona o primeiro ciclo do ensino básico) [do 1º ao 4º anos]. 3. Ciclo [do 5º ao 9º anos], 2º ciclo [5º e 6º anos], 3º ciclo [7º, 8º e 9º anos]. **E~ secundaria:** Escola secundária [10º, 11º, 12º anos]; *vd. instituto. E~ superior:* Ensino superior; *vd. facultad, universidad*. • *Obs.:* No sistema de ensino espanhol, a *enseñanza primaria* vai do 1º ao 8º anos (*EGB, Enseñanza General Básica*) e a *enseñanza secundaria* ou *media*, do 9º ao 12º anos, em espanhol: 1º, 2º, 3º de BUP (*Bachillerato Unificado Polivalente*) e um ano de COU (*Curso de Orientación Universitaria*). Paralelamente ao BUP, ha também cursos de formação profissional (FP).²⁷⁹

Muitas vezes será mais útil do ponto de vista lexicográfico, e mais eficaz para o utilizador, utilizar aspectos de tipo funcional para definir alguns conceitos (para que serve ou quando se utiliza aquilo que se está a descrever) do que utilizar definições baseadas nas características físicas observáveis²⁸⁰ ou definições mais rigorosas do ponto de vista científico:

«Furthermore, the functional justification for the prototypical structural features has to be mentioned too, even though informants might not mention it at all and may not be immediately aware of it, because the functional justification seems to play an even greater role in controlling the use of names of artifacts than the observable physical features.» (Wierzbicka, 1985: 40).

A prática lexicográfica tradicional, com o pragmatismo que a caracteriza, utiliza quando necessário este tipo de informação funcional na definição de muitas acepções. Veja-se por exemplo, no *Dicionário da Língua Portuguesa*, da Porto Editora:

abaixa *s. f.* fisga usada na pesca da lampreia, no rio Minho...

abietina *s. f.* substância cristalizada que se encontra em algumas terebintinas, usada na indústria dos perfumes...

avelórios *s. m. pl.* tubozinhos de vidro para adornar os vestidos;...

²⁷⁹ Para fazer-se uma ideia da necessidade de actualizar os dicionários frequentemente, a informação e estruturação deste artigo já deverá ser alterada (ainda antes de o dicionário sair à luz) devido à reforma da ESO (Educación Secundaria Obligatoria) em Espanha.

²⁸⁰ Quantas vezes na escola fomos repreendidos por utilizar o primeiro tipo de definição e não o segundo!: “Um X serve para”, “Um X é quando”.

Neste sentido, escreve Calderón (1994: 44-45): «Sería muy interesante investigar el rendimiento real (es decir, si es útil, si se consulta con frecuencia, o si por el contrario constituye más bien un estorbo) de la terminología científica en los diccionarios monolingües para nativos, y particularmente, en los diccionarios para estudiantes de L2».

missanga *s. f.* contas miúdas de vidro, de variadas cores, para ornatos; ornato feito dessas contas;...

á-bê-cê *s. m.* alfabeto; abecedário; cartilha para aprender a ler;...

abrasivo *adj. e s. m.* substância ou designativo da substância usada para provocar desgaste (cortar, perfurar, moer, polir), tal como o esmeril, a lixa, o carborundo...

braçadeira *s. f.* anel que mantém unidas duas peças; correia do escudo por onde se enfiava o braço; apanhador de cortina; argola que fixa o cano da espingarda ao fuste; chapa de ferro que segura traves ou pedras; tira larga de pano usada no braço esquerdo, de cor variável, que indica que quem a usa pertence a determinada organização ou está investido de certa função; distintivo enrolado no braço. (De braço + -adeira)

bebedouro *s.m.* vaso ou lugar onde os animais bebem água...

monho [o] *s. m.* laço de fita com que as senhoras prendem o cabelo; ...

d) Evidentemente, a informação enciclopédica também estará presente quando a unidade lexicográfica corresponder a um nome próprio, assim como um quase-frasema, sigla, acrónimo ou marca comercial, que deverão ser incorporados como unidades lexicográficas no dicionário bilingue, nomeadamente se apresentarem alguma diferença, seja do tipo que for, nas duas línguas:

Oporto *n.pr.m.* Porto [cidade portuguesa].

DNI *s.m.* BI (Bilhete de Identidade) [em espanhol, Documento Nacional de Identidad]; Indique el lugar de emisión del DNI: Indique o local de emissão do BI.

IVA *s.m.* IVA (Imposto sobre o Valor Acrescentado) [em espanhol, Impuesto sobre el Valor Añadido].

ITV *s.m.* IPO (Inspeção Periódica Obrigatória) [em espanhol, Inspección Técnica de Vehículos].

I.R.P.F. *s.m.* I.R.S. (Imposto sobre o Rendimento das Pessoas Singulares) [em espanhol, Impuesto sobre la Renta de las Personas Físicas].

flaco, ca *adj. e s.m.* **I. adj.** 1. Magro ... • **El gordo y el flaco**: O bucha e o estica (Oliver Hardy e Stan Laurel). ...

enseñanza *s.f. e s.f.pl...* **E~ primaria:** 1. Ensino básico; *vd. escuela.* 2. Escola primária (estabelecimento onde se lecciona o primeiro ciclo do ensino básico) [do 1º ao 4º anos]. 3. Ciclo [do 5º ao 9º anos], 2º ciclo [5º e 6º anos], 3º ciclo [7º, 8º e 9º anos]. **E~ secundaria:** Escola secundária [10º, 11º, 12º anos]; *vd. instituto.* **E~ superior:** Ensino superior; *vd. facultad, universidad.* • *Obs.:* ...

No caso dos antropónimos, estes poderão ser dicionarizados como nomes com referente único (^E*San Agustín*: ^P*Santo Agostinho*; ^E*Napoleón*: ^P*Napoleão*; ^E*Juan*

7. A unidade de tratamento lexicográfico

Pablo II: ^P*João Paulo II*), que, como os topónimos, poderão ser definidos em metalíngua de conteúdo (com a informação enciclopédica relativa ao seu referente que o lexicógrafo considerar pertinente consoante o tipo de dicionário):

Amberes *n.pr.* Antuérpia [cidade e província da Bélgica].

Napoleón *n.pr.m.* Napoleão [Napoleão Bonaparte, imperador francês (1769-1821)].

Agustín *n.pr.m.* Agostinho [nome de pessoa]. • **San A~**: Santo Agostinho (bispo de Hipona, doutor da Igreja (354 - 430)).

ou nomes sem referente concreto (^E*Agustín*: ^P*Agostinho*, ^E*Nicolás*: ^P*Nicolau*), que só poderão ser definidos, como as palavras gramaticais, em metalíngua de signo (informação funcional, que nos diz o que o definido é, como é e para que se emprega do ponto de vista gramatical) (*vd. supra* § 2.1.1):

Concepción *n.pr.f.* **1.** Conceição [nome de pessoa]. **2.** CATÓLICO Conceição (a concepção de Jesus pela Virgem Maria); *La Inmaculada Concepción de María*: A Imaculada Conceição de Maria. **3.** Conceição (Nossa Senhora da Conceição). *cf.* **concepción**.

Agustín *n.pr.m.* Agostinho [nome de pessoa]. • **San A~**: Santo Agostinho (bispo de Hipona, doutor da Igreja (354 - 430)).

7.5. Definições

A definição é a parte mais importante dum dicionário unilingue e é o aspecto sobre o que mais se tem escrito em lexicografia teórica²⁸¹ e, embora fiquem fora dos limites deste trabalho, queremos aqui abordar a questão da pertinência da presença nos dicionários bilíngues de uma definição simultânea da unidade lexicográfica de L1 e do seu equivalente em L2, no caso de existir um total paralelismo entre termos e conceitos, ou da unidade lexicográfica de L1 e do equivalente proposto em L2, separadamente, no caso de não existir tal paralelismo.

Em § 4.5, já fizemos referência à importância da definição nos dicionários

²⁸¹ Para além da bibliografia que podemos encontrar referenciada em Zgusta (1988), Alvar Ezquerro (1982b) ou Haensch (1980: 260-262), entre outros, queremos citar aqui o importante volume monográfico editado por Chaurand & Mazière (eds.) (1990) *La définition*, actas do “Colloque *la définition*” organizado pelo *Centre d’Etudes du Lexique* da Universidade Paris-Nord em Novembro de 1988.

bilingues codificadores entendida como *interlíngua*, isto é uma linguagem controlada em forma de *thesaurus* de descritores. A presença de uma definição ou paráfrase no dicionário bilingue poderá ser útil para ultrapassar as possíveis não correspondências conceptuais nas duas línguas. Um exemplo disto podem ser os termos espanhóis ^E*vaso*, ^E*taza*, ^E*copa*, etc. e os seus equivalentes portugueses ^P*copo*, ^P*chávena*, ^P*taça*, etc., já apresentados em § 3.2, ou as diferentes expressões formadas com a palavra *café*²⁸²:

café *s.m.* **1.** Café, cafezeiro (nome vulgar de uns arbustos cujo fruto (drupa) tem sementes que servem para fazer a bebida denominada café); *vd.* **cafeto**. **2.** Café (semente do cafezeiro). **3.** Café (bebida preparada com esta semente, depois de torrada e moída, por infusão); *Puedes poner más leche para aclarar el café:* Podes pôr mais leite para clarear o café. **4.** Café (estabelecimento onde se serve esta bebida). • **C~ cargado:** Café cargado. **C~ cortado:** Pingo, garoto [com pouco leite]. **C~ con leche:** **1.** Meia de leite, [em chávena grande, de pequeno almoço], galão [em copo] [numa cafetaria, etc.]. **2.** Pingo, garoto [em chávena pequena] [numa cafetaria, etc.]; *vd.* **cortado**. **3.** Café com leite [em casa, num hotel]. **C~ solo:** Café, bica, cimbalino (bebida) [num estabelecimento comercial]....

A não existência de uma correspondência total entre a unidade lexicográfica de L1 e o equivalente fornecido em L2, como é o caso de ^E*café cortado* e ^E*café con leche*, por um lado e ^P*pingo*/^P*garoto*, ^P*meia de leite*, ^P*galão*, ^P*café con leite*, por outro, obrigará à utilização de pequenas definições ou restrições do significado de uma das duas unidades. *Cf.*, por exemplo:

café *s.m....* • ... **C~ cortado:** Pingo, garoto [com pouco leite]. **C~ con leche:** **1.** Meia de leite, galão [em chávena grande, de pequeno almoço] [numa cafetaria, etc.]. **2.** Pingo, garoto [em chávena pequena] [numa cafetaria, etc.]; *vd.* **cortado**. **3.** Café com leite [em casa, num hotel]. ...

Como sabemos, excepcionalmente poderá haver casos em que o facto de não existir um equivalente lexicalizado para a unidade lexicográfica da L1 (ou o equivalente funcionar só parcialmente) implicará que só se possa fornecer uma definição ou explicação sobre o uso de tal acepção, ou que se deva acompanhar, como acabamos de ver, uma proposta de equivalente com uma explicação que

²⁸² Sobre a distinção entre definição linguística ou definição lexicográfica e definição enciclopédica, *vd. supra* capítulo 5º.

restringa o seu uso. Um exemplo pode ser o caso do termo espanhol, já referido em § 7.4, de ^E*autovia*, que, pelo facto de ter como mínimo duas faixas de rodagem para cada sentido, não poderíamos utilizar como equivalente do termo ^P*via rápida*, mas tão-pouco de ^P*auto-estrada*, correspondente a ^E*autopista*, uma vez que esta tem um traçado (declives, curvas, saídas, etc.) mais seguro, para além de que na maior parte delas ser obrigatório o pagamento de uma portagem.

Ainda levanta mais problemas o caso da existência de unidades lexicais em L2 sem correspondência lexicalizada em L1. Pense-se, por exemplo, na dificuldade de incorporar, no dicionário de espanhol-português, sob o lema ^E**café** casos como ^P*café curto*, ^P*café comprido* (ou *cheio*), ^P*carioca de café*, ^P*pingo directo*, ^P*pingo normal*, ^P*meia de leite directa*, ^P*meia de leite normal*. Mesmo fornecendo uma definição ou paráfrase em espanhol destas expressões portuguesas (do tipo ^E*taza de café solo mediada*, ^E*taza de café solo llena*)²⁸³ o problema da sua lematização continua sem resolver (repare-se que é na L1 onde não está lexicalizado o termo).

Outro caso em que se torna imprescindível a utilização de explicações ou definições a acompanhar os possíveis equivalentes é o da descrição lexicográfica das chamadas fórmulas de rotina (*vd. supra* capítulo 5º). Em alguns casos, poderão existir fórmulas linguísticas que se utilizem em situações tipificadas numa língua e que não tenham o respectivo equivalente na outra ou até que não exista tal situação tipificada.

Em § 7.4 vimos exemplos de propostas de equivalentes que, para além de precisarem de etiquetagem relativa aos contextos de uso, necessitam de vir acompanhados de uma pequena definição, como a fórmula de cortesia ^P*Com licença*, utilizada quando o falante vai rasgar um papel à frente do interlocutor (assim como

²⁸³ Mais difícil será fornecer uma paráfrase ou definição de ^P*pingo directo*, ^P*pingo normal*, ^P*meia de leite directa* e ^P*meia de leite normal*, que, para além de se tratar de expressões não utilizadas em todo o país, não há total coincidência na sua definição: os falantes consultados elaboraram a sua definição/explicação a partir de traços diferentes, centrados no processo de elaboração. Assim, definem ^P*meia de leite directa* e ^P*pingo directo* como sendo ‘leite com café tirado directamente da máquina’, e ^P*meia de leite normal* e ^P*pingo normal* como sendo (a) ‘café com leite claro’, (b) ‘leite com carioca de café’, (c) ‘café com leite previamente misturados e armazenados (o café não é tirado na altura de servir)’.

ao desligar o telefone ou abrir um envelope), que não tem correspondência em espanhol, uma vez que a situação não está tipificada nesta língua e não requer nenhum tipo de fórmula linguística a acompanhar; o uso das fórmulas de tratamento (^Etú, ^Eusted / ^Ptu, ^Pvocê, ^Po Senhor, ^Po Senhor Dr., ^Po Senhor Dr. Juiz, etc.) ou o caso também acima apresentado da fórmula ^Pbom apetite, que poderá ser traduzida por ^Eque aproveche²⁸⁴ ou ^Ebuen provecho, mas só por ^Ebuen provecho quando utilizada para, cortesmente, dar autorização às outras pessoas que comem à mesma mesa para começar a comer²⁸⁵.

No caso dos dicionários bilingues, a informação sobre os chamados falsos amigos é também muito importante. Incorporamo-la neste ponto uma vez que se pode considerar que se trata de uma definição negativa ou explicação contrastiva²⁸⁶, proporcionando informação sobre o que não é determinada palavra:

^E oficina: ^P escritório	≠ ^E escritorio: ^P secretária
^P oficina: ^E talher	≠ ^P talheres: ^E cubiertos
^E carpeta: ^P pasta	≠ ^E pasta: ^P massa
^P carpete: ^E alfombra	
^P nota: ^E bilhete	≠ ^P bilhete: ^E nota
^E apenas: ^P quase não	≠ ^P apenas: ^E sólo
^P desde logo: ^E desde entonces	≠ ^E desde luego: ^P evidentemente
^P estás espantosa: ^E estás maravillosa	≠
^E estás espantosa: ^P estás horrorosa	
^P tirar una fotografía ('fazer')	≠ ^E tirar una fotografía ('deitar fora').
^P A dedo (com cuidado; calculadamente; de caso pensado)	≠
^E A dedo (arbitrariamente, con abuso de autoridad al efectuar una elección o nombramiento).	

²⁸⁴ Para além da interferência, como já indicámos (vd. *supra* nota 176), que podem supor as expressões ^Pbom proveito ou ^Pque te faça bom proveito (cf. ^Pque te aproveche), com conotações negativas.

²⁸⁵ O mesmo uso que a fórmula portuguesa tem a expressão italiana *buon appetito* (vd. Corpas, 1995: 340).

²⁸⁶ Tomámos a noção de “explicação contrastiva” de Wierzbicka (1985: 39):

«It is possible, of course, that a full portrait of a concept will need to include a contrastive reference to another concept. For example, I think that it is justifiable to refer to horses in the definitions of *zebras*, along the lines of a kind of animal which looks like a striped horse. It would be totally unjustified, however, to refer to zebras in the definition of the English word *horse*, along the lines of a kind of animal which looks like a stripeless zebra (although it is possible, of course, that in Hottentot or Zulu the word for horses should be defined partly in terms of a stripeless zebra, whilst the word for zebras should be defined without reference to horses).»

etc.²⁸⁷

A consequência mais importante da não existência de uma total correspondência entre a unidade lexicográfica de L1 e o equivalente fornecido em L2 será a dificuldade de lematizar possíveis equivalentes em forma de paráfrases correspondentes a unidades lexicais existentes em L2, uma vez que não têm correspondência lexicalizada em L1. Isto será também razão suficiente para a impossibilidade de uma conversão automática de dicionários bilingues espanhol-português em dicionários de português/espanhol e vice-versa. Compare-se, por exemplo, casos como o de ^P*café curto*, ^E*papeleta*, etc. e a difícil lematização de possíveis equivalentes do tipo ^E*café solo en taza pequeña mediada*, ^E*segurança de penhor*, ^E*boletim de voto*, etc., ou ainda o caso mais difícil de ^P*pingo directo* (vd. *supra* nota 283):

café *s.m....* • ... **café solo en taza pequeña mediada??**: Café curto.

boletim de voto (??) *s.f.* Papeleta (papel com que se vota); *En la urna había más papeletas que electores*: Na urna havia mais boletins de voto do que eleitores. ...

7.6. Etiquetagem gramatical

Com etiquetagem gramatical queremos referir-nos à presença de qualquer tipo de informação gramatical no dicionário, nomeadamente informações ou restrições de carácter ortográfico, morfológico, sintáctico, semântico ou lexical relativa a cada lexema ou combinação de lexemas que conformem uma unidade lexicográfica.

Este tipo de informação, juntamente com a questão da unidade lexicográfica (§ 7.3), a dicionarização da informação enciclopédico-cognitiva (§ 7.4) e a etiquetagem pragmático-contextual e retórica (§ 7.7), foram objecto de atenção especial neste trabalho (vd. *supra* capítulos 2º, 3º e 4º).

Entram dentro deste grupo:

²⁸⁷ Existe na actualidade, embora incompleto, um dicionário de falsos amigos do espanhol e do português: Lorenzo Feijóo (1992): *Diccionario de falsos amigos del español y del portugués*. São Paulo: Consejería de Educación de la Embajada de España.

a) A informação sobre a categoria gramatical relativa a cada unidade lexicográfica. Como já adiantávamos em § 2.1.2, a indicação da categoria gramatical do lema é uma presença de informação gramatical nas obras lexicográficas a que nos têm habituados os dicionários existentes e que a maior parte dos autores consideram imprescindível:

parecer *s.f., v.intr., prnl. e pred. I. s. 1.* Parecer (juízo ou opinião); ... **II. v.intr.** Parecer (opinar, crer); ... **III. v.pred.** Parecer (ter certo aspecto); ... **IV. parecerse v.prnl. 1.** Ser parecido (ter certo parecido com); ...

Já falámos (*vd. supra* § 2.1.1) sobre a pouca utilidade que as categorizações gramaticais podem vir a ter para os utilizadores, em grande parte desconhecedores deste tipo de terminologia (para além de que muito frequentemente os sistemas de etiquetagem actualmente existentes nos dicionários são excessivamente redutores para os próprios linguistas: um verbo transitivo pode intransitivizar-se, por exemplo, ou um verbo que rege preposição não é considerado transitivo, etc.).

Afirmar, especialmente no que se refere ao dicionário bilingue, que a informação sobre a categoria gramatical é indispensável «ya que sin ella no es posible manejar el signo ni su equivalente de traducción» (Blanco, 1995: 390) obedece em primeiro lugar a uma espécie de “gramático-centrismo”²⁸⁸ que, por um lado, dominou o ensino tradicional das línguas (com a memorização de uma determinada terminologia gramatical) e que, por outro, no século XX, se caracterizou pelas tentativas dos diversos estruturalismos e generativismos de reduzir a língua a puros sistemas lógicos (o sistema gramatical), esquecendo aquilo que originariamente era o seu objecto de estudo (a língua como ferramenta de comunicação) e, no caso da lexicografia, que o objectivo é a elaboração de um produto final destinado ao público em geral e não a um círculo mais ou menos restrito de linguistas.

No caso concreto do produto lexicográfico, em muitas ocasiões, a

²⁸⁸ Quando falamos em “gramático-centrismo” referimo-nos à memorização de determinada terminologia gramatical, de listagens intermináveis de regras e paradigmas, ou a uma análise estéril que não vai para além de si própria e que fica numa simples aplicação da terminologia e dos instrumentos proporcionados por uma determinada escola linguística (Tusón, 1981: 2).

terminologia gramatical no dicionário passa a ser um objectivo em si mesmo em vez de informação útil para a codificação ou para a descodificação²⁸⁹. Assim, normalmente, pouco proveito tira o utilizador corrente da classificação dos verbos, locuções, pronomes, etc. nos dicionários (muitas vezes até porque não compreende verdadeiramente o sentido de termos como transitivo, relativo, conjuntivo, etc.): «devising a system which properly reflects the grammatical complexities but which is at the same time clear and usable calls for great ingenuity.» (Cowie, 1983a: 100).

O utilizador corrente (não linguista) de um dicionário codificador (bilingue ou monolingue) normalmente salta este tipo de informação sobre a categoria ou subcategoria gramatical da palavra que está a consultar, porque pouco lhe interessa saber que a locução ^P*afinal de contas* é nominal, adjectival, adverbial, prepositiva, conjuntiva, etc. (classificação que tem a ver, como vimos no capítulo 3º, com a tradição que considerava que só faziam parte da fraseologia aquelas combinações de palavras que funcionavam como categorias gramaticais concretas, isto é, como palavras); que o verbo ^P*dar* é transitivo ou intransitivo (ficando-se apenas por esta informação)²⁹⁰; ou que o pronome ^P*alguém* é indefinido, pessoal, demonstrativo, relativo, possessivo, interrogativo, etc.

O que pode interessar ao utilizador de um dicionário bilingue é que a locução ^P*afinal de contas* é sinónimo de ^P*afinal*, ou que normalmente aparece no início da oração seguida do verbo, ou em que se diferencia de ^P*por fim* ou ^P*finalmente*, etc.

Mais importantes serão os casos como o do verbo ^P*dar*. Para um utilizador de um dicionário bilingue codificador, será importante conhecer as variações morfo-sintácticas ou combinatórias que as diferentes acepções desta palavra normalmente trazem consigo, assim como o facto de que há construções ou combinações lexicais feitas com ^P*dar* que, na outra língua, não utilizam essa mesma

²⁸⁹ Por que será que o melhor dicionário monolingue da língua espanhola como é o *Diccionario de uso del español*, de María Moliner, que se caracteriza precisamente pela abundante informação sobre co-ocorrência lexical restrita, omite a informação sobre a categoria gramatical do lema?

²⁹⁰ Cf., por exemplo, uma combinação livre como ^P*dar um livro* com uma colocação (construção com verbo operativo) como ^P*dar um beijo*.

palavra (e vice-versa)²⁹¹.

Como vimos em § 2.1.1, também se pode informar, por exemplo, sobre a transitividade de uma aceção de um verbo por meio de exemplos (*vd. infra* § 7.9). Desta maneira, a informação é útil para o utilizador comum (para quem a informação de que se trata de uma forma transitiva tem pouco valor) e para o linguista ou o utilizador que conhece a terminologia gramatical (que, embora de maneira ostensiva, é informado de que se trata de uma aceção transitiva porque sabe identificá-la).

b) A informação ortográfica sobre as unidades lexicográficas da L1 e sobre os correspondentes equivalentes na L2, como, por exemplo:

gémínis *adj. e s.m.* ASTROLOGIA Gémeos (*adj. e s.m.pl.*) (signo do Zodíaco); ... •
Obs.: Em português, os nomes dos signos do Zodíaco (Astrologia) escrevem-se com inicial maiúscula. cf. Gémínis. • Obs.: Em espanhol, os nomes dos signos do Zodíaco são invariáveis em género e número.

²⁹¹ Comparem-se alguns exemplos portugueses, muitos deles tomados ou adaptados do *Dicionário do Português Básico*, Vilela (1991), cujos equivalentes espanhóis correspondentes não utilizam como verbo operativo a mesma forma *dar*:

^P*Dar os parabéns:* ^E*Felicitar;* ^P*Dá-me licença que entre?:* ^E*¿Puedo entrar?;* ^P*O bilhete só dá até aqui:* ^E*El billete sólo sirve hasta aquí;* ^P*Não dar por nada:* ^E*No noté nada;* ^P*Não dar por ela:* ^E*No notar nada;* ^P*Dar uma mão:* ^E*Echar una mano;* ^P*Dar um nó:* ^E*Hacer un nudo;* ^P*Dar o nó:* ^E *Ø;* ^P*Foi uma queda que dei há anos:* ^E*Fue una caída que tuve hace años;* ^P*Dar entrada no hospital:* ^E*Ingresar en el hospital;* ^P*Queres dar um salto comigo lá?:* ^E*¿Quieres ir un momento conmigo hasta allá?;* ^P*Deu-me na telha de ir a Lisboa:* ^E*Se me antojó ir a Lisboa;* ^P*Não sei se irá dar certo:* ^E*No sé si funcionará;* ^P*Não deu uma para a caixa:* ^E*No acertó (ni) una.;* ^P*Dar uma injeção:* ^E*Poner una inyección;* ^P*Estás a ver, pá, assim não dá!:* ^E*Ves?, tío, así no vale!;* ^P*A geada deu cabo das vinhas:* ^E*La helada acabó con las vinhas;* ^P*Dar como aberta a conferência:* ^E*Consideró/declarar abierta la conferencia;* ^P*Já lhe dei uma ajuda:* ^E*Ya le eché una mano;* ^P*O rádio dá um som desagradável:* ^E*La radio hace un sonido desagradable;* ^P*Por vezes dá ares da mãe:* ^E*A veces tiene aires de la madre;* ^P*O que te deu?:* ^E*¿Qué venada te ha dado?;* ^P*Os feridos deram entrada no hospital:* ^E*Los heridos tuvieron alta en el hospital;* ^P*Deu lugar à senhora:* ^E*Cedió el sitio a la señora;* ^P*Era só para dar nas vistas:* ^E*Era sólo para llamar la atención;* ^P*O professor deu-me negativa:* ^E*El profesor me ha suspendido;* ^P*O meu colega dá-me boleia:* ^E*Mi compañero me lleva;* ^P*Essa ligação não daria certo:* ^E*Esa relación no resultaría;* ^P*Faça como lhe der mais jeito:* ^E*Haga como le venga mejor;* ^P*Deu cabo da mobília:* ^E*Ha acabado con los muebles;* ^P*Não tenho contas a dar-lhe:* ^E*No tengo que prestarle cuentas;* ^P*Dar uma corrida para o apanhar:* ^E*Echar una carrera para cogerlo;* ^P*Deu com o livro na estante:* ^E*Se encontró con el libro en la estantería;* ^P*Dar-se bem:* ^E*Llevarse bien;* ^P*Dar-se mal:* ^E*Llevarse mal;* ^P*Dar dois dedos de conversa:* ^E*Echar una parrafada;* ^P*Dar muitos erros no ditado:* ^E*Tener muchas faltas en el dictado;* ^P*Da muitos erros de gramática:* ^E*Comete muchos errores gramaticales;* ^P*A doença obriga-o a dar faltas:* ^E*La enfermedad le obliga a faltar mucho;* ^P*Ao ligá-lo, deu faísca:* ^E*Al enchufarlo, echó chispas;* ^P*E tu deste-lhe ouvidos?:* ^E*¿Y tú le hiciste caso?;* ^P*Dar cabo das moscas:* ^E*Acabar con las moscas;* ^P*Não deu pela tua falta:* ^E*No se dio cuenta de tu ausencia.*

7. A unidade de tratamento lexicográfico

geografia Geografia [ciência] • Obs.: Em português, os nomes das ciências, quando designam disciplinas escolares, escrevem-se com inicial maiúscula: *Las clases de geografía: As aulas de Geografia.*

finlandeses *s.m.pl.* Finlandeses (povo da Finlândia) ... • Obs.: Em português, os etnónimos escrevem-se com maiúscula inicial: *Los finlandeses: Os Finlandeses. Os nomes comuns correspondentes escrevem-se com minúscula inicial: *Muchos finlandeses: Muitos Finlandeses. cf. finlandés.**

febrero *s.m.* Fevereiro [mês];... • Obs.: Em português, os meses do ano escrevem-se com maiúscula.

invierno *s.m.* Inverno;... • Obs.: Em português, os nomes das estações do ano escrevem-se com maiúscula inicial.

Também será importante, nomeadamente para o caso do português, o levantamento lexicográfico das palavras compostas com ou sem hífen: ^P*o pôr-do-sol* vs. ^E*la puesta de sol*; ^P*o cessar-fogo* vs. ^E*el alto el fuego*; ^P*o fim-de-semana* vs. ^E*el fin de semana* (mas ^P*fim-de-século*) uma vez que, como já vimos (*vd. supra* nota 124), a tradição ortográfica é contraditória — *cf.*, por exemplo, *primeiro ministro* (Vilela, *s.v. salário*) vs. *primeiro-ministro* (Vilela, *s.v. reunir*); *caminho-de-ferro* (Porto Editora) vs. *caminho de ferro* (Cândido) vs. *estrada de ferro* (Porto Editora e Aurélio), *co-opositor* vs. *coocupante* (Aurélio) vs. *co-ocupante* (Porto Editora); etc. De facto, a prática de grafar com hífen estas formas compostas não passa de uma convenção puramente gráfica que parece não visar senão uma solução para o problema da lematização destes compostos²⁹².

c) Informação morfológica, como, por exemplo:

maní *s.m. 1.* BOTÂNICA Amendoim [planta];... • Obs.: *pl. do espanhol maní, manises.*

ladrón, na *adj. e s. I. adj. e s.* Ladrão (que rouba);... • Obs.: *f. ladra, ladroa, ladrona.*

d) Restrições à combinação sintáctico-semântica das palavras.

Um exemplo deste tipo de restrições é o caso dos adjectivos com valores diferentes consoante ocorram antes ou depois do substantivo. Para além dos casos comuns ao espanhol e ao português — como por exemplo ^P*bom homem*, em que o

²⁹² Sobre o assunto, *vd. Mathieu-Colas (1994), Catach (1981).*

adjectivo (epíteto) colocado antes do substantivo destaca uma qualidade que faz parte integrante do substantivo, e ^P*homem bom*, em que o adjectivo acrescenta uma nova qualidade ao substantivo — será muito importante registar também os casos não coincidentes, como pode ser, por exemplo, o funcionamento do adjectivo ^E*falso* no quase-frasema ^E*falso techo* (^P*tecto falso*) que, contrariamente ao que acontece no português, aparece sempre anteposto ao substantivo, ou do adjectivo ^P*vivo* no caso da colocação ^P*vivo interesse* (^E*interés vivo*).

Outros exemplos de informação sobre restrições à combinação sintáctico-semântica das palavras são:

parecer *s.f., v.intr., prnl. e pred. I. s. 1.* Parecer ... • ... **P~ digno de [+ infinitivo]**: Parecer digno de, parecer de [+ infinitivo]; *Lo que me parece digno de comentar*: O que me parece de comentar. **¿Qué te parece?**: O que achas? **¿Qué te parece si [+ pres. ind.]?**: O que achas de [+ infinitivo]?; *¿Qué te parece si vamos a la fiesta?*: O que achas de irmos à festa? ...

lunes *s.m.* Segunda-feira (*s.f.*), segunda (*s.f.*); ... • ... **El 1~ por la mañana**: Segunda de manhã. **El 1~ por la noche**: Segunda à noite. **El 1~ por la tarde**: Segunda à tarde. **El (próximo) 1~**: Na (próxima) segunda; *Mi madre está de cumpleaños el próximo lunes*: A minha mãe faz anos na próxima segunda-feira. **Ir a [...] el (próximo) 1~**: Ir a [...] na (próxima) segunda; *Voy a Lisboa el lunes*: Vou a Lisboa na segunda. **Los 1~: 1.** Às segundas-feiras, às segundas; *Los lunes tenemos cocido*: Às segundas temos cozido. **2.** As segundas; *La programación de los lunes por la tarde está dirigida a los jóvenes*: A programação das segundas à tarde é dirigida aos jovens. • **Obs.:** Normalmente, os nomes dos dias da semana em espanhol vão sempre acompanhados do artigo definido; *Gracias a Dios, en el accidente del lunes no ha muerto nadie*: Graças a Deus, no desastre de segunda-feira não morreu ninguém.

judía *s.f.* **1.** Feijão, feijoeiro [planta];... • **~s blancas** (*s.f.pl.*): Feijão branco (*s.m.*), feijão-manteiga (*s.m.*). **~s pintas** (*s.f.pl.*): Feijão-frade (*s.m.*), feijão-carito (*s.m.*), chícharo (*s.m.*); *vd. chícharo*. **~s verdes** (*s.f.pl.*): Feijão verde (*s.m.*). *vd. alubia, fréjol, frijol, frijol, habichela*. • **Obs.:** Em espanhol é mais comum o uso em plural: *Comimos judías verdes en la cena*: Comemos feijão verde ao jantar. *cf. judío*.

haber *v. auxiliar, unipessoal e s.m. I. v. auxiliar 1.* Ter [+ participio] [o pret. perf. composto exprime repetição ou continuidade até o presente e que se fala]; *El juego ha arruinado a mucha gente*: O jogo tem arruinado muita gente. **2.** Ø [no pret. perf. espanhol]; *Hoy he comido bacalao*: Hoje comi bacalhau. **II.** *v. unipessoal. ... • ... H~ estado* [+ gerúndio]: Ter vindo a [+ infinitivo]; *Una verdadera mafia ha estado aterrorizando la población del barrio*: Uma verdadeira mafia tem vindo a aterrorizar a população do bairro. ... • **Obs.:** Em espanhol, usa-se o pretérito perfeito (*he comido*) quando o falante ainda está situado dentro do espaço de tempo a que o verbo envia: *Hoy he comido bacalao*; usa-se o pretérito indefinido (*comí*) quando o falante já está fora do espaço de tempo indicado: *La semana pasada comí bacalao dos veces*. Se o espaço temporal não estiver expresso, usa-se o primeiro quando o falante sentir que o tempo a que o verbo envia está próximo do presente: *Mi abuelo ha*

7. A unidade de tratamento lexicográfico

muerto (cf. Mi abuelo murió cuando yo era muy pequeño).

gustar v.intr. e tr. **I. v.intr. 1.** Gostar ... • **Me [te, etc.] gusta el:** Gosto de; *Me gusta el pan untado con mantequilla:* Gosto de pão barrado com manteiga. **Lo que me [te, etc.] gusta de él [ti, etc.]:** O que gosto [gostas, etc.] nele [em ti, etc.]; *Era eso lo que más me gustaba de él:* Era isso que eu mais gostava nele. **¿(Usted) gusta?:** É servido? • **Obs.:** A construção normal em espanhol é “pronomes + *gustar* + sujeito”: *Me gusta el queso.* Pode aparecer, embora raramente, a construção “*gustar de*”: *Gustaba de pasear al aire libre.* É comum a construção pleonástica “complemento de pessoa + pronome + *gustar* + sujeito”: *A mi madre no le gusta el queso.* Com o complemento em terceira pessoa de plural, pode aparecer o sujeito antes do verbo e não haver repetição pleonástica do pronome: *Su forma de ser gusta a los que lo conocen.*

cumpleaños s.m. Aniversário [do nascimento], dia de anos; *Este año mi cumpleaños cae en domingo:* Este ano o meu aniversário calha num domingo; vd. **aniversario.** • **Estar de c~:** Fazer anos; *Mi madre está de cumpleaños el próximo jueves:* A minha mãe faz anos na próxima quinta-feira; vd. **hacer años.** ...

e) Restrições à combinação lexical dos lexemas.

As etiquetas sobre restrições da combinação lexical de um lexema determinado são muito importantes do ponto de vista lexicográfico, como vimos ao longo deste trabalho, nomeadamente na orientação de síntese ou produção textual. Em § 4.5 foi tratada a questão da dicionarização de determinados tipos de combinações lexicais. Queremos agora apenas lembrar que é fundamental, nomeadamente no caso dos dicionários unilingues orientados para a codificação, recolher as colocações sob o lema correspondente à base da colocação, isto é, a palavra que selecciona o colocativo. Neste caso, a colocação entrará como mais uma unidade lexicográfica sob o lema correspondente à base da colocação, dando lugar a mais uma unidade de tratamento lexicográfico:

bombilla s.f. **1.** Lâmpada ... • ... **B~ mate:** Lâmpada fosca.

cumpleaños s.m. Aniversário [do nascimento], dia de anos; ... • **Estar de c~:** Fazer anos; ... **Feliz c~:** Parabens; ... **Fiesta de c~:** Festa de aniversário.

lista s.f. **1.** Lista (relação, enumeração); ... • ... **L~ de boda:** Lista de casamento ... **L~ de la compra:** Lista das compras. ... **L~ de precios:** Tabela de preços; ... **L~ negra** Lista negra ... **Pasar l~:** Fazer a chamada ...

hecho, cha adj. e s. **I. adj. 1.** Feito (realizado); ... **Recalcar un h~:** Vincar um facto ... **Verdad de h~:** Verdade de facto.

Por sua vez, como já vimos em § 4.5, a totalidade da colocação poderá

aparecer como exemplo de uma unidade lexicográfica sob a entrada do colocativo:

mate *adj. e s.m. I. adj. 1.* Mate (sem brilho, embaciado); *No me gusta el cristal de estas copas, es demasiado mate:* Não gosto do cristal destes copos, é demasiado mate. **2.** Fosco (translúcido, embaciado); *Una bombilla mate:* Uma lâmpada fosca. **II. s.m. ...**

7.7. Etiquetagem pragmático-contextual e retórica

A informação sobre informações e restrições pragmático-retórico-contextuais, juntamente com a questão da unidade lexicográfica (§ 7.3), a dicionarização da informação enciclopédico-cognitiva (§ 7.4) e a informação sobre a co-ocorrência lexical restrita (§ 7.6), foram objecto de atenção especial neste trabalho (*vd. supra* capítulo 5º).

Como dissemos em § 7.4, é difícil estabelecer uma fronteira clara entre o que é informação de tipo pragmático-contextual e retórico, por um lado, e o que é informação enciclopédica, por outro.

São exemplos de etiquetas deste tipo:

Jesús *n.pr. e excl. I. n.pr.* Jesus ... **II. ¡Jesús!** *excl. ... 2.* Santinho! [usa-se depois de alguém espirrar]; *–¡Achís! –¡Jesús!:* –Atchim! –Santinho!;...

abrazo *s.m.* Abraço; ... • **Un (fuerte) a-:** FAM. Um abraço [fórmula de despedida]; *vd. DESPEDIR.*

franchute, ta *s.* COLOQ. Franciú (francês; língua francesa). • Obs.: Uso humorístico e pejorativo.

hiel *s.f. 1.* Fel (*s.m.*), bílis, bile (líquido segregado pelo fígado); ... • Obs.: Hiel refere-se principalmente ao fel dos animais.

holgar *v.intr. e prnl. I. v.intr. 1.* Folgar (não trabalhar); ... • Obs.: É muito menos usada em espanhol a palavra *holgar* do que em português folgar.

Como dissemos em § 7.4, este tipo de informação parte muitas vezes da intuição do próprio lexicógrafo (*vd. supra* capítulo 2º), visto que é muito difícil delimitar, por exemplo, o que é um uso familiar, popular ou figurado (*vd. supra* § 4.1). Há, todavia, tentativas de classificação sistematizada dos diferentes tipos de etiquetas lexicográficas correspondentes aos diferentes contextos e variantes de uso, como a de Hartmann (1983c), que estabelece variantes correspondentes a nove contextos de uso diferentes. O próprio autor reconhece que a distinção entre um tipo

e outro muitas vezes é difícil de estabelecer. Diferenciar, como dissemos, entre estilo, registo, uso sociolectal ou dialectal é muitas vezes difícil quando não arbitrário: etiquetas como COLOQ., INF., ARC. ou CAL. podem servir como marcas de registo, de estilo, de estádios de língua ou de uso sociolectal; uma etiqueta como REG. poderia considerar-se que informa sobre um uso sociolectal para além de dialectal, etc. Ou, como o próprio Hartmann (1983c: 115) se pergunta,

«Where does a group sociolect end and a special-purpose register begin? Is the (constantly changing) language of the drug addict, for example, a social, functional, or situational variety, and how does it vary by region?»

Difíceis de incluir seriam ainda as informações sobre os usos masculinos ou femininos, preferenciais ou exclusivos, de determinadas palavras ou construções²⁹³ (como a expressão COLOQ. ^P*Que pão!*, utilizada pelas mulheres para se referir a um homem, ou o CAL. ^P*comer alguém*, utilizado principalmente pelos homens, embora seja cada vez mais usado por mulheres), o uso infantil (palavras ou construções usadas pelas crianças ou para as crianças, como ^P*vovó*, ^P*popó*, ^P*dói-dói*, etc.) ou os usos cerimoniais da língua, por exemplo.

Os nove tipos de contextos e as correspondentes variantes estabelecidas por Hartmann (1983c: 111) são os seguidamente indicados. Como poderemos observar, e como já foi advertido, algumas etiquetas poderão aparecer em mais do que um ponto:

a) Idiolectos: hábitos linguísticos do indivíduo.

Duvidamos da pertinência de registar no dicionário qualquer tipo de uso individual da língua, salvo, evidentemente, aqueles que de alguma maneira já foram lexicalizados ou integrados no património linguístico comum. Embora afirmemos que o dicionário tal como o conhecemos é um repositório de algumas amostras dos sentidos que as palavras adquirem em determinados contextos, quando falamos em “amostras” não nos estamos a referir a usos individuais. É muito difícil codificar este

²⁹³ Embora nem o português nem o espanhol tenham marcas formais distintivas de usos masculinos ou femininos, como tem o japonês, por exemplo (vd. Crystal, 1994: 20-21), em determinados contextos podemos encontrar usos tendencialmente masculinos ou femininos, como os qualificativos ^E*mono*, ^E*cielo*, etc. para o espanhol (*idem*, 21), sendo muitas vezes um reflexo linguístico de estereótipos sexuais ou do papel social desempenhado.

tipo de informação no dicionário, pois, como o próprio autor indica:

«The codification of individual language varieties in dictionaries is still in its infancy». With the exception of a few specialised glossaries and concordances which chronicle the usage of particular authors or texts (such as Shakespeare and the Bible), there are no systematic compilations of how the communicating individual varies his language to fulfil his purposes.» (*idem*, 113).

Algumas citações célebres poderiam entrar neste grupo: ^P*Afasta-te, Satanás!*: ^E*Apártate de mí, Satanás* (da Bíblia), ^P*Penso, logo existo*: ^E*Pienso, luego existo* (Descartes); assim como os usos particulares de autores literários consagrados.

b) Actos de fala: a função ou intenção retórico-comunicativa (*vd. supra* § 5.4.2 e § 5.4.2.1).

Informar o utilizador do dicionário para que serve um determinado enunciado do ponto de vista comunicativo é uma prática de que já podemos encontrar alguns exemplos na lexicografia tradicional (pense-se por exemplo nas etiquetas do tipo *usado para*, etc.), para além dos dicionários de “actos de fala” ou repertórios de funções comunicativas que começaram a aparecer na última década. É fundamental registar no dicionário de língua para que é usada uma determinada construção, por exemplo:

— para estabelecer linguisticamente relações sociais (cumprimentar, despedir-se, oferecer, convidar, pedir, rejeitar, agradecer, etc.): ^P*Olá!*: ^E*Hola!*; ^P*És servido?*: ^E*¿Te apetece?*; ^P*Com licença*: ^E*Con permiso*; ^P*Muito obrigado!*: ^E*¡Muchas gracias!*; ^P*Ora essa!*: ^E*¡No hay de qué!*; ^P*Desculpe!*: ^E*¡Perdón!*; etc.

— para pedir ou dar informações ou estabelecer relações linguísticas (iniciar uma conversa, estabelecer turnos de palavra, pedir informação, pedir informações linguísticas, etc.): ^P*Caro amigo*: ^E*Estimado amigo*; ^P*Não é?*: ^E*¿Verdad?*; ^P*Está tudo bem (contigo)?*: ^E*¿Cómo estás?*; ^P*Com os melhores cumprimentos*: ^E*Atentamente*; etc.

— para realizar acções comunicativas (fazer ou mandar fazer coisas, como exprimir obrigação, pedir conselho, dar uma ordem, chamar a atenção, pedir autorização para, negar-se a, ameaçar, etc.): ^P*Dá-me licença?*: ^E*¿Se puede?*; ^P*Faça favor (de entrar)!*: ^E*¡Adelante!*; ^P*És capaz de [+ inf.]*: ^E*Puedes [+ inf.]*; ^P*Espero por ti?*: ^E*¿Te espero?*; ^P*Larga-me!*: ^E*¡Déjame!*; ^P*Despacha-te!*: ^E*¡Date prisa!*; etc.

— para exprimir sentimentos, gostos, opiniões, atitudes (exprimir alegria, antipatia, admiração, indiferença, dor, preocupação, medo; perguntar pelos gostos ou preferências, exprimir ou pedir opiniões, concordar, discordar, etc.): ^P*Estás enganado*: ^E*Estás equivocado*; ^P*Adorei...!*: ^E*Me encantó...!*; ^P*Gosto muito de ti*:

7. A unidade de tratamento lexicográfico

^E*Me gustas mucho*; ^P*Amo-te!*; ^E*Te quiero!*; ^P*Não concordo*; ^E*No estoy de acuerdo*;
^P*Estou mal disposto*; ^E*Me encuentro mal*; etc.

— etc.

c) Registo: usos específicos da linguagem.

Trata-se da informação relativa às áreas de conhecimento, matéria ou especialidade, usos tecnolectais, etc., que tradicionalmente aparecem etiquetadas nos dicionários com BIOLOGIA, BÍBLIA, CULINÁRIA, NÁUTICA, etc. Este tipo de informação já foi tratada em § 7.4.

Será a presença deste tipo de informação nos dicionários de língua que, na prática, vai dificultar a distinção entre os chamados dicionários especializados ou terminológicos e os dicionários de língua. Da mesma maneira que, como vimos, resulta impossível estabelecer uma fronteira entre enciclopédia e dicionário de língua, pensamos que não é possível diferenciar entre dicionários terminológicos ou especializados e dicionários de língua, uma vez que, seguindo Lerat (1995: 20), entendemos que a língua de especialidade «c'est une langue naturelle considérée en tant que vecteur de connaissances spécialisées».

Com efeito, da mesma maneira que para a escola terminológica de Praga —que considera as linguagens especializadas como sendo um estilo profissional, comparável a outros estilos da linguagem, como o estético, o jornalístico ou o conversacional (Cabré, 1993: 49)— para Lerat não é correcto falar em «sublínguas» ou «tecnolectos» quando nos queremos referir ao que o autor denomina *langues spécialisées*, o que em inglês se denomina *languages for special purpose*:

«En revanche, le français de l'automobile n'est en aucune façon une sorte de langue ou de dialecte, et l'usage de termes analogiques comme "technolecte" induit un parallélisme fallacieux. Le français de l'automobile est l'usage du français pour rendre compte de connaissances en matière d'automobile, ce qui est bien différent: c'est tout à fait du français (y compris les mots empruntés comme *carter* ou *ABS* et le vocabulaire d'atelier, à commencer par *mécano*), et ses connotations sont partagées plus ou moins par le citoyen moyen, encore que les termes techniques lui échappent en grande partie, que ce soit comme notions ou même comme expressions. Il est donc peu exact de parler de "sous-langue"» (Lerat, 1995: 18-19).

d) Estilo: variações formais deliberadas (estruturais ou textuais).

Informação etiquetada tradição lexicográfica com abreviaturas como:

COLOQ., POÉTICO, CAL., que podem ser consideradas também, como vimos, como etiquetas de registo (usos específicos) ou, como veremos seguidamente, de usos sociolectais.

Existem também no mercado os chamados dicionários de estilo. Contudo, mais do que dicionários de variações formais deliberadas são dicionários com informação sobre combinação lexical.

e) Sociolectos: hábitos linguísticos de um grupo social.

A informação relativa às variações sócio-linguísticas e etno-linguísticas são etiquetadas na tradição lexicográfica normalmente com abreviaturas como: ARC., CAL., FAM., INF., POP. Também existem no mercado dicionários especializados em variantes sociolectais (dicionários de calão, por exemplo).

f) Dialectos: hábitos linguísticos de uma área geográfica.

Para a informação de tipo dialectal usam-se normalmente etiquetas do tipo: REG., ARGENTINA, MINHO, ASTÚRIAS, FRANCÊS. As variedades diatópicas são as que aparecem registadas de uma maneira mais abundante e sistemática na lexicografia tradicional, talvez devido à forte tradição dos estudos dialectológicos pré-estruturalistas e estruturalistas. Existe também no mercado um abundante número de dicionários dialectais ou regionais.

g) Estádios de língua: variações diacrónicas.

Será também a forte tradição nos estudos diacrónicos pré-estruturalistas e estruturalistas que explica o investimento nos dicionários históricos em todas as línguas de cultura. As variantes diacrónicas registam-se nos dicionários com etiquetas como ARC., ANTIGO, NEOLOG.

h) Norma padrão: normas culturalmente favorecidas.

Uma pronúncia, acepção de uma palavra ou qualquer combinação ou locução que em lexicografia se considere como pertencente à norma padrão estará caracterizada nos dicionários justamente pela ausência de etiquetas. Isto é, tudo aquilo que não é arcaico, dialectal, tecnolectal ou de uma área terminológica

especializada, calão, etc. Como se sabe, é paradigmático o papel que desempenhou o dicionário como instrumento de fixação como norma culta de uma determinada variedade linguística (Hartmann, 1983: 116). Mas, como escreve A. Moulin (1983: 146): «[...] should he [the lexicographer] be a recorder of facts, a legislator, or both? [...] I believe that the lexicographer's task is to record differences rather than to settle them».

i) Crioulos: mudanças interlinguais.

Estreitamente relacionado com as questões anteriores está a construção de uma nova norma padrão a partir de determinadas variedades dialectais, diacrónicas, sócio-linguísticas, etno-linguísticas assim como fenómenos de interferência e substituição linguística. Como indicámos no ponto anterior, para além das possíveis políticas linguísticas (ou ausência das mesmas), o papel do dicionário (entendido em sentido lato), e, conseqüentemente, do lexicógrafo, é simbólico neste processo. Prova disso é a importância dos dicionários no processo de normalização das línguas minorizadas assim como dos diferentes trabalhos e produtos que, dentro do que se conhece como “indústrias da língua”, hoje se estão a realizar para as principais línguas de cultura (bases de dados lexicais, obras terminográficas científicas e técnicas, bases de dados multilíngues, *thesaurus* para documentação, etc.).

A meio caminho dos fenómenos de “crioulização” estão fenómenos como o “pidgin”, os empréstimos, os estrangeirismos ou as interferências linguísticas, sobre os que a lexicografia bilingue não poderá deixar de reflectir, abandonando as atitudes normativizadoras, puristas ou até xenófobas da lexicografia tradicional.

Isto coloca novos problemas, como o da maneira de tratar no dicionário bilingue de espanhol/português termos como:

^P*filme* (o uso de *filme* e *película* é diferente em espanhol e português);

^P*O.K.* (^E*vale*, entre outros equivalentes);

^P*check-up* (^E*chequeo*);

^E*christmas* (^P*postal de Natal*);

^P*cocktail* (^E*cóctel*, ^P*coquetel*, embora de uso raro);

^E*cross* (^P*corta-mato* ou ^P*cross*, menos usado que em espanhol);

^E*curry* (^P*caril*);

^P*tupperware* (^E*tupperweare* ou ^E*fiambreira*);

^P*part-time* (^E*jornada partida* ou, embora não tão usado, ^E*part time*);
^P*self-service* (^E*autoservicio*);
^P*jeans* (^E*vaquero*, ^E*jeans*);
^P*long play*, ^P*LP* (^E*elepé*, ^E*long play*);
^P*cow-boy* (^E*vaquero* ou, embora raro, ^E*cow-boy*);
^P*décor* (^E*decorado*);
^E*alerón* (^P*aileron*);
^P*chefe de cozinha* (^E*chef*, ^E*jefe de cocina*);
^E*diadema* (^P*bandelette*, ^P*diadema*);
^E*fular* (^P*lenço*, ^P*echarge*);
^E*maillot* (^P*camisola [de ciclista]*);
^E*a lo garçon* (^P*à rapaz*);
^E*pasota* (^P*frique*);
^E*panty* (^P*meia calça*).

Mais difíceis ainda de tratar lexicograficamente serão os empréstimos de uma determinada L1 numa L2 num dicionário bilingue, como, por exemplo os castelhanismos no português e os lusismos no espanhol. Como traduzir para português um lusismo castelhano como ^E*saudade*. E vice-versa, como traduzir para espanhol um castelhanismo português como ^P*salero*, ^P*afición*, ^P*aficionado*, ^P*mano a mano*, ^P*ganaderia*? Já para não falar nas palavras castelhanas utilizadas no português com conotações muito especiais como ^P*nuestros hermanos* e vice-versa, ^P*paradinha*.

Entrariam também dentro deste campo questões relativas a falsos amigos ou falsos amigos parciais (*vd. supra* § 7.5).

7.8. Equivalentes

A informação mais importante que um utilizador espera encontrar num dicionário bilingue é a relativa aos possíveis equivalentes na L2 para cada acepção de L1.

Como vimos ao longo deste trabalho, tanto o equivalente em L2 como a unidade lexicográfica em L1 que está a traduzir, podem ser lexemas, frasesmas, qualquer outra combinação restrita de lexemas (colocações, quase-frasesmas) ou até, no caso de não existir um equivalente lexicalizado correspondente à unidade lexicográfica da outra língua, combinações livres de lexemas (em § 7.5. vimos

7. A unidade de tratamento lexicográfico

exemplos como ^P*café curto*, ^P*café comprido* (ou *cheio*), etc., cujos equivalentes em espanhol teriam de ser construções gramaticais do tipo ^E*taza de café solo mediada*, ^E*taza de café solo llena*, etc.).

No início deste capítulo, dissemos que cada variação detectada na unidade de tratamento lexicográfico implicará um equivalente ou unidade lexicográfica diferente para a L2, seja este uma unidade lexical (lexema) ou qualquer tipo de combinação de unidades lexicais. Uma excepção será o caso dos sinónimos totais (insensíveis às variações co-textuais ou contextuais) e das variantes gráficas, que serão consideradas também como sinónimos (Lerat, 1995: 99) não devendo constituir, pois, unidades de tratamento lexicográfico diferente. *Cf.*, por exemplo:

- loza** *s.f.* **1.** Louça, loiça (objectos de cerâmica fabricados para uso doméstico);
No me gusta nada lavar la loza: Não gosto nada de lavar a louça; *vd.* **vajilla** **2.**
...
- loto** *s.m.* e *s.f.* **I.** *s.m.* BOTÂNICA **1.** Loto, lódão, lodo (planta aquática); ...
- lema** *s.m.* **1.** Lema, divisa (frase simbólica que se toma como norma de procedimento); ... **2.** Divisa (inscrição) [num emblema, escudo ou estandarte]
... **3.** Mote (tema) [de um discurso]; ...

De resto, todas as questões relativas à problemática da unidade lexicográfica afectam também ao equivalente (*vd. supra* § 7.3 e capítulos 3º, 4º e 6º).

7.9. Exemplos

Os exemplos, de cada acepção em L1 e dos correspondentes equivalentes em L2, são muito úteis no dicionário bilingue especialmente quando não há uma coincidência na categoria gramatical dos equivalentes, uma vez que é mais económico do que tentar uma descrição dos equivalentes, como nos exemplos seguintes:

- ^E*Trasnochar así acaba conmigo*: ^P*Estas noitadas dão cabo de mim*;
^E*La fruta está llena de magulladuras*: ^P*A fruta está toda pisada*;
^E*Lleno* (adjectivo): ^P*Ateste* (verbo) [o depósito, numa bomba de gasolina].

Os exemplos podem ser muito ricos em informação gramatical²⁹⁴, enciclopédica, pragmática ou sobre combinatória lexical. Mas devem ser usados com reservas e só como complemento ao sistema de etiquetagem, dado que podem transformar-se perigosamente numa espécie de “cajón de sastre” ou “termo-umbrela”²⁹⁵ para onde vai parar tudo aquilo que não sabemos como tratar lexicograficamente:

«Se trataría poco menos que de un “comodín” lexicográfico capaz de aportar informaciones preciosas sobre todas las facetas del tema. Tendríamos, pues, ejemplos que se ocupan de distintos aspectos de la vertiente morfológica (v.g. indicación de los plurales irregulares), sintáctica (v.g. régimen, cambios de diátesis), léxica (v.g. coocurrencia restringida, campos analógicos), semántica (v.g. discriminación entre las acepciones del lema), pragmática (v.g. presentación de “Routineformeln”).» (Blanco, 1995: 1).

Para evitar o perigo do exemplo como panacea, seria importante, como este mesmo autor indica (*idem*, 3), estabelecer uma teoria do exemplo lexicográfico, delimitando (para o lexicógrafo) e explicando (ao utilizador) o seu uso e funções perante os outros elementos da microestrutura:

«Entendida como un elemento subyacente a una praxis concreta y formado por dos componentes básicos: descriptivo (análisis de la presencia del ejemplo y de sus relaciones con las restantes categorías del artículo lexicográfico) y normativo (conjunto de criterios encaminados a estipular el correcto empleo del ejemplo)» (Blanco, 1995, 3, nota 10).

Embora as questões relativas às fontes que conformam o *corpus* de exemplos dos dicionários ultrapasse os limites deste trabalho, queremos voltar brevemente à questão levantada em § 2.1.2 sobre a conveniência de construir exemplos *ad hoc* ou de retirá-los de um *corpus*. Segundo Xavier Blanco²⁹⁶, a maior

²⁹⁴ Para Al-Kasimi (1983), a função principal dos exemplos ilustrativos — embora não a única (*vd. idem*, 88-96) — é a de apresentar informação gramatical e contextual ao utilizador:

«For the present writer, the primary function of the illustrative examples in dictionaries in general and bilingual ones in particular is to contribute to the user’s interest by showing the word in a live context, and to enhance his understanding of the grammatical and semantic rules governing the usage of the word by showing these rules in action. Illustrative examples should not be intended to take the place of grammatical or semantic statements, but they should illustrate them only.» (Al-Kasimi, 1983: 91).

²⁹⁵ Porém, *cf. supra* nota 50.

²⁹⁶ O autor apresenta três grandes grupos ou fontes de exemplos de que o lexicógrafo dispõe: as

parte dos exemplos empregues na lexicografia bilingue são construídos *ad hoc* (*idem*, 353) para permitir uma maior flexibilidade no tratamento da fraseologia e de sequências combinatórias associadas a um determinado lema (*idem*, 171).

Porém, um dos maiores problemas com que se enfrenta o lexicógrafo se optar por construir exemplos *ad hoc* é o facto de ficar excessivamente agarrado à estrutura da frase na L1, construindo equivalentes errados, pouco usados ou pragmaticamente inaceitáveis, como, retomando os exemplos anteriores:

^E*La fruta está llena de magulladuras:* ^P*A fruta está cheia de pisaduras;*
^E*Lleno:* ^P*Cheio* [o depósito, numa bomba de gasolina]²⁹⁷.

É por isso que, tanto em alguns dos mais recentes dicionários, elaborados com a ajuda de ferramentas informáticas, como no plano puramente metalexigráfico, parece haver uma clara tendência para defender o uso dos exemplos procedentes de *corpora* variados mais do que procedentes da intuição linguística ou subjectividade do lexicógrafo (Blanco, 1995: 351).

Isto não justifica, porém, uma certa onda de desconfiança sobre a competência linguística do lexicógrafo (e do linguista em geral) que se pode encontrar em alguns dos autores para os quais a maior objectividade dos dados tomados dum *corpus* (em definitivo de outros informantes anónimos) significa também uma maior garantia face aos dados subjectivos, fantasiosos, inventados, limitados ou redutores do informante lexicógrafo²⁹⁸.

fontes primárias (tradicionalmente literárias, mas cada vez mais variadas, com exemplos procedentes de registos jornalísticos, administrativos, orais, etc.), *fontes secundárias* ou *metalinguísticas* (outros dicionários) e fontes *ad hoc*.

²⁹⁷ Para não falar já dos múltiplos exemplos gramaticalmente duvidosos ou pragmaticamente inapropriados elaborados a partir das definições das acepções, do tipo “*Desayuno un zumo, porque con este aparato la licuación de las frutas se realiza en dos segundos*” (tomado de Heras & Rodríguez (1993): *Diccionario didáctico del español*. Madrid: SM., s.v. **licuación**). Em Calderón (1994) podemos encontrar várias amostras do que o autor chama “exemplos-pérola” tomados de diferentes dicionários espanhóis (*vd. supra* nota 99).

²⁹⁸ A polémica é antiga e não só aplicada à elaboração de dicionários, mas à descrição linguística em geral:

«La querelle est ancienne: Vaugelas s’en tenait aux usages observés à la Cour et dans certains milieux parisiens, Arnauld et Lancelot (auteurs de la grammaire dite de Port-

Há também autores que, embora não neguem a utilidade de um *corpus* para confirmar a existência real e os usos pragmáticos dos exemplos empregues no dicionário, assim como os usos gramaticais e semânticos das acepções recolhidas, defendem as vantagens do exemplo construído *ad hoc*, principalmente no tipo de obra lexicográfica que mais nos interessa aqui, os dicionários de produção:

«The general trend indicates that illustrative citations should have actually been used in writing or speech. However, Hill does not object to coining illustrative examples in a dictionary intended for the foreign learners of the language. Fabricated examples in this case have two advantages: first, they can be tailored to serve their major functions of illustrating the grammatical and semantic usage of the word, and secondly they can be made briefer than the actual quotations and easier to understand.» (Al-Kasimi, 1983: 92).

Royal) illustraient leurs analyses d'exemples inventés par eux-mêmes; les structuralistes, surtout du courant distributionnel, partent de corpus, les générativistes préfèrent le plus souvent s'appuyer sur leur propre sentiment linguistique de la langue dont ils cherchent à "découvrir" la grammaire» (Besse & Porquier, 1984: 13-14).

CONCLUSÕES

No capítulo introdutório apresentávamos como objectivo principal deste trabalho definir e delimitar o conceito de unidade lexicográfica, demonstrando a adequação de determinadas estruturas sintagmáticas como unidades de análise e descrição lexicográficas.

Reduzir a unidade lexicográfica à palavra, ou até a unidades inferiores como o monema, obedece a uma concepção atomística da linguagem (uma palavra, um significado) dominante em todas as áreas da linguística moderna, e nomeadamente na semântica e na lexicografia, que entendem o significado como estando permanentemente ligado a uma palavra, independentemente dos contextos situacionais e das estruturas (co-textos) em que ocorrem as palavras. Não se pode atribuir um significado lexicológico a uma unidade lexical tomada independentemente, esquecendo que o sentido de qualquer lexema inclui tanto as relações paradigmáticas como as sintagmáticas.

Ignorar o facto de que, dentro de uma determinada estrutura, as relações sintagmáticas estabelecidas entre as palavras fazem parte do significado das mesmas conduzirá a uma concepção do enunciado como uma combinação de elementos discretos (as palavras, os monemas) e, conseqüentemente, a erros com importantes conseqüências lexicográficas como a divisão do significado de uma determinada colocação em sememas que posteriormente serão atribuídos só a uma das palavras que conforma essa colocação.

O carácter não-discreto dos fenómenos lexicais manifesta-se, por exemplo, na impossibilidade de estabelecer limites claros entre o que conhecemos por termos compostos, frasemas, combinações restritas de palavras e combinações livres de palavras construídas segundo as regras gramaticais. Não existem fronteiras definidas entre léxico e gramática.

As estruturas lexicais, e muito frequentemente as estruturas linguísticas em geral, manifestam um carácter holístico, em que a totalidade não é, ou não é só, a soma das partes que a compõe, não sendo suficiente a análise das partes para

entender a totalidade, tal como nos ensina a teoria da *Gestalt*. Assim, a unidade lexicográfica não é concebida aqui como sendo uma unidade atômica que conforma níveis superiores, mas sim entidades que se caracterizam por:

- 1) terem um carácter variável;
- 2) não serem necessariamente posicionais;
- 3) não possuírem um carácter discreto mas gradual e contínuo;
- 4) não serem independentes do co-texto e do contexto em que ocorrem;
- 5) não poderem ser descritas completamente pelas regras gerais da gramática.

Embora sendo conscientes de que operação de estabelecer as unidades com que fragmentamos o *continuum* linguístico não será mais do que uma convenção, que dependerá do marco teórico em que o investigador se situe, dos recursos com que conta ou dos propósitos para que tal investigação é realizada, pelo que será possível fazerem-se análises com graus diferentes de pormenor e até mais do que uma análise correcta (Lakoff, 1977: 246-247), no capítulo 6º apresentámos uma definição do que entendemos aqui por unidade lexicográfica:

Uma unidade lexicográfica é qualquer expressão (mono ou pluriverbal) que, dado o carácter *gestáltico* da sua estrutura (ora holística ora analisável), precisa de uma descrição lexicográfica individual, não podendo ser descrita completamente pelas regras gerais da gramática nem independentemente do contexto.

As colocações, por exemplo, são fenómenos irregulares, a meio caminho entre a combinação livre de palavras e os frasemas. Não é possível estabelecer regras gerais de comportamento sintáctico e semântico para todas as colocações. Por esta razão não poderão ser tratadas na gramática, mas no dicionário, que deverá descrever por extensão, juntamente com as unidades lexicais, estas combinações sintagmáticas restritas. Não se trata, portanto, de enumerar todas as combinações possíveis de uma língua, teoricamente infinitas, que serão descritas pela gramática estabelecendo conjuntos limitados de regras estruturais. Contudo, no caso de uma análise estrutural deficitária de determinados fenómenos linguísticos, o formato dicionário, juntamente com a notável capacidade dos modernos computadores para armazenar e recuperar informação em grandes bases de dados, pode ser também uma solução eficaz para a

descrição desses fenómenos.

O domínio próprio da lexicografia deixa de ser concebido apenas como o da descrição semântica das palavras isoladas. Às diferentes acepções de uma palavra polissémica correspondem, muito frequentemente, no discurso, estruturas formais diferenciadas. Os limites da unidade lexicográfica deverão ser alargados para poder incorporar essas estruturas ou combinações mais ou menos extensas de palavras que constroem o seu significado no discurso.

No dicionários bilingues isto será ainda mais evidente (especialmente no caso dos dicionários electrónicos bilingues e da tradução automática). Qualquer dicionário bilingue deverá ter como objectivo ideal transformar em biunívocas todas as relações existentes entre as unidades lexicais e combinações de unidades lexicais da língua de partida e da língua alvo. Sempre que as regras ou generalizações estabelecidas pela gramática leve ao estabelecimento de relações não unívocas, deverá prescindir-se da mesma e descrever o fenómeno por extensão.

Deveremos, pois, construir dicionários, nomeadamente bilingues ou unilingues orientados para a codificação²⁹⁹, com entradas lexicais que ultrapassam largamente os limites da palavra, devendo aparecer inventariados (em forma de sublemas, dadas as vantagens de conservar a unidade palavra como lema) vários tipos de sintagmas e unidades lexicais pluriverbais:

- Palavras compostas: ^P*pára-choques* (^E*parachoques*), ^P*guarda-chuva* (^E*paraguas*), ^P*aguardente* (^E*aguardiente*), ^P*floricultura* (^E*floricultura*).
- Combinações por justaposição ou mediante preposição: ^P*colete anti-balas* (^E*chaleco antibalas*), ^P*andar modelo* (^E*piso piloto*), ^P*primeiro ministro* (ou ^P*primeiro-ministro*)³⁰⁰, ^P*caminho-de-ferro* (ou ^P*caminho de ferro*) (^E*ferrocarril*) ^P*avião a jacto* (^E*avión a reacción*), ^P*fora de série* (^E*fuera de serie*), ^P*fora-de-jogo* (^E*fuera de juego*), ^P*colete-de-forças* (^E*camisa de fuerza*), ^P*chapéu-de-chuva* (^E*paraguas*), ^P*máquina de lavar roupa* (^E*lavadora*), ^P*gramática de estados finitos*.
- Combinações lexicais restritas: ^P*ser o braço direito de* (^E*ser el brazo derecho de*), ^P*ver-se e desejar-se para* (^E*vérselas y deseárselas para*), ^P*ter*

²⁹⁹ No Anexo 3 apresentamos uma lista com exemplos do tipo de material lexicográfico que deve ser registado num dicionário codificador.

³⁰⁰ Não teremos em conta aqui a tradição ortográfica (*vd. supra* nota 124).

muita lata (^E*tener mucha cara*) (frasesmas); ^P*ódio figadal* (^E*odio mortal*), ^P*dar um passeio* (^E*dar un paseo*), ^P*colocar uma questão* (^E*plantear una cuestión*) (colocações); ^P*ovo estrelado* (^E*huevo estrellado*), ^P*cinturão negro* (^E*cinturón negro*; cf. ^P*cinto preto* = ^E*cinturón negro*), ^P*centro comercial* (^E*centro comercial*) (quase-frasesmas).

- Pragmatemas (fórmulas sociais, comerciais, etc.): ^P*Tudo bem?* (^E*¿Cómo estás?*), ^P*Estou!* (^E*¡diga!*), ^P*com os melhores cumprimentos* (^E*atentamente*), ^P*aviso de recepção* (^E*acuse de recibo*), ^P*pede deferimento* (^E*solicita*), ^P*junto envio* (^E*adjunto*).
- Provérbios e citações célebres: ^P*Mais vale um pássaro na mão que dois a voar* (^E*Más vale pájaro en mano que ciento volando*), ^P*Afasta-te, Satanás!* (^E*Apártate de mí, Satanás*), ^P*Penso, logo existo* (^E*Pienso, luego existo*).
- Denominações perifrásticas: ^P*a primeira dama* (^E*la primera dama*), ^P*o precioso líquido* (^E*el líquido elemento*).
- Nomes próprios combinados com outras palavras: ^P*lei de Lynch*, ^P*teorema de Pitágoras*.
- Nomes perifrásticos: ^P*Cidade invicta*, ^P*a Cidade Luz*.
- Nomes comuns usados como nomes próprios: ^P*a Casa Rosa*, ^P*o Pentágono*, ^P*o Santo Padre*.
- Datas significativas: ^P*25 de Abril*, ^P*31 de Janeiro*.
- Formas de flexão lexicalizadas: ^P*Anda (daí)!* (^E*¡Vamos!*), ^P*Não é?* (^E*¿Verdad?*), ^P*Com certeza!* (^E*¡Desde luego!*), ^P*Tomara!* (^E*¡Ya me gustaría!*), ^P*sei lá!* (^E*¡Yo qué sé!*), ^P*sabe-se lá!* (^E*¡Nunca se sabe!*).
- Combinações alfanuméricas, etc.: ^P*vitamina A*, ^P*raios X*, ^P*M-19* (movimento guerrilheiro Colombiano).
- Numerais lexicalizados: ^P*o 115*, ^P*o 112*.
- Informação sobre construção e regime: ^P*ocupar-se em*, ^P*ocupar-se de*; ^P*ocupar-se com*; ^P*falar de*, ^P*falar em*; ^P*de tarde*, ^P*à tarde* (cf. ^E*por la tarde*).

Os chamados dicionários de língua, ou apenas dicionários, tal como os conhecemos actualmente, são repositórios de algumas “amostras” de significados, isto é, dos *sentidos* que as palavras adquirem em determinados contextos. São, portanto, dicionários de *parole*, não de *langue*, uma vez que não definem o *significado* das unidades lexicais apresentando um conjunto de invariantes comuns aos diferentes *sentidos* (Wierzbicka, 1985: 83). O que conhecemos por *acepções* das palavras não são mais do que alguns dos sentidos consolidados pelo uso entre as diferentes comunidades de falantes, face a outras formas potenciais, perfeitamente

possíveis no sistema do ponto de vista das regras gramaticais, mas não consolidadas na norma ou normas culturalmente favorecidas. Um dicionário de língua não poderia ser um dicionário dos “sentidos” de uma palavra uma vez que é impossível delimitar o número de sentidos compatíveis com um significado.

A teoria lexicográfica deverá basear-se, como a terminologia, num sistema referencial que seja capaz de relacionar estruturas lexicais com estruturas de conhecimento (Sager, 1993: 36). Ambas as estruturas estão de tal maneira relacionadas que não se pode manter a distinção teórica (porque na prática lexicográfica não se mantém) entre dicionários e enciclopédias, entendendo os primeiros como dicionários de *langue*, onde se definem os *significados* potenciais das palavras, e as segundas como um dicionário onde se recolhe o conhecimento extralinguístico de uma determinada comunidade linguística ou cultural, isto é, onde se descrevem coisas.

A impossibilidade de estabelecer fronteiras entre o que é conhecimento linguístico e o que é conhecimento enciclopédico ou conceptual (extralinguístico, segundo muitos modelos linguísticos), inviabiliza a possibilidade de separar o material que deve ser inventariado num dicionário do que deve ser recolhido numa enciclopédia. Outra coisa diferente será a maneira como esse material inventariado é apresentado e definido.

Assim, um dicionário orientado para a codificação não poderá deixar de registar materiais como os seguintes:

- Quase-frasemas: (^E*huevo estrellado*), ^P*cinturão negro* (^E*cinturón negro*; cf. ^P*cinto preto* = ^E*cinturón negro*), ^P*centro comercial* (^E*centro comercial*)
- Palavras e locuções estrangeiras: *ad hoc*, *numerus clausus*, *andante*, *o.k.*, *leader*, *Don Juan*.
- Provérbios e citações célebres: ^P*Mais vale um pássaro na mão que dois a voar* (^E*Más vale pájaro en mano que ciento volando*), ^P*Afasta-te, Satanás!* (^E*Apártate de mí, Satanás*), ^P*Penso, logo existo* (^E*Pienso, luego existo*).
- Topónimos e antropónimos: ^P*Conceição* (cf. ^P*concepção* e ^E*Concepción*), ^P*Agostinho* (cf. ^E*Agustín*), ^P*Antuérpia* (cf. ^E*Amberes*).
- Nomes próprios combinados com outras palavras: ^P*lei de Lynch*, ^P*teorema de Pitágoras*.
- Hipocorísticos: ^P*Zé* (cf. ^E*Pepe*), ^P*Chico* (cf. ^E*Paco*).

- Nomes perifrásticos: ^P*Cidade invicta*, ^P*a Cidade Luz*.
- Nomes comuns usados como nomes próprios: ^P*a Casa Rosa*, ^P*o Pentágono*, ^P*um Carocha* (um Volkswagen), ^P*o Santo Padre*.
- Datas significativas: ^P*25 de Abril*, ^P*31 de Janeiro*.
- Gentílicos e epónimos: ^P*bracarense*, ^P*braguês*, ^P*alfacinha*, ^P*pombalino*, ^P*camiliano*.
- Palavras-marca (marcas lexicalizadas): ^P*fórmica*, ^P*aspirina*, ^P*black&decker*, ^P*jeep*, ^P*gilette*, ^P*cimbalino*, ^P*kispo*.
- Abreviaturas, siglas, acrónimos: ^P*Dr.* (vs. ^P*Doutor*), ^P*EDP*, ^P*IRS* (cf. ^E*IRPF*), ^P*EUROTRA*, ^P*DIU*, ^P*FRELIMO*.
- Símbolos: ^P*Pb*, ^P*pH*, ^P*P* (Portugal), ^P*cm.*, ^P*E* (Este), ^P*OP* (Ordem dos Predicadores: dominicanos).
- Combinações alfanuméricas, etc.: ^P*vitamina A*, ^P*raios X*, ^P*M-19* (movimento guerrilheiro Colombiano).
- Numerais lexicalizados: ^P*o 115*, ^P*o 112*.

Este mesmo argumento permitiu-nos contestar a existência de fronteiras, também quanto ao tipo de material inventariado (não quanto à maneira como esse material inventariado é apresentado e definido, como dissemos), entre o léxico terminológico e o léxico comum. Assim, *termos* como os que seguem não poderão deixar de aparecer consignados num dicionário codificador bilingue ou unilingue:

^P*fora-de-jogo* (^E*fuera de juego*), ^P*colete anti-balas* (^E*chaleco antibalas*), ^P*fato-macaco* (^E*mono*), ^P*andar modelo* (^E*pisso piloto*), ^P*cinturão negro* (^E*cinturón negro*, cf. ^P*cinto preto* = ^E*cinturón negro*), ^P*aviso de recepção* (^P*acuse de recibo*), ^P*guia de remessa* (^E*alvarán*), ^P*ad hoc*, ^P*numerus clausus*, ^P*andante*, ^P*lei de Lynch*, ^P*teorema de Pitágoras*, ^P*camiliano*, ^P*ácido acetilsalicílico*, ^P*analgésico*, ^P*antipirético*, ^P*ciclomotor*, ^P*motocicleta*, ^P*motorizada*, ^P*automática* (^P*pistola automática*), ^P*IRS* (^E*IRPF*), ^P*IRPC*, ^P*DIU*, ^P*Pb*, ^P*pH.*, ^P*P* (Portugal), ^P*cm.*, ^P*E* (Este), ^P*OP* (Ordem dos Predicadores), ^P*vitamina A*, ^P*raios X*, ^P*o 115*, ^P*o 112*.

Por último, uma referência à componente contrastiva que esteve presente ao longo de todo o nosso trabalho. Em casos de línguas tão afins como são o português e o espanhol, com um vocabulário muito semelhante, e até com regras gramaticais também muito próximas, é muito maior a possibilidade de, no processo de codificação da língua estrangeira, se produzirem interferências e de se fossilizarem

Conclusões

estruturas do sistema interlinguístico construído no processo de aquisição da língua de chegada (em termos coloquiais, conhecido por “portunhol”). Por isso, o dicionário bilingue de espanhol/português deverá, de maneira especial, ter em atenção estes aspectos relativos à capacidade combinatória do léxico e o uso pragmático-contextual que se faz de um vocabulário “quase” comum às duas línguas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

9.1. Dicionários

ACADEMIA ESPAÑOLA DE LA LENGUA, REAL

(1992): *Diccionario de la lengua española*. 20ª edição. Madrid: Espasa-Calpe. [aqui: *DRAE*].

ALMEIDA COSTA J. e A. SAMPAIO E MELO

(1994): *Diccionario da Língua Portuguesa da Porto Editora*. 7ª edição, revista e ampliada. Porto: Porto Editora. [aqui: *Porto Editora*].

ALVAR (dir.)

(1995): *Diccionario para la enseñanza de la lengua española*. Barcelona: Biblograf/Universidad de Alcalá de Henares.

AULETE, F. J. Caldas

(1987): *Diccionario da Língua Portuguesa Caldas Aulete*. 5ª edição brasileira, revista, actualizada e aumentada por Hamílcar de Garcia e Antenor Nascentes. Rio de Janeiro: Editora Delta. [aqui: *Caldas Aulete*].

AZEVEDO, F. Ferreira dos Santos

(1983): *Diccionario Analógico da Língua Portuguesa (idéias afins)*. Brasília: Coordenada/Thesaurus.

CARDOSO, J. [Hieronymi Cardosi]

(1565): *Dictionarium ex lusitanico latinum sermonem*. Joannus Alvari Typographi []. [1562?].

CASARES, J.

(1992): *Diccionario ideológico de la lengua española*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

FERNADES, F, & C. P. LUFT

(1984): *Diccionario de sinônimos e antônimos da língua portuguesa*. Porto Alegre/Rio de Janeiro: Globo.

FERREIRA, A. Buarque de Holanda

(1986): *Novo Diccionario da Língua Portuguesa*. 2ª edição, revista e aumentada, 20ª impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. [aqui: Aurélio].

FIGUEIREDO, C. de

(1982): *Diccionario da Língua Portuguesa*. 16ª Edição. Lisboa: Livraria Bertrand. [aqui: *Cândido*].

GARRIDO, C.

(1997): *Dicionário terminológico quadrilíngue de Zoologia dos Invertebrados. Alemão, Inglês, Espanhol, Galego-Português*. Corunha: Associação Galega da Língua.

HERAS FERNÁNDEZ, J. A. de las & M. RODRÍGUEZ ALONSO

(1993): *Diccionario didáctico del español-Intermedio*. Madrid: SM.

LORENZO FEIJÓO HOYOS, B.

(1992): *Diccionario de falsos amigos del español y del portugués*. São Paulo: Consejería de Educación de la Embajada de España.

MARTÍNEZ ALMOYNA, J.

(1990): *Dicionário de Espanhol / Português* Porto: Porto Editora. [aqui: *E-P Editora*].

MOLINER, M.

(1990): *Diccionario de uso del español*. Madrid: Gredos.

NEBRIJA, A. de

(1516): *Vocabulario de romance en latin*. Sevilla. [ca. 1494, Salamanca?]

ORTEGA CAVERO, D.

(1990): *Diccionario Português-Español / Espanhol-Português*. Barcelona: Ramón Sopena [revista e actualizada por J. da C. Fernandes].

RAMALHO, E.

(1985): *Dicionário Estrutural, Estilístico e Sintático da Língua Portuguesa*. Porto: Lello & Irmão Editores.

SAINZ DE ROBLES, F. C.

(1989): *Diccionario español de sinónimos y antónimos*. Madrid: Aguilar.

SIMÕES, G. A.

(1994): *Dicionário de Expressões Populares Portuguesas*. Lisboa: Dom Quixote.

SINCLAIR, J.M. *et al.*

(1987): *Collins COBUILD English Language Dictionary*. London: Collins.

VALDEZ, M. DO CANTO E CASTRO MASCARENHAS

(1864): *Diccionario Español-Português*. Lisboa: Imprensa Nacional [sic].

VILELA, M.

(1991): *Dicionário do Português Básico*. Porto: Edições Asa. [aqui: *Vilela*]

VILLANUEVA, G. (ed.)

(1991): *Diccionario Anaya de la Lengua*. Madrid: Anaya.

9.2. Bibliografia geral ³⁰¹

- ABAD, F. & A. GARCÍA BERRIO (eds.)
(1993): *Introducción a la lingüística*. Madrid: Alhambra. [1983].
- ABAITUA, J.
(1995): «Prólogo a la edición española», em W. J. Hutchins & H. L. Somers (1995), 15-19.
- AGUIAR E SILVA, V. M.
(1982): «O Texto Literário e os Seus Códigos», em *Cadernos da Colóquio/Letras*, 1. *Teoria da Literatura e da Crítica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. [Originariamente em *Colóquio/Letras*, 21 (1974)].
(1988): *Teoria da Literatura* (vol. I). Coimbra: Almedina.
- AGUILAR-AMAT CASTILLO, A. de
(1993): *Las colocaciones de nombre y adjetivo. Un paso hacia una teoría léxico-semántica de la traducción* (tese de doutoramento) [microfichas]. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, Servei de Publicacions.
- AKMAJIAN, A.; R. A. DEMERS & R. M. HARNISH
(1987): *Lingüística: una introducción al lenguaje y la comunicación*. Madrid: Alianza Editorial. [1979].
- AL, B. P. F.
(1988): «Langue source, langue cible et métalangue», em Landheer (ed.) (1988), 15-29.
- ALBALADEJO, T.
(1978): «Aplicación analítica de la teoría de la estructura del texto y de la estructura del mundo a un texto de Jorge Guillén», in J. S. Petöfi y A. García Berrio (1978), 267-307.
(1986): *Teoría de los mundos posibles y macroestructura narrativa. Análisis de las novelas cortas de Clarín*. Alicante: Universidad de Alicante.
(1989): *Retórica*. Madrid: Síntesis.
- ALCARAZ VARÓ, E.
(1990): *Três paradigmas de la investigación lingüística*. Alcoy: Marfil.
- AL-KASIMI, A. M.
(1983): *Linguistics and Bilingual Dictionaries*. Leiden (Holanda): E. J. Brill.

³⁰¹ Para as referências bibliográficas utilizamos a data da edição, reimpressão ou tradução consultada. Entre parênteses rectos apresenta-se, quando possível, a data da edição original, por exemplo:

AL-KASIMI, A. M. (1983): *Linguistics and Bilingual Dictionaries*. Leiden (Holanda): E. J. Brill. [1977].

[1977].

ALLERTON, D. J.

(1983): «Three (or four) levels of word cooccurrence restriction», em *Lingua. International Review of General Linguistics*, 63 (1983), 17-40.

ALLWOOD, J., L.-G. ANDERSSON & Ö DAHL

(1981): *Logic in Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press. [1971].

ALONSO RAMOS, M.

(1989): «Aproximación a un nuevo modelo lexicográfico: El *Dictionnaire explicatif et combinatoire du français contemporain. Recherches lexico-sémantiques* de I. Mel'chuk», in *Verba. Anuario Galego de Filoloxía*, vol. 16 (1989), 421-450.

(1993): *Las Funciones Léxicas en el modelo lexicográfico de I. Mel'chuk* (tese de doutoramento). Madrid: UNED.

(1998): *Étude sémantico-syntaxique des constructions à verbe support* (tese de doutoramento). Montréal: Université de Montréal.

ALVAR EZQUERRA, M.

(1982a): «Diccionario y gramática», em *Lingüística Española Actual*, 4: 2 (1982), 151-212 [reproduzido em Alvar Ezquerria (1993a), 87-143].

(1982b): *Lexicología y lexicografía. Guía bibliográfica* Salamanca: Almar.

(1983): «Lexicografía», em López Morales (ed.) (1983), 115-132 [reproduzido em Alvar Ezquerria (1993a), 215-239].

(1989): «Panorama de la lexicographie espagnole», em *Cahiers de Lexicologie*, 55 (1989), 79-100. [versão espanhola em Alvar Ezquerria (1993a), 39-54].

(1992): «Spanisch: Lexikographie. Lexicografía», em Holtus, Metzeltin & Schmitt (eds.) (1992), 636-651.

(1993a): *Lexicografía descriptiva*. Barcelona: Bibliograf.

(1993b): «Sobre la ordenación de entradas en los diccionários», em Alvar Ezquerria (1993a), 79-85.

AMAT, N.

(1994): *El libro mudo. Las aventuras del escritor entre la pluma y el ordenador*. Madrid: Anaya/Mario Muchnik.

ARD, J.

(1982): «The Use of Bilingual Dictionaries by ESL Students while Writing», em *ITL, Review of Applied Linguistics*, 58 (1982), 1-27.

ARMSTRONG, S. (ed.)

(1994): *Using Large Corpora*. Cambridge, Massachussets: M.I.T. Press.

ARNTZ, R. & H. PICHT

(1995): *Introducción a la terminología*. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez/Pirámide. [1989].

BAJTIN, M.

(1991): *Teoría y estética de la novela*. Madrid: Taurus. [1975].

Referências bibliográficas

BARTHES, R.

(1970): «L'ancienne Rhétorique», em *Communications*, 16 (1970), 173-229.

BAYLON, Ch. & P. FABRE

(1994): *La semántica (con ejercicios prácticos y sus soluciones)*. Barcelona: Paidós. [1978].

BEACH, W. A., S. A. FOX & S. PHILOSOPH (eds.)

(1977): *Papers from the Thirteenth Regional Meeting. Chicago Linguistic Society*. Chicago: University of Chicago.

BÉJOINT, H. & Ph. THOIRON (eds.)

(1996): *Les Dictionnaires bilingues*. Louvain-la-Neuve: Duculot.

BENSON, M., E. BENSON & R. ILSON

(1986a): *The BBI Combinatory Dictionary of English. A Guide to Word Combinations*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

(1986b): *The Lexicographic Description of English*, Amsterdam: John Benjamins.

BENVENISTE, E.

(1989): *Problemas de Lingüística Geral*. vol II. Campinas, São Paulo: Pontes. [1966].

BERGENHOLTZ, H. & S. TARP (eds.)

(1995): *Manual of Specialised Lexicography. The Preparation of Specialised Dictionaries*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

BERNÁRDEZ, E.

(1982): *Introducción a la lingüística del texto*. Madrid: Espasa - Calpe.

(1995): *Teoría y epistemología del texto*. Madrid: Cátedra.

BIBLOGRAF (ed.)

(1992): *Euralex '90 Proceedings. Actas del IV Congreso Internacional*. Benalmádena (Málaga), 28 de agosto-1 de septiembre de 1990; Barcelona: Biblograf.

BINON, J. & S. VERLINDE

(1997): «Comment concevoir un dictionnaire d'apprentissage?», em *Le Français dans le monde*, 291 (1997), 66-68.

BLESSE, H. & R. PORQUIER

(1984): *Grammaires et Didactique des Langues*. Paris: Hatier.

BLANCO ESCODA, X.

(1995): *El ejemplo en el diccionario bilingüe. Tipología y funciones del ejemplo en el marco de la lexicografía bilingüe general contemporánea Francés-Español Español-Francés* (tese de doutoramento) [microfichas]. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, Servei de Publicacions.

BLECUA, J. M.

(1986): *Qué es hablar*. Madrid: Salvat.

BOBES NAVES, M. C.

(1989): *La semiología*. Madrid: Síntesis.

BOGAARDS, P.

(1988): «À propos de l'usage du dictionnaire de langue étrangère», em *Cahiers de Lexicologie*, LII, I (1988), 130-152.

(1991): «Dictionnaires pédagogiques et apprentissage du vocabulaire», em *Cahiers de Lexicologie*, LIX, II (1991), 93-167.

(1992): «Á la recherche de collocations dans le dictionnaire de langue étrangère», em Lorenzo (ed.) (1992), 175-185.

BOSQUE, I.

(1982): «Sobre la teoría de la definición lexicográfica», em *Verba*, 9 (1982), 105-123.

BOULANGER, J.-C.

(1993): «Prólogo», em Sager (1993), 15-17.

BUSTOS GISBERT, E. de

(1986): *La composición nominal en español*. Salamanca: Universidad de Salamanca.

CABRÉ, M. T.

(1993): *La terminología: teoría, metodología, aplicaciones*. Barcelona: Antártida/Empúries.

CADIOT, P. (ed.)

(1997): *Sémiotiques*, 13. Décembre 1997. *Unités lexicales et identité sémantique*. Paris: Didier-érudition.

CALDERÓN CAMPOS, M.

(1994): *Sobre la elaboración de diccionarios monolingües de producción. Las definiciones, los ejemplos y las colocaciones léxicas*. Granada: Universidad de Granada.

CALVO PÉREZ, J.

(1994): *Introducción a la pragmática del español*. Madrid: Cátedra.

CARREIRA, M. H. Araújo & M. BOUDOY

(1993): *Pratique du portugais de A à Z*. Paris: Hatier.

CARTER, R.

(1997): «Lexical Knowledge, Conceptual Knowledge, and Generativity», em Cadiot (1997), 41-64.

CARVALHO, J. Herculano de

(1979): *Teoria da Linguagem. Natureza do Fenómeno Linguístico e a Análise das Línguas*. Vols. 1 e 2. Coimbra: Atlântida.

Referências bibliográficas

CASARES, J.

(1992): *Introducción a la lexicografía moderna*, Madrid: C.S.I.C. [1950].

CASSEN, B.

(1985): *Les industries de la langue, un grand enjeu scientifique, industriel et culturel pour la France*. Rapport au Ministre, Paris: Ministère de la Recherche et de la Technologie.

CASTELEIRO, J. Malaca

(1981): «Estudo linguístico do 1º Dicionário da Academia», em *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*, XXII (1981), 47-67.

CASTELEIRO, J. M.; A. MEIRA & J. PASCOAL

(1988): *Nível Limiar: Para o Ensino / Aprendizagem do Português como Língua Segunda / Língua Estrangeira*. Lisboa: ICALP.

CATACH, N.

(1981): *Orthographie et lexicographie. Les mots composés*. Paris: Nathan.

CHAMBERLAIN, A. & R. STEELE

(1985): *Guide Pratique de la Communication*. Paris: Didier.

CHARLO BREA, L. (ed.)

(1994): *Reflexiones sobre la traducción. Actas del Primer Encuentro Interdisciplinar "Teoría y Práctica de la Traducción"*. Cadiz del 29 de marzo al 1 de abril de 1993. Cádiz: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Cádiz.

CHAURAND, J. & F. MAZIÈRE

(1990): *La définition*. Paris: Larousse [Actes du Colloque *la Définition*, organisé par le CELEX (Centre d'Études du Lexique), Paris, 1988].

CHICO RICO, F.

(1987): *Pragmática y construcción literaria*. Alicante: Universidad de Alicante.

(1989): «La *intellectio*: Notas sobre un sexta operación retórica», em *Castilla. Estudios de Literatura*, 14 (1989), 47-55.

CLAS, A.

(1996): «Problèmes de préparation rédactionnelle de dictionnaires bilingues spécialisés: quelques réflexions», em Béjoint & Thoiron (eds.) (1996), 199-211.

CONTE, M. E.

(1977): «Introduzione», em M. E. Conte (a cura di) (1977), 11-50.

CONTE, M. E. (a cura di)

(1977): *La linguistica testuale*. Milano: Feltrinelli Economica.

CORBIN, D.

(1980): «Compétence Lexicale et Compétence Syntaxique», em *Modèles linguistiques*, 2: 2 (1980), 52-138.

CORPAS PASTOR, G.

- (1995): *Un estudio paralelo de los sistemas fraseológicos del inglés y del español*. (tese de doutoramento, Universidad Complutense de Madrid, 1994) [microfichas]. Málaga: Universidad de Málaga (Servicio de publicaciones e intercambio científico). [1994].
- (1997): *Manual de fraseología española*. Madrid: Gredos.

COSERIU, E.

- (1977): *Principios de semántica estructural*. Madrid: Gredos.
- (1979a): «A perspectivação funcional do léxico», em Vilela (1979: 15-33).
- (1979b): *Teoria da Linguagem e Lingüística Geral. Cinco Estudos*. Rio de Janeiro: Presença/Editora da Universidade de São Paulo. [1961]
- (1987): *Gramática, semántica, universales. Estudios de lingüística funcional*. Madrid: Gredos. [1978].

COWIE, A. P.

- (1981): «The Treatment of Collocations and Idioms in Learners' Dictionaries», em *Applied Linguistics*, II (1981), 223-235.
- (1983a): «On Specifying Grammar. On Specifying Grammatical Form and Function», em Hartmann (ed.) (1983), 99-107.
- (1983b): «The Pedagogical/Learner's Dictionary. I English Dictionaries for the Foreign Learner», em Hartmann (ed.) (1983), 135-144.

COWIE, A. P. (ed.)

- (1981): *Lexicography and Its Pedagogic Applications*. Thematic issue of *Applied Linguistics* 2, 3 (1981). Oxford: Oxford University Press.
- (1998): *Phraseology. Theory, Analysis and Applications*. Oxford: Clarendon Press.

CRYSTAL, D.

- (1986): «The Ideal Dictionary, Lexicographer and User», em Ilson (ed.) (1986), 72-80.
- (1987): *The Cambridge Encyclopedia of Language*. Cambridge: Cambridge University Press.
- (1994): *Enciclopedia del lenguaje de la Universidad de Cambridge*. Madrid: Taurus. [tradução e adaptação ao espanhol de Crystal (1987)].

DANLOS, L. (ed.)

- (1988): *Les expressions figées. Langages*, 90 (1988). Paris: Larousse.

DAVIS, P. W. (ed.)

- (1995): *Alternative Linguistics. Descriptive and Theoretical Modes*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

DESCOMBES, V.

- (1989): «The Quandaries of the Referent», em Kavanagh (ed.) (1989), 51-75.

DÍEZ CARRERA, C.

- (1994): *Las industrias de la lengua: Panorámica para los gestores de información*. Madrid: Ministerio de Cultura-Biblioteca Nacional.

Referências bibliográficas

van DIJK, T. A.

(1980b): *Texto y contexto. Semántica y pragmática del discurso*. Madrid: Cátedra. [1977].

(1983): *La ciencia del texto. Un enfoque interdisciplinario*. Barcelona / Buenos Aires: Paidós. [1978].

DUBOIS, J.

(1970): «Dictionnaire et discursive didactique», em *Langages*, 19 (1970), 35-47.

DUBOIS, J. C. & CL. DUBOIS

(1971): *Introduction à la Lexicographie. Le Dictionnaire*. Paris: Larousse.

DUBOIS, J. & F. DUBOIS-CHARLIER

(1990): «Incompatibilité des Dictionnaires», em *Langue Française*, 87 (1990), 5-10.

DUCROT, O.

(1984): «Referente», em *Enciclopédia Einaudi*, II (Linguagem - Enunciação), (1984), 418-438.

ECO, U.

(1980): *Tratado de Semiótica Geral*. São Paulo: Editora Perspectiva. [1976].

(1981): *La estructura ausente. Introducción a la semiótica*. Barcelona: Lumen. [1968].

(1983): *Leitura do Texto Literário. Lector in fabula. A cooperação interpretativa nos textos literários*. Lisboa: Presença. [1979].

(1990): *Semiótica y filosofía del lenguaje*. Barcelona: Lumen. [1984].

ELUARD, R.

(1985): *La Pragmatique Linguistique*. Paris: Nathan.

ENKVIST, N. E.

(1987): «Estilística, lingüística del texto y composición», in E. Bernárdez (ed.) (1987), 131-150. [1985].

ETTINGER, S.

(1982): «Formación de palabras y fraseología en la lexicografía», em Haensch *et al.* (1982), 233-258.

EVERAERT, M, E.J.VAN DER LINDEN, A. SCHEAK, R. SCHZENDER (eds.)

(1995): *Idioms: Structural and Psychological Perspectives*. Hillsdale-New Jersey Hove-U.K.: Lawrence Erlbaum Associates.

FARIA, I. Hub & M. Correia (eds.)

(1996): *Actas do XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Vol. II. Lisboa: APL./Colibri

FERNÁNDEZ PÉREZ, M.

(1996a): «El campo de la Lingüística aplicada. Introducción», em Fernández Pérez (1996b), 11-45.

FERNÁNDEZ PÉREZ, M. (ed.)

- (1996b): *Avances en Lingüística Aplicada*. Santiago de Compostela: Servicio de Publicacións e Intercambio Científico da Universidade de Santiago de Compostela.
- FERNÁNDEZ-SEVILLA, J.
(1974): *Problemas de lexicografía actual*. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo. Series Minor, XIX.
(1979): "Acerca de algunos aspectos de la información lexicográfica", *Boletín de la Academia Puertorriqueña de la Lengua*, VI (1979), 79-94.
- FIGGE, U. L. (ed.)
(1994): *Portugiesische und portugiesisch-deutsche Lexikographie*. Lexicographica. Series Maior 56. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.
- FONSECA, J.
(1981): *Coesão em Português. Semântica, Pragmática Sintaxe*, (Tese de doutoramento). Porto: Faculdade de Letras.
(1988): «Coerência do Texto», em *Línguas e Literaturas. Revista da Faculdade de Letras do Porto*, V, 1 (1988), 7-18.
- FRAWLEY, W.
(1981): «In Defense of the Dictionary: A Response to Haiman», em *Lingua. International Review of General Linguistics*, 55, 1 (1981), 53-61.
- FREGE, G.
(1991): «Sobre sentido y referencia», em Valdés Villanueva (ed.) (1991), 24-45. [1892].
- FREIXEIRO MATO, X. R.
(1999): *Gramática da Língua Galega. III. Semántica*. Vigo: A Nosa Terra.
- FRITH, U.
(1991): *Autismo. Hacia una explicación del enigma*. Madrid: Alianza Editorial. [1989].
- FRY, D.
(1978): *Homo Loquens. O Homem como Animal Falante*. Rio de Janeiro: Zahar.
- FUCHS, C.
(1994): «The challenges of continuity for a linguistic approach to semantics», em Fuchs & Victorri (eds.) (1994), 93-107.
- FUCHS, C. & B. VICTORRI (eds.)
(1994): *Continuity in Linguistic Semantics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- FUENTES MORÁN, M. T.
(1997): *Gramática en la lexicografía bilingüe. Morfología y sintaxis en los diccionarios español-alemán desde el punto de vista del germanohablante*. Lexicographica. Series Maior 81. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.

Referências bibliográficas

- FUENTES MORÁN, M. T. & R. WERNER (eds.)
(1998): *Lexicografías iberorrománicas: Problemas, propuestas y proyectos*. Frankfurt: Vervuert/ Madrid: Iberoamericana.
- GALISSON, R. (ed.)
(1983): *Image et usage du dictionnaire. Études de Linguistique Appliquée*. Paris: Didier Erudition.
- GARCÍA BERRIO, A.
(1978): «Situación de la teoría textual», em J. S. Petöfi y A. García Berrio (1978), 53-98.
- GARRIDO MEDINA, J.
(1988): *Lógica y lingüística*. Madrid: Síntesis.
- GEERAERTS, D.
(1987): «Types of Semantic Information in Dictionaries», em Ilson (ed.), 1987: 1-10.
(1989): «Principles of Monolingual Lexicography», em F. Hausman *et al.* (eds.), 1989: 287-297.
(1990): «The Lexicographical Treatment of Prototypical Polysemy», em Tsohatzidis (ed.), 1989: 195-210.
- GELABERT, M. J.; M. HERRERA, E. MARTINELL & F. MARTINELL
(1988): *Niveles Umbral, Intermedio y Avanzado. Repertorio de funciones comunicativas del español*. Madrid: Sociedad General Española de Librería, S.A.
- GLEASON, H. A.
(1975): «The Relation of Lexicon and Grammar» em F. W. Householder & S. Saporta (eds.) (1975), 85-102.
- GLEICK, J.
(1989): *Caos. A construção de uma nova ciência*. Lisboa: Gradiva.
- GONZÁLEZ, L.
(1996): «El DRAE en CD-ROM y los millardos», em *Puntoycoma. Boletín electrónico editado por los traductores españoles de la Comisión Europea*, 41 (1996), s.v. **reseñas**.
- GREGORY, M. & S. CARROLL
(1986): *Lenguaje y situación. Variedades del lenguaje y sus contextos sociales*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica. [1978].
- GRICE, P.
(1991): «Lógica y conversación», em Valdés Villanueva (ed.) (1991), 511-530. [1975].
- GRISHMAN, R.
(1991): *Introducción a la lingüística computacional*. Madrid: Visor. [1986].
- GROSS, G. & R. VIVÈS

- (1986), «Les constructions nominales et l'élaboration d'un lexique-grammaire», em *Langue Française*, 69 (1986), 5-128.

GRUPO μ

- (1987): *Retórica general*. Barcelona: Paidós. [1982].

GUILLET, A. & N. LA FAUZI (eds.)

- (1984): *Lexique-Grammaire des langues romanes*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

GUIMIER, C. (ed.)

- (1997): *Co-texte et calcul du sens*. Actes de la table ronde tenue à Caen les 2 et 3 février 1996. Caen: Presses Universitaires de Caen.

GUTIÉRREZ ORDÓÑEZ, S.

- (1992): «Gramática funcional: visión prospectiva», em *Actas del Congreso de la Lengua Española. Sevilla, 1992*. Madrid: Instituto Cervantes (1994), 696-708.

HAENSCH, G.

- (1982a): «Tipología de las obras lexicográficas», em Haensch *et al.* (1982), 95-187.
(1982b): «Aspectos prácticos de la elaboración de diccionarios», em Haensch *et al.* (1982), 395-534.
(1985): «La selección del material léxico para diccionarios descriptivos», em *Philologica Hispaniensia in honorem Manuel Alvar*, II, Madrid: Gredos, 227-254.
(1997): *Los diccionarios del español en el umbral del siglo XXI*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca.

HAENSCH, G., & L. WOLF

- (1982): «Introducción», em Haensch *et al.* (1982), 11-20.

HAENSCH, G., L. WOLF, S. ETTINGER & R. WERNER

- (1982): *La lexicografía. De la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos.

HAIMAN, J.

- (1980): «Dictionaries and Encyclopedias», em *Lingua. International Review of General Linguistics*, 50, 4 (1980), 329-357.

HALLIDAY, M. A. K. & R. HASAN

- (1987): *Cohesion in English*. London / New York: Longman. [1976].

HARTMANN, R.R.K.

- (1983a): «Preface», em Hartmann (ed.) (1983), vii-x.
(1983b): «On Theory and Practice. Theory and Practice in Dictionary-Making», em Hartmann (ed.) (1983), 3-11.
(1983c): «On Specifying Context. How to Label Contexts and Varieties of Usage», em Hartmann (ed.) (1983), 109-119.

HARTMANN, R.R.K.(ed.)

Referências bibliográficas

- (1979): *Dictionaries and Their Users. Papers from the 1978 B.A.A.L. Seminar on Lexicography. Exeter Linguistics Studies, Volume 4.* University of Exeter.
- (1983): *Lexicography: Principles and Practice.* London: Academic Press.
- (1984): *LEXeter'83 Proceedings. Papers from the International Conference on Lexicography, Exeter, 9-12 September 1983.* Lexicographica. Series Maior 1. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.
- HAUSMANN, F. J.
- (1979): «Un dictionnaire des collocations est-il possible?», in *Travaux de littérature et de linguistique de l'Université de Strasbourg*, 17: 1 (1979), 187-195.
- (1988): «L'essor d'une discipline: la métalexigraphie à l'échelle mondiale», em Lorenzo (ed.) (1988), 79-109.
- (1994): «Typologie du dictionnaire général bilingue», em Figge (ed.) (1994), 11-33.
- HAUSMANN, F.J., O. REICHMANN, H. E. WIEGAND & L. ZGUSTA (eds.)
- (1989-1991): *Wörterbücher/ Dictionnaires/ Dictionnaires. Ein Internationales Handbuch zur Lexikographie/ An International Encyclopedia of Lexicography/ Encyclopédie Internationale de Lexicographie*, 3. vols. Berlin/New York: Walter de Gruyter.
- HEID, U.
- (1992a): «Monolingual, bilingual, 'interlingual' description: Some remarks on a new method for the production of bilingual dictionaries», em Bibliograf (ed.) (1992), 167-184. [1990].
- (1992b): «Syntactic information in (machine) translation dictionaries — towards a modular architecture for bilingual dictionaries», em Hyldgaard-Jensen & Zettersen (eds.) (1992), 41-80. [1990].
- HERNÁNDEZ, H.
- (1989): *Los diccionarios de orientación escolar. Contribución al estudio de la lexicografía monolingüe española.* Tübingen: Max Niemeyer Verlag.
- (1992): «Los diccionarios de uso del último decenio (1980-1990): estudio crítico», em Bibliograf (ed.), 473-481.
- HERNÁNDEZ, H. (ed.)
- (1994): *Aspectos de lexicografía contemporánea.* Barcelona: Bibliograf / Universidad de Murcia.
- HJELMSLEV, L.
- (1976): *Prolegomènes à une théorie du langage.* Paris: Les Éditions de Minuit. [1966].
- HOLTUS, G., M. METZELTIN & Chr. SCHMITT (eds.)
- (1992): *Lexikon Romanistischen Linguistik (LRL), Band/Volume VI,1.* Aragonés/Navarro, Español, Asturiano/Leonés. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.

- HOUSEHOLDER, F. W. & S. SAPORTA (ed.)
(1975): *Problems in Lexicography*, Bloomington: Indiana University. [1962].
- HURFORD, J. R. y B. HEASLEY
(1988): *Curso de semántica*. Madrid: Visor. [1983].
- HUTCHINS W. J. & H. L. SOMERS
(1995): *Introducción a la traducción automática*. Madrid: Visor. [1992].
- HYLDGAARD-JENSEN, K. & A. ZETTERSTEN (eds.)
(1985): *Symposium on Lexicography II. Proceedings of the Second International Symposium on Lexicography*, May, 16-17, 1984 at the University of Copenhagen. Tübingen: Max Niemeyer Verlag .
(1992): *Symposium on Lexicography V. Proceedings of the Fifth International Symposium on Lexicography*, May, 3-5, 1990 at the University of Copenhagen. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.
- IBRAIM, A. H. (ed.)
(1989): *Lexiques*. Paris: Hachette.
- ILSON, R.F.(ed.)
(1985): *Dictionaries, lexicography and language learning*. Oxford: Pergamon.
(1986): *Lexicography: an emerging international profession*. Oxford: Manchester University Press in association with the Fullbright Commission, London.
(1987): *A Spectrum of Lexicography. Papers from AILA Brussels 1984*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- INSTITUTO CERVANTES
(1994) *Actas del Congreso de la Lengua Española. Sevilla, 1992*. Madrid: Instituto Cervantes.
- IRSULA, J.
(1992): «Colocaciones sustantivo-verbo», em Wotjak (ed.) (1992), 159-167.
- JACKENDOFF, R.
(1986): *Semantics and Cognition*. Cambridge, Massachussets: M.I.T. Press. [1983].
- JESUINO, J. CORREIA
(1994): *O que é Psicologia*. Lisboa: Difusão Cultural.
- JIMÉNEZ, C.
(1996): «Léxico y traducción: Aplicaciones de la semántica léxica a la elaboración de un diccionario para traductores», em Luque & Pamies (eds.) (1996), 253-264.
- JOHNSON, K. & H. JOHNSON (eds.)
(1998): *Encyclopedic Dictionary of Applied Linguistics. A Handbook for Language Teaching*. Oxford/Massachussets: Blackwell Publishers Ltd.

Referências bibliográficas

JUSTO GIL, M.

(1990): *Fundamentos del análisis semántico*. Santiago de Compostela: Universidad de Santiago de Compostela.

KESIK, M.

(1989): *La Cataphore*. Paris: Presses Universitaires de France.

KLARE, J.

(1986): «Le statut des phraséolexèmes dans le cadre d'une lexicologie et d'une lexicographie moderne», em Kremer (1989), 178-187.

KLEIBER, G.

(1995): *La semántica de los prototipos. Categoría y sentido léxico*. Madrid: Visor. [1990].

KREMER, D.

(1989): *Actes du XVIII^e Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes. Université de Trèves (Trier), 1986*. Vol. IV. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.

LAKOFF, G.

(1977): «Linguistic Gestalts», em Beach, Fox & Philosoph (eds.) (1977), 236-287.

LAKOFF, G. & M. JOHNSON

(1991): *Metáforas de la vida cotidiana*. Madrid. Cátedra [1970].

LANDHEER, R. (ed.)

(1988): *Aspects de Linguistique Française. Hommage à Q.I.M. Mok*. Amsterdam: Rodopi.

LAPA, M. RODRIGUES

(1984): *Estilística da Língua Portuguesa*. Coimbra: Coimbra Editora.

LAUSBERG, H.

(1966): *Manual de retórica literaria*. Madrid: Gredos. [1960].

LÁZARO CARRETER, F.

(1980): *Estudios de lingüística*. Barcelona: Crítica.

LEHMANN, A.

(1991): «Une nouvelle conception du dictionnaire d'apprentissage: Le Petit Robert des enfants», em *Cahiers de Lexicologie*, LIX, II (1991), 109-150.

LÉPINETTE, B.

(1994): «La lexicografía bilingüe no convencional. Propuesta para la constitución de una base de datos contrastivos destinada a la traducción automática», em Charlo Brea (ed.) (1994), 345-354.

(1996): «Le rôle de la syntaxe dans la lexicographie bilingüe», em Béjoint & Thoiron (eds.) (1996), 53-69.

LEPSCHY, G. C.

- (1971): *A lingüística estrutural*. São Paulo: Perspectiva. [1966].
- LERAT, P.
(1995): *Les Langues Spécialisées*. Paris: Presses Universitaires de France.
- LEVINSON, S. C.
(1983): *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LEWANDOWSKI, Th.
(1986): *Diccionario de lingüística*. Madrid: Cátedra.
- LIANG, S. Q.
(1991): «À propos du dictionnaire français-chinois des collocations françaises», em *Cahiers de Lexicologie*, LIX, II (1991), 151-167.
- LINCOLN Y. S. & E. G. GUBA
(1985): *Naturalistic Inquiry*. Newbury Park (California): Sage.
- LLORENTE MALDONADO DE GUEVARA, A.
(1986): «Prólogo», em Bustos (1986), 5-8.
- LOPES, O.
(1972): *Gramática Simbólica do Português*. 2ª Edição (corrigida). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- LÓPEZ MORALES, H. (ed.)
(1983): *Panorama novísimo de la lingüística*. Madrid: Playor
- LORENZO, R. (ed.)
(1988): *Coloquio de Lexicografía. Anexo 29 de Verba, Anuario Galego de Filoloxía*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela/Consellería de Cultura (Xunta de Galicia).
(1992): *Actas do XIX Congreso Internacional de Lingüística e Filoloxía Románicas*, vol. II: *Lexicoloxía e Metalexicografía*. Universidade de Santiago de Compostela, 1989. A Coruña: Fundación "Pedro Barrié de la Maza, conde de Fenosa" .
- LUQUE DURÁN, J. de D. & A. PAMIES BERTRÁN (eds.)
(1996): *Segundas jornadas sobre estudio y enseñanza del léxico*. Granada: Método Ediciones.
- LYONS, J.
(1974): *Introduction to Theoretical Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press. [1968].
(1980): *Semántica*. Barcelona: Teide. [1977].
(1983): *Lenguaje, significado y contexto*. Barcelona: Paidós. [1981].
(1995): *Linguistic Semantics. An Introduction*. Cambridge: Cambridge University Press
- MAINGUENEAU, D.
(1980): *Introducción a los métodos de análisis del discurso*. Buenos Aires: Hachette. [1976].

Referências bibliográficas

- MARCOS MARÍN, F. & J. SÁNCHEZ LOBATO
(1988): *Lingüística aplicada*. Madrid: Síntesis.
- MARELLO, C.
(1996): «Les différents types de dictionnaires bilingues», em Béjoint & Thoiron (eds.) (1996), 31-52.
- MARTÍ SÁNCHEZ, M.
(1998): *En torno a la cientificidad de la lingüística: aspectos diacrónicos y sincrónicos*. Alcalá de Henares (Madrid): Universidad de Alcalá (Servicio de Publicaciones).
- MARTIN, W.
(1985): «Reflections on Learners' Dictionaries», em Hyldgaard-Jensen & Zettersten (eds.) (1985), 169-181.
- MARTIN, W. J. R., B. P. F. AL & P. J. G. van STERKENBURG
(1983): «On the Processing of a Text Corpus. From Textual Data to Lexicographical Information», em Hartmann (ed.) (1983), 77-87.
- MARTÍN MORILLAS, J. M.
(1986): «Lexicología contrastiva: Principios, orientaciones, métodos», em Luque & Pamies (eds.) (1996), 19-32.
- MARTÍNEZ, J. A.
(1994): *Propuesta de gramática funcional*. Madrid: Istmo.
- MARTÍNEZ DE SOUSA, J.
(1995): *Diccionario de lexicografía práctica*. Barcelona: Biblograf.
- MATEUS, M. H. M., A. M. BRITO, I. DUARTE & I. H. FARIA
(1989): *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho. 2ª ed. revista e aumentada.
- MATHIEU-COLAS, M.
(1994): *Les mots à traits d'union. Problemes de lexicographie informatique*. Paris: Didier.
- McENERY, T. & A. WILSON
(1996): *Corpus Linguistics*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- MEL'CHUK, I. A.
(1984): «Un nouveau type de dictionnaire: Le Dictionnaire explicatif et combinatoire du français contemporain», em Mel'chuk *et al.* (1984), 3-16.
(1988): «Semantic Description of Lexical Units in an Explanatory Combinatorial Dictionary: Basic Principles and Heuristic Criteria», em *International Journal of Lexicography*, 1: 1 (1988), 1-13.
(1989): «Semantic Primitives from the Viewpoint of Meaning-Text Linguistic Theory», em *Quaderni di semantica*, 10: 1 (1989), 65-102.
(1992): «Paraphrase et lexique: la Théorie Sens-Texte et le Dictionnaire explicatif et combinatoire», em Mel'chuk *et al.* (1992), 9-58.

- (1993): *Cours de morphologie générale. Vol. 1. Introduction et Première partie: Le mot*. Montréal: Les Presses de l'Université de Montréal/CNRS Éditions.
- (1995): «Phrasemes in Language and Phraseology in Linguistics», em Everaert (ed.) (1995), 167-232.
- (1998): «Collocations and Lexical Functions», em Cowie (ed.) (1998), 23-53 [utilizámos aqui uma fotocópia da versão dactilografada].
- MEL'CHUK, I. A., N. ARBATCHEWSKY-JUMARIE, L. ELNITSKY, L. IORDANSKAJA & A. LESSARD
- (1984): *Dictionnaire explicatif et combinatoire du français contemporain. Recherches lexico-sémantiques I*, Montréal: Les Presses de l'Université de Montréal.
- MEL'CHUK, I. A., N. ARBATCHEWSKY-JUMARIE, L. DAGENAIS, L. ELNITSKY, L. IORDANSKAJA, M. N. LEFEBVRE & S. MANTHA
- (1988): *Dictionnaire explicatif et combinatoire du français contemporain. Recherches lexico-sémantiques II*, Montréal: Les Presses de l'Université de Montréal.
- MEL'CHUK, I. A., N. ARBATCHEWSKY-JUMARIE, L. IORDANSKAJA & S. MANTHA
- (1992): *Dictionnaire explicatif et combinatoire du français contemporain. Recherches lexico-sémantiques III*, Montréal: Les Presses de l'Université de Montréal.
- MEL'CHUK, I. A., A. CLAS & A. POLGUÈRE
- (1995): *Introduction à la Lexicologie Explicative et Combinatoire*. Louvain-la-Neuve: Duculot.
- MEL'CHUK, I. A., N. ARBATCHEWSKY-JUMARIE, L. IORDANSKAJA & A. POLGUÈRE
- (1999): *Dictionnaire explicatif et combinatoire du français contemporain. Recherches lexico-sémantiques IV*, Montréal: Les Presses de l'Université de Montréal.
- MEYA, M.
- (1992): «Interacción en I&D», em *Actas del Congreso de la Lengua Española. Sevilla, 1992*. Madrid: Instituto Cervantes (1994), 361-375.
- MILLÁN, J. A.
- (1992): «El dinero de la lengua. El abandono del negocio y la investigación del español», em *Babelia. Suplemento literário de El País*. 10 de Octubre de 1992, págs. 4-5.
- MITCHELL, T. F.
- (1971): «Linguistic 'Goings-On': Collocations and Other Lexical Matters Arising on the Syntagmatic Record», em *Archivum Linguisticum*, 2 (1971), 35-69.
- MOLINER, M.

Referências bibliográficas

- (1990a): *Diccionario de uso del español*. Madrid: Gredos.
(1990b): «Presentación», em Moliner (1990a), ix-xxx.
- MORGAN, R. & H. MCGILTON
(1990): *Introducción al UNIX Sistema V*. México: McGraw-Hill. [1987].
- MORENO CABRERA, J. C.
(1994): *Curso universitario de lingüística general. Tomo II: Semántica, pragmática, morfología y fonología*. Madrid: Síntesis.
- MORRIS, Ch.
(1985): *Fundamentos de la teoría de los signos*. Barcelona: Paidós. [1938].
- MOULIN, A.
(1983): «LSP Dictionaries for ELF learners», em Hartmann (ed.) (1983), 144-152.
- MOURE, T.
(1996): *La alternativa no-discreta en lingüística. Una perspectiva histórica y metodológica*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.
- MURILLO MELERO, M. & DÍAZ FERRERO, A. M.
(1994): “La traducción de las expresiones idiomáticas en portugués y español. Análisis comparativo de algunas expresiones idiomáticas relacionadas con el vestuario”, em Charlo Brea (ed.) (1994), 227-243.
- NASCIMENTO, M. F. B. DO, M. L. G. MARQUES & M. L. S. DA CRUZ
(1984): *Português Fundamental; Vol. I: Vocabulário e Gramática; Tomo I: Vocabulário*. Lisboa: INIC/Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.
- NASCIMENTO, M. F. B. DO, M. L. G. MARQUES & M. L. S. DA CRUZ
(1987): *Português Fundamental; Vol. II: Métodos e Documentos; Tomo I: Inquérito de Frequência*. Lisboa: INIC/Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.
- NEWMARK, P.
(1995): *A textbook of Translation*. London: Phoenix ELT. [1988].
- NIDA, E. A.
(1958): «Analysis of meaning and Dictionary making», em *International Journal of American Linguistics*, XXIV, 3, 279-292.
- OPITZ, K.
(1983): «On Dictionaries for Special Registers. The segmental Dictionary», em Hartmann (ed.) (1983), 53-64.
- PAILLARD, M.
(1997): «Co-texte, collocations, lexique», em Guimier (ed.) (1997), 63-71.
- PAWLEY, A. & F. H. SYDER

- (1983): «Two Puzzles for Linguistic Theory: Nativelike Selection and Nativelike Fluency.», em Richards & Schmidt (eds.) (1988), 191-226.
- PAYRATÓ, L.
(1998): *De profesión, lingüista. Panorama de la lingüística aplicada*. Barcelona: Ariel.
- PESSIS-PASTERNAK, G.
(1993): *Será Preciso Queimar Descartes? Do Caos À Inteligência Artificial: Quando Os Cientistas Se Interrogam*. Lisboa: Relógio d'Água. [Paris, 1991].
- PETÖFI, J. S.
(1978): «Una teoría textual formal y semiótica como teoría integrada del lenguaje natural», em J. S. Petöfi y A. García Berrio (1978), 127-145.
- PETÖFI, J. S. (ed.)
(1988): *Text and Discourse Constitution. Empirical Aspects, Theoretical Approaches*. Berlin / New York: Walter de Gruyter (*Research in Text Theory*, 4).
- PETÖFI, J. S. & A. GARCÍA BERRIO
(1978): *Lingüística del texto y crítica literaria*. Madrid: Comunicación.
- PETÖFI, J. S. & E. SÖZER
(1988): «Static and Dinamic Aspects of Text Constitution», em Petöfi (ed.) (1988), 440-467.
- PIETRO, R. J. Di
(1986): *Estructuras lingüísticas en contraste*. Madrid: Gredos. [1971].
- PLEBE, A. & P. EMANUELE
(1988): *Manuale di retorica*. Bari: Laterza.
- PORTO DAPENA, J. A.
(1980): *Elementos de lexicografía. El Diccionario de construcción y régimen de R. J. Cuervo*. Bogotá: Publicaciones del Instituto Caro y Cuervo, LV.
(1988): «Notas lexicográficas: La información sintáctica en los diccionarios comunes», em *Lingüística Española Actual*, X, 1 (1980), 133-154.
- POTTIER, B.
(1963): *Recherches sur l'analyse sémantique en linguistique et en traduction mécanique*. Nancy.
(1965a): "La définition sémantique dans les dictionnaires", *Travaux de la linguistique et de la littérature*, 3, 1 (1965), 33-39.
(1978): *Linguística geral. Teoria e descrição*. Rio de Janeiro: Presença. [1965].
- POTTIER, B. (ed.)
(1973): *Le Langage*. Paris: Denoel [trad. esp.: *El lenguaje*. Bilbao: Mensajero, 1985].

Referências bibliográficas

QUEMADA, B.

(1968): *Les dictionnaires du français moderne, 1539-1863. Étude sur leur histoire, leurs types et leurs méthodes*. Paris: Didier.

RAMÓN TRIVES, E.

(1979): *Aspectos de semántica lingüístico-textual*. Madrid: Istmo-Alcalá.

RASTIER, F.

(1990): «La Triade Sémiotique, le Trivium et la Sémantique Linguistique», em *Nouveaux Actes Semiotiques*, 9 (1990): 5-39.

REY, A.

(1968): "Les bases théoriques de la description lexicographique du français: tendances actuelles", *Travaux de linguistique et littérature*, VI (1968), 55-72.

(1970): «Typologie génétique des dictionnaires», in *Langages*, 19 (1970), 48-68.

(1977): *Le lexique: images et modèles. Du dictionnaire a la lexicologie*. Paris: Armand Colin.

(1979): *La terminologie: noms et notions*. Collection Que sais-je? n° 1780. Paris: PUF.

(1982): *Encyclopédies et dictionnaires*. Paris: P.U.F. Col. "Que sais-je?".

REY-DEBOVE, J.

(1966): "La définition lexicographique: recherches sur l'équation sémique", *Cahiers de lexicologie*, 8, 1 (1966), 71-94.

(1970): «Le Domaine du Dictionnaire», em *Langages*, 19 (1970), 3-34.

(1971): *Étude linguistique et sémiotique des dictionnaires français contemporains*. The Hague/Paris: Mouton.

(1973): «Lexique et dictionnaire», em Pottier (ed.) (1973), 82-109.

REY-DEBOVE, J. (ed.)

(1970): *Langages*, 19. *La lexicographie*. Paris: Didier/Larouse.

RICHARDS, J. C. & R. W. SCHMIDT (eds.)

(1983): *Language and Communication*. London/New York: Longman.

RICŒUR, P.

(1983): *A Metáfora Viva*. Porto: Rés Editora. [1975].

RIESER, H.

(1978): «Introducción: El desarrollo de la gramática textual», em Petofi & García Berrio (eds.) (1978), 21-50.

RIGAU I OLIVER, G.

(1988): *Gramàtica del discurs*. Bellaterra (Barcelona): Universitat Autònoma de Barcelona. 2ª ed. [1981]

ROBERTS, R. P.

(1996): «Le traitement des collocations et des expressions idiomatiques dans les dictionnaires bilingues.», em Béjoint & Thoiron (eds.) (1996),

181-197.

RODRÍGUEZ ADRADOS, F.

(1971): «Subclases de palabras, campos semánticos y acepciones», em *Revista Española de Lingüística*, I, 2 (1971), 335-354.

RUIZ GURILLO, L.

(1998): «Una clasificación no discreta de las unidades fraseológicas del español», em Wotjak (ed.) (1998), 13-37.

RUNDELL, M.

(1996): «The corpus of the future, and the future of the corpus», em *Talk at Exeter, special conference on 'New Trends in Reference Science'* (29/3/96).

SADLER, V.

(1989): *Working with analogical semantics: desambiguation techniques in DLT*. Dordrecht: Foris.

SAGER, J. C.

(1993): *Curso práctico sobre el procesamiento de la terminología*. Salamanca (etc.): Fundación Germán Sánchez Ruipérez. [1990].

SALVADOR, G.

(1989/90): «Las solidaridades lexemáticas», em *Revista de Filología*, 8/9, 339-365.

SÁNCHEZ, A.

(1995): «Definición e historia de los corpus», en Sánchez (ed.) (1995), 7-24.

SÁNCHEZ, A. (ed.)

(1995): *Cumbre. Corpus lingüístico del español contemporáneo. Fundamentos, metodología y aplicaciones*. Madrid: SGEL.

SARMIENTO, R.

(1995): «La investigación gramatical mediante el Corpus *Cumbre*», em Sánchez (ed.) (1995), 83-113.

SAUSSURE, F. de

(1992): *Curso de Linguística Geral: Lisboa: Dom Quixote* [Publicado por Ch. Bally e A. Sechehaye em 1916, versão definitiva em 1922].

SCHAFROTH, E.

(1998): «Considerações sobre um dicionário de aprendizagem de língua portuguesa», em Fuentes Morán & Werner (eds.) (1998), 97-119.

SCHMIDT, S. J.

(1990): *Fundamentos de la ciencia empírica de la literatura*. Madrid: Taurus. [1980].

SEARLE, J. R.

(1980): *Speech Acts. An Essay in the Philosophy of Language*. Cambridge, Massachussets: Cambridge University Press. [Trad. esp.: *Actos de*

habla. Madrid: Cátedra, 1986]. [1969].

SECO, M.

(1978): "Problemas formales de la definición lexicográfica", in *Estudios ofrecidos a Emilio Alarcos Llorach*, II, Oviedo: Universidad de Oviedo, 217-239 [reproduzido em Seco (1987: 15-34)].

(1987): *Estudios de lexicografía española*. Madrid: Paraninfo.

SILVA, A. S. da

(1997a): *A Semântica de DEIXAR. Uma Contribuição para a Abordagem Cognitiva em Semântica Lexical*. (Tese de doutoramento. Braga: Universidade Católica Portuguesa-Faculdade de Filosofia de Braga.

(1997b): «A Linguística Cognitiva. Uma Breve Introdução a um Novo Paradigma em Linguística», em *Revista Portuguesa de Humanidades*, I, 1/2 (1997), 59-101.

SINCLAIR, J. M.

(1987): «Prologue», em J. M. Collins *et al.* (1987): *Collins COBUILD English Language Dictionary*. London: Collins.

(1991): *Corpus, Concordance, Collocation*. Oxford: Oxford University Press.

SLAGTER, P. J.

(1979): *Un nivel umbral*. Strasbourg: Consejo de Europa (Consejo para la Cooperación Cultural).

van SLYPE, G.

(1991): *Los lenguajes de indización: Concepción, construcción y utilización en los sistemas documentales*. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez / Pirámide. [1987].

SMADJA, F.

(1994): «Retrieving Collocations from Text: Xtract», em Armstrong (ed.) (1994), 143-177.

SNELL-HORNBY, M.

(1988): *Translation Studies. An Integrated Approach*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

SONNEVELD, H. B. & K. L. LOENING (eds.)

(1993): *Terminology. Applications in Interdisciplinary Communications*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

STEIN, G.

(1986): «Final Recommendations», em Ilson (ed.) (1986), 147-151.

SUBIRATS RÜGGERBERG, C.

(1992): «Sistema de diccionarios electronicos del español», em *Actas del Congreso de la Lengua Española. Sevilla, 1992*. Madrid: Instituto Cervantes (1994), 316-330.

TEIXEIRA, J.

(1991): «Palavra», em *Logos. Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, vol.

3. Lisboa: Verbo, pags. 1314-1320; s. v. **palavra**.
- (1992): «O carácter não-axiomático das antinomias saussureanas», em *Diacrítica*, 7 (1992), 295-312.
- (1996): «Branco é, galinha o pões», em Faria & Correia (eds.) (1996), 229-235.
- (1999): *A configuração linguística do espaço no português europeu: modelos mentais de frente/trás* (Tese de doutoramento). Braga: Universidade do Minho.
- THOMAS, P.
(1993): «Choosing Headwords from Language-for-Special-Purposes (LSP) Collocations for Entry Into A Terminology Data Bank (Term Bank)», em Sonneveld & Loening (eds.) (1993), 43-68.
- TOMASZCZYK, J.
(1983): «On Bilingual Dictionaries. The Case for Bilingual Dictionaries for Foreign Language Learners», em Hartmann (ed.) (1983), 41-51.
- TRISTÁ PÉREZ, A. M.
(1998): «La fraseografía y el *Diccionario de fraseología cubana*», em Fuentes Morán & Werner (1998), 169-183.
- TRUJILLO, R.
(1993): «La semántica», em Abad, F. & A. García Berrio (eds.) (1993), 185-215.
(1994): «El diccionario frente a la semántica», em Hernández (ed.) (1994), 73-93.
- TSOHATZIDIS, S. L. (ed.)
(1990): *Meanings and Prototypes. Studies in Linguistic Categorization*. London/New York: Routledge.
- TUSÓN, J.
(1981): *Teorías gramaticales y análisis sintáctico*. Barcelona: Teide.
(1984): *Lingüística. Una introducción al estudio del lenguaje, con textos comentados y ejercicios*. Barcelona: Barcanova.
- VALDÉS VILLANUEVA, L. M. (ed.)
(1991): *La búsqueda del significado*. Madrid: Tecnos/Universidad de Murcia.
- VAN STERKENBURG, P., W. MARTIN & B. AL
(1982): «A New Van Dale Project: Bilingual Dictionaries on one and the same Monolingual Basis.», em Goetschalckx & Rolling (eds.) (1982), 221-237.
- VERDELHO, T. dos Santos
(1988): *As origens da gramaticografia e da lexicografia latino-portuguesas*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Aveiro.
- VIDAL BENEYTO, J. (dir.)
(1991): *Las industrias de la lengua*. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez.

VILELA, M.

(1979): *Estruturas Léxicas do Português*. Coimbra: Almedina.

(1983): «O dicionário no século XX (em comparação com os dicionários até agora existentes)», em *Actas do Congresso sobre a situação actual da língua portuguesa no mundo*, vol. II. Lisboa: ICALP (1987), 133-145.

(1994a): *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Almedina.

(1994b): *Tradução e análise contrastiva: Teoria e aplicação*. Lisboa: Caminho.

(1995): *Ensino da Língua Portuguesa: Léxico, Dicionário Gramática*. Coimbra: Almedina.

(1999): *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Almedina.

VILELA, M. (ed.)

(1979): *Problemas de lexicologia e lexicografia*. Porto: Livraria Civilização Editora.

VILELA, M. & W. BUSSE

(1986): *Gramática de valências*. Coimbra: Almedina.

WEINREICH, U.

(1970): «La Définition Lexicographique dans la Sémantique Descriptive», em *Langages*, 19 (1970), 69-86.

WERNER, R.

(1982a): «Léxico y teoría general del lenguaje», em Haensch *et al.* (1982), 21-94.

(1982b): «La unidad léxica y el lema», em Haensch *et al.* (1982), 188-232.

WERNER & CHUCHUY

(1992): «¿Qué son los equivalentes en el diccionario bilingüe?», em Wotjak (ed.) (1992), 99-107.

WIEGAND, H. E.

(1984): «On the Structure and Contents of a General Theory of Lexicography», em Hartmann (ed.) (1984), 13-30.

WIERZBICKA, A.

(1985): *Lexicography and Conceptual Analysis*. Ann Arbor, MI: Karoma.

(1987): *English Speech Verbs: A Semantic Dictionary*, Sidney, etc: Academic Press.

(1995): «Dictionaries vs. Enciclopaedias: How to Draw the Line», em Davis (ed.) (1995), 289-315.

WITTGENSTEIN, L.

(1987): *Tratado Lógico-Filosófico & Investigações Filosóficas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. [Edição *princeps* do *Tractatus Logico-Philosophicus*: 1921. Tradução portuguesa da edição alemã de 1961. Edição póstuma de *Philosophical Investigations*: 1958. Tradução portuguesa da edição de 1971].

WHORF, B. L.

(1958): *Language, Thought and Reality*. New York: Wiley & Sons / London: Chapman & Hall.

WOTJAK, G.

(1992a): «Lexicología confrontativa», em *Actas do XIX Congreso Internacional de Lingüística e Filoloxía Románicas* (1989). Santiago de Compostela: Fundación «Pedro Barrié de la Maza, conde de Fenosa»; pp. 187-199.

(1992b): «Prólogo», em Wotjak (ed.) (1992), VI-VIII.

WOTJAK, G. (ed.)

(1992): *Estudios de lexicología y metalexigrafía del español actual*. Lexicographica. Series Maior, 47. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.

(1998): *Estudios de fraseología y fraseografía del español actual*. Frankfurt am Main: Vervuert / Madrid: Iberoamericana.

XAVIER, M. F. e MATEUS, M. H. (org.)

(s.d.): *Dicionário de Termos Linguísticos*, I. (Associação Portuguesa de Linguística & Instituto de Linguística Teórica e Computacional). Lisboa: Cosmos.

(1992): *Dicionário de Termos Linguísticos*, II. (Associação Portuguesa de Linguística & Instituto de Linguística Teórica e Computacional). Lisboa: Cosmos.

ZGUSTA, L.

(1971): *Manual of Lexicography* (Janua Linguarum, Series Maior, 39). The Hague/Paris: Mouton.

(1988): *Lexicography Today. An annotated bibliography of the theory of lexicography* [with the assistance of Donna M. T. Cr. Farina]. Lexicographica. Series Maior, 18. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.

ZULUAGA, A.

(1980): *Introducción al estudio de las expresiones fijas*. Frankfurt: Verlag.

ANEXO 1

Recolhemos neste Anexo 1 algumas entradas do *E-P Editora* e do *Sopena E-P* e, em paralelo, as entradas correspondentes de uma nova edição que se está a preparar para a Porto Editora, que exemplificam cada um dos pontos apresentados no diagnóstico dos dicionários de espanhol/português da *Porto Editora* e da *Editorial Sopena* feito no capítulo 1º (*vd. supra* § 1.5).

Por questões de espaço, não apresentamos as entradas completas, especialmente as da segunda coluna, que corresponde à nova edição que se está a preparar, substituindo por reticências as partes das entradas que consideramos não ter relevância para o ponto em questão.

10.1. Equivalentes errados ou incompletos :

novela, s. f. novela, pequeno romance; conto; *fig.* ficção ou mentira em qualquer matéria, enredo; *for.* qualquer das leis romanas acrescentadas ao código de Justiniano. (*E-P Editora*).

novela. f. novela, pequeno romance; conto; *fabulação (fig.)* novela, fantasia; ficção, mentira, enredo, patranha; coisa inverosímil; (*for.*) novelas, constituições do Imperador Justiniano. (*Sopena E-P*).

cocción, s. f. ac. de *cocer* ou *cocerse*; cocção. (*E-P Editora*).

coccón [sic] f. cocção, cozimento, decocção. (*Sopena E-P*).

local, *adj.* local, lugar pertencente a lugar ou sítio determinado; s. m. local, sítio ou paragem fechada e coberta. (*E-P Editora*).

local, *adj.* local, respeitante a determinado lugar. — m. local, sítio, paragem fechada e coberta, lugar. (*Sopena E-P*).

novela [...] s.f. **1.** Romance (obra literária em prosa); *Presentó su novela a un concurso*: Apresentou o seu romance a um concurso; *cf. romance*. **2.** Romance [género literário]; *En España la novela goza de buena salud*: Em Espanha o romance goza de boa saúde. **3.** Novela (telenovela); *La televisión tiene demasiadas novelas en su programación*: A televisão tem demasiadas novelas na sua programação; *vd. telenovela*. **4.** Novela, ficção (conjunto de factos reais e que parecem ficção); *Su vida parece más una novela*: A sua vida parece mais uma novela. • **N~ corta**: Novela; *La novela corta es más pequeña que la novela y más desarrollada que el cuento*: A novela é mais pequena que o romance e mais desenvolvida que o conto. **N~ policiaca** ou **policíaca**: Romance policial. **N~ negra**: Romance policial.

cocción [...] s.f. **1.** Cozedura (submissão ao calor de um forno); *Quanto tiempo dura la cocción de los ladrillos?*: Quanto tempo dura a cozedura dos tijolos? **2.** Cozedura (preparação de um alimento cru submetendo-o à acção de um líquido em ebulição); *El tiempo de cocción de la pasta es de 10 minutos*: O tempo de cozedura da massa é de 10 minutos.

local [...] *adj.* e s. **I. adj.** **1.** Local (próprio de um determinado lugar); *Respetar las tradiciones locales*: Respeitar as tradições locais. **2.** Local (municipal, regional); *La radio local*: A rádio local. **3.** Local (que respeita só a uma parte de um todo); *La operación será con anestesia local*: A operação será com anestesia local. **II. s.m.** **1.** Loja (s.f.), loja comercial (s.f.) (dependência destinada a actividades comerciais, industriais, etc.) [num edificio]; Se venden pisos y locales en el centro de la ciudad: Vendem-se apartamentos e lojas no centro da cidade. **2.** Espaço [coberto e fechado]; *Voy a alquilar*

un local para poner una tienda de electrodomésticos: Vou alugar um espaço para montar uma loja de electrodomésticos. • **Color 1-**: Cor local. **Elecciones locales**: Eleições municipais, eleições autárquicas. **L~ comercial**: Espaço comercial, loja comercial, loja. *cf.* **lugar, sitio**.

ladrillo, *s. m.* ladrilho, peça rectangular de barro cozido, tijolo; azulejo; *fig.* pintura ou estampa à imitação do ladrilho, que têm alguns tecidos; *germ.* ladrão. (*E-P Editora*).

ladrillo *m.* ladrilho, tijolo; azulejo; desenho, lavor em forma de ladrilho; (*germ.*) ladrão. — *adj.* (*pop.*) estulto, estólido, estúpido; *poner ladrillos*, atijolar; *ladrillo sin cocer*, adobe; *ladrillo refractario*, ladrilho refractário; *ladrillo hueco*, ladrilho oco. (*Sopena E-P*).

flotador (ra) *adj.* flutuador, que flutua; *s.m.* flutuador, aparelho ou instrumento que flutua. (*E-P Editora*).

flotador, ra *adj.* e *m.* flutuador, que flutua; aparelho ou instrumento que flutua, flutuador; corpo leve que flutua num líquido; órgão que faz flutuar. (*Sopena E-P*).

ladrillo [...] *s.m.* **1.** Tijolo (peça de barro moldado e cozido, em forma de paralelepípedo, para construções; adobe); *Se podía oír perfectamente a los vecinos a través de la pared de ladrillo*: Podia-se ouvir perfeitamente os vizinhos através da parede de tijolo; *cf.* **azulejo, baldosa**. **2.** FIG., FAM. Estopada, maçada (o que é pesado, aborrecido ou difícil de suportar); *Esta película es un ladrillo*: Este filme é uma estopada.

flotador *s.m.* **1.** Bóia (objecto flutuante para aprender a nadar); ... *vd.* **salvavidas**. **2.** Bóia (objecto flutuante que serve de sinal às embarcações);... *vd.* **boya**. **3.** Bóia (pedaço de cortiça ou plástico aplicado nas redes de pesca para que estas não vão ao fundo); ...*vd.* **boya**. **4.** Bóia (peça que regula o nível de líquido) [nos carburadores, nos autoclismos, etc.]; ... **5.** Flutuador (cada uma das partes do hidroavião, sobre as quais ele poisa na água); ... **6.** Flutuador (corpo que flutua).

flotador *adj.* Flutuador (que flutua); ...

Muito frequentemente, especialmente no *Sopena E-P*, também encontramos como equivalentes sinónimos ou quase-sinónimos cujo equivalente não é o lema da língua de partida. Veja-se, por exemplo, na página a seguir:

ladrón, na. *adj.* ladrão, que furta ou rouba; empalmador; milhafre; falcatrueiro; galfarro; fajardo; gatuno. — *s.* ladrão, gatuno, salteador, tratante; biltre, maganão; brejeiro; bandoleiro, arrombador, fajardo; (Bras.) cafunge. — *m.* ladrão, pequena abertura que se faz num rio ou numa acéquia para tirar água; ladrão, morrão que queima uma vela. (*Sopena E-P*).

magro (gra), *adj.* magro, descarado, seco; *s. m. fam.* lombo de porco. (*E-P Editora*).

magro, gra *adj.* magro, se(ê)co, descarnado, fraco; magro, ché; definhado; enxuto; descadeirado; argueireiro; chupado; delgado; (prov.) melado; (prov.) entrezilhada; magro (por ext.) desnalgado; galgaz; magro, que tem falta de tecido adiposo; magro, que há pouca gordura ou sebo; (fig.) magro, mediocre, mesquinho; pouco fértil; (fig.) pouco rendoso, pouco abundante. — *m.* (fam.) lombo de porco. (*Sopena E-P*).

ladrón, na *adj. e s. I. adj. e s.* Ladrão (que rouba); *Una banda de ladrones de coches ha sido detenida por la policía:* Um bando de ladrões de carros foi detido pela polícia. **II. s.m. 1.** COLOQ. Ficha múltipla, tripla (ficha que permite que sejam ligados vários aparelhos a uma tomada); *Necesito un ladrón para enchufar al mismo tiempo la televisión y el vídeo:* Preciso de uma tripla para ligar ao mesmo tempo a televisão e o vídeo. **2.** Ladrão (dispositivo para extrair ou desviar a água) [de um rio ou canal]. •...

magro, gra [...] *adj. e s. m. I. adj.* Magro (sem ou com pouca gordura) [alimentos]; *Carne magra:* Carne magra; *cf. desnatado, semidesnatado. II. s.m.* FAM. Fêvera (*s.f.*), fevra (*s.f.*), febra (*s.f.*) (carne sem osso nem gordura) [de porco] ... *cf. delgado.*

et passim

10.2. Falta o equivalente principal (vd. também § 10.7):

(página seguinte)

hilo, s. m. fio, fibra, filamento; arame muito fino que se obtém com a fieira, fio de arame; fio da teia de aranha ou do casulo do bicho-da-seda; fio, gume de instrumentos cortantes; *fig.* fio, corrente muito ténue dum líquido; fio, continuação, encadeamento dum discurso; roupa branca de linho; *pender de un hilo*, estar em grande risco; *por el hilo se saca el ovillo*, pela amostra de uma coisa se conhece o resto; *a hilo*, a fio, sem interrupção, continuamente; *perder el hilo*, perder o fio ao discurso, esquecer-se do que se estava a dizer. (*E-P Editora*).

hilo. m. fio, fibra, filamento; fio, arame, metal passado pela fieira; fio da teia de aranha ou do casulo do bicho-da-seda; (*fig.*) fio, corrente muito delgada dum líquido; fio, continuação, encadeamento dum discurso, série; fio, enfiada; fio, cordel; roupa branca de linho: *al hilo*, a fio; *a hilo*, sem interrupção, a fio; continuamente; *pender de un hilo*, estar em grande risco; *perder el hilo*, perder o fio ao discurso; *por el hilo se saca el ovillo*, pela amostra de uma coisa que se conhece o resto. (*Sopena E-P*)

juzgado, s. m. julgado, tribunal de um só juiz; termo ou território da sua jurisdição. (*E-P Editora*).

juzgado, s. m. julgado, tribunal de um só juiz; termo ou território da sua jurisdição; judicatura. (*Sopena E-P*).

hilo [...] s.m. **1.** Fio (fibra ou filamento de matéria têxtil); *Los tejidos se hacen de hilo*: Os tecidos são feitos de fio. **2. Linha** (fio de linho, algodão, seda, etc.); *Coge aguja e hilo y cose el botón*: Pega numa agulha e linha e cose o botão. **3.** Fio [segregado pela aranha ou bicho-da-seda]; *La tela de araña es constituida por hilos muy finos*: A teia de aranha é constituída por fios muito finos. **4.** Fio [de metal]; *Puso un hilo de alambre para sujetar los rosales del jardín*: Pôs um fio de arame a segurar as roseiras do jardim. **5. Cabo** (condutor eléctrico); *El hilo amarillo y verde es la toma de tierra*: O cabo amarelo e verde é a ligação à terra. **6.** Fio [correr ténue de um líquido]; *Hilo de sangre*; Fio de sangue. **5.** FIG. Fio (desenvolvimento de uma narração): Foi através das suas palavras que descobrimos o fio da história.

• **Al h~ de:** ...

juzgado [...] s.m. **1.** Tribunal (lugar das audiências judiciais); *Ayer por la tarde me enteré del resultado del juicio. Tuve que telefonar a Lisboa y me lo dijeron los del juzgado*: Ontem à tarde recebi a notícia da sentença. Tive de telefonar para Lisboa, e disseram-me do Tribunal. **2.** Julgado (território sob a jurisdição de um juiz); *Juzgado número dos*: Julgado número dois. **3.** Colectivo de juízes (conjunto de juízes que ditam uma sentença); ... • **De j~ (de guardia)**: FIG. De tribunal (intolerável).

informe, *s. m. ac. e ef. de informar*; informe, notícia que se dá, informação; *for.* alegação, exposição feita pelo advogado em defesa de causa. (*E-P Editora*).

informe, *adj.* informe, sem forma, tosco, imperfeito; informe, de forma vaga e indeterminada. (*E-P Editora*).

informe *m.* informe, notícia, informação; parecer, opinião; (*for.*) informe, alegação, exposição do advogado em defesa de causa. — *pl.* averiguações (*Sopena E-P*).

informe *adj.* informe, sem forma, tosco, imperfeito, irregular; monstruoso; disforme; informe, de forma vaga e indeterminada. (*Sopena E-P*).

hinchar, *v. t.* inchar, inflar, encher de ar. *U. t. c. r.*; *fig.* inchar aumentar de volume a água dum rio, ribeiro, arroio, etc.; exagerar uma notícia ou um sucesso; *v. r.* entumecer-se, tornar-se tumefacto, intumescer-se, inchar-se uma parte do corpo; *fig.* inchar-se, envaidecer-se, empolar-se, ensoberbecer-se. (*E-P Editora*).

hinchar, *v. t.* inchar, inflar, encher de ar; inchar, arpolhar; entufar; empandinar; empandeirar; empaturrar; avolumar; abalofar; inchar; (*med.*) enfatar; (*fig.*) inchar, crescer um rio, aumentar de volume a água dum rio, ribeiro, arroio, etc.; exagerar uma notícia, um sucesso; — *v. r.* lucrar, inchar-se; entumecer, abarrotar-se; empapuzar-se, abalofar-se; (*fig.*) alcandorar-se; (*med.*) excrescer; tomar proporções anormais; (*fig.*) inchar-se ensoberbecer-se, encher-se de vaidade; *hincharse de comida*, fartar-se; *inchar [sic] el viento las velas*, enfumar. (*Sopena E-P*).

informe [...] *s.m., s.m.pl. e adj.* **I. s.m. 1.** Informe (informação). **2.** Parecer (opinião); *El proyecto de doctorado sólo es válido cuando está acompañado por el informe del director*: O projecto de doutoramento só é válido quando acompanhado pelo parecer do orientador. **3.** Relatório (exposição escrita e minuciosa relativa a um assunto); *En diciembre será presentado el informe de las actividades desarrolladas durante el año*: Em Dezembro será apresentado o relatório das actividades desenvolvidas no ano. **II. informes** *s.m.pl.* Informações (referências); *Un criado con buenas informaciones*: Um criado com boas informações; *vd.* **informaciones, referencias.** **III. adj.** Informe (sem forma, disforme); *Masa informe*: Massa informe.

hinchar [...] *v.tr. e prnl.* **I. v.tr. 1.** Insuflar (encher de ar, soprando); *Hinchar un globo*: Insuflar um balão. **2.** Inchar (intumescer, avolumar); *Tenía los ojos hinchados de no dormir*: Tinha os olhos inchados de não dormir. **3.** Inflacionar (exagerar) [uma notícia, um acontecimento]; *Los medios de comunicación hincharon el acontecimiento*: Os meios de comunicação inflacionaram o acontecimento. **4.** Inchar (aumentar o volume) [de um curso de água]. **II. hincharse** *v.pnrl.* **1.** Inchar (*v. intr. e prnl.*) (aumentar o volume, sobretudo uma parte do corpo); *Se le hincharon los brazos con las picaduras de las abejas*: Incharam-lhe os braços com as picadas de abelha. **2.** FAM. Encher-se (fazer em excesso); *Me hinché a trabajar así que ahora voy a dormir*: Enchi-me de trabalhar de modo que agora vou dormir. **3.** FIG. Inchar-se (envaidecer-se); *Cuanto más hables de sus aventuras amorosas, más se hincha él*: Quanto mais fales das suas aventuras amorosas, ele mais se incha. • **H~ a golpes**, ou **a palos**: ...

10.3. Atualização de acepções e equivalentes (antiquados ou incompletos):

invernadero, *s. m.* invernadouro ou invernadoiro, lugar próprio para passar o Inverno; lugar próprio para que pastem os animais no Inverno, invernadoiro. (*E-P Editora*).

invernadero. *m.* invernadouro, invernadoiro, lugar próprio para passar o Inverno; lugar para pastagem do gado durante o Inverno; *invernadero de plantas*, (bot.) estufa. (*Sopena E-P*).

invernadero [...] *s.m.* 1. Estufa (galeria

lavador (ra), *adj.* lavador, que lava. *U. t. c. s.*; *s. m.* instrumento de ferro que serve para limpar as armas de fogo; *Guat.* lavabo. (*E-P Editora*).

lavador, ra. *adj.* lavador, que lava. — *m.* instrumento de ferro para limpar as armas de fogo; (*Amér.*) lavabo. (*Sopena E-P*).

novio (via), *s. m. e f.* noivo, pessoa recém-casada; noivo, noiva, pessoa que está próxima a casar-se; pessoa que mantém relações amorosas na expectativa de futuro matrimónio. (*E-P Editora*).

novio, via. *m.* [sic] noivo, pessoa próxima a casar-se; ou que mantém relações amorosas; noivo, pessoa recém-casada; galã; futuro; amante; amado; desposado; novo; novato, o que entra de novo em algum estado ou dignidade; (*Bras.*) pop. osso: *mi novio*, (fam.) meu bem; *viaje de novios*, viagem nupcial. (*Sopena E-P*).

envidraçada para cultivo de plantas); *Las flores de invernadero son muy bonitas pero apenas huelen*: As flores são muito bonitas mas quase não cheiram. 2. Invernadoiro, invernadouro (lugar onde se inverna). • **Efecto i-**: Efeito de estufa; *El monóxido de carbono y el anhídrido carbónico son los dos gases más peligrosos para el efecto invernadero*: O monóxido de carbono e o anidrido carbónico são os dois mais perigosos gases para o efeito de estufa.

lavadora [...] *s.f.* 1. Máquina de lavar roupa, lava-roupa; *El premio consiste en un servicio de mesa y una lavadora*: O prémio consiste num serviço de jantar e numa máquina de lavar roupa. 2. Máquina [de lavar roupa]; *Estropeó el vestido, que no era lavable, al meterlo en la lavadora*: Estragou o vestido, que não era lavável, ao metê-lo na máquina. 3. Lavadeira (mulher que lava a roupa); *Para lavar la ropa más delicada venía una lavadora*: Para lavar a roupa mais delicada vinha uma lavadeira; *vd. lavandero*.

novio, via [...] *s.* 1. Noivo (pessoa que está para casar ou casada há pouco); *Mi hermana y su novio se van a casar al principio del verano*: A minha irmã e o seu noivo vão casar ao princípio do Verão. 2. Namorado (pessoa que se namora); *¿Ya tienes un novio nuevo?*: Já tens namorado novo. • **Quedarse compuesta y sin n-**: ...

pañal, s. m. cueiro, fralda de criança; fralda da camisa do homem; *pl.* cueiros; *fig.* primeiros princípios de educação; *estar uno en pañales*, ter pouco ou nenhum conhecimento duma coisa. (*E-P Editora*).

pañal m. cueiro, fralda de criança; fralda da camisa do homem; envo(ô)lta. — *pl.* cueiros; faixas; (*fig.*) primeiros princípios de educação; (*fig.*) berco [sic], a infância: *estar uno en pañales*, (*fam.*) ter pouco ou nenhum conhecimento duma coisa; *de buenos pañales*, (*fam.*) bem aparentado; *envolver en pañales*, enfaixar; *sacar de pañales*, (*pop.*) tirar da miséria. (*Sopena E-P*)

pantalla, s.f. pantalha, peça de metal, pano ou papel para resguardar a luz, quebra-luz; pára-fogo, guarda-fogo; pantalha, tela (de cinema); *fig.* espantalho (pessoa que chama a atenção, enquanto outra faz ou consegue secretamente uma coisa). (*E-P Editora*).

pantalla. f. pantalha, pano ou papel para resguardar a luz, quebra-luz; pára-fogo, guarda-fogo; pantalha, tela de cinema; abaixa-luz (*fig.*) espantalho pessoa que oculta uma outra ou consegue secretamente uma coisa: *servir de pantalla*, (*fig.*) ocultar secretamente uma coisa; *pantalla plateada*, pantalha do cinema; *pantalla de chimenea*, pára-fogo. (*Sopena E-P*).

pañal [...] s.m. Fralda (peça de material absorvente para envolver as nádegas das crianças de peito); *Los pañales desechables son hechos de celulosa*: As fraldas descartáveis são feitas de celulose. **2.** Cueiro, fralda (faixa de pano para envolver as nádegas das crianças de peito); *Hay que cambiar los pañales del niño para proteger la piel*: É preciso mudar os cueiros do bebé para proteger a pele. • **Estar en ~s**: Estar a zero.

pantalla [...] s.f. **1.** Pantalha, quebra-luz (peça com que se resguarda uma luz); ... **2.** Ecrã (s.m.), tela (BRASIL) [de um televisor, computador, etc.]; *Para ver la televisión no hace falta que te aproximes tanto a la pantalla*: Para ver a televisão não faz falta que te aproximes tanto ao ecrã. **3.** Ecrã (s.m.), pantalha (quadro branco onde se faz uma projecção); ... **4.** Ecrã (s.m.) (tela de cinema); ... **5.** INFORMÁTICA Ecrã (s.m.), tela (BRASIL), monitor (s.m.) [de um computador]; *Tengo que comprar un filtro para la pantalla del ordenador*: Tenho que comprar um filtro para o ecrã do computador; *vd. monitor*. **6.** FIG. Espantalho (pessoa que chama a atenção, enquanto outra faz secretamente uma coisa); ... • **Pequeña p-**: Pequeno erã (a televisão).

papeleta, s. f. V. **cédula**; p. us. papeliço, pequeno embrulho de papel, em que se põe dinheiro de gorjeta. (*E-P Editora*).

papeleta f. papeleta. V. **cédula**; papeliço, pequeno embrulho de papel em que se põe dinheiro de gorjeta; (pop.) pergunta difícil: *papeleta de empeño*, segurança de penhor. (*Sopena E-P*).

hincha, s. f. fam. ódio, inimizade, rancor. (*E-P Editora*).

hincha. f. (fam.) ódio, rancor, inimizade; asca; aversão; (pop.) fanático, exaltado; entusiasta. (*Sopena E-P*).

papeleta [...] s.f. **1.** Bilhete, número [para uma rifa]; *¡Ya te he comprado muchas papeletas, así que déjame en paz!*: Já te comprei muitos bilhetes, por isso deixa-me em paz! **2.** Boletim de voto; *En la urna había más papeletas que electores*: Na urna havia mais boletins de voto do que eleitores. **3.** Papeleta (papel avulso). **4.** Papeleta (guia, boletim de admissão) [num hospital]. **4.** FIG. Frete (missão ingrata); (missão ou serviço ingrato ou penoso); *¡Decirle que ha suspendido!* *¡Vaya papeleta!*: Dizer-lhe que chumbou! Que grande frete! • **P~ de empeño**: Segurança de penhor.

hincha [...] s. **1.** Adepto (apoiente): *Los hinchas festejaron entusiastamente la victoria de su equipo*: Os adeptos festejaram entusiasticamente a vitória da sua equipa. **2.** Membro de uma claque; *¿Tu crees que los hinchas ingleses son fleumáticos?*: Tu achas que os membros das claques ingleses são fleumáticos? • **Tener h~**: COLOQ. Ter pó (ter rancor): Desde que tiveram aquela discussão, tem-lhe um pó que nem o pode ver.

10.4. Falta o equivalente na língua alvo (são muito frequentes, especialmente no *E-P Editora*, as entradas com definição ou explicação das diferentes acepções das palavras espanholas, mas sem fornecer um equivalente em português):

lejanía, s. f. parte remota ou distante dum lugar. (*E-P Editora*).

lejanía. f. parte remota ou distante dum lugar; desvizinhança; distância. (*Sopena E-P*).

lejanía [...] s.f. **1.** Distância, afastamento; *La lejanía entre los dos pueblos no favorecía el contacto*: O afastamento entre as duas aldeias não favorecia o contacto. **2.** Longes (s.m.pl.) (os objectos representados no último plano de um quadro; tempos passados); *No obstante, sin la libertad absoluta de las lejanías, su espíritu ya no podía volar como antes*: Contudo, sem a liberdade absoluta dos longes, o seu espírito já não podia voar

como dantes; *vd. lontananza*. **3.** Lonjura; *Me quedo a verla, difusamente, desde el vaho de lejanía de donde avanza a grandes ráfagas*: Fico a olhá-la, difusamente, desde o fumo da lonjura donde avança em altas vagas. • **En la l~:** **1.** Lá, ao longe; ao fundo (parte remota ou distante de um lugar, paisagem ou vista); *En la lejanía se divisaba una pequeña aldea blanca*: Lá, ao longe, divisava-se uma pequena aldeia branca. **2.** À distância; *Miraba para un punto fijo, en la lejanía*: Olhava para um ponto fixo, à distancia. *vd. lontananza*.

cumpleaños, *s. m.* aniversário do nascimento duma pessoa. (*E-P Editora*).

cumpleaños [...] *s.m.* Dia de anos, aniversário [...] • **Estar de c~:** ...

la, *art. det. f. gram.* antepõe-se aos nomes apelativos do mesmo género; acusativo do pronome feminino *ella*; pode ser usada antes ou depois do verbo. (*E-P Editora*).

la [...] *art.f., pron.pess.f. e s.m.* **I. art.def.f.** A; *vd. el. II. pron.pess.f.* A; *Invítala a comer*: Convida-a para jantar. **2.** La [a seguir a uma forma verbal acabada em r ou s]; *Y ya que hablamos de mi hermana, ¿la quieres invitar?*: E já que falamos na minha irmã, queres convidá-la?; *vd. las, lo, le. III. s.m.* ... • **A l~:** À. **De l~:** **1.** Da. **2.** De a, d'A [+ título de uma obra, jornal, etc.]; *El suplemento de cultura de "La Capital"*: O suplemento de cultura de A Capital (ou, O suplemento de cultura d'A Capital). **3.** De a [...]; *El hecho de que la manifestación no haya tenido el debido tratamiento informativo, no le resta importancia*: O facto de a manifestação não ter tido o devido tratamento informativo, não lhe tira importância. **Me gusta l~:** Gosto de Ø; *Me gusta la mantequilla untada en pan*: Gosto de manteiga barrada no pão. **En l~:** **1.** Na; ... **2.** Em a, n'A [+ título de uma obra, jornal, etc.]; *La noticia salió en "La Capital"*: A notícia saiu em A Capital (ou, O suplemento de cultura d'A Capital). **3.** Em a [...]; *Un buen ejemplo está en "La balsa de piedra", de Saramago*: Um bom exemplo está em A Jangada de Pedra, de Saramago" (ou Um bom exemplo está n'A Jangada de Pedra, de Saramago). **Por l~:** **1.** Pela; ... **2.** Pel'A [+ título de uma obra, jornal, etc.]; . . .; **3.** Por a [...]; ... **2.** A [+CI]; *Entrégasela al director*: Entrega-a ao director. *vd. el. cf. lo.*

la. art. deter. f. (gram.) antepõe-se aos nomes apelativos do mesmo género; acusativo do pronome feminino *ella*; pode usar-se antes ou depois do verbo; a (*Sopena E-P*).

10.5. Falta, de modo geral, uma separação clara das diferentes acepções

(do ponto de vista gráfico e também semântico):

juego, s.m. ac. e ef. de jugar; jogo (em quase todas as acepções); *juego de pasa pasa*, jogo de prestidigitação; *acudir el juego a alguno*, ser o jogo favorável a alguém; *en juego o en veras*, a brincar ou a sério. (E-P Editora).

juego. m. jo(ô)go diversão; jogo (de cartas, bilhar, etc.); jogo, armação correspondente a cada par de rodas numa carruagem; jogo, passatempo sobre o cálculo ou acaso; jogo, conjunto de regras de jogo, série completa de coisas que formam um todo; movimento; (fig.) jogo, disposição em que estão unidas duas coisas; jogo, artifício para conseguir uma coisa, manha, astúcia, etc.; jogo, coisas que tem [sic] conexão entre si; jogo, deporte [sic]; folguedo; namoro por gestos, exercício; aparelho; brinquete; *juego de pasa pasa*, jogo de prestidigitação; *juego de azar*, loto; *juego de café*, aparelho de café [sic]... (Sopena E-P).

juego [...] s.m. I. s. m.1. Brincadeira (acto de brincar, divertimento de crianças); [...] 2. Jogo (passatempo sujeito a regras); [...] 3. Jogo (passatempo em que fazem apostas); [...] 4. Jogo (conjunto de peças que formam um todo); [...] 5. Jogo (Combinação de elementos para produzir um efeito estético); [...] 6. Jogo (articulação de dois elementos que permita o movimento); [...] 7. Jogo (movimento desses elementos); [...] 8. Folga (movimento desses elementos); [...] 9. Jogo (plano, maquinação); [...] 10. Jogo (divisão da partida); [...] 11. Jogo (conjunto de cartas de um jogador); [...] • **A j~**: A condizer (em harmonia); [...] **Conocer, descubrir** ou **ver el j~**: (adivinhar as intenções ocultas) [...] **Crear j~**: Criar situações de jogo (proporcionar oportunidades de atacar) [...] **En j~**: 1. Em jogo (em acção, em marcha) [...] 2. Em jogo (em causa, em risco) [...] **Desgraciado en el j~, afortunado en amores**: Infeliz no jogo, feliz no amor. **Entrar en j~**: Entrar em jogo (intervir) [...] **Fuera de j~**: Fora de jogo (posição anti-regulamentar). [...] **Hacer el j~**: Fazer o jogo (favorecer os interesses) [...] **Hacer j~**: Dizer com, fazer jogo com, condizer (combinar) [...] **J~ de azar**: Jogo de azar, de sorte; [...] **J~ de la comba**: Salto à corda. **J~ de la oca**: Jogo do ganso. **J~ de manos**: Truque (habilidade de mãos para fazer aparecer ou desaparecer algo) [...] **J~ de sociedad**: Jogo de sociedade [...] **J~ de suerte**: Jogo de azar, de sorte. **J~ malabar**: Malabarismo [...] **J~ de niños**: Brincadeira de criança [...] **J~ de palabras**: Jogo de palavras [...].

lista, s.f. lista, listra, tira comprida e estreita de pano ou papel; lista ou risca de cor diferente num tecido ou nalguma outra coisa; catálogo, relação, rol; *pasar lista*, fazer a chamada. (E-P Editora).

lista, s.f. lista, listra, tira comprida e estreita de pano ou papel; lista, risca de cor diferente num tecido ou nalguma outra coisa; catálogo, arrolamento, relação, rol; index, índice; minuta; elenco; (ant.) aranzel; relação; chamada (Sopena E-P).

lista [...] s.f. **1.** Lista (relação, enumeração); *Escribe la lista de todos los alumnos de tu clase*: Escreve a lista de todos os alunos da tua turma. **2.** Listagem (conjunto de listas); *Ya han salido las listas de todos los alumnos admitidos*: Já saíram as listagens de todos os alunos admitidos; *vd. listado*. **3.** Tabela (índice); *Un album de música portuguesa lidera la lista de ventas esta semana*: Um álbum de música portuguesa lidera a tabela de vendas esta semana. **4.** Lista, listra (linha de cor diferente); *Hoy lleva un jersey de listas blancas y azules*: Hoje leva uma camisola de listas brancas e azuis. **5.** Lista (tira comprida e estreita de pano ou papel); *Colgaron listas de papel de colores en las lámparas*: Penduraram listas de papel colorido nos candeeiros. • **A~s**: Às listas; *¿Por qué las cebras tienen todo el cuerpo a listas?*: Por que é que as zebras têm o corpo todo às listas? **L~ de boda**: Lista de casamento (a que contém os presentes que noivos querem receber); *Mi hermana puso una lista de boda en esta tienda de electrodomésticos*: A minha irmã pôs uma lista de casamento nesta loja de electrodomésticos. **L~ de la compra**: Lista das compras. **L~ de precios**: Tabela de preços; *Los comerciantes están obligados a tener la lista de precios bien visible*: Os comerciantes são obrigados a ter a tabela de preços bem visível. **L~ negra** Lista negra (a que contém pessoas ou coisas contra as quais se tem algo). **Pasar l~**: Fazer a chamada (ler o nome das pessoas para comprovar a sua presença); *Antes de empezar la clase, el profesor pasa lista para ver si falta alguien*: Antes de começar a aula, o professor faz a chamada para ver se falta alguém. *cf. guía*.

pago, *s.m.* Pago, entrega de um dinheiro ou espécie que se deve pagar; satisfação, prémio, recompensa; *hacer pago*, *fr. fig.* cumprir, satisfazer. (*E-P Editora*).

pago, *s.m.* Extensão limitada de terras ou herdades, especialmente de vinhas ou olivais; V. **aldea**, aldeia. (*E-P Editora*).

pago, *adj. fam.* Pago, que recebeu paga, diz-se daquele a quem já se pagou. (*E-P Editora*).

pago. *m.* pago, entrega de um dinheiro ou espécie; satisfação, recompensa; prémio; descarga, desembo(ô)lso; pagamento; prestação; extensão de terras ou herdades: *hacer pago*, (*fig.*) cumprir, satisfazer; *pago al contado*, dinheiro de contado; *pago anticipado*, antepaga; *pago de una obligación*, descargo; *promesa de pago*, assinado; *dar mal pago*, dar mau pago; *en pago*, em recompensa; *pendiente de pago*, não liquidado. (*Sopena E-P*).

pago. *m.* distrito determinado de terras, especialmente de vinhas ou olivais; aldeia. (*Sopena E-P*).

pago. *adj.* (*fam.*) pago, que recebeu paga, pagado. (*Sopena E-P*).

oscuro (ra), *adj.* obscuro, que carece de luz e claridade, escuro; diz-se da cor que quase chega a ser negra, bem como da que se contrapõe a outra mais clara, da mesma classe. *U.t. c. s.:* *fig.* humilde; obscuro, confuso, pouco inteligível; escuro, incerto, perigoso; *s. m. pint.* escuro. (*E-P Editora*).

oscuro, ra. *adj.* obscuro, escuro, sombrio; falta de brilho; (*fig.*) difícil de entender; ignorado; humilde; oculto; indistinto; plebeu; pouco conhecido; pouco inteligível; escuro; incerto, perigoso. —*m.* (*pint.*) escuro. (*Sopena E-P*).

pago [...] *s.m.* **1.** Pagamento (entrega de um dinheiro ou espécie que se deve); *Ya entregué 30.000 ptas. para hacer el primer pago*: Já entreguei 30.000 ptas. para fazer o primeiro pagamento. **2.** Pagamento (paga); *El pago será mensual*: O pagamento será mensal; *vd. paga*. **3.** Recompensa (satisfação, prémio); *Las buenas notas que obtuvo fueron el mejor pago a sus esfuerzos*: As boas notas que obtive foram a melhor recompensa aos seus esforços; *vd. recompensa*. **4.** Pago (paragem, aldeia); *No había vuelto por estos pagos desde mi infancia*: Desde a minha infância que eu não voltava por estes pagos. • **Condiciones de p~**: Condições de pagamento. **P~ al contado**: A pronto-pagamento, a pronto. **P~ por adelantado**: Pagamento adiantado. *cf. pagado*.

pagado, da [...] *adj. e p.p.* **1.** Pago (...); *No te preocupes, ya está pagado*: Não te preocupes, já está pago. **2.** Pagado (...) [pouco usado]; *No sé si ha pagado los impuestos*: Não sei se ele tem pagado os impostos.

oscuro, ra [...] *adj.* **1.** Escuro (com pouca luz ou claridade); *Las bodegas suelen ser lugares oscuros*: As adegas costumam ser lugares escuros. **2.** Escuro (quase preto) [cor]; *En la Riviera francesa el mar es de un azul oscuro*: Na Riviera francesa o mar é de um azul escuro. **3.** Encoberto (nublado) [o céu]; *Los días de lluvia el cielo suele estar oscuro*: Nos dias de chuva o céu está encoberto; *vd. cubierto*, **nublado**. **4.** Obscuro (confuso, pouco claro de entender); *Su lenguaje es tan oscuro que nadie le entiende*: A sua linguagem é tão obscura que ninguém percebe. **6.** Obscuro (incerto, inseguro); *Tras los últimos acontecimientos el futuro*

Anexo 1

del

banco es oscuro: Após os últimos acontecimentos o futuro do banco é obscuro. *vd. obscuro.* • **A oscuras:** Às escuras; *Siempre que está con jaqueca, se cierra en la habitación a oscuras:* Sempre que está com enxaqueca, fecha-se no quarto às escuras.

et passim.

10.6. Faltam exemplos que ajudem a delimitar as diferentes acepções e a restringir o uso no contexto (vd. *infra* também § 10.11 e § 10.12):

lejano (na), *adj.* distante, afastado, longínquo, remoto. (*E-P Editora*).

lejano, na. *adj.* distante, afastado, remoto, longínquo, desviado, apartado; desconvizinho; arredado: *pariente lejano*, parente arredado. (*Sopena E-P*)

lejano, na [...] *adj.* **1.** Longínquo (distante, remoto); *Había estado siempre trabajando en pueblos lejanos:* Tinha estado a trabalhar sempre em aldeias longínquas. Viagrou por países distantes e exóticos. **2.** Longínquo (que aconteceu há muito tempo; remoto); *Había sido su compañero eOn aquellos lejanos tiempos de la Facultad:* Tinha sido companheiro dele nos dias longínquos da Faculdade. **3.** Longínquo (porvindouro, futuro); *Por muy dura que fuese la labor, les bastaba pensar en ese día lejano para que el cansancio se les evaporase:* Por mais duro que fosse o serviço, bastava a ideia desse dia longínquo para o cansaço se evaporar. **4.** Distante [no espaço]; *La tormenta estaba ya lejana y sin fuerza:* A trovoadá estava já distante e sem força. **5.** Distante [no tempo]; *Cuando recuerdo esos días lejanos...:* Quando recordo esses dias distantes... **6.** Ao fundo; *Una forma viva, familiar, apareció en la vecería lejana, abandonada:* Uma massa viva, familiar, apareceu na vezeira ao fundo, abandonada. **7.** Longo; *Miro la casa negra, suspensa del augurio de lejanas eras:* Olho a casa negra, suspensa do augúrio de longas eras. **8.** Afastado, arredado (que assenta em laços frágeis ou indirectos) [uma relação ou um parentesco]; *Sólo somos primos lejanos:* Só somos primos afastados.

et passim.

10.7. É necessário acrescentar novas entradas com neologismos, coloquialismos, siglas, etc. (vd. também § 10.3 e § 10.15):

maillot [...] *s.m.* GALICISMO **1.** Camisola (*s.f.*) [de ciclista]; *En la tercera etapa de la “Vuelta” vistió el maillot amarillo de líder de la clasificación general:* Na terceira etapa da “Vuelta” vestiu a camisola amarela de líder da classificação geral. **2.** Maillot (peça de vestuário que se molda ao corpo e é utilizada por desportistas); *Apenas entró en casa, vistió el maillot y se fue a gimnasia:* Mal entrou em casa, vestiu o maillot e foi para a ginástica.

hinchada [...] *s.f.* COLOQ. Claque (conjuntos dos adeptos); *Durante todo el partido, la hinchada gritó ruidosamente:* Durante toda a partida, a claque gritou ruidosamente. *vd. hinchas*

hinchas [...] *s.m.pl.* COLOQ. Claque: *Los hinchas del F. C. Porto se llaman “Súper Dragões”:* A claque do F. C. do Porto chama-se “Súper Dragões”. *vd. hinchada.*

moña [...] *s.f.* **1.** Monho (laço de fita para enfeitar o cabelo); *vd. moño. **2.** COLOQ. Carraspana, piela (bebedeira); *Con la moña que tiene no puede andar:* Com a carraspana que tens não podes andar.*

Amberes [...] *n.pr.* Antuérpia [cidade e província da Bélgica].

DNI [...] *s.m.* BI (Bilhete de Identidade) [em espanhol, Documento Nacional de Identidad]; *Indique el lugar de emisión del DNI:* Indique o local de emissão do BI.

IVA [...] *s.m.* IVA (Imposto sobre o Valor Acrescentado) [em espanhol, *Impuesto sobre el Valor Añadido*].

ITV [...] *s.m.* IPO (Inspeção Periódica Obrigatória) [em espanhol, *Inspección Técnica de Vehículos*].

10.8. Em geral é necessário reelaborar e reorganizar a quase totalidade das entradas: mais completas, com mais aceções e com os correspondentes equivalentes (vd. também § 10.2, § 10.3, § 10.4 e § 10.5), o que não justifica uma revisão do texto existente, mas um novo dicionário:

(*vd. página seguinte*)

ojejar, v. t. olhar atentamente; deitar mau olhado. (E-P Editora)

ojejar, v. t. bater o mato (levantar a caça); fig. espantar, afugentar. (E-P Editora)

ojejar. v. tr. olhar atentamente; deitar mau-olhado; bater o mato para levantar a caça; (fig.) espantar, afugentar, empresar, represar. (Sopena E-P)

Jesús, s. m. Jesus ou Jesus Cristo, nome da segunda pessoa da Santíssima Trindade; *Jesús!*, interj. exprime admiração, dor, susto ou lástima. (E-P Editora).

Jesús. s. pr. Jesus; Jesus, Jesus Cristo; *el Niño Jesús*, o menino Deus; *¡Jesús!*, interjeição que exprime admiração, susto, dor, lástima; *en un decir Jesús*, (fam.) num relance. (Sopena E-P).

olla, s. f. Panela; cozido de carnes, toucinho, legumes e hortalizas, muito apreciado em Espanha; redemoinho que formam as águas dum rio. (E-P Editora)

olla. f. panela; cozido de carnes; toucinho, legumes e hortalizas; redemoinho que formam as águas dum rio; sorvedouro: *olla podrida*, olha podrida; *olla de cohetes*, grande perigo; *olla de grillo*, confusão; barulho, pandemónio; *olla ciega*. V. **alcancía**. (Sopena E-P).

ojejar [...] v.tr. **1.** Dar uma vista de olhos, dar uma olhadela; *Primero voy a ojejar estos papeles*: Primeiro vou dar uma vista de olhos nestes papéis. **2.** Folhear [ler de maneira rápida e superficial]; *Mientras le limpiaban los zapatos iba ojeando el periódico*: Enquanto engraxava os sapatos, ia folheando o jornal; cf. **hojejar**. **3.** Dar uma espreitadela (observar, dar uma vista de olhos) [mais para inspeccionar]; *Voy a ojejar por el taller a ver cómo va el trabajo*: Vou dar uma espreitadela na oficina para ver como vai o trabalho **4.** Bater (levantar, espantar, afugentar) [a caça]

Jesús [...] n.pr. e excl. **I.** n.pr. Jesus [fundador do Cristianismo]; vd. **Jesucristo**. **II.** **¡Jesús!** excl. **1.** Jesus! [denota admiração, dor, susto ou pena]; *¡Jesús, qué susto me has dado!*: Jesus! Que susto me deste! **2.** Santinho! [usa-se depois de alguém espirrar]; *–¡Achís! – ¡Jesús!*: –Atchim! –Santinho!; vd. **achís**. • **Compañía de J~**: Companhia de Jesus. **El niño J~**: O menino Jesus. **En un decir J~**, ou **en un J~**: Num ai-jesus (num instante, rapidamente); *Se cambió de ropa en un Jesús*: Mudou de roupa num ai-jesus.

olla [...] s.f. **1.** Panela (recipiente para cozer alimentos); *Necesitas una olla grande para hacer el cocido a la portuguesa*: Precisas de uma grande panela para fazer o cozido à portuguesa; vd. **cazuela**, **cacerola**. **2.** Tacho, caçarola (panela baixa); *Prepare el sofrito en una olla o sartén aparte*: Prepara o refogado num tacho ou frigideira à parte; cf. **sartén**. **3.** Panela (o conteúdo da panela). • **O~ a presión**: Panela de pressão. **O~ exprés**: Panela de pressão. ...

jefe (fa), *s. m.* Chefe, o que é cabeça numa casa, família ou corporação; chefe, principal entre outros; chefe, o dirigente, o superior, o comandante; *Cuba e Méx.* senhor, cavaleiro; *heráld.* parte alta dum escudo de armas; *quedar uno jefe*, *fr. Chile* perder, no jogo, tudo o que tem. (*E-P Editora*).

jefe. *m.* chefe, senhor, o que é cabeça numa casa; cabeça numa família, numa corporação chefe, o principal entre outros; chefe, superior, dirigente, corre(c)tor; chefe, cid; (ant.) duque; (Amér.) senhor, cavaleiro; (heral.) chefe, parte superior dum escudo de armas; *sin jefe*, (fig.) acéfalo; *jefe de la casa*, amo; *quedar uno jefe*, (Amér.) perder no jogo tudo o que tem; *en calidad de jefe*, em chefe; *Jefe de gobierno*, primeiro ministro; *jefe militar*, almocadém; *jefe de una secretaria*, oficial maior, *jefe de secta o partido*, corifeu; *jefe de Estado*, chefe do Estado; *jefe político*, antigo nome do governador civil numa província. (*Sopena E-P*).

hecho (cha), *p. p. irreg. de hacer*; *adj.* feito, maduro, perfeito: *mujer*, viangre hecho; *s. m.* feito, acção, obra; facto acontecimento, sucesso; assunto ou matéria de que se trata; *for.* caso sobre que se litiga ou que dá origem à causa; *hecho de armas*, façanha ou acção assinalada na guerra; *Hechos de los Apóstoles*, o quinto livro do Novo Testamento, escrito por S. Lucas; *a hecho*, *m. adv.* a esmo, sem interrupção, seguidamente; por junto, sem distinção; *obs.*: mal usado no Chile em frases como estas: *este es un hecho aparte*; *vengamos al hecho*, por *esto es otra cosa*; *vamos al caso*; *a lo hecho*, *pecho*, é preciso ter ânimo para suportar as consequências duma desgraça ou dum erro; *de hecho y de derecho*, cabal, perfeito, acabado; real e verdadeiro. (*E-P Editora*).

jefe, fa [...] *s. I. s. 1.* Chefe (pessoa que comanda um grupo); *Los empleados sienten un gran aprecio por su jefe*: Os empregados sentem um grande apreço pelo seu chefe. **2.** Chefe (representante ou líder de um grupo); *El jefe de los amotinados pidió negociar con las autoridades*: O chefe dos amotinados pediu para negociar com as autoridades. **3.** COLOQ., JUVENIL Velho (pai, mãe); *Esta noche estoy solo en casa porque los jefes se van al cine*: Esta noite estou sozinho em casa porque os velhos vão ao cinema. **4.** Chefe [tratamento para uma pessoa com algum tipo de autoridade]; *¡Jefe! Cuando pueda tráigame una caña y aceitunas*: Ó chefe!, quando puder traga-me um fino e azeitonas. • **J~ de estación**: Chefe de estação. **J~ de estado**: Chefe de estado; *En Portugal, el jefe del estado es el Presidente de la República*: Em Portugal o chefe de estado é o Presidente da República. **J~ de família**: Chefe de família. **J~ de gobierno**: Chefe do governo; *vd. presidente*.

hecho, cha [...] *adj. e s. I. adj.* **1.** Feito (realizado); *¿Ya están hechos los deberes?*: Os deveres já estão feitos? **2.** Maduro, pronto [fruto]. **3.** Pronto (acabado, preparado); *La carne ya está hecha*: A carne já está pronta. **II. s.m. 1.** Facto (acção, realização); **3.** Facto (realidade); *No han venido, eso es un hecho*: Não vieram, isso é um facto. **2.** Facto, feitos (*s.m.pl.*) (acontecimentos). **3.** Facto (assunto). • **Bien h~**: **1.** Bem passado [um alimento cozinhado]; *Quiero el bistec bien hecho*: Quero o bife bem passado. **2.** Bem feito; *-No le presté el dinero. - ¡Bien hecho!*: - Não lhe emprestei o dinheiro. - Bem feito! **De h~**: De facto (na verdade, na realidade). **Dicho y h~**: Dito e feito. **El h~ de que** [+ conjuntivo]: O facto de [+ infinitivo]; *El hecho de que no tenga dinero, no significa que no tenga derechos*: O facto de não ter dinheiro, não significa que não

hecho, cha. *p. p. irr. de hacer*, e *adj.*

feito, afeito, acostumado, habituado; maduro, perfeito, feito, adestrado, exercitado; consumado; conformado; desenvolvido. — *m.* feito, a(c)ção, obra; fa(c)to, acontecimento, sucesso; assunto ou matéria de que se trata; (for.) caso sobre que se litiga ou que dá origem, causa; anedota; coisa; episódio; lance; fito, intento. (*Sopena E-P*).

tenha direitos. **Frase hecha:** Frase feita.

junquillo, *s. m. bot.* junquilha, planta bulbosa e muito aromática.

junquillo. *m. (bot.)* junquilha, planta bulbosa e muito aromática; (arq.) moldura redonda, mais delgada que o bocel; (mil.) bocel, moldura que está diante da culatra da peça. (*Sopena E-P*)

H~ y derecho: (Estar) uma mulher ou (estar) um homem. **Mal h~:** Mal feito; *-No le presté el dinero. - ¡Bien hecho!*: - Não lhe emprestei o dinheiro. - Bem feito! **Poco h~:** Pouco passado [um alimento cozinhado]; *Quiero el bistec poco hecho:* Quero o bife pouco passado. **Recalcar un h~:** Vincar um facto. **Verdad de h~:** Verdade de facto.

junquillo [...] *s.m.* **1.** Junquilha (planta); *El junquillo es una planta bulbosa de flores amarillas muy aromáticas:* O junquilha é uma planta bulbosa de flores amarelas muito aromáticas. **2.** ARQUITECTURA, MARCENARIA Moldura (ornato saliente) em); *La estantería tenía un junquillo que la unía al techo* A estante tinha uma moldura que a unia ao tecto; *vd. moldura.* **3.** Caixilho, moldura [de painéis, retratos, vidros, etc.]; *Los cristales de la ventana estaban sujetos con junquillos de madera:* Os vidros da janela estavam presos com caixilhos de madeira; *vd. moldura.*

10.9. Apresentar equivalentes de tradução em contexto linguístico e/ou situacional, ultrapassando se necessário a unidade palavra (vd. também infra § 10.10, § 10.11 e § 10.12):

ladrillazo, *s. m.* ladrilhada, pancada aplicada com um ladrilho. (*E-P Editora*)

ladrillazo. *m.* ladrilhada, pancada dada com um ladrilho. (*Sopena E-P*).

infrecuente, *adj.* infrequente, que não é frequente.

infrecuente. *adj.* infrequ(ü)ente, não, [sic] frequente.

ladrillazo [...] *s.m.* Tijolada, golpe de tijolo. • **Llevar un l~:** Apanhar com um tijolo; *Al pasar por debajo de los andamios, casi llevo un ladrillazo:* Ao passar por debaixo dos andaimes, quase apanho com um tijolo.

infrecuente [...] *adj.* **1.** Infrequente; *Me gustaban los infrecuentes aunque generosos donativos espontáneos de mi suegro:* Gostava dos infrequentes, embora generosos, donativos espontâneos do meu sogro. **2.** Invulgar; *El caso es grave,*

le, *pron.* lhe, o; não admite preposição e pode usar-se como sufixo. (*E-P Editora*)

le. *pron. pers. sing. dat.* lhe, o; não admite preposição e pode usar-se como sufixo. (*Sopena E-P*).

lo, o, artigo determinado do género neutro; o artigo neutro *lo* antepõe-se aos adjectivos para convertê-los em substantivos abstractos: *lo blanco*, o branco, a brancura; *lo bueno*, o bom, a bondade; acusativo do pronome pessoal de terceira pessoa, no género masculino ou neutro e número singular *él* e *ello*; pode vir antes do verbo: *lo tiene* ou *tiénelo* (o tem ou tem-no). (*E-P Editora*).

lo. *art. def. sing.* o; o artigo neutro *lo* antepõe-se aos adjectivos para convertê-los em substantivos abstractos: *lo bueno*, o bom, a bondade; acusativo do pronome pessoal da terceira pessoa no género masculino ou neutro e número singular *él* e *ello*; *lo llamo*, eu chamo-o; *lo vendo*, vendo-o; *lo tiene*, o tem. (*Sopena E-P*).

aunque no infrecuente: O caso é grave, embora não invulgar.

le [...] *pron. pess.* **1.** Lhe [forma da terceira pessoa que exerce função de complemento indirecto sem preposição]; *Dijo que no le des el documento*: Disse para não lhe dares o documento; *vd. se. 2.* O [de complemento directo]; *Tenemos el gusto de invitarle a la boda de nuestra hija*: Temos o prazer de o convidar para o casamento da nossa filha. *Espero que este libro le divierta*: Espero que este livro o divirta. **3.** Si [com preposição, em tratamentos de respeito]; *Su mamá nunca le quiso*: A sua mamã nunca gostou de si; *vd. usted.*

lo [...] *art. e pron. m.* **I.** *art. m.* O [indica substantivação de adjectivos ou frases]; *Lo mejor es que te calles*: O melhor é calares; *cf. el. II. pron.m.* **1.** O [tem função de complemento directo e predicado nominal]; *Invítalo a comer*: Convida-o para jantar. **2.** Lo [a seguir a uma forma verbal acabada em r ou s]; *Tienes que invitarlo a comer: Tens de convidá-lo a comer.* **3.** Ø []; *Este medicamento é administrado oralmente, pero también lo hay inyectable*: Este medicamento é administrado oralmente, mas também há injectável. **4.** Ø []; *¡Guau! ¡Lo conseguí!*: Uau! consegui! • **L~ que: 1.** O que, o que é que; *En vez de mostrarnos lo que nos diferencia unos de los otros, enseñennos lo que nos asemeja*: Em vez de nos mostrarem o que é que nos diferencia uns dos outros, ensinem-nos o que nos assemelha. **2.** Que; *Era eso lo que más me gustaba de él*: Era isso que eu mais gostava nele. **3.** Aquilo que; *Todo es masculino, menos lo que se indica que es cosa de mujeres*: Tudo é masculino, menos aquilo que se diz ser coisa de mulheres. **4.** Aquilo a que; *Se trata de lo que los psicólogos llaman reflejo condicionado*: Trata-se daquilo a que os psicólogos chamam reflexo condicionado. **L~ que [+ verbo] es:** [verbo +] é; *Lo que necesitas es una leche hidratante*: Precisas é de um leite hidratante. **Se l-:** **1.** Lho (lhe+o); *No se lo des*: Não lho des. **2.**

O [+CI]; *Entrégaselo al director*: Entrega-o ao director. **Ya lo sé**: Eu sei.

10.10. Falta informação sobre “falsos amigos” (que no novo dicionário serão marcadas com a etiqueta *cf.*):

espantoso (sa), *adj.* espantoso, espantável, que causa espanto; maravilhoso, assombroso, pasmoso. (*E-P Editora*).

espantoso, sa. *adj.* espantoso; espantável; que causa espanto; maravilhoso, assombroso, pasmoso; estupendo; inaudito; estranho; formidável. (*Sopena E-P*).

oficina *s.f.* oficina, lugar onde se exerce um ofício; repartição pública; escritório; laboratório de farmácia; *fig.* lugar onde se elabora alguma coisa não material; *pl.* quartos baixos, como os porões, que servem para certos trabalhos domésticos. (*E-P Editora*).

oficina. *f.* oficina, lugar onde se exerce um ofício; dependência; repartição pública; escritório; laboratório de farmácia; (*fig.*) lugar onde se elabora alguma coisa não material. — *pl.* quartos baixos que servem para certos trabalhos domésticos. (*Sopena E-P*).

magro (gra), *adj.* magro, descarado, seco; *s. m. fam.* lombo de porco. (*E-P Editora*).

magro, gra *adj.* magro, se(ê)co, descarnado, fraco; magro, ché; definhado; enxuto; descadeirado; argueireiro; chupado; delgado; (*prov.*) melado; (*prov.*) entrezilhada; magro (*por ext.*) desnalgado; galgaz; magro, que tem falta de tecido adiposo; magro, que há pouca gordura ou sebo; (*fig.*) magro, mediocre, mesquinho; pouco fértil; (*fig.*) pouco rendoso, pouco abundante. — *m.* (*fam.*) lombo de porco. (*Sopena E-P*).

espantoso, sa [...] *adj.* **1.** Terrível; *Fue una muerte espantosa*: Foi uma morte espantosa. **2.** Horrível (feio); *Tiene una cara espantosa*: Tem uma cara horrível. **3.** Enorme (muito grande); *Tengo unas ganas espantosas de jugar*: Tenho uma vontade enorme de brincar. *cf.* **estupendo, maravilloso, asombroso.**

oficina [...] *s.f.* Escritório (*s.m.*) (lugar onde se realizam actividades burocráticas ou administrativas); *Tengo mi oficina en la Plaza Mayor*: Tenho o meu escritório na Plaza Mayor. *vd.* **despacho, cf. taller.**

magro, gra [...] *adj.* e *s. m.* **I.** *adj.* Magro (sem ou com pouca gordura) [alimentos]; *Carne magra*: Carne magra; *cf.* **desnatado, semidesnatado.** **II.** *s.m.* FAM. Fêvera (*s.f.*), fevra (*s.f.*), febra (*s.f.*) (carne sem osso nem gordura) [de porco]. *cf.* **delgado.**

Assim como também sobre “falsos amigos parciais” que encontramos em muitas das acepções de palavras formalmente iguais ou semelhantes, que no novo dicionário serão marcadas também com *cf.*:

invertir, *v.t.* inverter, transformar as coisas ou a ordem delas; alterar; aplicar (capitais); *v. irreg.* conjuga-se como *sentir*. (*E-P Editora*).

invertir. *v.tr.* inverter, transformar as coisas ou a ordem delas; alterar; aplicar (capitais); inverter, durar, empregar; desordenar; contraverter; fazer seguir em direcção contrária à primitiva; (por ext.) mudar, trocar, alterar; *invertir el ordende algo*, envessar. — *conj. irreg.* como *sentir*. (*Sopena E-P*).

invertir [...] *v.tr.* **1.** Inverter (alterar) [a ordem, o sentido]; *El ayuntamiento ha decidido invertir el sentido del tráfico en esta calle*: A câmara decidiu inverter o sentido do trânsito nesta rua. **2.** Investir (aplicar) [dinheiro]; *La empresa ha invertido la mayor parte de los beneficios en la renovación de las instalaciones*: A empresa investiu a maior parte dos benefícios na renovação das instalações; *cf. embestir, investir*. **3.** Investir (ocupar em algo) [um período de tempo]; *Ha invertido mucho tiempo en la preparación de la tesis doctoral*: Investiu muito tempo na preparação da tese de doutoramento. **4.** MATEMÁTICA Inverter (trocar os antecedentes com os consequentes) [de uma proporção].

10.11. Falta informação sobre possíveis restrições nas possibilidades de combinação lexical (colocações, quase-frasemas, etc.):

cumpleaños, *s. m.* aniversário do nascimento dum(a) pessoa. (*E-P Editora*).

cumpleaños. *m.* aniversário do nascimento dum(a) pessoa, dia de anos: *ser el cumpleaños*, fazer anos. (*Sopena E-P*).

cumpleaños [...] *s.m.* Dia de anos, aniversário [...] • **Estar de c~:** Fazer anos; *Mi madre está de cumpleaños el próximo jueves*: A minha mãe faz anos na próxima quinta-feira; *vd. hacer años*. **Feliz c~:** Parabéns; *Cubrió la tarta con chocolate, echó chantillí en la manga y por encima escribió “feliz cumpleaños”*: Barrou o bolo com chocolate, colocou chantilli no saco de pasteleiro e por cima escreveu "parabéns". **Fiesta de c~:** Festa de aniversário. **Regalo de c~:**, Prenda de anos, prenda de aniversário; *Le compré un sombrero a María de regalo de*

cumpleaños: Comprei um chapéu a Maria de prenda de anos.

lunes, s .m. segunda-feira, segundo dia da semana. (E-P Editora)

lunes. .m. segunda-feira, segundo dia da semana. (Sopena E-P).

lista, s.f. lista, listra, tira comprida e estreita de pano ou papel; lista ou risca de cor diferente num tecido ou nalguma outra coisa; catálogo, relação, rol; *pasar lista*, fazer a chamada. (E-P Editora).

lista, s.f. lista, listra, tira comprida e estreita de pano ou papel; lista, risca de cor diferente num tecido ou nalguma outra coisa; catálogo, arrolamento, relação, rol; index, índice; minuta; elenco; (ant.) aranzel; relação; chamada (Sopena E-P).

lunes [...] s.m. Segunda-feira (s.f.), segunda (s.f.) [...] • **Caer** [uma data, uma festa] **en (un) l~**: Calhar [uma data, uma festa] numa segunda; *Este año mi cumpleaños cae en lunes*: Este ano o meu aniversário calha numa segunda. **El l~**: Segunda-feira, segunda; *Llegaremos el lunes a más tardar*: Chegaremos segunda-feira o mais tardar. **El l~ por la mañana**: Segunda de manhã. **El l~ por la noche**: Segunda à noite. **El l~ por la tarde**: Segunda à tarde. **El (próximo) l~**: Na (próxima) segunda; *Mi madre está de cumpleaños el próximo lunes*: A minha mãe faz anos na próxima segunda-feira. **Ir a [...] el (próximo) l~**: Ir a [...] na (próxima) segunda; *Voy a Lisboa el lunes*: Vou a Lisboa na segunda. **Los l~**: **1.** Às segundas-feiras, às segundas: *Los lunes tenemos cocido*: Às segundas temos cozido. **2.** As segundas; *La programación de los lunes por la tarde está dirigida a los jóvenes*: A programação das segundas à tarde é dirigida aos jovens. • **Obs.**: Normalmente, os nomes dos dias da semana em espanhol vão sempre acompanhados do artigo definido; *Gracias a Dios, en el accidente del lunes no ha muerto nadie*: Graças a Deus, no desastre de segunda-feira não morreu ninguém.

lista [...] s.f. **1.** Lista ... **2.** Listagem ... *vd. listado*. **3.** Tabela ... **4.** Lista, listra ... **5.** Lista ... • **A ~s**: Às listas; *¿Por qué las cebras tienen todo el cuerpo a listas?*: Por que é que as zebras têm o corpo todo às listas? **L~ de boda**: Lista de casamento (a que contém os presentes que noivos querem receber); *Mi hermana puso una lista de boda en esta tienda de electrodomésticos*: A minha irmã pôs uma lista de casamento nesta loja de electrodomésticos. **L~ de la compra**: Lista das compras. **L~ de precios**: Tabela de preços; *Los comerciantes están obligados a tener la lista de precios bien visible*: Os comerciantes são obrigados a ter a tabela de preços bem visível. **L~ negra** Lista negra (a que contém pessoas

para comprovar a sua presença); *Antes de empeza* ou coisas contra as quais se tem algo). **Pasar l-:** Fazer a chamada (ler o nome das pessoas *r la clase, el profesor pasa lista para ver si falta alguien*: Antes de começar a aula, o professor faz a chamada para ver se falta alguém. *cf. guía.*

lácteo (a), *adj.* lácteo, pertencente, relativo ou semelhante ao leite; lácteo, cor de leite. (*E-P Editora*).

lácteo, a. *adj.* lácteo, relativo ou semelhante ao leite; lácteo, cor de leite: *vía láctea, via láctea.* (*Sopena E-P*).

judía, *s. f.* feijão, planta leguminosa e seu fruto. (*E-P Editora*).

judía. *f.* (bot.) feijão, planta leguminosa e seu fruto; mulher judia. V. **avefría.** (*Sopena E-P*).

jamón, *s. m.* presunto, perna e espádua do porco, depois de salgada e curada. (*E-P Editora*).

jamón. *m.* presunto, perna e espádua do porco depois de salada [sic] e curada. V. **pernil:** *jamón curado*, presunto curado; *estar jamón* (pop.) ser muito excelente uma coisa. (*Sopena E-P*).

lácteo, a [...] *adj.* Lácteo [...] • **Productos**
~s: Lacticínios. **Industrias lácteas:** Indústrias de lacticínios.

judía [...] *s.f.* **1.** Feijão [...] • ~s **blancas** (*s.f.pl.*): Feijão branco (*s.m.*), feijão-manteiga (*s.m.*). ~s **pintas** (*s.f.pl.*): Feijão-frade (*s.m.*), feijão-carito (*s.m.*), chícharo (*s.m.*); *vd. chícharo.* ~s **verdes** (*s.f.pl.*): Feijão verde (*s.m.*). *vd. alubia, fréjol, frijol, fríjol, habichela.* • *Obs.: ...*

jamón [...] *s.m.* **1.** Presunto [...] • **Estar j~:** COLOQ. Ser uma lasca (ser fisicamente atraente); *¡Tu vecina está jamón!*: Aquela tua vizinha é uma lasca! **J~ (de) York: 1.** Fiambre. **2.** Paio de York [presunto cozido e preparado como fiambre]. **J~ serrano** Presunto serrano [curado e não cozido]. **Y un j~ (con chorreras):** FAM. É o alho!, isso é que era bom! [expressão de negação ou recusa].

hábil, *adj.* hábil, apto, capaz, inteligente; destro, competente, engenhoso. (*E-P Editora*).

hábil. *adj.* hábil, apto, capaz, machucho; mestre; destro; competente; agudo; experimentado; engenhoso; hábil, destro, avisado, atilado; ardilhoso; consumado; hábil, astuto, expedito; acertado; meigo; industrioso; melieiro; ágil; experto; machacaz; (fig.) melro; hábil, astuto, astucioso, sagaz; aquele que tem habilidade para fazer alguma coisa; finório; (Bras.) taco: *ser muy hábil en algo*, ser bicheiro em alguma coisa; mestre; *individuo hábil*, barra; *muy hábil*, fino como um coral; *día hábil* *día de fazer*, dia de trabalho. (*Sopena E-P*).

hábil [...] *adj.* **1.** Hábil [...] • **Días hábiles:**
Días úteis; *Tengo cinco días hábiles para enviar mi candidatura*: Tenho cinco dias úteis para enviar a minha candidatura.

hecho (cha), *p. p. irreg. de hacer*; *adj.* feito, maduro, perfeito: *mujer*, viangre hecho; *s. m.* feito, acção, obra; facto acontecimento, sucesso; assunto ou matéria de que se trata; *for.* caso sobre que se litiga ou que dá origem à causa; *hecho de armas*, façanha ou acção assinalada na guerra; *Hechos de los Apóstoles*, o quinto livro do Novo Testamento, escrito por S. Lucas; *a hecho*, *m. adv.* a esmo, sem interrupção, seguidamente; por junto, sem distinção; *obs.:* mal usado no Chile em frases como estas: *este es un hecho aparte*; *vengamos al hecho*, por *esto es otra cosa*; *vamos al caso*; *a lo hecho, pecho*, é preciso ter ânimo para suportar as consequências duma desgraça ou dum erro; *de hecho y de derecho*, cabal, perfeito, acabado; real e verdadeiro. (*E-P Editora*).

hecho, cha. *p. p. irr. de hacer*, e *adj.* feito, afeito, acostumado, habituado; maduro, perfeito, feito, adestrado, exercitado; consumado; conformado; desenvolvido. — *m.* feito, a(c)ção, obra; fa(c)to, acontecimento, sucesso; assunto ou matéria de que se trata; (*for.*) caso sobre que se litiga ou que dá origem, causa; anedota; coisa; episódio; lance; fito, intento. (*Sopena E-P*).

invertir, *v.t.* inverter, transformar as coisas ou a ordem delas; alterar; aplicar (capitais); *v. irreg.* conjuga-se como *sentir*. (*E-P Editora*).

invertir. *v.tr.* inverter, transformar as coisas ou a ordem delas; alterar; aplicar (capitais); inverter, durar, empregar; desordenar; contraverter;

hecho, cha [...] *adj.* e *s. I. adj. 1.* Feito [...]

• **Bien h~:** **1.** Bem passado [um alimento cozinhado]; *Quiero el bistec bien hecho*: Quero o bife bem passado. **2.** Bem feito; - *No le presté el dinero.* - *¡Bien hecho!*: - Não lhe emprestei o dinheiro. - Bem feito! **De h~:** De facto (na verdade, na realidade). **Dicho y h~:** Dito e feito. **El h~ de que** [+ conjuntivo]: O facto de [+ infinitivo]; *El hecho de que no tenga dinero, no significa que no tenga derechos*: O facto de não ter dinheiro, não significa que não tenha direitos. **Frase hecha:** Frase feita. **H~ y derecho:** (Estar) uma mulher ou (estar) um homem. **Mal h~:** Mal feito; - *No le presté el dinero.* - *¡Bien hecho!*: - Não lhe emprestei o dinheiro. - Bem feito! **Poco h~:** Pouco passado [um alimento cozinhado]; *Quiero el bistec poco hecho*: Quero o bife pouco passado. **Recalcar un h~:** Vincar um facto. **Verdad de h~:** Verdade de facto.

invertir [...] *v.tr. 1.* Inverter (alterar) [a ordem, o sentido]; *El ayuntamiento ha decidido invertir el sentido del tráfico en esta calle*: A câmara decidiu inverter o sentido do trânsito nesta rua. **2.** Investir (aplicar) [dinheiro]; *La empresa ha invertido la mayor parte de los beneficios en la renovación de las instalaciones*: A

fazer seguir em direcção contrária à primitiva; (por ext.) mudar, trocar, alterar; *invertir el ordende algo*, envessar. — *conj. irreg. como sentir*. (Sopena E-P).

empresa investiu a maior parte dos benefícios na renovação das instalações; *cf. embestir, investir*. **3.** Investir (ocupar em algo) [um período de tempo]; *Ha invertido mucho tiempo en la preparación de la tesis doctoral*: Investiu muito tempo na preparação da tese de doutoramento. **4.** MATEMÁTICA Inverter (trocar os antecedentes com os consequentes) [de uma proporção].

10.12. Informação sobre usos pragmático-contextuais e retóricos:

judía, s. f. feijão, planta leguminosa e seu fruto. (E-P Editora).

judía. f. (bot.) feijão, planta leguminosa e seu fruto; mulher judia. V. **avefría**. (Sopena E-P).

Jesús, s. m. Jesus ou Jesus Cristo, nome da segunda pessoa da Santíssima Trindade; *Jesús!*, *interj.* exprime admiração, dor, susto ou lástima. (E-P Editora).

Jesús. s. pr. Jesus; Jesus, Jesus Cristo; *el Niño Jesús*, o menino Deus; *¡Jesús!*, interjeição que exprime admiração, susto, dor, lástima; *en un decir Jesús*, (fam.) num relance. (Sopena E-P).

hiel, s. f. V. **bilis**. fel, bilis; *fig.* amargura, pesar, dor, sentimento; *pl.* trabalhos, desgostos, adversidades. (E-P Editora).

hiel. f. fel, bilis; (fig.) amargura, pesar, dor, sentimento; cólera. — *pl.* trabalhos, desgostos, adversidades, amarguras. (Sopena E-P).

judía [...] s.f. **1.** Feijão, [...] • *Obs.:* Em espanhol é mais comum o uso em plural: *Comimos judías verdes en la cena*: Comemos feijão verde ao jantar. *cf. judío*.

Jesús [...] n.pr. e excl. **I.** n.pr. Jesus [...] **II.** **¡Jesús!** excl. **1.** Jesus! [denota admiração, dor, susto ou pena]: *¡Jesús, qué susto me has dado!*: Jesus! Que susto me deste! **2.** Santinho! [usa-se depois de alguém espirrar]; *¡Achís!* *¡Jesús!*: *¡Atchim!* – Santinho!; *vd. achís*. • [...]

hiel [...] s.f. **1.** Fel (s.m.), bilis, bile [...] • *Obs.:* Hiel aplica-se principalmente ao fel dos animais. *vd. bilis*.

despedir, v. t. despedir, soltar, desprender, lançar, arrojarse alguma coisa; *fig.* difundir, irradiar. *U.t.c.r.*; v. irreg. conjuga-se como *pedir* (E-P Editora).

despedir. v. tr. despedir ... — **despedirse.** v. r. despedir-se: ... *despedirse a la francesa*, despedir-se em latim. (*Sopena E-P*).

despedir v.tr. e prnl. I. v.tr. 1. Despedir ...

III. **despedirse** v.pnrl. Despedir-se (separar-se com palavras de afecto ou cortesia); *Prefiero que nos despedamos aquí*: Prefiro que nos despeçamos aqui. • **Despedirse de**: Despedir-se de.

• **DESPEDIRSE** a Dios; a la paz de Dios; a más ver; a pasarlo bien; abur; adiós; agur; ahí os quedáis; ande [usted, etc.] con Dios; buen viaje; feliz viaje; con Dios; espero que volvamos a vernos; espero ver[te, etc.] (muy) pronto; espero volver a verte; hasta ahora (mismo); hasta después; hasta el lunes [etc.]; hasta el valle de Josafat; hasta la noche; hasta la próxima; hasta la vista; hasta luego; hasta mañana; hasta más ver; hasta nunca; hasta otra; hasta otro día; hasta otro rato; hasta otro ratito; hasta pronto; hasta siempre; le ofrece el testimonio de su consideración más distinguida; le ofrece su adhesión incondicional; le saluda atentamente; le saluda con el mayor respeto; le saluda con la mayor consideración; le testimonia por anticipado su agradecimiento; me (las) piro; me retiro (por el foro); muchos besos; nos vemos (pronto); que (usted) lo pase bien; que [te, etc.] vaya bien; queda asu disposición; quede (usted) con Dios; rogándole perdone [esperando sabrá disculpar] el atrevimiento de dirigirme a usted,...; si no hay nada más,...; sin más,...; su atento [seguro, afectísimo] servidor (s. [s. atto., s. affmo.] s. s.); su atento [seguro, afectísimo] (atto., affmo.) servidor que besa [estrecha] su mano [sus pies] (s. s. s. q. b. s. m.[ss. ps.]); suerte; un apretón de manos; un fuerte abrazo; usted [ustedes] lo pase bien; usted [ustedes] siga bien; vale; vaya (usted) con Dios; vaya con Dios; vete [vaya usted, etc.] con Dios.

10.13. Falta informação gramatical (morfológica, ortográfica):

ladrón (na), *adj.* ladrão, que furta ou rouba. *U. t. c. s.; s. m.* ladrão, pequena abertura que se faz num rio ou numa acéquia para tirar água; ladrão, pedacinho de morrão que, ainda aceso, cai na vela e a faz derreter; *ladrón cuatrero*, ladrão de gado. (*E-P Editora*).

ladrón, na. *adj.* ladrão, que furta ou rouba; empalmador; milhafre; falcatrueiro; galfarro; fajardo; gatuno. — *s.* ladrão, gatuno, salteador, tratante; biltre, maganão; brejeiro; bandoleiro, arrombador, fajardo; (Bras.) cafunge. — *m.* ladrão, pequena abertura que se faz num rio ou numa acéquia para tirar água; ladrão, morrão que queima uma vela. (*Sopena E-P*).

maní, *s. m.* V. **cacahuete**, amendoim. (*E-P Editora*).

maní. *m.* amendoim. V. **cacahuete** (*Sopena E-P*).

géminis *s. f.* [sic] *farm.* emplastro composto de alvaiade e cera; *astron. pl.* Gémeos, terceiro signo e constelação do Zodíaco, situado entre Tauro e Câncer e correspondente ao mês de Maio. (*E-P Editora*).

géminis. *m.* (farm.) emplastro composto de alvaiade e cera; (astron.) *pl.* Gémeos. (*Sopena E-P*).

ladrón, na [...] *adj.* e *s. I.* *adj.* e *s.* Ladrão [...] • *Obs.: f.* ladra, ladroa, ladrona.

maní [...] *s.m.* 1. BOTÂNICA Amendoim [...] • *Obs.: pl.* do espanhol maní, manises.

géminis [...] *adj.* e *s.m.* ASTROLOGIA Gémeos (*adj.* e *s.m.pl.*) (signo do Zodíaco); *Como nació el 20 de junio, soy géminis:* Como nasci no 20 de Junho, sou Gémeos. • *Obs.: Em português, os nomes dos signos do Zodíaco (Astrologia) escrevem-se com inicial maiúscula. cf. Géminis.* • *Obs.: Em espanhol, os nomes dos signos do Zodíaco são invariáveis em género e número.*

Géminis [...] *n.pr.m.* ASTRONOMIA Gémeos (*s.m.pl.*) (constelação e signo do Zodíaco). *vd. gemelos. cf. géminis.*

finlandés *s. m.* Finlandês, natural ou oriundo da Finlândia. *U. t. c. s.*; pertencente a este país da Europa; *s. m.* finlandês, idioma da Finlândia. (*E-P Editora*).

finlandés, sa. *adj* e *s.* (geog.) finlandês, natural de Finlândia; pertencente a este país. —idioma finlandês. (*Sopena E-P*).

febrero *s.m.* Fevereiro, segundo mês do ano; *en febrero, busca la sombra el perro*, para denotar que neste mês já aquece bastante o sol. (*E-P Editora*).

febrero *s.m.* Fevereiro, segundo mês do ano: *en febrero, busca la sombra el perro*, (pop) expressão empregada para denotar que neste mês já aquece bastante o sol. (*Sopena E-P*).

geografía, *s. f.* Geografia, ciência que trata da descrição da Terra. (*E-P Editora*).

geografía. *f. geografía*, ciência que se ocupa da descrição da Terra; obra que se ocupa de assuntos geográficos; compêndio ou tratado de Geografía. (*Sopena E-P*).

invierno *s.m.* Inverno, uma das quatro estações do ano, entre o Outono e a Primavera; época mais fria do ano. (*E-P Editora*).

invierno *m.* Inverno, uma das quatro estações do ano; época mais fria do ano. (*Sopena E-P*).

finlandés, sa [...] *adj.* e *s.* Finlandês (da Finlândia; idioma da Finlândia); *Muchas casas finlandesas tienen sauna* Muitas casas finlandesas têm sauna. *vd. finés. cf. finlandeses.*

finlandeses [...] *s.m.pl.* Finlandeses (povo da Finlândia). • *Obs.: Em português, os etnónimos escrevem-se com maiúscula inicial: Los finlandeses: Os Finlandeses. Os nomes comuns correspondentes escrevem-se com minúscula inicial: Muchos finlandeses: Muitos finlandeses. cf. finlandés.*

febrero [...] *s.m.* Fevereiro [mês]; *Mi padre está de cumpleaños el día siete de febrero*: O meu pai faz anos no dia sete de Fevereiro. • *Obs.: Em português, os meses do ano escrevem-se com maiúscula.*

Geografía [...] *s.f.* Geografia [ciência]. • *Obs.: Em português, os nomes das ciências, quando designam disciplinas escolares, escrevem-se com inicial maiúscula: Las clases de geografía: As aulas de Geografia.*

invierno [...] *s.m.* Inverno [...] • *Obs.: Em português, os nomes das estações do ano escrevem-se com maiúscula inicial.*

10.14. Falta informação gramatical (sintáctica):

parecer, v. *i.* aparecer, mostrar-se, deixar-se ver; opinar, acreditar. *U. m. c. imp.*; achar-se, encontrar-se (o que parecia perdido), aparecer; parecer, ter aparência de; v. *r.* assemelhar-se, parecer-se.

parecer v. *intr.* aparecer, mostrar-se, deixar-se ver; parecer, ser de opinião; opinar, apreciar; achar-se; encontrar-se (o que parecia perdido) *U. m. c. imp.*; achar-se, encontrar-se (o que parecia perdido); aparecer; parecer, ter aparência de; ser semelhante; tornar-se crível ou provável; afigurar-se; ser verosímil; constar. — v. *r.* assemelhar-se, parecer-se; cheirar; arremedar; entrefigurar-se: *aún me parece verlo, afigure-me* [sic] vê-lo ainda; *a lo que parece*, com que então. (*Sopena E-P*).

lunes, *s. m.* segunda-feira, segundo dia da semana. (*E-P Editora*).

lunes. *m.* segunda-feira, segundo dia da semana. (*Sopena E-P*).

haber, v. *t.* haver, tener, possuir; (é pouco usado neste sentido; geralmente substituído pelo v. *tener*); haver, apoderar-se de, chegar a ter: *los criminales no pudieron ser habidos; Ramón lee cuantos libros puede haber*; verbo auxiliar que serve para conjugar outros verbos nos tempos compostos; *yo he amado; tú habrás comido*; v. *impes.* ocorrer, acontecer, sobrevir: *hubo una desgracia*; é barbarismo (comum na América) torná-lo pessoal na seguinte acepção; *hubieron fiestas; habrían muchos muchachos que lo confirmasen*; verificar-se, efectuar-se: *ayer hubo*

parecer [...] *s.f., v.intr., prnl. e pred. I. s. 1.*
Parecer [...] **P~ digno de** [+ infinitivo]: Parecer digno de, parecer de [+ infinitivo]; *Lo que me parece digno de comentar*: O que me parece de comentar. **¿Qué te parece?:** O que achas? **¿Qué te parece si** [+ pres. ind.]?: O que achas de [+ infinitivo]?: *¿Qué te parece si vamos a la fiesta?:* O que achas de irmos à festa?
Según parece: [...].

lunes [...] *s.m.* Segunda-feira (*s.f.*), segunda (*s.f.*); [...] • **Obs.:** Normalmente, os nomes dos dias da semana em espanhol vão sempre acompanhados do artigo definido; *Gracias a Dios, en el accidente del lunes no ha muerto nadie*: Graças a Deus, no desastre de segunda-feira não morreu ninguém.

haber [...] v. *auxiliar, unipessoal e s.m. I. v. auxiliar 1.* Ter [+ particípio] [o *pret. perf.* composto exprime repetição ou continuidade até o presente e que se fala]; *El juego ha arruinado a mucha gente*: O jogo tem arruinado muita gente. **2.** ∅ [no *pret. perf.* espanhol]; *Hoy he comido bacalao*: Hoje comi bacalhau. **II. v. unipessoal.** Haver [...] **H~ estado** [+ gerúndio]: Ter vindo a [+ infinitivo]; *Una verdadera mafia ha estado aterrorizando la población del barrio*: Uma verdadeira mafia tem vindo a aterrorizar a população do bairro. **H~ que: 1.** Ser preciso; *Hay que apachugar con eso únicamente con las propias fuerzas*: É preciso aguentar

sesión; mañana habrá función de cine; en frases de sentido afirmativo, ser necessário ou conveniente: *hay que correr; hay que ver lo que se hace;* en frases de sentido negativo, ser inútil, inconveniente ou impossível: *no hay que correr; no hay que hablar;* estar realmente nalguma parte: *haber siete personas en una reunión; haber poco dinero en una cartera;* existir: *hay mujeres sin caridad;* quando expressa decurso de tempo, fazer: *ha tres años; mucho tiempo ha; habrá diez siglos;* v. r. haver-se comportar-se, proceder (bem ou mal); *haber de*, ter de, ter que, ser necessário que; *habérselas con uno*, fr. fam. disputar, brigar com alguém; v. irreg.. **Conjug.** ... (E-P Editora).

hecho (cha), p. p. irreg. de *hacer*; adj. feito, maduro, perfeito: *mujer*, viangre hecho; s. m. feito, acção, obra; facto acontecimento, sucesso; assunto ou matéria de que se trata; for. caso sobre que se litiga ou que dá origem à causa; *hecho de armas*, façanha ou acção assinalada na guerra; *Hechos de los Apóstoles*, o quinto livro do Novo Testamento, escrito por S. Lucas; a *hecho*, m. adv. a esmo, sem interrupção, seguidamente; por junto, sem distinção; obs.: mal usado no Chile em frases como estas: *este es un hecho aparte; vengamos al hecho*, por *esto es otra cosa; vamos al caso; a lo hecho, pecho*, é preciso ter ânimo para suportar as consequências duma desgraça ou dum erro; *de hecho y de derecho*, cabal, perfeito, acabado; real e verdadeiro. (E-P Editora).

hecho, cha. p. p. irr. de *hacer*, e adj. feito, afeito, acostumado, habituado; maduro, perfeito, feito, adestrado, exercitado; consumado; conformado; desenvolvido. — m. feito, a(c)ção, obra; fa(c)to, acontecimento, sucesso; assunto ou matéria de que se trata;

isso unicamente com as próprias forças. **2.** Haver que; *Hay que escoger*: Há que escolher. **Hay que ser**: Deve-se ser; *No hay que ser egoísta ni interesado*: Não se deve ser egoísta nem interesseiro. **¿Qué hay?:** Que se passa?; *El director atendió el teléfono*: -*Hola, ¿qué hay?*: O director veio ao telefone: -Então, que se passa? • Obs.: Em espanhol, usa-se o pretérito perfeito (*he comido*) quando o falante ainda está situado dentro do espaço de tempo a que o verbo envia: *Hoy he comido bacalao*; usa-se o pretérito indefinido (*comí*) quando o falante já está fora do espaço de tempo indicado: *La semana pasada comí bacalao dos veces*. Se o espaço temporal não estiver expresso, usa-se o primeiro quando o falante sentir que o tempo a que o verbo envia está próximo do presente: *Mi abuelo ha muerto* (cf. *Mi abuelo murió cuando yo era muy pequeño*).

hecho, cha [...] adj. e s. I. adj. **1.** Feito (realizado); *¿Ya están hechos los deberes?*: Os deveres já estão feitos? **2.** Maduro, pronto [fruto]. **3.** Pronto (acabado, preparado); *La carne ya está hecha*: A carne já está pronta. **II. s.m. 1.** Facto (acção, realização); **3.** Facto (realidade); *No han venido, eso es un hecho*: Não vieram, isso é um facto. **2.** Facto, feitos (s.m.pl.) (acontecimentos). **3.** Facto (assunto). • **Bien h~:** **1.** Bem passado [um alimento cozinhado]; *Quiero el bistec bien hecho*: Quero o bife bem passado. **2.** Bem feito; *-No le presté el dinero. - ¡Bien hecho!*: - Não lhe emprestei o dinheiro. -Bem feito! **De h~:** De facto (na verdade, na realidade). **Dicho y h~:** Dito e feito. **El h~ de que** [+ conjuntivo]: O facto de [+ infinitivo]; *El hecho de que no tenga dinero, no significa que no tenga derechos*: O facto de não ter dinheiro, não significa que não tenha direitos. **Frase hecha**: Frase feita. **H~ y derecho**: (Estar) uma mulher ou (estar) um homem. **Mal h~:** Mal feito; *-No le presté el dinero. - ¡Bien hecho!*: - Não lhe emprestei o dinheiro. -Bem feito! **Poco h~:** Pouco passado [um alimento

(for.) caso sobre que se litiga ou que dá origem, causa; anedota; coisa; episódio; lance; fito, intento. (*Sopena E-P*).

gustar v. *i.* Gostar, provar, saborear, degustar, avaliar pelo paladar o sabor dalguma coisa; v. *i.* [sic] agradar, achar bem, desejar, querer, comprazer-se; V. **experimentar**, experimentar. (*E-P Editora*).

gustar. v. *intr.* gostar, provar, saborear, tomar o gosto, degustar, avaliar pelo paladar. — v. *tr.* gostar, ter prazer; agradar, achar bem, desejar, querer, comprazer-se; gostar; aprovar; amar; apetecer. V. **experimentar**; *gustar anticipadamente*, antegostar; *esto no me gusta*, (fam.) isto não me faz bom estômago; *ese negocio no me gusta*, (fam.) esse negócio não me cheira; *no gustar*, desgostar; *me gustaría*, quem me dera! (*Sopena E-P*).

cozinhado]; *Quiero el bistec poco hecho*: Quero o bife pouco passado. **Recalcar un h~**: Vincar um facto. **Verdad de h~**: Verdade de facto.

gustar [...] v.*intr.* e *tr.* **I.** v.*intr.* **1.** Gostar [...] • **Me [te, etc.] gusta el:** Gosto de; *Me gusta el pan untado con mantequilla*: Gosto de pão barrado com manteiga. **Lo que me [te, etc.] gusta de él [ti, etc.]:** O que gosto [gostas, etc.] nele [em ti, etc.]; *Era eso lo que más me gustaba de él*: Era isso que eu mais gostava nele. ¿**(Usted) gusta?**: É servido? • **Obs.:** A construção normal em espanhol é “pronomes + *gustar* + sujeito”: *Me gusta el queso*. Pode aparecer, embora raramente, a construção “*gustar de*”: *Gustaba de pasear al aire libre*. É comum a construção pleonástica “complemento de pessoa + pronomes + *gustar* + sujeito”: *A mi madre no le gusta el queso*. Com o complemento em terceira pessoa de plural, pode aparecer o sujeito antes do verbo e não haver repetição pleonástica do pronome: *Su forma de ser gusta a los que lo conocen*.

10.15. A informação gramatical nos artigos correspondentes a palavras gramaticais pode ser melhorada:

Vd. *supra* os exemplos de **lo** (§ 10.9) ou **la** (§10.4).

10.16. Falta muita informação de tipo enciclopédico (especialmente quando diferir em espanhol e em português):

Amberes [...] *n.pr.* Antuérpia [cidade e província da Bélgica].

Agustín [...] *n.pr.m.* Agostinho [nome de pessoa]. • **San A~**: Santo Agostinho.

I.R.P.F. [...] *s.m.* I.R.S. (Imposto sobre o Rendimento das Pessoas Singulares) [em espanhol, *Impuesto sobre la Renta de las Personas Físicas*].

DNI [...] *s.m.* BI (Bilhete de Identidade) [em espanhol, Documento Nacional de Identidad]; *Indique el lugar de emisión del DNI*: Indique o local de emissão do BI.

IVA [...] *s.m.* IVA (Imposto sobre o Valor Acrescentado) [em espanhol, *Impuesto sobre el Valor Añadido*].

ITV [...] *s.m.* IPO (Inspeção Periódica Obrigatória) [em espanhol, *Inspección Técnica de Vehículos*].

flaco, ca [...] *adj.* e *s.m.* **I. adj. 1.** Magro [...] • **El gordo y el f~:** O bucha e o estica (Oliver Hardy e Stan Laurel). [...].

enseñanza [...] *s.f.* e *s.f.pl.* **I. s.f. 1.** Ensino (*s.m.*) [...] • **E~ media:** Escola secundária [10º, 11º, 12º anos]; *vd. instituto.* **E~ primaria: 1.** Ensino básico; *vd. escuela.* **2.** Escola primária (estabelecimento onde se dá o primeiro ciclo do ensino básico) [do 1º ao 4º anos]. **3.** Ciclo [do 5º ao 9º anos], 2º ciclo [5º e 6º anos], 3º ciclo [7º, 8º e 9º anos]. **E~ secundaria:** Escola secundária [10º, 11º, 12º anos]; *vd. instituto.* **E~ superior:** Ensino superior; *vd. facultad, universidad.* • *Obs.:* No sistema de ensino espanhol, a *enseñanza primaria* vai do 1º ao 8º anos (*EGB, Enseñanza General Básica*) e a *enseñanza secundaria* ou *media*, do 9º ao 12º anos, em espanhol: 1º, 2º, 3º de BUP (*Bachillerato Unificado Polivalente*) e um ano de COU (*Curso de Orientación Universitaria*). Paralelamente ao BUP, ha também cursos de formação profissional (FP).³⁰²

³⁰² *Vd. supra* nota 279.

ANEXO 2

Recolhemos neste Anexo 2 alguns exemplos das funções lexicais apresentadas em forma de lista de descritores no capítulo 4º (vd. *supra* § 4.5.1). Repetimos algumas notas de rodapé para evitar a consulta dificultosa em § 4.5.1. #

bon ‘bom, bem’ (Bon):

^P*comida requintada*: ^E*comida exquisita*; ^P*ajuda valiosa*: ^E*ayuda valiosa*;
^P*escritor exímio*: ^E*escritor eximio*; ^P*crítica brilhante*: ^E*crítica brillante*; ^P*virtudes excelsas*: ^E*virtudes excelsas*; ^P*alimentação salutar*: ^E*alimentación sana*;
^P*bordado primoroso*: ^E*bordado primoroso*; ^P*assentar como um brinco/uma luva*:
^E*sentar como un guante*; ^P*conhecer como a palma da mão*: ^E*conocer como la palma de la mano*; etc.

‘chefe, responsável, dirigente’ (Cap):

^P*Primeiro ministro do governo*: ^E*presidente del gobierno*; ^P*reitor da universidade*: ^E*rector de la universidad*; ^P*presidente da câmara*: ^E*alcalde del ayuntamiento*; ^P*líder do partido*: ^E*líder del partido*; ^P*almirante da marinha*: ^E*almirante de marina*; ^P*bispo da diocese*: ^E*obispo de la diócesis*; ^P*xeque árabe*: ^E*jeque árabe*; etc.

‘causar, dar lugar a’ (Caus):

^P*Acarretar consequências*: ^E*acarrear consecuencias*; ^P*aplacar a dor*: ^E*aplacar el dolor*; ^P*encher de alegria*: ^E*llenar de alegría*; ^P*semear descontentamento*: ^E*sembrar descontento*; ^P*criar confusão*: ^E*levantar alboroto*; ^P*suscitar inveja*: ^E*suscitar envidia*; ^P*criar dificuldades*: ^E*crear dificultades*; etc.

‘centro, meio’ (Centr):

^P*caroço da azeitona*: ^E*hueso de la aceituna*; ^P*fulcro/âmago/cerne da questão*: ^E*meollo/quid de la cuestión*; ^P*olho da couve*: ^E*cogollo de la col*; ^P*coração da cidade*: ^E*corazón de la ciudad*; etc.

‘continuar’ (Cont):

^PConservar uma amizade: ^Econservar una amistad; ^Pconservar boas recordações: ^Econservar buenos recuerdos; ^Pguardar silêncio: ^Eguardar silencio; ^Pproseguir a leitura: ^Eproseguir la lectura; ^Pmanter a oferta: ^Emantener la oferta; etc.

‘culminação, apogeu, auge’ (Culm):

^PApogeu da beleza: ^Eapogeo de la belleza; ^Pcúmulo das desgraças: ^Ecolmo de las desgracias; ^Ptopo da carreira: ^Etope de la carrera; ^Pno pico do êxito: ^Een la cumbre del éxito; ^Pfuror da paixão: ^Efuria de la pasión; ^Pfuror da tempestade: ^Efuria de la tempestad; ^Pculminância do poder: ^Eauge del poder; ^Pclímax da acção: ^Eclimax de la acción; ^Prigor do inverno: ^Erigor del invierno; etc.

‘<palavra chave>³⁰³ degradar-se, estragar-se, piorar’ (Degrad):

^Ptalhar-se o leite: ^Ecortarse la leche; ^Pestragar-se uma máquina: ^Eestropearse una máquina; ^Pavinagrar-se vinho: ^Eavinagrarse el vino; ^Pdestemperar-se o aço: ^Edestemplarse el acero; ^Pmurchar uma flor: ^Emarchitarse una flor; etc.,

‘epíteto semanticamente vazio’ (Epit):

^Pimensa maioria: ^Einmensa mayoría; ^Popinião pessoal: ^Eopinión personal; ^Pfeliz contemplado: ^Eafortunado ganador; ^Pcéu azul: ^Ecielo azul; ^Pmel doce: ^Emiel dulce; ^Pneve branca: ^Enieve blanca; ^Pnoite escura: ^Enoche oscura; ^Pmar salgado: ^Emar salado; ^Pprotagonista principal: ^Eprotagonista principal; ^Psair para fora: ^Esalir para fuera; ^Pentrar para dentro: ^Eentrar para dentro; ^Evoltar para trás; ^Evolver para atrás;³⁰⁴ etc.

‘equipo, conjunto de participantes’ (Equip):

^PCompanhia de teatro: ^Ecompañía de teatro; ^Pquadro de uma empresa: ^Eplantilla de una empresa; ^Ppeçoal de uma empresa: ^Epersonal de una empresa; ^Ptripulação de um avião: ^Etripulación de un avión; ^Pequipa de investigação: ^Eequipo de investigación; ^Pmilitantes de um partido: ^Emilitantes de un partido; etc.

‘<palavra chave> funcionar em excesso’ (Excess):

³⁰³ Palavra ou sintagma em função de sujeito do verbo (vd. *supra* § 1.5).

³⁰⁴ Os quatro últimos exemplos foram tomados de Cunha & Cintra (1986: 618-619).

^PPalpitar o coração: ^Epalpitar el corazón; ^Pacelerar-se o um motor: ^Eacelerarse/embalarse un motor; ^Pdesunhar-se o cavalo: ^Efatigarse el caballo; ^Pressequir-se/estorricar-se o bacalhau: ?; ^Pcafé esturrado: ?; ^Pencharcar-se o estomago: ^Eencharcarse el estómago; ^Pofuscar/encandear a luz; ^Edeslumbrar una luz; etc.

‘<palavra chave> realizar-se, cumprir-se, ser levado a cabo’ (Fact):

^Pbater o coração: ^Elatir el corazón; ^Ptrabalhar um motor: ^Efuncionar un motor; ^Pconfirmar-se uma previsão: ^Econfirmarse una previsión; ^Pcortar <a faca>: ^Ecortar el cuchillo; ^Pandar o relógio: ^Eandar el reloj; ^Pfechar [algo] a tampa: ^Ecerrar [algo] el tapón³⁰⁵; etc.

‘cessar’ (Fin):

^PPerder a vontade: ^Eperder las ganas; ^Pseparar uma briga: ^Eapartar/desenzarzar una riña; ^Pescampar a chuva: ^Eescampar la lluvia; ^Pabafar as chamas: ^Esofocar las llamas; ^Pabafar os protestos: ^Eahogar las protestas; ^Pdissipar as suspeitas: ^Edisipar las sospechas; ^Pempacar um negócio: ^Eestancar un negocio; ^Psair do emprego: ^Edejar el empleo; ^Pdirimir uma sentença: ^Ecasar una sentencia; ^Pabafar uma discussão: ^Ezanjar una discusión; etc.

‘<palavra chave> haver, existir, fazer, manifestar-se’ (Func):

^PReinar a discórdia: ^Ereinar la discordia; ^Pcair a neve: ^Ecaer la nieve; ^Psoprar o vento: ^Esoplar el viento; ^Psair um cheiro: ^Esalir un olor; ^Pmanifestar-se as intenções: ^Emanifestarse las intenciones; ^Psair uma borbulha: ^Esalir un grano; ^Pretratar [algo] uma expressão: ^Eretratar [algo] una expresión; ^Prevelar [algo] um traço: ^Erevelar [algo] un rasgo; etc.

‘gérmen, origem, causa’ (Germ):

^PSemente da discórdia: ^Esemilla de la discordia; ^Pberço da civilização: ^Ecuna de la civilización; ^Praiz do mal: ^Eraíz del mal; ^Porigem/gérmen da epidemia: ^Ebrote de la epidemia; ^Pfonte de inspiração: ^Efuentes de inspiración; ^Pgérmen de uma doença: ^Egermen de una enfermedad; ^Pgérmen da Inquisição: ^Egermen de la Inquisición; ^Pmanancial de vícios: ^Emanantial de vicios; etc.

³⁰⁵ Cf. ^Pa tampa fecha...: ^Eel tapón cierra... (Fact) e *infra* ^Pfecha a tampa: ^Ecierra el tapón (Real).

‘começar, principiar’ (Incep):

^PEntabular negociações: ^Eentablar negociaciones; ^Pdesatar a chorar: ^Eecharse a llorar; ^Pdesabrochar a primavera: ^Eanunciarse/apuntar la primavera; ^Pdeclarar-se uma doença: ^Edeclararse una enfermedad; ^Pficar doente: ^Eponerse enfermo; ^Pdespontar o dia: ^Eapuntar el día; ^Pcrecer o descontentamento: ^Ecrecer el descontento; ^Pestalar risadas: ^Eestallar carcajadas; ^Patacar as dúvidas: ^Easaltar las dudas; ^Prebentar a guerra: ^Eestallar la guerra; etc.

prep.: ‘a causa de’ + palavra chave (Instr):

^Ppor medo: ^Epor miedo; ^Pperante as circunstâncias: ^Eante las circunstancias; ^Ppela sua condição de sócio: ^Epor su condición de socio; ^Ppor obra (e graça) da perseverança: ^Epor obra (y gracia) de la perseverancia; ^Ppor respeito a: ^Epor respeto a; etc.

prep.: ‘por meio de’ + palavra chave (Instr):

^Pàs costas: ^Ea la espalda; ^Ppelo telefone: ^Epor teléfono; ^Pde carro: ^Een coche; ^Pde comboio: ^Een tren; ^Pde avião: ^Een avión; ^Pa cavalo: ^Ea caballo; ^Pa carvão: ^Eal carboncillo; ^Pa pillas: ^Ea pilas; etc.

‘fazer que, Ø + [CD] + [palavra chave] => verbo’ (Labor):

^Psubmeter [algo] a aprovação: ^Esometer [algo] a aprobación; ^Psubmeter [algo] a consideração: ^Esometer [algo] a consideración; ^Psubmeter [algo] a tortura: ^Esometer [algo] a tortura; ^Pcair [algo] no esquecimento: ^Ecaer [algo] en el olvido; ^Ppôr [algo] em dúvida: ^Eponer [algo] en duda; ^Ptomar/ter [algo] em consideração: ^Etener/tomar [algo] en consideración; ^Pter [algo] em conta: ^Etener [algo] en cuenta; ^Pter [algo] sob controlo; ^Etener [algo] sobre control; etc.

‘levar a cabo, cumprir algum requisito [palavra chave]’ (Labreal):

^PReter [algo] na memória: ^Eretener [algo] en la memoria; ^Pter [algo] na cabeça: ^Etener [algo] en la cabeza; ^Panalisar [algo] de um ponto de vista: ^Eanalizar [algo] desde un punto de vista; ^Pcortar [algo] com uma faca: ^Ecortar [algo] con un cuchillo; etc.

‘impedir, causar que algo não tenha lugar’ (Liqu):

^PAbafar um grito: ^Ereprimir um grito; ^Pconter/deter o riso: ^Econtener la risa; ^Pcoibir as liberdades: ^Ecohibir las libertades; ^Pcoibir-se de beber; ^Ecohibirse de beber; ^Pdominar os instintos: ^Edominar los instintos; ^Pimpedir os movimentos:

^E*impedir los movimientos*; ^P*afogar/estrangular os soluços*: ^E*ahogar los sollozos*;
^P*agrilhoar o pensamento*: ^E*oprimir el pensamiento*; ^P*frear/conter/calcar*
(BRASIL) *os impulsos*: ^E*frenar/refrenar/contener los impulsos*; ^P*reter as*
lágrimas: ^E*retener las lágrimas*; ^P*negar a passagem*: ^E*negar el paso*;
^P*proibir/vedar a entrada*: ^E*prohibir/vedar la entrada*; ^P*recusar a ajuda*:
^E*rechazar la ayuda*; etc.

**prep.: ‘deslocamento espacial, temporal ou abstracto (a, para, até)’ +
palavra chave (Loc_{ad}):**

^P*em direcção ao norte*: ^E*cara al norte*; ^P*contra a parede*: ^E*contra la pared*; ^P*em*
direcção a Lisboa: ^E*hacia Lisboa*; ^P*rumo ao Norte*: ^E*rumbo al norte*; ^P*até ao*
pescoço: ^E*al cuello*; etc.

**prep.: ‘deslocamento espacial, temporal ou abstracto (a partir de)’ +
palavra chave (Loc_{ab}):**

^P*da manhã*: ^E*desde la mañana*; ^P*de Lisboa*: ^E*desde Lisboa*; ^P*do mais profundo*
do coração; ^E*de lo más profundo del corazón*; ^P*daí para a frente*: ^E*desde ese*
momento; ^P*de lá*: ^E*desde el otro lado*; ^P*de la*: ^E*desde lejos*; ^P*de fora*: ^E*desde*
fuera; etc.

**prep.: ‘localização espacial, temporal ou abstracta’ + palavra chave
(Loc_{in}):**

^P*no seio do catolicismo*: ^E*en el seno del catolicismo*; ^P*sob a ditadura*: ^E*bajo la*
dictadura; ^P*de manhã*: ^E*por la mañana*; ^P*à noite*: ^E*por la noche*; ^P*à tarde*: ^E*por*
la tarde; ^P*na cara*: ^E*en la cara*; etc.

‘muito, grande, intenso’ (Magn):

^P*ódio fígadal*: ^E*odio mortal*; ^P*memória de elefante*: ^E*memoria de elefante*;
^P*confesar abertamente*: ^E*confesar abiertamente*; ^P*proibir terminantemente*:
^E*prohibir terminantemente*; ^P*surdo como uma porta*: ^E*sordo como una tapia*;
etc.

‘<palavra chave> manifestar-se em, revelar-se em’ (Manif):

^P*Acusar-se o cansaço [no rosto]*: ^E*acusarse el cansancio [en el rostro]*;
^P*assomar a mágoa [à face]*: ^E*dibujarse la pena [en la cara]*; ^P*brilhar a alegria*
[nos olhos]: ^E*brillar la alegría [en los ojos]*; ^P*formar-se/nascer um sorriso [nos*

lábios]: ^E*formarse una sonrisa [en los labios]*; ^P*estampar-se/pintar-se/retratar-se a dor [no rosto]*: ^E*dibujarse el dolor [en el rostro]*; ^P*transluzir a preocupação [no modo de falar]*: ^E*transparentarse la preocupación [en el modo de hablar]*; ^P*transudar a mágoa nos olhos*: ^E*traslucirse la pena en sus ojos*; ^P*atacar a doença [o pulmão]*: ^E*atacar la enfermedad [el pulmón]*; ^P*aflorar o melanoma [na face]*: ^E*aflorar el melanoma [en la cara]*; ^P*aflorar o génio [nas páginas de um livro]*: ^E*aflorar el genio [en las páginas de un libro]*; etc.

‘conjunto, grupo, coleção’ (Mult):

^P*matilha de cães*: ^E*jauría de perros*; ^P*cardume de peixes*: ^E*banco de peces*; ^P*cacho de uvas*: ^E*racimo de uvas*; ^P*manada de elefantes*: ^E*manada de elefantes*; etc.

‘<palavra chave> prejudicar, fazer mal’ (Nocer):

^P*paralisar o medo*: ^E*paralizar el miedo*; ^P*atropelar um carro*: ^E*atropellar un coche*; ^P*consumir a preocupação*: ^E*consumir la preocupación*; ^P*picar uma vespa*: ^E*picar una avispa*; ^P*corromper o poder*: ^E*corromper el poder*; ^P*infestar um fedor*: ^E*infestar un mal olor*; etc.

‘funcionar com dificuldade’ (Obstr):

^P*encravar uma fechadura*: ^E*agarrotarse una cerradura*; ^P*esmechar-se uma pistola*: ^E*encasquillarse una pistola*; ^P*entupir-se uma canalização*: ^E*atascarse un tubo*; ^P*eventanar-se a bola de bilhar*: ^E*atascarse en la tronera la bola de billar (?)*; etc.

‘realizar, fazer, Ø + [palavra chave] => verbo’ (Oper):

^P*dar ajuda*: ^E*prestar ayuda*; ^P*tirar uma conclusão*: ^E*sacar una conclusión*; ^P*dar um passeio*: ^E*dar un paseo*; ^P*dar um conselho*: ^E*dar un consejo*; ^P*deitar un cheiro*: ^E*echar un olor*; ^P*dar uma queda*: ^E*caerse*³⁰⁶; ^P*dar erros de ortografia*: ^E*tener faltas de ortografía*; ^P*dar um nó*: ^E*hacer un nudo*; ^P*dar um som*: ^E*hacer un sonido*; ^P*colocar uma questão*: ^E*plantear una cuestión*; ^P*albergar esperanças*: ^E*albergar esperanzas*; etc.

‘permitir, não procurar que algo não tenha lugar’ (Perm):

³⁰⁶ Evidentemente, como já indicávamos em § 2.1.2, os equivalentes num dicionário bilingue não têm por que coincidir quanto à categoria gramatical.

^Passegurar uma boa formação: ^Egarantizar una buena formación; ^Pfacultar a entrada: ^Efacultar la entrada; ^Pdeixar-se levar pelos instintos/impulsos: ^Edejarse llevar por los instintos/impulsos; ^Ptolerar o escândalo: ^Etolerar el escándalo; ^Pdar rédea solta à imaginação: ^Edar rienda suelta a la imaginación; ^Plibertar as lágrimas: ^Elibertar las lágrimas; ^Padmitir dilação: ^Eadmitir dilación; ^Paguentar uma humilhação: ^Eaguantar una humillación; ^Paturar o barulho: ^Esoportar un ruido; ^Pconsentir um insulto: ^Econsentir un insulto; etc.

‘o primeiro actante da palavra chave exprime apreço pelo segundo actante da palavra chave’ (Pos₂):

^Pdiagnóstico positivo: ^Ediagnóstico positivo; ^Plembrança grata: ^Erecuerdo grato; ^Pcrítica favorável: ^Ecrítica favorable; ^Palto conceito: ^Ealto concepto; ^Pnotícias favoráveis: ^Enoticia favorables; etc.

‘ser /estar a -palavra chave-’ (Pred)³⁰⁷:

^Pestar mal disposto: ^Eencontrarse mal; ^Pser proibido: ^Eestar prohibido; ^Pestar cansado: ^Eestar cansado; ^Pser cansativo: ^Eser cansado; ^Pestar pronto: ^Eestar listo; ^Pser listo: ^Eser esperto; ^Pser vivo: ^Eser vivo (‘ser inteligente’); ^Pestar vivo: ^Eestar vivo (‘gostar de viver’ ou ‘viver’); ^Pser infiel: ^Eser infiel (valor permanente e temporário, cf. *estar infiel); ^Pser louco: ^Eestar loco; ^Pser segunda-feira: ^Eser lunes; ^Pconcordar: ^Eestar de acuerdo; ^Pestar/andar apaixonado: ^Eestar/andar enamorado; etc.

‘preparar para o uso ou funcionamento’ (Prepar):

³⁰⁷ Esta função não será utilizada nos casos em que se possa predizer o valor do verbo copulativo mediante uma regra geral da gramática, do tipo:

ser + atributo (propriedade permanente): ^P*ser salgado*;
estar + atributo (propriedade temporária): ^P*estar salgado*;
ficar + atributo (atenção ao processo ou mudança): ^P*ficar salgado*;
andar + atributo (propriedade percebida na sua duração): ^P*andar contente*.

Será utilizada só para os usos em que o valor do atributo não possa ser deduzido mediante as regras da gramática (vd. Alonso Ramos, 1993: 537-541). cf.:

^{E/P}*estar cansado* vs. ^E*ser cansado*... (^P*ser cansativo*...);
^E*estar listo* (^P*estar pronto*) vs. ^E*ser listo* (^P*ser esperto*);
^{E/P}*ser vivo* (‘nteligente’); ^{E/P}*estar vivo* (‘gostar de viver’);
^{E/P}*ser infiel* (valor permanente e temporário) vs. **estar infiel*).

^P*pôr a mesa*: ^E*poner la mesa*; ^P*temperar a salada*: ^E*aliñar/aderezar la ensalada*;
^P*afinar um carro*: ^E*poner a punto un coche*; ^P*aparelhar um navio*: ^E*aparejar un barco*;
^P*selar um cavalo*: ^E*ensillar un caballo*; ^P*carregar uma espingarda*:
^P*cargar una escopeta*; ^P*amolar uma faca*: ^E*afilarse un cuchillo*; ^P*dar corda ao relógio*: *dar cuerda al reloj*; etc.

‘estar à beira de, estar prestes a’ (Prox):

^P*Estar à beira de un ataque de nervos*: ^E*estar al borde de un ataque de nervios*;
^P*fazer beicinhos*: ^E*estar como un botijo*; ^P*raiar o dia*: ^E*rayar el día*; ^P*despontar o sol*: ^E*nacer el sol*; ^P*às portas da morte*: ^E*al borde de la muerte*; ^P*estar com os pés para a cova/ter um pé na cova*: ^E*estar con un pie en la sepultura*; ^P*ameaçar chuva*: ^E*amenazar lluvia*; ^P*estar [algo] mesmo debaixo da língua/ter [algo] na ponta da língua*: ^E*tener [algo] en la punta de la lengua*; etc.

‘levar a cabo, cumprir algum requisito [palavra chave]’ (Real):

^P*Pagar uma dívida*: ^E*pagar una deuda*; ^P*matar a sede*: ^E*matar la sed*; ^P*saciar a fome*: ^E*saciar el hambre*; ^P*satisfazer um desejo*: ^E*satisfacer un deseo*; ^P*cevar uma armadilha*: ^P*cebar una trampa*; ^P*cumprir uma promessa*: ^E*cumplir una promesa*; ^P*tratar um assunto*: ^E*tratar un asunto*; ^P*resolver uma questão*: ^E*resolver un asunto*; ^P*pregar um prego*: ^E*clavar un clavo* ^P*fechar a tampa*: ^E*cerrar el tapón*³⁰⁸; ^P*cumprir o regulamento*: ^E*cumplir el reglamento*; ^P*passar um teste*: ^E*aprovar un examen*; etc.

‘pedaço, unidade, componente, um pouco de’ (Sing):

^P*floco de neve*: ^E*copo de nieve*; ^P*maçaroca de milho*: ^E*mazorca de maíz*; ^P*dente de alho*: ^E*diente de ajo*; ^P*lufada de ar*: ^E*ráfaga de aire*; ^P*folha de papel*: ^E*hoja de papel*; ^P*peça de roupa*: ^E*prenda de ropa*; etc.

‘<palavra chave> emitir som típico’ (Son):

^P*latir o cão*: ^E*ladrar el perro*; ^P*cacarejar a galinha*: ^E*cacarear la gallina*;
^P*papujar as papas*: ^E*borbollar las papas*; ^P*ranger a madeira*: ^E*chasquear la madera*;
^P*chiar as rodas*: ^E*chirriar las ruedas*; ^P*ranger uma porta*: ^E*chirriar una puerta*; etc.

‘certo, justo’ (Ver):

³⁰⁸ Cf. ^P*fecha a tampa*: ^E*cierra el tapón (Real)* e *supra* ^P*a tampa fecha...*: ^E*el tapón cierra...* (**Fact**).

A Unidade Lexicográfica

^P*comida requintada*: ^E*comida exquisita*; ^P*preço justo*: ^E*precio justo*; ^P*juízo imparcial*: ^E*juicio imparcial*; ^P*reivindicação lícita*: ^E*reivindicación lícita*; ^P*homem probo*: ^E*hombre probo*; ^P*funcionário recto*: ^E*funcionario recto*; ^P*legítima defesa*: ^E*legítima defensa*; ^P*cópia certa*: ^E*copia exacta*; ^P*depoimento/testemunho fidedigno*: ^E*testimonio fidedigno*; ^P*temor fundado*: ^E*temor fundado*; ^P*copiar fielmente*: ^E*copiar fielmente*, etc.

ANEXO 3

Apresentamos neste Anexo 3 uma lista exemplificada do tipo de material lexicográfico (*vd. supra* nota 268) que deve ser registado num dicionário codificador³⁰⁹:

1. Palavras: ^Pleite, ^Pandar, ^Pforte, ^Ponde, ^Puma, ^Pó.
 - 1.1. Palavras simples: ^Pluz, ^Pfoda-se!, ^Pfogo! (eufemismo).
 - 1.2. Palavras derivadas:
 - 1.2.1. Derivadas por prefixação: ^Pdesfazer, ^Psubcapítulo.
 - 1.2.2. Derivadas por sufixação: ^Pinformação, ^Pabertamente, ^Pamável.
 - 1.2.3. Derivação mista: ^Preestruturação.
 - 1.3. Palavras compostas:
 - 1.3.1. Composição actual: ^Epára-choques³¹⁰, ^Pguarda-chuva, ^Paguardente, ^Pfloricultura.
 - 1.3.2. Composição culta: ^Pdemocracia.
 - 1.3.3. Composição híbrida: ^Pcinéfilo.
2. Unidades lexicais pluriverbais:
 - 2.1. Palavras compostas (*vd. supra* 1.3.1).
 - 2.2. Sintagmas lexicalizados, que, por sua vez, poderão ser:
 - 2.2.1. Combinações por justaposição: ^Pcolete anti-balas, ^Pfato-macaco, ^Pandar modelo, ^Pprimeiro ministro (ou ^Pprimeiro-ministro)
 - 2.2.2. Combinações mediante preposição: ^Pcaminho-de-ferro (ou ^Pcaminho de ferro) ^Pavião a jacto, ^Pfora de série, ^Pfora-de-jogo,

³⁰⁹ Para a elaboração da lista que se apresenta a seguir, seguimos principalmente: Haensch (1982: 415-422 e 1985: 237-253), Cabré (1993: 188-191) e Martínez de Sousa (1995: 264-266, *s.v.* **material lexicográfico**).

³¹⁰ Não teremos em conta aqui a tradição ortográfica (*vd. infra* nota 124).

^P*colete-de-forças*, ^P*chapéu-de-chuva*, ^P*máquina de lavar roupa*,
^P*gramática de estados finitos*.

2.3. Combinações lexicais restringidas:

2.3.1. Frasesmas: ^P*ser o braço direito*, ^P*andar à nora*, ^P*ter muita lata*.

2.3.2. Semi-frasesmas (colocações): ^P*erro clamoroso*, ^P*obediência cega*,
^P*dar um passeio*, ^P*colocar uma questão*.

2.3.3. Quase-frasesmas: ^P*ovo estrelado*, ^P*cinturão negro*, ^P*centro comercial*.

3. Pragmatemas (fórmulas sociais, comerciais, etc.): ^P*Tudo bem?*, ^P*Estou!*, ^P*com os melhores cumprimentos*, ^P*acusamos a recepção de*, ^P*pede deferimento*, ^P*junto envio*, ^P*venho por este meio*.

4. Palavras e locuções estrangeiras: *ad hoc*, *numerus clausus*, *andante*, *o.k.*, *leader*, *Don Juan*.

5. Provérbios e citações célebres: ^P*Mais vale um pássaro na mão que dois a voar*,
^P*Afasta-te, Satanás!* (Bíblia), ^P*Penso, logo existo* (Descartes).

6. Denominações perifrásticas: ^P*a primeira dama*, ^P*o precioso líquido*.

7. Nomes próprios, nomeadamente:

7.1. Topónimos e antropónimos: ^P*Conceição* (cf. ^P*concepção* e ^E*Concepción*),
^P*Agostinho* (cf. ^E*Agustín*), ^P*Antuérpia* (cf. ^E*Amberes*).

7.2. Nomes próprios combinados com outras palavras: ^P*lei de Lynch*, ^P*teorema de Pitágoras*.

7.3. Hipocorísticos: ^P*Zé* (José), ^P*Chico* (Francisco).

7.4. Nomes perifrásticos: ^P*Cidade invicta*, ^P*a Cidade Luz*.

7.5. Nomes comuns usados como nomes próprios: ^P*a Casa Rosa*, ^P*o Pentágono*,
^P*um Carocha* (um Volkswagen), ^P*o Santo Padre*.

7.6. Datas significativas: ^P*25 de Abril*, ^P*31 de Janeiro*.

8. Gentílicos e epónimos: ^P*bracarense*, ^P*braguês*, ^P*alfacinha*, ^P*pombalino*, ^P*camiliano*

9. Palavras-marca (marcas lexicalizadas): ^P*fórmica*, ^P*aspirina*, ^P*black&decker*, ^P*jeep*

^P*gilette*, ^P*cimbalino*, ^P*kispo*.

10. Formas de flexão lexicalizadas: ^P*anda (daí)!*, ^P*não é?*, ^P*pudera!*, ^P*tomara!*, ^P*sei lá!*

11. Formas truncadas:

11.1. Palavras truncadas: ^P*foto*, ^P*mate*, ^P*metro*, ^P*mota* (de ^P*motocicleta*, ^P*motorizada*)

11.2. Formas elípticas: ^P*o editorial* (por ^P*artigo editorial*), ^P*automática* (por ^P*pistola automática*), ^P*atendedor* (de ^P*atendedor de chamadas*).

11.3. Abreviaturas, siglas, acrónimos, amálgamas: ^P*Dr.*, ^P*EDP*, ^P*IRS*, ^P*EUROTRA*, ^P*UNITA*, ^P*DIU*, ^P*telex*, ^P*FRELIMO*, ^P*portunhol*.

12. Símbolos, combinações alfanuméricas e numerais lexicalizados:

12.1. Símbolos: ^P*Pb* (chumbo), ^P*pH*. (de acidez ou alcalinidade), ^P*P* (toponímico), ^P*cm*. (do sistema internacional de unidades), ^P*E* (pontos cardeais), ^P*OP* (divisas religiosas).

12.2. Combinações alfanuméricas, etc.: ^P*vitamina A*, ^P*raios X*, ^P*M-19* (movimento guerrilheiro Colombiano).

12.3. Numerais lexicalizados: ^P*o 115*, ^P*o 112*.

13. Elementos de formação de palavras: ^P*osteo-*, ^P*-al*, ^P*-ito*, ^P*hiper-*, ^P*-logia*

14. Construção e regime: ^P*ocupar-se em*, ^P*ocupar-se de*; ^P*ocupar-se com*; ^P*falar de*, ^P*falar em*; ^P*de tarde*, ^P*à tarde* (cf. ^E*por la tarde*).